UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ FELIPE CAREGNATO

O ATLETISMO BRASILEIRO A PARTIR DO ENTENDIMENTO DE AGENTES: GESTORES, TREINADORES, ATLETAS E EX-ATLETAS

CURITIBA

2018

ANDRÉ FELIPE CAREGNATO

O ATLETISMO BRASILEIRO A PARTIR DO ENTENDIMENTO DE AGENTES: GESTORES, TREINADORES, ATLETAS E EX-ATLETAS

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO FÍSICA, no Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichiolli
Coorientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Gonçalves

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Giana Mara Seniski Silva – CRB/9 1406)

Caregnato, André Felipe
O atletismo brasileiro a partir do entendimento de agentes : gestores, treinadores, atletas e ex-atletas. / André Felipe Caregnato . – Curitiba, 2018.
410 p.: il. ; 30cm.

Orientador: Fernando Renato Cavichiolli
Co-orientador: Carlos Eduardo de Barros Gonçalves

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Atletismo 2. Atletas 3. Esportes - Administração 4. Esportes – Financiamento I. Título II. Cavichiolli, Fernando Renato III. Gonçalves, Carlos Eduardo de Barros IV. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.42

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIENCIAS BIOLOGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ANDRE FELIPE CAREGNATO** intitulada: **O atletismo brasileiro a partir do entendimento de agentes: gestores, treinadores, atletas e ex-atletas**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 21 de Fevereiro de 2018.

FERNANDO RENATO CAVICHIOLLI
Presidente da Banca Examinadora

PABLO JUAN GRECO
Avaliador Externo

SARA QUENZER MATTHIESEN
Avaliador Externo

MARCELO MORAES E SILVA
Avaliador Interno

FERNANDO MARINHO MEZZADRI
Avaliador Interno

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Fernando Renato Cavichiolli, meu orientador, por sua exigente e valorosa orientação e que muito contribuiu neste estudo, pois hoje entendo o que é pesquisar, construir, escrever, reescrever um trabalho. Meu sincero e eterno agradecimento pela confiança depositada em mim, pelo investimento acadêmico, pela disposição e atenção nos momentos que precisei, ao colocar, acima de tudo, a ética e o profissionalismo como condutor desta relação.

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Gonçalves, meu coorientador, pela disponibilidade em auxiliar na organização inicial deste estudo, por receber-me em Portugal e oportunizar-me assim, experiência acadêmica enriquecedora. Levo para frente as lições e aprendizados.

Aos professores: Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen, Prof. Dr. Pablo Juan Greco, Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri e Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva, membros da Banca Examinadora, pelo pronto atendimento ao convite, pela forma entusiasmada com que avaliaram este estudo e pelo incentivo em continuar investigando. Meu obrigado pela atenção ao trabalho e contribuições. Ao Prof. Dr. Sergio Gregorio da Silva por auxiliar nos contatos com alguns dos entrevistados desta tese.

Aos atletas, treinadores e dirigintes que, gentilmente, aceitaram contribuir com a pesquisa, pessoas que foram fundamentais para o desenvolvimento desse estudo.

À família, em especial a mãe – Dulce – pelo amor e companheirismo neste momento tão especial de nossas vidas.

Aos colegas de estudo: Camile, Isa, Emilia, Tais, Thais, Mayara, Carol, Ester, Matheus, Sentone e Cristiano que de uma forma muito valiosa me auxiliaram e participaram desta caminhada. Obrigado pela revisão dos textos, pelas sugestões de referências e pelas contribuições nos assuntos desta tese que precisavam melhorar.

Aos colegas de trabalho, aos meus alunos, que me acompanharam nesta jornada, me incentivaram e ajudaram a conciliar as tarefas diárias do trabalho e do doutorado. Por momentos de aprendizado, dentro e fora da sala de aula.

Ao Programa de Pós Graduação, ao secretário Rodrigo Waki, fundamentais na orientação correta quanto aos assuntos acadêmicos e administrativos.

RESUMO

O esporte de alto rendimento é definido como aquele, no qual o atleta busca alcançar os melhores níveis de desempenho na modalidade que pratica. O processo em busca do alto rendimento esportivo pode ser composto por diversos fatores de desenvolvimento: a estrutura física, o incentivo financeiro, a formação dos atletas, dos treinadores e os processos de gestão. Este estudo tem como objetivo geral investigar como ocorre o desenvolvimento do esporte competitivo organizado da modalidade de atletismo no Brasil, a partir da visão de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas desta modalidade. Para isso, a tese foi desenvolvida sobretudo em torno de cinco estudos, sendo entrevistados, no total, 29 agentes que fazem parte do atletismo nacional de alto rendimento. No primeiro estudo, foi realizada uma análise documental em sites esportivos e governamentais com relação à estrutura física, equipamentos esportivos e objetivos para o esporte pesquisado. O segundo, apresenta a perspectiva de cinco gestores esportivos de diferentes entidades do atletismo nacional. O terceiro, revela as opiniões de seis treinadores de atletismo com participações nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O quarto e quinto estudos oferecem, respectivamente, o entendimento de dez atletas brasileiros inseridos no alto rendimento do atletismo e oito ex-atletas olímpicos brasileiros desta modalidade. Para fazer análise dos dados obtidos das entrevistas, foram utilizados os preceitos da técnica Análise do Conteúdo. Os resultados apontaram que há uma concentração maior das estruturas físicas esportivas destinadas tanto à iniciação esportiva, quanto ao alto rendimento, nas regiões de maior desenvolvimento econômico do país (Sul e Sudeste). Inúmeras pistas de atletismo foram construídas e reformadas no Brasil, porém, poucas delas oferecem objetivos claros para com o atletismo brasileiro. Os gestores reconhecem que o Brasil precisa possibilitar condições adequadas em todas as etapas da carreira esportiva do atleta, e o incentivo financeiro ao esportista é um fator que precisa de cautela – para que não desoriente o treinamento de alguns competidores. Os técnicos destacaram o incentivo financeiro como fundamental para o desenvolvimento dos atletas, sobretudo no caso dos jovens, além disso, eles têm recebido jovens atletas com um trabalho de base deficitário, o que atrasa a transição do atleta para o alto rendimento. Na opinião dos atletas, os resultados indicaram elementos relevantes para uma maior inserção e continuidade no atletismo, por exemplo: a importância da figura do treinador, do apoio familiar e do apoio profissional. Destaca-se que todos os atletas investigados receberam incentivos financeiros por meio de bolsas de programas de incentivo ao esporte municipal, estadual e/ou federal. Foi possível identificar que os ex-atletas, mesmo estando entre os melhores do mundo, não contaram com uma estrutura avançada – no Brasil – que os preparasse na transição para o pós-carreira. Sugere-se algumas medidas para contribuir com o desenvolvimento do atletismo nacional: 1) melhorar os critérios de distribuição do investimento financeiro; 2) investir em apoio e suporte para atletas e técnicos; 3) dar atenção especial aos treinadores que estão no meio do caminho, entre a iniciação e o alto rendimento; 4) necessidade de existir um esforço nacional, de diversas entidades, em elaborar um programa nacional que, vise definir o caminho do atleta de atletismo, da iniciação ao alto rendimento; e 5) criar um sistema nacional organizado para seleção e detecção de atletas.

Palavras-chave: Atletismo. Treinadores. Atletas. Gestores. Alto rendimento.

ABSTRACT

High-performance sport is defined as the one in which the athlete seeks to achieve the best levels of performance in a certain modality in which he participates. The elements involved in the development of high-performance sports may include several key factors, such as: physical structure, financial incentives, management processes and also the training of athletes and coaches alike. This study has the general objective of investigating the conditions of development of organized competitive Athletics in Brazil, considering the point of view of managers, coaches, athletes and retired athletes of this modality. Therefore, this thesis was mainly developed around five studies and featuring interviews with a total of 29 agents that are part of the body of Brazilian high-level Athletics. In the first study, a document analysis was carried out at several sports and governmental facilities taking under consideration physical structure, sports equipment and objectives for the researched modalities. The second study presents the perspectives of five athletic managers from different national athletics entities. The third one presents the viewpoints of six athletic coaches that participated in the Olympic Games of Rio de Janeiro. And finally, the fourth and fifth studies offer, respectively, the accounts of ten of the top high-performance Brazilian athletes of the sport of athletics and eight retired Brazilian Olympic athletes of the same modality. The precepts of the Content Analysis were used in order to analyze the data obtained from these interviews. The results indicated that there is a greater concentration of physical structures destined for both sports initiation and high-performance in the most economically developed regions of the country: the South and Southeast regions. Numerous athletics tracks have been built and reformed in Brazil, but few of them offer clear development goals for Brazilian athletics. Managers recognize that Brazil needs to provide adequate training conditions during all stages of the sports career of the athlete, but also that financial incentives that need to be carefully considered so as to not disorient the training of some of the competitors. The coaches emphasize that financial incentives are fundamental for the development of the athletes, especially in the case of young athletes. In addition, they point out that young athletes received with deficient base work usually have a delayed transition to high-income levels in their careers. Regarding the athletes, the results revealed a few relevant elements for their greater insertion and subsequent continuity in the area of athletics, such as: the importance of the figure of the coach, as well as of family and professional support. It should be noted that all investigated athletes received financial incentives from government programs for supporting municipal, state and/or federal sports. It was possible to identify that retired athletes, even when ranking among the best in the world, could not rely on an advanced structure in Brazil to properly prepare them to their transition into the post-career. It is then suggested: 1) the improvement of the criteria for allocating financial investments; 2) better investment in the support of athletes, former athletes and coaches; 3) to give special attention to coaches that are midway

between initiation and high performance; 4) it is suggested a national effort by several entities with a view to elaborate a national program to define guidelines to the athletics athlete, from initiation to high-performance; and finally, 5) to create an organized national system for the selection and detection of such athletes, contributing ultimately with the development of athletics in Brazil.

Key-words: Athletics. Coaches. Managers. Athletes. High-performance.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CIDADE DE DEODORO E BAIRROS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: JACAREPAGUÁ E BARRA DA TIJUCA. 67
FIGURA 2 – DECLARAÇÃO DE CAPACIDADE TÉCNICA DA CBAt PARA REALIZAR TAREFAS DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO. 78
FIGURA 3 – ESTRUTURAS ESPORTIVAS PARA DIFERENTES NÍVEIS DO ESPORTE. 79
FIGURA 4 – MAPA BRASIL. (2013 – 2016): DISTRIBUIÇÃO DE TODAS INSTITUIÇÕES POR ESTADO.....100
FIGURA 5 – MAPA BRASIL. ESQUERDA: DISTRIBUIÇÃO DAS 20 INSTITUIÇÕES DO ATLETISMO NACIONAL (2013 – 2016), COM MAIS RESULTADOS (SUB-16, SUB-18, SUB-20). DIREITA: DISTRIBUIÇÃO DAS 20 INSTITUIÇÕES DO ATLETISMO NACIONAL (2013 – 2016), COM MAIS RESULTADOS (SUB-23, ADULTO 101
FIGURA 6 – ASPECTOS PRINCIPAIS RELACIONADOS AO ORGANOGRAMA E ESTRUTURA DE GOVERNANÇA DA CBAT. 123
FIGURA 7 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS GESTORES 159
FIGURA 8 – PRIMEIRA TURMA DE ATLETISMO DA ABT.....184
FIGURA 9 – INDICADORES SOBRE UM MODELO DE TRABALHO PARA O TREINADOR DE ATLETISMO.....211
FIGURA 10 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS TREINADORES 226
FIGURA 11 – BALANÇA DE PODER SOBRE O PLANEJAMENTO DO TRABALHO DO ATLETA. 247
FIGURA 12 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS ATLETAS 283
FIGURA 13 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS EX-ATLETAS 328

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS SOBRE ATLETISMO PUBLICADOS ENTRE 1989-2016 29
GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE ATLETISMO PUBLICADAS ENTRE 1989-2016 NO BANCO DE DADOS DA CAPES 33
GRÁFICO 3 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-16). 80
GRÁFICO 4 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-18). 82
GRÁFICO 5 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-20). 83
GRÁFICO 6 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-23) 85
GRÁFICO 7 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA ADULTO). 86
GRÁFICO 8 – INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM TRÊS OU MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CORRIDAS DE RUA) 87
GRÁFICO 9 – ENTIDADES COM DOIS OU MAIS ATLETAS NO *RANKING* INTERNACIONAL DA IAAF (SETEMBRO DE 2017) 89
GRÁFICO 10 – TIPO E PERCENTUAL DAS ENTIDADES QUE REPRESENTAM O ATLETISMO COMPETITIVO: 2013-2016. 90
GRÁFICO 11 – CIDADES COM 60 OU MAIS ATLETAS (ENTRE TODAS AS CATEGORIAS): 2013-2016. 97
GRÁFICO 12 – DISTRIBUIÇÃO DOS ATLETAS POR ESTADO (ENTRE TODAS AS CATEGORIAS): 2013-2016. 97
GRÁFICO 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR REGIÃO DO PAÍS..... 99
GRÁFICO 14 – CIDADES COM 4 OU MAIS ENTIDADES: 2013-2016 (TODAS AS CATEGORIAS) 100
GRÁFICO 15 – RESULTADOS POR IDADE SEPARADOS POR QUARTIL DE NASCIMENTO. 193
GRÁFICO 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS POR CLASSIFICAÇÃO NO RANKING DA IAAF 240

GRÁFICO 17 – IDADE DE INÍCIO NO ATLETISMO E DO PRIMEIRO APOIO 262
GRÁFICO 18 – IDADE DE INÍCIO E DE ESPECIALIZAÇÃO EM UMA MODALIDADE DO ATLETISMO.....263
GRÁFICO 19 – AVALIAÇÃO DOS ATLETAS SOBRE O APOIO FINANCEIRO SER SUFICIENTE PARA O ALTO RENDIMENTO 267
GRÁFICO 20 – SERVIÇOS DE APOIO AO TREINAMENTO, ORIGINADOS A PARTIR DO SUBSÍDIO FINANCEIRO – OPINIÃO DOS ATLETAS. .272
GRÁFICO 21 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 275
GRÁFICO 22 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE MEDICINA DO ESPORTE 276
GRÁFICO 23 – IDADE DE INÍCIO NO ATLETISMO E DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA 305
GRÁFICO 24 – IDADE DE TÉRMINO DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA E IDADE ATUAL NO MOMENTO DA ENTREVISTA....306
GRÁFICO 25 – ANO DE INÍCIO NO ATLETISMO E DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA. 306
GRÁFICO 26 – AVALIAÇÃO DOS EX-ATLETAS SOBRE O APOIO FINANCEIRO SER SUFICIENTE PARA O ALTO RENDIMENTO.....309
GRÁFICO 27 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 313
GRÁFICO 28 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE MEDICINA DO ESPORTE 314

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PRINCIPAIS CATEGORIAS ABORDADAS.....31
QUADRO 2 – DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS 33
QUADRO 3 – TRABALHOS DE MESTRADO PROFISSIONAL 36
QUADRO 4 – TESES ENCONTRADAS 37
QUADRO 5 – PRINCIPAIS CATEGORIAS ABORDADAS.....37
QUADRO 6 – ALGUNS LOCAIS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO NO BRASIL, A PARTIR DE BUSCA DOCUMENTAL 66
QUADRO 7 – VALOR PAGO (R$) PELO MINISTÉRIO DO ESPORTE ÀS UNIVERSIDADES FEDERAIS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA PISTA DE ATLETISMO.....75
QUADRO 8 – DEMONSTRATIVO DO CONVÊNIO DE 2014 FIRMADO ENTRE ME E CBAT PARA AUXILIAR NA CRIAÇÃO DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO.....76
QUADRO 9 – CENTROS REGIONAIS E LOCAIS DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO.....77
QUADRO 10 – CIEs NO BRASIL, COM PISTAS DE ATLETISMO.....80
QUADRO 11 – ESTRUTURAS FÍSICAS DE ATLETISMO QUE RECEBERAM NOVOS EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2014.....110
QUADRO 12 – OBJETIVOS DAS ESTRUTURAS FÍSICAS ESPECÍFICAS PARA O ATLETISMO BRASILEIRO IDENTIFICADOS A PARTIR DA BUSCA DOCUMENTAL.....114
QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS GESTORES PARTICIPANTES DO ESTUDO 122
QUADRO 14 **–** CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS APRESENTADAS NOS RESULTADOS DESTE CAPÍTULO E ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS GESTORES.....127
QUADRO 15 – DISTRIBUIÇÃO DOS TREINADORES ENTREVISTADOS.....176
QUADRO 16 **–** CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS TREINADORES.....178

QUADRO 17 – ASPECTOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS.....197
QUADRO 18 – ORGANIZAÇÃO DAS ETAPAS E IDADES DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETA A PARTIR DO DISCURSO DOS SUJEITOS 199
QUADRO 19 – ASPECTOS POSITIVOS ACERCA DO INCENTIVO FINANCEIRO DO ATLETISMO BRASILEIRO 212
QUADRO 20 – ASPECTOS DISCUTIDOS NESSE TÓPICO ACERCA DA INFRAESTRUTURA FÍSICA E HUMANA DO ATLETISMO.....220
QUADRO 21 – COMPARATIVO ENTRE AS MARCAS DOS ATLETAS BRASILEIROS CLASSIFICADOS ENTRE OS 20 MELHORES DO *RANKING* DA IAAF, COM AS MARCAS DOS TERCEIROS COLOCADOS NESTE MESMO *RANKING* (SETEMBRO DE 2017)..241
QUADRO 22 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS ATLETAS 258
QUADRO 23 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS ATLETAS PARTICIPANTES DO ESTUDO 259
QUADRO 24 – ALGUNS MOTIVOS DE INÍCIO E MANUTENÇÃO NO ATLETISMO A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS ATLETAS.....261
QUADRO 25 – CIDADES DE INÍCIO E DESENVOLVIMENTO NO ATLETISMO E DO CLUBE ATUAL DOS PARTICIPANTES DESTE ESTUDO 266
QUADRO 26 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS EX-ATLETAS.....302
QUADRO 27 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS EX-ATLETAS ...303
QUADRO 28 – PRINCIPAIS MOTIVOS DE INÍCIO NO ATLETISMO A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS EX-ATLETAS PARTICIPANTES.....304
QUADRO 29 – CIDADES DE INÍCIO E TÉRMINO DE CARREIRA ESPORTIVA DOS PARTICIPANTES DESTE ESTUDO 308
QUADRO 30 – ALGUNS DOS ASSUNTOS CONSIDERADOS FUNDAMENTAIS PELOS PESQUISADORES PARA AUXILIAREM NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO BRASILEIRO, A PARTIR DOS DADOS LEVANTADOS 340
QUADRO 31 – ALGUMAS MEDIDAS PARA AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO NACIONAL, COM BASE NOS DADOS LEVANTADOS 351

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – REVISTAS QUE POSSUEM ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE ATLETISMO 29
TABELA 2 – CENTROS DE TREINAMENTO DE ATLETISMO NO BRASIL, POR NÍVEL E REGIÃO 65
TABELA 3 – 20 PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL ENTRE TODAS AS CATEGORIAS COM BASE NO NÚMERO E NA QUALIDADE DOS RESULTADOS OBTIDOS (2013-2016)..... 91
TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS, ENTRE TODAS AS CATEGORIAS DO ATLETISMO, DAS 20 PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES 93
TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DAS 20 ENTIDADES DO ATLETISMO NACIONAL POR ANO ANALISADO: 2013-2016 95
TABELA 6 – VARIÂNCIA DOS RESULTADOS DAS EQUIPES ENTRE OS ANOS PESQUISADOS. 95
TABELA 7 – DISTRIBUIÇÃO POR SEXO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS ENTRE TODAS AS CATEGORIAS DO *RANKING* DO ATLETISMO: 2013-2016. 96
TABELA 8 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS (TODAS AS CATEGORIAS E ENTIDADES) POR REGIÃO BRASILEIRA. 2013-2016. 98
TABELA 9 – CONTAGEM DE RESULTADOS DO *RANKING* NACIONAL POR CLASSE E REGIÃO 99
TABELA 10 – ENTIDADES DE ATLETISMO DO BRASIL QUE RECEBERAM 30 OU MAIS BOLSAS ENTRE OS ANOS DE 2005-2016 102
TABELA 11 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS GESTORES PARTICIPANTES DO ESTUDO 122
TABELA 12 – ESCOLAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA ATLETA NA ESCOLA EM 2013 E 2014. 146
TABELA 13 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS TREINADORES PARTICIPANTES 176

TABELA 14 – FREQUÊNCIAS DE RESULTADOS OBSERVADAS POR QUARTIL DE NASCIMENTO (DADOS DO *RANKING* DA CBAT DO ANO DE 2016).....193
TABELA 15 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR SEXO DIVIDIDOS POR QUARTIL DE NASCIMENTO.....194
TABELA 16 – NÍVEIS DE BOLSA OFERECIDAS PELO PROGRAMA BOLSA-ATLETA DO GOVERNO FEDERAL.....268
TABELA 17 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS DO PROGRAMA BOLSA-ATLETA DO GOVERNO FEDERAL POR CATEGORIA, CEDIDAS AOS ATLETAS ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2016.....269
TABELA 18 – 20 ATLETAS DE ATLETISMO QUE MAIS RECEBERAM DO PROGRAMA BOLSA-ATLETA ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2016 270
TABELA 19 – POSSIBILIDADES, A PARTIR DAS ENTREVISTAS, DE INCENTIVOS E VALORES ESTIMADOS, A PARTIR DAS ENTREVISTAS, QUE UM ATLETA BRASILEIRO DE ATLETISMO PODE RECEBER.....274

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	-	Atleta
ABT	-	Academia Brasileira de Treinadores
CBAt	-	Confederação Brasileira de Atletismo
CFT	-	Centro de Iniciação Esportiva
CFT	-	Centro Federal de Treinamento
CNAE	-	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CT	-	Centro de Treinamento
COB	-	Comitê Olímpico Brasileiro
IAAF	-	International Association Athletics Federation
FPA	-	Federação de Atletismo do estado de São Paulo
G	-	Gestor
ME	-	Ministério do Esporte
PIB	-	Produto Interno Bruto
RNT	-	Rede Nacional de Treinamento
SFTE	-	Sistema de Formação de Treinamento Esportivo
T	-	Técnico
SPLISS	-	Sports Police Fator Leasing too Internacional Sporting Sucesso
SICONV	-	Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse
TCU	-	Tribunal de Contas da União

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....21
1.2 OBJETIVOS.....26
1.2.1 Objetivo Geral.....26
1.2.2 Objetivos Específicos.....26
1.2.3 Hipótese Central.....27
1.2.4 Organização da Tese.....27
2 REVISÃO DE LITERATURA.....28
2.1 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA *ONLINE* EM PORTUGUÊS DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES ESPECIFICAMENTE SOBRE O ATLETISMO.....28
2.2 PESQUISAS RELACIONADAS COM O OBJETO DE ESTUDO: GESTÃO, TREINADORES, ATLETAS E PÓS-CARREIRA.....46
2.3 A SOCIOLOGIA DO ESPORTE USADA NA DEFINIÇÃO DOS AGENTES DESTA TESE E NAS POSSÍVEIS RELAÇÕES DE PODER E DISPUTAS ENTRE ELES.....53
3 ESTUDO NO ATLETISMO BRASILEIRO: ESTRUTURAS FÍSICAS, EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS E OBJETIVOS PARA O ESPORTE.....57
3.1 INTRODUÇÃO.....57
3.2 OBJETIVOS.....60
3.2.1 Objetivo Geral.....60
3.2.2 Objetivos Específicos.....60
3.2.3 Hipótese.....60
3.3 METODOLOGIA.....60
3.3.1 Documentos.....61
3.3.2 Amostra.....62
3.3.3 Procedimentos.....62
3.3.4 Análise dos dados.....64
3.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....65
3.4.1 Identificando estruturas de treinamento de atletismo.....65
3.4.2 Principais instituições de atletismo no Brasil a partir do *ranking* da CBAt: da formação ao alto rendimento.....80

3.5 DISCUSSÃO 105
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 116
4 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DOS GESTORES EXPERIENTES 118
4.1 INTRODUÇÃO 118
4.2 OBJETIVOS 119
4.2.1 Objetivo Geral 119
4.2.2 Objetivos Específicos 119
4.2.3 Hipótese 120
4.3 METODOLOGIA 120
4.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas e tipo de entrevista 120
4.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral 120
4.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados 124
4.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 128
4.5 DISCUSSÃO 160
4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 169
5 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DE TÉCNICOS EXPERIENTES 173
5.1 INTRODUÇÃO 173
5.2 OBJETIVOS 174
5.2.1 Objetivo Geral 174
5.2.2 Objetivos Específicos: 174
5.2.3 Hipótese 174
5.3 METODOLOGIA 175
5.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas e tipo de entrevista 175
5.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral 175
5.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados 177
5.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 180
5.5 DISCUSSÃO 227
5.5.1 Exemplos mais específicos da sociologia do esporte em aspectos relacionados ao desenvolvimento do atletismo nacional 246
5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 250

6 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DE ATLETAS COMPETITIVOS: DA FORMAÇÃO AO ALTO RENDIMENTO 253
6.1 INTRODUÇÃO 253
6.2 OBJETIVOS 255
6.2.1 Objetivo Geral 255
6.2.2 Objetivos Específicos 255
6.2.3 Hipótese 256
6.3 METODOLOGIA 256
6.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas, tipo de entrevistas. 256
6.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral 256
6.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados 258
6.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 259
6.5 DISCUSSÃO 284
6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 295
7 TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA PARA O PÓS-CARREIRA: ESTUDO COM EX-ATLETAS BRASILEIROS DE ALTO RENDIMENTO COM PARTICIPAÇÕES EM JOGOS OLÍMPICOS NA MODALIDADE DE ATLETISMO. 298
7.1 INTRODUÇÃO 298
7.2 OBJETIVOS 300
7.2.1 Objetivo Geral 300
7.2.2 Objetivos Específicos 300
7.2.3 Hipóteses 300
7.3 METODOLOGIA 300
7.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas, tipo de entrevistas 300
7.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral 301
7.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados 301
7.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS 303
7.5 DISCUSSÃO 329
7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 338
8 CONCLUSÕES FINAIS 340
9 REFERÊNCIAS 353
APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE PESQUISA 395

ANEXO 1 – FOTOS: CENTROS NACIONAIS DE ATLETISMO. FONTE: SICONV – CONVÊNIO (2011-2015).....400

ANEXO 2 – EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS 1. 401

ANEXO 2 – EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS 2. 402

ANEXO 3 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....403

ANEXO 4 – CONTRATO DE LOCAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ATLETISMO DE BRAGANÇA PAULISTA.....406

ANEXO 5 – MAPA ESTRATÉGICO 2017-2024 – FONTE: CBAT 2017. 408

ANEXO 6 – RECIBO DE PAGAMENTO DE SALÁRIO PARA TREINADOR 409

ANEXO 7 – DEMONSTRATIVO FINANCEIRO DA CBAT…. 410

1 INTRODUÇÃO

O esporte de alto rendimento é definido como aquele no qual o atleta busca alcançar os melhores níveis de rendimento, podendo assim obter desempenhos expressivos e excelência esportiva na modalidade que pratica (MCPHERSON; CURTIS; LOY, 1989; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012). O processo em busca do alto rendimento esportivo pode ser composto por alguns fatores, tais como: o físico, social, tático, técnico (COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013), o estrutural e o organizacional (DE BOSSCHER *et al.,* 2009; MAZZEI, 2016). Por isso, nem todos os esportistas estão aptos a participar deste processo (CÔTE *et al*., 2006; COAKLEY, 2008).

Para que resultados expressivos sejam concretizados, uma série de fatores e medidas precisam ser levados em consideração. Rees *et al*. (2016), a partir da perspectiva do atleta de alto rendimento, levam em conta diversos fatores: data de nascimento, genética, fatores antropométricos e fisiológicos, habilidades psicológicas, motivacionais, locais de nascimento e de formação esportiva, programas de suporte aos atletas e, por fim, especialização precoce.

Nesse sentido, a promoção, a formação esportiva de atletas e a detecção de talento esportivo são uns dos fatores dentro de uma organização esportiva, fundamentais para entender o desenvolvimento do esporte de alto rendimento de um país (GREEN; OAKLEY, 2001; DIGEL, 2002) ou, ainda, de uma modalidade (CÔTÊ *et al*., 1999, 2005; GREEN; HOULIHAN, 2006; DIGEL, 2011a; SILVA FILHO *et al*., 2011; TRUYENS *et al*., 2014; MAZZEI, 2016). Algumas pesquisas envolvem a preocupação com a carreira esportiva do atleta como um processo geral, mais especificamente com as fases de transições, por exemplo, das categorias de base para o rendimento, ou do rendimento para o sucesso enquanto adulto nas principais competições internacionais (VIEIRA; VIEIRA, 2000; 2001; RODRIGUES, 2003; MIRANDA, 2007; TRUYENS *et al*., 2014; HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014; HUXLEI; O'CONNOR; BENNIE, 2017), ou da descontinuidade da carreira de atleta para ex-atleta, a preparação para o pós-carreira (CECIC ERPIC; WYLLEMAN; ZUPANCIC, 2004; GREEN, 2005; DE BOSSCHER *et al*., 2009; ZELEZNY, 2010).

Além das variáveis de desenvolvimento esportivo específicas dos atletas, a formação e a qualidade dos treinadores são aspectos fundamentais para um esporte obter excelentes resultados (TRUDEL, 2006; DE BOSSCHER *et al*., 2009;

SCHIAVON *et al*., 2013). Além disso, outros estudos buscam, a partir de um melhor entendimento de como o esporte realmente funciona – em termos técnicos e táticos –, auxiliar na maneira como os treinadores poderiam atuar, tanto na iniciação esportiva, quanto no alto rendimento. Em função disso, segundo esses estudos, o jovem praticante faria uma prática esportiva mais atrativa e teria um maior conhecimento do esporte praticado, o que facilitaria o desenvolvimento de um determinado esporte em diferentes contextos (GRECO; BENDA, 1998; CÔTÊ *et al*., 1999; VAEYENS *et al*., 2008; MEMMERT; BAKERB; BERTSCHC, 2010; GRECO; MEMMERT; MORALES; 2010; VANDORPE *et al*., 2012).

Em uma perspectiva de âmbito nacional, Houlihan e Green (2008) ao analisarem a organização do sistema esportivo de alto rendimento de países, como, Canadá, Austrália e Reino Unido, encontraram quatro fatores comuns para o sucesso internacional no esporte e que, segundo os autores, merecem ser desenvolvidos por sistemas esportivos nacionais, ou por determinadas entidades esportivas. São eles: instalações de treinamento, estrutura física de qualidade; um total apoio para atletas; um conjunto de pessoal de apoio especializado para o trabalho do treinador; e integração entre programas de preparação para o treinamento e competição. Ainda, os autores salientam que cada nação possui uma característica, uma cultura própria, portanto, ações organizacionais do esporte semelhantes, podem trazer resultados diferentes para cada contexto.

Outros autores, também apontam que uma das medidas passa por fatores estruturais, como, a comunicação eficiente entre as entidades responsáveis pelo esporte de um país; a distribuição dos recursos financeiros para diferentes setores do esporte; e o profissionalismo dos gestores esportivos (MADELLA; BAYLE; TOME, 2005; BAYLE; ROBINSON, 2007; MEZZADRI; MORAES E SILVA; CAVICHIOLLI, 2016). Alguns estudos relacionados ao esporte de alto rendimento, no Brasil (FERREIRA, 2007; MEIRA; BASTOS, 2011; MAZZEI, 2016), na Noruega (ENJOLRAS; WALDAHL, 2007), na China (HONG; WU; XIONG, 2005), na Inglaterra (GREEN, 2004), no Canadá (GREEN; HOULIHAN, 2005), na Austrália (ZIEMAINZ; GULBIN, 2002) ressaltam que se uma nação desenvolver e focar em uma estrutura organizacional esportiva seriamente definida e frequentemente voltada às modalidades que mais se destacam, pode influenciar decisivamente na conquista de bons resultados esportivos deste país nas principais competições internacionais.

No Brasil, com início do Ciclo Olímpico Rio 2016, percebeu-se maior apoio,

projetos, incentivos e visibilidade aos aspectos relacionados ao rendimento esportivo de determinadas modalidades[1]. Por exemplo, surge em 2012 o Plano Brasil Medalhas 2016, com a meta de colocar o Brasil entre os 10 primeiros países colocados nos Jogos Olímpicos do Rio (BRASIL, 2012). Sabe-se que este objetivo não foi atingido, mas o Brasil alcançou a inédita 12º colocação no quadro geral de medalhas (COB, 2017a).

Os fatores que auxiliam no desenvolvimento de uma modalidade, ou de uma nação no esporte de alto rendimento supracitados, forneceram um direcionamento na construção do presente trabalho. Esta tese possui foco em uma modalidade específica, o atletismo e o seu desenvolvimento no Brasil, da formação esportiva ao alto rendimento, sob a perspectiva de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas deste esporte.

Cabe aqui destacar que a Lei n° 8.672, de 6 de julho de 1993, chamada “Lei Zico” (BRASIL, 1993) – primeira norma geral do esporte com conceitos e princípios – define as seguintes manifestações do esporte no país: participação, educacional, formação (Incluído pela Lei nº 13.155, de 2015) e rendimento. Com base nesta lei, o esporte de rendimento é aquele organizado segundo regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados (BRASIL, 1993, 1998a). Vários autores trabalham com a concepção de esporte em um olhar mais teórico (GRECO; BENDA, 1998; MARCHI JUNIOR, 2001; COAKLEY, 2008; MORAES E SILVA, 2015), tratando o esporte como um fenômeno processual, polissêmico, cultural, global e – de certo modo – mais completo do que a legislação, fornecendo, por exemplo, outras manifestações esportivas, como o lazer, recreação, o esporte espetáculo, profissional e o esporte de alto rendimento.

Optou-se, neste estudo, em utilizar a terminologia alto rendimento, já definida no início desta introdução, para tratar dos agentes investigados nesta tese – gestores, treinadores, atletas, ex-atletas de atletismo – pois, entende-se que, apesar deles também fazerem parte do esporte organizado conforme sugere a manifestação de rendimento supracitada, encontravam-se (no momento deste

---

[1] Com relação a uma modalidade específica: Ver: <http://www.cbat.org.br/programas_apoio/prog_apoio_alto_nivel_13.pdf> Acesso em jan. 2014. No *site* da Confederação Brasileira de Atletismo, encontra-se no campo “Plano de Apoio”, atletas e técnicos que recebem ajuda de custo mensal, de acordo com os critérios estabecidos pelo Plano Brasil Medalhas (CBAt, 2015e).

estudo) em patamar esportivo específico, entre os melhores ao nível mundial, visavam resultados expressivos internacionalmente no atletismo, uma vez que estavam envolvidos e/ou participaram dos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

O atletismo está entre os três esportes que mais trouxeram resultados internacionais para o Brasil. Ao longo da história em Jogos Olímpicos, o Brasil obteve um total de 128 medalhas conquistadas, sendo 16 (12.5%) referente a modalidade atletismo (COB, 2017b). O país possui resultados expressivos continentalmente, uma vez que não é superado no Campeonato Sul Americano desde 1974 (CBAt, 2013a; 2017c). Porém, ao comparar os resultados dos principais atletas brasileiros com os dos principais atletas do mundo, nota-se o desempenho técnico do Brasil no atletismo, muito distante da performance dos atletas de nível internacional (SILVA, 2002; IAAF, 2017a).

Como exemplo, no Campeonato Mundial de Atletismo, realizado em 2013 na Rússia, o Brasil não obteve nenhuma medalha, assim, pode-se afirmar que o país não alcançou os resultados expressivos esperados pela equipe (técnicos, atletas, dirigentes) brasileira nessa importante competição internacional. Um exemplo desse fracasso, muito explorado pela mídia esportiva brasileira na ocasião, foi evidenciado por meio da equipe de revezamento 4x100 feminino, em que as atletas erraram a última passagem do bastão, e então foram desclassificadas e perderam uma ótima oportunidade de conquistar medalha. Fato que foi explicado por uma das competidoras, logo após a prova, que citou fatores, tais como: falta de treinamento, preparação geral antes e durante a competição, alimentação e sono (FOLHA ONLINE, 2013). Isso gerou desconforto à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), técnicos e atletas foram questionados, sobretudo pela mídia esportiva, sobre os aspectos referentes ao planejamento (treinamentos adequados, necessidade de troca de técnicos, manutenção ou corte da bolsa às atletas que competiram no revezamento) dessa modalidade visando Jogos Olímpicos de 2016 (UOL, 2013).

Em outra competição, nos Jogos Olímpicos da Juventude, realizados em 2014 na cidade de Nanquim, na China, o Brasil ficou entre os 10 melhores do mundo – obteve o 9º lugar – com um total de 15 medalhas. Destaca-se que o atletismo não esteve presente no pódio desta competição (BRASIL, 2014). No ano de 2015, veiculou a seguinte notícia na mídia sobre o atletismo brasileiro:

> Ascendeu luz vermelha do atletismo brasileiro. São grandes as chances do país que conseguiu apenas um ouro no Canadá (Pan de Toronto, 2015) não conseguir nenhuma medalha na Olimpíada do Rio (2016) […] O esporte é considerado vital para o Brasil atingir a meta de 27 medalhas para ficar no top 10 do *ranking* geral. (ESTADÃO, 2015a).

No mesmo ano de 2015, no Campeonato Mundial realizado na China, o Brasil obteve somente uma medalha, (medalha de prata no salto com vara feminino), confirmando o discurso acima, de que o atletismo brasileiro poderia durante o período de jogos da Olímpiada no Brasil, ficar sem nenhuma medalha nas disputas dessa modalidade e, assim, passar por um vexame histórico. Mas, em 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio, o atleta Thiago Braz conseguiu a medalha de ouro no salto com vara e colocou novamente o atletismo brasileiro no lugar mais alto do pódio. Ele juntou-se a Adhemar Ferreira da Silva, a Joaquim Cruz e a Maurren Maggi, que também subiram ao degrau mais alto do pódio.

Segundo a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) – organização que, desde 1979, é responsável pelas 27 federações estaduais de atletismo – a modalidade superou metas nos Jogos do Rio, uma vez que em 11 provas, os brasileiros estiveram entre os 12 primeiros, mais que o dobro em Londres, quando os brasileiros conseguiram cinco vezes um lugar entre os 12 primeiros (CBAt, 2016a). José Antonio Martins Fernandes – presidente da CBAt –, em entrevista concedida ao site *cbat.com.br*, reforça essa questão: “cumprimos nossa meta, o que significa que o planejamento foi o correto […], o bom desempenho foi possível graças aos esforços de atletas, treinadores e funcionários da CBAt […].” (FERNANDES, 2016).

Porém, o desempenho pode ser questionado: dos 67 atletas participantes do atletismo nos Jogos do Rio, 21 (31.34%) ficaram entre os 16 melhores e somente 12 (17.91%) ficaram entre os oito melhores nas suas provas. A maioria dos atletas brasileiros não passaram da primeira fase (qualificação para semifinal) em suas provas, sendo que das 47 provas (masculino e feminino) disputadas nos Jogos do Rio, o Brasil esteve entre os oito melhores em 6 (12.77%) delas (salto com vara masculino, 20 km marcha atlética masculino, 20 km marcha atlética feminino, arremesso do peso, revezamentos 4x100 e 4x400 masculino).

A partir desta quantidade de provas disputadas, 141 medalhas eram possíveis e conforme citado, o Brasil conseguiu uma medalha (0.70%) no salto com vara masculino. Ainda, somente 9 atletas (13.43%) fizeram suas melhores marcas

da temporada nos Jogos do Rio (CBAt, 2016a), o que reforça a questão, do atletismo nacional não ter atingido um desempenho efetivo nas últimas competições internacionais. Diante do apresentado, justifica-se o interesse no atletismo e destaca-se a seguinte problemática para este estudo: **como está o processo de desenvolvimento do esporte competitivo organizado na modalidade de atletismo no Brasil, a partir do entendimento de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas participantes deste processo?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar como ocorre o desenvolvimento do esporte competitivo organizado da modalidade de atletismo no Brasil, a partir da visão de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do trabalho são:

a) Identificar a estrutura física do atletismo brasileiro, seus objetivos e determinadas fontes de recurso para este esporte.
b) Analisar a perspectiva dos gestores atuais do atletismo brasileiro sobre as ações, os facilitadores e barreiras para o desenvolvimento deste esporte.
c) Investigar a perspectiva de treinadores brasileiros do atletismo competitivo sobre os processos facilitadores e as barreiras para o desenvolvimento deste esporte no Brasil – tanto na formação, quanto no alto rendimento.
d) Apontar como ocorre o desenvolvimento de atletas competitivos do atletismo brasileiro a partir dos processos de identificação, desenvolvimento e alto rendimento esportivo do atleta nesta modalidade.
e) Investigar aspectos da carreira esportiva de ex-atletas brasileiros de alto rendimento do atletismo (participantes dos Jogos Olímpicos de verão), relacionados com a transição de carreira para o pós-carreira.
f) Apresentar embasamentos à elaboração de estratégias de valorização e desenvolvimento do atletismo brasileiro.

1.2.3 Hipótese Central

Não há um agente centralizador no Brasil que consiga, de fato, organizar e sistematizar um desenvolvimento da formação ao alto rendimento – para o esporte pesquisado.

1.2.4 Organização da Tese

Para atender aos objetivos especificados, a tese foi desenvolvida em oito capítulos. Neste primeiro, temos a introdução, a qual é composta pela apresentação da temática, objetivos gerais, específicos e hipótese. O capítulo dois, denominamos de Revisão de Literatura, composta: 2.1) pelos estudos existentes sobre o atletismo nacional e pelas lacunas existentes neste universo; 2.2) por estudos, principalmente, internacionais sobre o atletismo e de outras modalidades, relacionados com o objeto de estudo; e 2.3) por conceitos sociológicos utilizados na identificação dos agentes participantes deste estudo. Assim, optou-se em dividir a Revisão de Literatura em três tópicos, os quais fornecem embasamentos para: justificar o motivo de se estudar determinados assuntos do atletismo nacional; auxiliar na criação e desenvolvimento dos estudos apresentados nesta tese – por exemplo – em termos metodológicos; e compreender alguns dos resultados da pesquisa, originados, a partir das relações e disputas entre os agentes investigados nesta tese.

Já nos capítulos três, quatro, cinco, seis e sete, constam os cinco estudos interligados: 1) Análise documental com relação à estrutura física, equipamentos esportivos e objetivos para o esporte pesquisado; 2) O entendimento dos gestores esportivos experientes sobre o desenvolvimento do atletismo brasileiro; 3) Perspectivas de treinadores atuais de atletismo; 4); Perspectivas de atletas brasileiros de atletismo participantes do esporte de alto rendimento; e 5) Trajetórias esportivas de ex-atletas olímpicos, com ênfase no pós-carreira. Cada qual (capítulo três a sete) com suas respectivas introduções, objetivos, hipóteses, metodologias, resultados, discussão e considerações finais. No oitavo capítulo, as conclusões são apresentadas, as descobertas principais a partir de aproximações gerais – referentes aos cinco estudos e possíveis propostas para a melhoria no desenvolvimento do atletismo nacional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA *ONLINE* EM PORTUGUÊS DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES ESPECIFICAMENTE SOBRE O ATLETISMO.

O presente tópico caracteriza-se como um estudo de revisão, pois a partir de pesquisa bibliográfica inclui a análise de estudos relevantes que suportam a tomada de decisão e a melhoria da prática (GIL, 2008) e possibilitam a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto (FIORENTINI, 1984; SOARES, 1989; MEGID NETO, 1999; FERREIRA, 2009). Além de, também apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos e, assim, reforçar a justificativa de realização desta tese. Caracteriza-se como uma abordagem quali-quantitativa (MINAYO; SANCHES, 1993), isto é, dar um caráter descritivo aos diversos estudos encontrados.

Para tanto, este tópico está composto de três etapas. Como primeira etapa, apresentam-se alguns resultados de uma coleta de artigos sobre o atletismo, realizada nos *sites* da Scielo e Bireme – devido a classificação do *webqualis* variar de A2 à B5 e possuir diferentes áreas temáticas, como fisiologia, nutrição e psicologia. A busca dos estudos foi finalizada em janeiro de 2017, digitando a palavra atletismo no campo de busca das revistas chamado de “Assunto”, resultando em 45 artigos, escritos entre os anos de 1989 e 2016**.** A inclusão desses artigos foi com base nos seguintes critérios: textos em português, artigos que disponibilizavam o arquivo completo, artigos que continham no título a palavra “atletismo”. Optou-se em excluir os trabalhos que não continham em seu título a palavra “atletismo”, pois tal modalidade só aparecia em alguns momentos durante os estudos, como, por exemplo, no referencial teórico e assim, não abordavam diretamente o tema “atletismo”.

Num segundo momento, optou-se também em realizar uma coleta das dissertações e teses, no Banco de Teses do Portal da Capes[2]. O termo “atletismo” foi designado para fazer a seleção dos materiais no campo de busca “Assunto” do referido portal. Os dados, selecionados e coletados dos artigos, dissertações e

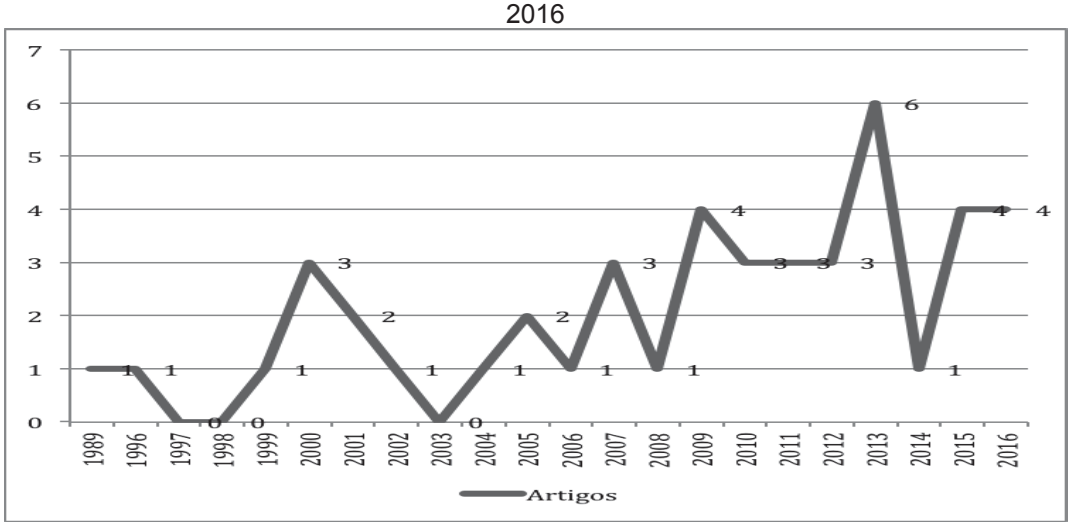
---

[2] Dissertações e teses disponíveis por meio do *link*: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>.

teses, foram armazenados em uma planilha do *Excel Microsoft Office.* Realizou-se a análise de todo material selecionado através da leitura centrada – principalmente – no resumo, objetivos, metodologias e referências bibliográficas das pesquisas.

A partir da leitura do material foi possível identificar os principais assuntos/categorias tratadas (Quadros 1 e 5). De acordo com a relação abaixo, primeiramente vemos o material com relação aos artigos sobre o atletismo.

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS SOBRE ATLETISMO PUBLICADOS ENTRE 1989-2016



FONTE: o autor (2016).

O GRÁFICO 1 representa a produção de artigos científicos. Observa-se que a produção tem sido crescente ao longo do tempo. Houve um aumento entre os anos de 2001 a 2009 (15 estudos em 9 anos), enquanto que, entre os anos de 1989 a 2000, a produção foi menor (6 estudos em 12 anos). Por fim, do ano de 2010 a 2016, foi o período que mais verificou-se este crescente (24 estudos em 7 anos).

TABELA 1 – REVISTAS QUE POSSUEM ARTIGOS PUBLICADOS SOBRE ATLETISMO (continua)

Revistas	**Total de Artigos**	**%**	**Qualis 2016**
Revista Brasileira de Medicina do Esporte	8	18.2	A2
Revista de Educação Física\UEM	7	15.9	B1
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	4	9.1	B1
Motriz Journal of Physical Education	4	9.1	B1
Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício	4	9.1	B3
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	3	6.8	B1
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	3	6.8	B2

Movimento	3	6.8	A2
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2	4.5	B1
Revista Motricidade	1	2,3	B1
Revista Brasileira de Nutrição Esportiva	1	2,3	B5
Psicologia: Teoria e Pesquisa	1	2,3	B4
Motrivivência	1	2,3	B2
Coleção Pesquisa em Educação Física	1	2,3	B5
Cadernos Cedes	1	2,3	B2
Revista da Associação Médica Brasileira	1	2,3	B3
Total	45	100%	

FONTE: o autor (2016).

A Tabela 1 apresenta uma relação das revistas utilizadas no estudo sobre o tema atletismo. Destacam-se a Revista Brasileira de Medicina do Esporte (Órgão Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte), com 8 (18.2%) artigos; a Revista de Educação Física, da Universidade Estadual de Maringá, que teve 7 (15.9%) estudos. Na sequência, as revistas, Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE, publicada sob a responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Motriz Journal of Physical Education, da Universidade Estadual Paulista; e Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício (RBPFEX), do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício, com 4 estudos cada (9.1%).

Com relação a classificação das 16 revistas, identificadas no sistema *webqualis*[3], constatou-se que 6 delas (37.5%) estavam classificadas em tal sistema – no momento da pesquisa – como B1; e 3 (18.75%) classificadas como B2. As classificações A2, B3 e B5 estavam presentes em duas revistas cada e uma revista estava classificada com B4. Nota-se, na Tabela 1, que a revista com o maior número de estudos (8) está classificada como A2, ou seja, é uma revista considerada importante, bem classificada dentro área da Educação Física, logo, entende-se que seus estudos tenham qualidade acadêmica. Também, vale destacar que 28 estudos (62.22%) estão classificados entre A2 e B1.

---

[3] Essa classificação representa a qualidade das revistas e possuem classificação variando, por exemplo, de A1 à B5. Uma revista para ser classificada com A2 precisa cumprir vários critérios, por exemplo: textos são avaliados por duplo pareceristas; exigem termo de consentimento; possuem seriedade e regularidade nas publicações anuais.

O Quadro 1 apresenta as principais categorias abordadas nos 45 artigos selecionados para este estudo.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS CATEGORIAS ABORDADAS

Categoria	
Ensino aprendizagem	9
Paradesporto	6
Aspectos nutricionais	5
Lesão esportiva	4
Saúde	3
Talentos	3
Aspectos fisiológicos	2
Preparação Física	2
Técnica e tática	2
Gestão	2
Aspectos motivacionais	2
Coordenação motora	1
Doping	1
Biomecânica	1
Atletas	1
Disciplina Atletismo no curso de Educação Física	1
Total	45

FONTE: autor (2016).

Os trabalhos que têm como assunto principal a questão do Ensino aprendizagem são dominantes entre os demais, com 9 (20%) dos 45 artigos, relacionados a tal categoria. A mesma está relacionada à iniciação esportiva em diferentes ambientes (por exemplo, clubes, escolas, etc), mais especificamente aos aspectos relacionados com a metodologia de ensino para professores (MARQUES; IORA, 2009; GINCIENE; MATTHIESEN, 2015), pedagogia do esporte e jovens atletas no esporte (PRADO; MATTHIESEN, 2007; SILVA; SEDORKO, 2011).

Na sequência, 6 estudos (13.3%) envolvem o atletismo paralímpico. Os estudos focam, a partir de testes físicos, no desempenho e na preparação física deste esporte; no equilíbrio estático e dinâmico em atletas com deficiência visual; também, uma análise midiática sobre o atleta do atletismo paralímpico Oscar Pistórios. Como o foco da presente tese não é no esporte paraolímpico, optou-se em não especificar os autores destes estudos. A categoria de Aspectos nutricionais está relacionada a alimentação dos atletas, suplementação, hidratação, transtornos alimentares (PESSI, S.; FAYH; 2011; FORTES, *et al.*, 2013; FORTES, *et al.*, 2016). Sobre a categoria Lesões esportivas, os estudos tratam – especificamente – da incidência de lesões musculares em atletas amadores de atletismo (FEITOZA; MARTINS JUNIOR, 2000) e de elite (PASTRE *et al*., 2004; PASTRE *et al*., 2005; PASTRE *et al*., 2007).

A categoria Saúde, diz respeito aos estudos que tratavam da contribuição do esporte na qualidade de vida dos sujeitos investigados, promoção da saúde (FERREIRA, 1996) e, também, na melhora postural (BASTOS *et al*., 2009). A categoria Talento Esportivo, destaca-se em 3 trabalhos e aborda os motivos de inserção, desenvolvimento e abandono no atletismo (VIEIRA; VIEIRA, 2000; VIEIRA; VIEIRA, 2001; ROCHA; SANTOS, 2010).

Quanto à categoria Aspectos fisiológicos, identificaram-se 2 trabalhos, os quais tratavam de questões voltadas para consumo máximo de oxigênio, capacidade cardiorrespiratória e indicadores de crescimento (PALUDO *et al*., 2012; CAPOVILLA; OLIVEIRA; ARRUDA, 2013). A categoria Preparação Física também possui 2 estudos, relacionados com o desempenho para provas de meio fundo e fundo[4] (MACHADO *et al*., 2015), e o efeito do destreino nos parâmetros aeróbio e anaeróbio (CARNEIRO *et al*., 2016).

Dois estudos abordam questões referentes a tática e técnica do esporte. Os autores desenvolvem estratégias em determinadas provas, por exemplo, características técnicas das provas de salto triplo (MOURA; MOURA; BORIN, 2005; MOURA, *et al*., 2016) e aspectos técnicos que podem contribuir para a saída baixa em provas de velocidade (GINCIENE; MATTHIESEN, 2012).

O assunto Aspectos motivacionais esteve presente em dois trabalhos, relacionados à imagem corporal e auto imagem (FORTES, 2015), e ansiedade (VIEIRA *et al*., 2011) – na prática de jovens atletas do atletismo. A categoria Gestão foi tema central em dois trabalhos, um trata da qualidade dos serviços prestados pelos agentes do atletismo de Portugal (MATOS; CORREIA, 2002); outro aborda a estrutura política do estado do Paraná, a influência no esporte, no caso o atletismo (VIEIRA; VIEIRA, 2001).

E por último, estudo sobre a categoria ‘’Atleta”, isto é, um foco na perspectiva dos atletas, neste caso, dos quenianos no Brasil (RIBEIRO, *et al*, 2013); sobre o abuso do “Doping” no Atletismo (LISE, *et al*., 1999); referente à categoria “Biomecânica”, mais especificamente da saída baixa do atletismo (FUJIYAMA; TEIXEIRA, 2014); a Coordenação motora como foco central (FREITAS *et al*., 2016); e o atletismo enquanto “Disciplina” ensinada no curso de Educação Física (SILVA;

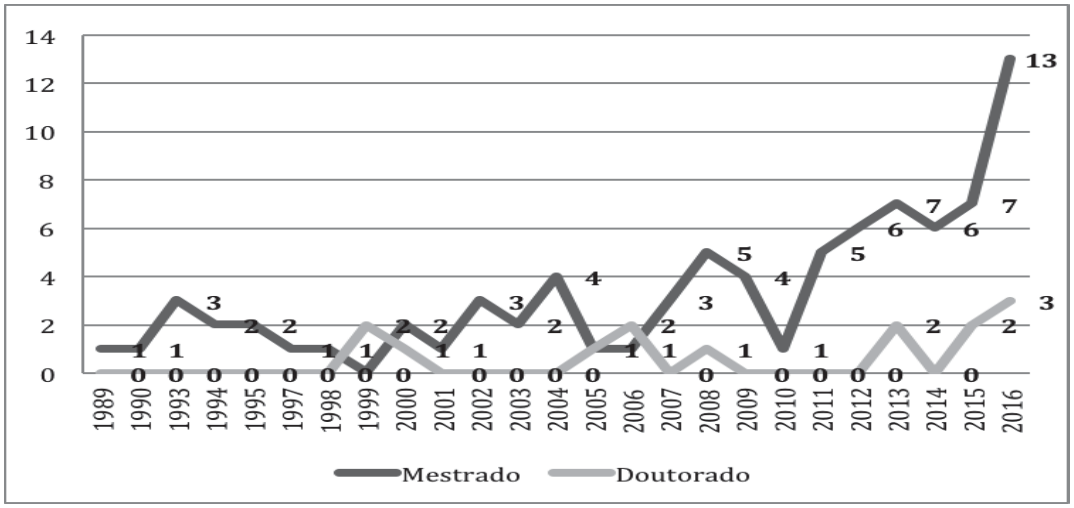
---

[4] Para Matthiesen (2007), consideram-se as corridas de meio fundo as provas entre 800 e 3.000 metros. As corridas de fundo, as provas a partir de e inclusive 3.000 metros.

DARIDO, 2011); foram categorias, temáticas que estão presentes em 1 (2.2%) estudo, cada uma delas.

Com relação aos tipos de pesquisa e a metodologia utilizada nos estudos, utilizaram-se mais pesquisas do tipo quantitativa com 31 (68.9%) estudos encontrados, do tipo qualitativo foi encontrado apenas 14 (31.1%) estudos. Admite-se a necessidade de um aprofundamento em outros meios de base de dados, sobretudo com artigos científicos além da palavra atletismo no título.

GRÁFICO 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE ATLETISMO PUBLICADAS ENTRE 1989-2016 NO BANCO DE DADOS DA CAPES



FONTE: o autor (2016).

Pode-se perceber que houveram entre os anos de 1989 e 2016, significativos avanços na quantidade de dissertações e teses com relação a temática deste estudo. De fato, as produções de dissertações aumentaram a partir de 2005. Destaca-se o período que compreende os anos de 2012 a 2016, no qual verificou-se um aumento, chegando ao número máximo de 13 dissertações. Em outras palavras, esse recente período de 5 anos (18,51%) concentra 53.65% do total de dissertações. Enquanto a produção de teses se deteve a uma, ou nenhuma por ano, chegando ao máximo de três produções em 2016. Koski *et al*., (2009) atribuem este aumento no número de estudos, à maior profissionalização técnico-científica e ao aumento do número de programas de Pós Graduação Lato-Sensu.

QUADRO 2 – DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS

(continua)

	Autor	Título	Ano
1	Araújo, LR.	Diferenças e similaridades de somatotipo em atletas do sexo masculino participantes do Troféu Brasil de Atletismo-1988 em	1989

		relação a prova atlética e ao nível de desempenho	
2	Braga, RL.	O atletismo escolar no desenvolvimento integral	1990
		Análise cinemática do salto em distância: fase final da corrida	
3	Rocha Junior, IC	e impulsão	1993
4	Ferreira, MF.	Atletismo e promoção da saúde nos livros-textos brasileiros	1993
		Comparação dos limiares anaeróbio individual e de lactato analisados pelos testes de laboratório e de pista em	
5	Fleischmann, E.	esportistas de atletismo de fundo e meio fundo	1993
		Proposta de protocolo ergométrico para a determinação da	
6	Pompeu, FAS	curva de acúmulo do lactato sanguíneo em pista de atletismo	1994
7	Godoy, L.	Sentidos e significados do patrocínio no atletismo brasileiro	1994
8	Di Mario, A.	Atletismo: uma abordagem pedagógica	1995
		Especialização precoce e o contexto social no abandono do	
9	Kovalski, M.	esporte por jovens campeões de atletismo	1995
		Alterações na velocidade aeróbia máxima, no índice de resistência aeróbia e no rendimento de corredores de 10.000 metros em diferentes condições de temperatura e umidade	
10	Melo, SGH.	relativa do ar	1997
		Avaliação da composição corporal, parâmetros hematológicos e do desempenho físico de atletas adolescentes, da	
11	Cuvello, LCF.	modalidade atletismo	1998
		Lesão Muscular: estudo em atletas da equipe brasileira de atletismo que participaram dos jogos olímpicos de Atlanta	
12	Netto Junior, J.	1996	2000
		Pedagogia esportiva: um estudo acerca da especialização	
13	Nascimento, AC.	precoce com aplicação na modalidade atletismo	2000
14	Pedralli, ML.	Análise biomecânica da saída e agarre e atletismo da natação	2001
		As disciplinas esportivas nos cursos de graduação em	
15	Silva, E.	educação física: o exemplo do atletismo	2002
16	Silva, I.	Desempenho do atletismo brasileiro no período de 1920-2001'	2002
		Perfil do atletismo do Rio Grande do Sul: características	
17	Brandt, LA.	somáticas e motoras das categorias pré-mirim, mirim e menor	2002
		Indicadores biométricos e performance dos velocistas no	
18	Rodrigues, WN.	atletismo	2003
		Lesões desportivas no atletismo: comparação entre informações obtidas em prontuários e inquéritos de morbidade	
19	Pastre, CM	referida	2003
		Esporte de rendimento e sacrifício corporal: a prática do	
20	Santos, AP.	atletismo	2004
		Influência da prática de judô e atletismo no metabolismo de	
21	Vilardi, TC.	cálcio e "turnover" ósseo de mulheres adultas	2004
		Perfil do Atleta Fundista da Seleção Chilena com Relação às	
22	Orrego, PAC.	Variáveis VO2 Máximo e Limiar Lático	2004
		Variáveis preditoras de performance em corrida de longa	
23	Barros, RV.	duração	2004
		Lesões ortopédicas no atletismo. Estudo clínico com	
24	Laurino, CFS	seguimento de dois anos	2005
		Relação entre as distâncias parciais no salto triplo e o	
25	Moura, NA.	desempenho em competição	2006
		Como se vive do atletismo: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com um olhar para as	
26	Miranda, CF.	configurações esportivas	2007
		Iniciação ao Atletismo e a Habilidade Motora de Arremessar	
27	Silva, SB.	por cima do Ombro	2007
		Modelagem de Sistema para Filmagem de Competições de	
28	Trindade, EC.	Atletismo	2007
		Análise dos Livros de atletismo como subsídio para o seu	
29	Faganello, FR.	ensino no Campo Escolar	2008
		Lesões desportivas em atletas jovens federados na	
30	Simoni, CR.	modalidade de atletismo no estado de Santa Catarina	2008

31	Freire, GM.	Recomendações para o desenvolvimento de cadeiras, a partir de uma análise ergonômica: arremesso do peso nos jogos parapanamericanos 2007	2008
32	D'Angelo, RA.	Predição da intensidade de corrida em máxima fase estável de lactato a partir da velocidade crítica em atletas fundistas de alto rendimento. Relações com performances	2008
33	Sotero, RC.	Métodos de determinação direto e indireto do máximo estado estável de lactato em pista de atletismo	2009
34	Silva, ER.	Motivação de atletas idosos na associação de veteranos de atletismo do estado do Rio de Janeiro	2009
35	Freitas, FPR.	O salto com vara na escola: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica	2009
36	Lourenço, TF.	Correlação entre o ponto de compensação respiratória e desempenho em corredores de rua	2009
37	Carmo, CL.	Alterações no desempenho físico de corredores de elite do atletismo brasileiro após quatro semanas de destreinamento	2010
38	Andrade, VC.	Métodos de velocidade crítica, lactato mínimo e rast na determinação de parâmetros aeróbios e anaeróbios em corredores: análises transversais e longitudinais	2011
39	Melo, ES.	Utilização do consumo máximo de oxigênio e do limiar de lactato como preditores do desempenho de corredores amadores em corridas de 5Km e meia maratona	2011
40	Lara, JPR.	Análise cinemática tridimensional do salto em distância de atletas de alto nível em competição	2011
41	Lázari, EC.	Acompanhamento de Indicadores de Crescimento Físico, Maturação Biológica, Qualidade Óssea e Desempenho Motor em Jovens Praticantes de Atletismo	2011
42	Leme, MLA.	Efeitos do treinamento periodizado no desempenho motor de atletas de 11 a 16 anos de idade, praticantes de atletismo	2011
43	Vist, D.	Comparação da composição corporal, capacidade cardiorrespiratória, danos musculares e estresse oxidativo em maratonistas e sedentários do município de Caxias do Sul'	2012
44	Ginciene, G.	A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos	2012
45	Borges, RJM.	Qualidade de vida e atletas de elite com deficiência física participantes do circuito paralímpico brasileiro de atletismo, natação e halterofilismo	2012
46	Figueiredo, JS.	Características físicas, somatotipo e desempenho de corredores de 100 e 400 metros no Rio Grande do Norte	2012
47	Pacheco, MS.	Análise da estratégia de corrida e suas relações com variáveis de desempenho de atletas'	2012
48	Silva, MV.	Estado mental flow e motivação no atletismo: dos velocistas aos ultramaratonistas	2013
49	Rodrigues, JP.	Análise cinemática da marcha de pessoas com paralisia cerebral classificadas segundo critérios do comitê paralímpico internacional na modalidade atletismo	2013
50	Wiggers, G.	A pedagogia da educação física no Brasil e a educação inclusiva: o atletismo para deficientes visuais na associação dos cegos do Vale do Itajaí (ACEVALI)	2013
51	Oppa, DF.	Atividade física no lazer e qualidade de vida relacionada à saúde em ex-atletas de atletismo de Santa Catarina	2013
52	Guimaraes, V.	Evidências tecnológicas no universo do atletismo: uma análise dos materiais e equipamentos esportivos	2013
53	Carvalho, J.	Tecnologia educacional para o ensino do atletismo: o jogo de mesa como um recurso didático-pedagógico	2013
54	Rodrigues, NA.	Análise cinemática 3d da corrida de 100m por videogrametria	2014
55	Medeiros, RS.	Impacto do atletismo paralímpico na qualidade de vida de pessoas com deficiência física	2014
56	Castro, PHC.	Perfil morfológico, físico/motor, psicológico e maturacional de atletas mirins de atletismo	2014

57	Ferreira, AM.	Influência de um programa de esporte educacional com base no atletismo sobre o desenvolvimento motor e social de crianças de 8 a 11 anos	2014
58	Silva, TF.	Tecnologias da informação e comunicação e o salto em distância: possibilidades de utilização de um dvd didático para o ensino do atletismo escolar	2014
59	Prudêncio, MV.	Análise das Variáveis Cinemáticas do Salto Triplo de Atletas de Elite em Ambiente de Competição	2015
60	Cruz, R.	Percepção de Esforço, Desempenho Esportivo e Maturação Biológica de Jovens Atletas de Atletismo'	2015
61	Freitas, JV.	Caracterização morfológica, físico/motora e maturacional de jovens atletas mirins feminino de atletismo'	2015
62	Santos, ALR.	Programas de exercícios físicos: atletismo para crianças com sobrepeso e obesidade	2015
63	Silveira, FP.	Efeito da corrida de rua sobre os níveis periféricos do fator neurotrófico derivado do encéfalo (bdnf) e de acetilação da histona h4 em adultos saudáveis	2015
64	Santos, JP.	Caracterização da estratégia de ritmo da prova de 1000 metros de atletas mirins do atletismo	2015
65	Carvalho, JLCS.	Efeito do pré-condicionamento isquêmico sobre mecanismos determinantes do desempenho aeróbio em corredores de alto nível	2016
66	Lima, MAB.	Método de análise biomecânica da saída tipo atletismo na natação competitiva	2016
67	Silva, MAM.	Influência da bandagem elástica no lançamento de dardo em voluntários não atletas	2016
68	Rosa, RS.	Atletismo e desenvolvimento humano: possibilidades pedagógicas em ambiente escolar	2016
69	Santos, AS.	Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diálogo sobre a trajetória de atletas da modalidade de atletismo da cidade de Paranavaí - PR	2016
70	Silva, ED.	Análise de polimorfismo em genes ligados à força muscular em atletas de elite do atletismo brasileiro	2016
71	Salgado, K.	Os exergames como ferramenta metodológica no ensino do atletismo na educação física escolar	2016
72	Joaquim, DP.	Análise do gasto energético com o exercício e estimativa da energia disponível de atletas paralímpicos de atletismo	2016
73	Junior, LAC.	Sistema de localização e correção de trajetória para atletas com deficiência visual em modalidade de corrida em pista	2016
74	Moraes, WG.	Análise de testes físicos e psicológicos nas semanas de treinamento e avaliações da seleção paralímpica brasileira de atletismo	2016
75	Alves, DL.	Estratégia de ritmo e advertências técnicas na copa Brasil de marcha atlética	2016
76	Lopes, BF.	Caracterização da corrida de 75 metros de atletas da categoria sub-16 do atletismo'	2016

FONTE: autor (2016).

QUADRO 3 – TRABALHOS DE MESTRADO PROFISSIONAL

	Autor	Título	Ano
77	Pereira, ÉVP.	Avaliação do consumo de carboidratos complexos em atletas fundistas participantes das corridas de rua de Paranavaí-PR	2008
78	Santos, JL.	Cinemática das corridas de atletismo	2012
79	Francisco, S.	Modelagem matemática no arremesso de peso	2013
80	Rojas, KAF.	Ensino de Física para os anos iniciais do ensino fundamental utilizando aulas de atletismo	2014
81	Brito, FD.	Governança no esporte: a efetividade de iniciativas de combate à corrupção pela ótica de atletas e técnicos de atletismo	2015

82	Santos, JFTS.	100 metros rasos: objeto de aprendizagem para o ensino de física como aplicação do conectivismo e do edutretenimento	2016

FONTE: autor (2016).

QUADRO 4 – TESES ENCONTRADAS

	Autor	Título	Ano
83	Vieira, JLL.	O processo de abandono de talentos do atletismo no estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos Sistemas Ecológicos	1999
84	Vieira, LF.	O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: um estudo orientado pela teoria dos Sistemas Ecológicos	1999
85	Pilatti, LA.	Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro	2000
86	Pastre, CM.	Associações entre lesões desportivas e fatores causais na elite mundial do atletismo	2005
87	Oliveira Filho, CW.	Perfil Antropométrico e Desempenho Atlético de Jovens com Deficiência Visual Participantes do Atletismo nos 1º Jogos Escolares da CBDC	2006
88	Prudêncio, N.	Salto Triplo: O Sistema de Preparação do Desportista: da Detecção à Promoção do Talento	2006
89	Santos, AP.	Imaginário radical: trajetória esportiva de corredores de longa distância	2008
90	Ribeiro, LF.	Máximo déficit acumulado de oxigênio em corridas livre e resistida em pista	2013
91	Tartaruga, MP.	Relação da economia de corrida e da eficiência mecânica no desempenho de corredores de rendimento utilizando modelos alométricos	2013
92	Andrade, RM	Corridas de alta velocidade e curta duração - uma abordagem biomecânica para o entendimento dos fatores determinantes de desempenho	2015
93	Gemente, FRM.	Atletismo na educação física escolar: a elaboração colaborativa do software Atletic	2015
94	Salgado, JVV.	Análise do perfil de corredores de rua	2016
95	Silva, EVM.	Ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo: contribuições de um curso de extensão a distância para professores de Educação Física	2016
96	Ginciene, G.	A História do Esporte, os valores e as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino do atletismo	2016

FONTE: autor (2016).

O Quadro 5 apresenta as principais categorias abordadas nos trabalhos selecionados para este estudo, a numeração está de acordo com os Quadros 2, 3 e 4.

QUADRO 5 – PRINCIPAIS CATEGORIAS ABORDADAS

(continua)

Categorias	Estudos	Total
Ensino aprendizagem	2, 8, 13, 27, 28, 29, 35, 44, 52, 53, 58, 68, 69, 71, 80, 82, 93, 96	18
Biomecânica	3, 6, 14, 40, 54, 59, 66, 67, 78, 79, 91, 92	12
Aspectos fisiológicos	5, 10, 11, 33, 38, 39, 43, 65, 90	9

Preparação física	18, 23, 32, 36, 37, 41, 42, 60, 61	9
Paradesporto	31, 45, 49, 50, 55, 72, 73, 74, 87	9
Perfil do praticante	1, 17, 22, 46, 56, 94	6
Lesões esportivas	12, 19, 24, 30, 86	5
Tática e técnica	25, 47, 64, 75, 76	5
Saúde	4, 51, 62, 63	4
Aspectos motivacionais	20, 34, 48	3
Talento	83, 84, 88	3
Aspectos sociais	9, 26	2
Aspectos nutricionais	21, 77	2
Gestão	81, 85	2
Análise de desempenho	16	1
Disciplina Atletismo no curso de Educação Física	15	1
Genética	70	1
História e Cultura	95	1
Marketing esportivo, patrocínio	7	1
Políticas Públicas	57	1
Trajetória esportiva	89	1

FONTE: autor (2016).

Conforme mencionado no início deste tópico, as categorias foram criadas após a coleta e leitura dos trabalhos. Algumas categorias estão presentes tanto para os artigos, quanto nas dissertações e teses. Assim, algumas destas categorias e seus respectivos assuntos já foram detalhados – quando apresentadas as principais categorias dos artigos publicados. No Quadro 5, é possível notar outras categorias não existentes na análise dos artigos, tais como: políticas públicas, marketing, história e cultura, trajetória esportiva, genética.

Assim como ocorreu na análise dos artigos acadêmicos, a categoria Ensino-aprendizagem foi dominante como assunto principal entre dissertações e teses, com 18 (18.75%) dos 96 trabalhos tratando esta categoria. Autores como Ginciene (2012; 2016); Faganello (2008); Salgado (2016); Guimarães (2013); Silva (2014); Carvalho (2013) e Trindade (2007); utilizam as diferentes tecnologias de informação, comunicação (vídeos, filmagens, imagens, software) e diferentes jogos (jogos de mesa, vídeo game) para auxiliar na formação de professores e treinadores que

atuam no ensino-aprendizagem do atletismo, bem como revelar os benefícios destas novas metodologias no ensino deste esporte.

Os estudos apresentam boas possibilidades inovadoras, que podem ser desenvolvidas com a iniciação esportiva, por exemplo, no ensino de diferentes provas e conteúdos do atletismo. Silva (2007), desenvolve um estudo sobre habilidade motora de arremessar por cima do ombro, utilizada em provas como arremesso do peso, lançamentos da pelota e dardo. Freitas (2009) desenvolve o processo histórico da modalidade salto com vara – frequentemente não trabalhada na iniciação, ou até mesmo na universidade – e, a partir disso, uma possibilidade de ser trabalha na escola. Ginciene (2012) utiliza a prova de 100 metros rasos como uma possibilidade de, também, ser ensinada por meio de uma abordagem tecnológica. Santos (2015) utiliza a prova de 1000 metros para discutir diferentes estratégias de corrida – utilizadas na iniciação esportiva. O atletismo, por meio de provas específicas, também é objeto de estudo para a aprendizagem de diferentes conteúdos da disciplina de física (ROJAS, 2014; SANTOS, 2016). Em uma abordagem mais específica sobre a pedagogia do esporte, com foco no atletismo encontram-se os estudos de Nascimento (2000), Di Mario (1995) e Rosa (2016). Destaca-se, também, a escola e/ou a educação física escolar, como tema central em vários estudos (BRAGA, 1990; FAGANELLO, 2008; FREITAS, 2009; CARVALHO, 2013; FERREIRA, 2014; GEMENTE, 2015; ROSA 2016).

Outros autores desenvolvem seus estudos de ensino-aprendizagem, mas em uma perspectiva relacionada com os valores que este esporte pode proporcionar ao praticante, os benefícios da prática esportiva para o dia a dia do praticante (ROSA, 2016; SANTOS, 2016).

A categoria Biomecânica foi a segunda com maior número de estudos (12.5%) e refere-se a pesquisas que envolvem diversos parâmetros biomecânicos, obviamente atrelados ao atletismo. Andrade (2015), por exemplo, buscou verificar – por meio de um programa de saltos – a contribuição deste programa nos movimentos técnicos utilizados nas corridas de velocidade. O estudo de Rodrigues (2014), buscou analisar os movimentos de atletas em todos os passos e fases (aceleração, manutenção e desaceleração) da prova de 100 metros rasos, permitindo identificar padrões de movimento e assimetrias entre os membros com a finalidade de melhorar o desempenho.

Similarmente, existem os estudos de Santos (2012), envolvendo as provas de corrida de velocidade, meio fundo e fundo; Prudêncio (2015), porém, na prova de salto triplo, a partir da análise de variáveis cinemáticas dos três saltos (*hop, step, jump*); e de Rocha Junior (1993), na prova de salto em distância. Tartaruga (2012) verificou a eficiência da corrida para corredores recreacionistas e de alto rendimento, em prova de meio fundo. Borba (2016) e Pedralli (2001), analisaram as contribuições da saída baixa – praticada nas provas de velocidade do atletismo – mas na natação.

Quanto a categoria Aspectos fisiológicos, identificou-se 9 (9.37%) pesquisas que abordavam tal tema, pois os autores, através dos objetivos, tratavam de questões voltadas para consumo máximo de oxigênio, capacidade cardiorrespiratória, limiar de lactato, capacidade anaeróbia, frequência cardíaca, composição corporal, entre outros fatores que caracterizam os estudos fisiológicos. Autores como Andrade (2011), Melo (2011), Vist (2012), Ribeiro (2013) e Carvalho (2016) trataram, por meio de diferentes instrumentos, protocolos de alguns destes parâmetros no desempenho de corredores, amadores e profissionais, de provas de meio fundo e fundo.

A categoria Preparação Física também possui 9 estudos tratando desta temática, isto é, autores estavam preocupados com indicadores que analisam e contribuem na performance esportiva de atletas de diferentes provas e níveis: corredores de alto rendimento de meio fundo e fundo (BARROS, 2004; D'ANGELO, 2008; LOURENÇO, 2009; CARMO, 2010); atletas de alto rendimento de provas de velocidade (RODRIGUES, 2003); aspectos maturacionais e de desenvolvimento motor de jovens atletas, praticantes de diferentes provas do atletismo (LÁZARI, 2011; LEME, 2011; FREITAS, 2015).

Também, são 9 os estudos envolvendo o atletismo paralímpico, cuja temática não é tratada nesta tese. Mas, os estudos identificados, focam a partir de testes físicos e psicológicos, no desempenho e na preparação física deste esporte; no gasto energético e qualidade de vida de atletas paralímpicos; no desenvolvimento de carreira; na análise do movimento da marcha; na inclusão de pessoas com necessidades especiais na educação física escolar, até em um estudo da área da engenharia, que faz recomendações para a construção de cadeiras apropriadas aos paratletas de arremessadores de peso.

A categoria Perfil do praticante – com seis estudos – busca caracterizar, de alguma forma, os praticantes de alguma prova ou categoria do atletismo. O estudo de Figueiredo (2012), revela características físicas de corredores jovens e adultos, das provas de 100 e 400 metros rasos. Salgado (2016) revela características referentes ao treinamento, saúde, lesões e prevalência do consumo de suplementos alimentares de atletas amadores de corridas de rua. Castro (2014), além de um perfil físico, apresenta um perfil psicológico de jovens atletas. Os estudos de Araújo (1989) e Brandt (2002), revelam, o biotipo (mesomorfo, ectomorfo e endomorfo) dos atletas de diferentes provas e categorias do atletismo.

Com relação à categoria Lesões esportivas, os estudos tratam – especificamente – da incidência de lesões musculares em atletas de seleção brasileira (NETTO JUNIOR, 2000); das lesões ortopédicas (LAURINO, 2005); de causas das diversas lesões em atletas de alto rendimento de vários países (PASTRE, 2005); e de lesões mais comum em jovens atletas federados (SIMONI, 2008).

Cinco estudos abordam questões referentes à tática e técnica do esporte. Alguns autores desenvolvem estratégias em determinadas provas, por exemplo, nas usadas na marcha atlética (ALVES, 2016); na corrida de 75 metros (LOPES, 2016); na prova de 1000 metros praticada por jovens atletas (SANTOS, 2015); provas de fundo (PACHECO, 2012); e características técnicas das provas de salto triplo (MOURA, 2006) e marcha atlética (ALVES, 2016), ambas, envolvendo – principalmente – atletas que visam alto rendimento.

A categoria Saúde diz respeito aos estudos que tratavam da contribuição do esporte na qualidade de vida dos sujeitos investigados, na promoção da saúde (FERREIRA, 1993; OPPA, 2013; SANTOS, 2015), na reabilitação ou, por fim, na melhora de alguma função corporal (SILVEIRA, 2015). Os motivos de prática estiveram presentes como tema central em 3 estudos. Silva (2013) busca identificar a motivação de treinamento e competição para diferentes atletas do atletismo de velocistas, a ultramaratonistas. Silva (2009) revela os motivos pelos quais atletas idosos praticam o atletismo e, Santos (2004), apresenta a importância da motivação e, também, aborda aspectos comportamentais para que os atletas consigam suportar as dificuldades e fazer sacrifícios para se manterem como atletas de alto rendimento.

O tema Talento esportivo destaca-se em 3 trabalhos, sendo estes, classificados como teses. Vieira (1999) apresenta os motivos pelos quais os jovens talentos de atletismo do estado do Paraná abandonam este esporte. Em um estudo similar, (VIEIRA, 1999) apresenta como estes jovens talentos são inseridos e se desenvolvem no atletismo. Prudêncio (2006), destaca como os atletas talentosos, de salto triplo, são detectados, selecionados e estimulados nesta prova a serem atletas profissionais.

O contexto social no qual o atleta de atletismo está inserido é abordado como problemática em dois estudos. Kovalski (1996) salienta que a origem humilde do atleta, atrelada a falta de incentivo financeiro, são fatores fundamentais para os atletas desistirem do treinamento de atletismo para buscarem empregos que ajudem, por exemplo, seus familiares. Nesse sentido, também encontra-se o estudo de Miranda (2007), no qual o autor reforça o caráter amador presente na maioria das instituições de atletismo do país. A categoria de Aspectos Nutricionais está relacionada à alimentação dos atletas, suplementação, tipos de dieta para evitar, ou diminuir problemas de saúde (PEREIRA, 2008).

Dois trabalhos foram relacionados com a categoria designada Gestão, sendo que um trabalho investiga os processos de uma federação estadual brasileira de atletismo, mais precisamente, a transformação da federação até atingir o modelo atual, de caráter capitalista (PILATTI, 2000). Já o outro, busca verificar se a adoção de algumas medidas de práticas de governança – nesse caso para o atletismo – contribui no combate à corrupção no esporte (BRITO, 2015).

E, por último, as categorias: Genética (SILVA, 2016); História e Cultura (SILVA, 216); Marketing esportivo e formas de patrocínio dos atletas de alto rendimento do atletismo (GODOY, 1994); Disciplina de atletismo no curso de Educação Física (SILVA, 2002); Análise de resultados e desempenho dos atletas brasileiros em diferentes provas do atletismo, entre os de 1920 e 2001 (SILVA, 2002); Trajetória esportiva de corredores de longa distância e Política Pública educacional (FERREIRA, 2014); com 1 estudo cada uma delas.

É importante destacar que, alguns dos trabalhos apresentados nos quadros acima foram produzidos por pessoas reconhecidas no atletismo nacional, por exemplo: Nélio Moura desenvolve sua dissertação a partir de características técnicas e táticas fundamentais para a prova do salto triplo (MOURA, 2006). Tal autor, atualmente, é um dos principais técnicos do país e do mundo – nas provas de

saltos horizontais e barreiras, sendo campeão olímpico com a atleta Maureen Maggi e com o atleta panamenho Irving Saladino, ambos, campeões na prova de salto em distância em Pequim, 2008.

Outro treinador de renome nacional, trata-se de Ricardo D'Angelo, o qual desenvolveu sua dissertação utilizando, como amostra, diversos atletas fundistas de alto rendimento (D'ANGELO, 2008). Um dos atletas deste autor, foi Vanderlei Cordeiro de Lima, medalhista olímpico na maratona em Atenas. Nesse sentido, também existe o trabalho do ex-atleta olímpico Clodoaldo Lopes do Carmo, o qual – atualmente – também é treinador de atletas reconhecidos nacionalmente e sua dissertação está relacionada ao desempenho de corredores de elite de meio fundo e fundo (CARMO, 2010).

Outro autor reconhecido no atletismo brasileiro trata-se de Nelson Prudêncio, medalhista de prata na prova de salto triplo nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, e bronze na mesma prova em Munique, em 1972. O autor estudou a preparação, o desenvolvimento do atleta, as etapas de detecção e promoção do talento, a partir de uma visão sob a prova do salto triplo (PRUDÊNCIO, 2006). Por fim, o treinador Jayme Netto, reconhecido como um dos principais responsáveis pelo excelente desempenho do Brasil em provas do revezamento 4x100 masculino, por exemplo, na conquista das medalhas olímpicas de prata (Sidney, 2000) e bronze (Atlanta 1996). O treinador desenvolveu sua dissertação sobre as lesões esportivas dos atletas da seleção brasileira, participantes dos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996 (NETTO JUNIOR, 2000).

Outra questão possível de identificar é que, somente alguns autores de dissertações ou teses (FERREIRA, 1993; VIEIRA, 1999; VIEIRA, 1999; PASTRE, 2003; MOURA, 2006; SILVA, 2002; GINCIENE, 2012; FREITAS, 2015), transformaram seus trabalhos em artigos acadêmicos. Pode-se dizer que é uma quantia muito baixa de autores, levando em consideração que foram identificados, por exemplo, 76 dissertações e 14 teses. Também, foi possível notar, autores como Pastre (2003; 2005); Ginciene (2012, 2016); Silva (2002; 2016); e Santos (2004; 2008) mantiveram o atletismo como objeto de estudo tanto na dissertação, quanto na tese.

Ao detalhar os assuntos publicados sobre o atletismo, torna-se possível melhor discutir os dados desta tese com a literatura especializada, bem como afirmar as possíveis lacunas sobre esta modalidade. As temáticas (estrutura física,

perspectiva de treinadores, gestores e atletas) que serão apresentadas nesta tese, não foram – ou foram pouco – identificadas neste levantamento de dissertações e teses (no período de 1989 e 2016).

Com relação aos tipos de pesquisa e a metodologia utilizada nos estudos, utilizaram-se mais pesquisas do tipo quantitativa com 70 (72.91%) estudos encontrados, do tipo qualitativo foi encontrado 26 (27.09%) estudos. Por exemplo, estudos das categorias Biomecânica; Aspectos fisiológicos; Preparação física; Nutrição; Tática e técnica; são todos de caráter quantitativo. Por outro lado, estudos sobre assuntos como Gestão; Aspectos motivacionais e sociais; Políticas públicas; História; e Trajetória esportiva; são de caráter qualitativo. Destaca-se a categoria Ensino-aprendizagem – que mais possui estudos entre todas as categorias – sendo composta por estudos com maioria de caráter qualitativo (94.4%).

Em termos de considerações finais, existe a necessidade – no caso dos artigos científicos – de aprofundar esse estudo com outras bases de dados, bem como acrescentar os estudos que contenham, no seu título, palavras relacionadas as diversas provas do atletismo. A necessidade de aprofundamento se dá, pois pode ser possível encontrar outros assuntos abordados.

Foi identificado maior número de dissertações (82 trabalhos) quando comparado ao de teses (12 trabalhos). Todos os trabalhos utilizados para este tópico são, predominantemente, de caráter quantitativo – em comparação com os qualitativos. Foi possível apontar os assuntos mais e menos abordados com relação ao esporte em questão.

Os principais assuntos discutidos nas teses e dissertações são Ensino-aprendizagem, Aspectos fisiológicos e, Biomecânica. Destaca-se, na análise sobre Ensino-aprendizagem, que são crescentes os estudos que abordam novas estratégias para o ensino do atletismo, por exemplo, nas escolas, com novas brincadeiras e atividades que sejam mais lúdicas e criativas – que chamem a atenção dos alunos, ao invés da aprendizagem tradicional que visa o ensino através de exercícios repetitivos e movimentos técnicos, para que dessa forma tenha um maior número de professores motivados a contribuírem com o ensino dessa modalidade esportiva.

Por outro lado, assuntos como Seleção e detecção de talentos (1.02% do total de trabalhos), Gestão (1.02%) e Atletismo, enquanto disciplina acadêmica (0,51%), foram minimamente abordados. Certamente, nessa perspectiva, os

mesmos não dão conta de responder algumas perguntas, tais como: como está o desenvolvimento do atletismo como um todo no país? Como os jovens atletas deste esporte são selecionados? Como o atletismo é tratado enquanto disciplina acadêmica? Qual a opinião dos treinadores brasileiros sobre o processo de formação de atletas? Como os treinadores desta modalidade são formados, ou capacitados? Quais as principais dificuldades e barreiras atuais que os atletas enfrentam para atingir o alto rendimento? Onde se localizam as principais entidades de formação e do alto rendimento deste esporte?

Ainda, destaca-se, a categoria Ensino-aprendizagem, sendo a que mais possui estudos, tanto na análise por artigo, quanto por dissertações e teses. Nesse sentido, apesar de ser um assunto tão estudado em detrimento de outras categorias, com vários estudos os quais revelam, por exemplo, a importância do atletismo dentro da escola, questiona-se: como está a relação do atletismo com o ambiente educacional? Será que esta literatura tem contribuído para reforçar a importância da participação esportiva, ou da seleção de atletas desta modalidade no Brasil?

Pode-se concluir, de uma maneira geral, que os achados nesse tópico são relevantes para o campo acadêmico, especificamente para o contexto do atletismo. Ao detalhar os assuntos publicados sobre o atletismo, torna-se possível melhor discutir os dados desta tese com a literatura especializada, ou seja, tais estudos serão utilizados no debate do atletismo nacional.

Além disso, como principal legado aponta-se então, a partir dos assuntos identificados, algumas lacunas na produção de estudos sobre o atletismo. Por exemplo, os treinadores, ex-atletas, gestão da confederação, os espaços físicos para prática, investimento em atletas; foram temas não abordados de forma central nos estudos do atletismo, ou seja, são pouco discutidos academicamente com relação ao esporte pesquisado. Nesse sentido, o presente tópico revela que, estes assuntos e questões levantadas acima, ajudam a justificar a importância da realização desta tese.

2.2 PESQUISAS RELACIONADAS COM O OBJETO DE ESTUDO: GESTÃO, TREINADORES, ATLETAS E PÓS-CARREIRA.

Apresenta-se, neste tópico, estudos envolvendo o atletismo internacional, o desenvolvimento do esporte em diferentes nações e de outras modalidades. Esses tratam dos fatores de desenvolvimento do esporte de alto rendimento nacional e internacional – que possuem relação com as temáticas abordadas e discutidas na presente tese.

O estudo de Mazzei (2016), buscou identificar os fatores que influenciam o sucesso do judô brasileiro e ao nível internacional. Para isso, o autor utilizou entrevistas com diversos agentes (treinadores, técnicos, gestores) e, também, uma análise quantitativa de diversos dados, relacionados ao judô nacional e internacional.

Em síntese, o autor concluiu que o desenvolvimento e o sucesso desta modalidade dependem da existência de fatores organizacionais interligados (exemplo: formação de atletas, treinadores qualificados, financiamento, competições) bem estruturados, do ambiente esportivo característico do judô, assim como do cultural e social – existentes em cada país. Silva Filho (2014), também num estudo envolvendo a modalidade de judô, verificou aspectos estruturais de entidades esportivas desta modalidade do estado de São Paulo e a qualidade dos programas de desenvolvimento de atletas de alto rendimento. Para isso, o autor entrevistou 9 técnicos, os quais apontaram que não existe uma interação eficiente entre as entidades de judô e as que organizam o esporte no Brasil. Além disso, também não há um sistema nacional de identificação e desenvolvimento de talentos do judô brasileiro.

Meira, Bastos e Bohme (2015), analisaram a estrutura de organização para o desenvolvimento da natação de alto rendimento no estado de São Paulo. A partir de entrevistas com 11 técnicos de alto rendimento deste estado e com 2 gestores da Federação Aquática Paulista, as autoras verificaram que os clubes e outras entidades de prática esportiva são os responsáveis, de maneira autônoma, tanto pela formação esportiva, quanto pelo esporte de alto de rendimento. Sendo assim, tais entidades não seguem orientações de entidades nacionais, como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Ministério do Esporte, ou a própria Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. Também, num estudo mais geral sobre a

estrutura do esporte nacional, os mesmos autores reforçam a necessidade de interação entre os fatores identificados que podem aumentar as chances de obtenção de sucesso esportivo, são eles: sistema de mídia em massa, sistema educacional, governança, ciência, forças armadas, instalações esportivas, assim como o sistema de identificação e desenvolvimento de talentos, (MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012).

Recentemente, vários estudos – de âmbito nacional – foram realizados com o objetivo principal de investigar diversos fatores de desenvolvimento do esporte, entre eles: os processos de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em modalidades específicas, como no judô (SILVA FILHO *et al.*, 2016); no atletismo (GREEN; HOULIHAN, 2006; DIGEL, 2011a; FIN, 2012; TRUYENS *et al.*, 2014; HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014; HUXLEI; O'CONNOR; BENNIE, 2017); no tênis (BROUWERS; SOTIRIADOU; DE BOSSCHER, 2015); na ginástica rítmica (LANARO FILHO; BOHME, 2001); na canoagem velocidade (SOTIRIADOU; GOWTHORP; DE BOSSCHER, 2014); e na natação (MADELLA; BAYLE; TOME, 2005; SILVA FILHO *et al.*, 2016).

O estudo de Hollings; Mallett; Hume (2014), por meio de entrevistas semiestruturadas com 11 atletas da Nova Zelândia, finalistas de campeonato mundial junior de atletismo, procurou estabelecer os motivos pelos quais alguns atletas juniores com rendimento esportivo fizeram a transição para se tornarem atletas adultos de sucesso internacional (alto rendimento), enquanto outros de talento comparável, não atingiram o alto rendimento no atletismo. Assim, os autores destacaram os principais fatores que fizeram com que 5, dos 11 atletas investigados, progredissem na carreira (final olímpica, ou medalhista em campeonato nacional e mundial), a saber: tinham um compromisso significativo no treinamento e um objetivo claramente definido e realista; o sucesso internacional inicial dos cinco atletas, foi alcançado somente na categoria adulto; tinham forte identidade e muita força de vontade para continuar no esporte. Os atletas que não passaram a ser de nível internacional, foram caracterizados como tendo: demandas sociais concorrentes com o esporte (exemplo: família, emprego); foco na vida acadêmica e busca por outra carreira; e falta de progressão e suporte na carreira.

O estudo de Huxlei, O'Connor e Bennei, (2017), a partir de entrevistas semiestruturadas com 14 atletas australianos, juniores do atletismo que transitaram para o alto rendimento (categoria adulto), e baseado no Modelo de Desenvolvimento

de Participação Esportiva – investigou fatores que sustentaram o desenvolvimento do rendimento esportivo destes atletas e fizeram com que eles chegassem na elite esportiva (alto rendimento). Os principais achados deste estudo foram: até, por volta dos 16 anos, os atletas praticavam vários esportes, juntamente com o atletismo; foram considerados como especialistas tardios; não participaram quando jovens, dos principais eventos adultos; e não estavam prontos (física e psicologicamente) para treinamentos intensivos especializados até os 16 anos, no mínimo. Ainda, os atletas revelaram boas experiências das competições internacionais de juniores; apoio de pais, colegas e treinadores para um estágio de desenvolvimento adequado.

O estudo de Nunomura e Oliveira (2012), sobre a modalidade de ginástica artística no Brasil, discute o sistema de seleção permanente (modelo soviético), desta modalidade que acontecia em Curitiba, a partir da opinião de 34 técnicos que desenvolviam na ocasião a modalidade em 29 instituições. Com as entrevistas, os autores apontaram que, como aspecto positivo, a infraestrutura disponível para as ginastas. Já como aspecto negativo: o rigor do treinamento, a polarização e monopólio de atletas, o que sugere que não houve uma adaptação do modelo soviético às características deste esporte, conforme a realidade brasileira.

Ainda nessa perspectiva, o estudo de Pereira *et al.,* (2013), com diferentes agentes da ginástica artística de Portugal, buscou aprofundar os conhecimentos sobre os treinadores e sobre o desenvolvimento desta modalidade em Portugal. Apesar do país possuir resultados razoáveis no contexto mundial, os treinadores entendem que os principais desafios da ginástica em Portugal reportam-se às infraestruturas, aos equipamentos esportivos, à necessidade de maiores apoios instituições, de um reforço financeiro, de uma melhor divulgação da modalidade – de forma a aumentar a participação esportiva. Ainda sobre a modalidade de ginástica artística, o estudo de Schiavon *et al.,* (2013), a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, estabeleceu reflexões acerca do desenvolvimento desta modalidade no Brasil e revelou um processo ainda imaturo de desenvolvimento no país, ao contrário do que – muitas vezes – é posto pela mídia, de que este esporte avança de forma estruturada.

Os estudos de Green e Houlihan (2005, 2006) apontam diversas características do atletismo – principalmente – no Canadá e na Austrália. Por exemplo: o funcionamento do subsídio financeiro direto para atletas, se é suficiente,

ou não; a participação em competições nacionais e internacionais; o calendário esportivo nacional; o interesse de técnicos almejarem o alto rendimento; o apoio ao trabalho do treinador; e a relação entre os clubes de atletismo e entidades organizadoras deste esporte. No estudo de Camargo (2016), sobre o financiamento da modalidade de Handebol no Brasil, ao tratar de algumas medidas para o incentivo ao esporte, como o programa Bolsa-Atleta e a Lei Agnelo/Piva, o autor concluiu que tais políticas de esporte priorizaram financiar o esporte de alto nível, não fomentando assim as categorias de base, privando o desenvolvimento da modalidade.

Godoy (2013), investiga no seu estudo, as relações existentes entre o Governo Federal e outros segmentos representativos do esporte brasileiro na tentativa de viabilizar a criação do Sistema Nacional de Esporte no Brasil, a partir de um enfoque acadêmico, jurídico e político. A autora aponta, a partir de documentos legais, as inúmeras aproximações e diferenças entre os termos sistema e estrutura, os quais foram e ainda são usados – muitas vezes – com indefinição, ou como sinônimos para explicar o desenvolvimento esportivo no Brasil. Assim, ela utiliza a terminologia sistema enquanto modelo de gestão, o qual engloba os níveis do governo nacional (federal, estadual e municipal). Sendo que a maneira das possíveis intersecções e as estruturas esportivas destes níveis, podem compor uma estrutura organizacional do esporte e, deste modo, isso ajudaria a esclarecer a forma, o funcionamento ou a organização do sistema esportivo no Brasil. O estudo mencionado no começo deste tópico – das autoras Meira, Bastos e Bohme (2015) – descreve, a partir de alguns fatores de desenvolvimento do esporte, o sistema esportivo voltado para o desenvolvimento da natação de alto rendimento no estado de São Paulo.

Existem autores que englobam em suas pesquisas o sistema nacional esportivo de vários países e identificam os principais fatores de organização esportiva deles e, assim, fazem comparações, com a finalidade de revelar as similaridades e as diferenças entre os mesmos (GREEN; OAKLEY, 2001; DIGEL, 2002; FERREIRA, 2007; HOULIHAN; GREEN, 2008; DE BOSSCHER *et al.*, 2009; VAEYENS *et al.*, 2008). Green e Oakley (2001), em um estudo realizado em seis países (Ucrânia, França, Espanha, Canadá, Estados Unidos e Austrália), identificaram a existência de fatores em comum, os quais sugerem a existência de um sistema homogêneo entre esses países, de um modelo uniforme de

desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Os autores sugerem que a competição global também está presente no esporte e faz com que grandes nações invistam cada vez mais no mesmo, gerando um equilíbrio entre grandes nações.

Com relação as similaridades, Green e Oakley (2001) identificaram os seguintes pontos: a comunicação eficaz entre diferentes programas e órgãos envolvidos no sistema, o que facilita o planejamento, a administração e financiamento esportivo; a identificação e acompanhamento do progresso de atletas talentosos e de rendimento; os serviços de apoio aos treinadores e atletas de qualidade e efetividade na comunicação entre todos os agentes de uma equipe esportiva; a infraestrutura física bem desenvolvida e específica para o esporte de alto rendimento; o planejamento e centralização de recursos, em esportes que têm uma chance real de sucesso internacional; e a preocupação com a transição de carreira. Com relação as diversidades apontadas pelos autores, seriam, por exemplo, na intervenção mínima do governo no sistema dos Estados Unidos, por outro lado, o esporte como serviço público na França.

Digel (2002), num estudo envolvendo oito países (Austrália, China, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Rússia e Estados Unidos) também identificou fatores importantes de organização e desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Além dos temas já citados acima (instalações esportivas; comissão técnica; sistema de apoio; estrutura financeira, identificação de talentos; esportes prioritários; intervenção do estado), o autor aponta outros fatores, tais como: pré-condições ideológicas; tradição olímpica; competições; ambiente de treinamento; sistemas de recompensa; controle antidoping; e tendências atuais.

A globalização, a questão econômica, a comercialização do esporte e a forma de governar, também são fatores que influenciam a convergência entre os diferentes modelos de gestão esportiva (DIGEL, 2002; GREEN; HOULIHAN, 2004; HOULIHAN; GREEN, 2008; DE BOSSCHER *et al.*, 2010).

No estudo de, De Bosscher *et al.*, (2009), juntamente com a organização internacional SPLISS *(Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success),* apresentam um modelo teórico composto por nove pilares que determinam o sucesso esportivo internacional, a saber:

1) suporte financeiro: os patrocinadores, parcerias, formas de incentivo as entidades, atletas e treinadores, o volume e controle do financiamento, a divulgação das receitas e despesas;

2) organização e estrutura de políticas públicas para o esporte: ações a curto, médio e longo prazos, os funcionários, os departamentos, as funções da confederação, os canais de divulgação das ações;

3) participação e esporte de base: a quantidade, a relação com a escola e outras entidades, os programas de fomento;

4) identificação de talentos e sistema de desenvolvimento: as formas de acompanhamento e seleção, se existe um plano de desenvolvimento para diferentes categorias;

5) suporte para atletas e pós-carreira: se recebem apoio individualizado: técnico, médico e financeiro, os *campings*, política para o caminho do atleta, se existe um programa de pós-carreira;

6) instalações esportivas: os recursos físicos, as instalações, os centros de treinamento;

7) desenvolvimento e suporte para técnicos: qualificação, níves de formação, promoção de cursos;

8) competições nacionais e internacionais: locais, regionais, nacionais e internacionais, a frequência e o nível das competições, os critérios de participação;

9) pesquisa científica: se existe um centro de pesquisa, se existem parcerias científicas e estudos práticos da modalidade.

Assim, cada um destes pilares possui diversos fatores, sendo o suporte financeiro um pilar de entrada para os demais, pois os autores afirmam que as nações que investem mais em esporte de alto rendimento podem criar melhores opções para os atletas treinarem. Os autores (DE BOSSCHER *et al.*, 2009) salientam que os pilares, do modelo SPLISS, podem contribuir para uma análise quantitativa e qualitativa de um determinado sistema esportivo. Além disso, este modelo precisa ser entendido a partir de três diferentes níveis: nível macro, onde situa-se o contexto social e cultural em que as pessoas vivem, envolvendo aspectos econômicos, bem-estar, população, geografia, variações climáticas, grau de urbanização, sistema político e sistema cultural; o nível meso, que engloba as políticas de esporte que poderão influenciar o desempenho a longo prazo, e o nível micro, que seria o indivíduo atleta e seu ambiente próximo propriamente ditos.

Especificamente sobre o atletismo, identificou-se um estudo internacional que possui relação com a presente tese. Truyens *et al.,* (2014) conduziram um estudo baseado no modelo SPLISS supracitado, com a finalidade de identificar fatores

organizacionais que podem levar a obter vantagens no desenvolvimento do esporte de alto rendimento internacional. Os autores identificaram, a partir de entrevistas com técnicos e gestores do alto rendimento deste esporte de vários países, que cada nação desenvolve um modelo próprio para o atletismo de alto rendimento e isso também é altamente influenciado pelo suporte financeiro (entrada) e pela cultura do país. Além, disso, como acontece no Brasil, os autores destacam que muitos países dependem de agências governamentais para o desenvolvimento deste esporte. Dentro deste modelo, os seguintes fatores de desenvolvimento são apontados como fundamentais: 1) apoio financeiro para as entidades; 2) incentivo financeiro para os atletas; 3) gestão e organização das políticas esportivas; 4) participação esportiva; 5) identificação e desenvolvimento do talento; 6) suporte para a carreira do atleta; 7) formação e qualificação do treinador; 8) estruturas de treinamento; 9) organização de competições; 10) apoio da ciência; e 11) a cultura da modalidade.

Greco e Benda (1998) apresentam um Sistema de Formação de Treinamento Esportivo (SFTE), o qual é pensado a partir de um entendimento pedagógico e filosófico do esporte, de um processo de longo prazo integrado, levando em consideração as diferentes manifestações esportivas, por exemplo, da escola, ao alto rendimento.

Nesse sentido, segundo os autores (GRECO; BENDA, 1998), um sistema esportivo deve sempre buscar responder algumas questões, tais como: porque e para que serve? Como será desenvolvido? Quem está envolvido? Quando e onde será desenvolvido? O que já existe? Os autores buscam – pedagogicamente – responder tais perguntas, o que sugere que o STFE pode auxiliar o desenvolvimento de diferentes modalidades e contextos esportivos. Deste modo, estes questionamentos nortearam diversos assuntos e subsidiaram a elaboração dos estudos da presente tese. Assim, a presente tese procura responder algumas perguntas, tais como: onde o atletismo é desenvolvido (base e alto rendimento) no país? O que tem sido feito para melhorar a formação dos atletas e dos técnicos? Como está o processo de seleção de atletas? Para que servem determinadas ações que estão sendo desenvolvidas pelos responsáveis do atletismo brasileiro?

Sendo assim, estudos apresentados neste tópico, podem contribuir na discussão e descrição da situação do sistema esportivo nacional de alto rendimento em uma determinada modalidade. A presente tese possui foco na identificação e

análise da qualidade de algumas questões ou fatores apontados acima, voltados especificamente para o atletismo brasileiro. Por fim, alguns destes estudos, ajudaram a nortear com mais precisão a construção dos estudos desta tese, isto é, com base na literatura, o que deve ser explorado na investigação de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas – agentes inseridos no alto rendimento esportivo.

2.3 A SOCIOLOGIA DO ESPORTE USADA NA DEFINIÇÃO DOS AGENTES DESTA TESE E NAS POSSÍVEIS RELAÇÕES DE PODER E DISPUTAS ENTRE ELES.

Optou-se por apresentar em um tópico específico, conceitos sociológicos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, para assim, o leitor entender com mais clareza a existência de potenciais agentes que, no caso desta tese, foram escolhidos para compor o desenvolvimento da modalidade de atletismo no Brasil. Além disso, compreender que alguns achados deste estudo (apresentados nos demais capítulos) podem ser decorrentes de possíveis influências de determinados agentes inseridos em um espaço esportivo.

A construção de uma sociologia específica no esporte é – relativamente – recente, pode-se dizer que se consolida a partir da década de 70, com alguns clássicos: Guttman (1978), Huizinga, (1980), Bourdieu (1983), Elias e Dunning (1992). Assim, a sociologia do esporte pode adotar uma perspectiva para se abordar o esporte moderno como fenômeno social, que no caso deste estudo pode se refletir no esporte competitivo, da racionalização, do *record*. Vale destacar que existem estudos no Brasil, os quais tratam de diferentes aspectos relacionados ao esporte por meio de uma abordagem sociológica, como no esporte profissional, no futebol (RODRIGUES, 2003) e no vôlei (MARCHI JÚNIOR, 2001); na iniciação esportiva ao futsal e futebol (CAREGNATO *et. al.,* 2016) na gestão e financiamento do esporte (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2010; MEZZADRI; MORAES E SILVA; FIGUERÔA, 2015); nas instituições (MARTINES, 2009); e na mídia esportiva (SILVA, 2015). A partir deste contexto, pode-se desenvolver uma discussão acerca do atletismo moderno no Brasil, na formação de base deste esporte, pois os efeitos dela, imagina-se refletirem no setor profissional do atletismo.

Para facilitar o entendimento de como esse cenário esportivo pode funcionar, foi utilizado o conceito de campo. Para Bourdieu (1983), o campo é um espaço de

diferenciação social, com regras próprias, onde os agentes deste espaço são estratégicos, regulando e influenciando, por exemplo, na divisão social das funções. Bourdieu (1983, p. 123) reforça que os campos, se apresentam como espaços estruturados de posições, cujas propriedades dependem das posições nestes espaços. São espaços de relativa autonomia, que permitem o crescimento e fortalecimento de diversos setores (BOURDIEU, 2004, 1983), neste caso, pode-se exemplificar: o atletismo e seus diferentes fatores de desenvolvimento. Assim, o conceito desse autor chamado de campo, serve para (a partir dele), entender um determinado esporte como um campo esportivo, um espaço da sociedade moderna. Ainda, “para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes” (BOURDIEU, 1990, pág. 208).

É possível observar que para explicar o conceito do campo o autor utiliza um outro conceito denominado de agentes. Bourdieu (1990), destaca que um ponto importante para entender o campo é a definição estrutural dessa prática esportiva, que pode se dar na distribuição de diferentes agentes. Também, Bourdieu (1983, 1990) descreve o campo esportivo como um lugar de disputas entre os agentes, que pode ser dar pela definição legítima da prática esportiva e/ou das funções das atividades esportivas (dominados e dominantes).

A partir disso, resulta outro conceito, chamado de *habitus*, pois para o autor, existem estilos de vida distintivos, que denotam as características, as disposições e as estratégias dos agentes. Como esclarece Martines (2009), o *habitus* é uma espécie de senso prático (esquemas de percepção, pensamento e ação) do que fazer em cada situação. O *habitus*, para Bourdieu (1990), é de uma prática em prol de tentar resolver os problemas (que podem ser imediatos) do campo e que se irá se estabelecer no coletivo. Em síntese, a maneira como os agentes se comportam (*habitus*) determina o funcionamento do campo esportivo, isto é, tais conceitos (campo, agentes e *habitus*) estão interligados.

Nesse sentido e, com base em Bourdieu (1990), torna-se fundamental entender que um objeto de estudo não é mecânico, isolado em somente um conjunto de relações. Pelo contrário, o campo muda (por exemplo: a profissionalização do campo esportivo) a medida que novos agentes e interesses entram no campo esportivo, sendo um espaço de práticas, consumos e forças orientadas, por exemplo, pela oferta e procura – relacionada com determinada prática esportiva. Por isso, dependendo a situação, campos distintos – como o

esportivo e o político – podem se aproximar, estabelecendo então, novos espaços de competição, novos objetivos, novas condutas e demandas resultantes dessa união. Para o autor, o campo político pode ser formado por agentes inseridos em diversas instituições governamentais e detentores de competências específicas (ou o *habitus*) que é exigido nesse contexto.

As ações que acontecem no interior de um campo são reguladas por mecanismos sociais – que na maioria das vezes estão ocultos – e objetivam adquirir certo tipo de capital. Como já citado por Bourdieu (1983), o campo pode ser formado por agentes, mas que são dotados de diferentes capitais. O capital econômico, é representado, por exemplo, pela riqueza material e pelo dinheiro (bens, patrimônios, trabalho). Por outro lado, o capital cultural, compreende o conhecimento, as habilidades, o conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família e pelas instituições escolares. Já o capital social, correspondente ao conjunto de acessos sociais, o relacionamento e a rede de contatos que, por exemplo, um agente dispõem. Também, existe o capital simbólico – que é uma síntese dos demais –, correspondente ao conjunto de rituais de conhecimento social, e que fornece, por exemplo, o prestígio e a honra. Segundo o autor, as formas de capital são conversíveis umas nas outras, assim, o capital econômico pode ser convertido em capital simbólico e vice-versa.

Por último, utilizou-se os conceitos de rede de interdependência e potencial de poder do sociólogo Norbert Elias, com a principal finalidade de que possam ser aplicados na compreensão de determinadas relações ocorridas entre os agentes da pesquisa e, com isso, juntamente com os conceitos definidos acima, é possível ter uma visão diferente de interpretação de alguns dados obtidos desta tese.

Segundo Elias (1994, p. 249), a rede de interdependência[5] “[…] é uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes […]”. Segundo o autor, as pessoas são dependentes entre si, através da aprendizagem social, da educação, das relações e das necessidades recíprocas, socialmente geradas, formando diferentes grupos. Então, é importante “[…] explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns com os outros […]” (ELIAS, 2008, p. 78).

---

[5] A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. (ELIAS, 1994, p. 249).

Essas relações muitas vezes podem desencadear, entre os agentes, um potencial de poder dentro de um determinado espaço, definindo as ações neste espaço. Sobre isso, Elias (2008) esclarece: “Constitui um elemento integral de todas as relações humanas […] é a situação básica que encontramos sempre que os indivíduos entram ou se encontram em relação uns com os outros […]” (ELIAS, 2008, p. 80). O autor complementa que pode existir um equilíbrio na relação de poder[6] entre as pessoas, já que “[...] o poder não é um amuleto que um indivíduo possua e o outro não [...]” (ELIAS, 2008, p. 81).

Assim, utilizou-se desses conceitos sociológicos, mais especificamente no que se refere à teoria do campo, do *habitus*, bem como a ideia de fazer uma análise reflexiva (das relações de poder, das disputas) dos agentes inseridos, portanto, se relacionam em um determinado espaço (estabelecido e distinto). Considerando então que cada esporte possui um campo, e este campo é composto por diversos agentes interdependentes, a intenção com este tópico é apontar (e não detalhar, neste momento) que os gestores do esporte, os treinadores, os atletas, ex-atletas e as diferentes entidades do esporte (Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Brasileiro, Confederação, federações, instituições formadoras e de rendimento esportivo) são considerados para esta tese, como agentes que constituem e mobilizam uma estrutura esportiva, a qual pode possuir uma – relativa – autonomia e variação.

Por fim, pretende-se investigar estes elementos no atletismo brasileiro, visto que o desenvolvimento do esporte depende, diretamente, das variáveis mencionadas. Ainda, no decorrer dos capítulos, será possível identificar as respostas para as seguintes perguntas: como os agentes e/ou as instituições do campo esportivo do atletismo agem e se relacionam entre si sobre determinados fatores (por exemplo: seleção de atletas, no planejamento do trabalho) de desenvolvimento para este esporte? Como acontecem as associações entre determinados agentes? Quais destes agentes possuem maior influência, ou importância acerca das ações de desenvolvimento deste esporte?

---

[6] O senhor tem poder sobre o escravo, mas o escravo também tem poder sobre o seu senhor, na proporção da função que desempenha para o senhor — é a dependência que o senhor tem relativamente a ele. Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre pre- sente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. (ELIAS, 2008, p. 81).

3 ESTUDO NO ATLETISMO BRASILEIRO: ESTRUTURAS FÍSICAS, EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS E OBJETIVOS PARA O ESPORTE

3.1 INTRODUÇÃO

As instalações esportivas auxiliam no desenvolvimento do alto rendimento esportivo, na qual os equipamentos esportivos são componentes (HOULIHAN; GREEN, 2006; MEIRA; BASTOS, 2011; MAZZEI *et al.*, 2012). A insuficiência no fator estrutural, no que se refere a equipamentos esportivos específicos, pode determinar os resultados esportivos. O sucesso de uma determinada modalidade esportiva, em um país, pode se dar a partir do momento que os praticantes se desenvolvam corretamente com estruturas físicas e equipamentos similares aos de competições internacionais (GREEN, 2004; GREEN; HOULIHAN, 2004; HASTIE *et al.*, 2013; AMARAL; BASTOS, 2016). Essas afirmações, utilizadas por este conjunto de autores, nortearam a execução do presente estudo, o qual será desenvolvido a respeito da estrutura física da modalidade de atletismo no Brasil.

No Brasil, Da Costa (2006) buscou realizar o mapeamento de infraestruturas para as práticas de atividades físicas no país, com o objetivo de atualizar um levantamento anterior, intitulado “Inventário da Infraestrutura Desportiva Brasileira”, o qual foi publicado em 2000, pelo então existente Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte – INDESP, órgão do antigo Ministério do Esporte e Turismo. Portanto, mais de 65% do somatório dos municípios brasileiros forneceram informações sobre suas instalações esportivas e, assim, foram computadas 686 pistas de atletismo distribuídas por diferentes estados do Brasil. Porém, trata-se de um levantamento genérico, pois não fornece maiores detalhes sobre as condições destas pistas, por exemplo, se as mesmas possuem iluminação, se são destinadas para o alto rendimento, ou qual o tipo do piso delas. Digel (2011a), aponta que na Ucrânia – país tradicional no atletismo internacional – existiam, em 2011, 6 estádios de atletismo com certificação internacional, uma pista de atletismo oficial em cada uma das 24 regiões do país, além de trilhas de 400 metros e outras instalações de atletismo por diversas cidades.

O estudo de Amaral (2015), aponta a ausência de um decreto ou órgão que defina os conceitos e tipologias das instalações esportivas no Brasil, a fim de serem utilizados para a designação e descrição correta destes espaços. Segundo a autora,

essa definição poderia auxiliar na organização dos levantamentos regionais e nacionais acerca da situação esportiva do país, e também, na padronização dos conceitos usados nas publicações sobre esta temática. Com base em alguns estudos, relacionados com o esporte de rendimento (DIGEL, 2005; DE BOSSCHER *et al.*, 2009), uma nação desenvolvida esportivamente possui uma estrutura física esportiva – nesse caso, pistas e centros de fomentos de atletismo – seriamente definida.

A última edição dos Jogos Olímpicos, sediada no Rio de Janeiro em 2016, fez com que o campo das políticas governamentais e a atenção voltada ao esporte no Brasil tenha sido intensificada. O governo federal brasileiro afirmou, em um dos seus documentos oficiais publicados, que um dos maiores legados que este megaevento esportivo traria para o país, antes mesmo do início das competições, seria a chamada Rede Nacional de Treinamento (RNT), constituída pela lei federal nº 12.395, de março de 2011, exposto no Art. 16 e Art. 17 (BRASIL, 2011a):

> Art. 16. Fica criada a Rede Nacional de Treinamento, vinculada ao Ministério do Esporte, composta por centros de treinamento de alto rendimento, nacionais, regionais ou locais, articulada para o treinamento de modalidades dos programas olímpico e paraolímpico, desde a base até a elite esportiva.
> Art. 17. A Rede Nacional de Treinamento fomentará o desenvolvimento regional e local de talentos e jovens atletas, em coordenação com o Comitê Olímpico Brasileiro - COB e o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB, além de centros regionais e locais, na forma e condições definidas em ato do Ministro de Estado do Esporte.

Propõe-se que a RNT interligue estruturas a centros de treinamento de todo o país, sejam eles voltados à iniciação esportiva, como os Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs) ou ao alto rendimento, além de englobar instalações que já existiam (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014a). Assim, a RNT foi criada com a intenção de aumentar a estrutura física de vários esportes no Brasil. Vale destacar que o atletismo – modalidade foco deste estudo – foi o primeiro esporte beneficiado a fazer parte dessa rede, a partir da construção de diversas pistas de atletismo pelo país (BRASIL 2016, 2014a; MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015a, 2015b).

Em entrevista do ex-atleta olímpico de atletismo Agberto Guimarães, que na ocasião era Diretor de Esporte do Comitê Organizador Rio 2016, ele comenta que – no início da sua carreira como atleta, em 1975 – muitas vezes treinava-se por conta própria e, na época haviam somente três pistas sintéticas no Brasil (cidades de São

Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) com piso similar as pistas das maiores competições internacionais (RIO 2016, 2014).

No depoimento de outra referência desse esporte no Brasil, o ex-medalhista olímpico, nas provas de 200m rasos e revezamento 4x100, Robson Caetano explica que conquistou resultados expressivos internacionalmente, apesar de possuir estrutura (física e de equipamentos esportivos) mínima de treinamento (RIO 2016, 2014). No mesmo sentido, Joaquim Cruz campeão olímpico na prova de 800m rasos nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, em conjunto com seu técnico, no ano de 1980 precisou sair do país para conseguir melhorar sua *performance*, pois no Brasil não havia estrutura – por exemplo, a física – adequada para o atleta desenvolver seus treinamentos (RUBIO, 2008; CBAt, 2014a).

Digel (2011b) salienta que, a partir de 1987, a CBAt tem mobilizado sua gestão para criação de um catálogo de possíveis novas pistas (sintéticas) e outras estruturas esportivas para o atletismo. No *site* da Federação de Atletismo do Estado de São Paulo (FPA), é possível encontrar 13 pistas sintéticas completas, que possuem padrão internacional de instalações, ou seja, pistas Classes 1 e 2[7] preparadas para competições internacionais (FPA, 2014). Ainda, a IAAF disponibiliza no seu *site* uma lista das pistas pelo mundo com certificação internacional e, segundo esta entidade, o Brasil possui 8 pistas, são elas: Complexo de Atletismo Professor Oswaldo Terra da Silva (SP), Centro de Treinamento da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (MG), Pista de Atletismo Ádria Santos (MG), Estádio Ícaro de Castro Mello (SP), Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa – COTP (SP), Estádio Olímpico João Havelange (RJ), Centro Nacional de Iniciação e Excelência no Esporte (RJ) e Centro de Treinamento Paralimpico Brasileiro (SP) (IAAF, 2017d).

Com base somente nesse levantamento, fica evidente que houve aumento – se tratando de pistas sintéticas de boa qualidade para treinamentos e competições. Contudo, esses são alguns argumentos apresentados, que servem para delimitar o seguinte questionamento para esse estudo: como se encontra, atualmente – em

---

[7] Competições de nível internacional são realizadas em pistas Classes 1 ou 2, ou seja, possuem todas as recomendações sugeridas pela IAAF (*International Association Atlhetic Federacion*). Atualmente recomenda-se a construção de pistas com piso sintético e com oito raias na pista de corridas. Para uma pista ser reconhecida como oficial pela CBAt, o piso da pista deve possuir Certificado de Aprovação da IAAF. No site da CBAt é possível verificar as pistas certificadas pela IAAF. Disponível em <http://www.cbat.org.br/pistas/default.asp>. Acesso jan. 2015.

termos de quantidade, objetivos, localização e entidades –, a estrutura física do atletismo competitivo brasileiro?

3.2 OBJETIVOS

3.2.1 Objetivo Geral

Identificar as estruturas físicas recentes do atletismo brasileiro, seus objetivos e a distribuição geográfica das principais entidades promotoras deste esporte entre os anos de 2013 e 2016.

3.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do trabalho são:

a) Identificar documentalmente estruturas físicas atuais para o atletismo brasileiro e o objetivo central delas: formação esportiva ou alto rendimento.
b) Apresentar as principais instituições de atletismo do Brasil, com relação a localização e distribuição de atletas pelo país, número atletas e de resultados esportivos durante o período investigado.
c) Questionar sobre como se encontram certas estruturas físicas recentes (concluídas ou não), as quais englobam o atletismo, bem como, apresentar valores de investimento relacionados com determinada estrutura física.
d) Discutir o papel das estruturas físicas e instituições esportivas na construção do caminho do atleta, da formação ao alto rendimento.

3.2.3 Hipótese

A maioria das entidades de atletismo não desenvolvem todas as categorias da modalidade, e as novas estruturas (pistas) ainda não possuem objetivos claros com relação ao esporte pesquisado.

3.3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se, quanto aos fins, como de caráter quali-quantitativo e, quanto aos meios, utiliza-se de pesquisa documental para obtenção

dos dados. Uma pesquisa pode ser feita pelo método misto – qualitativo, quantitativo – com a intenção de se obter um maior entendimento sobre uma realidade estudada, contando com auxílio da teoria (GIDDENS, 2012; MEZZADRI; MORAES E SILVA; FIGUERÔA, 2015). O estudo quantitativo pode gerar questões que podem ser aprofundadas qualitativamente, bem como, o processo contrário (MINAYO; SANCHES, 1993). Portanto, este capítulo busca a quantificação de dados obtidos por meio documental, bem como a qualificação e interpretação destes dados.

3.3.1 Documentos

As informações documentais relativas as estruturas das instituições de atletismo; das instalações esportivas e equipamentos esportivos destas instalações, foram obtidas, principalmente, por meio de *sites* de órgãos governamentais (exemplo: Ministério do Esporte; Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), Tribunal de Contas da União, Portal Brasil – Esporte, Portal da Transparência), de entidades esportivas (Comitê Olímpico Brasileiro, CBAt, federações estaduais, Federação Internacional de Atletismo – IAAF) e demais fontes de livre acesso (exemplo: Globo Esporte, ESPN) adequadas ao objetivo deste estudo.

Conforme Gil (2008), a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam uma interpretação, de acordo com os objetivos da pesquisa. Com base no autor, as fontes de papel – muitas vezes – são capazes de proporcionar ao pesquisador dados ricos para evitar a perda de tempo com levantamentos de campo, sem contar que, em muitos casos só é possível a investigação social a partir de documentos.

Foram analisados um total de 18 documentos (ver exemplo em: Anexo 1), referentes à instituições e instalações atuais de atletismo, não havendo, primeiramente, a definição de um recorte temporal. Destaca-se que, a instalação mais antiga identificada neste estudo – no que se refere a manutenção da instalação –, foi reformada em 2004. Ainda, serão detalhadas e discutidas algumas das ações de desenvolvimento do atletismo no país, por exemplo: a Rede Nacional de Treinamento.

3.3.2 Amostra

Foi realizado um levantamento de dados no *site* da CBAt (CBAt, 2016b), do *ranking* dos atletas de todas as categorias existentes neste *ranking,* a saber: Sub-16, Sub-18, Sub-20, Sub-23, Adulto, Corridas de Rua, Cross Country e *Indoor,* bem como, as respectivas provas do atletismo entre os anos de 2013 à 2016. Assim, a CBAt organiza competições anuais, da base até o alto rendimento. Optou-se, para esse estudo, em fazer as análises das seguintes variáveis disponibilizadas pelo *site* da CBAt: *ranking* dos 20 melhores atletas de cada prova, instituição do atleta e unidade federativa (UF) da instituição. Fizeram parte deste levantamento, no período supracitado, 4203 atletas de atletismo.

3.3.3 Procedimentos

Foi realizada, num primeiro momento uma busca documental nos locais já mencionados acima com a intenção de identificar os Centros de Treinamento, pistas e outras entidades referentes ao atletismo brasileiro. Embora, entenda-se que esta busca é parcial, uma vez que as informações relativas a muitos espaços de treinos não encontram-se disponíveis em documentos. Sendo assim, optou-se em um segundo momento, levantar as instituições de atletismo com maior número de resultados presentes no *ranking* da CBAt dos anos de 2013, 2014, 2015, 2016. Procedimento similar, foi realizado no *ranking* da Federação Internacional de Atletismo – IAAF (*International Association Athletics Federation*), disponibilizado até setembro de 2017[8]. A intenção, é verificar se, as principais entidades do atletismo nacional, também estão presentes no *ranking* internacional.

Além disso, foi verificado se as instituições de atletismo identificadas pela busca documental receberam incentivos do Programa Bolsa-Atleta e referentes a equipamentos esportivos. Após a apresentação dos resultados, foi realizada a discussão dos dados, com auxílio da literatura especializada.

Torna-se importante ressaltar a dificuldade metodológica deste tipo de pesquisa, pois algumas das variáveis utilizadas neste estudo estavam incompletas no *site* da CBAt, em que muitas instituições possuíam somente suas siglas e,

---

[8] Disponível em: <https://www.iaaf.org/records/toplists/sprints/100-metres/outdoor/men/senior/2017>. O ranking da IAAF, é composto pelas melhores marcas que os atletas fazem em competições, de nível internacional, no ano de 2017. Uma importante competição, em 2017, foi o Campeonato Mundial de Atletismo, realizado em Londres.

portanto, não estavam com seus nomes completos. O *ranking* da CBAt, não fornece até o momento desta pesquisa, as cidades das entidades, as quais foram identificadas pelos autores em *sites* de federações estaduais de atletismo e, em último caso, buscou-se as informações a partir do nome do atleta na *web,* uma vez que o *ranking* fornece o nome completo do atleta e sua respectiva entidade.

Então, algumas variáveis foram criadas a partir deste *ranking*, por exemplo: a cidade da entidade, região do país e tipo da entidade (associação, prefeitura, instituto, estabelecimento de ensino, Organização Não Governamental, projeto social). Para determinar o tipo das entidades, foi verificado primeiramente na *web* algumas informações sobre as mesmas, por exemplo: natureza jurídica, objeto, código. Com estas informações, posteriormente, foi utilizado o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – no campo Estatísticas, na parte de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)[9] – o qual fornece a descrição da entidade (por exemplo: clube social, associação, etc). Esse esforço geral na busca de informações foi fundamental para esta pesquisa no sentido de mapear corretamente as melhores equipes de atletismo do Brasil.

Importante destacar que tais informações foram armazenadas em um banco de dados do Projeto Inteligência Esportiva[10]. Ainda, o Ministério de Esportes forneceu, à este projeto, as listagens dos atletas contemplados pelo Programa Bolsa-Atleta, entre os anos de 2005 e 2016, o qual possui o total de 40.208 bolsas de diversas modalidades olímpicas e não olímpicas. Este programa foi instituído pelo governo federal em 2004 e mantém, por meio dele, benefício diretamente à atletas de rendimento, os quais obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais (BRASIL, 2004). O Bolsa-Atleta garante condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paraolímpicas. Vale

---

[9] Exemplo disponível em: <https://cnae.ibge.gov.br/?option=com_cnae&view=atividades&Itemid=6160&tipo=cnae&chave=clube&versao_classe=7.0.0&versao_subclasse=9.1.0>.

[10] O Projeto Inteligência Esportiva (IE) (domínio *online* – <http://praticaclinica.com.br/ie/admin>) é uma ação conjunta entre o Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná e a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR) do Ministério do Esporte. Esse projeto surgiu em 2013, com objetivo de produzir, aglutinar, sistematizar, analisar e difundir informações sobre o esporte de alto rendimento no Brasil. Um dos objetivos específicos do projeto é definir indicadores necessários à construção de um banco de dados informacional sobre o esporte de alto rendimento no Brasil.

destacar que, a partir do momento que o atleta passa a ser contemplado pelo programa, seu nome é divulgado no Diário Oficial da União (DOU).

Com auxílio dos dados obtidos, foi possível verificar a quantidade de bolsas oferecidas aos atletas do atletismo durante o período mencionado. Consequentemente, partindo do nome completo do atleta, identificou-se no *ranking* da CBAt a entidade a qual o atleta pertence. Após a catalogação dos dados, partiu-se para o tratamento estatístico.

3.3.4 Análise dos dados

A análise quantitativa foi realizada através do *software Microsoft Office Excel*. Com as informações das variáveis descritas anteriormente, foi possível cruzá-las e gerar alguns gráficos e tabelas apresentados nos resultados deste estudo. Primeiramente, foi realizada uma análise por categorias do atletismo (melhores instituições no Sub-16, Sub-18, Sub-20, Sub-23, Adulto) e, posteriormente, realizada um diagnóstico geral envolvendo todas as categorias disponibilizadas no *ranking* da CBAt. Destaca-se que a CBAt faz um *ranking* específico para as “Corridas de Rua” e, assim como as categorias, foi possível analisar essa modalidade separadamente.

Então, a análise, criação dos gráficos e tabelas foram pensadas a partir dos seguintes aspectos: instituições com maior número de resultados no referido *ranking* separadas por categorias; instituições com maior número de resultados no *ranking* entre todas as categorias analisadas, e por ambos os sexos, ponderando a colocação de cada atleta. Essa ponderação tem uma finalidade qualitativa, sendo criadas zonas de ponderação, valorizando os atletas com melhores classificações/colocações – 1º ao 4º receberam o valor de 200 pontos (1º classe); do 5º ao 8º, 160 pontos (2º classe); do 9º ao 12º, 120 pontos (3º classe); 13º ao 16º (4º classe); 17º ao 20º (5º classe), que receberam a valor de 40 pontos.

Também, foi verificado o número de resultados e de atletas por cidade, estado e região do país; instituições por cidade, estado e região; as categorias trabalhadas pelas melhores instituições e a quantidade de resultados que elas obtiveram por categoria. Assim, os dados coletados via busca documental, foram analisados qualitativamente, a partir dos preceitos do método “Análise do Conteúdo”. Além disso, submetidos as etapas deste método (pré-análise, exploração do material, codificação, tratamento) e à organização sistemática dos

dados, em conteúdos similares com o objetivo desta pesquisa, e então, analisados descritivamente (BARDIN, 2011).

Foram realizadas análises envolvendo a frequência, variância dos dados entre as entidades, regiões do país, anos pesquisados e, então, apresentadas em tabelas e gráficos ao longo deste capítulo. Esse tratamento estatístico (variância e frequência) foi realizado por meio do programa IBM SPSS *Statistics* para Mac, versão 20.0. Foram elaborados quadros, identificando as instituições encontradas a partir da busca documental e seus objetivos para com o esporte pesquisado.

3.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.4.1 Identificando estruturas de treinamento de atletismo.

A Tabela 2, foi elaborada a partir do relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) (BRASIL, 2011b), e refere-se aos centros de treinamentos de atletismo por nível e região geográfica do Brasil.

TABELA 2 – CENTROS DE TREINAMENTO DE ATLETISMO NO BRASIL, POR NÍVEL E REGIÃO

Região	**Centro de Descoberta de Talentos**	**Centro de Jovens Talentos**	**Centros de Alto Nível**
Norte	Não tem	Não tem	Não tem
Nordeste	4 (PE, CE e RN)	1 (CE)	Não tem
Sul	2 (PR)	Não tem	Não tem
Sudeste	11 (SP e RJ)	Não tem	3 (MG, RJ e SP)
Centro-Oeste	3 (MT e DF)	Não tem	Não tem

FONTE: adaptado do TCU 2011.
Notas. PE: Pernambuco; CE: Ceará; RN: Rio Grande do Norte; PR: Paraná; SP: São Paulo; RJ: Rio de Janeiro; MT: Mato Grosso; DF: Distrito Federal; MG: Minas Gerais.

Pode-se observar, a partir dos dados do relatório do TCU (2011), a falta de estrutura física desse esporte. Observou-se que em nenhuma região do país se tem o caminho completo, que engloba desde a identificação do talento até o alto rendimento. Logo, torna-se imperativo verificar porque em determinada região existem 4 centros esportivos e em outra, inexiste centro esportivo. O *site* da CBAt faz apenas menção a essa divisão dos centros apontada acima, apontando também os Centros Nacionais de Treinamento. Contudo, até o momento desta pesquisa, a confederação não revela especificamente onde estão todos os esses centros

esportivos de atletismo e nem os critérios para a implementação de cada um.

A partir de busca documental, foram encontrados os Centros de Treinamentos (CT) e Complexos Federais de Treinamento (CFT). Identificou-se iniciativas por meio de construção, reformas das instalações destinadas à modalidade de atletismo, já que os projetos estão em diferentes estágios. Alguns já em funcionamento, outros com obras em andamento e os que se encontram em planejamento, com licitações em curso ou, até mesmo, já concluídas. O Quadro 6 exemplifica bem esta situação, ao apresentar algumas das estruturas físicas do atletismo nacional:

QUADRO 6 – ALGUNS LOCAIS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO NO BRASIL, A PARTIR DE BUSCA DOCUMENTAL

(continua)

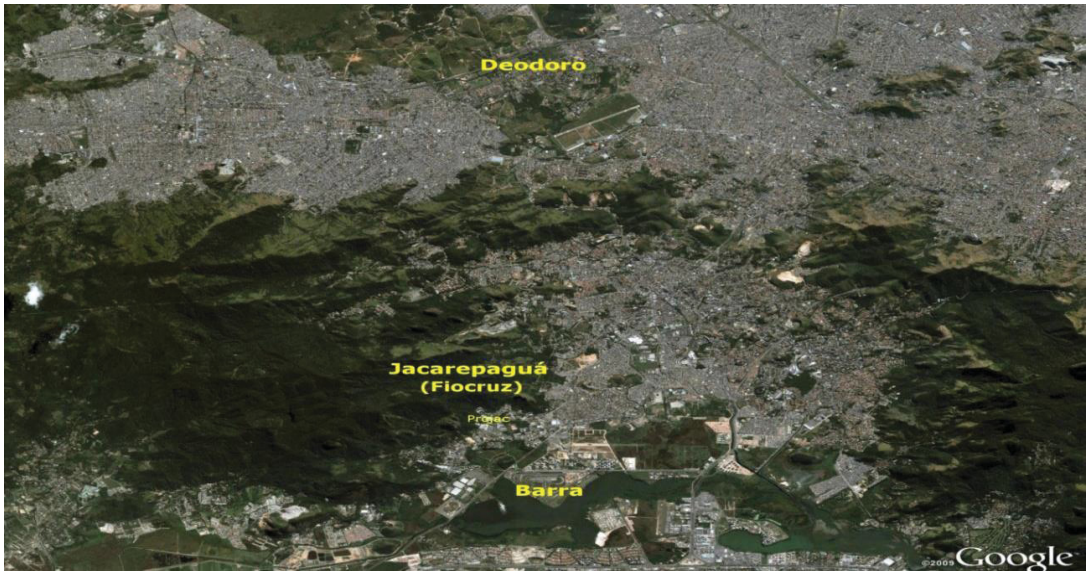
Locais diagnosticados	Cidade	UF*	Situação atual
CF de Deodoro	Deodoro	RJ	Funcionamento
CF de treinamento de Jacarepaguá	Rio de Janeiro	RJ	Em construção
CT de Atletismo do Paraná	Cascavel	PR	Em construção
CT de Itamonte	Itamonte	RJ	Funcionamento
AMAN (Exército Nacional)	Resende	RJ	Funcionamento
CT Altitude de Itatiaia	Itatiaia	RJ	Planejamento
CT da Academia da Força Aérea	Pirassununga	SP	Funcionamento
ESEFEX (Exército Nacional)	Rio de Janeiro	RJ	Funcionamento
Centro de Formação Olímpica do Nordeste	Fortaleza	CE	Funcionamento
Centro Nacional da CBAt	Bragança Paulista	SP	Funcionamento /construção
Centro Nacional – Exército (Campos dos Afonsos)	Rio de Janeiro	RJ	Funcionamento
Centro Regional de Formação	Lavras	MG	Funcionamento
Centro Paraolímpico Brasileiro	São Paulo	SP	Funcionamento
CT Vila Olímpica	Manaus	AM	Funcionamento
CT Santos Dumont	Recife	PE	Funcionamento
Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	São Paulo	SP	Funcionamento
Estádio Ícaro de Castro Mello – Ibirapuera	São Paulo	SP	Funcionamento
Vila Olímpica	Maringá	PR	Funcionamento
SESI (Serviço Social da Indústria)	Uberlândia	MG	Funcionamento
SESI/CT de Blumenau	Blumenau	SC	Funcionamento
SOGIPA/Procempa	Porto Alegre	RS	Funcionamento
CEFAN/UNIFA	Rio de Janeiro	RJ	Funcionamento
CEPEUSP/E.C. Pinheiros	São Paulo	SP	Funcionamento
CT São Bernardo do Campo/Arena Caixa	São Bernardo do Campo	SP	Funcionamento
CT São Caetano do Sul/B3	São Caetano do Sul	SP	Funcionamento
CETE	Porto Alegre	RS	Funcionamento
CT de rendimento/ORCAMPI/Unimed	Campinas	SP	Funcionamento
CT de Campinas	Campinas	SP	Em construção
UNIFOR (Universidade de Fortaleza)	Fortaleza	CE	Funcionamento
UF Ceará	Fortaleza	CE	Em construção
UF Pernambuco	Recife	PE	Em construção

UF da Paraíba	João Pessoa	PB	Funcionamento
UF do Paraná	Curitiba	PR	Funcionamento
UF de Juiz de Fora	Juiz de Fora	MG	Funcionamento
UF de Minas Gerais	Belo Horizonte	MG	Funcionamento
UF do Rio Grande do Norte	Natal	RN	Funcionamento
UF do Maranhão	São Luís	MA	Funcionamento
UF de Santa Catarina	Florianópolis	SC	Funcionamento
Estádio Zerão	Macapá	AP	Funcionamento
UF Amapá	Macapá	AP	Em construção
UNESP/Rio Claro	Rio Claro	SP	Em construção

FONTE: o autor (2017).
Notas. UF*: Unidade Federal; UF: Universidade Federal; CF: Complexo Federal; CT: Centro de Treinamento.

Pretende-se detalhar, na sequência, algumas das estruturas físicas apresentadas no Quadro 6. O CFT de Jacarepaguá, poderá possuir parceria com o empreendimento da Fiocruz (Complexo da Fiocruz: possui pista de atletismo) e ser utilizado para o desenvolvimento do atletismo. Importante destacar que o Centro Olímpico da Barra, construído para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, não possui – até o momento da pesquisa (novembro 2017) – pista de atletismo. Já o Complexo de Deodoro, possui pista oficial de atletismo – classe 1 –, obra construída em parceria entre a empresa Vale do Rio Doce, o Ministério do Esporte e o Exército (BRASIL 2016, 2014b).

FIGURA 1 – CIDADE DE DEODORO E BAIRROS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: JACAREPAGUÁ E BARRA DA TIJUCA.



FONTE: imagem fornecida pelo Ministério do Esporte (2015).

Após o término dos Jogos Olímpicos do Rio do Janeiro, tais estruturas físicas seriam destinadas à várias modalidades olímpicas, com a intenção de se tornarem

modelo para a Rede Nacional de Treinamento, por exemplo, abrigariam atletas de diversas modalidades para períodos específicos de treinamentos e competições (BRASIL 2016, 2014a, 2014b). Até o momento da pesquisa (novembro 2017), essa questão ainda não está clara, uma vez que não foram identificadas notícias que tratem em específico sobre quais modalidades estariam utilizando esses complexos, pelo contrário, identificou-se notícia sobre a falta de utilização e descaso com alguns destes complexos federais (UOL, 2017a).

O atletismo dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foi realizado no estádio do Engenhão, o qual foi todo reformado, remodelado, incluindo uma pista de atletismo conexa com tal estádio, utilizada na ocasião dos Jogos para aquecimento dos atletas. Atualmente, o Engenhão é mantido por um clube de futebol, o Botafogo, isto é, atualmente pratica-se futebol na estrutura usada para realizar o atletismo nos Jogos do Rio.

Com relação aos equipamentos, materiais esportivos utilizados no atletismo nos Jogos Olímpicos do Rio para aquecimento dos atletas, bem como na realização das provas oficiais, poucas informações documentais foram encontradas sobre essa questão. Sabe-se que tais materiais (exemplo: blocos de partidas, dardos, pesos, discos, etc.) foram alugados pelo Comitê Organizador dos Jogos, por meio da empresa chamada Mondo – a qual desenvolve e fabrica pisos *indoor, outdoor* e equipamentos esportivos (*INTERNATIONAL ASSOCIATION ATHLETICS FEDERATION*, 2015a) – e, após o término dos Jogos, os materiais foram devolvidos a esta empresa. Então, pode-se dizer que não existiu um legado no sentido do país reaproveitar e distribuir todos os materiais esportivos, utilizados para o atletismo nos Jogos Olímpicos do Rio, nas suas diversas estruturas físicas que foram implementadas.

O CT de Atletismo em Cascavel/PR foi lançado em 2014 e com término previsto para o final de 2016. Trata-se de um complexo esportivo de padrão internacional (IAAF) – com alojamentos, piscina, salas de musculação e de aula, arquibancada, auditório – que envolveu recursos do governo federal, em parceria com o governo do estado do Paraná, num total de R$ 36 milhões (CBAt, 2015b; GLOBO, 2017a). Identificou-se que em agosto de 2017, tal complexo estava recebendo a implantação do piso – importado da Alemanha, no valor de R$ 4 milhões e único do Sul do Brasil – para a pista de atletismo, e que tal complexo se tornará, em 2018, um colégio militar. Assim, até o momento da pesquisa (novembro

2017), não foram identificadas informações precisas com relação aos objetivos desta estrutura para o atletismo nacional, tampouco se a obra foi concluída.

Em Itamonte/MG, previa-se a construção de duas pistas de atletismo envolvendo a parceria prefeitura, estado e Ministério do Esporte, de forma mais precisa: a partir desta parceria, seria implantado um centro de altitude no local, uma vez que a região de Itamonte localiza-se a 2.400 metros do nível do mar, e assim, os atletas brasileiros (não somente do atletismo) não precisariam mais viajar para o exterior para melhorarem o condicionamento físico, gerando economia (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2008).

Identificou-se que esse espaço, atualmente, é utilizado por uma das principais equipes de atletismo chamada “Pé de Vento” (ver GRÁFICO 8 – Corridas de Rua), especialista em provas de meio fundo e fundo. Em Itatiaia/RJ, Parque Nacional de Itatiaia, existe o planejamento de CT de Altitude na propriedade da Fundação Pró-Natura. A Academia Militar de Agulhas Negras (AMAN), em Resende/RJ, propriedade do Exército brasileiro e reformado para os Jogos Mundiais Militares de 2011 no Brasil, possui em funcionamento o Centro de Excelência em Aptidão e Reabilitação Física Capitão Cláudio Coutinho, local onde desenvolvem-se diversos trabalhos com atletas brasileiros do atletismo. Itamonte/MG, Itatiaia/RJ e Resende (AMAN), por serem localidades próximas, formariam o Polo de Itamonte (BRASIL, 2011), cujo foco principal seria o atletismo de alto rendimento das provas de meio fundo e fundo. No entanto, não foi possível identificar informações se este pólo está funcionando atualmente e nem se tais pistas, citadas anteriormente, de fato foram construídas na cidade de Itamonte. Sob esse aspecto, foi encontrado – no *site* do Portal da Transparência – que o convênio para construção de tais pistas foi anulado (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2011).

O Centro de Formação Olímpica do Nordeste (Fortaleza/CE), destinado à várias modalidades olímpicas, entre elas o atletismo, foi construído em parceria com o governo federal e criado juntamente com a construção do Estádio Castelão, utilizado para os jogos da Copa do Mundo do Brasil (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014b). Trata-se de uma obra gigantesca e, em setembro de 2015, foi utilizado para a realização de diversas modalidades do evento escolar nacional, chamado Jogos Escolares da Juventude (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2015).

O CT de Alto Rendimento de Campinas, estado de São Paulo, possui parceria com um clube privado chamado Orcampi/Unimed (ver Quadro 6) e foi

inaugurado em junho de 2010, com pista Classe 2. Tal equipe é formada a partir de parceria, entre clube, prefeitura, Ministério do Esporte e empresa uma privada (Unimed). Ainda em Campinas, está prevista a construção de um CT para o atletismo de alto nível em parceria entre prefeitura e governo federal. O CT de São Caetano do Sul (SP) foi construído em 2012, a partir da parceria entre uma empresa privada, na ocasião chamada de BMF&Bovespa e a prefeitura municipal, num investimento de aproximadamente R$ 20 milhões (US$ 6.141.031,72). O centro conta com infraestrutura completa para o atletismo, inclusive com a única pista *indoor* do Brasil. Assim, esse complexo foi utilizado pela equipe B3 Atletismo[11] (antiga equipe BMF&Bovespa, fundada em 2000) até 2017, uma vez que a mesma foi extinta em janeiro de 2018 (ESTADÃO, 2012; UOL, 2018).

Também no estado de São Paulo, encontra-se o Estádio do Grupo Rede Energia, da extinta equipe conhecida como Rede Atletismo na cidade Bragança Paulista, com amplas instalações que estão em fase final de construção, mas em funcionamento com pista Classe 2 e conta com alguns parceiros privados como Adidas e ELUCID (empresa de tecnologia da informação). Tal espaço, a partir de 2017, está sendo utilizado e administrado pela CBAt como a casa do atletismo brasileiro, sendo um centro nacional para receber atletas e treinadores de diversas categorias, bem como, para promover competições (CBAt, 2017a). Cabe lembrar que a Rede Atletismo já foi uma das principais equipes de atletismo do país, porém, em 2009 ocorreu um grande escândalo de doping envolvendo atletas desta equipe, logo, a mesma optou por encerrar as atividades no alto rendimento (VEJA, 2011).

A cidade de São Bernardo do Campo/SP, possui desde 2014, o CT de Atletismo Professor Oswaldo Terra (Arena Caixa), com uma pista Classe 1 e, atualmente, desenvolve o atletismo, com resultados expressivos na categoria Adulto (ver GRÁFICO 7). Tal estrutura física recebeu incentivos para equipamentos esportivos por meio de uma parceria entre prefeitura municipal da cidade de São Bernardo do Campo, Ministério do Esporte e o banco Caixa Econômica Federal[12].

---

[11] A equipe B3 Atletismo é a antiga BMF&BOVESPA. Em 30 de março de 2017, passou a ser chamada de B3 Atletismo, consequência do nascimento da B3 S.A., resultado da combinação de atividades entre BM&FBOVESPA e Cetip (empresas do mercado financeiro). Porém, em 15 de janeiro de 2018, a equipe foi extinta, encerrou as atividades no esporte profissional. Passará a investir em projetos educacionais e à formação de jovens (UOL, 2018).

[12] O portal “Brasil 2016”, página oficial do governo federal sobre os Jogos Olímpicos, revela a parceria de investimento (R$ 32, 5 milhões) entre prefeitura de São Bernardo do Campo e Ministério do Esporte, para construção da Arena Caixa. Mais detalhes, ver: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-

Em Manaus, na Vila Olímpica, há o CT para o Alto Rendimento da Amazônia (CTARA), inaugurado em 2004 para diversas modalidades olímpicas, incluindo o atletismo, com pista Classe 2, sob manutenção da Secretaria de Esportes do estado do Amazonas. Vale ressaltar que, neste espaço, existiu entre 1995 a 2002, o Centro de Treinamento de Alto Nível de Atletismo do Amazonas e o mesmo já foi considerado como um Centro Nacional de Atletismo (GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, 2015; CBAT, 2016c).

Um CT Paralímpico para 15 modalidades, incluindo o atletismo, está em funcionamento no estado de São Paulo, sendo construído com a parceria federal e Comitê Paraolímpico do Brasil. O da cidade de Recife possui uma pista Classe 2 e o foco principal é a formação de atletas. Foi construído pelo estado de Pernambuco e recebeu incentivos do mesmo para reforma da pista de atletismo. A Secretaria de Esportes do estado de Pernambuco é responsável pela administração deste local de treinamento.

O CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), em Porto Alegre/RS, mantido pelo governo do estado, teve – em outubro de 2013 – a reconstrução de sua pista de atletismo com auxílio do Ministério do Esporte e, também, recebeu equipamentos esportivos para o desenvolvimento de atletas da base, ao alto rendimento (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015a). Tal estrutura é mantida pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Em Brasília, o CIEF (Centro Interescolar de Educação Física) será ampliado e reconstruído. Por sinal, esse é o primeiro projeto, cuja abordagem deverá ocorrer também em aulas curriculares de Educação Física e extracurriculares no ambiente escolar. O Estádio de Atletismo Célio de Barros no Rio de Janeiro, junto ao complexo do Maracanã, teve a recuperação da pista Classe 2 aprovada (GESTÃO ESPORTE, 2015), mas – até o momento do término deste estudo – não fora encontrada informação sobre a entrega da reforma, ou utilização atual deste espaço. Esses três projetos possuem parceria entre os governos federal e estadual.

O Esporte Clube Pinheiros, da cidade de São Paulo, possui, nas suas dependências, uma pista de atletismo de alto nível. Além disso, seus atletas podem utilizar – desde 2013 – a pista Classe 2 do Centro de Prática Esportiva da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), reconstruída com recursos captados pela

---

br/megaeventos/olimpiadas/instalacoes/rede-nacional-de-treinamento/arena-caixa>.

Lei Federal de Incentivo ao Esporte (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2013). Destaca-se que, o Esporte Clube Pinheiros, venceu o Troféu Brasil Caixa de Atletismo de 2016 e 2017 (CBAt, 2017c). A estrutura de atletismo do complexo ESEFEX (Escola de Educação Física do Exército) no Rio de Janeiro foi renovada para os V Jogos Mundiais Militares de 2011. Por sua vez, a Vila Olímpica de Maringá foi inaugurada em novembro de 2009 (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015a; 2015b).

Algumas pistas, também com classificação internacional, foram estruturadas a partir de um convênio[13] de R$ 13.032.000,00 milhões (US$ 4.001.496,27) – vigência, de 2011 a 2015 – entre CBAt e Ministério do Esporte, a saber: UNIFOR, de Fortaleza; Pista de Atletismo Ádria Santos, do SESI (Serviço Social da Indústria), de Uberlândia; CEFAN (Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes) e a UniFA (Universidade da Força Aérea), no Rio de Janeiro; Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa e o Complexo do Ibirapuera (Estádio Ícaro de Castro), ambos da Prefeitura da cidade de São Paulo (Ver fotos em Anexo 1). Deste modo, esses complexos foram considerados pela CBAt, no período acima, como Centros Nacionais de Treinamento de Atletismo, pois, foram utilizados para treinamento das categorias de base e de alto rendimento do atletismo brasileiro, visando preparação para os Jogos Olímpicos do Rio, além de outros importantes eventos internacionais no ciclo 2011-2016. Assim, a verba supracitada também foi destinada à aquisição de diversos equipamentos esportivos utilizados nestes Centros, os quais, desenvolvem atualmente o atletismo competitivo (base ao alto rendimento), embora, não sejam mais designados pela CBAt, de Centros Nacionais de Atletismo.

Vale destacar que a UNIFA, com duas pistas de atletismo (uma reformada em 2011 e a outra, construída em 2016), foi a casa do atletismo brasileiro durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e, a partir de 2017, tornou-se novamente um

---

[13] Convênio nº 761283/2011. Disponível no *site* do Portal de Convênios – Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse (SICONV). Disponível em <http://portal.convenios.gov.br/acesso-livre>. Neste portal, também é possível verificar diversos documentos, tais como: plano de ação, valores pagos equipamentos esportivos e profissionais. Conforme o Art. 3º, da Portaria Interministerial Nº 507, de 2011 (regula órgãos e entidades da Administração Pública Federal que possuem convênios): os atos e os procedimentos relativos à formalização, execução, acompanhamento, prestação de contas dos convênios e termos de parceria serão realizados no SICONV, aberto à consulta pública. Ainda, um convênio prevê o prazo máximo de cinco anos, sendo possível a prorrogação deste prazo de vigência. A Portaria está disponível em <http://portal.convenios.gov.br/legislacao/portarias/portaria-interministerial-n-507-de-24-de-novembro-de-2011>.

Centro Nacional do Atletismo, como parte integrante da Rede Nacional de Treinamento (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015b; CBAt, 2015b; 2017b). Com relação ao Complexo do Ibirapuera – com pista reformada em 2011, atualmente, nesse espaço, fica o Projeto Centro de Excelência do estado de São Paulo, antigo Projeto Futuro, que revelou grandes atletas do atletismo nacional e internacional, como, a campeã olímpica no salto em distância, Maureen Higa Maggi (ESPN, 2011).

Alguns clubes melhoraram suas condições de treinamento de atletismo recentemente a partir de recursos oriundos do Ministério do Esporte, como o caso, supracitado, do Esporte Clube Pinheiros, vinculado à estrutura física da CEPEUSP. Já o SESI de Blumenau/SC (possui pista Classe 2, mas precisou ser reformada devido as enchentes de 2008) e no SESI de Uberlândia/MG, foi possível identificar que receberam recursos do Ministério do Esporte para compra de equipamentos esportivos (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009, 2014b; BRASIL, 2012).

O clube SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre), teve em 2012, um projeto aprovado em uma chamada pública da Secretaria Nacional do Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), no valor total de R$ 559.248,55 para aquisição de equipamentos esportivos para várias modalidades, entre elas, o atletismo (BRASIL, 2012). Já em janeiro de 2015, foi constatado que a SOGIPA também obteve recursos da Confederação Brasileira de Clubes (CBC) – especificamente para compra de equipamentos esportivos para o atletismo, sendo um dos primeiros clubes do país a receber esse tipo de financiamento, que não é direcionado à outras entidades esportivas – é exclusivo para clubes (BRASIL 2016, 2015; CBAt, 2015c; PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015b). Ainda sobre o Clube Pinheiros, consta na chamada pública supracitada, que o mesmo teve um projeto aprovado no valor de R$ 5.693.973,84 para aquisição de equipamentos esportivos e modernização das áreas de treinamento de 15 modalidades, entre elas, o atletismo (BRASIL, 2012).

Com base em informações obtidas, principalmente, nos *sites* do Ministério do Esporte e Portal de Transparência, foram construídas no país – entre 2010 e 2016 – as pistas das seguintes Universidades Federais: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Lavras (MG), Juiz de Fora (MG), Goiás, Piauí, Espírito Santo, Tocantins (Campus Palmas), Rio Grande do Norte, Maranhão, Sergipe e Paraíba. Ainda em fase de construção, estão as pistas das seguintes Universidades Federais: Alagoas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso, Tocantins (Campus

Miracema), Vale do Jequitinhonha e Mucuri (MG) e Universidade de Brasília (UNB). Também, serão construídas pistas na Universidade Estadual de Londrina, no estado do Paraná e na Estadual do Piauí (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015b; MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015a; 2015b; 2017a).

A UNESP (Universidade Estadual Paulista) terá pista Classe 2, nos Campus das cidades de Rio Claro e Presidente Prudente (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015a). No entanto, até o momento do término deste estudo, não foi possível identificar se as mesmas foram concluídas. Também, identificou-se informação que a construção da pista da Universidade Federal do Amapá – iniciada fevereiro de 2016 – seria finalizada até novembro deste ano (GLOBO, 2016a), mas até o momento do término deste estudo, não foi possível encontrar informações sobre a finalização da obra. Destaca-se neste mesmo estado, a pista oficial de atletismo do Estádio Zerão, na cidade de Macapá, inaugurada em junho de 2015, com auxílio de recursos do Ministério do Esporte (GLOBO, 2015).

A Universidade Federal do Maranhão, inaugurou em 2015 a sua pista Classe 2, com a presença do então Ministro de Esportes George Hilton, e será um centro de formação e rendimento ao esporte com parceria de iniciativas esportivas entre prefeitura e estado (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015c).

Ainda, é importante destacar algumas parcerias, envolvendo o governo federal e prefeituras municipais, para construção de pistas oficiais de atletismo, como a da cidade de Jaraguá do Sul (SC), inaugurada em 2015. As pistas de atletismo vinculadas às prefeituras de: Campo Grande (MS), São Bernardo do Campo (SP), São Caetano do Sul (SP) e Boa Vista (RR), encontram-se – no momento da pesquisa – em funcionamento (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015b, 2017a). No *site* Portal de Transparência, é possível identificar valores relativos a construção, reforma de algumas das pistas mencionadas neste estudo (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015a). Porém, não se encontram no referido *site*, assim como nos *sites* das federações estaduais ou CBAt, informações sobre verbas destinadas para aquisição de equipamentos esportivos nestas estruturas físicas de atletismo. Nesse mesmo sentido, no *site* do Senado Federal é possível identificar somente o valor total de recursos liquidados com algumas ações voltadas à promoção do esporte de rendimento no Brasil, como na “implantação e modernização de infraestrutura para o esporte de alto rendimento” e “apoio a implantação de infraestrutura para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016”.

A partir de informações disponibilizadas pelo Ministério do Esporte ao Projeto Inteligência Esportiva, foi possível obter informações mais precisas sobre o investimento na implantação das pistas oficiais de algumas das universidades federais supracitadas, conforme pode-se observar no quadro abaixo.

QUADRO 7 – VALOR PAGO (R$) PELO MINISTÉRIO DO ESPORTE ÀS UNIVERSIDADES FEDERAIS PARA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA PISTA DE ATLETISMO

UF	2011	2012	2013	2014	2015
Lavras		9.654.149,39			
Rio Grande do Norte		9.585.579,83			
Piauí			9.116.346,65		
Tocantins			8.708.070,29		
Santa Catarina		7.934.722,49			
Paraná		7.917.465,04			
Rio Grande do Sul		2.772.748,1		4.821.820	
Maranhão			6.075.088,57		
Espírito Santo		5.772.798,34			
Goiás		5.574.994,8			
Acre				5.501.691,19	
Brasília		5.198.935,09			
Ceará		5.064.049,65			
Vales			4.665.846,85		
Jequitinhonha e Mucuri					
Sergipe				4.382.009,14	
Pernambuco			3213524,22		
Amapá					24.500,00
Paraíba		1.171.863,39			
Minas Gerais	5.200.000,00				
Viçosa		591.295,12			

FONTE: o autor (2017). Com base nos dados enviados pelo Ministério do Esporte ao Projeto Inteligência Esportiva.

O valor total investido do Governo Federal nestas pistas, entre os anos de 2011 e 2015, foi de R$ 110.775.064,40, sendo que R$ 61.238.601,24 (55,28%) foi aplicado no ano de 2012. Em média, cada universidade recebeu R$ 5.538.753,22 (máx. R$ 9.654.149,39; min. R$ 24.500,00) para implementar uma pista oficial de

atletismo na sua instituição. Destaca-se, no Quadro 7, que no ano de 2015 foi destinado somente o valor de R$ 24.500,00 à Universidade Federal do Amapá, imagina-se – nesse caso – que não teve continuidade ao processo de implantação desta pista, em virtude do valor destinado ser muito inferior aos demais do quadro acima.

QUADRO 8 – DEMONSTRATIVO DO CONVÊNIO DE 2014 FIRMADO ENTRE ME E CBAT PARA AUXILIAR NA CRIAÇÃO DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO.

Ano de execução	Valor (R$)	Entidade responsável
2015	531.747,00	CBAt
2015	5.107.600,18	ME
2015	8.892.399,82	ME
2015	1.500.000,00	ME
2015	820.000,00	ME
2016	6.500.000,00	ME
2017	3.235.601,68	ME

FONTES: O autor (2017). *Site* da CBAt: Governança Corporativa. *Site* SICONV.

No *site* Portal de Convênios – SICONV[14], é possível identificar um outro convênio (nº 813.831/2014) entre Ministério do Esporte e CBAt, com início da vigência em 2015, com o objetivo de auxiliar na criação da Rede Nacional de Treinamento (RNT) de Atletismo. O valor global do contrato é de R$ 26.587.348,68 (US$ 8.163.687,58), divididos entre 2015 e 2017, e especificados no Quadro 8. Destes, R$ 16.851.747,00 (63.38%) foram empregados em 2015, ano que antecedeu os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O convênio possui término em 2019, ano que também é limite para a prestação de contas.

Esse contrato prevê que tais valores podem ser aplicados em diversos aspectos relacionados a RNT, como, recursos humanos: gerentes dos centros, analistas de desempenho, psicólogos, fisioterapeutas, treinadores, atletas, etc., que farão parte das estruturas físicas; e recursos materiais: aquisição de equipamentos, uniformes esportivos e computadores para as estruturas parceiras da RNT.

No *site* da CBAt (Contratos e Convênios), também é possível encontrar os valores descritos acima. No entanto, a confederação não especifica em quais

[14] Portal de Convênios. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Disponível em <http://portal.convenios.gov.br/acesso-livre>. Neste portal, por meio do SICONV, também é possível verificar diversos documentos, tais como: plano de ação, valores pagos para treinadores e demais profissionais que atuarão nos Centros Nacionais de Atletismo.

estruturas físicas foram investidos esses valores (CBAt, 2017d). Neste último convênio (nº 813.831/2014) apresentado, é possível identificar que o investimento será aplicado entre as principais estruturas (Centros de âmbito nacional) atuais que irão compor a RNT de Atletismo, a saber: 2 Centros Nacionais, com caráter de alto rendimento (Bragança Paulista e Rio de Janeiro: UNIFA); 2 Centros Regionais, com viés de desenvolvimento esportivo e início da especialização (Lavras/MG e Natal), com presença de atletas, técnicos e *campings* (locais de treinamento); e outros 8 Centros Locais, com objetivo de atração de talentos. Conforme, informações obtidas, por exemplo, no *site* da CBAt, estes centros ainda carecem de definição e critérios de funcionamento para atender os jovens atletas e os de alto rendimento. Os centros locais devem acontecer em Manaus, Porto Alegre (SOGIPA), Fortaleza (UNIFOR), Teresina (UFPI), Campinas (Orcampi), Sorriso (MT) – ASA Sorriso, Joinville (SC) - Corville e Campo Mourão (PR) – FECAM (CBAt, 2016d).

QUADRO 9 – CENTROS REGIONAIS E LOCAIS DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO

Centros Regionais	**Centros Locais Correspondentes**
Natal (RN)	Fortaleza Manaus Teresina Sorriso (MT)
Lavras (MG)	Porto Alegre Joinville Campinas Campo Mourão (PR)

Fonte: o autor (2017), *sites* da CBAt e do Portal de Convênios – SICONV.

Ressalta-se que estruturas tidas anteriormente (por exemplo, até 2015), como Centros Nacionais (Uberlândia, Manaus e Fortaleza), atualmente, tornaram-se dentro da Rede Nacional de Treinamento de Atletismo e sob a perspectiva da CBAt, como Centros Locais.

É importante destacar também, que a CBAt precisou comprovar ao Ministério do Esporte, que possui toda a capacidade técnica (tecnologia, mão de obra, instalações, suporte financeiro, equipamentos esportivos) para realizar as tarefas – de difundir, desenvolver e aperfeiçoar o atletismo nacional – relacionadas ao projeto Rede Nacional de Treinamento. O documento que atesta isso e representado na FIGURA 2, pode ser encontrado, no *site* Portal de Convênios – SICONV.

FIGURA 2. DECLARAÇÃO DE CAPACIDADE TÉCNICA DA CBAt PARA REALIZAR TAREFAS DA REDE NACIONAL DE TREINAMENTO DE ATLETISMO.

Confederação Brasileira de Atletismo

ATESTADO DE CAPACIDADE TÉCNICA

Atestamos para todos os fins de direitos e para servir de comprovação junto ao Ministério do Esporte, que a Confederação Brasileira de Atletismo, Inscrita no CNPJ sob o nº 29.983.798/0001-10, situada na rua Jorge Chammas, 310, Bairro Vila Mariana, São Paulo – SP, CEP: 04016-070, dispõe de toda estrutura e recursos necessários para a execução do Projeto Rede Nacional de Treinamento de Atletismo, em especial os seguintes:

1.1 Instalações;
1.2 Equipamentos e Materiais Esportivos;
1.3 Tecnologia;
1.4 Mão de Obra Específica;
1.5 Suporte Financeiro e;
1.6 Organização de Eventos.

Desta forma, encontra-se apta a perfeita execução de todas as atividades específicas a serem realizadas, conforme o projeto.

São Paulo, 15 de abril de 2014

José Antônio Martins Fernandes
Presidente

FONTE: Portal de Convênios. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. SICONV.

Já somando os valores apresentados nos Quadros 7 e 8, R$ 137.362.413,08 (US$ 42.177.346,78) foram investidos no Brasil em estruturas físicas de atletismo – sendo um dos objetivos a construção, reformas e estruturação material das pistas – também, na tentativa de formação de uma Rede Nacional de Treinamento de Atletismo.

É importante acrescentar neste tópico, a questão dos Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs), projeto do Ministério do Esporte (ME), com o objetivo de beneficiar crianças e jovens que queiram praticar esportes (em até 13 modalidades olímpicas) e, segundo o ME, isso seria um dos principais legados dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 para a infraestrutura do esporte brasileiro. A FIGURA 3, revela que o Ministério de Esportes, tem os CIEs, como um dos pilares para o esporte brasileiro.

FIGURA 3 – ESTRUTURAS ESPORTIVAS PARA DIFERENTES NÍVEIS DO ESPORTE.

FONTE: Ministério do Esporte (2017). Programa: Rede Nacional de Treinamento.

Com base na FIGURA 3, pode-se dizer que há um sistema para o esporte brasileiro na tentativa de interligar diferentes estruturas esportivas e contribuir para a conexão da carreira do atleta. Será possível, ao longo deste estudo, identificar algumas destas ações.

O Ministério do Esporte (ME), em 2014, mencionava que existiriam os CIEs, a partir de parceria entre prefeituras e governo federal – com previsão de serem construídas 168 unidades com pista de atletismo sintética em 25 estados brasileiros, num valor aproximado de R$ 3,5 milhões por unidade (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014a, 2017b). O ME chegou a realizar em São Paulo, em dezembro de 2014, o "Workshop sobre Gestão de Instalações Esportivas", com ênfase no debate sobre o funcionamento dos CIEs que seriam construídos em diversos municípios brasileiros[15], enfatizando que os munícipios deveriam fazer a solicitação dos CIEs para o ME, para receberem a construção deste complexo. O ME destacava que cada unidade efetivada pode possuir quadras poliesportivas, academia, enfermaria, vestiários, copa, sala de professores/técnicos e, no caso deste estudo: pista de atletismo, feita com material de alta qualidade.

---

[15] CBAt relata em seu *site* informações sobre o "Encontro em São Paulo sobre Gestão Esportiva", com ênfase no debate sobre as facilidades para implementação dos CIE. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7619>.

No entanto, a previsão de construção de 168 Centros de Iniciação ao Esporte não se concretizou, pois com base em informações do próprio Ministério do Esporte, o primeiro CIE foi entregue em junho de 2017, localizado na cidade de Franco da Rocha (SP), e deverá atender praticantes de futsal, judô, vôlei, basquete, handebol e atletismo (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016a). Ainda, em 2017, foram entregues outros três CIEs: em Maringá (PR), em Uberaba (MG) e por último, em Arapongas (PR) (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017b). No Quadro 10, os CIEs finalizados até 2017.

QUADRO 10 – CIEs NO BRASIL, COM PISTAS DE ATLETISMO.

Locais diagnosticados	Cidade	UF	Situação atual
CIE	Franco da Rocha	SP	Funcionamento
CIE	Uberaba	MG	Funcionamento
CIE	Maringá	PR	Funcionamento
CIE	Arapongas	PR	Funcionamento

FONTE: o autor (2017).

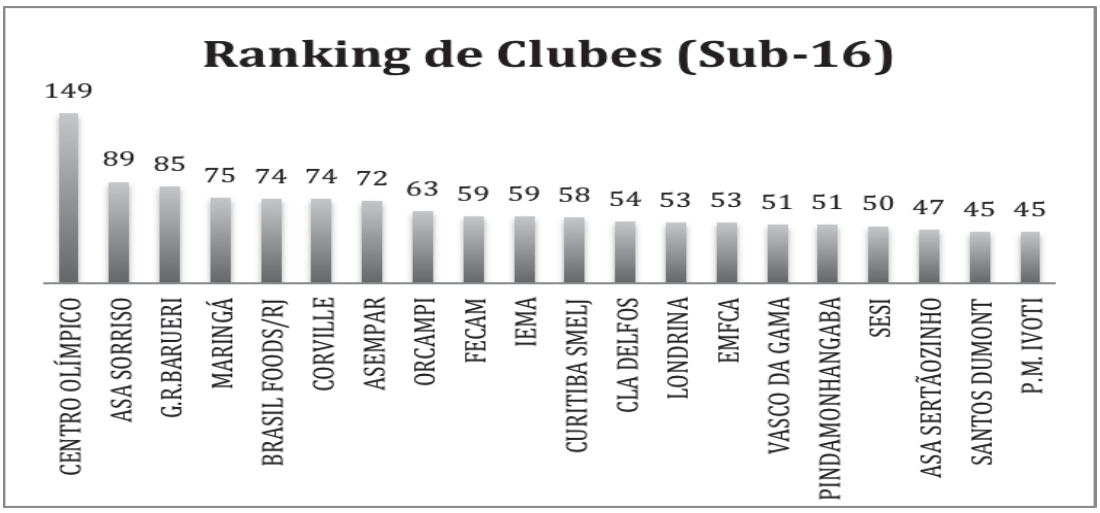
A partir da FIGURA 3, apresentada anteriormente, é possível afirmar que, atualmente, outras entidades compõem o campo esportivo e desenvolvem a base do atletismo no país (exemplo: os clubes) – alguns já mencionados neste estudo – uma vez que poucos CIEs (base da Rede Nacional de Treinamento), foram construídos até 2017.

3.4.2 Principais instituições de atletismo no Brasil a partir do *ranking* da CBAt: da formação ao alto rendimento.

Foi realizado um levantamento de dados no *site* da CBAt dos *rankings* dos anos de 2013 à 2016, dos resultados de atletas de diferentes categorias. A intenção é, descritivamente, apontar quais as instituições competitivas do país no atletismo obtiveram mais e melhores resultados neste período; bem como identificar o nome completo e localização destas equipes.

GRÁFICO 3 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-16).

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

A quantidade de resultados (1306) dos atletas no GRÁFICO 3, é originada a partir das 20 equipes do país que obtiveram mais resultados no *ranking* nacional da categoria Sub-16. A equipe que mais obteve resultados nesta categoria, foi a Associação Desportiva Centro Olímpico (Centro Olímpico) da cidade de São Paulo, a qual mantém seus treinamentos a partir da parceria com a prefeitura municipal, com 149 resultados (11,4% do total de resultados das 20 equipes). Na sequência – com uma diferença considerável com relação ao Centro Olímpico – aparecem, respectivamente, as equipes: Associação Sorriso de Atletismo (ASA) da cidade de Sorriso (MT), com 89 resultados; e Grêmio Recreativo Barueri (SP), com 85 resultados.

Importante destacar que São Paulo, com 7 equipes, é o estado com maior número de entidades entre as 20 que possuem mais resultados e totaliza assim, 683 resultados (52.29%). A equipe com mais resultados (Centro Olímpico) é deste estado e compõem o *ranking* as seguintes equipes paulistas: Grêmio Barueri; Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas; Instituto Elizângela Maria Adriano (IEMA) da cidade de São Caetano do Sul; Associação dos Servidores Públicos Municipais de Pindamonhangaba; Serviço Social da Indústria (SESI) da cidade de Bauru; e Associação Sertanezina de Atletismo (ASA) da cidade de Sertãozinho.

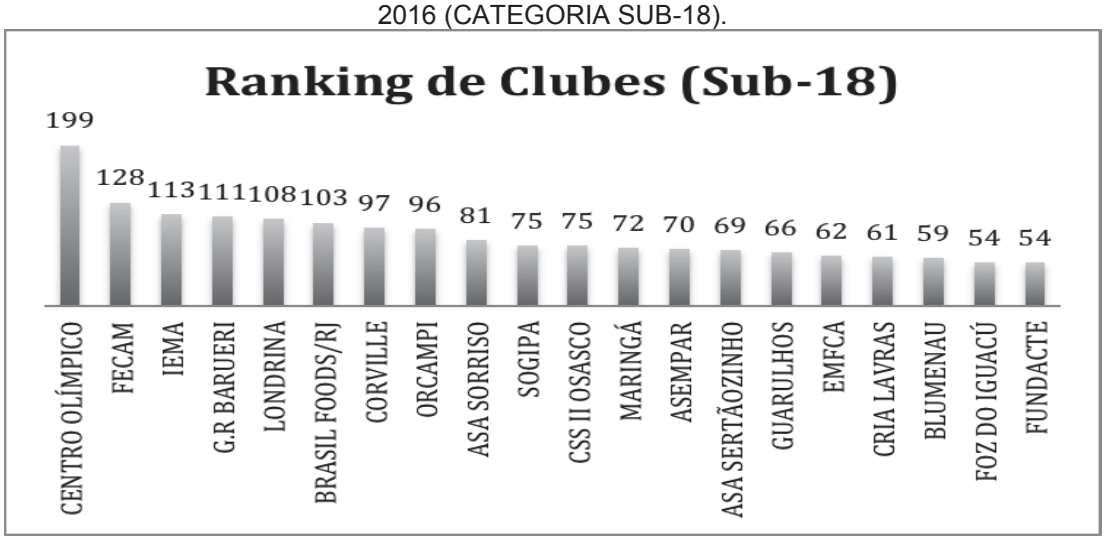
Pode-se notar que o estado do Paraná esteve bem representado no *ranking*, tendo 5 equipes entre as 20 melhores: Associação de Atletismo de Maringá; Associação dos Servidores Municipais de Paranavaí (Asempar); Fundação de Esportes de Campo Mourão (FECAM); Curitiba – Secretaria Municipal de Esporte

Lazer e Juventude (SMELJ); e Londrina Caixa Instituto Paranaense de Esporte e Cultura de Atletismo, totalizando 317 resultados (24.27%) para este estado.

O estado do Rio de Janeiro, possui três equipes entre as 20: Brasil Foods/ILF–BRF – Instituto Lançar-se para o Futuro – RJ; Clube de Atletismo da Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga (EMFCA); e Clube de Regatas Vasco da Gama, todas da cidade de Rio de Janeiro, com um total de 178 resultados (13.26%). Os estados de Santa Catarina, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, possuem uma equipe cada, respectivamente: Associação Corville de Atletismo de Joinville; Clã Delfos da cidade de Betim/MG; Associação Atlética Santos Dumont (AASD) da cidade de Recife; e Prefeitura Municipal de Ivoti da cidade de Ivoti/RS.

Cabe destacar, também, o caso do SESI, instituição presente em diversas cidades e regiões do país. Como mencionado, optou-se – neste estudo – em especificar a localização das equipes, quais cidades tais instituições representavam no *ranking* do CBAt. Ao analisar os resultados do SESI – mas sem diferenciar a cidade (no caso, cidades de Bauru, Osasco/SP, Uberlândia/MG e Natal) –, esta equipe obteve 86 resultados nesta categoria, ficando em terceiro lugar no número de resultados. Esse procedimento (de separar o SESI por cidade) também aconteceu nas demais categorias.

GRÁFICO 4 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-18).



FONTE: o autor (2017).

As 20 equipes de destaque da categoria Sub-18, obtiveram um total de 1753 resultados. Pode-se observar, no GRÁFICO 4, os três clubes desta categoria que

mais possuem resultados no *ranking* da CBAt, respectivamente: Associação Desportiva Centro Olímpico de São Paulo com 199 resultados (11.35%); Fundação de Esportes de Campo Mourão (FECAM) da cidade de Campo Mourão (PR) com 128 resultados (7.30%); e Instituto Elizângela Maria Adriano (IEMA) da cidade de São Caetano do Sul (SP) com 113 resultados (6.45%).

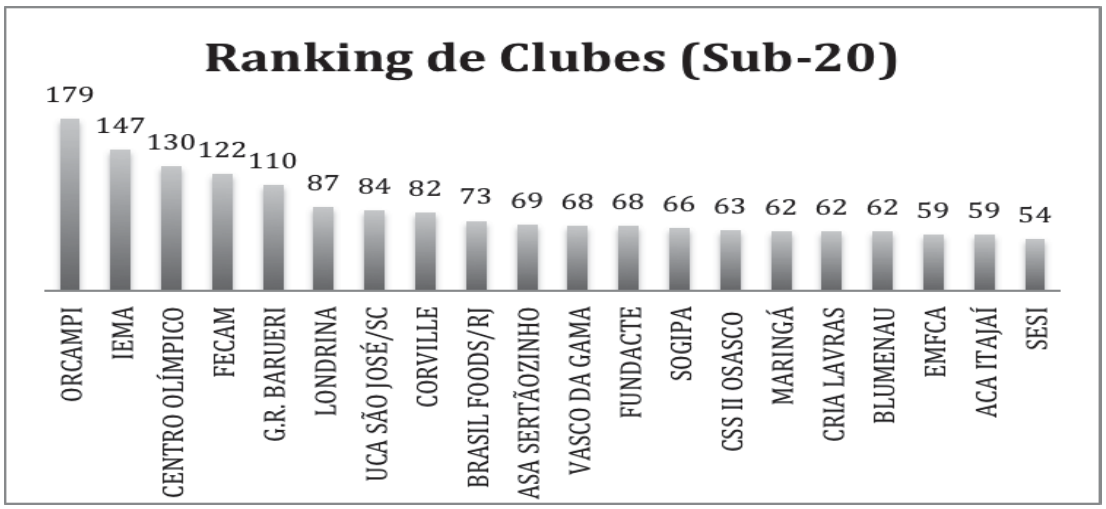
Similarmente à categoria Sub-16, o estado de São Paulo é o que possui o maior número de equipes, 8 entre as 20 com mais resultados: Centro Olímpico; IEMA; Grêmio Recreativo Barueri; Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas; Clube de Subtenentes e Sargentos do Exército (CSS II Exército) da cidade de Osasco; Associação Sertanezina de Atletismo (ASA) da cidade de Sertãozinho; Guarulhos (FUMGUARU – Fundo Municipal de Esporte e Lazer); e Fundação de Ciência, Tecnologia e Ensino (FUNDACTE) da cidade de Presidente Prudente, totalizando 864 resultados (49.29%).

Na sequência, o estado do Paraná, com 5 equipes: FECAM; Londrina Caixa Instituto Paranaense de Esporte e Cultura de Atletismo; Associação de Atletismo de Maringá; Associação dos Servidores Municipais de Paranavaí (Asempar); e Instituto do Atletismo de Foz do Iguaçu (IAFI); totalizando 317 resultados (24.64%) para este estado.

Os estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina possuem 2 equipes cada, entre as 20 melhores, respectivamente: Brasil Foods/ILF–BRF; Clube de Atletismo da Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga (EMFCA); ambas da cidade do Rio de Janeiro; Corville da cidade de Joinville e Associação Atletismo de Blumenau. Já os estados de Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com uma equipe cada, respectivamente: Associação Sorriso de Atletismo (ASA) da cidade de Sorriso, Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA) e Centro Regional de Iniciação ao Atletismo (CRIA LAVRAS) da cidade de Lavras.

GRÁFICO 5 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-20).

(continua)

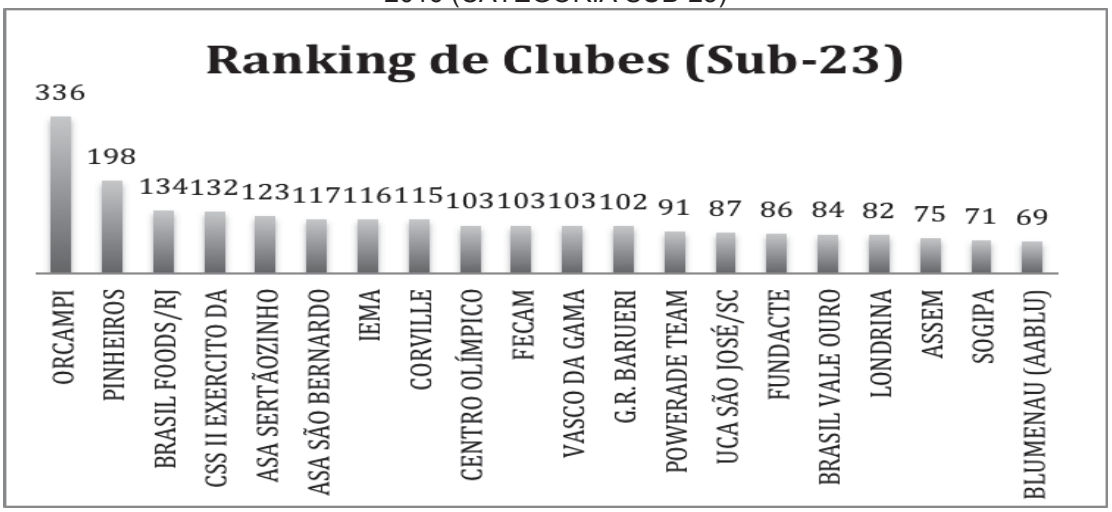


FONTE: o autor (2017).

Essas 20 importantes equipes da categoria Sub-18 obtiveram um total de 1706 resultados. Conforme GRÁFICO 5, os três clubes desta categoria que mais possuem resultados são do estado de São Paulo: Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas, com 179 resultados (10.49%); IEMA de São Caetano do Sul, com 147 resultados (8.61%) e Centro Olímpico da cidade de São Paulo, com 130 resultados (7.62%). Além destas, o estado de São Paulo possui outras cinco equipes entre as 20 com mais resultados no *ranking* da CBAt, a saber: Grêmio Recreativo Barueri; ASA da cidade de Sertãozinho; (FUNDACTE) da cidade de Presidente Prudente; CSS II Exército da cidade de Osasco Serviço Social da Indústria (SESI) da cidade de Bauru – o que totaliza 48.1% dos resultados das 20 equipes para o estado de São Paulo.

O estado de Santa Catarina possui destaque nessa categoria, pois 4 equipes são catarinenses: União Catarinense de Atletismo (UCA) da cidade de São José; Corville de Joinville; Associação Atletismo de Maringá e Associação Comunidade de Atletismo (ACA) da cidade de Itajaí, totalizando 16.82% dos resultados para este estado. Os estados do Rio de Janeiro e Paraná possuem 3 equipes cada: Brasil Foods, Vasco da Gama e EMFCA, todas da cidade do Rio de Janeiro; e FECAM de Campo Mourão, Londrina e Maringá. Os estados de Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com uma equipe cada, respectivamente: SOGIPA de Porto Alegre e CRIA LAVRAS da cidade de Lavras.

GRÁFICO 6 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA SUB-23)



FONTE: o autor (2017).

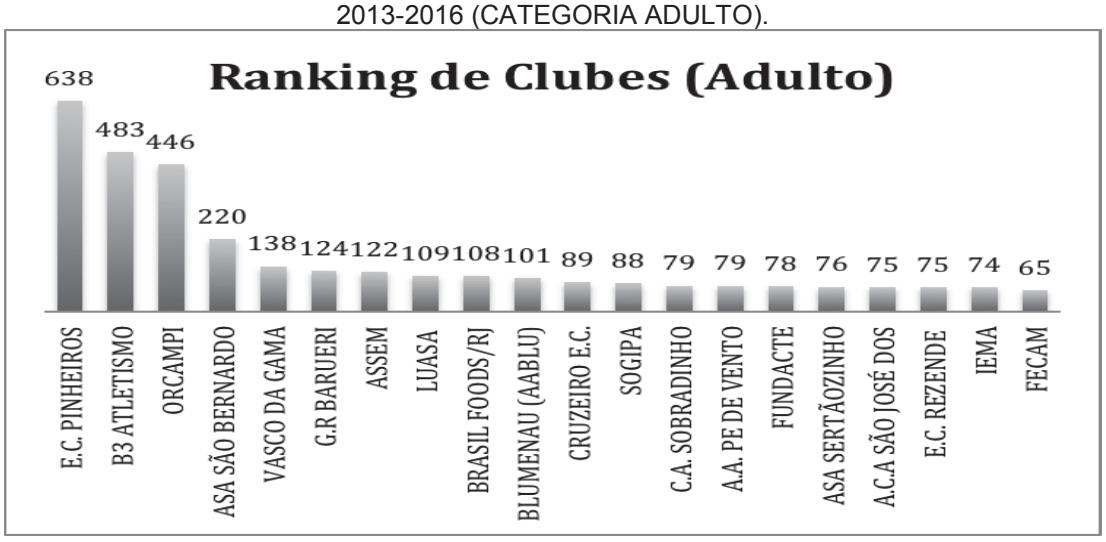
Essas 20 importantes equipes da categoria Sub-23 obtiveram um total de 2327 resultados. Conforme GRÁFICO 6, os três clubes desta categoria que mais possuem resultados no *ranking* da CBAt são: Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas com 336 resultados (14.43%); Esporte Clube Pinheiros da cidade de São Paulo com 198 resultados (8.50%); e Brasil Foods da cidade do Rio de Janeiros com 134 resultados (5.75%). É importante destacar que a equipe do Centro Olímpico esteve entre as três primeiras posições nas categorias anteriores, o que não acontece na Sub-23. Assim como, o surgimento entre as 20 com mais resultados da equipe do Clube Pinheiros, além disso: é uma das equipes que mais se destacam nesta categoria.

Das 20 equipes que mais apresentam resultados na categoria Sub-23, metade pertencem ao estado de São Paulo. Identificou-se que, das 10 equipes com mais resultados, 7 são do estado de São Paulo e representam, assim, 48.35% dos resultados: Orcampi, Pinheiros, CSS II Exército – Osasco, ASA de Sertãozinho, Associação Sambernardense de Atletismo (ASA) de São Bernardo do Campo, IEMA, Centro Olímpico. Além destas 7, as equipes, Grêmio Barueri, FUNDACTE de Presidente Prudente e Associação dos Servidores Municipais (ASSEM), da cidade de São José dos Campos, também são paulistas. Ao adicionar os resultados destas três equipes, o estado de São Paulo passa a ter 59,64% dos resultados das 20 equipes.

O estado do Rio de Janeiro é o segundo com mais equipes: Brasil Foods, Vasco da Gama, Powered Team, e Brasil Vale Ouro (Núcleo de Desenvolvimento

Humano e Econômico da Vila Militar - Filial Engenhão), o que totaliza 17.7% dos resultados. Santa Catarina possui três equipes: Corville de Joinville, UCA da cidade de São José e Blumenau. O Paraná decai nesta categoria, com duas equipes: FECAM e Londrina. Por fim, o estado do Rio Grande do Sul é representado pela equipe da SOGIPA, de Porto Alegre. Importante destacar a entrada pontual de equipes na categoria Sub-23 (considerada, junto com a Sub-20, a entrada para o alto rendimento) como Pinheiros, ASSEM, Powered Team, e Brasil Vale Ouro.

GRÁFICO 7 – 20 INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CATEGORIA ADULTO).



FONTE: o autor (2017).

Essas 20 principais equipes da categoria Adulto, obtiveram um total de 3267 resultados. Conforme o GRÁFICO 7, os quatro clubes desta categoria que mais possuem resultados no *ranking* da CBAt, entre os anos de 2013 à 2016, são do estado de São Paulo: Esporte Clube Pinheiros com 638 resultados (19.52%); Clube B3 Atletismo da cidade de São Caetano do Sul, com 483 resultados (14.78%); Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas, com 446 resultados (13.65%); e ASA de São Bernardo do Campo, com 220 resultados (6.73%).

As seguintes equipes também são paulistas: Grêmio Barueri; ASSEM da cidade de São José dos Campos; Luasa Sposts Caixa Taubaté (LUASA) da cidade de Taubaté; FUNDACTE de Presidente Prudente; ASA de Sertãozinho; Associação Comunidade do Atletismo (ACA) de São José dos Campos; Esporte Clube Rezende de Piracicaba; e Instituto Elizângela Maria Adriano (IEMA) da cidade de São Caetano do Sul. Entre todas as categorias aqui analisadas, a Adulto é a que mais

possui equipes do estado de São Paulo, são 12 equipes, responsáveis por 76.87% dos resultados das 20 equipes desta categoria.

O estado do Rio de Janeiro é o segundo com mais equipes, sendo representado por três equipes: Vasco da Gama, Brasil Foods, ambas da cidade do Rio de Janeiro e Associação Atlética Pé de Vento localizada na cidade de Petrópolis, assim este estado concentra 9.94% dos resultados das 20 equipes. Os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Distrito Federal, com uma equipe cada – entre as 20 que obtiveram maior número de resultados –, respectivamente: Blumenau; Cruzeiro Esporte Clube (Belo Horizonte); SOGIPA de Porto Alegre; FECAM; Centro de Atletismo de Sobradinho (CASO) da cidade de Sobradinho (DF).

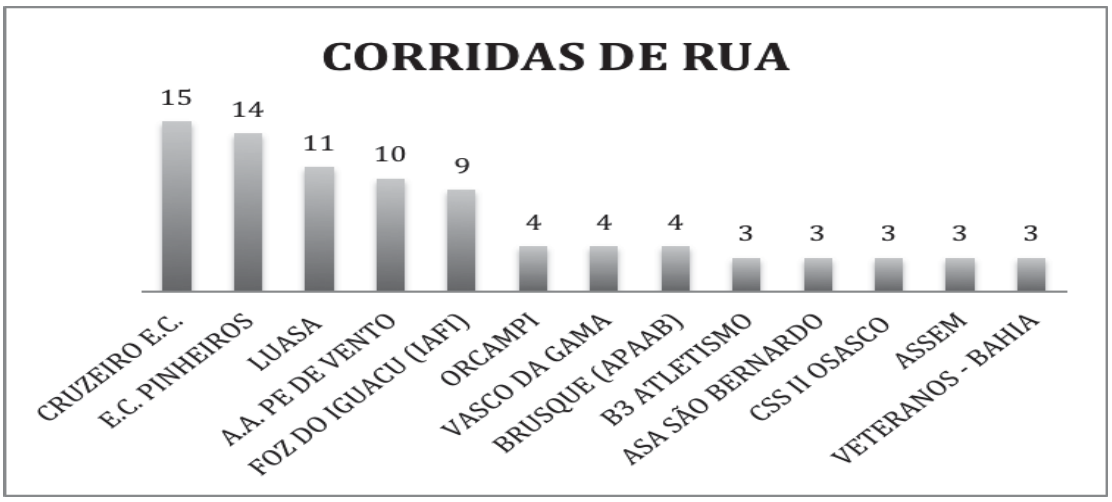
É importante destacar o surgimento de algumas equipes somente na categoria Adulto, entre as 20 com mais resultados, tais como, as equipes do Cruzeiro, CASO, Pé de Vento, São José dos Campos, Rezende e destaque para a equipe da B3 Atletismo, sendo a segunda colocada em número de resultados – entre os anos de 2013 e 2016.

Observa-se que a equipe Brasil Foods/ILF (RJ) e Orcampi, são as únicas que permanecem no campo nacional do atletismo, entre as 20 com maior número de resultados nas 5 categorias até aqui analisadas. Também, nota-se que as equipes do Centro Olímpico (SP) e Corville (SC) aparecem entre as 10 melhores nas categorias Sub-16 à Sub-23, sendo que na Adulto, tais equipes nem figuram entre as 20 elencadas. Essa questão pode ser melhor detalhada, mais abaixo, na Tabela 4.

Conforme o GRÁFICO 7, a equipe B3 Atletismo é uma das principais do cenário nacional de alto rendimento. Constatou-se que seu centro de treinamento *indoor* recebeu, em 2013, incentivos da CBAt – estes, oriundos do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), para aquisição de equipamentos esportivos da prova salto com vara, uma vez que esta equipe (na ocasião) tinha uma forte equipe de salto com vara, com atletas classificados para o Mundial da Rússia de 2013, por exemplo, Fabiana Murer (ESTADÃO, 2012; COB, 2013).

GRÁFICO 8 – INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL COM TRÊS OU MAIS RESULTADOS: 2013-2016 (CORRIDAS DE RUA)

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

Optou-se em revelar, separadamente, as principais equipes de uma modalidade específica do atletismo, designada Corridas de Rua. A CBAt faz um *ranking* específico sobre essa modalidade, que cresceu muito no Brasil em número de provas e participantes, dentre os quais, os amadores são a maioria (CBAt, 2016b).

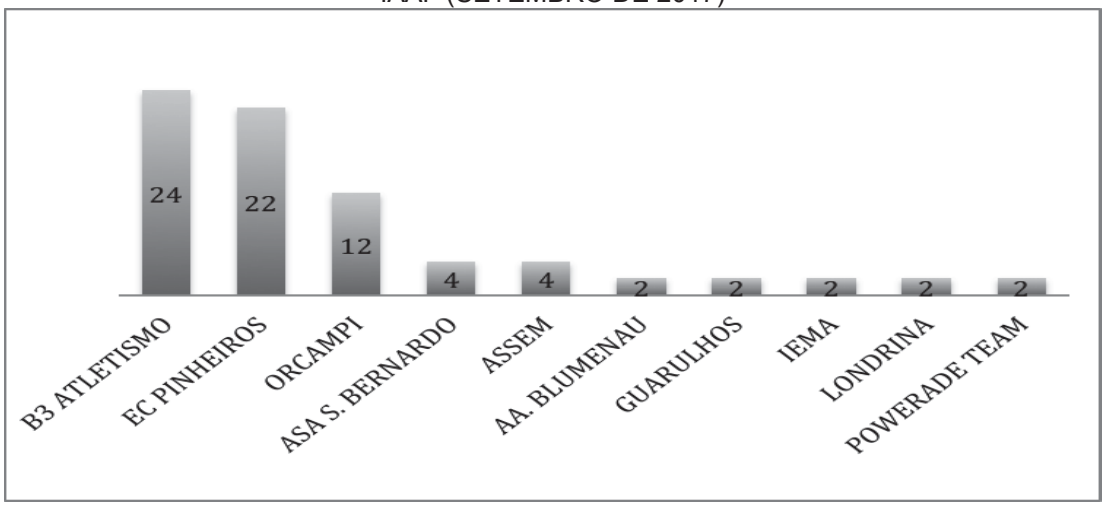
Essas 13 principais equipes de Corridas de Rua, obtiveram um total de 86 resultados. As três equipes do país, com maior número de resultados entre todas as provas das Corridas de Rua (Corridas de 5, 10, 15 e 20 km de Rua, Maratona e Meia Maratona) são: Cruzeiro Esporte Clube da cidade de Belo Horizonte, com 15 resultados; Esporte Clube Pinheiros de São Paulo, com 14 resultados; Luasa Sposts Caixa Taubaté (LUASA), com 11 resultados. Dentre as 13 equipes apresentadas no GRÁFICO 8, 8 (53,85%), estão no estado de São Paulo: Orcampi, B3 Atletismo, ASA de São Bernardo do Campo, CSS II Exército de Osasco, ASSEM de São José dos Campos, além de Pinheiros e LUASA já mencionadas.

O estado do Rio de Janeiro está representado por duas equipes: Vasco da Gama do Rio de Janeiro e Associação Atlética Pé de Vento de Petrópolis. Os estados do Paraná, Santa Catarina e Bahia, possuem uma equipe cada, respectivamente: Instituto de Atletismo de Foz do Iguaçu (IAFI); Associação dos Pais e Amigos do Atletismo de Brusque (APAAB); e Veteranos da cidade de Salvador.

Após revelar, as principais entidades vinculadas ao *ranking* da CBAt, optou-se na sequência, em apresentar as principais instituições presentes no *ranking* internacional do atletismo – IAAF. Foram identificados, um total de 92 atletas

brasileiros presentes neste *ranking*, nas provas olímpicas desta modalidade – em setembro de 2017. Vale lembrar que, optou-se por esse mês, pois, em agosto de 2017, foi realizado o mundial de atletismo em Londres. Estes atletas contabilizaram 105 resultados, uma vez que é possível um atleta obter mais de um resultado. Por exemplo, o atleta pode participar dos 100 metros rasos e do revezamento 4x100. Identificou-se que tais atletas estavam vinculados a diferentes equipes do atletismo brasileiro, mais precisamente, 21 equipes do país tiveram atletas no *ranking* da IAAF.

GRÁFICO 9 – ENTIDADES COM DOIS OU MAIS ATLETAS NO *RANKING* INTERNACIONAL DA IAAF (SETEMBRO DE 2017)



FONTE: o autor (2017).

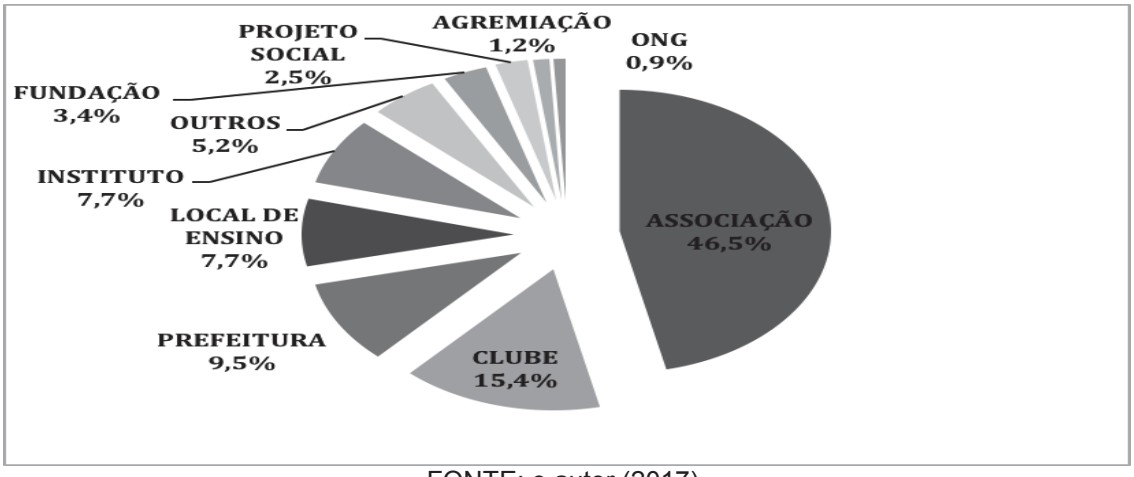
Essas 10 equipes da categoria obtiveram um total de 76 atletas (82,62%). Conforme o GRÁFICO 9, as duas primeiras entidades com mais atletas no *ranking* mundial foram: B3 Atletismo, da cidade de São Caetano do Sul e Esporte Clube Pinheiros, da cidade de São Paulo. Juntas elas contabilizam 46 atletas, justamente, a metade dos atletas brasileiros presentes neste *ranking*. A terceira equipe melhor posicionada em número de atletas, mas, bem atrás das duas primeiras, é a Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI), de Campinas, com 12 atletas (13,04% do total). Nota-se que as cinco entidades de atletismo com mais resultados e atletas no *ranking* da IAAF, em 2017, são do estado de São Paulo: além das três primeiras supracitadas, aparecem as equipes da Associação dos Servidores Municipais (ASSEM), da cidade de São José dos Campos e da Associação Sambernardense de Atletismo (ASA), de São Bernardo do Campo.

Já, das 21 equipes encontradas no referido *ranking*, 13 (61,9%) pertencem ao estado de São Paulo; 2 ao estado do Paraná (FECAM de Campo Mourão e Londrina); e 2 do Rio de Janeiro (Vasco da Gama e Powerade Team). Os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Piauí, Bahia e Distrito Federal com uma equipe cada, respectivamente: AABLU, de Blumenau; SOGIPA, de Porto Alegre; CT Piauí, de Teresina; Vila Olímpica, de Vitória; Centro de Atletismo de Sobradinho (CASO), da cidade de Sobradinho (DF).

É importante destacar que todas as 21 equipes presentes no *ranking* internacional, também aparecem nas análises realizadas no decorrer deste estudo, em que foram identificadas as principais instituições do *ranking* nacional, por categorias. Por exemplo, as instituições do GRÁFICO 9 (*ranking* internacional), também podem ser encontradas nas análises das equipes brasileiras com mais resultados, das categorias Sub-23 e Adulto (Ver Gráficos 6 e 7). Assim, pode-se afirmar que, as equipes destaques do atletismo nacional, também possuem seus atletas, participando de competições de nível internacional.

Em outra análise, com base na identificação e descrição do nome completo das 325 entidades que participam do *ranking* da CBAt, entre os anos de 2013 à 2016, foi possível identificar que o atletismo no Brasil é um esporte praticado por diferentes entidades: associações (por exemplo: Sorriso, Sertãozinho, Blumenau, ASSEM); clubes (Pinheiros, Orcampi, Vasco da Gama, Cruzeiro); prefeituras (Barueri, Maringá, Campo Mourão, Centro Olímpico); e institutos (IEMA, Foz do Iguaçu, Brasil Foods).

GRÁFICO 10 – TIPO E PERCENTUAL DAS ENTIDADES QUE REPRESENTAM O ATLETISMO COMPETITIVO: 2013-2016.



FONTE: o autor (2017).

Das 325 equipes, presentes no *ranking* do atletismo competitivo nacional, pode-se afirmar que estas entidades são formadas, na sua maioria, por associações esportivas. Mais precisamente, 149 (46,5%) equipes de atletismo receberam tal classificação. Depois, mas, com uma menor frequência, aparecem os clubes esportivos (15,4%) e as prefeituras municipais (9,5%) – que também ajudam no desenvolvimento deste esporte. Destacam-se, também, entidades de atletismo que pertencem aos estabelecimentos de ensino, institutos, ambas representam 8% do total de entidades. A rede de atletismo também é composta por agremiações, organizações não governamentais (ONG), fundações e projetos sociais. Por fim, 17 (5,2%) das entidades receberem a denominação de "Outros", pois, estavam presentes e nominadas no *ranking* da CBAt com abreviações incompletas, as quais não foram possíveis de serem encontradas e/ou complementadas, sendo assim, não entraram na classificação no que se refere ao tipo de entidade.

Nos dados mencionados, foi realizada a análise por categorias do atletismo nacional. Agora, na Tabela 3, é realizada uma análise geral das 20 equipes que mais obtiveram resultados envolvendo todas as categorias, conforme pode ser visto no *ranking* quantitativo desta tabela.

TABELA 3 - 20 PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES DE ATLETISMO DO BRASIL ENTRE TODAS AS CATEGORIAS COM BASE NO NÚMERO E NA QUALIDADE DOS RESULTADOS OBTIDOS (2013-2016) (continua)

Quantitativo	Resultados	Qualitativo	Pontos	Var.*
ORCAMPI	1118	ORCAMPI	157.640	– 0
E.C. PINHEIROS	904	E.C. PINHEIROS	141.880	– 0
CENTRO OLÍMPICO	645	B3 ATLETISMO	96.360	▲ 1
B3 ATLETISMO	563	CENTRO OLÍMPICO	88.760	▼ 1
GRÊMIO BARUERI	537	BRASIL FOODS	71.280	▲ 2
IEMA	509	IEMA	64.840	– 0
BRASIL FOODS	492	GRÊMIO BARUERI	63.320	▼ 2
FECAM	477	FECAM	58.720	– 0
ASA/SÃO BERNARDO	443	ASA/SÃO BERNARDO	55.160	– 0
CORVILLE	433	CORVILLE	49.800	– 0
VASCO DA GAMA	407	SOGIPA	45.560	▲ 4
ASA – SERTÃOZINHO	384	LONDRINA	44.160	▲ 1
LONDRINA	381	VASCO DA GAMA	43.480	▼ 2
CSS II EX. OSASCO	351	BLUMENAU (AABLU)	42.280	▲ 2
SOGIPA	342	ASA – SERTÃOZINHO	42.000	▼ 3

BLUMENAU (AABLU)	323	CSS II EX. OSASCO	41.440	▼ 2
ASSEM	306	FUNDACTE	39.600	▲ 1
FUNDACTE	303	ASSEM	37.720	▼ 1
A.A. MARINGÁ	279	ASA – SORRISO	36.680	▲ 1
ASA – SORRISO	273	A.A. MARINGÁ	31.720	▼ 1

FONTE: o autor (2017).
Legenda: * A variação é feita comparando a posição da equipe com relação ao número de resultados.

Conforme mencionado na metodologia deste capítulo, foi dado um valor para a colocação de cada atleta no *ranking* da CBAt (zonas de ponderação, valorizando os atletas com melhor colocação). A intenção disso é verificar se a equipe bem classificada, com relação ao número de resultados entre todas as categorias, também possui qualidade nesses resultados. Na Tabela 3, há uma análise por meio de uma abordagem, a qual definiu-se como quantitativa: instituições com maior número de resultados no *ranking*, por ambos os sexos. Por outro lado, também revela as instituições que possuem melhores resultados nas provas (abordagem qualitativa). Ou seja, não basta apenas estar entre os 20 melhores do *ranking* (a CBAt fornece o *ranking* anual, por categoria, dos 20 melhores atletas de cada prova do atletismo).

Comparando as abordagens quantitativa e qualitativa, conclui-se que podem acontecer variações entre as instituições. No entanto, boa parte das equipes sofreram pequenas mudanças, sendo o número 1, a variação que mais se repetiu na Tabela 3, isto é, equipes perderam uma posição (Centro Olímpico, ASSEM, Maringá); ou ganharam uma posição (B3 Atletismo, Londrina, FUNDACTE e ASA Sorriso), qualitativamente. O maior salto na Tabela 3 – em termos de qualidade de resultados – foi com a equipe da SOGIPA, a qual melhorou quatro posições na tabela (15º posição em número de resultados e 11º em qualidade de resultados). A queda mais profunda se deu com a equipe ASA Sertãozinho, caindo três posições no *ranking* qualitativo. A característica se mantém sem variação em cinco instituições, destaque para as duas primeiras instituições: Orcampi e Clube Pinheiros.

É importante ressaltar que, pela análise qualitativa, outras duas equipes entrariam na Tabela 3: a equipe CASO de Sobradinho (DF), obteve 36.800 pontos (com 258 resultados) e a equipe Clube de Atletismo da Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga (EMFCA) da cidade do Rio de Janeiro com 35.280 pontos

(com 260 resultados). Essas ficariam posicionadas no *ranking* qualitativo em 18º e 20º lugares, respectivamente. No entanto, tais equipes não foram enquadradas nessa análise, pois, não estavam entre as que mais obtiveram resultados. Nesse sentido, justifica-se a importância deste tipo de análise entre quantitativo e qualitativo, uma vez que nem sempre as equipes que possuem maior quantidade de resultados, possuem maior qualidade deles.

Com base nos gráficos supracitados (análise por categorias), observou-se que há instituições no Brasil que apresentam resultados em mais de uma categoria, conforme revela a Tabela 4.

TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS, ENTRE TODAS AS CATEGORIAS DO ATLETISMO, DAS 20 PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES

Categoria	**Sub-16**		**Sub-18**		**Sub-20**		**Sub-23**		**Adulto**		**Total**
Sexo	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	
ORCAMPI	28	35	32	64	70	109	124	212	174	272	1118
E.C. PINHEIROS			6	8	15	33	93	105	393	245	904
CENTRO OLÍMPICO	83	66	105	94	67	63	68	35	38	24	645
B3 ATLETISMO		2	2		3	2	31	29	254	229	563
GRÊMIO BARUERI	53	32	46	65	53	57	68	34	59	65	537
IEMA	17	42	41	73	80	67	65	51	39	35	509
BRASIL FOODS	41	33	58	45	39	34	76	58	39	69	492
FECAM	33	26	58	70	47	75	41	62	35	31	477
ASA/SÃO BERNARDO	10	10	17	14	29	27	66	51	128	92	443
CORVILLE	50	24	66	31	66	16	101	14	48	18	433
VASCO DA GAMA	30	21	19	25	39	29	65	38	63	75	407
ASA – SERTÃOZINHO	27	20	16	53	26	43	27	96	33	43	384
LONDRINA	34	19	28	80	47	40	44	38	40	10	381
CSS II EXER./OSASCO	7	21	44	31	26	37	61	71	25	28	351
SOGIPA	16	24	41	34	45	21	32	39	39	49	342
BLUMENAU (AABLU)	11	21	26	33	25	37	35	34	54	47	323
ASSEM	12	15	27	14	24	15	54	21	64	58	306
FUNDACTE	11	6	9	45	13	55	13	73	15	60	303
A.A. MARINGÁ	39	36	49	23	50	12	25	14	12	20	279
ASA SORRISO	52	37	51	30	33	8	35	7	16	4	273

FONTE: o autor (2017).

Observou-se que, das 20 equipes, somente o Clube Pinheiros e B3 Atletismo não possuem resultados ou, pode-se dizer, atletas, em todas as categorias e sexos. Identificou-se que 92,47% dos resultados do Pinheiros e 96.45% da B3 Atletismo, se

concentram nas categorias Sub-23 e Adulto. Tal fato, de acordo com a Tabela 3 (análise entre quantidade e qualidade entre todas as categorias), faz dessa equipe uma das principais do país no atletismo. Contudo, a mesma foca seus esforços, quase que exclusivamente, em atletas que se encontram nos níveis intermediários e avançados de *performance* esportiva. Essa lógica também pode ser vista em outras equipes, tais como: Orcampi, ASA São Bernardo, Sertãozinho, Vasco da Gama, ASSEM e FUNDACTE, muito embora essas equipes possuam resultados nas categorias menores, mas em menor proporção que as categorias Sub-23 e Adulto. Por exemplo, equipes como Vasco da Gama e ASA São Bernardo, as quais não se encontram entre as 10 melhores nas categorias Sub-16 e Sub-18 – embora constata-se, na Tabela 4, que as mesmas possuem atletas competindo nessas categorias. Assim, tais instituições objetivam o alto rendimento, sendo que na categoria Adulto as mesmas figuram entre as 5 com mais resultados do país (ver GRÁFICO 7).

Por outro lado, identificou-se que algumas equipes, como Maringá (PR), ASA Sorriso (MT), Centro Olímpico de São Paulo, apresentam o processo inverso. A Tabela 4 revela, por exemplo, que esta última instituição tem uma queda considerável no número de resultados, a partir da categoria Sub-20. A média de resultados desta equipe por categoria é 129, sendo que na categoria adulta o Centro Olímpico possui somente 62 resultados (9.61%), valor muito abaixo da média. Observou-se que essa equipe encontra-se entre as melhores do país nas categorias iniciais do atletismo, mas, de fato, o mesmo não acontece na categoria Adulto.

Apesar das equipes serem destaques ou na formação esportiva, ou no alto rendimento, torna-se possível afirmar que 18 das 20 equipes apresentadas, possuem o caminho completo, da descoberta do talento ao alto rendimento, pois, fornecem oportunidade para seus atletas competirem desde as categorias iniciais do *ranking* nacional até o alto rendimento.

Assim, outro ponto de destaque é que equipes supracitadas forneceram a maioria dos atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio. Por exemplo, dos 67 atletas participantes do atletismo no Rio, 16 (23.88%) estavam vinculados a B3 Atletismo; 12 (17.91%) ao Clube Pinheiros e 6 (8.95%) a Orcampi. Na sequência, alguns atletas. B3 Atletismo: Fabiana Murer (salto com vara), Darlan Romani (arremesso do peso) e Marilson Gomes dos Santos (maratona); Pinheiros:

Hederson Alves Stafani (400 metros rasos), Adriana Aparecida da Silva (maratona), Kleberson Davide (800 metros rasos), Thales Silva (salto em altura); Orcampi: Thiago Braz da Silva (salto com vara), Eder Souza (110 m/barreira), Solonei da Silva (maratona); Blumenau: Jonathan Riekamann (marcha atlética); Vasco da Gama: Aldemir Gomes Junior (200 metros rasos); GR Barueri: Higor Silva Alves (salto em distância); BR Foods: Jorge Vides (200 metros rasos); ASA São Bernardo do Campo: Altobeli Santos (3000 metros com obstáculos); EMFCA: Vitória Cristina Rosa (200 metros rasos).

TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DAS 20 ENTIDADES DO ATLETISMO NACIONAL POR ANO ANALISADO: 2013-2016

Entidade	2013	2014	2015	2016	Total	Média
ORCAMPI	320	228	271	299	1118	280
E.C. PINHEIROS	238	198	221	247	904	226
CENTRO OLIÍMPICO	150	139	155	201	645	162
B3 ATLETISMO	170	139	76	178	563	141
GRÊMIO BARUERI	198	146	126	67	537	135
IEMA	93	78	212	126	509	128
BRASIL FOODS	182	114	147	49	492	123
FECAM	114	100	107	156	477	120
ASA/SÃO BERNARDO	112	115	58	158	443	111
CORVILLE	84	95	149	105	433	109
VASCO DA GAMA	19	30	191	167	407	102
ASA – SERTÃOZINHO	119	72	88	105	384	96
LONDRINA	142	76	55	108	381	95
CSS II EXER./OSASCO	89	82	132	48	351	87
SOGIPA	130	72	78	62	342	85
BLUMENAU (AABLU)	93	67	92	71	323	81
ASSEM	73	71	104	58	306	77
FUNDACTE	80	70	78	75	303	76
A.A. MARINGÁ	57	67	102	53	279	70
ASA SORRISO	36	48	105	84	273	69

FONTE: o autor (2017).

TABELA 6 – VARIÂNCIA DOS RESULTADOS DAS EQUIPES ENTRE OS ANOS PESQUISADOS.

	Levene Statistic	Significância
Ano 2013	3,834	.067
Ano 2014	3,586	.075
Ano 2015	1,747	.204
Ano 2016	3,201	.091

FONTE: o autor (2017).

A Tabela 6 reporta, a partir do teste de suposição da homogeneidade da variância (teste de Levene), que quando se analisa a equipe e a distribuição de seus resultados entre cada ano pesquisado, pode-se afirmar, com base no teste, que as variâncias (entre os anos pesquisados) dos resultados dos 20 clubes entre os anos pesquisados são semelhantes, pois, a significância é maior do que o critério estatístico significativo de 0.05. Ainda, é possível notar que as principais equipes em número de resultados, se mantiveram competindo ao longo dos anos analisados.

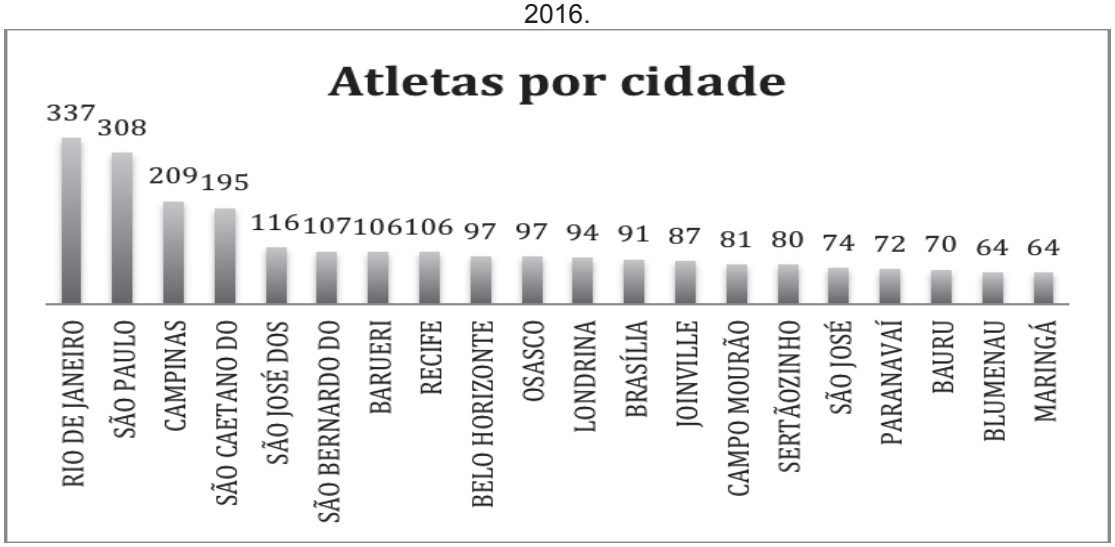
TABELA 7 – DISTRIBUIÇÃO POR SEXO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS ENTRE TODAS AS CATEGORIAS DO *RANKING* DO ATLETISMO: 2013-2016.

		2013		**2014**		**2015**		**2016**		
Categoria	**Média / ano**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	***Total***
16	403	375	332	431	444	425	423	399	393	3222
18	519	439	561	578	550	428	813	395	389	4153
20	449	510	541	133	163	573	579	568	574	3641
23	558	560	569	566	559	545	561	541	562	4463
Adulto	656	651	681	461	514	706	713	760	765	5251
Total		2535	2684	2169	2230	2677	3089	2663	2683	20730

FONTE: o autor (2017).

O feminino obteve 48.45% (10.044) do total de resultados, enquanto o masculino um total de 51.55% (10.686) do total de resultados. Participaram do *ranking* nacional da CBAt entre os anos de 2013 à 2016, um total de 4203 atletas, sendo 1884 (44.83%) do sexo feminino e 2319 (55.17%) do masculino. Ao olhar para o total de participantes do masculino (55.17%) e seus resultados (51.55%), e comparar com o feminino, pode-se dizer que elas – apesar de estarem presentes em menor número (44.83% - diferença de 435 atletas) no *ranking* nacional da CBAt – obtiveram 48.45% do máximo de resultados. Isso pode indicar que as mulheres conseguem participar de mais provas, ou categorias do atletismo, conseguindo assim atingir mais resultados para suas equipes, o que pode explicar o motivo pelo qual exista uma divisão equilibrada – na casa dos dez mil – do número de resultados entre homens e mulheres.

GRÁFICO 11 – CIDADES COM 60 OU MAIS ATLETAS (ENTRE TODAS AS CATEGORIAS): 2013-2016.

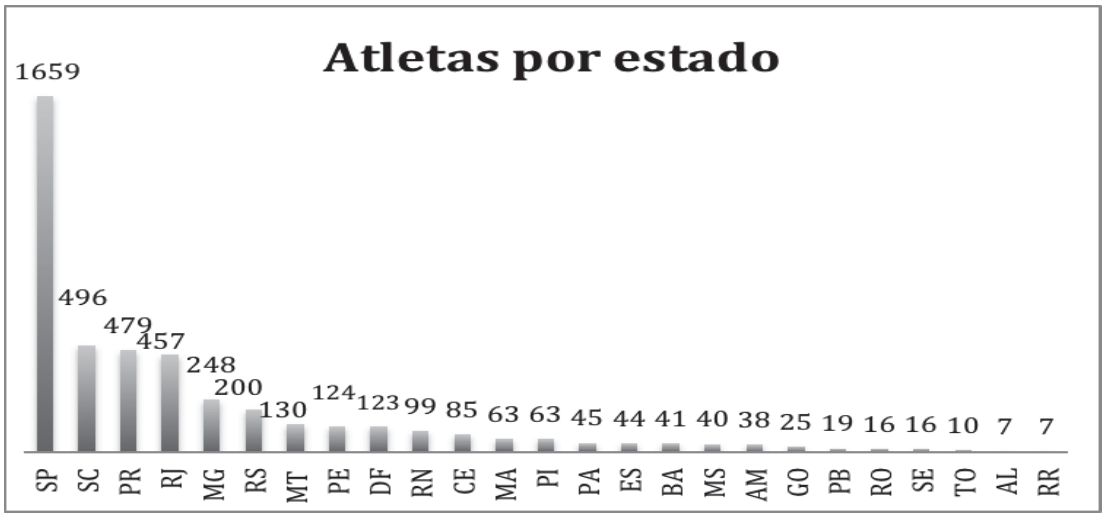


FONTE: o autor (2017).

Como mencionado, 4203 atletas participaram do *ranking* nacional de atletismo entre 2013 à 2016, distribuídos entre 156 cidades do Brasil. O GRÁFICO 11 revela as 20 cidades que mais possuem atletas, envolvendo todas as categorias pesquisadas do referido *ranking*, e juntas totalizam 2455 atletas (58.41% do total). A cidade do Rio de Janeiro foi a que teve mais atletas (13.72% - das 20 primeiras equipes), à frente de São Paulo (12.54%), Campinas/SP (8.21%) e São Caetano do Sul/SP (7.94%). Pode-se observar que as 7 primeiras cidades são da Região Sudeste do Brasil e 6 delas são do estado de São Paulo. Ainda, entre as 20 cidades do GRÁFICO 11, 9 pertencem a este estado (São José dos Campos, São Bernardo do Campo, Barueri, Osasco, Sertãozinho, Bauru, além das 3 já mencionadas); 4 cidades são do Paraná (Londrina, Campo Mourão, Paranavaí e Maringá); 3 cidades em Santa Catarina (Joinville, São José e Blumenau); os estados de Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), Pernambuco (Recife); Minas Gerais (Belo Horizonte); Distrito Federal (Brasília), possuem uma cidade (cada) entre as 20 que mais possuem atletas. Nota-se que são 05 capitais estaduais e 15 cidades do interior do país.

GRÁFICO 12. DISTRIBUIÇÃO DOS ATLETAS POR ESTADO (ENTRE TODAS AS CATEGORIAS): 2013-2016.

(continua)



FONTE: o autor (2017).

Com relação à análise do número de atletas por estado, torna-se importante destacar que muitos atletas trocaram de estados durante o período analisado e foram contabilizados duas, ou até três, vezes nessa análise. Isso pode ter acontecido, pois, o atleta pode ser contratado por outra equipe que se localiza fora de seu estado de origem, bem como, o atleta pode migrar de estado para continuar com a prática da modalidade. Nesse sentido, 4534 atletas foram distribuídos por diversos estados do Brasil.

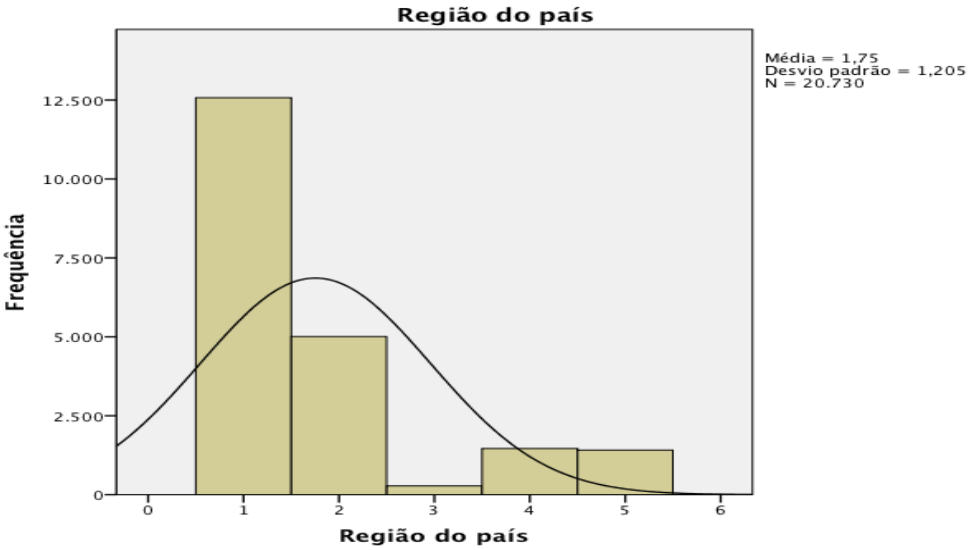
O estado de São Paulo possui 36.59% dos atletas, três vezes mais que o estado segundo colocado em número de atletas, Santa Catarina (10.93%). Em terceiro lugar, aparece outro estado da região Sul, o Paraná, com 10.56% dos atletas. Conforme o GRÁFICO 12, os estados do Acre e Amapá, ambos da região Norte, não tiveram atletas presentes no *ranking* nacional da CBAt no período investigado.

TABELA 8 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS (TODAS AS CATEGORIAS E ENTIDADES) POR REGIÃO BRASILEIRA. 2013-2016.

Região	Frequência	Porcentual	Porcentagem acumulativa
1 Sudeste	12572	60,6	60,6
2 Sul	5008	24,2	84,8
3 Norte	278	1,3	86,1
4 Nordeste	1462	7,1	93,2
5 Centro Oeste	1410	6,8	100,0
Total	20730	100,0	

FONTE: o autor (2017).

GRÁFICO 13. DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR REGIÃO DO PAÍS.



FONTE: o autor (2017).
Legenda: 1 (Sudeste); 2 (Sul); 3 (Norte); 4 (Nordeste); 5 (Centro Oeste).

É possível observar, nesta análise – quantidade de resultados dos atletas por região brasileira – que segue a mesma lógica quando se analisa atletas por estado e região brasileira. Conforme o GRÁFICO 13, a Região Sudeste (1) concentra a maioria dos resultados, aproximadamente 12.500 (60,6%). Na sequência, com aproximadamente 5000 (24,2%) resultados aparece a região Sul.

TABELA 9 – CONTAGEM DE RESULTADOS DO *RANKING* NACIONAL POR CLASSE E REGIÃO BRASILEIRA. 2013-2016.

	Sudeste	**Sul**	**Norte**	**Nordeste**	**Centro oeste**	**Total**
1º Classe	3131	874	45	162	328	4540
2º Classe	2718	995	49	265	315	4342
3º Classe	2438	1034	59	278	270	4079
4º Classe	2203	1015	61	316	278	3873
5º Classe	2082	1089	64	442	219	3896
Total	12572	5007	278	1463	1410	20730

FONTE: o autor (2017).

Na Tabela 9, é possível observar que a Região Sudeste possui o maior número dos seus resultados (24.90%) na 1º Classe, ou seja, resultados de qualidade. Ainda, a concentração de resultados nas classes diminui à medida que o nível de resultados também diminui, por exemplo: a menor concentração de resultados (16.56%) da região Sudeste está na 5º Classe, a qual possui os piores resultados no *ranking* nacional da CBAt (17º aos 20º lugares). Esta mesma lógica pode ser vista com a Região Centro Oeste, obviamente, com menos resultados do

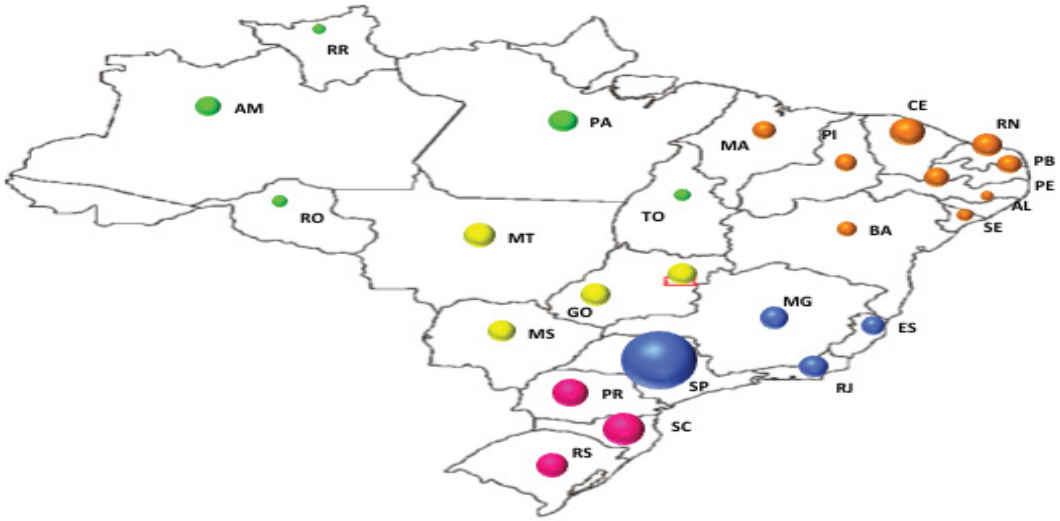
que a região Sudeste.

As regiões Sul, Norte e Nordeste, não possuem a maior parte de seus resultados na 1º Classe (resultados entre 1º e 4º lugares), mas sim na 5º Classe. Isso revela, por exemplo, no caso da região Nordeste, que mais da metade de seus resultados (51.81%) se concentram nas Classes 4 e 5. Ou seja, a partir dessa análise pode-se dizer que a maioria dos resultados deste estado são inexpressivos.

GRÁFICO 14 – CIDADES COM 4 OU MAIS ENTIDADES: 2013-2016 (TODAS AS CATEGORIAS)

FONTE: o autor (2017).

FIGURA 4 – MAPA BRASIL. (2013 – 2016): DISTRIBUIÇÃO DE TODAS INSTITUIÇÕES POR ESTADO



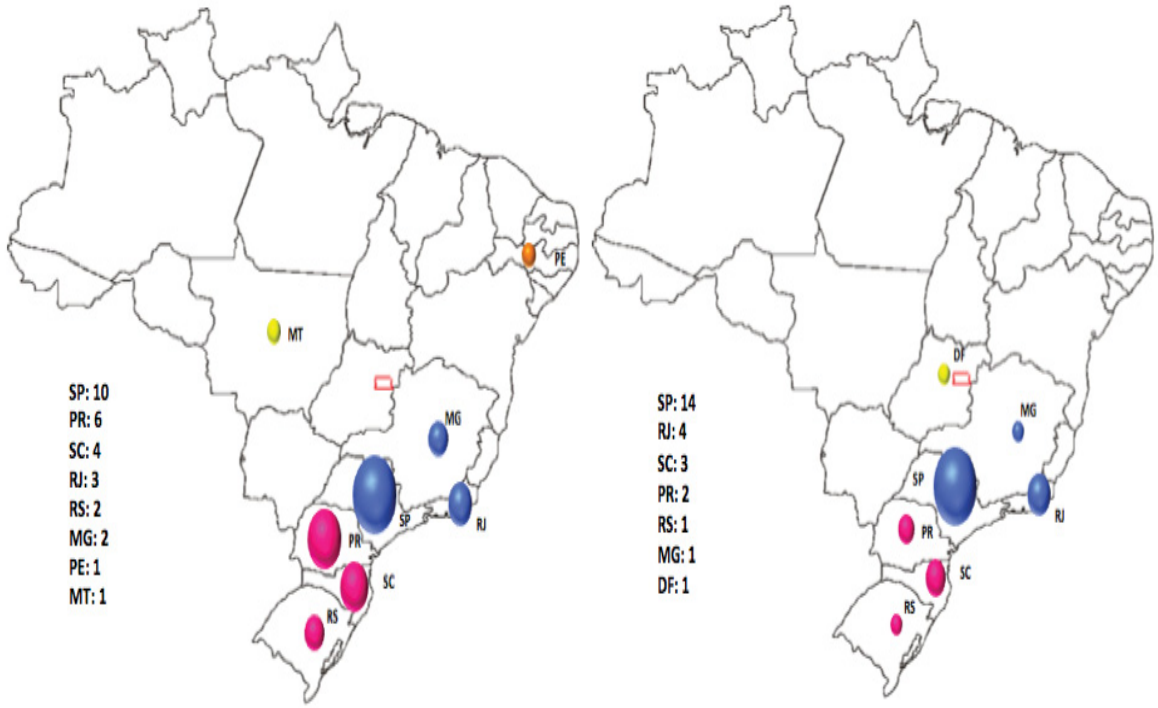
FONTE: o autor (2017).

O GRÁFICO 14 e a FIGURA 4, revelam que o atletismo se faz presente em todas as regiões do país. As cidades de Rio de Janeiro e São Paulo são as que mais possuem equipes competindo no *ranking* da CBAt, mas, também, foram

observadas – neste *ranking* – instituições que desenvolvem a modalidade em cidades como Fortaleza, Natal (Região Nordeste), Manaus, Belém (Região Norte), Brasília e Campo Grande (Centro-Oeste). Embora, conforme já evidenciado, pode-se afirmar que essas cidades não possuem instituições classificadas como as melhores do país (ver Quadro 6 e Tabela 5).

O Estado de São Paulo é o primeiro colocado no número de instituições (76), seguido – de longe – por Santa Catarina (23), Paraná (18), Rio de Janeiro (18) e Ceará (16). Os dez primeiros colocados no número de instituições acabam por representar quatro regiões brasileiras: Sudeste, Sul, Nordeste e Centro Oeste. Estados com baixa população e/ou baixo Produto Interno Bruto (PIB), aparecem mais atrás, como Sergipe, Tocantins, Alagoas e Roraima. Foi possível observar que os estados do Acre e Amapá não tiveram instituições representadas no *ranking* da CBAt entre os anos de 2013 e 2016. Isso também pode ser observado no GRÁFICO 12 (divisão dos atletas por estados).

FIGURA 5 – MAPA BRASIL.
ESQUERDA: DISTRIBUIÇÃO DAS 20 INSTITUIÇÕES DO ATLETISMO NACIONAL (2013 – 2016), COM MAIS RESULTADOS (SUB-16, SUB-18, SUB-20).
DIREITA: DISTRIBUIÇÃO DAS 20 INSTITUIÇÕES DO ATLETISMO NACIONAL (2013 – 2016), COM MAIS RESULTADOS (SUB-23, ADULTO).



FONTE: o autor (2017).

Quando compara-se os dois mapas da FIGURA 5, os estados que desenvolvem a base e o alto rendimento do atletismo nacional, existem poucas mudanças: no nível, alto rendimento – considerando aqui as categorias Sub-23 e Adulto –, os estados do Mato Grosso (equipe: ASA Sorriso) e Pernambuco (Santos Dumont, Recife) já não estão presentes neste nível, entre as 20 instituições com mais resultados no *ranking* da CBAt, e ainda, aparece o Distrito Federal (CASO – Sobradinho). Os demais estados (RS, SC, PR, SP, RJ, MG) permanecem entre os melhores desta análise, tanto nas categorias de base, quanto nas categorias do alto rendimento.

Em relação ao número de equipes, observa-se também, algumas mudancas. Por exemplo: o estado do Paraná é o segundo colocado no número de equipes de base, com 6, entre as 20 equipes que possuem mais resultados nas categorias de base (Sub-16, Sub-18 e Sub-20), e no alto rendimento, possui duas equipes (FECAM e Londrina). Já em estados como São Paulo e Rio de Janeiro, foi possível notar um aumento da base para o alto rendimento, no que se refere ao número de equipes por estado.

Por fim, foi realizada uma análise sobre a quantidade de Bolsa-Atleta que cada instituição recebeu do Ministério do Esporte. Conforme mencionado na metodologia deste capítulo, as fontes para esta análise foram as listagens de atletas – fornecidas pelo Ministério de Esporte – que obtiveram a concessão desse benefício entre os anos de 2005 e 2016. Com o nome completo dos atletas, tornou-se possível identificar no *ranking* da CBAt suas respectivas equipes. O Projeto Inteligência Esportiva fornece a quantidade de bolsas oferecidas por modalidade durante o período mencionado. Das 35 modalidades olímpicas, contempladas pelo programa, destacam-se: atletismo (2.973), judô (1.965), canoagem (1.955), handebol (1.907) e natação (1.785). A Tabela 10 revela as entidades que receberam 30 ou mais bolsas.

TABELA 10 – ENTIDADES DE ATLETISMO DO BRASIL QUE RECEBERAM 30 OU MAIS BOLSAS ENTRE OS ANOS DE 2005-2016 (continua)

Entidade	Cidade	Quantidade
ORCAMPI	Campinas - SP	173
ESPORTE CLUBE PINHEIROS	São Paulo - SP	115
B3 ATLETISMO	São Caetano Do Sul - SP	99
GRÊMIO RECREATIVO BARUERI	Barueri - SP	97

INSTITUTO ELIZÂNGELA MARIA ADRIANO (IEMA)	São Caetano Do Sul - SP	90
INSTITUTO LONDRINA (IECL)	Londrina - PR	88
ASSEM	São José dos Campos - SP	84
ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CENTRO OLÍMPICO	São Paulo - SP	78
ASSOCIAÇÃO SERTANEZINA DE ATLETISMO (ASA)	Sertãozinho - SP	76
CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA	Rio de Janeiro - RJ	73
ASSOCIAÇÃO SAMBERNARDENSE (ASA)	São Bernardo Do Campo SP	73
SOGIPA	Porto Alegre - RS	60
FECAM	Campo Mourão - PR	59
SERVIÇO SOCIAL DA INDUSTRIA (SESI)	Bauru - SP	58
ASSOCIAÇÃO ATLETISMO DE BLUMENAU (AABLU)	Blumenau - SC	58
ASEMPAR – PARANAVAÍ	Paranavaí - PR	55
ASSOCIAÇÃO DE ATLETISMO DE MARINGÁ	Maringá - PR	51
ASSOCIAÇÃO CORVILLE DE ATLETISMO	Joinville - SC	47
ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE CRICIÚMA (ADC)	Criciúma - SC	46
CLÃ DELFOS	Betim - MG	42
ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE DO ATLETISMO (ACA)	Itajaí – SC	41
CENTRO DE ATLETISMO DE SOBRADINHO (CASO)	Brasília – DF	40
INSTITUTO DE FOZ DO IGUAÇU (IAFI)	Foz do Iguaçu - PR	40
CSS EXÉRCITO - OSASCO	Osasco – SP	39
LUASA SPORTS CAIXA TAUBATÉ	Taubaté – SP	37
ASSOCIAÇÃO SORRISENSE DE ATLETISMO (ASA)	Sorriso – MT	37
BRASIL VALE OURO	Rio de Janeiro - RJ	36
GUARULHOS	Guarulhos - SP	34
ASSOCIAÇÃO RIOPRETENSE PRÓ ATLETISMO	São José do Rio Preto - SP	33
PROJETO ATLETISMO DE RECIFE	Recife – PE	31
FUNDACTE	Presidente Prudente - SP	31
BRASIL FUTEBOL CLUBE (FUPES)	Santos – SP	31
CURITIBA (SMELJ)	Curitiba – PR	30

FONTE: o autor (2017).

É importante frisar que o incentivo Bolsa-Atleta é destinado diretamente ao atleta e não para a instituição do mesmo. Apesar disso, a intenção da análise realizada, a partir da Tabela 10, é verificar se existe a predominância de algumas instituições já destacadas neste estudo. Portanto, entre as instituições com mais atletas contemplados, estão aquelas que também possuem maior número de resultados, com pequenas variações na colocação. Instituições como Orcampi (173

bolsas) e Esporte Clube Pinheiros (115), foram as que mais obtiveram resultados entre os anos de 2013 e 2016 e também as que mais receberam bolsas para seus atletas, à frente de concorrentes como B3 Atletismo (99) e Grêmio Barueri (97). Pode-se dizer que tais instituições devem concentrar importantes atletas do atletismo nacional. Essa questão será retomada no estudo subsequente (capítulo 6), o qual trata – especificamente – dos atletas nacionais da modalidade.

Na Tabela 10, aparecem 33 entidades. Entre as 20 primeiras, aparece a equipe da Associação Desportiva Criciúma da cidade de Criciúma (SC). No entanto, nas análises anteriores, tal equipe não apareceu entre as 20 melhores, com mais resultados esportivos em nenhuma das categorias. Ainda, destas 33 equipes que possuem atletas contemplados com o Bolsa-Atleta, outras 4 também não foram elencadas entre as 20 com mais resultados: Brasil Futebol Clube (FUPES) da cidade de Santos (SP), Associação Riopretense Pró Atletismo de São José do Rio Preto (SP) e Projeto Atletismo de Recife (PE), sendo que estas encontram-se nas posições finais da Tabela 10.

Com relação ao SESI, presente entre as 15 que mais receberam o incentivo, cabe destacar que as planilhas do Bolsa-Atleta enviadas pelo Ministério do Esporte não diferenciavam a cidade a qual o SESI pertencia. Com base no *ranking* da CBAt, é possível encontrar a equipe SESI vinculada com as diferentes cidades, tais como: Osasco, Uberlândia, Natal, Bauru. Na categoria Sub-16, é possível observar o SESI Bauru como uma das equipes com mais resultados. No entanto, optou-se (nesta análise) em não alterar a planilha, isto é, não especificar a localização desta entidade.

Vale destacar que foram identificadas, entre 2013 e 2016, um total de 302 equipes de atletismo presentes no *ranking* da CBAt neste período. A Tabela 10 disponibiliza os dados de 33 entidades, o que representa 10.92% do total. As primeiras 10 equipes desta tabela obtiveram 973 bolsistas, ou seja, menos de 4% das entidades representa 32.72% da amostra total de bolsas concedidas.

A partir disso, estes dados – somados aos outros já apresentados – revelam os agentes que predominam nesse espaço esportivo, isto é, quanto os atletas competitivos do atletismo nacional estão situados em um grupo seleto de entidades e regiões do Brasil. Vale também a observação de que, dentre as dez primeiras entidades da Tabela 10, os clubes, IEMA, Londrina, ASA de Sertãozinho, Centro Olímpico e ASSEM, não tiveram atletas olímpicos (Rio 2016) nesta amostra.

3.5 DISCUSSÃO

A partir das estruturas físicas diagnosticadas, é importante acrescentar que muitas delas foram e ainda estão sendo constituídas por meio de uma articulação envolvendo governo federal, estados, prefeituras e universidades. Há tentativa de alinhamento para uma política nacional, voltada à formação de uma Rede Nacional de Treinamento da modalidade de atletismo, uma vez que foram identificados alguns centros locais, regionais e nacionais de treinamento.

Pode-se afirmar que isso é um caso específico, pois, alguns autores apontam que o esporte brasileiro, como um todo, ainda não possui um sistema nacional de esporte, sendo que uma das finalidades seria, justamente, fornecer comunicação entre municípios, estados e governo federal, bem como, a continuidade das políticas esportivas implantadas (VIEIRA; VIEIRA, 2001; MEIRA; BASTOS, 2011; GODOY, 2013; MEZZADRI; MORAES E SILVA; CAVICHIOLLI, 2016).

Também, instituições esportivas, como – associações, institutos, fundações e clubes – ajudam a compor o que, atualmente chama-se “Rede Nacional de Treinamento de Atletismo”. Diferente de outros esportes, como tênis de campo (SILVA *et al*., 2017) e judô (DIAS *et al.,* 2016) – em que predominam os clubes –, foi possível identificar que no atletismo brasileiro, no geral, 46% das entidades identificadas no *ranking* da CBAt são compostas por associações.

A intenção do presente estudo não é contextualizar as estruturas e as melhores equipes historicamente. Destaca-se que as equipes apresentadas nos resultados – com base na análise do *ranking* da CBAt – estão presentes neste *ranking* em todos os anos do período analisado (2013-2016). São equipes consistentes, levando em consideração as diversas categorias do atletismo e com tradição na modalidade.

A prática deste esporte acontece em diversas cidades e estados do Brasil. Porém, esta distribuição se encontra muito concentrada em poucos municípios e em determinadas unidades federativas. Como pode ser visualizado no GRÁFICO 12, os estados com mais atletas no *ranking* estão concentrados na região Sudeste do Brasil, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – os quais possuem mais da metade (52.1%) dos atletas. Destaca-se São Paulo nesta região, com 36,59% do total da amostragem dos atletas. Em seguida, aparece a

região Sul, com 1775 atletas (25,91%) e depois a região Nordeste, com 510 atletas (11.40%).

A partir da identificação das estruturas físicas de atletismo e das equipes que representam o campo esportivo competitivo no país, torna-se importante destacar a relação (ou não) do atletismo nacional com o esporte escolar. O GRÁFICO 10 aponta que as instituições de ensino representam 8% das entidades presentes no *ranking* da CBAt. Porém, os GRÁFICOS 3 e 4 (equipes das categorias de base do atletismo) revelam que nenhum estabelecimento de ensino[16] está entre as melhores instituições do país. Pode-se dizer que o sistema competitivo do atletismo nacional não está priorizando o esporte na escola para o desenvolvimento de jovens atletas, mas sim, em outras entidades, tais como, associações, clubes e prefeituras (ver GRÁFICOS 3, 4 e 5).

Vários autores salientam que as escolas deveriam desenvolver iniciação esportiva em alguma modalidade, com atividades regulares, organizadas e, quando possível, participarem de competições organizadas – ou seja, formais (RUBIO 2007; BRACHT, 2009; JANUÁRIO *et al.*, 2012). Para alguns autores, o atletismo é uma modalidade que pode, facilmente, ser ensinada além das aulas curriculares de Educação Física, pois, espaço físico e materiais esportivos podem ser "adaptados" na sua iniciação esportiva (DI MARIO, 1995; BRAGADA, 2000; SILVA, 2002; MATTHIESEN; SILVA; SILVA, 2008). Portanto, o conveniente seria aproximar o contexto escolar e educacional das recentes estruturas físicas construídas e apontadas neste estudo, pois, conforme aponta Green (2004), uma estrutura física adequada contribui na formação de jovens atletas de um país.

Nesse estudo, constatou-se que 18 das 20 equipes de atletismo, com mais resultados, do país, possuem atletas em todas as categorias analisadas, o que contrariou parte da hipótese inicial deste estudo. No entanto, existem instituições que priorizam os níveis mais altos de rendimento, não dando atenção necessária às etapas mais formativas. Afinal, a maioria dos seus atletas se encontram na categoria Adulto, conforme sugerem a Tabela 4 e o GRÁFICO 8.

No futebol, alguns clubes brasileiros passaram – a partir de 2011 – a ser

---

[16] Vale citar o caso identificado nos resultados deste estudo, do Clube de Atletismo da Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga (EMFCA), que executa os treinamentos na pista sintética do Complexo Esportivo da Vila Olímpica Oscar Schmidt, no Rio de Janeiro. Tal equipe é composta por alunos de diversas escolas e atende, também, participantes da comunidade em geral, assim, é denominado como um clube de atletismo.

reconhecidos pela Confederação Brasileira de Futebol como Entidade de Prática Desportiva Formadora de Atleta, possuindo o Certificado de Clube Formador. Essa medida ajudou a regulamentar o papel do clube, na qualidade de formador de atleta e foi uma maneira encontrada, de dar qualidade a iniciação esportiva em clubes que possuem o futebol profissional. Ainda, de acordo com a legislação, o Clube Formador atualmente tem uma proteção na formação de seus atleta. Por exemplo, sempre que ocorrer uma transferência nacional de atleta, até 5% do valor pago pelo novo clube serão distribuídos pelos clubes formadores (BRASIL, 2011b).

É importante esclarecer que o futebol no Brasil, por uma questão cultural (RODRIGUES, 1994; DAMO, 2005), consegue render quantias significantes aos cofres dos clubes brasileiros (GIGLIO; RUBIO, 2013). Recentemente, a transferência do atacante brasileiro Neymar, do Futbol Club Barcelona ao Paris Sain Germain, rendeu aos cofres do Santos Futebol Clube – clube formador do atleta – a quantia de aproximadamente R$ 33 milhões (GLOBO, 2017b). A intenção aqui não é comparar valores dessas duas modalidades no Brasil, mas, colocar que o atletismo brasileiro também poderia valorizar, de alguma forma, seus clubes formadores. Não foi identificado, até o momento deste estudo (novembro 2017), se a CBAt oferece possíveis benefícios (como uma quantia financeira) às entidades reveladoras de atletas para campeonatos internacionais ou que formaram medalhistas olímpicos.

Sobre essa questão, vários estudos concluíram que os resultados competitivos, não devem ser o principal parâmetro das instituições que desenvolvem formação de jovens atletas de diferentes modalidades. Brito, Fonseca, e Rolim (2004), em um estudo com atletas portugueses de atletismo, identificaram que obter excelentes resultados enquanto jovens não garante bons resultados, por exemplo, quando os mesmos atingirem a categoria Adulto. Similarmente, Hollings, Mallett e Hume (2014) e Huxlei, O'Connor e Bennie, (2017) identificaram que os atletas juniors que seguiram carreira no atletismo, obtiveram destaque internacional a partir de uma especialização tardia, quando atingiram a categoria adulto. Vasconcelos-Raposo *et al.*, (2007), em outro estudo na modalidade de atletismo, diagnosticaram que um ambiente agradável de treinamento e de competição (sem excesso de pressão por resultados) entre os agentes envolvidos (técnico, atletas, torcida) faz com que jovens atletas se motivem a continuarem no esporte. Por outro lado, os autores identificaram que a mudança de instituição e consequentemente de

ambiente, pode – muitas vezes – prejudicar a formação de jovens atletas, os levando ao abandono prematuro das competições. Assim, ressalta-se a importância de uma equipe de alto rendimento também desenvolver as categorias iniciais da modalidade, o que facilitaria na organização e definição do caminho do atleta no atletismo.

É importante salientar que várias equipes destaques do atletismo nacional, identificadas por meio da análise do *ranking* da CBAt, não apareceram na busca inicial – apresentada no início deste capítulo – sobre as estruturas físicas disponibilizadas à modalidade. Por exemplo, as equipes ASA Sertãozinho; Grêmio Recreativo Barueri; Guarulhos; Rezende/Piracicaba; CASO de Sobradinho; entre outras. São equipes classificadas entre as melhores do país e, conforme pode ser visto no Quadro 6, não foi possível identificar de forma documental, uma estrutura física para o atletismo em cidades como Barueri, Franca, Sobradinho, Paranavaí, Guarulhos e Piracicaba.

Então, a presente pesquisa revelou onde se localizam as principais estruturas físicas de atletismo do Brasil, tanto na formação, quanto no rendimento o que pode vir a contribuir para a elaboração de alguns critérios para a Rede Nacional de Treinamento (RNT) de atletismo. Segundo o Ministério do Esporte, a RNT tem por objetivo criar um caminho para o atleta desde a sua entrada na modalidade até chegar ao topo do alto desempenho, desde a descoberta do talento, garantindo a formação da base para além de 2016 (Jogos Olímpicos do Rio), até a especialização no treinamento dos atletas das seleções nacionais, com toda a qualificação que isso requer (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017a). Para alguns autores, saber a localização das equipes, dos principais centros esportivos que desenvolvem o esporte em diferentes níveis (MEIRA; BASTOS, 2011; HOULIHAN; GREEN, 2006), é um raciocínio que serve para evitar possíveis erros de investimentos, reduzir custos e, ao mesmo tempo, saber aonde deve ser o investimento pontual. Essa preocupação converge com os resultados encontrados no estudo de Barreira e Carvalho (2007) sobre as instalações esportivas de *fitness* de Portugal.

Outro ponto relacionado com as estruturas físicas e que merece discussão, é a questão dos equipamentos esportivos, destinados para determinadas pistas ou complexos esportivos que contemplam a modalidade de atletismo. Para De Bosscher *et al.*, (2009) e Ferreira (2007), as infraestruturas aliadas aos recursos

materiais disponíveis (nesse caso, equipamentos esportivos), interferem no desenvolvimento do esporte de alto rendimento, auxiliando um país, a obter excelentes resultados em competições internacionais. Já os estudos de Digel (2002), Fin (2012), Jarvier e Sikes (2012) e Wilson, Luijk, Boit, (2015) sobre o atletismo em alguns países africanos – como Quênia, Etiópia e Jamaica – apontam que a estrutura física não está entre os principais fatores para tais países serem, mundialmente, tradicionais neste esporte.

No tópico inicial deste estudo (3.4.1), ao identificar as estruturas físicas de atletismo, foi possível constatar também que, algumas delas, receberam incentivo para a aquisição de equipamentos esportivos, como: SOGIPA, CETE, SESI Uberlândia e Blumenau, São Bernardo do Campo (CBAt, 2015c; PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015a; BRASIL 2016, 2014c, 2015). Por exemplo, com relação ao Esporte Clube Pinheiros, um dos principais do atletismo de alto rendimento, foi possível encontrar no *site* Portal de Convênios, SICONV[17] - de acesso livre, que o referido clube teve um convênio (nº 777881/2012) com o Ministério do Esporte (vigência entre os anos de 2012 e 2013), o qual, também pode ser comprovado via Diário Oficial da União (DOU, 2012). Este convênio tinha como um de seus objetivos, a compra de equipamentos esportivos para o atletismo. Na ocasião foram adquiridos mais de 80 itens relacionados ao atletismo, por exemplo: pesos, discos, dardos, barreiras, fotocélulas, colchões para salto em altura e vara (Ver itens em, Anexo 2: Relação de bens adquiridos pelo Esporte Clube Pinheiros, especificamente para o atletismo).

Também, em outro convênio já citado neste estudo, o qual trata especificamente da criação da Rede Nacional de Treinamento (RNT) de Atletismo (convênio nº 813.831/2014, Portal de Convênios – SICONV), constatou-se que foi investido R$ 1.723.313,72 (US$ 521.426,27) em equipamentos esportivos para os Centros Nacionais, Regionais e Locais (Ver exemplo de orçamento da CBAt retirado do SICONV, em Anexo 2). Assim, pode-se dizer que tais equipamentos, serão utilizados pelos centros que irão compor a RNT de Atletismo. O Quadro 11, representa as estruturas físicas – diagnosticadas ao longo deste estudo – que

---

[17] O SICONV, é a iniciativa do Governo Federal responsável por todo o ciclo de vida dos convênios, contratos de repasse e termos de parceria, no qual são registrados os atos, desde a formalização da proposta até a prestação de contas final.

receberam equipamentos esportivos para desenvolverem o atletismo em suas equipes.

QUADRO 11 – ESTRUTURAS FÍSICAS DE ATLETISMO QUE RECEBERAM NOVOS EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2014

Estrutura física com investimento	Origem do financiamento
CETE/Porto Alegre	ME
SESI Uberlândia	ME/CBAt
SESI Blumenau	ME/CBAt
Unifa/Cefan	ME/CBAt
UNIFOR	ME/CBAt
Centro Treinamento e Pesquisa – Centro Olímpico	ME/CBAt
CT B3 Atletismo	COB
Arena CAIXA/São Bernardo do Campo	ME/Caixa Econômica Federal
EC Pinheiros	ME
CR Lavras/MG (UF Lavras)	ME/CBAt
CR Natal/RN	ME/CBAt
CN Bragança Paulista/SP	ME/CBAt
CL Porto Alegre (SOGIPA)	ME/CBC/CBAt
CL Campo Mourão/PR (FECAM)	ME/CBAt
CL Sorriso/MT (ASA Sorriso)	ME/CBAt
CL Teresina/PI	ME/CBAt
CL Manaus/AM	ME/CBAt
CL Joinville/SC (CORVILLE)	ME/CBAt
CL Campinas/SP (ORCAMPI)	ME/CBAt

Legenda: CN: Centro Nacional; CL: Centro Local; CR: Centro Regional. FONTE: o autor (2017).

Identificou-se, conforme o Quadro 11, que a equipe do Centro Olímpico da cidade de São Paulo recebeu investimentos para aquisição de equipamentos esportivos. Por outro lado, não foram encontradas informações se a equipe da Orcampi, recebeu recursos públicos para esse fim. Pensando em efetividade na aplicação de recursos, seria o ideal tal instituição também possuir parceria, receber apoio, para os equipamentos esportivos de atletismo, uma vez que foi uma das melhores equipes de alto rendimento do país, entre 2013 e 2016. Já a equipe do Centro Olímpico, deve continuar recebendo recursos, mas, que contemplem à iniciação esportiva e especialização inicial, haja vista os dados revelarem que a mesma é formadora de atletas, não desenvolvendo com grande ênfase a

modalidade em níveis mais elevados do alto rendimento. Isso seria somente um exemplo, que poderia ser aplicado para outras equipes do atletismo nacional.

Ainda com relação a este assunto, no mês de agosto de 2014, foram criadas, em mais uma participação do Ministério do Esporte, duas estruturas de apoio à indústria esportiva nacional: Conselho de Competitividade de Materiais e Equipamentos Esportivos e Insumos e a Câmara Setorial da Indústria, Comércio e Serviços do Esporte e da Atividade Física. A ideia é desenvolver mecanismos para incrementar incentivo ao setor de serviço ligado à prática esportiva. Na ocasião, a CBAt esteve representada pelo seu gerente administrativo, o qual argumentou sobre a necessidade da indústria nacional buscar subsídios para certificação de equipamentos e instalações esportivas (CBAt, 2015d). Vale ressaltar que a maioria das pistas apresentadas no Quadro 6 estão com certificação internacional, Classes 1 e 2.

Também, vale mencionar que a Lei nº 10.451 de 2002 (BRASIL, 2002), em seu art. 8º, trouxe orientações para isenção do Imposto de Importação (II) e do Imposto sobre produtos Industrializados (IPI) incidentes na importação de equipamentos e materiais destinados ao treinamento de atletas e às competições esportivas das equipes brasileiras. Atualmente, a isenção do IPI estende-se também aos equipamentos e materiais nacionais. O *site* do Portal da Transparência fornece a quantidade de processos aprovados e somente o total gasto na compra de equipamentos esportivos, porém, não especifica sobre quais tipos de equipamentos foram adquiridos e para quais modalidades (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2015a).

Com base nas fontes apresentadas e da análise, a partir do *ranking* da CBAt (20 equipes com mais resultado), foram diagnosticadas 79 estruturas físicas e o Quadro 11 revela que 19 (24.05%) receberam, investimentos públicos em equipamentos esportivos, destinados ao desenvolvimento do atletismo de rendimento. Sabe-se, conforme mencionado nos resultados, que algumas equipes do atletismo nacional são mantidas financeiramente, principalmente, por patrocínios privados, como os casos da Orcampi, e B3 Atletismo (ESTADÃO, 2012). Porém, não foi possível identificar e confirmar, se as instituições de atletismo receberam financiamento privado para a compra de materiais esportivos.

Portanto, esse é um ponto dentro da Rede Nacional de Treinamento que merece discussão, pois, não basta para o país possuir estrutura física oficial

excessiva para o atletismo, sem ter equipamentos esportivos adequados (qualidade e quantidade) para sua prática, sobretudo no espaço de rendimento desta modalidade. Barreira e Carvalho (2007) detectaram que algumas instalações e equipamentos de Fitness tinham problemas pontuais (nível sonoro elevado, alta temperatura, equipamentos inapropriados), mas, que provocavam, por exemplo, diminuição no rendimento esportivo dos participantes. Segundo vários autores, as estruturas físicas conforme padrões internacionais, são fundamentais no processo que visa o alto rendimento esportivo. Porém, sem as condições ideais de treinamento e de utilização destas estruturas, as possibilidades de sucesso são prejudicadas e restritas, ou até improváveis (MEIRA; BASTOS, 2011; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; MAZZEI *et al.*, 2012).

Sobre às entidades que mais receberam incentivo do programa Bolsa-Atleta, constatou-se – a partir da Tabela 10, a qual revela 33 entidades – que as equipes beneficiadas se concentram nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, com uma margem significativa para o estado de São Paulo (48,4%). Ainda, das 10 entidades que mais receberam bolsas, 8 são deste estado. Isso converge com o que foi encontrado no estudo de Anunciação *et al*., (2017), o qual revelou que a maioria dos atletas contemplados pelo Bolsa-Atleta no atletismo, entre os anos de 2011 e 2013, se concentram no estado de São Paulo (32.1%) e depois, no Paraná (10.1%). Com relação ao número de bolsas por cidades, os autores identiticaram São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Campinas como as cidades que mais receberam tal incentivo, durante 2011 e 2013. Porém, não foi possível observar a presença no estudo de Anunciação *et al*., (2017) de algumas cidades que foram destaques nesta tese, no que se refere ao número de resultados no *ranking* da CBAt, tais como: Lavras (MG), Foz do Iguacú (PR) e Sorriso (MT). Isso pode ter acontecido devido ao período da análise desta tese ocorrer entre os anos de 2013 e 2016, o que difere do estudo mencionado.

Conforme os resultados, várias pistas de atletismo foram construídas por diversos estados do país entre 2009 e 2016. O Quadro 7 revela um valor total de R$110.775.064,40 (US$ 33.517.419,67) para construção de 21 pistas (valor médio identificado de R$5.538.753,22). Ainda, para reforçar esse ponto, foi identificado uma notícia no *site* do Ministério do Esporte (ME) indicando que foram investidos um total de R$ 70 milhões para construção de 15 novas pistas de atletismo, distribuídas em 11 estados brasileiros. Além das pistas, universitárias, mencionadas

no Quadro 7, identificou-se a partir desta notícia, outras pistas construídas com ajuda, do ME via Rede Nacional de Treinamento e dos governos municipais e estaduais, tais como: Vila Olímpica de Maringá (entregue em 2009); Arena Caixa de São Bernardo do Campo; Centro Esportivo Santos Dumont em Recife (entregue em 2013); Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade de São Paulo (USP); CETE de Porto Alegre; e da cidade do Rio de Janeiro as entidades: Universidade da Força Aérea (UNIFA); Centro de Capacitação Física do Exército; e Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN – pista reformada em 2011) (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015a, 2015b). Parte destas pistas também foram detalhadas acima, no decorrer deste capítulo e apontadas no Quadro 6 (locais de desenvolvimento do atletismo a partir de busca documental).

No entanto, não identificou-se nenhuma informação precisa com relação aos valores que serão gastos para mantê-las ou, ainda, se existe um projeto de manutenção via governamental, ou via entidade privada. O portal Brasil 2016, *site* oficial dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, reporta o valor de manutenção anual de algumas estruturas utilizadas nos Jogos do Rio, como o Centro Olímpico de Tênis e de Esportes Aquáticos. O valor de manutenção gira em torno de 5% do valor total de cada estrutura, ou seja, o responsável pela manutenção pode chegar a gastar anualmente em torno de R$ 10 milhões para manter uma dessas estruturas supracitadas em condições de uso (BRASIL 2016, 2017a). Se aproximar essa lógica para as recentes pistas de atletismo construídas no país e levando em consideração o valor médio (aproximadamente R$ 5 milhões) de construção de cada pista, seriam necessários 500 mil reais para manutenção anual de cada uma[45-50].

Então, também torna-se possível questionar o futuro, principalmente, das recentes instalações de atletismo no país, no suposto legado que se espera delas, pois poderá existir uma dificuldade financeira de manutenção de tais estruturas. Identificou-se, no Brasil, não especificamente sobre as estruturas de atletismo, notícias reportando a dificuldade financeira já a curto prazo com relação a manutenção de algumas estruturas utilizadas nos Jogos Olímpicos do Rio, como o Complexo Olímpico da Barra da Tijuca, o qual passou por problemas de manutenção e falta de utilização logo após o término do evento olímpico (GLOBO, 2017c; UOL, 2017a).

Mazzei *et al.*, (2012) afirmam que o investimento em centros de treinamento, por meio de estratégias e ações de infraestrutura esportiva específica, é um dos

fatores que podem possibilitar o desenvolvimento do esporte em médio e longo prazo em um país. Para os autores, os investimentos incluem os passos de construção, manutenção e adequação de estruturas esportivas pontuais, a falta de um destes passos pode atrapalhar o processo de desenvolvimento de um esporte.

É importante destacar que, já em 2011, o Tribunal de Contas da União (TCU) já demonstrava, em seu relatório sobre o esporte de alto rendimento no Brasil, preocupação com o legado dos Jogos Olímpicos de 2016. O mesmo questionava se o Ministério do Esporte (ME) e Autoridade Pública Olímpica (APO) já tinham definido, por exemplo, o destino dos equipamentos esportivos que seriam utilizados nesse evento, bem como, as finalidades no que se refere ao aspecto social e esportivo dos Jogos, ou de cada espaço físico. Na ocasião, o TCU recomendou que o ME desse início de imediato às atividades do Grupo de Trabalho do Legado para os Jogos 2016, estabelecendo direitos e obrigações dos envolvidos na organização dos jogos (BRASIL, 2011b).

A partir da busca documental, foi elaborado o Quadro 12 – com a intenção de revelar o objetivo de tais estruturas físicas. Para os autores Hong, Wu e Xiong (2005), isso deve fazer parte da estratégia esportiva de um país.

QUADRO 12 - OBJETIVOS DAS ESTRUTURAS FÍSICAS ESPECÍFICAS PARA O ATLETISMO BRASILEIRO IDENTIFICADOS A PARTIR DA BUSCA DOCUMENTAL

(continua)

Locais de desenvolvimento do Atletismo	**Objetivo**
CF de treinamento de Deodoro	Rendimento
CF de treinamento de Jacarepaguá	Rendimento
CT de Atletismo do Paraná (Cascavel)	Formação e rendimento
CT de Itamonte	Rendimento
AMAN (Exército Nacional)	Rendimento
CT Altitude de Itatiaia	Rendimento
Centro de Formação Olímpica do Nordeste	Formação
CT de Campinas	Formação e rendimento
CT Bragança Paulista (antiga equipe Rede)	Rendimento
Centro Paraolímpico Brasileiro	Formação e rendimento
CT Vila Olímpica	Formação e rendimento
CT Santos Dumont	Formação
Estádio Ícaro de Castro - Ibirapuera	Formação e rendimento
Vila Olímpica de Maringá	Formação e rendimento
SESI Uberlândia	Formação e rendimento

SESI/Blumenau	Formação e rendimento
CT do Distrito Federal/SESI	Formação
SOGIPA/Procempa	Rendimento
CEFAN/Unifa	Rendimento
CEPEUSP/E.C. Pinheiros	Rendimento
ESEFEX (Exército Nacional)	Rendimento
CT Prof. Oswaldo Terra/São Bernardo do Campo/Arena CAIXA	Formação e rendimento
CETE	Formação e rendimento
CEAR/Campinas/Orcampi/Unimed	Formação e rendimento
UNIFOR	Rendimento
UF do Maranhão	Formação e rendimento
UF de Lavras	Formação e rendimento
CT da UFMG	Formação e rendimento
Outras Universidades Federais	Formação

FONTE: o autor (2017).

No caso investigado, destaca-se a dificuldade em encontrar fontes que revelem a finalidade das estruturas físicas abordadas, uma vez que a grande maioria ainda não possui claramente o que as mesmas desejam com o atletismo, o que converge com parte da hipótese inicial deste estudo. Apesar disso, foi possível deduzir que as universidades federais, na sua maioria (92.8%), a princípio devem focar na formação esportiva. Pode-se afirmar que alguns Complexos Federais (Centro de Cascavel, Fortaleza) poderão focar no rendimento esportivo, assim como, os Centros Nacionais e Regionais de Atletismo (Bragança Paulista/SP, Lavras/MG) diagnosticados – apoiados pela CBAt –, e as principais instituições já mencionadas neste estudo, como SOGIPA, Esporte Clube Pinheiros, B3 Atletismo e Orcampi.

Ainda, em virtude da demora na construção, finalização e adequação de objetivos que muitas das novas estruturas de atletismo no país precisam passar, pode-se afirmar que elas serão utilizadas, principalmente, para gerações futuras de atletas brasileiros – seja para a base ou para o esporte de alto rendimento.

3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se inferir a partir do Quadro 6, que as instalações de atletismo apresentadas ajudarão a determinar, atualmente, a Rede Nacional de Atletismo, a qual poderá ser composta por: 25 universidades públicas, 4 clubes, 4 instalações militares, 2 complexos multiesportivos, 8 instalações municipais, 4 estaduais, 2 federais, 2 Centros Nacionais, 2 Regionais e 8 Locais. Além destas, a partir do *ranking* da CBAt (20 melhores equipes por categoria), foi possível identificar outras 28 entidades que desenvolvem o esporte competitivo.

O atletismo demonstra ser um esporte no Brasil que possui e também possuirá (muitos espaços estão em construção) boa estrutura física, ao contrário do que o senso comum acredita, deste ser um esporte com pouca estrutura física e ainda sem qualidade. As novas instalações oficiais (Classes 1 e 2) de atletismo que atualmente existem no país, podem gerar um sentimento de bem estar, de orgulho e de comprometimento dos diversos agentes esportivos envolvidos (técnicos, atletas, gestores) em tais estruturas, com um trabalho sério e que traga diversos benefícios a médio e longo prazo para o esporte em questão desenvolver-se entre os melhores do cenário mundial.

Porém, à medida que as pistas foram diagnosticadas neste estudo, quase não foram constatadas informações documentais a respeito dos objetivos das mesmas. Ou também, se possuem projetos para a iniciação esportiva, parcerias com escolas, clubes de atletismo ou projetos para o alto rendimento. Tampouco foram identificadas informações sobre a implementação em equipamentos esportivos. Importante destacar a ênfase na construção de pistas de atletismo oficiais em várias universidades públicas, estas – em sua maioria – situadas em capitais estaduais do Brasil. Similarmente ao mencionado acima, a partir das fontes documentais abordadas, pode-se afirmar que ainda não parece claro o real objetivo da implementação das pistas universitárias, por exemplo: se desenvolverão projetos para comunidade ou se seu objetivo é a formação, ou até mesmo, o esporte de alto rendimento.

O presente estudo revelou que o espaço de prática de atletismo, em diferentes níveis do esporte, se encontra diversificado entre as capitais estaduais, com as cidades interioranas. Pode-se afirmar que estas últimas com uma presença maior entre as 20 melhores equipes do país por categoria. Há uma concentração

maior, tanto de instituições, estruturas físicas (37%), resultados (60,6%) e atletas (53,1%) na região sudeste, mas, sem deixar de ter uma distribuição geográfica interessante (em cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste) da prática desse esporte.

A importância do método de análise apresentado neste capítulo, é que torna possível saber – efetivamente – quais instituições (entende-se que também utilizam determinadas estruturas físicas) são consistentes e estão entre as melhores no campo esportivo nacional. Pois, o que se encontra nos documentos nem sempre condiz com a realidade, ou com os resultados das principais competições nacionais. Ressalta-se a dificuldade de acesso às fontes com relação ao mapeamento de atletismo brasileiro, ou de quais estruturas físicas receberam investimentos para equipamentos esportivos, visto que os órgãos públicos não fazem uma divulgação detalhada sobre os investimentos em equipamentos esportivos.

Sugere-se o que é necessário pensar: como utilizar da melhor maneira possível os espaços esportivos de atletismo aqui apresentados, para que ocorra o desenvolvimento dessa modalidade no país (mais participação, aumentar a oferta de talentos, seleção de atletas e melhores resultados). Esses achados servem como um auxílio, no sentido de melhorar a efetividade dos recursos públicos aplicados nos setores de formação de atletas e de rendimento esportivo.

Embora existam autores que discutam sobre a instalação e a gestão de estruturas esportivas no país, pode-se notar a ausência de estudos específicos sobre pistas de atletismo. Este estudo – de mapeamento, local, regional e nacional das instalações esportivas e entidades que desenvolvem o atletismo competitivo no Brasil – pode ser apontado como pioneiro na modalidade investigada e como complementação para essa pesquisa, surgem os próximos estudos desta tese. Por exemplo, a opinião dos principais gestores e treinadores esportivos do atletismo a respeito desta temática, se as instituições as quais representam desenvolvem todas as categorias desta modalidade e como os atletas das principais instituições aqui apresentadas, são detectados e/ou selecionados.

4 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DOS GESTORES EXPERIENTES

4.1 INTRODUÇÃO

Em países como Estados Unidos da América, estudos na área de gestão do esporte já eram realizados na década de 1980, já no Brasil, os estudos nessa área são recentes – tendo em vista que as primeiras publicações acontecem a partir dos anos 2000 (JOAQUIM; BATISTA; CARVALHO, 2011). Vários estudos que buscam conhecer o perfil profissional do gestor do esporte (JOAQUIM; BATISTA; CARVALHO, 2011; BARROS FILHO *et al.,* 2013; AMARAL; BASTOS, 2016) apontam que a grande maioria dos investigados não possuem formação específica relacionada à gestão esportiva e isso pode ser considerado um fator determinante do insucesso esportivo.

A gestão do esporte envolve – tendo como base diferentes conhecimentos das ciências do esporte e da administração – organizar, planejar, controlar recursos e diversos fatores relacionados com diferentes espaços esportivos. Isso para facilitar, de forma eficiente e eficaz, a busca por melhores resultados em uma organização (DE BOSSCHER *et al*., 2006; PIRES; SARMENTO, 2001; SLACK; PARENT, 2006; MAZZEI; ROCCO JUNIOR, 2017). A partir do momento que ela se reestrutura, requer a renovação dos sistemas de gerenciamento e isso geralmente envolve todos os órgãos e pessoas de uma determinada estrutura (BIVAINIS; TAMOSIUNAS, 2003; PIRES, 2003; FERKINS; SHILBURY; MCDONALD, 2009; MEZZADRI, MORAES E SILVA, CAVICHIOLLI, 2016).

Para Hall (2003) e Slack; Parent (2006) resultados de sucesso são construídos ao longo do tempo, de acordo com as práticas e ações existentes nas organizações durante um período temporal. Para os autores, entender as implicações, as barreiras que acontecem dentro de um processo organizacional, pode ajudar a entender os resultados finais ou, até mesmo, pode auxiliar na melhora de uma gestão.

Diversos estudos apresentam condições importantes que podem contribuir para o desenvolvimento esportivo, consequentemente facilitar os processos de gestão de uma modalidade (PIRES; SARMENTO, 2001; DIGEL, 2002; MEIRA; BASTOS, 2011; MEZZADRI, MORAES E SILVA, CAVICHIOLLI, 2016). Pode-se

citar como condições: a organização do esporte em diferentes níveis (municipal, estadual, federal); as condições financeiras e de apoio para atletas e treinadores; as ações para o desenvolvimento; e a qualidade dos treinadores e das instalações.

Nesse sentido, o presente estudo tem como problema central o entendimento dos gestores do atletismo competitivo organizado no Brasil sobre o processo de desenvolvimento desta modalidade. A Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), é a organização esportiva responsável pela coordenação da modalidade no Brasil e direciona o trabalho das 27 federações estaduais, das instituições competitivas (clubes, associações, institutos), dos atletas e dos treinadores (CBAt, 2016e). Após ter ficado 25 anos (1987-2012) sob a direção de um mesmo grupo, teve uma nova gestão (2013-2020) com a função de reorganizar a entidade, visto que assumiu num momento de pressão por resultados nos Jogos do Rio 2016, sendo que em Londres (2012), não conquistou medalha (CBAt, 2013b, 2016f).

O papel do presente estudo, a partir da visão de gestores do atletismo brasileiro, é questionar as entrelinhas do processo relacionado com o planejamento da nova gestão, por exemplo: como se encontra a relação da confederação com atletas e treinadores? Para que servem determinadas ações de desenvolvimento deste esporte? Como se encontra a formação dos atletas? Qual o caminho que este esporte deve trilhar? Nesse sentido, justifica-se a importância deste estudo, sendo uma peça fundamental para – posteriormente – facilitar a interlocução entre todos os estudos desta tese.

4.2 OBJETIVOS

4.2.1 Objetivo Geral

Analisar a perspectiva dos gestores atuais do atletismo brasileiro sobre as ações, os processos facilitadores e as barreiras para o desenvolvimento deste esporte, na formação e no alto rendimento.

4.2.2 Objetivos Específicos

a) Analisar, sob o ponto de vista da gestão, como se encontra o processo de formação, identificação e desenvolvimento do atleta.
b) Analisar a perspectiva dos gestores atuais do atletismo brasileiro sobre aspectos que envolvem a relação com os treinadores deste esporte.

c) Identificar e discutir algumas das principais ações esportivas para o desenvolvimento do atletismo no país.
d) Identificar se existe um planejamento organizado para o atletismo nacional.
e) Fornecer informações para profissionais da gestão do atletismo.

4.2.3 Hipótese

Não há um planejamento coordenado (vigente), voltado para o desenvolvimento do atletismo brasileiro, que envolva o caminho completo do atleta, da formação ao alto rendimento.

4.3 METODOLOGIA

4.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas e tipo de entrevista

Caracteriza-se, quanto aos fins, como de caráter qualitativo – com ênfase no processo (e não produto) descritivo e interpretativo das informações e, quanto aos meios, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas (GIL, 2008). Foi utilizado, como instrumento para a coleta de dados a técnica de entrevista, com um roteiro semiestruturado que, segundo Triviños (1987), oferece um amplo campo de interrogações, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes. Valoriza-se a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias. Ainda para o autor, em pesquisas qualitativas o pesquisador está interessado na opinião, ação de determinados elementos da população (TRIVIÑOS, 1987).

4.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral

A amostra deste estudo foi composta por 5 gestores brasileiros da modalidade de atletismo, selecionados de forma intencional (não probabilística), de modo que representem diferentes entidades (equipe municipal, clube, federação estadual, confederação) do espaço esportivo da modalidade no Brasil. Para Rudio (1978), esse tipo de amostra é aquela oriunda de uma estratégia adequada, em que a amostra selecionada deve representar determinada população, sob algum aspecto. A seguir, detalhes sobre a participação dos gestores no estudo.

A intenção de entrevistar um gestor que representa uma equipe de atletismo pertencente ao poder público municipal (Gestor 1), foi no sentido de compreender os desafios relacionados à gestão de uma equipe vinculada a esfera municipal. Tal equipe atua com jovens entre 12 e 19 anos.

O intento de investigar um gestor de uma equipe profissional que atua no alto rendimento (Gestor 2) foi o de obter uma análise mais específica sobre o rendimento esportivo. Obter a ótica de um presidente de uma Entidade Regional de Administração do Atletismo – Federação – (Gestor 3), visa compreender a realidade deste esporte ao nível estadual.

Para participar do estudo, os gestores 1, 2 e 3 deveriam ter – pelo menos – 5 anos de experiência nas suas funções e, com isso, considera-se que esses profissionais apresentam experiência nas funções as quais desempenham. Os gestores 1 e 2 deveriam representar equipes que estivessem entre as três melhores do Brasil no ano de 2015 em suas categorias de atuação. O gestor 3 representa uma das federações mais influentes no cenário brasileiro em termos de quantidade de atletas e resultados esportivos. Ainda, representa uma das primeiras federações filiadas à CBAt.

Por fim, os últimos dois entrevistados representam a gestão atual da CBAt (2013-2020), compondo a estrutura organizativa da entidade máxima do atletismo no Brasil. Cabe ressaltar que, de acordo com o estatuto da CBAt, a cada quatro anos é permitida uma única recondução nos cargos de diretoria. Em setembro de 2016, a nova gestão (que entrou em 2013), foi reeleita e fica na direção da CBAt até setembro de 2020 (CBAt, 2016f). Nesse sentido, o tempo de atuação na função atual não foi estabelecido como critério de seleção para estes dois entrevistados, uma vez que a nova gestão teve início em 2013, com novos funcionários ingressantes neste ano e, vale destacar, que a pesquisa aconteceu em 2016. Entende-se que os sujeitos investigados possuem conhecimento adequado sobre suas funções dentro da confederação. O Gestor 4 possui a função de auxiliar no desenvolvimento da modalidade, na formação de novos atletas e de treinadores. A escolha de entrevistar o Gestor 5 ocorreu por ele estar, diretamente, envolvido na organização e reestruturação da CBAt – com a função de elaborar os programas de desenvolvimento, supervisionar o treinamento de atletas de várias categorias e orientar os trabalhos dos Centros de Treinamento Nacional. Cabe destacar que o objetivo principal deste estudo não é detalhar a função dos investigados, mas sim,

saber a opinião deles sobre diferentes assuntos acerca do desenvolvimento do atletismo nacional.

O Quadro 13 representa a distribuição dos participantes do estudo e suas respectivas entidades, as quais representavam no momento do estudo.

QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DOS GESTORES PARTICIPANTES DO ESTUDO

Função dos gestores participantes do estudo	**Identificação dos sujeitos no estudo**
Dirigente de uma entidade municipal de atletismo	Gestor 1
Dirigente de uma entidade de Alto Rendimento de atletismo	Gestor 2
Presidente de uma federação estadual de atletismo	Gestor 3
Gestores da CBAt	Gestores 4 e 5

FONTE: o autor (2016).

A Tabela 11 ilustra as principais características dos gestores.

TABELA 11 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS GESTORES PARTICIPANTES DO ESTUDO

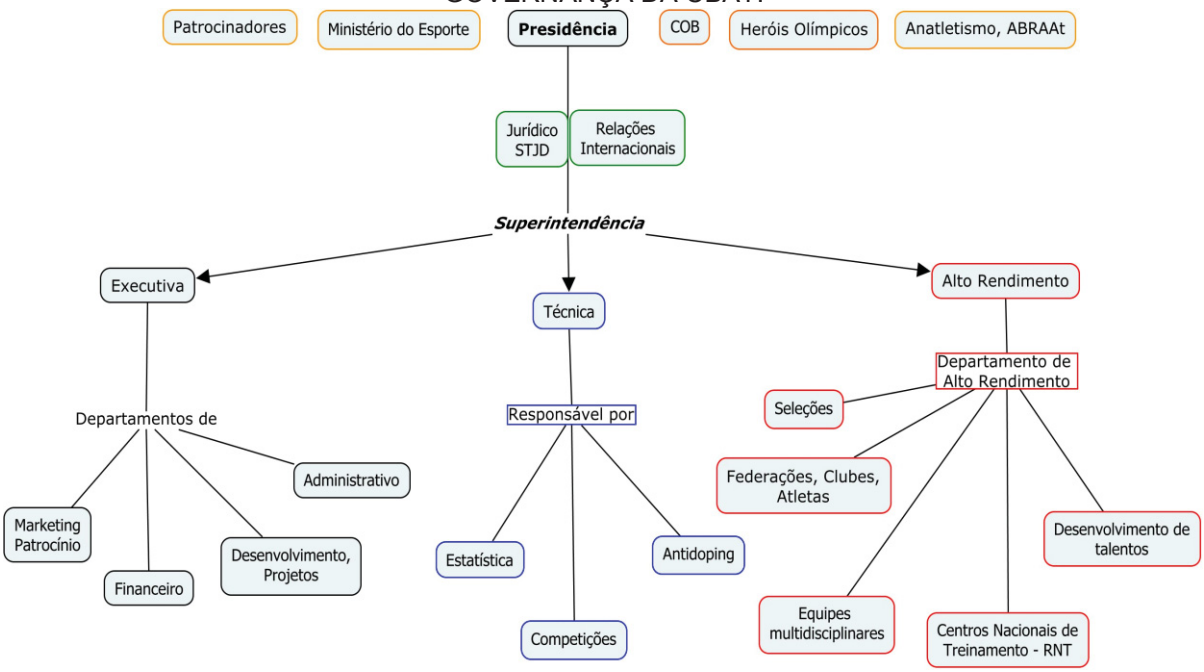
Agentes	**Idade de início no atletismo**	**Entidade de início**	**Experiência no atletismo (em anos)**	**Tempo na atual função (gestão)**	**Idade atual**	**Entidade atual**
Gestor 1	14	Prefeitura	15	6	29	Prefeitura
Gestor 2	26	Clube	7	7	33	Clube
Gestor 3	22	Fed. Est.	32	20	54	Federação
Gestor 4	22	Fed. Est.	32	6	54	CBAt
Gestor 5	18	Fed. Est.	39	3	57	CBAt

FONTE: o autor (2016).
Legenda: Fed. Est.: Federação Estadual. Fonte: os autores.

A média de idade dos gestores investigados foi de 45,4 anos (mín. 29/máx. 57, ± 11,53); a média de idade de início no atletismo foi 20,4 anos (mín. 14/máx. 26, ± 4,23) para os investigados; experiência de prática de atletismo foi de 25 anos (mín. 7/máx. 39, ± 12,49); experiência na atual função de gestão de 8.4 anos (mín. 3/máx. 20, ± 5,79). Três dos investigados começaram suas trajetórias vinculados à federação estadual, sendo dois como atleta federado e um na função de árbitro. Um gestor ingressou no atletismo a partir de um projeto de atletismo de uma prefeitura municipal e o outro entrou no atletismo por ser funcionário da gestão de um clube, o qual possui uma equipe de atletismo de alto rendimento.

Todos os gestores são remunerados, possuem formação em Educação Física, com especializações voltadas ao treinamento esportivo. Dois, dos cinco gestores, também fizeram mestrado e um possui doutorado em Educação Física. Em específico à gestão, somente dois dos cinco gestores possuem especialização nesta área, sendo que um deles atua na CBAt e o outro na gestão do clube que possui uma equipe profissional de atletismo. Três gestores atuam com dedicação exclusiva à gestão do atletismo e os outros dois (Gestor 1 e Gestor 3), com dedicação parcial.

FIGURA 6 – ASPECTOS PRINCIPAIS RELACIONADOS AO ORGANOGRAMA E ESTRUTURA DE GOVERNANÇA DA CBAT.



FONTE: elaboração do autor a partir dos dados do *site* da CBAt (2017).

Os itens relacionados ao organograma e a estrutura de governança da CBAt, apresentado na FIGURA 6 – sobretudo os relacionados à Superintendência de Alto Rendimento –, fazem parte do cotidiano dos gestores entrevistados. Trata-se de uma estrutura organizativa específica dentro desta entidade responsável, por exemplo, pelo apoio ao atleta e ao técnico de alto rendimento, com atuação e conhecimento sobre as estruturas físicas, os centros de treinamento, as competições e sobre a seleção nacional.

Diante disso, optou-se por entrevistar 5 sujeitos com diferentes características e funções dentro do atletismo brasileiro, com a finalidade de obter

uma visão macro sobre a modalidade. Vale destacar a dificuldade dos pesquisadores em conseguir, de fato, entrevistar estes sujeitos, uma vez que estavam envolvidos direta e indiretamente com os Jogos do Rio 2016.

4.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados

Para a coleta das informações das entrevistas foram realizados quatro procedimentos básicos: 1º passo: diálogo com o entrevistado para o entendimento e aceitação do estudo; 2º passo: envio de carta aos entrevistados – com os respectivos nomes dos pesquisadores – com auxílio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (as entrevistas realizadas nesta tese foram aprovadas por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional – CAAE: 47607114.8.0000.0102 – ver Anexo 3); 3º passo: definido o local do encontro (sala) pelo participante do estudo e conversado com os sujeitos sobre os aspectos éticos de confidencialidade e anonimato. Por fim, o 4º passo: entrevistas, já realizadas, gravadas em áudio por equipamento especializado (marca Powerpack – DVR 576/1076), posteriormente transcritas *verbatim* (BARDIN, 2011) e confirmadas – novamente através do gravador – antes de iniciar outra entrevista.

É importante considerar que os estudos desta tese (gestores, treinadores, atletas, ex-atletas) utilizam de entrevistas. Sobre essas: primeiramente, foram realizadas pessoalmente, mas, algumas delas, precisaram ser completadas e, dessa forma, foram feitas via internet – utilizando as ferramentas de comunicação *Skype* e *Facebook*.

Os dados coletados das entrevistas foram agrupados a partir dos preceitos do método “Análise do Conteúdo” (BARDIN, 2011). Foram utilizadas para facilitar a interpretação dos dados, as três etapas deste método: (a) pré-análise: foi realizada a leitura flutuante, relacionando possíveis códigos vinculados com o objetivo do estudo, bem como, a preparação do material para posterior exploração; portanto, é a fase de sistematizar as ideias iniciais por meio da edição das entrevistas na íntegra e separação por recortes; (b) exploração do material e codificação: consiste em operações de codificação (quantitativas ou não), categorização de elementos de unidades de registros comuns – de acordo com temas e situações presentes nas falas dos participantes; (c) o tratamento dos resultados obtidos: foram definidas as categorias e subcategorias que fossem harmônicas com o objetivo do estudo,

desenvolvendo o processo de inferência dos dados, bem como, de interpretação e análise dos resultados. Etapa de organização das mensagens, aparecem os destaques das informações, por exemplo, todos os relatos relacionados aos "Atletas" foram agrupados nesta categoria.

Então, os discursos foram transcritos à organização sistemática dos dados em categorias e analisados descritivamente. Conforme previsto pela técnica, este estudo apresenta a frequência de aparição *(f)* dos códigos das categorias e subcategorias, apresentados em forma de porcentagem. Em outras palavras, essa medida serve para quantificar e apontar os conteúdos (categorias e subcategorias) que emergiram com maior veemência do discurso dos gestores (Quadro 14).

Fontes documentais também foram utilizadas para a coleta de informações para este estudo e, sempre que possível, elas foram relacionadas com as entrevistas e com a discussão dos resultados. A importância e os conceitos da pesquisa documental também podem ser vistos no capítulo anterior, no item 3.3.1. Tais informações foram coletadas, principalmente, por meio de *sites* oficiais de órgãos governamentais (Ministério do Esporte), de entidades esportivas (CBAt), da legislação brasileira e, também, de demais fontes da internet de livre acesso – portais de notícias esportivas – adequadas ao objetivo deste estudo.

Sabe-se que, muitas vezes, essas informações são imprecisas e cheias de interesses. No entanto, cuidados foram tomados para que as fontes encontradas possam ser confiáveis, para assim servirem de embasamento para este estudo. Para isso, recorreu-se a Guinzburg (1989), o qual procura revelar que, assim como o médico produz seus diagnósticos observando, investigando atentamente os sintomas, muitos outros saberes indiciários também produzem um conhecimento lendo e interpretando os sinais, as "pistas confiáveis e os indícios". Para uma fonte ter qualidade, precisa estar – efetivamente – relacionada com o objeto de estudo e representar uma comunidade de usuários (TOMAÉL *et. al.*, 2001).

Para uma melhor interação com os sujeitos entrevistados (TRIVIÑOS, 1987), as entrevistas relacionadas a este estudo seguiram um roteiro (ver exemplo em Apêndice 1) – elaborado com base nos objetivos deste estudo e, principalmente, em alguns dos fatores que facilitam o desenvolvimento e o sucesso do esporte apresentados, por exemplo, na revisão de literatura (DE BOSSCHER *et al.*, 2006; TRUYENS *et al.*, 2014) deste estudo. Assim, o roteiro foi composto basicamente por 5 partes:

1) caracterização do participante (idade; formação acadêmica; atuação profissional; trajetória esportiva; experiências da profissão);

2) organização do trabalho (plano de desenvolvimento; estrutura organizativa específica para os atletas; programas e ações de curto, médio e longo prazo; os programas de fomento; comunicação entre as entidades nacionais e internacionais; centros nacionais de atletismo, equipamentos esportivos; as competições; cursos, congressos, meios de divulgação, mídia, cultura; o ensino da modalidade, a cooperação entre CBAt, escola, outras entidades e comunidade);

3) incentivo financeiro (fontes de recurso, patrocinadores públicos e privados; incentivos para atletas, treinadores, federações, clubes; critérios de participação, controle e avaliação; programa de apoio financeiro para a base e alto rendimento; principais programas de incentivo);

4) sobre os atletas (base de dados, número de participantes, formação esportiva, acompanhamento dos atletas, caminho do atleta; suporte médico e técnico; critérios de seleção; os talentos, os ídolos; indicadores de desempenho; *camping*; as dificuldades; programa de pós-carreira);

5) sobre os treinadores (quantidade; profissão de treinador; suporte para treino, estrutura física; equipamentos esportivos; apoio financeiro, técnico e médico; centro de pesquisa científica; qualificação e capacitação dos treinadores; relação da CBAt com os treinadores, as dificuldades, os facilitadores; trabalho em conjunto).

As categorias e subcategorias de análise que nortearam a continuidade deste estudo, conforme Quadro 14, surgiram a partir da teoria e também das entrevistas. Segundo Bardin (2011) essa é uma forma mista de construir as categorias. Existe a forma fechada, em que as categorias já são pré-definidas e na aberta, as categorias são criadas de forma indutiva no decorrer das entrevistas, o que pode gerar novos conceitos. Segundo a autora, a forma mista – junção da aberta e fechada – permite adicionar novos resultados a modelos teóricos já existentes.

É importante destacar que essa forma metodológica (elaboração do roteiro com base na teoria e nos objetivos do estudo; criação de categorias e subcategorias com base nos depoimentos; utilização da técnica Análise do Conteúdo) é utilizada em vários estudos do esporte que adotam as entrevistas como suporte metodológico (GILBERT; TRUDEL, 2000; SOTIRIADOU; GOWTHORP; DE BOSSCHER, 2014; HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014; RUFINO; DARIDO, 2015; MAZZEI, 2016; HUXLEI; O'CONNOR; BENNIE, 2017).

Os estudos subsequentes desta tese, também utilizam do procedimento de entrevistas, tendo por base as três etapas descritas acima, como na definição de categorias de análise. É importante destacar a existência de categorias comuns para mais de um estudo (incentivo financeiro; trajetória; estrutura física) desta tese, mas, também existem categorias únicas, uma vez que cada estudo possui diferentes agentes investigados.

QUADRO 14 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS APRESENTADAS NOS RESULTADOS DESTE CAPÍTULO E ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS GESTORES

Categorias	Subcategorias
Estrutura Física (*f*=19.1%)	Instituições de atletismo (*f*=47.3%), objetivos das pistas (*f*=25.83%), conexão das estruturas, rede (*f*=26.87%)
Incentivo financeiro (*f*=31%)	Incentivadores (*f*=38.8%), Possibilidades (*f*=24.7%), interfere no rendimento esportivo (*f*=24%), capacitação do gestor (*f*=12.5%)
Ações documentais (*f*=21.3%)	Projetos (*f*=57.5%), objetivos (*f*=43.5%)
Técnicos (*f*=15.7%)	Relação técnico x confederação (f=41%), apoio/suporte técnico (*f*=34%), capacidade técnica (*f*=25%)
Atletas (*f*=12.9%)	Formação do atleta (*f*=38%), continuidade (*f*=36%), ações (*f*=26%)

FONTE: o autor (2017).

Os itens das entrevistas foram agrupados nas categorias supracitadas. Mais precisamente, utilizou-se a estratégia de divisão do texto em pequenas grades de informação, promovendo a descontextualização das entrevistas, mas, deixando-as unidas conforme as categorias e subcategorias do Quadro 14. Então, nos resultados deste estudo, optou-se por apresentar e discutir as categorias em tópicos – o que na medida do possível – facilitou a forma de apresentar a maioria dos resultados e discuti-los com a literatura especializada. Torna-se importante destacar que tais categorias não são fechadas, na verdade elas se complementam. Também, as buscas por informações documentais foram pautadas nestas categorias.

Em média, 5 perguntas tinham relação com as categorias supracitadas. Cada entrevista teve a duração média de 46,5 minutos (mín. 43/máx. 69 min.). No decorrer do texto, os relatos dos gestores são apresentados pelas siglas: G1, G2, G3, G4, G5.

4.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Estrutura física

No capítulo anterior, foram identificados diversos centros especializados que desenvolvem ou deveriam fomentar o atletismo. Assim sendo, optou-se por dar sequência neste capítulo com assuntos relacionados à estrutura física do atletismo brasileiro.

Sobre as instituições (*f*=47%) que desenvolviam o atletismo no Brasil, G3 e G4, explicaram – respectivamente – que o atletismo brasileiro "[…] já foi muito representado pelos clubes de futebol, por exemplo, Aida dos Santos era do Botafogo, Adhemar Ferreira, do São Paulo […] muitos clubes de futebol faziam competições de atletismo, existia uma rivalidade […]" (G3), e também, "[…] os clubes de futebol deixaram de apoiar financeiramente o atletismo, as novas arenas de futebol, já não têm pista de atletismo e a relação positiva entre futebol e atletismo de certo modo ajudava a divulgar a modalidade […]" (G4). Para este dirigente, o afastamento entre as modalidades, foi um dos motivos que contribuiu para a baixa popularidade do atletismo atualmente no Brasil.

De acordo com o gestor G2, atualmente "[…] no Brasil existem alguns clubes de futebol que desenvolvem o atletismo competitivo, mas, somente em algumas provas e não são as principais equipes do país […]". Ainda, para G4 "[…] os clubes sociais deixaram de se interessar por montar equipes de atletismo, hoje são raros os clubes que ainda atuam na modalidade, e quando atuam, é principalmente na categoria Adulto". Sobre esse aspecto o gestor G1 complementou que:

> […] muitos clubes (clubes sociais) aqui da cidade, possuem espaço físico que poderia ser usado para desenvolver a modalidade […] assim faria sentido os clubes terem uma equipe, o que ajudaria a crescer a modalidade em termos de divulgação e participantes […] mas alguém do atletismo precisa chegar nesses clubes, falo principalmente da federação estadual, da confederação, deveriam auxiliar nesse processo, ajudando a resgatar a modalidade dentro dos clubes, não basta somente o técnico ir no clube e apresentar um projeto […] estes são os mais interessados, mas as vezes não têm acesso, contato com as pessoas que realmente mandam nos clubes e que poderiam abrir as portas para o atletismo […]

A reaproximação do atletismo com os clubes seria importante para auxiliar na utilização e manutenção das pistas construídas recentemente no país – identificadas no estudo anterior. Dentro desse contexto, o gerente dos Centros de Treinamento da CBAt (G5) comentou que várias escolas eram filiadas às

federações estaduais "[…] na década de 90, os alunos tinham bolsa-atleta nas particulares e tratamento especial, hoje o atletismo competitivo nas escolas quase não acontece, as competições de atletismo extracurriculares, locais e regionais, quase que desapareceram". A relação do atletismo com a escola foi representada na citação de G3:

> […] somente algumas escolas ainda participam de campeonatos estaduais, mas entram mais para participar, não conseguem muito destaque […] um exemplo grave é o que acontece nos Jogos Escolares (organizado pelo Estado e uma das principais competições entre as escolas) […] geralmente a arbitragem da federação é quem de fato organiza o atletismo. Em algumas localidades que os jogos acontecem, das fases municipal e reginal, eles (Estado) precisam pagar uma diária a mais para que os árbitros cheguem um dia antes de iniciar a competição e assim montem a pista, por exemplo, no último final de semana (maio 2016) em uma determinada região, os jogos aconteceram quase na beira da praia, então tivemos que montar uma pista na areia […] posso dizer que esse processo aconteceu e acontece em várias federações do país […] também, o que desgasta muito a arbitragem e as vezes chega a ser engraçado é que nossos árbitros muitas vezes, precisam ensinar os escolares a como fazer corretamente (técnica, regras) determinadas provas do atletismo, então a gente comenta que o desgaste é maior nos Jogos Escolares do que no Troféu Brasil de Atletismo.

Com os últimos depoimentos (G5 e G3), questiona-se a função e o suporte da escola com relação ao atletismo, visto que essa quase não atua no cenário competitivo das federações. Nos Jogos Escolares (fases municipal, regional) muitos alunos – participantes do atletismo – desconhecem as suas provas e, isso sugere que os alunos não estão vivenciando a modalidade na escola (na Educação Física escolar e no formato de extraclasse), ou quando vivenciam, é de forma muito superficial, em que não aprendem as técnicas e regras básicas de determinadas provas do atletismo.

Similarmente, o gestor G3, que tem relevante experiência em organização de competições de atletismo ressaltou que "[…] boa parte do tempo de uma competição de atletismo dos Jogos Escolares (fases municipal e regional), é usado pelos árbitros para ensinar os alunos a como fazer uma saída baixa, como usar o peso, ou lançar o dardo corretamente […]". Além disso, o Gestor G1, complementou que "[…] podemos contar na mão as escolas do município e região metropolitana com infraestrutura para o atletismo, então, ele é pouco desenvolvido nas escolas […] as públicas, na maioria, mal tem uma quadra poliesportiva, quem dirá infraestrura para atletismo […]", o que faz levar as escolas – segundo G3 – "[…] a,

infelizmente, terem um pretexto para não criarem equipes de atletismo e participarem de competições […]".

Segundo o G2, "[…] as equipes da base do atletismo, muitas vezes são formadas por atletas oriundos somente de algumas escolas do município […]". Nesse sentido, o gestor G4, com papel relevante na reestruturação da CBAt, afirmou que:

> […] se quisermos aumentar a participação de atletas no atletismo e consequentemente aumentar o número de talentos em várias provas, precisamos de estratégias, de um plano disso, que seja construído, envolvendo várias entidades, como, a CBAt, as prefeituras, os estados, precisamos das instituições de ensino e pesquisa, das escolas […] essa comunicação é difícil atualmente, esse plano em conjunto, de desenvolvimento de talento, atualmente, não existe, é quase que cada um por sí […] mas uma das saídas para fomentar o esporte poderia ser uma ênfase nas escolas, que ela volte a entender o que significa ser aluno-atleta, que forneça suporte, pois o aluno irá precisar competir […].

Uma iniciativa da nova gestão da CBAt com a finalidade de ficar mais próxima das principais entidades do atletismo nacional, conforme G4, foi mudar a sede da confederação de Manaus para São Paulo. Para ele, a justificativa principal era que a confederação "[…] precisava ficar mais próxima das principais federações estaduais, dos principais centros esportivos e pistas de atletismo do país e, consequentemente, diminuir os custos de logística, buscar novas parcerias com diferentes áreas do esporte". Vale lembrar que: o estudo anterior desta tese, sobre estrutura física, apontou que há uma concentração maior, tanto de instituições, de estruturas (37%), quanto de resultados (60,6%) e de atletas (52,1%) na região sudeste do Brasil.

O gestor G3, afirmou: "[…] existem várias pistas sintéticas em construção nos estados, muitas em universidades públicas construídas via Ministério do Esporte […]". O mesmo entrevistado, complementou:

> […] mas isso, o objetivo (*f*=19.83%) delas, não está muito claro ainda, pois quem deve comprar o material para a universidade é própria universidade, não é a federação do estado, nem a CBAt […] muitas universidades no país possuem pista sintética, com classificação internacional […] mas possuem bloco (bloco de partida para provas de 100 até 400 metros) de madeira como material […], ou nem possuem um colchão específico para salto com vara, ou salto em altura, assim, essa questão de material esportivo depende muito da equipe […] algumas conseguem projetos, convênios com CBAt, ou Ministério do Esporte para apoio em materiais esportivos.

No estudo anterior foi possível notar que algumas equipes de alto rendimento conseguem parcerias públicas para a aquisição de equipamentos esportivos de

qualidade para a prática da modalidade. Similarmente, o gestor G2, questionou sobre as novas pistas: “[…] de quem é a função de fazer a manutenção destas pistas? será que a universidade vai conseguir controlar para que a pista não se deteriore rapidamente, caso contrário, não existe necessidade de ter uma estrutura de alto custo nesse local […]”.

Já G5, gestor que atua diretamente no alto rendimento da CBAt, salientou que: “[…] nesse primeiro momento não faz sentido a construção de algumas pistas em determinadas cidades […] algumas cidades não possuem equipes de atletismo […] então, não há necessidade de tantas pistas no país […]”. Os gestores não forneceram dados precisos com relação à quantidade de novas pistas de atletismo construídas no país, mas o pensamento em comum deles é que existem pistas suficiente para a modalidade. Ainda, segundo G3, “[…] como o Brasil vai sediar os Jogos Olímpicos (entrevista realizada em março de 2016), aumentaram os locais adequados para competição no país, então, atualmente, temos (Brasil) instalações para sediar alguns eventos internacionais de atletismo […]”. Para G2, o Brasil “[…] vive um novo momento com essas novas pistas construídas e isso, se bem utilizado, pode representar uma melhora no crescimento do atletismo, imagine, pode ser um motivador para os jovens virem treinar em estrutura nova, adequada […]”.

Ainda, o gestor G4 adicionou:

> Uma das preocupações da gestão atual da CBAt é identificar os potenciais do estado, em termos de número de atletas, talentos, marcas, melhores provas e centralizar alguns pólos dentro dos estados […] feito isso, essa ajuda do Ministério do Esporte na construção das estruturas será fundamental e certamente irá facilitar na seleção, identificação do talento e formação de atletas e de novos técnicos.

Esse depoimento é um complemento do que dito mais acima, pelo próprio entrevista. O gestor G5, responsável por estabelecer e supervisionar os Centros de Treinamento que o atletismo nacional utiliza, revelou que a CBAt “[…] está tentando adquirir um centro próprio com ajuda de um projeto que tem dinheiro público, que realmente possa ser dito que é da confederação, com total autonomia para melhor gerir o atletismo brasileiro […] isso seria em Bragança Paulista […]”.

Vale lembrar que, as entrevistas com os gestores investigados, foram realizadas entre 2015 e primeiro semestre de 2016. Assim, foi possível constatar que, realmente, o Centro Nacional em Bragança Paulista foi efetivado no começo de 2017 – com auxílio do projeto Rede Nacional de Treinamento de Atletismo. Neste

espaço, ficam as estruturas (pista, salas, etc.) de uma antiga equipe do atletismo nacional: Rede Atletismo (CBAt, 2017a).

No site do Portal de Convênios – SICONV, é possível encontrar o contrato de locação da estrutura de Bragança Paulista, pela CBAt. O prazo de locação, conforme contrato, é de 20 anos (novembro de 2016 a novembro de 2036); com aluguel mensal de R$ 10.000,00, ajustado anualmente de acordo com a legislação em vigor, mais despesas (exemplo: água e luz) e tributos que incidem sobre área locada (Ver contrato de locação do Centro Nacional de Bragança Paulista, em Anexo 4: fonte SICONV).

Ainda, existe uma parceria com o "[…] Centro de Desportos da Aeronáutica na cidade do Rio de Janeiro, que se tornará em 2017, um Centro Nacional de Treinamento, em que a CBAt a partir dessa parceria poderá utilizar para diversas idades e provas do atletismo [...] (G3)". Similarmente, para G4 "[…] poderão existir os Centros Regionais, Locais […]" e a intenção disso, conforme relatou G5 "[…] é ter um plano da CBAt para detecção de talentos, aumentar a participação esportiva nos Locais e aproveitar os talentos do país que se destacarem nos Regionais e encaminhá-los para os Centros Nacionais […]". Para o Gestor municipal (G1) "[…] essa conexão entre os centros (*f*=32%) precisa ser feita urgentemente […]".

Sobre isso, o gestor G3 complementou ao dizer que:

> Eles (CBAt) estão tentando criar a partir de parcerias estaduais, municipais, alguns polos regionais em alguns estados […] então, não seria algo da CBAt, ela iria somente ajudar esse centro, dando melhores condições de treino […] no estado do Paraná já deveria ter um centro em Campo Mourão, local, ou regional, até porque excelentes atletas do estado são desta região […] Campo Mourão tem os principais atletas de barreira do país tanto do juvenil quanto do adulto […] até um técnico cubano atua na região a partir de uma parceria da federação estadual e CBAt que trouxeram o técnico para o Brasil […] então essa região é um bom exemplo que merece uma estrutura física de qualidade […].

Além disso, o gestor G4 complementou ao dizer que "[…] no mesmo estado (Paraná) há o Centro Nacional de Atletismo de Cascavel, que realmente está saindo do papel, mas, no momento, não sabe-se quem de fato irá cuidar, nem os objetivos dele […]". O gestor G3, complementou essa questão:

> "[…] o Complexo de Cascavel vai demorar para terminar, não vai sair em 2016, conforme prometido […] veja, tem muito dinheiro nesse complexo, então tem muita gente do governo envolvida, não é só o Ministério de Esporte […] assim, tem que atender os interesses das pessoas e dependendo o caso, o atletismo fica por último, veja, me ligaram esses dias para ver minha opinião sobre o material que será usado na pista, será

> padrão internacional, mas pelo o que senti isso vai demorar […] as coisas não saem do lugar devido as pessoas que estão a frente […] e vai demorar ainda mais se mudarem as pessoas do governo que estão a frente dessa obra, pois aí os interesses também mudam, as pessoas querem ganhar prestígio na hora certa, então isso pode demorar para funcionar […].

Foi possível identificar no estudo anterior que o Complexo de Atletismo de Cascavel/PR, ainda está na fase final de obras (outubro de 2017), com dúvidas sobre quem vai utilizá-lo (atletas da base, ou do alto rendimento) e deve custar em torno de R$ 36 milhões (US$ 10.892.587,74).

Outro centro possível, segundo G3, seria o de "[…] Lavras/MG, na Universidade Federal de Lavras, é um bom exemplo de base, faz atividades em escolas da região, tem ótimos resultados, com treinos apropriados para várias idades e, assim, tem possibilidade de ser um centro regional […]".

O mesmo entrevistado forneceu outros detalhes relacionados aos motivos de construção e manutenção de pistas no Brasil:

> Algumas pistas do interior do Brasil são mantidas com ajuda da CBAt, Maringá é um bom exemplo, com uma pista e equipamentos oficiais usados anualmente para o Troféu Brasil de Atletismo […] mas o principal motivo que faz desta estrutura estar até hoje, com ajuda da CBAt, é questão da cidade ser muito barata em termos de alimentação e hospedagem, por exemplo, se para fazer a mesma competição deste nível em São Paulo gasta-se 400 mil reais, já em Maringá, pode sair pela metade do valor, isso é um dos motivos que faz com que a CBAt realize algumas competições no interior no Brasil e ajude na manutenção de algumas destas estruturas.

Diante disso, entende-se que os gestores esportivos devem aproveitar o máximo possível, de diferentes formas tais estruturas físicas (elaborar projetos de diferentes níveis de atuação, buscar equipamentos esportivos, fazer manutenção, buscar técnicos capacitados). E, desta forma, fazer com que elas auxiliem no desenvolvimento do atletismo nacional.

Incentivo financeiro

O gestor G5 destacou que – até o momento desta pesquisa – o banco Caixa Econômica Federal é o "[…] principal incentivador financeiro (*f*=38.8%), patrocinador da CBAt […]". A parceria da CBAt com a CAIXA iniciou em 2001 e o contrato foi renovado em maio de 2017 – até o término do novo ciclo olímpico, em 2020 (CBAt, 2017o). Além disso, "[…] a Nike é uma empresa que também apoia a modalidade, mas nem se compara com a CAIXA […] a Nike ajuda, por exemplo, na compra de

materiais esportivos e negocia individual (contrato) com alguns alguns atletas de destaque nacional […] ” (G4).

No *site* oficial da CBAt é possível identificar no tópico Governança, que a CBAt teve uma receita média entre 2013 e 2016 de aproximadamente R$ 34,7 milhões (máx. 43,3 em 2014; min. 29,2 em 2016). Já no tópico “Demonstrativo Financeiro” a entidade divulga dois patrocinadores (dos anos de 2013 a 2016): a Caixa Econômica Federal e a empresa Nike do Brasil Comércio e Participações, sendo que a primeira disponibilizou um valor médio, nesse período, de aproximadamente R$ 20,5 milhões à CBAt; e a Nike, um valor médio de R$ 325 mil (ver Anexo 7). Levando em consideração que o banco CAIXA é uma estatal, pode-se dizer que mais de 65% da receita da CBAt é oriunda de dinheiro público (CBAt, 2017e).

Outras receitas são oriundas de entidades como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Ministério do Esporte: “[…] apesar do atletismo não ter conseguido grandes resultados, a CBAt é uma das confederações que o COB mais ajuda financeiramente, principalmente, os atletas que se destacam, que tem potencial de grandes resultados […]” (G2); com o Ministério do Esporte “[…] temos uma boa relação com o governo federal, temos parcerias, convênios, por exemplo, para estruturação da parte física do atletismo nacional […]” G5. Segundo, a fala do mesmo entrevistado, a CBAt procura:

> […] ser transparente nas demonstrações financeiras, divulga (no *site* oficial) anualmente, tudo o que recebe e gasta (balanços) […] também um relatório anual das atividades que vai para o COB, as atas de reuniões, das assembléias e o estatuto […] temos um canal de ouvidoria, mas pouco efetivo em assuntos da parte financeira, mas existe uma avaliação do TCU (Tribunal de Contas da União) sobre o COB e indiretamente na CBAt […] para o COB, nossa governança vai bem, é consistente […] a auditoria externa, junto com nosso conselho fiscal e jurídico, fazem parte da governança da CBAt […] então, temos uma auditoria feita por uma empresa independente que ajuda no controle financeiro, no balanço final e estamos adequados nessa questão, todas as nossas ações estão sempre nas normas, com a ajuda do jurídico [...].

No “Demonstrativo Financeiro” da CBAt, foi possível verificar o COB, como o segundo maior incentivador do atletismo brasileiro durante os anos de 2013 e 2016, fornecendo um valor médio de R$ 3,8 milhões por ano (10.9% do total da receita média) durante esse período. Depois do COB, o Governo Federal e Ministério do Esporte aparecem na sequência, os quais investiram um valor médio de R$ 3,5 milhões por ano (10,1%) no período mencionado (CBAt, 2017e). Os demonstrativos

financeiros deste período não fornecem maiores detalhes sobre esta última fonte, mas, uma hipótese é que os valores sejam oriundos da Lei de Incentivo ao Esporte do Governo Federal[18], ou de possíveis contratos/convênios com o Ministério do Esporte, conforme apresentado no estudo anterior (Projeto Rede Nacional de Treinamento de Atletismo). Com estas informações, é possível afirmar que determinados agentes – tais como, CAIXA, COB e Ministério do Esporte – se mantem por vários anos subsidiando o atletismo nacional.

Cabe destacar que a verba do COB é oriunda da lei conhecida como Agnelo-Piva. Esta lei (nº 10.264, de 16 de julho de 2001) é mais uma fonte de financiamento para o esporte brasileiro, onde 2% da arrecadação bruta dos concursos de prognósticos e loterias federais – e similares – é deduzida e investida em favor do esporte, de acordo com proporções: do total de recursos financeiros resultantes deste percentual, oitenta e cinco por cento (85%) serão destinados ao COB, que repassa parte desses recursos às respectivas confederações nacionais, de acordo com critérios próprios estabelecidos pelo comitê (BRASIL, 2001).

A título de exemplo, no final de 2014, o COB divulgou os valores a serem alocados – inicialmente – a cada confederação filiada no ano de 2015. O valor total das alocações iniciais foi de R$117,7 milhões. Outros R$54,3 milhões serão administrados pelo próprio comitê. Cinco Confederações (Atletismo, Desportos Aquáticos, Judô, Vela e Voleibol) receberam o valor máximo do COB, de R$3,9 milhões, que pode ser aplicado de diferentes formas por cada confederação no desenvolvimento do esporte (BRASIL, 2014b).

Por fim, o Demonstrativo Financeiro da CBAt, não especifica para qual nível do esporte este volume é aplicado, isto é, se é para o esporte de base, ou de alto rendimento. No entanto, no decorrer deste estudo serão apresentadas algumas ações da confederação, as quais focam – principalmente – nos atletas de alto

---

[18] Esta lei (nº 11.438) – começou a ter ação prática a partir do ano de 2007 –, permite que empresas do setor privado e pessoas físicas invistam parte do que pagariam de Imposto de Renda (6% para empresas e 1% para pessoas físicas) em projetos esportivos aprovados previamente pelo Ministério do Esporte. Os valores arrecadados devem ser investidos em projetos que atendem uma das manifestações esportivas (educacional, participação e rendimento). A instituição proponente submete um projeto esportivo ao Ministério do Esporte e indica um valor a receber. O Ministério do Esporte então avalia este projeto e emite parecer sobre o mesmo, indicando um valor máximo de captação em caso de aprovação, de acordo com as especificações de cada projeto (BRASIL, 2006).

rendimento. Mas, será possível identificar que algumas delas, também, contemplam os jovens atletas de atletismo.

Sobre o incentivo fornecido aos clubes e outras entidades que desenvolvem o atletismo, o gestor G2 (diretor de um clube de atletismo de alto nível) mencionou que:

> […] o clube em si não depende da confederação para se manter financeiramente […] o máximo que eles fizeram aqui, em 2014, foi ajudar na reforma da pista e na ocasião, forneceram alguns equipamentos esportivos, foi uma parceria da CBAt com diversos clubes, na verdade, com os melhores do país no atletismo, os que tem os principais atletas e resultados, é assim que funciona, então de certo modo precisamos saber o que está acontecendo na CBAt, para que nos ajudem também […] olhamos para todas as possibilidades, não podemos negar incentivo, então dependemos da Lei de Incentivo ao Esporte do governo federal, que engloba o atletismo, inclusive para impulsionar um projeto de base, para os jovens atletas […] também de patrocínios privados ligados ao clube e que ajudam o esporte como um todo do clube, e o principal, a ajuda financeira do próprio clube que nunca falha, que paga os técnicos, atletas e que acima de tudo gosta e apoia a modalidade […].

Assim, é importante o clube conhecer as possibilidades que existem de incentivo (como a Lei de Incentivo ao Esporte), bem como, manter boa relação com a CBAt, saber o que está acontecendo nela, pois, o clube pode ser beneficiado por eventual patrocínio que aparecer nesta entidade. Segundo o gestor G5, a confederação direciona (anualmente) uma verba, denominada como “despesas para clubes e federações”:

> […] os cinco melhores clubes do Troféu Brasil de Atletismo fazem parte da Assembleia Geral da confederação, isso está no estatuto, também conforme o estatuto, os representantes das federações, aquelas filiadas a CBAt, tem a direito a voto nos assuntos discutidos nas assembleias e reuniões […] então, temos que ajudar dentro do possível, as federações e, principalmente, os melhores clubes, com base no *ranking* da CBAt, para que eles participem de campeonatos internacionais, em equipamentos esportivos e parcerias envolvendo estrutura física, apoio a treinadores e atletas no treinamento […]”.

Além disso, o gestor G2 complementou que é possível o clube conseguir “[…] um convênio, já tivemos um, via Ministério do Esporte, que terminou no ano passado (2015) […] nos ajudou, principalmente, a comprar equipamentos esportivos e participarmos de competições importantes […]”.

O gestor G1, o qual representava uma importante equipe de base do atletismo nacional, apresentou – no depoimento abaixo – detalhes de como a mesma se mantém financeiramente:

> […] a equipe é mantida ao longo desses anos principalmente pela prefeitura, via Lei de Incentivo ao Esporte Municipal que ajuda, os atletas, técnicos e a própria equipe a se manter treinando e participando de competições […] então, estruturamos a equipe, hoje temos equipamentos esportivos da prefeitura, essa lei também ajuda nas viagens, alimentação, hospedagem […] a prefeitura ajuda até no vale transporte para os atletas […] já neste ano a equipe conta com um apoio anual da CAIXA, algo em torno R$ 40 mil […] em termos de criação e manutenção de equipe, não temos apoio financeiro de federação, muito menos confederação, pelo contrário, para participar de competições, precisamos pagar a filiação da equipe à federação estadual.

Outra questão que merece destaque é como uma federação estadual de atletismo se sustenta financeiramente. O gestor G3 elencou que a principal receita das federações atualmente é por meio das "[…] corridas de rua, somente com isso, torna-se possível pagar as despesas da federação". O mesmo entrevistado relatou:

> Hoje nós temos uma sede própria, isso são poucas federações que possuem, temos um funcionário, secretário contratado pela federação, então precisamos abraçar as corridas de rua, estruturar melhor isso para podermos nos manter melhor […] nossa relação com CBAt é, principalmente, quando tratamos de um atleta, ou técnico específico (G3).

De acordo com G4 "[…] as federações também recebem uma verba da CBAt […] umas recebem mais do que as outras, conforme o número de atletas filiados, resultados e competições que organizam […] é muito pouco o que as federações recebem […]", igualmente mencionado por G3:

> […] já chegamos a tirar dinheiro do bolso para pagar alguns custos da federação, não temos atualmente (2015, 2016) nenhum benefício da lei de incentivo (estadual, ou federal), nem patrocínio privado […] como a receita é pequena, algumas federações têm projetos[19] para tentarem fazer algum evento, ou projeto esportivo […] confesso que isso já foi melhor nas federações, hoje muitas perderam o interesse, outras não tem nem conhecimento para fazerem projetos, ou eventos […]".

A maioria das federações não disponibiliza, em seus *sites* oficiais, a prestação anual de contas. Foi identificado, no *site* da Federação de Atletismo do Paraná (FAP), que a mesma recebeu (em 2015) da CBAt a quantia de R$ 90.736,00 (FAP, 2015). As federações estaduais, devem prestar contas, anualmente, para a CBAt – conforme prevê o próprio estatuto da confederação (CBAt, 2017f).

---

[19] O projeto a que o entrevistado se refere, seria, por exemplo, um projeto submetido à Lei de Incentivo ao Esporte, ou para participar de convênios do Governo Federal. No site do Ministério é possivel observar que a Federação Pernambucana de Atletismo teve dois projetos aprovados em 2012 – com valores em torno de R$ 4 milhões – para a realização de uma competição de Marcha Atlética e implantar dois núcleos de atletismo. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/resultadoFinal.pdf> (BRASIL, 2012).

A receita divulgada desta federação estadual, neste mesmo ano, foi de R$ 434.566,38 e despesa de R$ 399.859,12, ocasionando um superávit de R$ 34.707,66. Neste mesmo ano, foi identificado que a CBAt teve uma despesa com auxílio às federações estaduais e clubes na quantia de R$ 3.569.858,00, sendo este, um dos maiores gastos da confederação – junto com despesas para atletas, treinadores, centros de treinamentos e salários de funcionários (CBAt, 2017e). Sobre o pagamento de funcionários da CBAt, o gestor G5 esclareceu que:

> […] sou remunerado pela CBAt, para a minha função, atendi a todas exigências (experiência, formação específica) na contratação […] atualmente, somente o cargo de Vice-Presidente que não é remunerado dentro da CBAt, pois não é um cargo que possui muita efetividade, uma vez que já existe o presidente, os demais dirigentes e funcionários, não são voluntários […] o presidente recebe salário do COB e tem os gastos pagos quando vai para competição, como alimentação, transporte […]".

No *site* da CBAt, no campo "Governança" (CBAt, 2017g), é possível encontrar todos os cargos existentes na confederação e suas respectivas funções. Porém, não foram encontradas informações a respeito de um plano de carreira, bem como, os nomes e os salários dos funcionários da confederação.

Os gestores G3 e G4, mencionaram a respeito da arrecadação que as federações concentram, que acontecem a partir "[…] da filiação das equipes federadas […] dos valores de inscrições dos atletas, das corridas, da arbitragem e organização que as federações fornecem nas corridas de ruas […]" (G3) e isso "[…] tem justificado a manutenção e a presença das federações estaduais no cenário nacional […]" (G4). As competições de pista também se enquadram como forma de arrecadação, pois, a federação estadual é reponsável por organizar as competições regionais para a base e para o alto rendimento, "[…] mas não se compara com as competições de rua, em termos de quantidade de corridas de rua que existem atualmente, consequentemente, valores obtidos […] o ideal é que ocorressem com frequência as competições regionais" (G3). O gestor G2, atua em um clube que possui umas das principais equipes de atletismo do país na categoria Adulta, complementou sobre essa questão:

> Muitas pessoas e no meu caso em particular, os sócios do clube acham que fazer atletismo é fazer corrida de rua, pouco conhecem e nem se interessam pelas outras provas que o atletismo possui […] treinam 4, 5 vezes por semana, fazem 10 km, 20 km, com um tempo que não se enquadra entre os melhores nem em nível municipal e chegam aqui para mim, dizendo que querem fazer parte da equipe de atletismo do clube […] explico para eles que os dois atletas da equipe estão entre os melhores do

> país nesse tipo de prova (fundo), que objetivamos o alto rendimento […] mas o que muitas equipes precisam melhorar, e eu me enquadro nisso, é entender a crescente dos corredores de rua, dos grupos de corrida de rua, precisamos olhar melhor para essas pessoas, no meu caso, para os sócios que praticam nos seus grupos a corrida com outra finalidade (lazer, qualidade de vida) e tentar aproveitar melhor isso, principalmente, em termos financeiro e apoio à modalidade […] são pessoas de classe social alta que praticam a corrida (G2).

Portanto, as equipes de atletismo, as quais focam nas provas tradicionais (pista e campo) desta modalidade, poderiam usar a corrida de rua como um aliado para o crescimento destas equipes. Isso não significa que tais equipes devem perder sua essência, mas, aproveitar possíveis benefícios que podem surgir a partir das corridas de rua, com maior visibilidade, mídia e apoio financeiro.

Com relação ao incentivo ao atleta, de acordo com o gestor G4, atualmente o atleta (que está entre os melhores de sua prova ao nível nacional, ou internacional) de atletismo de diferentes categorias "[…] possui várias possibilidades de incentivo […]" e para o gestor G5 o incentivo financeiro muitas vezes pode interferir no rendimento esportivo (*f*=24%) do atleta, conforme se transcreve:

> Alguns atletas no país ficaram com índice olímpico (Rio 2016) em suas provas por aproximadamente um ano. Isso aumentou o incentivo para o atleta, tanto de clube, quanto do estado e observamos (CBAt) que muitos atletas se acomodaram no seu treinamento, pois já atingiram um de seus objetivos […] o relacionado a parte financeira.

Segundo o gestor G3 "[…] o atleta recebe incentivo do estado (por exemplo: Bolsa-Atleta) diretamente na sua conta bancária […]", e para G4 "[…] é difícil interferir e controlar esse processo":

> Se isso (incentivo) serve para eles (atletas) atingirem o pico de treinamento num período considerado distante dos Jogos Olímpicos e depois disso eu noto que eles não apresentam resultados expressivos, preciso questionar essa forma com o que o dinheiro chega ao atleta (G5).

O gestor G2, ao comentar sobre a participação dos atletas de sua equipe nos Jogos do Rio, mencionou que "[…] o objetivo desses atletas sempre foi obter vaga para os Jogos Olímpicos do Rio, isso é o ápice para eles".

Ainda sobre isso, o gestor G5 complementou ao afirmar que:

> […] o Brasil não pode fazer uma seletiva um mês antes dos Jogos Olímpicos, como acontece, por exemplo, nos Estados Unidos […] se fizer isso o país pode correr o risco de ficar sem atletas, de eles não obterem o índice, então, no nosso caso, um dia específico para o atleta brasileiro definir suas melhores marcas é muito pouco, o atleta pode não estar bem, o

> clima pode não ajudar, enfim, não dá para arriscar de deixar os melhores do país fora dos Jogos Olímpicos.

O gestor G3 complementou sobre as possibilidades de incentivo (*f*=24.7%), ao relatar que o atleta brasileiro "[…] hoje em dia pode receber uma ajuda financeira do seu município, ser contemplado pelo programa esportivo do estado e estar enquadrado no Bolsa-Atleta do governo federal". Os agentes entrevistados (G3, G4, G5) salientaram que isso acontece porque ainda não há um órgão de controle sobre esses repasses. No entanto, segundo G4, a CBAt prioriza alguns casos "[…] não acontece do atleta receber do programa de incentivo da CBAt (Programa Nacional Caixa de Apoio a Atletas de Alto Nível) e também daqueles do governo […] o programa tem parceria com a Caixa Econômica, o CPF do atleta é cruzado […]". Segundo G5, a confederação "[…] precisa fornecer no seu *site* os nomes daqueles que fazem parte dos programas de incentivo do governo e da CBAt […] então dá para dizer que a gente tem um controle sobre isso […]".

Atualmente, o atleta de atletismo do país precisa optar pelos programas da CBAt ou por aqueles que o estado oferece. A CBAt possui o "Programa Nacional Caixa de Apoio a Atletas de Alto Nível" e divulga os índices a serem alcançados no ano corrente pelos atletas para integrarem tal programa no ano subsequente (CBAt, 2016). Fazem parte deste Programa os atletas que, além de obterem os índices exigidos pela confederação, não integrem o Programa Bolsa-Atleta – do Governo Federal. Portanto, o programa tem como finalidade "[…] dar um suporte a um outro grupo de atletas, os quais também possuem um rendimento esportivo […]" (G4), além de "[…] motivar outros atletas, pois, os que já estiverem no Bolsa Pódio já têm os benefícios para tocarem a carreira em alto nível." (G2).

Foi identificado que a CBAt foca nos atletas com chances de atingir excelentes resultados em Jogos Pan-Americanos, em Campeonatos Mundiais e em Jogos Olímpicos de Verão. No entanto, conforme previsto no estatuto da confederação, ela possui ações para os jovens talentos, por meio de programas específicos de acordo com a faixa etária, com o potencial demonstrado e com os recursos da confederação. O Programa citado acima, não fornece – até o momento da pesquisa – o volume do financiamento disponibilizado aos atletas (CBAt, 2015e, 2017f).

A partir do depoimento do gestor G4, constatou-se que "[…] algumas federações estaduais, possuem parcerias com os programas esportivos dos seus

estados e direcionam os atletas que merecem incentivos, por meio de bolsas mensais […]". Conforme G3, presidente da federação estadual (no momento do estudo): "[…] o programa esportivo do estado forneceu 60 bolsas para o atletismo neste ano (2016) e pode disponibilizar 800 reais para um atleta de 14 anos do estado que está bem no *ranking* estadual e nacional". Ainda, os gestores questionaram a efetividade que esse tipo de programa de incentivo possui em termos de rendimento esportivo, conforme mencionaram, respectivamente, G1 e G3:

> Muitos atletas da equipe não investem esse dinheiro em treinamento, ajudam a família com esse dinheiro, então está difícil controlar esse processo […] mas eu preciso alertá-los, que precisam treinar duro e competir durante o ano, para não perderem o incentivo no ano posterior […] veja só: muitos perdem o incentivo e o que acontece: precisam parar de treinar, arrumam um emprego para ajudar a família, pois perderam a bolsa […] alguns talentos são perdidos dessa forma.
> Não temos dados, mas posso dizer que a rotatividade de Bolsa-Atleta por meio desse programa estadual é enorme, oferecemos incentivo aos jovens que não vão evoluir neste esporte […] o aluno muitas vezes para de competir e não recebe mais a bolsa no ano seguinte.

Com base em alguns dos discursos acima, outro ponto importante precisa ser levado em consideração neste estudo: a condição econômica dos jovens atletas. Muitos deles precisam ou buscam o subsídio financeiro, principalmente para sobreviver e para ajudar a família – e não para ser atleta. Assim sendo, a avaliação que pode ser feita disso é que, o subsídio empenhado (para jovens atletas e atletas de alto rendimento) para o propósito do atleta focar, sobretudo, no esporte, acaba não sendo, de fato, efetivo para tal propósito. Outras possibilidades e demais detalhes sobre o incentivo financeiro ao atleta, também serão apresentados nos próximos capítulos – a partir da ótica dos próprios atletas, treinadores e ex-atletas.

Ainda, para G4, o atleta de alto rendimento pode obter apoio na aquisição de materiais esportivos, representado na citação abaixo:

> Isso é uma questão que não acontecia antes […] hoje o atleta não gasta com nada, se precisar de um bloco de partida, sapatilha, um dardo de fibra de carbono, basta comprovar as marcas junto com seu clube e solicitar o material, que em duas semanas está na casa dele.

O mesmo entrevistado, apontou outro fator que pode estar relacionado com a performance do atleta e com o sucesso deste esporte em competições importantes:

> O atleta de alto rendimento muda muito de equipe, na maioria dos casos, conforme o dinheiro […] ele pensa, onde está o dinheiro […] isso dificulta

> nosso controle (CBAt) do atleta e do processo de treinamento, por exemplo, o atleta mora em Barueri, compete por um clube de São Paulo, mas como não reside na mesma cidade do clube, treina as vezes sei lá onde […] e sempre duvidamos se o atleta se prepara adequadamente. (G4).

O gestor G2, ao falar do funcionamento da sua equipe de alto rendimento, complementou que "[…] por uma questão financeira, mais da metade dos atletas da equipe treinam em outras cidades, isso é um processo comum na modalidade no Brasil".

Optou-se neste tópico em também abordar a formação e a capacitação (*f*=12.5%) dos gestores investigados, pois conforme alguns relatos, essa questão está condicionada ao fator financeiro. Vale lembrar que 3 dos 5 investigados, no momento do estudo, tinham dedicação exclusiva nas suas respectivas funções. Conforme G2, a formação continuada "[…] é exigida, é bem vista aqui no clube, que pagou parte das duas pós-graduações que fiz […] não no esporte, já estudei Gestão de Projetos e Gestão da Comunicação Organizacional, que me ajudaram muito enquanto gestor […]".

Por outro lado, o gestor da federação estadual relatou que já fez alguns cursos "[…] básicos, capacitações e palestras oferecidas pelo governo estadual e pela prefeitura do município que trabalho […] ninguém vai pagar um curso melhor para mim e fica difícil sair para estudar, tenho dois trabalhos […] não sou cobrado pela formação […]" (G3). Similarmente, o gestor da equipe municipal declarou que: "[…] não tenho especialização em gestão, minhas especializações são em voleibol e treinamento esportivo, não é critério para atuar na prefeitura ter formação específica em gestão […] não atuo somente com o atletismo, cuido da organização das outros esportes também". Para G5: "[…] muitos aqui na CBAt não entendem o estudo como investimento na carreira, pelo contrário, o estudo demanda tempo, e as vezes muito gasto […] como cobrar a formação dos técnicos, se muitos da gestão não tem esse costume de estudar, de pesquisar […]".

Ações documentais

O termo "ações documentais" deste tópico, refere-se a projetos (*f*=57.5%) e programas já produzidos, documentados por determinadas instituições e que servem para o desenvolvimento do atletismo nacional. Neste tópico, pretende-se verificar os objetivos (*f*=43.5%) e discutir algumas ações documentais relacionadas, ou elaboradas pela CBAt.

Uma ação desenvolvida pela CBAt é o Mini Atletismo, "[…] uma ação pedagógica que recentemente está sendo divulgada para facilitar o desenvolvimento do atletismo em diversos países, seria uma estratégia de fomento para o atletismo nacional […]" (G4). Para G4, "[…] o atletismo tem como missão inspirar as pessoas a fazerem a modalidade, seja corrida de rua, caminhada e o Mini Atletismo, pelo seu formato vem para inspirar os iniciantes […]". O gestor G1, enfatizou que tem utilizado o Mini Atletismo com as crianças que iniciam no projeto de atletismo do município, pois, é uma metodologia que "[…] não deixa a desejar em nada para qualquer modalidade coletiva em termos de atratividade […]". Ainda, segundo G3, "[…] hoje o atletismo não é atrativo para as crianças e o Mini Atletismo, com diversas atividades práticas e materiais adaptados, vem ajudar nesse aspecto […]". O mesmo entrevistado relata o que a modalidade poderia fazer para aumentar o número de praticantes nela:

> Se quisermos ter atletas realmente competitivos em todas as provas do atletismo daqui uns 8 anos, precisamos fazer com que a criança goste da modalidade e não deixe o atletismo porque é um esporte chato, o Mini Atletismo vem para isso […] inclusive é que ele seja introduzido nas escolas, seria um exemplo de cooperação da confederação com as escolas.

Em função disso, o gestor G4, que possui – na CBAt – o papel de auxiliar no desenvolvimento de atletas e técnicos, admitiu que a confederação "[…] tem dado atenção especial na formação de novos praticantes, por isso desenvolve cursos sobre Mini Atletismo, capacitando professores de atletismo de diversas regiões do país […]". O Mini Atletismo é um projeto criado pela IAAF (*International Association Athletics Federation*) em 2005, e repassado para as confederações nacionais, com um repertório de atividades, relacionadas ao atletismo, para serem desenvolvidas com crianças de 7 a 12 anos. O projeto faz menção, por exemplo, às escolas as quais devem adaptar tais atividades nas aulas de Educação Física, bem como, os materiais nelas utilizados (IAAF, 2016). No Demonstrativo Financeiro, divulgado no *site* oficial da CBAt, consta que a mesma gastou entre 2014 e 2016, o volume de aproximadamente R$ 922 mil (valor médio de R$ 307,3/ano) – com cursos e eventos esportivos (CBAt, 2017e). No mesmo *site* é possível identificar vários cursos realizados pelo Brasil, entre eles o de Mini Atletismo.

O gestor G5 complementou que o Mini Atletismo serve, também, "[…] para divulgação da modalidade, temos outras estratégias em elaboração para isso […] a

Revista, cursos e o Fórum Nacional darão maior divulgação para a modalidade.” A Podium é a Revista do Atletismo Brasileiro, elaborada pela CBAt, que contempla diversos assuntos, tais como: atletas destaques, competições, estudos específicos da modalidade, assuntos de gestão, entre outros. Tal revista pode ser vista no *site* da CBAt e, desde 2014 até janeiro de 2017, foram publicadas 11 revistas (CBAt, 2017h). Ainda sobre essa revista, o gestor G4, complementou que ela foi criada para o atletismo brasileiro possuir “[…] algo científico, similar a revista da IAAF, ou da confederação francesa […] no momento é difícil comparar com essas revistas[20] […] os técnicos brasileiros quase não produzem artigos, ou estudos de caso dos seus trabalhos que possam ser divulgados […]”.

Outra iniciativa com relação aos meios de comunicação e que pretende divulgar as ações da CBAt, segundo G5, trata-se da “[…] CBAt TV[21] que, desde 2015, transmite ao vivo, via *Facebook*, competições, cursos e reuniões do atletismo nacional […] você pode acompanhar de casa ou do celular, isso divulga as novidades da modalidade […] já tem mais de 5000 seguidores”. O gestor G3 reforçou a necessidade das ações e dos programas que compõem o atletismo nacional serem melhor divulgados, mas o entrevistado expôs um outro lado, que dificulta a divulgação da modalidade:

> […] eu concordo que o atletismo brasileiro precisa urgente de uma melhor divulgação de suas ações, campeonatos, novas formas de campeonatos, de divulgar para criançada os principais atletas, se eles melhoraram suas marcas ou não, a gente que é do meio sabe dessas informações, mas elas precisam chegar até a população em geral, isso não acontece como deveria […] vejo também que isso não depende somente da CBAt, temos algumas competições ao longo do ano, a intenção é aumentá-las, vejo que as pessoas que transmitem as informações não são capacitadas para falar de atletismo, nesse caso, o repórter, apresentadores não conseguem falar dois minutos de atletismo, porque pouco sabem de atletismo […] isso é diferente em outros países, os repórteres, por exemplo, os que estão na pista são mais preparados, no mundial do ano passado o repórter americano perguntou para a atleta deles do salto em distância porque ela passou a iniciar a corrida de aproximação de forma parada, em vez de iniciar em deslocamento como ela estava fazendo em outras competições […] é outro nível de pergunta e abordagem e isso não acontece aqui, eles preferem não comentar, não mostrar […].

Além disso, para o gestor G1, a emissora oficial e que também patrocina o atletismo nacional “[…] é a TV Globo, que tem outras prioridades que dominam a

---

[20] Ver em <https://www.iaaf.org/nsa>, <http://www.athle.fr/asp.net/main.shop/shop.aspx?familyid=27>
[21] Ver vídeos em <http://www.cbat.org.br/cbattv.asp>. Acesso em jan. 2017.

programação […] e não fecha um contrato para passar um conjunto de competições e regula o que vai passar, passa algumas provas do Troféu Brasil (principal competição interclubes da América Latina) no domingo de manhã […]". No *site* da CBAt pode-se confirmar a parceria entre Globo e CBAt até 2020 e, também identificar, que a confederação recebeu, em 2016, como receita de transmissão de eventos esportivos, cerca de R$ 2,8 milhões (CBAt, 2016g).

Ainda sobre isso, o gestor G4 reforcou que a "[…] Nike é outra empresa que patrocina o atletismo nacional, mas, essa relação poderia ser mais efetiva, não vejo como uma empresa que divulga a modalidade no país, o papel dela basicamente é fornecer material esportivo e apoiar os atletas de destaque […]".

O gestor G5 adicionou que a CBAt possui um "[…] Código de Ética que fala sobre a conduta das pessoas envolvidas com o atletismo, como, os dirigentes devem respeitar os contratos firmados, cuidar da imagem do esporte, por exemplo, tendo projetos sociais e de desenvolvimento […]". O Código de Ética mencionado, pode ser encontrado no *site* da CBAt, no campo de "Governança" (CBAt, 2017g). Nesse sentido, outro projeto no qual o atletismo se faz presente e está relacionado com o ambiente escolar, chama-se "Atleta na Escola".

Este programa educacional possui parceria com a CBAt, sendo desenvolvido pelo Ministério da Educação em parceria organizacional do Ministério do Esporte e da Defesa. Começou a ser propagado na metade de 2013 em alunos de 12 a 17 anos, inicialmente com a modalidade de atletismo – nas provas de velocidade, salto em distância e arremesso do peso. Então, torna-se importante – para esta tese – analisar essa ação do governo federal, uma vez que o atletismo foi a primeira modalidade a fazer parte do Atleta na Escola: "[…] podemos dizer que um dos motivos da escolha pelo atletismo é que as provas iniciais a serem desenvolvidas com os escolares – corrida de 75 metros e salto em distância – são de fácil aplicação na maioria das escolas brasileiras […]" (G4).

Em 2014, o total de participantes atingiu 4,1 milhões de estudantes, sendo o atletismo o esporte mais procurado, totalizando 2,3 milhões, 1,5 milhão no vôlei e mais de 200 mil no judô. Com relação ao atletismo, 2.153.989 estudantes, participantes do Programa Atleta na Escola, participaram de alguma das etapas (fases regionais, macrorregionais e final) dos Jogos Escolares de 2014 (CBAT, 2014c). A partir disso, o gestor G4 salientou que a dúvida "[…] é se essa quantia considerável de participantes no atletismo permanece desenvolvendo esse esporte

em formato de treinamento […]". Ainda, G5, responsável pelos Centros de Treinamento da CBAt, destacou que a "[…] confederação ainda não consegue identificar os atletas que realmente se destacam nesse programa e direcioná-los para os locais corretos de treinamento de atletismo, por região […]".

De acordo com G5, a formação de novos atletas é o principal desafio da nova gestão, conforme se transcreve na citação abaixo:

> Precisamos apoiar outros programas educacionais que tenham o esporte. Precisamos olhar melhor para esses dados do Atleta na Escola e verificar se essa quantia de participantes não seria o suficiente para esse esporte possuir talentos em todas as provas do atletismo […] veja: poderíamos resolver uma parte do problema relacionado à formação de atletas, com essa política de fomento ao atletismo (Programa Atleta na Escola), mas no momento, a CBAt, não tem condições de identificar e detectar um talento que estuda na escola do interior de Pernambuco e está participando dos Jogos Escolares […] não temos essas informações, ainda, as federações, disponibilizam poucas informações sobre o desenvolvimento da modalidade nos estados.

Na Tabela 12, outras informações sobre o Programa Atleta na Escola.

TABELA 12 – ESCOLAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA ATLETA NA ESCOLA EM 2013 E 2014.

Esfera	**2013**	**2014**	**Variação %**
Federal	15	6	-60
Municipal	17803	31603	43.6
Estadual	5044	12930	60.9
Privada	66	50	-24,3
Total	22928	44589	48,6

FONTE: Adaptado de Ministério do Esporte (2015d).

Como citado, o Atleta na Escola teve início na metade de 2013. Aderiram a este programa em 2014, 44.589 escolas – aumento de 48,6% em relação ao ano de 2013 – de 4.790 municípios, dos 26 estados mais o Distrito Federal. Também, as confederações das modalidades presentes no Atleta na Escola devem contribuir na realização de competições escolares: "[…] fornecemos somente à arbitragem para os Jogos Escolares à pedido da Secretaria da Educação das cidades sedes […]" (G3).

Até o momento, não foi identificado nenhuma informação que esclareça, de fato, se a CBAt desenvolve alguma ação dentro das escolas – como, formação de professores e detecção de talentos para o atletismo. Tampouco, ficou evidente qual é a relação da CBAt com o Programa Atleta na Escola.

No *site cbat.com.br,* foi encontrado que a CBAt encaminhou uma carta[22] ao Governo Federal para que este continue realizando, em 2015, o Programa Atleta na Escola. Na carta, consta que o Programa é pioneiro na integração entre Ministério da Educação e Esporte, bem como, os melhores resultados dos alunos são monitorados pela CBAt e, caso possuam aptidão ao atletismo, tais alunos são encaminhados aos clubes formadores. No entanto, os depoimentos supracitados (G3, G4, G5) demonstraram que existe dificuldade da confederação na identificação e direcionamento do jovem atleta destaque no atletismo escolar.

Outra ação, da qual a CBAt faz parte, está vinculada com a Rede Nacional de Treinamento (RNT), já especificada no capítulo anterior desta tese. Cabe ressaltar que a RNT – via Ministério do Esporte – tem a intenção de aumentar e renovar a estrutura física de vários esportes no Brasil, desde a base até a elite esportiva (BRASIL, 2011). O primeiro esporte beneficiado a fazer parte dessa rede foi o atletismo, sendo investidos, R$ 26 milhões (entre 2015 e 2016) para esta modalidade e, em muitos casos, existe a parceria da CBAt (BRASIL 2014, 2016).

Para G3, o auxílio da CBAt nesse projeto "[…] é uma orientação, quando possível, para os locais que serão definidos, reformados, ou construídos […] a CBAt não tem recursos financeiros para construir pistas, ela vai apoiar as entidades com projetos e aspectos do treinamento dos locais […]". Ainda, o objetivo em específico para o atletismo é "[…] ampliar por meio da rede (RNT) a base de atletas para buscar a qualidade dos mesmos […]" (G4) e também, conforme supracitado no tópico "estrutura física", "[…] facilitar o caminho do atleta, daqueles que se destacarem nos Centros de Treinamento Regionais serão enviados para os Centros Nacionais […]" (G5). O gestor G3 esclareceu melhor essa questão:

> […] a intenção é capacitar nos Centros Regionais, jovens atletas que se destaquem em suas equipes […] poderemos melhorar os números de seleção de atletas, de novos talentos e fornecer suporte técnico para eles, não é que o jovem vai ficar morando no Centro Regional, ele vai passar um período de treino, pode ser 10, 15 dias, nestes Centros, junto com os técnicos contratados pela CBAt para atuarem nestes Centros […] a intenção é conhecer os atletas, que esse atleta evolua, conheça novos treinamentos, treinadores, utilize os Centros Regionais, criados com auxílio da Rede (RNT) e depois tenha noção que ele pode ter um direcionamento na carreira […].

---

[22] Carta disponível em: <http://www.cbat.org.br/imagens_news/8116.pdf> Acesso dez. 2015.

De acordo com o estudo desta tese que trata especificamente sobre as diversas estruturas físicas do atletismo brasileiro, pode-se dizer que, apesar das inúmeras lacunas (falta de projetos, equipamentos esportivos, pistas em locais que não são tradicionais no atletismo), há a tentativa de um processo intencional de alinhamento para uma política voltada à formação de uma Rede Nacional de Treinamento (RNT) para o atletismo.

Ainda sobre este projeto, e conforme já mencionado no tópico acima (incentivo financeiro), o gestor G4 declarou que a RNT:

> […] pretende também ajudar financeiramente o treinador brasileiro […] a RNT não vai ajudar somente em termos de estrutura física e definição de Centros Nacionais […] os treinadores, aqueles realmente qualificados, serão selecionados, poderão trabalhar por determinados períodos nos Centros da RNT, fornecendo treinamentos específicos para vários atletas selecionados pela CBAt e receber um bom salário para isso, então, a gente entende que esse projeto beneficia a todos do atletismo nacional […].

No *site* – Portal de Convênios, SICONV –, é possível encontrar diversos documentos relacionados ao projeto da RNT de Atletismo, como, um recibo de pagamento de salário (ver Anexo 6) direcionado a um treinador que prestou serviços em um dos Centro Nacionais de Atletismo, o que comprova o depoimento anterior.

Outra ação, trata-se do Projeto “DNA do Atletismo”, que teve início em 2015 com término previsto para 2017, ela pretende definir o DNA do Atletismo brasileiro por meio de análises no código genético dos atletas de alto rendimento (PODIUM, 2016). Para G3, a intenção com o projeto é “[…] facilitar a vida do atleta e do técnico, será possível definir com maior antecedência a prova do atleta, a especificidade dele, e assim já orientá-lo para um treinamento mais eficaz […]”. Similarmente, para G4 o projeto seria “[…] uma ferramenta de direcionamento para os praticantes de atletismo, uma vez que parte da hipótese de que atletas dos diferentes grupos de provas do atletismo (exemplo: salto, fundo, velocidade) apresentam padrões genéticos diferenciados […]”.

Nesse sentido, G5 adicionou que o projeto “[…] poderá fornecer informações adicionais que vão além do biotipo do atleta desta modalidade, complementando o *feeling* dos técnicos […]”. Para tanto, segundo o gestor G2, alguns atletas que representam sua equipe participaram deste projeto, sendo necessário “[…] um esforço tremendo dos atletas e dos técnicos, por exemplo, para acontecer a coleta de sangue o atleta precisava de 48 horas de repouso prévio […]”. Em virtude disso,

G5 mencionou que o projeto ainda estava na “[…] fase de análise e terá um alcance maior após os Jogos do Rio” e também trata-se de “[…] um projeto diferenciado que irá contribuir muito para o atletismo do país e desconheço outra confederação que faça isso […]” (G4).

Esse projeto possui parceria com Instituto do Coração (InCor) e Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e pretende analisar o código genético de 500 atletas de alto rendimento para que seja possível ter resultados efetivos da modalidade no Brasil (CBAt, 2016). A questão fica em torno do custo benefício deste projeto, pois, os valores não foram mencionados nas entrevistas e, até o momento da pesquisa (novembro 2017), não foram encontradas informações documentais sobre os gastos. Tampouco, notícias sobre qual a avaliação ou, como está o andamento e término do projeto DNA do Atletismo brasileiro.

Técnicos

O gestor G2, explicou o fato dos atletas treinarem em locais distantes das suas entidades: “[…] a maioria das equipes não tem como fornecer residência para o atleta e técnico, ou muitas vezes o técnico do atleta não quer utilizar a estrutura que a equipe oferece e sim, a mais próxima dele”. Similarmente, conforme G4 “[…] o técnico do atleta, em muitos casos, não possui nenhum vínculo com o clube ao qual o atleta representa, então, pode prevalecer o que o técnico propõe ao atleta (local e planejamento de treino, metas)”.

O apoio (*f*=34%), ao trabalho do técnico de atletismo do país, foi um fator de destaque nos depoimentos dos gestores. O gestor G5, por exemplo, destacou o “[…] trabalho recente que a confederação faz de avaliar e cobrar dos técnicos, de centralizar todos os treinos dos principais atletas, de dar um suporte em diferentes áreas do esporte (exemplo: nutrição, psicologia, biomecânica e fisiologia)”. Para G3, “[…] isso dificilmente acontecia na gestão anterior […]”. O gestor G2 ressaltou que o objetivo disso é “[…] acompanhar de perto os treinadores de alto rendimento e dar um suporte aos treinadores […] é dever da CBAt, para que os atletas desses técnicos cheguem nas principais competições e consigam suas melhores marcas”. Cabe ressaltar então, que a ideia de melhorar a comunicação com os técnicos foi uma estratégia desenvolvida pela atual gestão a curto prazo, na tentativa de melhorar os resultados dos atletas nos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016.

Sobre a relação entre CBAt e técnicos (*f*=41%), G4 esclareceu que “[…] a

tentativa de aproximação com os técnicos e atletas é constante […] a CBAt fornece ajuda financeira básica para alguns técnicos de alto nível, mas não tem sido fácil essa relação, tem técnico que não aceita ser questionado sobre o seu treino". A respeito disso, G3 e G2, adicionaram, respectivamente:

> Tem técnico que possui atleta olímpico, são os técnicos que estão em evidencia, mas seus treinos estão numa folha de papel, ou na própria cabeça […] como cobrar uma situação (fornecer os treinos à CBAt) que ele nunca prestou para ninguém, como ajudá-lo numa periodização correta para que seu atleta obtenha o alto nível quando realmente deve chegar.
> Tivemos uma reunião com o técnico e com sua atleta para conversarmos sobre o programa de treino dela e definimos, por exemplo, o treino semanal […] esse técnico me ligou na quarta feira e disse que havia terminado todo o treinamento da semana, terminou o treino semanal em apenas 3 dias, ou seja, não entende, ou sabe muito pouco sobre periodização.

O gestor G5, reforçou que "[…] a conversa entre técnicos e confederação existe […] comunicamos os principais atletas e técnicos para agendarmos reuniões, mas a comunicação é pouco efetiva, por isso o trabalho da CBAt é lento, prevalecendo ainda, muito o que acontece nos clubes" e ainda, muitos técnicos de atletismo "[…] estão 20, 25 anos atuando e alguns não aceitam escutar quem está chegando agora na confederação". Segundo G3, a postura do treinador frente a confederação pode começar a mudar:

> […] pois a CBAt pretende impor, em 2017, que a elaboração em conjunto (CBAt, técnico e clube) do plano de desenvolvimento do atleta, será um indicador para o recebimento de incentivo e participação em competições, ou seleções nacionais, assim, a CBAt ganha respeito dos treinadores e passa ter outro critério […] hoje, o principal indicador para financiamento e participação em competições é o desempenho, o resultado, o índice obtido pelo atleta e exigido pela confederação, ou federação internacional […].

O gestor G4 salientou que essa ideia de estreitar os laços com os treinadores "[…] tem total apoio da presidência da CBAt, então temos batido de frente com vários técnicos e estamos tentando essa aproximação, em competições, em reuniões, em cursos, por e-mail e por meio dos técnicos responsáveis pelos grupos de provas da CBAt". O mesmo entrevistado exemplifica, ao relatar que:

> O Ministério do Esporte criou na Universidade Santa Maria (RS), um Laboratório de Pesquisa para Ambiente Simulado, e as confederações devem utilizá-lo […] contatamos diversos técnicos de meio fundo e fundo, mas até agora, nenhum deles utilizou o laboratório, eles preferem treinar em outros locais, por exemplo, na Colômbia.

Para G3 "[…] o ideal é que tivesse um centro de pesquisa próprio da confederação […] isso poderia trazer os treinadores e atletas mais próximos da

confederação, existiria a troca de conhecimento, mas ainda nao há algo desse tipo na CBAt […]". Então, "[…] o clube é quem mais oferece a ciência do esporte ao atleta e treinador […] ele pode obter um centro de pesquisa próprio, um laboratório, ou buscar parceria com universidade que contribua, por exemplo, na fisiologia, ou biomecânica […]" (G2).

O gestor G4, mencionou que também é difícil exigir – atualmente – um planejamento de treino "[…] dos técnicos promissores – identificados pela CBAt, que possuem jovens atletas com potencial para atingirem o alto rendimento – sem oferecer ajuda financeira em troca". O gestor G5 citou que a CBAt, fornece uma ajuda básica para alguns técnicos de atletas jovens e adultos, mas muitas vezes "[…] o técnico não colabora, não manda o planejamento de treino, não vem para reunião, prefere dar uma atenção muito maior somente para o que acontece no seu clube […]". Para G3, "[…] quando o atleta não está na seleção nacional, é o clube quem fornece todo o suporte técnico e médico para o atleta e também para o treinador, eles têm plano de saúde do clube e da seleção […] boa parte do ano o atleta está vinculado ao clube". Ainda, o diretor da equipe de alto rendimento ressaltou que boa parte dos técnicos "[…] não tem paciência com resultados, querem participar de toda a competição que aparece para fazer marca […]" (G2). Do mesmo modo, segue, o depoimento do G5:

> Quando converso com atletas e técnicos sempre oriento: seu atleta tem potencial, mas você (técnico) precisa arrumar a postura do seu atleta, ficar sem competir no mínimo uns seis meses e aí sim podemos começar a evoluir com os treinamentos e marcas […] mas pergunte se eles seguem isso […] ambos precisam de resultados, almejam melhores incentivos, e é por isso que tenho que criticar esse sistema atual.

Por outro lado, G3 relata que existem técnicos brasileiros de atletismo capacitados tecnicamente (*f*=25%) "[…] de alto nível, reconhecidos mundialmente, que trabalham em paralelo com a ciência […]" e, geralmente, o técnico com essa característica "[…] tem um bom relacionamento com a confederação em termos de planejamento de treinos". Seguendo o que G2 declarou, há treinadores brasileiros "[…] que são procurados por excelentes atletas de outros países, isso revela que são capacitados e reconhecidos mundialmente nas suas especialidades".

O gestor G4, acrescentou:

> Outra medida dessa nova gestão é que estamos melhorando, aperfeiçoando nosso *ranking* de técnicos (formação acadêmica, capacitação, resultados esportivos), pois a partir dele alguns são

> convidados a participarem nos *campings* (Locais para treinamentos oferecidos pela CBAt e COB (Comitê Olímpico Brasileiro) para atletas e treinadores) nacionais, internacionais e hoje, essa troca entre os técnicos passou a ser mais frequente, mas ainda dá para melhorar […].

Também, segundo G5, a CBAt está desenvolvendo "[…] uma metodologia para futuros treinadores com instrumentos de avaliação, material de apoio, cursos pela internet para facilitar a vida das prefeituras, universidades, escolas […]" e, consequentemente, "[…] aumentar o número de professores capacitados, para que desenvolvam um trabalho adequado, conforme as diferentes idades" (G4). O gestor G5, esclareceu que a CBAt:

> […] em parceria com a Caixa Econômica Federal ajuda a pagar os *campings* dos técnicos e atletas que se enquadram nos critérios (que possuem índices olímpico, mundial, ou os melhores do país) […] nós pagamos as passagens aéreas e então os técnicos podem escolher um treinamento por ano e, assim treinam por um período fora país, com os melhores atletas e técnicos do mundo […] as vezes ficam até dois meses fora do país treinando […] isso é como se fosse um programa nacional de treinamento oferecido para os melhores técnicos e atletas.

Ainda sobre esse programa nacional de treinamento, o mesmo entrevistado complementou que "[…] sem a ajuda do COB o *camping* fica inviável, pois o COB, via Lei Agnelo/Piva, paga a maior parte das despesas, paga hospedagem, alimentação e o deslocamento interno no local do *camping* […]".

Conforme relatou G4, "[…] França, Estados Unidos, Cuba, Rússia, Ucrânia, Itália e Portugal […]" estão entre os principais países que o Brasil tem feito parceria de treinamento" e isso fornece "[…] experiência internacional aos atletas e treinadores da seleção brasileira, com acesso aos treinamentos de qualidade, equipes multidisciplinares e equipamentos esportivos de primeira linha" (G5).

De julho de 2013 a junho de 2016, a CBAt realizou 116 *campings*, sendo 23 no Brasil e 93 em outros nove países. Ainda, em alguns casos, os atletas contaram com salários mensais, presença de seus treinadores pessoais, apoio de profissionais das equipes multidisciplinares, programa de saúde, pistas modernas, materiais e equipamentos esportivos de primeira linha (CBAt, 2017a). Ainda segundo, G5, para os Jogos do Rio "[…] foram contratados 9 treinadores oficiais da seleção brasileira […]" também estiveram presentes nos Jogos "[…] 31 treinadores pessoais dos atletas […]" (G5), com a finalidade de ajudar no treinamento do atleta e todas as despesas dos treinadores oficiais e pessoais "[…] pagas pela CBAt" (G5).

Segundo G3, os técnicos que estão filiados à sua federação "[…] são suficientes para o desenvolvimento do atletismo no estado". O entrevistado citou a parceria de sucesso realizada com um técnico cubano, especialista em provas com barreiras: "[…] esse técnico chegou para atuar no estado com ajuda da federação e confederação e, hoje, evoluímos nessas provas, certamente, com ajuda do técnico e apoio da confederação". O gestor G3 relatou que tem indicado com frequência "[…] técnicos do estado para fazerem os cursos (níveis I e II) gratuitos oferecidos pela CBAt, que tem exigido para participar deles que o treinador tenha curso superior em educação física, com registro no conselho regional […]". Então, o técnico "[…] precisa se atualizar, mostrar para todos (CBAt, atletas e técnicos) que está buscando se desenvolver, caso contrário, seu atleta não vai evoluir e isso faz com que muitos atletas, troquem de técnicos" (G2). A questão sobre a qualificação dos treinadores, também será complementada no próximo capítulo que aborda especificamente a opinião destes sujeitos.

Outra questão, é o fato que a maioria dos técnicos brasileiros são "[…] multitarefas, fazem tudo, além do treino técnico, são nutricionistas, fisioterapeutas do atleta, são psicólogos, veja, a geração de atletas atual perde o foco muito fácil, não tem paciência e o técnico precisa achar formas de motivá-los diariamente" (G4). Para G3, "[…] a maioria das equipes de atletismo do estado que represento, ainda não tem essa cultura de oferecer ao atleta todo o suporte necessário". Ainda, para G1, o técnico atual da equipe do município "[…] foi quem idealizou e começou com a equipe, ainda é o responsável por planejar tudo, o treinamento diário, a nutrição, por solicitar uniforme, transporte e alimentação na competição". A respeito disso, o G2 apresentou detalhes sobre os técnicos da equipe de alto rendimento:

> Os técnicos, principalmente aqueles vinculados ao clube, focam principalmente no treino que acontece na pista […] posso dizer que oferecemos o suporte básico (fisioterapeuta, psicólogo, nutricionista, academia, fisiologista) aos atleta e técnicos que trabalham no clube […] oferecemos desde massagens até plano de saúde […] mas isso ainda é pontual no Brasil.

De acordo com o que relatou G4, a CBAt, "[…] oferece suporte na reforma de pista e aquisição de alguns materiais esportivos para algumas equipes, assim elas não gastam com isso e conseguem oferecer aos atletas outros suportes […]", ainda o mesmo entrevistado reconheceu que esse procedimento, "[…] essa contrapartida

é incipiente no Brasil, fizemos nesse ano (2016), com somente quatro equipes que atuam exclusivamente no alto rendimento […]".

Atletas

O principal desafio da gestão atual (2013-2020) da CBAt "[…] é focar na formação de atletas (*f*=38%) […]" (G4). Ainda, ressaltou que a gestão anterior "[…] fez muito bem o seu papel, ou seja, focou no alto rendimento, no que de fato compete a CBAt, então existe uma ideia do que se fazer, quase que um plano específico para os atletas que chegam no alto rendimento". No decorrer deste trabalho, foi verificado que – o plano de incentivo financeiro aos atletas; o auxílio em treinamentos e competições; e a tentativa de alinhamento do trabalho junto com treinadores e clubes – compõem o plano específico para o atleta de alto rendimento, supracitado.

Com base nos discursos dos gestores, parece que a confederação focou, quase que exclusivamente, no nível do alto rendimento e, recentemente, passou a dar atenção aos níveis iniciais e intermediários de desenvolvimento de atletas. A respeito da formação de atletas, segundo G4, a CBAt está desenvolvendo uma metodologia para futuro treinadores que melhore a qualidade de ensino do atletismo:

> Possui instrumentos de avaliação, cartilhas, material de apoio, cursos pela internet para facilitar a vida das prefeituras, universidades, dos professores de educação física das escolas, queremos resgatar o atletismo dentro da escola […] então, temos um setor dentro da CBAt de Comunicação Digital, que ajuda a reforçar a imagem da confederação, então temos uma proposta do EAD (Educação a Distância), será uma grande estratégia para divulgar o atletismo e formar novos professores, por exemplo, os da rede pública […] a rede particular, se tiver interesse, terá que pagar pela capacitação […] a CBAt e algumas federações possuem estrutura para o EAD, tem professores, técnicos capacitados para fazer as aulas, os cursos".

Porém, para G5, a CBAt "[…] está entrando numa esfera que não é dela "[…] a formação de atletas. Mas, precisaremos saber onde estão localizados os jovens talentos".

A intenção da CBAt é criar uma metodologia para identificar talentos e para entidade, isso deve ser função das prefeituras e escolas. Os gestores G4 e G5 esclareceram melhor essa questão, respectivamente:

> Se por acaso as escolas, ou prefeituras identificarem algum jovem destaque, precisaremos saber disso […] estamos criando um banco de dados para acompanhar esses atletas e entidades, pois passaremos para o Estado que poderá ajudar esse atleta nos centros de treinamento regionais […] após isso, se o atleta, seja jovem ou adulto, alcançar resultados expressivos a CBAt assume, acompanha esse atleta, como sempre tem feito nesses últimos anos, e ajuda-o, desde plano de saúde, apoio médico até o apoio técnico, ajuda também, a comissão técnica em vários aspectos do treino e competição […] pagamos todas as viagens para os atletas, basta ele ter classificação para as competições de jovens ou adulto […] estamos fazendo isso, o foco é nos atletas top 30 do mundo, nos jovens que possuem marcas para os campeonatos mundiais sub-18 e sub-20.

Não foi identificado, até o momento deste estudo (novembro 2017), nenhum banco de dados de domínio público, com informações específicas (localização; idades de treinamento, marcas, competições) sobre a gestão das diferentes entidades que desenvolvem o atletismo e dos atletas nacionais deste esporte. A confederação, de fato, auxilia o atleta que possui bons resultados (seja ele da base, ou do alto rendimento), na participação de competição internacional e no seu apoio técnico.

O gestor G5, reforçou que "[…] precisaremos de recursos humanos para integrarem as novas instalações construídas (centros de treinamento), de pessoas qualificadas que elaborem projetos de captação de atletas [...]". Para G2 "[…] as entidades que desenvolvem o atletismo, os clubes formadores, deveriam atuar com mais intensidade nas escolas […]".

O gestor G3 acrescentou que "[…] atualmente cada clube de atletismo tem a sua forma de incentivar a inserção dos jovens no atletismo, não existe um padrão nacional, depende de cada entidade […]". Segundo G1, a maioria dos atletas que compõem a equipe de atletismo do seu município são oriundos das escolas participantes dos " […] Jogos Escolares da cidade e os professores destas escolas fornecem os dados à prefeitura, dos destaques e dos alunos que se interessam em treinar atletismo […] então a prefeitura faz o papel de encaminhá-los à equipe municipal […]". O mesmo entrevistado relatou que este processo de captação de atletas é muito simples e faz com que esta equipe esteja, frequentemente, entre as melhores do país nas categorias iniciais do atletismo competitivo.

Ainda, G1 explicou que os atletas convidados a partir dos Jogos Escolares, "[...] fazem algumas avaliações (testes físicos, motores), treinam por seis meses na equipe municipal e os técnicos decidem os atletas que devem continuar com os

treinamentos e ainda, aqueles que conseguem destaque nacionalmente, podem conseguir moradia na nossa estrutura".

Conforme mencionou G1, "[…] o atleta pode ficar no projeto municipal até os 19 anos, então a maior dificuldade enfrentada é a possibilidade de continuidade (*f*=36%), neste esporte […]" (G1). Similarmente, G4 que atua diretamente na CBAt, relatou, o ideal é "[…] pensar numa equipe de atletismo como, o início, um meio e um fim. O fim, atualmente é o principal desafio, pois a maioria das equipes de base exportam atletas." (G4).

Constatou-se que o principal motivo do trabalho acontecer até os 19 anos é o fato da equipe estar vinculada com o poder público municipal, cuja responsabilidade é o "[…] trabalho com o esporte na iniciação esportiva e no aperfeiçoamento, nesse caso até os 19 anos […]" (G1). Essa perspectiva corrobora à fala apresentada por um dos gestores da CBAt: "[…] o poder público municipal precisa atuar na formação esportiva […] a partir do momento que acontece uma espécie de profissionalização, aí se faz necessário que outras competências contribuam nesse processo". (G4).

Todos os gestores entrevistados compreendem a necessidade na elaboração de estratégias efetivas para promover a continuidade do atletismo, ou seja, aquele praticante que inicia esta modalidade no seu município e segue sua trajetória esportiva – seja no próprio município ou em outra localidade.

Conforme G5, os Centros Nacionais de Treinamento – como os já citados, de Bragança Paulista, no Rio de Janeiro (centros nacionais) e seus polos, Lavras (centro regional) Campo Mourão (centro local) – "[…] serão os pilares do Planejamento e Mapa Estratégico, plurianual, da CBAt para o esporte-base nos próximos ciclos olímpicos […]" e, ainda, "[…] contribuir com o trabalho dos treinadores, fornecendo um centro de pesquisa, um laboratório de alto nível para aperfeiçoamento do atleta e, assim, dados que melhorem o treinamento de atleta de diferentes categorias […]" (G4).

Ainda, o gestor municipal (G1) mencionou que seria importante "[…] a federação estadual de atletismo ajudar na continuidade dos jovens atletas, e assim, fazer com que eles continuem praticando o atletismo no estado […]". O gestor da equipe de alto rendimento (G2), complementou sobre essa questão, ao relatar outras entidades que desenvolvem o atletismo:

> […] os institutos e associações ajudam na questão da continuidade no atletismo brasileiro, pois absorvem os atletas acima de 18, 19 anos. Em

> alguns casos, permanece a mesma equipe, mas é o instituto, ou a associação quem assume o processo de profissionalização na modalidade.

De acordo com G3, a criação de institutos de atletismo é "[…] uma alternativa encontrada por muitos treinadores formarem equipes e também oferecer aos jovens atletas a possibilidade de continuar no atletismo nas suas cidades […]". Desta forma, conforme mencionou G4, os técnicos "[…] conseguem buscar outros recursos que vão além da ajuda financeira (equipamentos, suporte ao treinamento) oferecida pela prefeitura". Para G1, a preocupação com a continuidade e a evolução do atleta no campo esportivo do atletismo, na maioria das vezes "[…] fica a cargo dos treinadores, que são os que mais buscam melhorar o atletismo de base".

Não foi identificado documentalmente, e nem a partir das entrevistas, até o momento deste estudo, um programa nacional de suporte coordenado para transição de atletas de rendimento do nível juvenil para o adulto. Pode-se afirmar que há iniciativas nesse sentido, mas, que ficam mais no pensamento dos gestores – ou seja, ainda não há nada concreto.

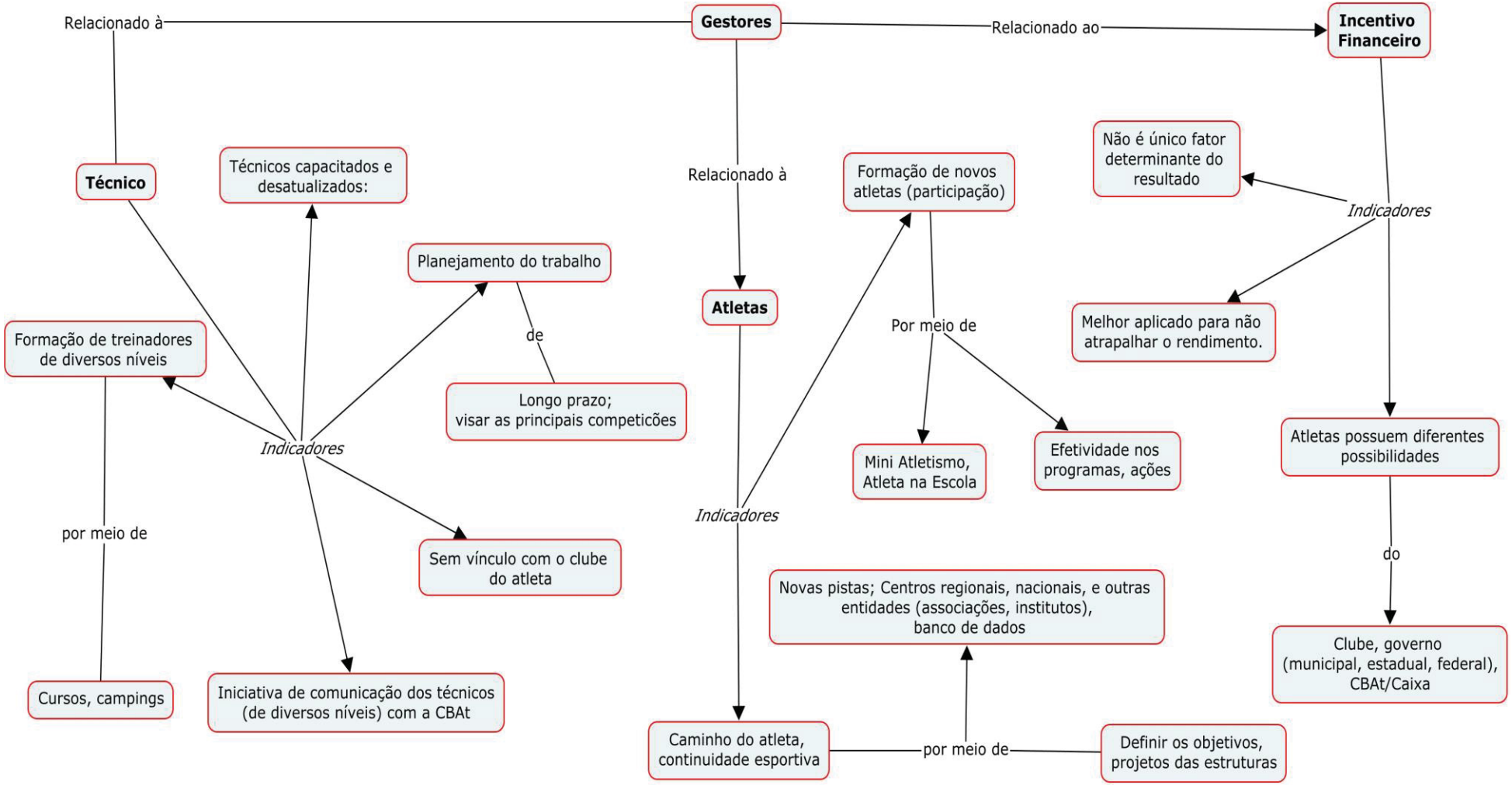
O gestor G4 destacou um outro assunto: a CBAt também precisa estar atenta "[…] aos atletas atuais que estão parando de competir, o ideal seria que esses atletas ajudassem o atletismo brasileiro, na formação de novos atletas, sendo referências para os jovens e a CBAt já tem convidado ex-atletas para reuniões […]". Sobre esse assunto, G2 salientou "[…] que a CBAt ainda não tem nada elaborado para ajudar os ex-atletas de atletismo, então geralmente o clube é quem tenta fazer esse processo de transição […]". Segundo G4, existe – ao menos, até o momento deste estudo – um programa de apoio "[…] mas que oferece ajuda financeira somente para alguns atletas que receberam medalhas no atletismo em edições dos Jogos Olímpicos". Chama-se "Programa Heróis Olímpicos", sendo que os atletas deste Programa auxiliam a confederação na divulgação do atletismo nos locais que recebem competições nacionais. Não foi identificado o valor que os medalhistas recebem para compor tal programa (CBAt, 2014d; 2016h). Sobre isso, G3 complementou:

> Não sei quanto esses ex-atletas recebem, pois isso não é divulgado, mas sei que recebem um incentivo da CBAt e cachês para diversas palestras no país sobre o atletismo […] sempre quando tem uma maratona da Caixa, algum dos oito participantes deste programa é chamado para uma palestra para adultos ou crianças, eles contam suas experiências na modalidade, suas trajetórias, é muito legal principalmente para as crianças e jovens […] então tudo isso é pago, despesas com viagens e um valor para palestras

> […] a CBAt foi a primeira confederação do país a oferecer uma ajuda de custo aos atletas medalhistas em Jogos Olímpicos, depois o vôlei copiou isso.

A FIGURA 7 revela os resultados sintetizados a partir das entrevistas e apresentados por meio de um mapa conceitual. Os indicadores, posicionados nas extremidades da figura, referem-se ao entendimento consensual dos gestores acerca das categorias e subcategorias elencadas neste estudo.

FIGURA 7 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS GESTORES



FONTE: o autor (2017).

4.5 DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar os fatores (que facilitam, ou dificultam) para o desenvolvimento do atletismo competitivo brasileiro, originados a partir da perspectiva dos gestores atuais desta modalidade. Verificou-se, na revisão de literatura, que não existem no Brasil trabalhos sobre o atletismo com objetivos semelhantes ao presente estudo, o que torna limitada a comparação dos resultados com a mesma modalidade aqui pesquisada. Portanto, com cautela, a comparação é realizada com outros estudos que não focam exclusivamente no atletismo.

A partir dos relatos, pode-se afirmar que ainda não há uma política definida para o atletismo brasileiro, apenas estratégias imediatas (na nova gestão) para atender uma demanda que surge, ou suprir uma demanda especificada. Goffman (2012, p.49), desenvolve o conceito de “ações guiadas”, em que os agentes, em diferentes situações – inclusive as esportivas – agem de forma proposital e com estratégias estabelecidas, para se chegar a um ponto final.

Um dos principais achados deste estudo é que os gestores entendem que o atletismo brasileiro precisa desenvolver ações voltadas à formação de atletas, que visem aumentar ainda mais e melhorar nos critérios de participação esportiva e, principalmente, a seleção de novos talentos. De acordo com seu Estatuto, mais precisamente o primeiro item do Artigo 10, a CBAt tem como uma de suas funções: “administrar, difundir e incentivar, no país, a prática do atletismo em todos os níveis” (CBAt, p. 5, 2017f). Isso também pode ser encontrado no “Mapa Estratégico” da CBAt, pensado para o período 2017-2024 (ver Anexo 5), o qual compõem o Planejamento Estratégico desta entidade. O Mapa Estratégico possui as seguintes metas: aumentar a participação esportiva; transformar mais atletas em ídolos; e, além disso, aumentar o número de atletas finalistas e medalhistas nas principais competições do atletismo mundial (CBAt, 2017i).

Alguns autores apontam que é fundamental os gestores identificarem possíveis falhas no sistema em que atuam, e buscarem estratégias para corrigi-las, a fim de melhorar o desempenho da organização a qual pertencem (DE KNOP; VAN HOECKE; DE BOSSCHER, 2004; MADELLA; BAYLE; TOME, 2005; DE BOSSCHER *et al*., 2006; BAYLE; ROBINSON, 2007). Pode-se dizer que, na verdade, existe participação esportiva no atletismo – levando em consideração o

total de participantes (2,3 milhões no atletismo em aproximadamente 44 mil escolas) na política pública “Atleta na Escola”. O objetivo governamental, com esta ação, é de deixar um legado para o esporte brasileiro, no sentido de aumentar a prática esportiva dos jovens brasileiros e – consequentemente – descobrir talentos, nesse caso, inicialmente para o atletismo. Para isso, consta no *site* do Ministério do Esporte, a existência de um projeto de capacitação para 30 mil professores para atuarem no Programa Atleta na Escola. A UNESP (Universidade Estadual Paulista) é a universidade responsável para capacitar os professores na modalidade de atletismo (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015d).

O atletismo e a sua presença na escola foi frequentemente citada pelos investigados no sentido de melhorar fomento para o atletismo. A partir das entrevistas dos gestores, ainda existe no atletismo brasileiro uma grande distância entre o esporte de alto rendimento e o esporte que acontece na base e/ou na escola. Fica evidente que essa relação direta entre esporte de participação e de alto rendimento fica muito nos depoimentos dos gestores e nas ações documentais dos programas públicos. Pois, com base nos relatos, a participação esportiva no referido programa educacional não tem se efetivado na continuidade esportiva, na seleção dos melhores participantes e, consequentemente, em melhores resultados para o esporte de alto rendimento. Alguns autores salientam que o fato de uma nação ter um grande número de praticantes do esporte participativo não significa que o país terá sucesso no esporte de alto rendimento (DE BOSSCHER *et al*., 2009; HANSTAD, SKILLE, 2010).

Outra questão relatada pelos gestores, é que o atletismo na escola não tem sido desenvolvido como deveria, uma vez que muitos alunos participantes de Jogos Escolares desconhecem o funcionamento básico das provas existentes nestes jogos (por exemplo: 100 metros, salto em distância, arremesso do peso, lançamento do dardo). Assim, faz-se necessário o Ministério da Educação e do Esporte aprimorarem o processo pedagógico dessa modalidade na escola – para que a participação esportiva se converta, também, em uma melhor aprendizagem e entendimento por parte do aluno que pratica o atletismo. Nesse sentido, a necessidade urgente, também, das universidades aprimorarem a formação de professores de Educação Física para atuarem com mais propriedade com o atletismo dentro das escolas. Ainda, os programas de cooperação entre clubes, confederação e escolas para o fomento desta modalidade, são pontuais no Brasil.

A teoria (VIEIRA, 1999; VIEIRA; VIEIRA, 2001; HASTIE *et al.*, 2013; REES *et al*., 2016) relacionada à formação e seleção de talentos esportivos, enfatiza que este é um processo lento – num período aproximado de 8 a 12 anos para obter resultados relevantes. Sendo que em alguns casos, pode depender de novas gerações de atletas. Além disso, enfatiza a importância do planejamento de conteúdos estruturados de treinamento de acordo com a modalidades e a idade, que as instituições esportivas devem fazer para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma correta e, assim, resultados ocorram no alto rendimento (MARTIN; CARL; LEHNERTZ, 2001; FERKINS; SHILBURY, 2012).

Na opinião dos gestores, os treinadores – sejam de jovens, ou de adultos – querem resultados momentâneos e participam de muitas competições. Diferentemente do que foi identificado neste estudo, Rees *et al*., (2016) apontam que o sucesso prematuro é baixo previsor de sucesso para o alto rendimento e o sucesso neste nível é, frequentemente, precedido por entrada tardia em programas esportivos organizados. Os gestores, ainda não conseguem mudar esse panorama, embora existam iniciativas (reuniões com os treinadores) recentes para isso. O estudo de Matos e Correia (2002) – com atletas e técnicos da Seleção Portuguesa de Atletismo – constatou, um deficiente espírito de equipe, predominante, entre os agentes (gestores, atletas, técnicos) do alto rendimento do atletismo de Portugal.

Em geral, com relação à dimensão “técnico”, ficou evidente que ainda existe muito amadorismo no atletismo – basta apontar alguns fatos, sobre como este esporte acontece no Brasil, originados do discurso dos gestores. Por exemplo: o fato da maioria dos técnicos brasileiros atuarem no alto rendimento sem auxílio de um suporte básico para seu trabalho, ou seja, o atleta também não possui tal apoio; o fato da confederação pouco ajudar os técnicos (principalmente os que possuem jovens atletas) – no sentido de fornecer um direcionamento correto do trabalho –; o fato da confederação saber que o técnico está atuando de forma equivocada e não conseguir interferir, ou auxiliar na forma de trabalho deste técnico; por fim, o fato que de várias medidas apontadas nos resultados deste estudo (comunicação entre técnicos e CBAt, cursos, *campings*) serem colocadas (pelos gestores) como novas e/ou recentes.

Isso demonstra que o atletismo brasileiro está num processo lento, de transição inicial, tentando – em determinados pontos (por exemplo: suporte ao técnico/atleta, estabelecer centros de treinamento, cobrança e comunicação com o

técnico) – deixar de lado o caráter amador que, até o momento da pesquisa, ainda predomina nesse campo esportivo. Os estudos de Green e Houlihan (2005, 2006) apontam que no atletismo do Canadá, da Austrália, e do Reino Unido, o fornecimento de serviços de apoio ao trabalho do treinador e do atleta, é um elemento considerado como essencial por esses países para o sucesso internacional, nos principais eventos de atletismo. Porém, os autores identificaram que – como no Brasil – existem nesses países, barreiras e problemas de comunicação entre os agentes organizadores do esporte, atletas e treinadores, principalmente, no que se refere ao número de participações (ou não) dos principais atletas nas competições nacionais e internacionais (consideradas mais rentáveis para atletas e treinadores).

Então, os gestores precisam, primeiramente, entender o espaço geral no qual estão inseridos, pois, isso pode ajudar a criar e implementar novas ações e ideias. O ideal do planejamento estratégico é que o objetivo principal deve ser considerado, principalmente, em um processo de longo prazo. Isso deve acontecer junto com um conjunto de ações estratégicas, a fim de cumprir tal objetivo (MADELLA; BAYLE; TOME, 2005; FERKINS; SHILBURY; MCDONALD, 2009). Não foi possível identificar se os projetos, dos quais a CBAt faz parte, são prioridades momentâneas ou a longo prazo. Além disso, não foi possível encontrar dados concretos, ou informações consistentes – as quais revelem a efetividade atual dos projetos apontados nos resultados (como, Rede de Treinamento, Atleta na Escola). Ainda, segundo tais autores, dependendo da situação que se encontra determinado cenário, pode ser difícil prever corretamente quanto tempo envolve esse processo de longo prazo, ou seja, quanto tempo levaria para atingir o objetivo principal.

Assim sendo, faria sentido a gestão atual da CBAt, que entrou em 2013, não ser cobrada por resultados em curto prazo, por exemplo, nos Jogos Olímpicos do Rio (2016), uma vez que verificou-se que muitos fatores precisam ser efetivados para um melhor desenvolvimento do atletismo nacional. Mesmo assim, pressupõe-se que a CBAt elaborou estratégias para obter os melhores resultados possíveis neste evento.

Parte dos gestores, aqui investigados, entendem que deveria ocorrer um maior envolvimento de outros órgãos e entidades regulamentadoras do esporte no desenvolvimento do atletismo – por exemplo – a federação estadual da modalidade. Especificamente no atletismo, a importância do envolvimento de vários órgãos no

desenvolvimento do esporte foi constatada nos estudos de Vieira (1999); Viera (1999) e Vieira e Vieira (2001), o qual envolveu talentos da modalidade do estado do Paraná. Nesse estudo, os autores constaram que o fortalecimento do atletismo neste estado, nas décadas de 80 e 90, ocorreu principalmente pelo apoio do governo estadual, secretaria de esportes e federação estadual. Esse trabalho, em conjunto, manteve os talentos no estado e estimulou o retorno de atletas que treinavam fora do estado.

Nesse sentido, identificou-se uma dificuldade na interlocução entre os gestores da confederação e os diferentes órgãos que desenvolvem o atletismo nacional, por exemplo: o caso da equipe municipal, que faz o esporte para atletas com até 19 anos e, depois dessa faixa etária, a continuidade esportiva tem sido uma barreira para o desenvolvimento desse contexto. Godoy (2013), Mezzadri, Moraes e Silva e Cavichiolli (2016), explicam que há necessidade do Brasil definir mais claramente um Sistema Nacional de Esporte e as funções que cada entidade esportiva e seus respectivos agentes devem desempenhar dentro desta lógica sistêmica.

Outro ponto, é que as entidades esportivas nacionais deveriam elaborar programas que realmente sejam novos, por exemplo, algum relacionado à pós-carreira esportiva. No atletismo, foram verificadas iniciativas pontuais e insuficientes nesse sentido, principalmente para medalhistas olímpicos. Destaca-se que esta temática também é quase que inexistente em diversos países (DE BOSSCHER *et al*., 2009). Para vários autores, quando uma organização vive com indefinições, ela terá dificuldade em elaborar seu planejamento estratégico – primordial para que as funções da gestão sejam desempenhadas com eficiência (PIRES, 2003; SLACK; PARENT, 2006).

Com relação ao incentivo financeiro, foi identificado que a CBAt recebeu, no período entre 2013 e 2016, significativo auxílio financeiro. A intenção deste estudo não é comparar a variação de investimentos nesse período, mas – com base nos resultados – revelar que tal entidade se enquadra nas lógicas de mercado, tendo credibilidade e reconhecimento no campo esportivo, uma vez que tem conseguido atrair interesse – anualmente – dos incentivadores, sobretudo da CAIXA, COB e Governo Federal. Questão similar ao caso da CBAt, pode ser observada no estudo de Moraes e Silva *et al*., (2015), o qual aponta que a Confederação Brasileira de Rugby, com a entrada em 2009 no programa olímpico, passou a ter mais

reconhecimento no campo esportivo e facilidade na captação de recursos públicos. Por sinal, cabe destacar que a CBAt recebe incentivo do COB para desenvolver suas ações, desde o primeiro ano de ação da Lei Agnelo-Piva – 2002, sendo o atletismo nacional considerado pelo COB, esporte de primeira linha, junto com outras modalidades, como natação, vôlei, basquete e vela (CBAt, 2013). Países como Japão, Nova Zelândia e Alemanhã também possuem o financiamento esportivo através de loterias (HOULIHAN; GREEN, 2008). Também, é possível identificar no *site* do Ministério de Esporte (Relatório de Gestão), o atletismo como uma das 10 modalidades que mais captaram recursos via Lei de Incentivo ao Esporte do Governo Federal – nos anos de 2015 e 2016 (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017c).

Com relação aos atletas, vários estudos apontam que o subsídio financeiro oferecido ao atleta é uma condição essencial na busca por melhores rendimentos (HOULIHAN; GREEN, 2008; DE BOSSCHER, 2009; HASTIE, 2013; MORAES E SILVA *et al.*, 2015). Por sua vez, os depoimentos dos gestores participantes deste estudo, levantaram a hipótese de que alguns atletas, a partir do momento que conseguem seus índices para competições importantes (mundial e jogos olímpicos) e, consequentemente, garantem determinados incentivos (bolsa-atleta foi citado), acabam por acomodar-se no treinamento. Logo, não estarão com o melhor rendimento no momento das competições mais importantes.

Isso seria um fator que ajudaria a justificar uma questão levantada na introdução deste trabalho, em que dos 67 atletas participantes dos Jogos do Rio, somente 9 atletas (13.43%) fizeram suas melhores marcas da temporada neste evento (CBAt, 2016a), e assim, pode-se dizer que trata-se de um percentual de eficiência muito baixo sobre este aspecto. A produção científica acerca do tema ainda é reduzida. Alguns estudos apontam que não é possível afirmar que, por exemplo, o Bolsa-Atleta por si só melhora o desempenho de seus beneficiários (GUIMARÃES, 2009; MORAES E SILVA; SANTOS; CORRÊA, 2014).

Outro assunto para se destacar é que a CBAt recebeu, em 2015 e 2016, da entidade Sou do Esporte um selo de boa governança, chamado “Sou do Esporte” – sendo uma das 5[23] instituições esportivas mais bem avaliadas do Brasil em quesitos

---

[23]As outras quatro confederações foram Volêi, Handebol, Tênis de Mesa e Rugby. No entanto, eventualmente aparecem na mídia casos questionando a governança de confederações. Com

com Transparência, Equidade, Prestação de Contas, Integridade Institucional e Modernidade (CBAt, 2016i). Nos resultados deste estudo foi possível identificar, por meio do *site* da CBAt, valores precisos do Demonstrativo Financeiro, por exemplo, da receita da confederação – a qual em 2016, mais de 65% derivou da Caixa Econômica Federal. Ainda – com base no Demonstrativo Financeiro da entidade – é possível notar, por exemplo, a partir de 2013, que a confederação possui superátiv, isto é, ela não gastou mais do que arrecadou nesse período analisado (CBAt, 2017e).

O estudo de Brito (2015), o qual trata especificamente da governança do atletismo brasileiro, aponta a auditoria independente que existe nesta entidade, como um dos três itens satisfatórios dela, para a efetividade no combate a determinadas ações corruptas do esporte, como as que envolvem a utilização de dinheiro público. Sobre a entidade supracitada, Sou do Esporte, ressalta-se que a mesma atua em trabalhos sobre a governança das organizações nacionais de administração do esporte. É importante destacar que no final de dezembro de 2017, surgiram matérias publicadas pelo Blog Olhar Olímpico, da existência de indícios que a CBAt cometeu irregularidades (hospedagem, transporte, número de atletas) na realização de campeonatos de atletismo no Brasil, a partir de convênios firmados no ano de 2014 entre a CBAt e a Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo (SELJ) (UOL, 2017). Porém, até o término deste estudo, esse assunto não foi esclarecido por fatos que realmente comprovem tais irregularidades da gestão.

Ainda, torna-se importante lembrar que, com base nos Artigo 18 e 18A da Lei Pelé (Lei 9615/98), para as entidades do esporte nacional serem beneficiadas com isenções fiscais e recursos públicos federais para o desenvolvimento de ações esportivas, elas devem – obrigatoriamente – fazer cumprir diversos itens, por exemplo: estarem quites e regular com suas obrigações fiscais e trabalhistas; serem transparentes quanto aos dados econômicos e financeiros, contratos,

---

relação ao atletismo, o TCU em 2017 não observou maiores inconsistências na CBAt, mas comparou os rendimentos mensais de um cartola do atletismo com os dos Ministros do Supremo Tribunal Federal. O cartola em questão recebeu, durante os anos de 2013, 2014 e 2015, respectivamente, salários de R$ 22.291,39, R$ 24.096,99 e R$ 26.363,00, acima do permitido pela legislação em vigor. Então, a legislação esportiva brasileira prevê que, por exemplo, um presidente de confederação possa receber salário mensal do COB, desde que não ultrapasse 70% do teto máximo. Assim, ele receberia um salário em torno de 22 mil reais/mês e 264 mil reais/anual. (ESPN, 2017a). O valor anual é próximo, ou superior a algumas das receitas da confederação. Ela recebeu da Nike para o ano de 2012, o valor de patrocínio de 275 mil reais (CBAt, 2017e).

patrocinadores, direitos de imagem, propriedade intelectual e quaisquer outros aspectos de gestão; terem as prestações de contas anuais aprovadas por conselho de direção, precedida por parecer do conselho fiscal; e possuírem um conselho de fiscalização interna. Além disso, no caso das confederações, elas precisam alternar os cargos de poder; demonstrar compatibilidade entre as ações desenvolvidas para a melhoria das modalidades esportivas e o Plano Nacional do Desporto; e por fim, destinar resultados financeiros à manutenção e ao desenvolvimento dos seus objetivos sociais (BRASIL, 1998a).

Além disso, destaca-se que a referida Lei, no seu Artigo 18 menciona, que a verificação do cumprimento das exigências contidas acima é de responsabilidade do Ministério do Esporte. Sendo assim, as entidades, Ministério do Esporte e a CBAt, precisam estar totalmente afinadas – uma ajudando a outra. O fator incentivo financeiro, por exemplo, oriundo muitas vezes do Ministério do Esporte, deve ser efetivo e pontual para, de fato, contribuir com o desenvolvimento do atletismo nacional. Essa preocupação também converge com os resultados encontrados no estudo de Mezzadri, Moraes e Silva e Cavichiolli (2016), sobre a política e governança do esporte brasileiro.

Nesse sentido, a partir do estudo anterior sobre estrutura física, e ainda com base nas falas acima dos gestores, constatou-se ser suficiente a estrutura física espalhada pelo Brasil. No entanto, os resultados deste estudo confirmaram que somente isso não basta para o desenvolvimento do atletismo brasileiro, sendo de caráter de urgência que os gestores destas estruturas direcionem objetivos para as mesmas, ou seja, desenvolvendo o esporte de formação, ou o alto rendimento.

Nesse momento, isso deve nortear as ações de planejamento da Rede Nacional de Treinamento, assim feito, espera-se efetividade na determinação dos locais formadores de atletas e dos locais aptos à receberem os melhores treinadores e atletas, que vislumbram o alto rendimento do atletismo. Pode-se dizer que essa questão é muito recente dentro da confederação, sendo que a mesma, ainda tenta estabelecer o funcionamento destes locais dentro do Brasil, por exemplo: o Centro Regional de Lavras, parece estar em pleno desenvolvimento (CBAt, 2016d).

Autores como Meira e Bastos (2011), Hastie *et al.*, (2013) e Houlihan e Green (2006), sugerem ser fundamental dentro de um planejamento esportivo que os gestores possuam conhecimento de onde se localizam, em seus países, as principais estruturas físicas (com mais qualidade) e as principais fontes de recursos

humanos de uma determinada modalidade. Para Da Costa (2006), o Brasil deve seguir exemplos de outros países, como Espanha (GALLARDO, 2007) e França (AIRES, 2010), e elaborar diagnósticos precisos e atualizados das estruturas físicas no país, o que beneficiará a gestão esportiva. Em virtude dos recentes megaeventos no Brasil, o gestor de estruturas físicas poderá ser um profissional bastante exigido no contexto atual do esporte brasileiro – justamente pela urgência em auxiliar no melhor objetivo que as estruturas físicas esportivas devem apontar, bem como, buscar condições de manutenção para as mesmas (FRIED, 2005; CUNHA, 2007).

Outro ponto de destaque: foi identificado que o Brasil precisa achar uma forma de divulgar melhor o atletismo, principalmente as suas competições de pista. Diversos estudos apontam que o esporte precisa estar na mídia para se desenvolver, para conseguir publicidade e legitimar-se dentro campo esportivo (BOURDIEU, 1997; COACKLEY, 2008; PRONI, 2008; SILVA, 2015). Ao mesmo tempo, a transmissão das informações, bem como a divulgação de um produto, podem depender das pessoas responsáveis para tais finalidades (SILVA; MARCHI JÚNIOR, 2009; BOURDIEU, 1997). As corridas de rua, por sua vez, utilizam de boa estratégia de divulgação para vender suas inúmeras provas. Elas foram citadas por um dos gestores, como uma maneira das federações estaduais de atletismo se manterem financeiramente e, ainda, como uma possível saída para ajudar nesse processo de divulgação e conhecimento das provas – ou de competições, que também acontecem numa pista de atletismo. O estudo de Pilatti (2000), sobre uma federação estadual brasileira de atletismo concluiu que esta entidade, na sua forma atual, tem característica de uma empresa capitalista, com necessidade de lucro – diferente do que a federação objetivava na sua criação. Esse resultado, converge com o que também foi dito nesta tese: a corrida de rua e demais eventos competitivos são usados pela federação como forma de manutenção financeiramente.

Diversos estudos comprovam que a corrida de rua no Brasil é um fenômeno que conquistou muitos adeptos, com um crescimento considerável a partir da década de 1990 em termos de mídia, marketing, praticantes e números de provas. Como exemplo, Ribeiro *et al*., (2011), apontam que o número de praticantes encontra-se em cerca de 4,5 milhões e o número de corridas homologadas, somente no Estado de São Paulo, saltou de 11, no ano de 2001 para 287, em 2010. Esse fenômeno também é similar na Europa, conforme demonstrado no livro: “Running

across Europe" (SCHEERDER; BREEDVELD, 2015). Sendo assim, a corrida de rua passou a ser um dos esportes mais praticados no país e que atinge diferentes faixas etárias, tendo – para a maioria dos praticantes – uma conotação de lazer e busca pela saúde (SANTOS, 2008; GONÇALVES, 2011; DALLARI, 2009; OLIVEIRA, 2010; OPPA, 2013; SANTOS, 2015; SILVEIRA, 2015; ROJO, ROCHA, NAZARIO, 2016).

Apesar disso, com base na fala do gestor G2, as equipes de atletismo – as que possuem como foco as provas de pista e campo – precisam entender esse processo de transformação (MARCHI JÚNIOR, 2001) ocorrido com as corridas de rua, por exemplo, no que se refere ao número e a condição social dos participantes (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006; OLIVEIRA, 2010). Portanto, as equipes de atletismo poderiam usar a corrida de rua como um aliado para o crescimento e divulgação de suas equipes; poderiam – por exemplo – fazer com que os principais atletas de alto rendimento destas equipes treinassem, eventualmente, juntos com grupos de corridas de rua. Assim, seria uma forma de aproximar os grupos de corrida de rua com os atletas de alto rendimento que atuam na pista, principalmente nas provas de meio fundo e fundo.

4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram identificadas a partir dos depoimentos dos gestores, ações recentes – as quais supõem-se que fazem parte de um planejamento estratégico para facilitar o desenvolvimento do atletismo nacional, tais como: definição e articulação dos centros nacionais e regionais, *campings* de treinamentos nacionais e internacionais, programa Atleta na Escola, planos de apoio ao atleta e treinadores, comunicação entre treinadores e confederação.

Notou-se que a confederação, na maioria das vezes, foca em ações imediatas. Sendo que, na verdade, até o momento deste estudo (novembro 2017) não foi possível identificar um plano concreto para o atletismo nacional, tampouco, estabelecer as ações e iniciativas de médio e longo prazo, ou as diferentes estratégias divididas em foco de ação (formação e alto rendimento). Esse resultado, ajuda a comprovar, até o momento da pesquisa, o que foi proposto na hipótese inicial deste estudo.

Conclui-se, a partir do depoimento do gestor da equipe municipal, que a mesma oferece condições para o atleta se desenvolver no atletismo de rendimento nas fases de iniciação, formação e especialização esportiva, uma vez que a equipe é uma das melhores do país nas categorias iniciais da modalidade. No entanto, pode-se dizer que a entidade municipal ainda não oferece condições para manter o atleta na fase que objetiva o alto rendimento, em um processo de longo prazo. Isto é, tal equipe não sabe para onde direcionar seus atletas após completarem 19 anos.

Constatou-se, também, que o atletismo no âmbito municipal é desenvolvido devido, principalmente, à persistência e iniciativas isoladas de poucos agentes e órgãos. Por exemplo, a força do técnico pode ir além de políticas esportivas existentes, pois, ele precisa ter a iniciativa de criar, organizar uma equipe de atletismo e ainda ser o agente principal no direcionamento e continuidade da carreira do atleta. Portanto, ocorre – nesse caso – a falta de gestão esportiva, sendo explícita a necessidade do maior envolvimento de outros órgãos e entidades regulamentadoras do esporte, os quais deveriam elaborar estratégias efetivas para possibilitar o maior desenvolvimento e valorização do atletismo, oferecendo aos atletas condições adequadas em todas as etapas da sua carreira esportiva.

No que se refere à equipe de alto rendimento, pode-se afirmar que – no Brasil – são poucos os casos similares ao desta equipe, em termos de organização do trabalho, levando em consideração que a mesma fornece para o atleta adulto e ao técnico o suporte básico (incentivo financeiro, material esportivo, suporte-técnico, nutricionista, fisioterapeuta) para que estes se mantenham entre os melhores ao nível nacional. Desse modo, pode-se dizer que a maioria das equipes brasileiras ainda atuam no “amadorismo”.

Todos os gestores reconhecem que no Brasil, a CBAt necessita de uma política de desenvolvimento que consiga definir o caminho do atleta no atletismo a partir, como já alertado, de um trabalho em conjunto de vários órgãos e entidades esportivas. Em outras palavras, torna-se necessário saber onde estão os jovens atletas de atletismo, com potencial esportivo e as possibilidades de continuidade deste atleta. Sendo este, o principal achado e a discussão que o presente estudo fornece.

Pode-se dizer que mudou a gestão, mas, as barreiras (por exemplo: falta de foco na base, dificuldade de ampliar a oferta talentos) para desenvolver a modalidade no país, continuam as mesmas. Desse modo, não é possível afirmar

que, atualmente, existe uma ruptura com relação ao desenvolvimento da modalidade no país. Foram identificadas iniciativas, tentativas da nova gestão – no sentido de melhorar a iniciação esportiva – por meio de programas esportivos; pela criação de um banco de dados com informações relacionadas à identificação e ao acompanhamento dos jovens atletas; pela captação de atletas para os centros regionais especializados e concluindo na promoção dos melhores para o alto rendimento em centros comandados pela CBAt, pela cobrança de técnicos e atletas por desenvolverem o esporte corretamente; enfim, romper aos poucos com o amadorismo deste campo esportivo. Espera-se que a nova gestão, de fato, concretize suas ações e fique reconhecida, por exemplo, por massificar a participação esportiva e facilitar o caminho do atleta no atletismo – a partir das estruturas físicas que estão espalhadas por diversas localidades do Brasil.

Com relação aos treinadores, parte dos gestores salientaram que precisam melhorar a comunicação com os mesmos, no sentido de trabalharem em conjunto, desenvolvendo assim um planejamento de trabalho – cuja finalidade é o atleta obter a melhor performance nas principais competições.

O discurso de que um modelo de gestão, pautado somente no suporte financeiro, não é responsável por resultados, foi uma constante para os entrevistados. Eles afirmaram que – atualmente – os atletas do atletismo, sobretudo no alto rendimento, possuem acesso às diferentes formas de obterem ajuda financeira, já os jovens atletas – em vários casos – precisam do subsídio, para sobrevirem. Portanto, o suporte financeiro é um fator que precisa de cautela para que não desoriente o treinamento de alguns atletas.

Cabe destacar que, em alguns momentos, foi difícil fazer a interlocução entre os gestores, pois – apesar de possuírem consideráveis anos de prática no atletismo e de experiência nas atuais funções – apontavam sugestões aleatórias, sem muito conhecimento técnico sobre determinados assuntos. Neste estudo, dois gestores possuem mestrados e apenas um doutorado, distante do que acontece em alguns países (AMARAL; BASTOS, 2016). Quanto à área de formação, a Educação Física se destaca, revelando que o profissional dessa área tem se consolidado em cargos de gestão (AMARAL, 2015). Já com relação à especialização dos gestores, foi possível observar um número deficitário de gestores com formação específica na área da gestão. Assim, sugere-se que os gestores busquem mais especializações

em gestão, as quais os ajudem na relação com a grande experiência prática que possuem.

Entende-se que os dados apresentados neste estudo ajudaram a entender implicações que acontecem no atletismo brasileiro e podem servir na melhoria da gestão desta modalidade. Embora este estudo, em alguns momentos, tenha apresentado achados de casos específicos, por exemplo, a visão de um gestor de um clube municipal e outra sobre o alto rendimento; as descobertas deste estudo podem ser refletidas em outras instituições similares a desta pesquisa.

Entende-se que os resultados, aqui apresentados, fazem parte de um processo de reestruturação da confederação. No entanto, partir das entrevistas com os agentes atualmente inseridos dentro desse processo, pode-se dizer que ainda não há uma estratégia – definida para o atletismo brasileiro – que englobe todos os fatores (formação de atletas, caminho do atleta, comunicação com os técnicos, qualificação dos técnicos, definição dos objetivos dos centros de treinamento) aqui discutidos. Propõem-se, também, considerar outras variáveis do desenvolvimento esportivo.

5 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DE TÉCNICOS EXPERIENTES

5.1 INTRODUÇÃO

Técnicos esportivos e um sistema de detecção de atletas são condições pertinentes, relacionadas ao desenvolvimento do esporte em um país (GRECO; BENDA, 1998, COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013). De Bosscher *et al.,* (2009) e Peres e Lovisolo (2006), entendem que quanto maior for o nível técnico do atleta maior será a necessidade de treinadores com experiência e conhecimento sobre o alto rendimento.

O treinador é determinante nesse espaço complexo, sendo responsável por organizar e avaliar o processo de treinamento, a partir dos parâmetros do seu esporte e dos fatores de rendimento dos atletas (GILBERT; TRUDEL, 2000; CÔTÉ; GILBERT, 2009). Elias e Dunning (1992) afirmam que o treinador tem a função de preparar seus atletas, mas, não pode esquecer de levar em consideração as relações que se estabelecem no seu contexto (exemplo: clubes, escolas), as quais são sempre dinâmicas.

Nunomura e Oliveira (2012) e Miranda (2007), mencionam a importância de uma equipe multidisciplinar na constituição da infraestrutura humana por intermédio de uma comissão técnica constituída por médicos, fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas e profissionais, os quais atuam na organização e administração dos centros de treinamento. Para Nunomura e Oliveira (2012), a equipe multidisciplinar foi considerada pelos técnicos como a principal facilitadora para o sucesso dos resultados adquiridos da ginástica artística brasileira no decorrer de dois ciclos olímpicos.

Stavropoulos *et al.*, (2014), num estudo com técnicos gregos de atletismo da primeira e segunda divisão, identificaram a compreensão dos riscos inerentes do esporte e dos fundamentos da psicologia como as principais competências que um técnico precisa desenvolver para atuar na modalidade.

Na revisão de literatura desta tese, foi possível perceber que estudos na modalidade de atletismo, dedicados a investigar a opinião dos treinadores atuantes no alto rendimento deste esporte, são inexistentes. Até o momento, a CBAt não disponibiliza no seu *site* a quantidade exata de treinadores federados, ou seja,

vinculados nela. Porém, o superintendente de alto rendimento da CBAt, em entrevista concedida ao site *cbat.com,* sinalizou a existência de “mais de 1000 treinadores federados em todo o país” (GOMES, 2013). Em uma pesquisa, realizada em diversos *sites* de federações estaduais de atletismo do Brasil, constatou-se que somente algumas se preocupam em apresentar a quantidade de técnicos e entidades filiadas. O estado de Santa Catarina, por exemplo, contempla 50 técnicos registrados, distribuídos em 17 entidades; Rio Grande do Sul, com um registro de 22 técnicos para 16 entidades; Goiás, com 26 técnicos para 21 entidades e Mato Grosso, com 24 técnicos para 20 entidades (CBAT, 2013c, 2016e).

5.2 OBJETIVOS

5.2.1 Objetivo Geral

Analisar a perspectiva de treinadores brasileiros do atletismo competitivo sobre os processos facilitadores e as barreiras para o desenvolvimento desta modalidade no Brasil, na formação e no alto rendimento.

5.2.2 Objetivos Específicos:

a) Verificar a perspectiva dos técnicos a respeito o processo de ensino, aprendizagem e treinamento no atletismo brasileiro;
b) Investigar possibilidades de formação continuada para os treinadores de atletismo;
c) Identificar o entendimento dos treinadores à respeito da estrutura física e humana para o atletismo;
d) Discutir a perspectiva do incentivo financeiro para o atleta e treinador;
e) Apontar aspectos relacionados à trajetória esportiva dos treinadores deste estudo;
f) Indicar estratégias esportivas, a partir do depoimento dos treinadores, as quais contribuam para o desenvolvimento do atletismo no país a partir das categorias analisadas.

5.2.3 Hipótese

1) Não há um modelo sistematizado, organizado de ensino, aprendizagem e treinamento voltado para o desenvolvimento do atletismo brasileiro.

2) A formação continuada dos treinadores é deficitária.

5.3 METODOLOGIA

5.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas e tipo de entrevista

Utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas (GIL, 2008). Foi utilizado, como instrumento para a coleta de dados, a técnica de entrevista – mediante roteiro semiestruturado. O tipo de pesquisa e a técnica foram descritos no capítulo 4 (ver item: 4.3.1).

5.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral

A amostra deste estudo foi composta por 6 técnicos brasileiros da modalidade de atletismo, selecionados de forma intencional não probabilística (RUDIO, 1978), de modo que representassem diferentes grupos de provas do atletismo.

Cada técnico participante deste estudo representou um grupo de prova do atletismo, a saber: corridas de velocidade, barreiras e revezamentos (técnico 1); meio fundo e fundo (técnico 2); marcha (técnico 3); saltos (técnico 4); lançamentos e arremessos (técnico 5); provas combinadas (técnico 6). Também, vale destacar que esse formato – divisão por grupo de provas – habitualmente é utilizado pela CBAt na organização de várias situações desta modalidade, como nos critérios para técnicos e atletas competir em eventos internacionais e, na elaboração de planos específicos de desenvolvimento para os atletas de alto rendimento (CBAt, 2013c, 2013d).

A opção de selecionar um técnico de cada área (grupo de prova) foi com a intenção de obter diferentes relatos, algo mais eficaz do que entrevistar técnicos de somente um grupo de prova. Diante disso, optou-se por entrevistar 6 sujeitos que pudessem fornecer uma visão macro sobre a modalidade. Ainda, como parte integrante deste estudo, os técnicos – além de serem especialistas nos seus grupos de provas – deveriam possuir, ao menos, um atleta com índice olímpico para os Jogos Olímpicos do Rio 2016 na sua respectiva especialidade, tendo, em média, 13 anos de atuação como treinador (mín. 6/máx. 28).

Vale destacar que os técnicos entrevistados atuam, ou já atuaram, como formadores de outros técnicos, por intermédio de cursos da CBAt, de graduação, ou pós graduação. A partir destas características dos treinadores, foi possível

considerar que esses profissionais são especialistas e apresentam experiência nas funções as quais desempenham.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalhos dos treinadores, em competições e nos cursos oferecidos pela CBAt – ministrados por participantes deste estudo. O Quadro 15 representa a distribuição dos participantes do estudo e suas respectivas especialidades, no momento do estudo.

QUADRO 15 – DISTRIBUIÇÃO DOS TREINADORES ENTREVISTADOS

Especialidade dos técnicos participantes do estudo	Identificação dos sujeitos no estudo
Técnico especialista em saltos horizontais e verticais	Técnico 1
Técnico especialista em provas de meio fundo e fundo	Técnico 2
Técnico especialista em provas de velocidade	Técnico 3
Técnico especialista em provas de arremesso	Técnico 4
Técnico especialista em marcha atlética	Técnico 5
Técnico especialista em provas combinadas	Técnico 6

FONTE: o autor (2016).

A Tabela 13 ilustra as principais características dos treinadores.

TABELA 13 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS TREINADORES PARTICIPANTES DO ESTUDO

Identificação	Idade de início no Atletismo	Ex atleta	Entidade de início como técnico	Experiência como técnico de Atletismo (em anos)	Idade atual	Entidade atual
Técnico 1	14	Sim	Estado	15	29	Estado
Técnico 2	26	Sim	Colégio	7	33	Prefeitura
Técnico 3	22	Sim	Fed. Est.	32	54	Clube
Técnico 4	22	Sim	Fed. Est.	32	54	Clube
Técnico 5	18	Sim	Fed. Est.	36	56	Clube
Técnico 6	15	Sim	Fed. Est.	33	57	Clube

FONTE: o autor (2016). Legenda: Fed. Est.: Federação Estadual.

A média de idade dos treinadores investigados foi de 47,1 anos (mín. 36/máx. 62, ± 7,53); a média de idade de início no atletismo foi 19,5 anos (mín. 14/máx. 26, ± 4,23) para os investigados; quanto ao quesito experiência de prática de atletismo, o valor médio obtido foi de 25,8 anos (mín. 7/máx. 36, ± 10,49). Quatro dos investigados começaram suas trajetórias vinculados a federação estadual, sendo atletas federados e posteriormente técnicos – com atuação em competições

federativas. Dois deles também atuavam na função de árbitros federados. Um treinador ingressou na modalidade a partir de um projeto de atletismo de uma prefeitura municipal e o outro, entrou por ser professor de Educação Física do estado e ter a oportunidade de fazer parte de um projeto estadual desta modalidade. Todos os treinadores possuem formação em Educação Física, com especializações voltadas ao treinamento esportivo, dois dos seis treinadores também fizeram mestrado. Todos os treinadores possuem dedicação exclusiva à modalidade.

Vale destacar, também, a dificuldade dos pesquisadores em conseguir entrevistar os treinadores, uma vez que estavam envolvidos direta e indiretamente com os Jogos do Rio 2016.

5.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados

Os dados coletados foram agrupados a partir dos preceitos do método “Análise do Conteúdo”, submetendo os discursos transcritos à organização sistemática dos dados em categorias e subcategorias; por fim, foram analisados descritivamente (BARDIN, 2011). Os passos (diálogo com os entrevistados, questões éticas, questões sobre a elaboração do roteiro, realização e transcrição das entrevistas) para coleta de dados, com utilização de entrevistas, e as etapas da Análise de Conteúdo (pré-análise, exploração, codificação, tratamento, forma de apresentação das categorias e subcategorias) foram descritas no capítulo 4 (ver item: 4.3.3), assim como, os detalhes sobre a busca documental utilizada neste estudo.

As entrevistas seguiram um roteiro (ver Apêndice 1), elaborado com base na revisão de literatura deste estudo e composto, basicamente, por 4 partes:

1) caracterização do participante (idade; formação acadêmica; trajetória esportiva; locais de início e atual de trabalho; tempo de atuação profissional);

2) organização do trabalho (plano nacional para a modalidade; metodologia própria; trabalho por provas específicas; formas de trabalho; projetos de destaque; incentivo financeiro ao atleta e técnico; suporte ao trabalho do técnico; formação e seleção de atletas; identificação e detecção do talento esportivo; atletas promissores; trabalho em conjunto);

3) formação e qualificação dos técnicos (número suficiente de treinadores; níveis de qualificação; cursos da CBAt para a formação e o alto rendimento; critérios de participação nos cursos; treinadores estrangeiros; o ensino atual da modalidade;

o desempenho dos treinadores);

4) experiências com o atletismo (conquistas pelo atletismo; participação em projetos; dificuldades na formação e no alto rendimento; instituições de trabalho; relação entre as entidades do atletismo: clubes de formação e de alto nível, federação, CBAt; experiência internacional; as competições atuais; a tradição do atletismo).

As categorias e subcategorias de análise surgiram a partir das entrevistas e nortearam a continuidade deste estudo.

QUADRO 16 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS TREINADORES

Categorias	Subcategorias
Sistema de formação e desenvolvimento de atletas (*f*=31.6%)	Ações pedagógicas do técnico e para o treino (*f*=29%), organização do trabalho a partir das etapas de desenvolvimento do atleta (*f*=26%), fraca formação de base (*f*=20%), característica, especificidade do esporte (*f*=12%), atletismo na escola (*f*=6%), formação do cidadão (*f*=4%), desvalorização do treinador de base (*f*=3%).
Talento e treinamento longo prazo (*f*=12.9%)	Idade ideal (*f*=37%), talento (*f*=26%), talento + treinamento (*f*=20%), sacrifício (*f*=17%),
Formação continuada e capacitação (*f*=17.3%)	Cursos do COB (*f*=25%), Cursos da CBAt (*f*=22%), novos treinadores (*f*=21%), treinadores capacitados (*f*=20%), provas específicas (12%)
Infraestrutura física e humana (*f*=11.9%)	Falta de apoio ao técnico e atleta (*f*=41%), novas pistas e seus complementos (*f*=36%), centros regionais (*f*=23%),
Trajetória (*f*=5.6%)	Ex-atletas (*f*=30%), atuação na formação e no alto rendimento (*f*=45%), possibilidade de atuação (*f*=25%),
Incentivo financeiro (*f*=20,7%)	Não é fator determinante de resultados (*f*=37%), manutenção do jovem atleta (*f*=28%), competições (*f*=23%), formas de incentivos (*f*=12%).

FONTE: o autor (2017).

Nos resultados deste estudo, optou-se por apresentar e discutir as categorias do Quadro 16 em tópicos. Os itens das entrevistas foram agrupados nas categorias

supracitadas. Em média, cinco perguntas estavam relacionadas a cada categoria. Cada entrevista teve a duração média de 56,5 minutos (mín. 43 min./máx. 69 min.). No decorrer do texto os relatos referentes aos técnicos são apresentados pelas siglas: T1, T2, T3, T4, T5, T6.

A partir de algumas das subcategorias do Quadro 16: talento; idade ideal; e formação esportiva do atleta (formação de base); discutidas e enfatizadas pelos treinadores optou-se em fazer uma outra análise envolvendo o *ranking* da CBAt de 2016 (divulgado no site oficial desta entidade) e, assim, embasar a discussão sobre estes assuntos. Tais dados foram reaproveitados do estudo do capítulo 3 (estrutura física), no qual foram verificados os atletas e suas respectivas instituições. Porém, no presente estudo, buscou-se analisar o mês de nascimento e o ano constituinte da categoria (variáveis independentes) nos resultados dos atletas presentes no *ranking* da CBAt (variável dependente) de 2016. Destaca-se que o *ranking* da CBAt é dividido por categoria e fornece data de nascimento dos atletas, suas provas e suas colocações.

Por fim, optou-se neste estudo em fazer tal análise nas categorias de base do atletismo: sub-16; sub-18; e sub-20. Para a avaliação do ano constituinte da categoria, os atletas foram divididos de acordo com o ano de nascimento. Assim, fizeram parte da amostra um total de 3.909 atletas, dos sexos masculina e feminino, nascidos no seguintes anos: 1996 (n=268); 1997 (n=680); 1998 (n=630); 1999 (n=910); 2000 (n=572); 2001 (n=612); 2002 (n=204); e 2001 (n=33).

Com relação ao mês de nascimento – e com base em estudos desta temática (DELORNE; CHALABAEV; RASPAUD, 2010; RIBEIRO JÚNIOR *et al.*, 2013; ALBUQUERQUE *et al*., 2015) – os atletas foram categorizados da seguinte forma: Q1 (janeiro-março); Q2 (abril-junho); Q3 (julho-setembro); Q4 (outubro-dezembro). Utilizou-se essa frequência de nascimentos esperada proporcional ao número de dias que compõem cada quartil, com a intenção de equilibrar a distribuição dos nascimentos. Foi utilizado o teste de Qui-Quadrado (x^2), para análise dos dados e realizado através do programa IBM SPSS Statistics para Mac, versão 20.0.

Assim como no estudo anterior, fontes documentais também foram utilizadas para a coleta de informações para este estudo e, sempre que possível, elas foram relacionadas com as entrevistas e com a discussão dos resultados. A importância e os conceitos da pesquisa documental também podem ser vistos no item 3.3.1. Tais informações foram coletadas, principalmente, por meio de *sites* oficiais de órgãos

governamentais (Ministério do Esporte) e de entidades esportivas (Comitê Olímpico Brasileiro, CBAt, Federação Internacional de Atletismo), também, de demais fontes da internet de livre acesso – alguns portais de notícias esportivas – adequadas ao objetivo deste estudo.

5.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Trajetória esportiva

A maioria dos entrevistados foram ex-atletas (*f*=30%) com bons resultados nacionalmente (medalhas no Troféu Brasil de Atletismo), e alguns internacionalmente (medalhas em campeonatos sul-americanos e mundiais). Somente dois técnicos não foram atletas do citado esporte. Todos trabalham principalmente com atletas de alto rendimento.

> Iniciei no atletismo como atleta, por volta dos 15 anos […] aos 26 já trabalhava como técnico da base do clube e ainda conseguia competir por esse clube […] isso me ajudou na transição para me tornar técnico […] tive a sorte de evoluir junto com alguns atletas e hoje só atuo com o alto rendimento. (T1).

Similarmente, conforme o técnico T2: "[…] já trabalhei em todas as etapas, na formação até o alto rendimento (*f*=42%) […]". O técnico T3 afirmou que "[…] atualmente só fico na ponta, não tenho mais paciência para trabalhar com a garotada, então, recebo os atletas a partir dos 18, 19 anos de várias regiões do país". Nesse sentido, T4 complementou que o técnico "[…] de uma certa idade, já idoso, é difícil trabalhar na iniciação, ou com atletas de 15, 16 anos […] é um esporte que desgasta, veja: já não consigo mais ficar muito tempo no sol, ensinando […] eu não me vejo mais atuando na base".

Portanto, segundo os treinadores, o ambiente de trabalho do treinador de atletismo e o modo como ele precisa se envolver nas ações, por meio ativo e – geralmente – exposto a variáveis climáticas naturais, gera uma demanda e um desgaste físico muito particular a essa atividade.

O técnico T5, após o término da sua carreira de atleta já ingressou no alto rendimento, conforme se transcreve:

> […] depois que decidi me aposentar como atleta, surgiu um convite do clube para assessorar, trabalhar junto com os técnicos do clube, sendo que

> alguns foram meus ex técnicos […] já entrei trabalhando com os melhores atletas, mas não ligo de trabalhar na formação, tenho seis atletas com 15, 16 anos e gosto de trabalhar com eles […] estão evoluindo bem, penso que tenho muito o que ajudar esses jovens.

"Penso que a trajetória do técnico era mais fácil antigamente, pois tive a felicidade e a sorte de subir para o alto rendimento junto com meus atletas" (T6), "[…] hoje, não é impossível, mas é muito difícil para o técnico da base almejar atuar no alto rendimento" (T1). Os técnicos T3 e T5, respectivamente, esclareceram:

> […] o técnico que trabalha em uma prefeitura, que possui uma equipe boa de base, ele vai ficar sempre atuando na base […] seu atleta com 18, 19 anos vai precisar sair da prefeitura se quiser evoluir, entrar numa equipe adulta, com outro técnico […].
> Como a maioria das equipes escolhem um objetivo (formação ou rendimento) é muito difícil para o técnico descobrir um atleta e permanecer com ele até o alto rendimento […].

Vale destacar que muitos técnicos "[…] sabem onde estão atuando e não querem mudar, eles comentam: prefiro a base, gosto de formar atletas […]" (T6), para T3:

> […] tem técnico que possui um tipo de perfil, por mais que tenha sido atleta, a trajetória está vinculada com o perfil […] não dá para o João (nome fictício) atuar no adulto, vai fazer só gracinha e não vai ter treino, ou o Pedro (nome fictício) na escolinha, os alunos irão odiar, ele vai espantar todos os alunos.

O técnico T2, citou um exemplo de um técnico do Recife – reconhecido nacionalmente como formador: "[…] ele descobriu por exemplo, a Keila Costa (índice para os Jogos do Rio no salto triplo e distância), e outros recordistas brasileiros de menores, com uma estrutura mínima e continua a descobrir outros atletas, é um descobridor […]". Segundo o técnico T6 "[…] a trajetória e sucesso do técnico, passam pelo sucesso do atleta" (T6), ainda, para T4, o técnico que deseja ser famoso, "[…] precisa atuar no alto rendimento, não necessariamente estar num bom clube […] mas precisa aparecer, tudo no atletismo brasileiro acontece a base de troca, de favores, se tem resultado, você recebe favores, as regalias da confederação".

Sobre os locais de atuação dos treinadores, estes mencionaram que (*f*=25%) "[…] os melhores clubes de alto rendimento do Brasil são fechados, com técnicos reconhecidos, de seleção […]" (T2), então "[…] não está fácil achar um bom local de atuação que ofereça ao técnico condições para que ele faça carreira, se desenvolva e se dedique exclusivamente no atletismo" (T5). Nesse aspecto, "[…] muitos técnicos

que estão no alto rendimento também possuem outras funções, além de técnico de atletismo […]" (T6). "[…] sou professor do estado, participo até hoje de um projeto de atletismo vinculado ao estado, por isso consigo me dedicar exclusivamente ao atletismo" (T1).

Para o técnico T2, além de trabalhar como técnico de clube, ele mencionou que também exerce "[…] um cargo como treinador da CBAt, dou suporte na minha especialidade, mas não é uma função remunerada, nem contrato existe, faço isso para ajudar na minha prova, meus atletas e ser sempre lembrado por eles (CBAt)". Também, relatou o técnico T6: "[…] atualmente estou sem clube, possuo 9 atletas de diferentes clubes que atuam no alto rendimento, sendo 2 estrangeiros e como já sou reconhecido, auxilio a CBAt na parte de formação de novos técnicos […]".

Outra questão, apontada pelos sujeitos, é que "[…] a maioria dos atletas e técnicos de alto nível estão atuando no estado de São Paulo […]" (T3). O técnico T1, adicionou que o "[…] o atleta de outro estado, geralmente procura São Paulo (estado) para se desenvolver e isso as vezes acontece com o técnico também […]", o técnico T2 também relatou isso, mas ressaltou: "[…] o caso do técnico é diferente, então a mudança de estado, ou cidade é com menor frequência comparado ao atleta […]". Porém, também existem "[…] vários técnicos de qualidade, com atletas olímpicos, em outros estados e regiões, do Centro Oeste, do Rio Grande do Sul […]", por fim, o depoimento do técnico T6: "[…] eu vim de outro estado, já tem mais de 10 anos que atuo por São Paulo e será difícil sair daqui, minha família está estruturada aqui".

Formação continuada e capacitação dos técnicos

A respeito da formação e capacitação de treinadores, o técnico T1 relatou que participa "[…] como professor convidado do COB (*f*=25%) para integrar a equipe de professores da Academia Brasileira de Treinadores (ABT)[24] […]". Para o técnico T3 "[…] é uma das iniciativas do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) de capacitação, nesse caso, para os técnicos […] de tentar selecionar professores/técnicos com potencial para desenvolver um bom trabalho no atletismo […]", o técnico T1

[24] O Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) é o departamento de Educação do COB para o esporte olímpico. O seu objetivo maior é gerar e difundir conhecimento ao promover uma formação profissional de alta qualidade por meio de programas de capacitação e desenvolvimento. Ver também: <https://www.cob.org.br/pt/cob/cultura-e-educacao/iob>.

complementou que “[…] quando atuei como treinador de saltos horizontais percebi muita gente nova, com vontade de aprender e trocar experiências […] sinto falta disso nos treinadores, de vontade de ir atrás do conhecimento”.

Sobre a presença recente de diversos técnicos estrangeiros no Brasil, o técnico T6, comentou:

> Não adianta a CBAt contratar o técnico estrangeiro, como fez para algumas especialidades do atletismo nesse ciclo olímpico (2012-2016) e ele ficar somente com o atleta, passar o conhecimento somente para ele […] o atleta vai parar, se aposentar, então a CBAt tem que fazer mais igual ao que o COB tem feito, com que esse técnico estrangeiro contratado distribua seu conhecimento com mais frequência para os técnicos brasileiros […] precisamos de conhecimento científico, veja o caso de alguns países da África, todo mundo sabe que as condições de treino são simples, mas têm treinadores[25] lá, com muito conhecimento, então, o treino é simples, mas tem base científica […] não dá para ficar somente nos cursos da CBAt […].

Ainda, para T3 “[…] a CBAt, o COB, o Ministério do Esporte, tem que pensar que quem fez e faz o atletismo no Brasil somos nós treinadores, que estamos há muito tempo na modalidade, por isso, é importante investir no conhecimento dos treinadores”.

O técnico T5 ressaltou a importância de capacitar outros técnicos (*f*=21%), ao mencionar que teve o “[…] privilégio de ser convidado pelo COB para atuar pela segunda vez na Academia Brasileira de Treinadores, responsável pela parte de meio fundo e fundo […] foi um período curto de muita troca de conhecimento e quero destacar que sempre aprendo muito trocando com os pares […]”, conforme T3, os técnicos participantes desse curso, “[…] têm a oportunidade de acompanhar treinadores de outros países, campeões olímpicos, ver o que eles estudam, qual o embasamento científico deles […]” então, hoje, “[…] existem muitas oportunidades de aprendizagem, os cursos são uma delas, logicamente, nem todos tem acesso […]” (T4).

Na opinião dos entrevistados, o Brasil possui técnicos capacitados (*f*=20%) em todas as provas, “[…] não dá para dizer que o técnico brasileiro não é capacitado, existe muito conhecimento aqui no país, pois tivemos bons resultados em diferentes provas nesses últimos oito anos” (T1), “[…] bons resultados dos

---

[25] Dr. Woldemeskel Kostre, treinou campeões olímpicos, como Gebrselassie, Kenenisa Bekele, Tirunesh Dibaba e Derartu Tulu. Cursou doutorado em ciência esportiva na Hungria, na década de 60. Mais informações em: <https://www.iaaf.org/news/iaaf-news/kostre-death>.

últimos tempos em provas de saltos horizontais, provas de meio fundo e fundo, revezamentos, se devem muito ao esforço do técnico brasileiro (T2)". No entanto, o técnico T6, ressaltou que o Brasil "[…] precisa urgente de mais técnicos qualificados por prova, assim, aumentam as chances de termos mais atletas competindo no alto nível, os treinadores sempre descobrem talentos, então precisamos formar mais técnicos", "[…] mas vejo como positivo qualquer iniciativa da CBAt, ou COB no sentido de valorizar o técnico brasileiro (T1)".

Nesse sentido, para T6, o fato de ser reduzido o número de técnicos qualificados no Brasil "[…] fez com a CBAt apoiasse vários atletas a treinarem fora do país, ou com técnicos estrangeiros […]", além disso, o atleta brasileiro "[…] não quer saber onde está o melhor psicólogo, nutricionista […] aquele que não está atrás somente de dinheiro, quer saber onde está o melhor técnico […]". Entretanto, para T2 "[…] vários técnicos estrangeiros já foram desligados depois dos Jogos Olímpicos do Rio […] parece que o dinheiro acabou para manter esses técnicos, ou não gostaram dos resultados, ou do trabalho deles".

Sobre esse ponto, o técnico T1 questionou: "será que é culpa dos treinadores estrangeiros que alguns atletas brasileiros por eles treinados não foram bem nos Jogos dos Rio? ou, será que os atletas brasileiros realmente não tinham condições de medalhar?". Ainda sobre isso, T3 adicionou: "[…] o treinador é muito importante para o atleta ter resultado, mas também não faz milagre […]".

Considerando, ainda, sobre a Academia Brasileira de Treinadores (ABT), a primeira turma começou em 2012 e foi formada em 2014. Em 2016, foi formada a terceira turma – com ela a segunda em específico para o atletismo (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2016a). Então, "[…] já foram capacitados aproximadamente 80 técnicos para o atletismo, para atuarem principalmente no aperfeiçoamento da modalidade […]" (T4). Segundo, o técnico T6, esse é um dos poucos "[…] cursos no Brasil, específico do atletismo e com caráter acadêmico em que vários estudos do atletismo são discutidos e apresentados […] também, abrange todos os grupos de provas da modalidade, desde saltos, até os lançamentos".

FIGURA 8 – PRIMEIRA TURMA DE ATLETISMO DA ABT.

FONTE: *site* do COB (2016a).

Quando o técnico ministrante é estrangeiro, o COB fornece a tradução simultânea, conforme nota-se na FIGURA 8.

> O curso é inteiramente custeado pelo COB, mas existe um processo seletivo, por exemplo, 90 por cento dos participantes devem ser técnicos de alto rendimento e vinculados à CBAt, mesmo assim muita gente boa fica de fora e deveriam estar aqui aprendendo […] pela experiência que tenho, dependendo o caso, a gente aprende muito pouco, principalmente nos exercícios práticos, pois muitas coisas que eles fazem em termos práticos e teóricos nós estamos fazendo também, mas isso é importante também, a gente percebe o que está sendo feito aqui tem um sentido, a gente tem mania aqui de supervalorizar o que é de fora, de achar que tudo é novo […] o importante é entender o que está sendo feito e tentar aplicar para realidade de cada um […] mas não é fácil largar tudo e ficar uma semana fora da sua cidade para se dedicar manhã e tarde no curso, isso é umas das grandes dificuldades nos cursos do COB e da CBAt, o treinador precisa basicamente estar de férias, alguns conseguem licença do trabalho […] eu mesmo, faz mais de um ano que não faço um curso, principalmente por essa questão de calendário […]. (T1).

Do mesmo modo, o técnico T5, relatou que esse curso "[…] deveria ser mais mais flexível, democrático, relacionar critérios que aumente o número de técnicos voltados para formação esportiva […]". Essa perspectiva corrobora as falas de T1 e T4, respectivamente: "[…] teríamos uma contribuição maior pensando em formação de atletas, pois, a maioria dos participantes do curso atuam no alto rendimento, com atletas adultos"; "[…] mas o objetivo do COB é para o alto rendimento e é difícil abrir demais o curso". Faz sentido a preocupação dos treinadores, com relação ao conhecimento ser expandido para técnicos responsáveis pela formação de atletas,

pois assim os treinadores de alto nível receberiam atletas mais bem preparados para atingirem o alto rendimento.

Este tipo de curso esteve dentro do planejamento estratégico do COB, que teve por objetivo tornar o Brasil top 10 em 2016, nos Jogos do Rio (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2016a, 2016b, 2016c). O depoimento do técnico T1 reforçou essa questão: "[…] lembro que quando me convidaram para ministrar o curso, o pessoal do COB foi claro: eles têm a intenção de suprir uma lacuna, que é sobre a formação de treinadores e pretendem dar qualidade aos treinadores de diversas regiões do país". Ainda, para o técnico T6, além da capacitação de técnicos, o COB também "[…] tem possibilitado a participação em competições estratégicas conforme calendário internacional".

Para os investigados, o contato com o COB "[…] é fundamental, mostramos que queremos nos atualizar, buscar o conhecimento […]" (T2), "[…] o técnico tem que ser visto, então já participei pelo COB de estágios nacionais e internacionais, *campings* de treinamento no Brasil e no exterior e detalhe: tudo pago pelo COB" (T4). Outra questão mencionada pelo treinador T6 é que "[…] a CBAt, ou o próprio COB poderiam organizar no Brasil, um congresso internacional de atletismo, isso existe em outros países […] seria uma outra forma interessante de ter contato com técnicos nacionais e estrangeiros […]".

Conforme já mencionado em alguns depoimentos é importante reforçar os cursos oferecidos pela CBAt (*f*=22%). Entre 2015 e 2016[26], foram oferecidos 64 cursos gratuitos pela confederação, sendo: 26 de Arbitragem Básica; 14 de Mini Atletismo; 12 de Saltos Horizontais e Barreiras; 10 de Corridas de Velocidade Prolongada e Meio Fundo; e 2 Curso Básico de Treinamento. O técnico T1, responsável por ministrar um dos cursos supracitados, mencionou que são cursos "[…] para aqueles que querem ingressar na modalidade, pois os participantes não precisam estar ligados à CBAt, ou para aqueles que atuam com jovens atletas, são básicos, precisamos atualizar os conteúdos deles, já defasados […]", para T2, são cursos que "[…] sempre tem alguma novidade, servem também para quem atua no alto rendimento, pois os palestrantes são técnicos renomados […] mas existe um

---

[26] Alguns cursos para o ano de 2016 podem ser visualizados em <http://www.cbat.org.br/desenvolvimento/cursos.asp?ano=2016>.

passo a passo a partir dos materiais criados pela IAAF que já tem um bom tempo de criação […]".

Abaixo, o depoimento do técnico T4 forneceu outros detalhes dos cursos promovidos pela CBAt:

> […] o participante não tem custo com a inscrição, mas precisa bancar a alimentação e hospedagem, sendo que em alguns casos a federação local, do estado em que acontece o curso, oferece uma hospedagem aos participantes […] a CBAt é responsável por pagar o ministrante […] ela manda e-mail para as federações estaduais perguntando quem tem interesse em sediar o curso e a federação que se interessar em receber o curso, deve custear a hospedagem e alimentação do ministrante.

Todos os entrevistados relataram que os cursos da CBAt são uma importante iniciativa para a qualificação dos treinadores, para a democratização do conhecimento básico, e que se fazem presentes desde a gestão anterior a 2013. Isso também foi constatado no capítulo anterior – sobre os gestores. Porém, além dos treinadores declararem que a participação nestes cursos demanda tempo, liberação de serviço e o material didático deles (Níveis I e II) serem desatualizados, notou-se a ausência no período de busca (2014-2015) de cursos relacionados aos seguintes grupos de prova: marcha atlética e lançamentos; ou de provas específicas, tais como, salto com vara e salto em altura. O depoimento dado pelo técnico T1, ajuda a esclarecer essa questão:

> A CBAt possui um calendário de cursos, isso está no *site*, acho isso bem legal, pois o treinador pode se programar e tentar fazer algum dos cursos oferecidos […] existem cursos por níveis, conforme a atuação dos treinadores […] os cursos Nível I e II também são oferecidos pela CBAt e englobam todas as provas do atletismo, logicamente possuem um tempo maior, geralmente são realizados em uma semana, acho que qualquer curso exige dedicação, seja ele o nível que for […] tem os níveis III e IV, mas aí já é mais direcionado, o treinador é escolhido para fazer esse curso, é para quem está no alto rendimento e possui um vínculo maior com a IAAF, pois é um curso de nível internacional, poucos treinadores do Brasil têm esses cursos […] mas realmente, um curso específico de lançamentos, salto em altura, salto com vara por exemplo, não me recordo da CBAt ter lançado nesse formato, aberto para o público em geral, sem custo […] os cursos acontecem em função da demanda, mas as federações não tem uma estrutura própria, depende dos clubes para fazerem os cursos e são poucos os clubes que fornecem uma excelente estrutura, por exemplo, o salto com vara é necessário todo um cuidado para ministrar, é necessário alguns atletas para participar das aulas práticas e são poucos os locais que você pode praticar e fornecer segurança aos participantes, com colchão e vara apropriados, o mesmo para os lançamentos […].

Para T2, "[…] é uma tendência os treinadores brasileiros começarem a procurar com mais frequência por esses cursos de níveis […] não são pré-requisitos

para atuar na iniciação, ou no alto rendimento, mas vejo que a CBAt vai começar a utilizar isso como critério para selecionar, ou beneficiar treinadores […]". O técnico T5 reforçou a questão de algumas provas do atletismo serem consideradas como "[…] específicas (*f*=12%), um caso à parte, por isso precisam de atenção, como, lançamento de martelo: qual o polo no Brasil? salto com vara também, tem bons atletas no país, tem mídia, mas precisa de cursos, novos técnicos […]". Segundo T3, "[…] algumas provas são bem trabalhadas no Brasil, como as de velocidades, os saltos, os revezamentos […]" mas, para T6, "[…] a CBAt precisa começar a pensar em desenvolver planos específicos para todas as provas, por exemplo, preciso achar um talento da barreira, da marcha […] onde eu poderia achar isso, ou apoiar um projeto dessas modalidades? […]". O técnico T3 mencionou que existem no Brasil "[…] três polos de marcha: Recife, Brasília e principalmente Blumenau […] em Blumenau é parecido com a Europa, os moradores saem na rua para acompanhar a prova, é tradicional, parece futebol, isso motiva os competidores e os jovens atletas […]".

Com relação aos lançamentos, o técnico T5 mencionou que "[…] tentaram (CBAt), em 2009 e 2010, fazer um centro de alto nível de lançamentos em Uberlândia (MG) […] até começou bem, com cursos e *campings*, mas não foi dado sequência acredito que por falta de dinheiro em manter o centro e os atletas". Esse depoimento converge com informações ditas por gestores da CBAt, os quais, na ocasião, já pretendiam fazer um Centro Nacional de Atletismo em Uberlândia – a partir de uma parceria envolvendo CBAt, Caixa Econômica Federal e SESI de Minas Gerais (CBAt, 2009).

O mesmo entrevistado complementou que, atualmente, "[…] não há um centro específico para essa prova, são poucos clubes no país que possuem atletas de qualidade […], a confederação frequentemente busca isso, já fez alguns *campings* de arremesso e lançamentos em São Paulo […]". Foi identificado que a CBAt organizou *campings*, em 2017*,* com foco em diferentes provas do atletismo, como, arremesso, provas combinadas, lançamentos, meio e fundo e fundo, saltos e barreiras – para jovens talentos e atletas que já atuam no alto rendimento destas modalidades – e, realizados, em cidades como Bragança Paulista/SP, Rio de Janeiro/RJ, Lavras/MG e Campo Mourão/PR (CBAt, 2016d, 2017a, 2017j), mencionadas no estudo sobre estrutura física como Centros de Treinamento de Atletismo.

Outra questão relatada é que a CBAt “[…] teoricamente é, ou deveria ser, a instituição responsável pelos técnicos, pois os treinadores têm que estar filiados nas federações estaduais para atuarem nas competições nacionais e internacionais […]” (T2). Por isso, na opinião de T1, a confederação “[…] precisa dar um respaldo ao treinador, por meio de cursos, projetos, ou competições e tem se mobilizado para estabelecer melhor os critérios para técnicos e atletas ingressarem em competições internacionais […]”. Feito isso, para T2, “[…] o técnico saberá o que precisa ser feito para almejar participação em seleção, ou em uma competição internacional […]”, ainda, T1 mencionou que: “[…] eu participei em 2013 do evento da CBAt para ajudar a pensar em critérios para os técnicos […] tem muito técnico que só reclama, mas na hora de participar e contribuir, ninguém aparece […]”.

Em 2013**,** foi realizado – pela CBAt – um Fórum de Alto Rendimento para discussão das diretrizes para os próximos anos do atletismo, como os critérios mencionados abaixo. Vale destacar que todos os técnicos, registrados na CBAt, poderiam participar do evento. Tomaram parte do conhecimento 116 técnicos, sendo 69 do estado de São Paulo. Ainda, no final de 2013, a CBAt publicou os critérios estabelecidos – neste Fórum – para selecionar treinadores que irão compor a comissão técnica da seleção brasileira (CBAt, 2013c, 2013d), são eles:

1) Critérios para ser treinador-chefe (função de comandas 3 seleções, das categorias adulto, sub-20 e sub-18): integrar o *ranking* de treinadores da CBAt; ter domínio da língua inglesa para campeonatos mundiais e da língua espanhola para campeonatos de área; pode ou não ter atleta sob sua orientação na delegação; deve ocorrer um rodízio entre os treinadores-chefe; deve pertencer à categoria referente à competição.

2) Critérios para treinadores compor a comissão técnica (durante o ciclo olímpico, nos jogos olímpicos, no mundial e pan-americano): os treinadores serão convocados por área (grupo de provas) e considerar a colocação de seu atleta no *ranking* mundial.

3) Treinadores para os campeonatos sul-americanos: os treinadores serão convocados considerando o maior número de atletas no grupo de provas ou que tenha o maior número de atletas independente do grupo de provas.

4) Observações: para efeito de convocação, será levado em conta o treinador do atleta com melhor índice técnico; será convocado o treinador que tiver atleta participante do campeonato entre os top 5 do *ranking* mundial.

Conforme pode-se notar, os critérios apresentados acima, vão ao encontro dos relatos deste estudo, uma vez que as diretrizes priorizam – principalmente – os técnicos que possuem atletas de alto rendimento entre os melhores dos *rankings* nacional e mundial. Ao mesmo tempo, segundo os depoimentos, tais elementos auxiliam a CBAt na definição de técnicos e atletas que devem participar de capacitações, como, os *campings*.

No estudo sobre os gestores, foi possível notar que a CBAt possui uma iniciativa atual de cobrar dos treinadores de alto nível que estes forneçam seus treinos à confederação e esta, assim, possa ajudar os treinadores a aprimorar seus treinos diários. Sobre essa questão, parte dos treinadores investigados acham interessante tal iniciativa, a qual tem contribuído para a melhoria dos treinos: "[…] fui chamado na CBAt para conversar sobre o meu treino e outras coisas, refizemos algumas coisas do planejamento, essa discussão é boa, é um aprendizado para todos, são mais cabeças pensando sobre teu atleta, espero que dê resultados […]" (T6).

Por outro lado, alguns técnicos acham que o treinamento deve ser mais fechado: "[…] não podemos deixar muita gente dar pitaco no seu treino, pois daqui a pouco o atleta não sabe quem escutar, quem confiar […] acho que a CBAt já percebeu que essa é minha opinião sobre esse assunto". (T3).

Ainda com relação a entidades que, de alguma forma, auxiliam os treinadores, T4 destacou a importância das associações nesse processo: "[…] no Brasil, temos outras organizações, como a ADAB (Associação Desportiva Atletismo Brasil), criada em 2015, que procuram atender uma função que deveria ser a da CBAt, que é focar no trabalho (cursos, *campings*) do treinador e dos atletas".

Talento e Treinamento a longo prazo

Sobre a idade indicada para iniciar no atletismo, os treinadores relataram que o ideal (*f*=37%) é que o atleta comece enquanto jovem. No entanto optaram por não estipular uma faixa etária única de início, mas expuseram alguns exemplos a respeito disso:

> […] um bom exemplo que gosto de citar sobre isso é o caso de um atleta das Bahamas (Donald Thomas) que iniciou no basquete e um certo dia pediu para fazer uns saltos na pista de atletismo falando para o treinador que saltava mais que os atletas que lá estavam treinando, resumindo: ele

> começou em 2006 com 22 anos, no salto em altura, dizia que queria saltar com tênis de basquete e foi campeão mundial em 2007, na Espanha" (T1).

Por outro lado, o técnico T2 citou o caso de um atleta da Suécia: "[…] o Stefan Holm começou com treze anos no atletismo e foi campeão olímpico aos 28 anos no salto em altura […]". A partir desse enfoque, todos os entrevistados relacionaram a idade de início no atletismo com a questão da evolução (ou não) no esporte, representado nas citações abaixo:

> […] a Maurren Maggi nunca se classificou para um mundial juvenil, mas foi prata no mundial adulto e campeã olímpica em 2008 […] o Thiago Carahyba foi campeão mundial de menores com 17 anos, saltando 7,72 e não evoluiu mais; o Thiago Braz foi campeão mundial juvenil em 2012 com 5,50 cm e campeão olímpico saltando 6,03 cm […] (T2).
> Alguns atletas de meio fundo e fundo como Sanderley, Joaquim, começaram cedo, foram descobertos cedo, com 16, 17 anos e tiveram sucesso […] o Joaquim já foi destaque em jogos escolares, tinha muito talento […] outros apareceram tarde, como o Solonei, acima dos 20 anos, o Claudinei com 19 […] (T2).

No *site* da CBAt, no campo "estatística", é possível encontrar os competidores de atletismo medalhistas em campeonatos mundiais e jogos olímpicos (CBAt, 2017k). Para os entrevistados, a idade de início é relativa no caso do atletismo, existem atletas que não evoluem no processo de treinamento e outros que conseguem o ápice nas principais competições: "[…] se for numa competição de sub-16, sub-18, muito cuidado para dizer que o atleta campeão da prova será o destaque no futuro, pois esse atleta pode estar maturado […] não vai mais crescer […]" (T3). O técnico T2 adicionou, ainda, que: "[…] isso é o que mais acontece no atletismo […] o atleta já desenvolvido fisicamente tem boas chances de vencer a prova". O treinador T4, relatou que – para ele – existe a necessidade do "[…] técnico esperar os menos maturados […]" e, ainda, reforçou que "[…] de gente com maturação adiantada o atletismo está cheio". Mais a frente neste estudo (por exemplo, Quadro 18), será discutido a questão das etapas e idades de desenvolvimento do atleta.

Ainda, segundo T4, os técnicos da base "[…] querem resultados imediatos […]". A problemática da importância dos resultados na formação de atletas, também apareceu nos discursos dos gestores. Sobre isso os técnicos, T6, T5 e T1, respectivamente, complementam:

> […] o problema do atletismo brasileiro que ninguém olha para o menino para o magrelo, desengonçado, descoordenado […] esse, dificilmente

> estará no pódio nas categorias iniciais, é o cara que não vai dar visibilidade para o treinador de base, mas é o cara do futuro, que deveria seguir com os treinos, melhorar a coordenação motora, as técnicas corretas e poderia ter uma evolução maior do que aquele atleta campeão do sub-16, por exemplo.
> […] sabemos que no brasileiro escolar de atletismo são os meninos dos clubes que ganham e muitas vezes chegam a ter 5, 6 anos de treino, mas nunca praticaram o atletismo na escola […] minha opinião e de muitos técnicos é que deveriam proibir atletas federados no escolar, assim poderiam aparecer outros meninos […].
> […] eu sempre falo nos cursos, ou para os treinadores de base: olhem também para os jovens que ficam em quarto, quinto, sexto lugares […] na verdade, o que mais acontece, é que esses jovens não continuam, pois, as vezes, o resultado é um fator de manutenção, então são atletas que não possuem acompanhamento pelas entidades […] o que eu tento passar é que os treinadores não se detenham somente aos resultados, mas isso muitas vezes é ir contra a lógica do sistema […] eu falo para eles (técnicos de jovens) me ajudarem (risos), eu quero receber o atleta que ainda possa evoluir, eu quero poder ajudar o atleta a melhorar suas marcas.

No depoimento fornecido pelo técnico T5, foi possível perceber que o treinador, além das idades biológicas e cronológicas, deve levar em consideração a idade de treino do seu atleta. O mesmo entrevistado citou os Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), nos quais a maioria dos alunos medalhistas do atletismo, são aqueles que treinam em entidades (clubes, associações, prefeituras) que participam do atletismo federado. E, portanto, um dos motivos deles vencerem justifica-se pelo tempo e experiência de treino e competição, que são muito maiores quando comparado com os alunos que, de fato, desenvolvem alguma atividade no contexto escolar.

Para complementar o assunto sobre as diferenças físicas vindas das vantagens maturacionais, foi verificado no *ranking* de resultados da CBAt, de 2016 (masculino e feminino), que existe uma tendência deste *ranking* possuir uma maior representatividade de atletas nascidos nos primeiros meses do ano, em relação aos nascidos nos meses finais. Isso, alguns autores chamam de Efeito da Idade Relativa (EIR), e refere-se à diferença de idade biológica entre indivíduos com uma mesma idade cronológica, situados dentro de uma mesma categoria ou faixa etária (RIBEIRO JUNIOR *et al.*, 2013; ALBUQUERQUE *et al*., 2015).

Essa questão pode ser visualizada abaixo. A Tabela 14 apresenta a distribuição total das frequências de nascimento dos 3.909 atletas pesquisados (Q1: janeiro-março; Q2: abril-junho; Q3: julho-setembro; Q4: outubro-dezembro), seus respectivos resultados e de cada um dos subgrupos formados pelos anos de nascimento.

TABELA 14 – FREQUÊNCIAS DE RESULTADOS OBSERVADAS POR QUARTIL DE NASCIMENTO (DADOS DO *RANKING* DA CBAT DO ANO DE 2016)

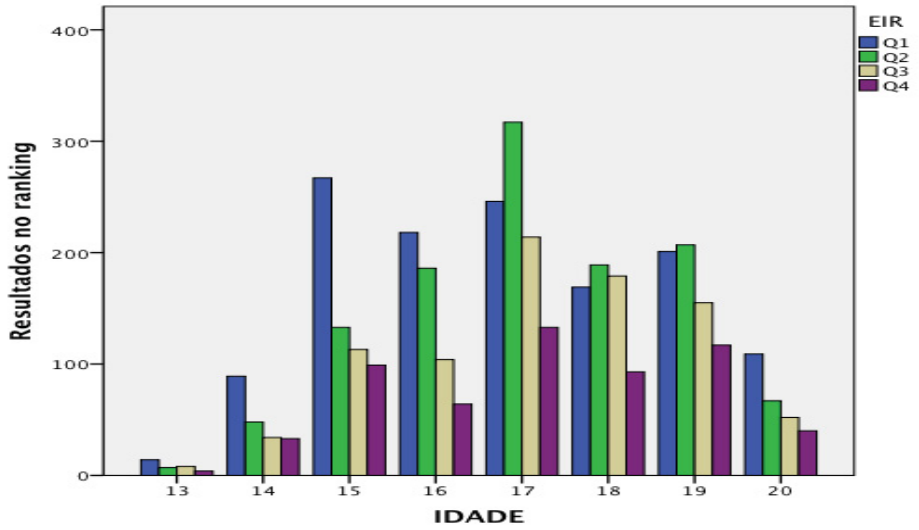
Ano/idade	Q1	Q2	Q3	Q4	*p**	Total
1996 (20 anos)	109	67	52	40	.082	268 (6,9%)
	40,7%	25,0%	19,4%	14,9%		100,0%
1997 (19 anos)	201	207	155	117	.107	680 (17,4%)
	29,6%	30,4%	22,8%	17,2%		100,0%
1998 (18 anos)	169	189	179	93	.000	630 (16,1%)
	26,8%	30,0%	28,4%	14,8%		100,0%
1999 (17 anos)	246	317	214	133	.000	910 (23,3%)
	27,0%	34,8%	23,5%	14,6%		100,0%
2000 (16 anos)	218	186	104	64	.002	572 (14,6%)
	38,1%	32,5%	18,2%	11,2%		100,0%
2001 (15 anos)	267	133	113	99	.000	612 (15,7%)
	43,6%	21,7%	18,5%	16,2%		100,0%
2002 (14 anos)	89	48	34	33	.009	204 (5,2%)
	43,6%	23,5%	16,7%	16,2%		100,0%
2003 (13 anos)	14	7	8	4	.627	33 (0,8%)
	42,4%	21,2%	24,2%	12,1%		100,0%
Total	1313	1154	859	583		3909
	33,6%	29,5%	22,0%	14,9%		100,0%

FONTE: o autor (2017). * p ≤ 0.05.

A frequência esperada foi 488,62 atletas por ano (12,5%), definida pela razão entre o número total da amostra e o número de anos que formam o *ranking* das categorias de base da CBAt, analisadas neste estudo. Em relação ao total da amostra (resultados dos atletas por ano de nascimento), o teste de qui quadrado (x^2) identificou diferença significativa entre os quartis de nascimento ($x^2(3)=85,086$; $p<.02$). Ainda, foram encontradas diferenças significativas ($p \leq .05$) nos valores observados e esperados entre os quartis dos seguintes anos de nascimento: 1998, 1999, 2000, 2001 e 2002.

GRÁFICO 15 – RESULTADOS POR IDADE SEPARADOS POR QUARTIL DE NASCIMENTO.

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

As categorias do atletismo analisadas foram as sub-16, sub-18 e sub-20. É possível observar, no GRÁFICO 15, que as idades de 16 e 20 anos possuem a maior parte de resultados em atletas nascidos nos meses iniciais (Q1) destas idades. Na verdade, isso não se observa somente nas idades de 17, 18 e 19 anos, mesmo assim, a maioria dos resultados destas idades estão no primeiro (Q1) e segundo (Q2) quartis de nascimentos. Então, para as idades de 14, 15, 16 e 20 anos, identificou-se que conforme aumenta o quartil de nascimento, diminui o número de resultados. Isto é, os atletas nascidos nos meses finais do ano, possuem menos resultados. Por outro lado, outra questão observada, é que o ano constituinte das categorias analisadas (16, 18 e 20 anos) não possui a maioria dos resultados.

É importante destacar que, independente do sexo, a frequência observada de resultados tendem a permanecer para os nascidos nos primeiros meses do ano, tanto para o masculino, quanto para o feminino – conforme revela a Tabela 15.

TABELA 15 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR SEXO DIVIDIDOS POR QUARTIL DE NASCIMENTO (continua)

	Efeito da Idade Relativa	Sexo		Total
		F	M	
Q1	Frequência de resultados	653$_a$	660$_b$	1313
	% dentro do sexo	31,9%	35,4%	33,6%
Q2	Frequência de resultados	642$_a$	512$_b$	1154
	% dentro do sexo	31,4%	27,5%	29,5%
Q3	Frequência de resultados	404$_a$	455$_b$	859

	Q4	% dentro de sexo	19,8%	24,4%	22,0%
		Frequência de resultados	345_a	238_b	583
		% dentro de sexo	16,9%	12,8%	14,9%
Total		Frequência de resultados	2044	1865	3909
			52,3%	47,7%	100,0%

Legenda: a e b: cada letra, denota um subconjunto de sexo, para cada quartil, cujas proporções da coluna não diferem significativamente entre si no nível .05.

A respeito do processo de treinamento, "[…] o ideal para o atletismo seria o técnico pensar num processo a longo prazo, sem pressa para resultados […]" (T2). A respeito disso, o treinador T1 apresentou – no depoimento a seguir – o caso de um projeto de atletismo pensado na perspectiva a longo prazo:

> O Projeto Futuro, hoje Centro de Excelência do Esporte que acontece no Ibirapuera, em parceria com o estado de São Paulo e Secretaria Municipal de Esporte, começou em 1985 com o atletismo, em 1994 entrou o atletismo feminino […] tínhamos um pensamento de formar atletas olímpicos, e somente em 2008 saiu uma campeã olímpica desse projeto e pelo caminho ainda tivemos vários medalhistas em campeonatos internacionais, como Jadel (Jadel Gregório), Claudinei Quirino, Jeferson Sabino […].

Ligado ao assunto "treinamento a longo prazo", o tema "talento esportivo" (*f*=26%) foi uma constante no discurso dos treinadores, conforme afirmou T2: "[…] o ideal seria se tivéssemos essa ideia de treinamento a longo prazo bem fixada entre os técnicos, somado com atletas talentosos […]". Com isso, "[…] sem dúvida, o Brasil poderia ser uma referência mundial no atletismo […]" (T5). Na opinião do técnico T6, "[…] isso é o segredo de alguns países, como Jamaica, Estados Unidos […] em alguns casos o treinamento deles não difere do nosso, mas eles conseguem absorver os jovens talentos, assim, todo momento aparece um jovem talentoso […]". O técnico T3 complementa que, "[…] infelizmente, o universo de atletas talentosos das grandes potências do atletismo mundial é muito maior que o nosso […]". Na opinião de T5, "[…] tem muitas variáveis importantes na formação e desenvolvimento dos atletas, mas nada supera a, figura, a importância do treinador […]".

Nessa perspectiva do atleta talentoso, foi possível identificar algumas características comportamentais do atleta brasileiro. Para T2, o atleta brasileiro precisa "[…] querer treinar (*f*=20%), tem muito talento que não quer treinar firme […] vejo jovens atletas com um comprometimento muito baixo com o esporte […]", do

mesmo modo, os técnico T1 e T3, respectivamente, relataram que: “[…] eu sou das antigas, tínhamos poucos recursos, mas muito compromisso com o atletismo, por isso saíram daqui atletas como André Domingues, Claudinei Quirino […]”, “[…] é uma questão de prioridade: em vez do atleta descansar, dormir o suficiente, ele fica no celular, no watswap conversando até madrugada, ai no outro dia está cansado e tenho que reduzir o treino […]”. Para T6, o treinador precisa entender que “[…] hoje existe uma outra geração de atletas, as vezes dispersa, sem foco, porque eles têm muita informação, têm uns de 18 anos que acham que sabem mais que o treinador, o treinador tem que estar atento a isso e se adaptar, inovar no seu trabalho […]”.

O técnico T4 relatou que, no Brasil, existe “[…] uma cultura diferente de outros países com relação ao processo de treino, se você apertar muito, teu atleta pode abandonar, tem muito atleta que não suporta sofrer em treino […]”; ou então, “[…] tem que saber a hora de bater e aliviar […] para isso é importante entender a origem do atleta, como ele se comporta no dia a dia” (T1), ainda, T3 afirmou que: “[…] cansei de perder atleta talentoso que não queria pegar firme no treino, treinar duas vezes por dia, mas a gente sabe que alguns lugares do mundo treina-se muito pesado e o atleta respeita, entende que é o melhor para ele” […] exemplificado por T4, ao mencionar “[…] o caso que todo mundo sabe: o Bolt, treina igual ou mais que o companheiro, Blake (Yohan Blake), ele se dedica muito, por exemplo, como tem dificuldade treina muito a saída do bloco […]”. Por fim, o técnico T6 reforçou que “[…] é difícil achar no Brasil o atleta talentoso que gosta de pegar pesado, de treinar focado […] se conseguir isso, o trabalho do técnico fica muito fácil e ele terá sucesso junto com o atleta […]”.

No caso deste estudo, esta problemática pode ser observada na fala de T1, ao dizer que “[…] tem atleta no atletismo que não tem muito talento, mas suporta o treinamento intenso e consegue ser muito constante na temporada, esse atleta supera facilmente o talentoso que não gosta de treinar”.

A questão do sacrifício (*f*=17%), também emergiu no discurso de T5:

> […] para quem está fora é muito bonito ver um atleta no auge, nos Jogos Olímpicos, mas você acompanhou o dia a dia na pista, viu que não é bem assim […] o atleta precisa se submeter a 3, 4 horas diárias na pista, 6 dias por semana, as vezes no domingo, fazer dieta, sem lazer, abdicar da família, pois muitos são de outras cidades.

As dificuldades no dia a dia de um atleta de atletismo, também serão apresentadas no próximo estudo desta tese, que envolve o discurso dos atletas.

Sistema para formação e desenvolvimento de atletas

QUADRO 17 – ASPECTOS FAVORÁVEIS E DESFAVORÁVEIS NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS

Categoria	Unidade de Registro das Subcategorias
Sistema para formação e desenvolvimento de atletas	T2 […] existe um treino tradicional no atletismo. T3 […] tendência de uma formação mais atrativa, até os 12 anos T3 […] técnico do atleta com 15, 16 anos já pode buscar refinar melhor as técnicas vistas na iniciação. T6 […] são poucos os programas de atletismo no Brasil, que possuem todas essas fases claras, bem definidas, com objetivos. T3 […] a maioria das equipes adultas não desenvolvem a base. T1 […] não existe um modelo único para o ensino, aprendizagem e treinamento do atletismo brasileiro. T1 […] ensino do global para o específico. T4 […] na estruturação de treino é necessário considerar a especificidade da modalidade e do atleta. T3 […] formação esportiva de base é fraca, com baixo repertório motor. T4 […] isso afeta o trabalho do técnico de alto rendimento T5 […] também é importante a formação do cidadão. T5 […] a educação física não contribui na formação de atletas de base, que não sabem nada de atletismo. T6 […] desvalorização do técnico que atua com os jovens atletas.

Fonte: o autor (2017).

Um dos objetos desta pesquisa, reside em tentar identificar – a partir dos depoimentos de diferentes técnicos – como os treinadores atuam na formação esportiva e no alto rendimento do atletismo. É importante destacar que foram frequentes, nos discursos, características que induzem a organizar um modelo de trabalho no atletismo (*f*=26%).

Segundo os treinadores, existe um treino tradicional para o atletismo, composto por aquecimento, alongamento, exercícios de coordenação motora e o trabalho específico de acordo com as provas da modalidade. Para o treinador T3, "[…] boa parte dos técnicos, ainda utilizam muito essa sequência […] eu já fiz muito isso". A parte de coordenação supracitada é o momento em que o atleta executa gestos motores similares as provas do atletismo, por exemplo, o *skipping* (elevação de joelhos até a linha do quadril) (SCHMOLINSKY, 1982; KIRSCH; KOCH; ORO, 1988; MATTHIESEN, 2007).

A partir das inquirições, foi possível identificar como deveria acontecer o treinamento na iniciação esportiva (*f*=29%): “[…] ao longo da prática, o iniciante deve aprender as técnicas básicas de todas as provas do atletismo […]” (T2), por meio de um trabalho “[…] multilateral, em que o treinador pode passar experiências gerais de movimento para os atletas, uma formação motora ampla, que ele possa fazer no futuro vários esportes […]” (T3) e trabalhar “[…] com os iniciantes até 12 anos, com jogos esportivos, atividades lúdicas, desenvolvimento da autoimagem e competições adaptadas (T5)”. O técnico T1 complementou: “[…] eu sempre falo para os pares que trabalham na formação: o atletismo deveria ser mais jogado, por que não fazer atividades com bolas? os jovens gostam […]”. Para T4, o treinador também deve passar “[…] brincadeiras fundamentadas para os jovens e ficar meia hora olhando-os […] o olho clínico é a melhor forma de identificação de talentos que existe […] aí convide todos para o projeto e o desafio maior do treinador será fazer com que todos fiquem nele”.

Nesse sentido, o técnico T2 apontou que, atualmente, o Brasil precisa focar “[…] na formação de novos atletas […] enquanto não conseguirmos aumentar o número de praticantes, da base, teremos dificuldades com resultados no futuro […] teremos atletas, mas sem potencial para estar num pódio”. Vale destacar que, na investigação desta tese – acerca da opinião dos gestores – constatou-se que estes mencionaram o Mini Atletismo e, nesse caso, ele entraria na etapa de iniciação. O formato e objetivo do Mini Atletismo vai ao encontro do discurso dos técnicos, os quais citaram ser uma etapa que visa incutir no praticante o gosto pela modalidade por intermédio de práticas lúdicas.

A iniciação esportiva, portanto, é “[…] a primeira fase de construção do atleta, então depois dela, nas competições, é indicado que o atleta faça diferentes provas do atletismo, ou seja, pode fazer 50 metros rasos e também arremesso do peso”. (T4), segundo o treinador T1, “[…] seria, então, o momento das provas múltiplas”.

Nas etapas iniciais, portanto, o técnico de atletismo “[…] deve conhecer o funcionamento básico de todas as provas do atletismo […]”, depois das provas múltiplas, o técnico “[…] do atleta com 15, 16 anos já pode buscar refinar melhor as técnicas vistas na iniciação […]” (T3), sempre que possível o técnico “[…] pode definir o grupo de provas que seu atleta irá participar e iniciar programas individuais e simular competições […]” (T1), então, as competições formais devem estar presentes nessas idades, e o técnico deve “[…] exigir um bom comportamento do

atleta no período competitivo, como preparação mental, física, para que o jovem atleta busque fazer o seu melhor, independentemente dos resultados". (T4).

Segundo os técnicos, à medida que os atletas progridem, ingressam na etapa de desenvolvimento do grupo de provas. Para os técnicos, aprimorar o grupo de provas, seria uma etapa de especialização inicial, em que "[…] o atleta de 17, 18 anos já precisa ter um bom domínio da técnica fina da sua prova preferida, consequentemente treinar técnicas específicas do seu grupo de prova […]". Também, o atleta necessita de "[…] frequência e intensidade nos treinos e as competições serão aumentadas nessa fase […]", além disso, o técnico "[…] deve definir uma especialidade para o atleta […] fazer uma individualização completa do treinamento […]" (T1).

Para os técnicos, tudo o que já foi visto em fases anteriores, será aprimorado na fase de alto rendimento. O técnico "[…] deve esperar para ver como o atleta evolui no processo de treinamento para o alto rendimento, […] e continuar estimulando o potencial coordenativo do atleta, o psicológico […]" (T5). O treinador, ao possuir "[…] um amplo conhecimento do seu atleta, tem boas chances de fazer com que ele cumpra os objetivos do processo de treinamento […]" (T2), e possibilite assim, "[…] o atleta atuar no alto rendimento e buscar resultados expressivos". (T1).

QUADRO 18 – ORGANIZAÇÃO DAS ETAPAS E IDADES DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETA A PARTIR DO DISCURSO DOS SUJEITOS

Etapas	**Iniciação**	**Provas múltiplas**	**Grupo de provas**	**Especialização inicial**	**Alto rendimento**
Idade Proposta	6-12 Mini atletismo	12-14 Praticar diversas modalidades do atletismo	15-16 Velocidade/barreiras/ revezamentos; saltos; arremesso/lançamentos; meio fundo, fundo, marcha	17-18 Dominar a técnica fina de uma especialidade	18-20+ Aprimorar e evoluir

FONTE: o autor (2017).

Como relatado, os tópicos elencados no Quadro 18 não são novidade na literatura, mas, foi necessária uma breve síntese sobre o assunto para apresentar o que seria um importante resultado do presente estudo. Os técnicos destacaram, com veemência, que geralmente acontece do atleta – por deficiência na formação esportiva de base (*f*=20%) – permanecer um tempo maior em algumas das etapas

supracitadas, como grupo de provas ou na especialização inicial. O que para os treinadores, pode atrasar o processo de treinamento do atleta e a evolução pode se dar em idades mais avançadas, por volta dos 22 aos 23 anos.

Então, faz sentido os treinadores considerarem o fato dos principais clubes de alto rendimento possuírem somente a categoria adulto, como uma barreira para o processo de desenvolvimento do atleta de alto rendimento. Conforme relatou T3, "[…] a maioria dos meus atletas representam clubes que possuem somente a categoria adulto […] clubes que não possuem as fases iniciais e intermediárias de desenvolvimento". Os técnicos T1 e T4, respectivamente, resumiram a problemática:

> […] a gente recebe alguns atletas com bons resultados, com 19, 20 anos, e tem vezes que não sabemos do histórico deles, em alguns casos não acompanhamos esse atleta na sua formação, o que eles fizeram ou como eles treinavam […] isso justifica o fato de que vários atletas chegam para treinar em São Paulo e não evoluem, ou isso demora demais para acontecer.
>
> […] jovens atletas chegam para treinar aqui no clube com uma base muito fraca do atletismo, parece que pularam as etapas de formação (ver também Quadro 18) então, a maioria dos jovens atletas do país demoram muito nessa preparação geral o que atrasa o nosso trabalho, por exemplo, para um atleta começar a fazer alguns trabalhos corretos de força, utilizando peso, ou de pliometria ele precisa ter tido uma base muito boa, um trabalho multilateral muito bem desenvolvido, caso contrário o treinamento pode atrapalhar o atleta.

A pliometria é uma atividade que pode ser desenvolvida mediante exercícios de saltos verticais e horizontais, com alta intensidade de execução e amplitude de movimento. Não só diminui a monotonia das sessões de treino, como auxilia no ganho da força e da velocidade, capacidades fundamentais para o desenvolvimento da potência (MOURA; MOURA; BORIN, 2005; MEYLAN; MALATESTA, 2009).

Ainda, o fato dos treinadores entrevistados serem reconhecidos no meio, faz com que muitos atletas queiram treinar com eles. Sobre essa questão o treinador T2 adicionou: "[…] o fato de termos já conseguido resultados importantes chama a atenção dos atletas, então, alguns chegam para treinar e acham que eu vou resolver a vida deles, que eu faço milagre, mas esquecem de se dedicar e continuam na mesma […]".

Na visão dos sujeitos da pesquisa, alguns países – referenciais do atletismo mundial – levam grande vantagem no processo de treinamento, conforme o depoimento dado por T3: "[…] alguns países saem na frente, pois possuem jovens atletas que tiveram as fases iniciais bem trabalhadas para o atletismo e o atleta com 17, 18 anos já está preparado para um treino de alto rendimento".

Para o técnico T6, “[…] infelizmente, são poucos os programas de atletismo no Brasil, que possuem todas essas fases (Quadro 18) claras, bem definidas, […] da detecção do talento até o alto rendimento, com objetivos, a longo, médio e curto prazo”. Segundo relatou T5, o projeto da equipe Orcampi/Unimed de Campinas, “[…] é um dos únicos do Brasil que dá a possibilidade do atleta entrar aos 10 anos no Mini Atletismo e competir no Adulto […] também, ela tem como base e parceria, as equipes do IEMA e do IVCL, então, os atletas destaques nessas equipes, ingressam na Orcampi”.

O atleta Thiago Braz, campeão nos Jogos do Rio, defendia esta equipe até 2016 (UOL, 2017c). Não foram identificadas no estudo sobre estrutura física e entidades a presença de tal equipe nas categorias iniciais do atletismo federado (*ranking* da CBAt). Deste modo, o treinador T5 complementou sobre essa questão, ao declarar que a Orcampi contrata para a sua equipe de alto rendimento, os jovens atletas que se destacam nas equipes do Instituto Vanderlei Cordeiro de Lima (IVCL), de Campinas e do Instituto Elizângela Maria Adriano (IEMA), de São Caetano do Sul. Esta última, esteve presente entre as equipes de atletismo do país que obtiveram mais resultados no *ranking* da CBAt – entre os anos de 2013 a 2016, principalmente, nas categorias iniciais do atletismo (ver estudo sobre as entidades do atletismo nacional: GRÁFICOS 3, 4 e 5). O *site* do IVCL[27], revela que esse instituto possui parceria com a Orcampi e, atualmente, atende cerca de 200 crianças e adolescentes (dos 8 aos 18 anos), a maioria, em situação de vulnerabilidade social, mas que também objetiva – quando possível – a descoberta de talento e, consequentemente, inserção na Orcampi.

Ainda, sobre o projeto da Orcampi, o técnico T5 mencionou que o principal motivo dos alunos participarem, “[…] é porque o patrocinador fornece alimentação e transporte às crianças que fazem parte do projeto social de atletismo, e até hoje, foram poucos os atletas desse projeto que chegaram no alto rendimento, pois o objetivo é muito social […]”. Portanto, isso vai ao encontro do objetivo do projeto, mencionado pelo técnico, cuja finalidade é social e não tem como objetivo principal a participação em competições nacionais das categorias iniciais do atletismo.

Nesse contexto, da iniciação ao alto rendimento, também é cabível citar o projeto social Futuro Olímpico, o qual acontece em parceria com a Aeronáutica e

---

[27] Maiores detalhes do IVCL, disponíveis em: <http://ivcl.org.br>.

envolve comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa de criação do Futuro Olímpico é do ex-atleta Arnaldo Silva, medalhista olímpico na prova de revezamento 4x100. O objetivo do projeto e os detalhes de seu funcionamento, podem ser vistos no programa “Como Será” da TV Globo, o qual revela depoimentos de atletas participantes do Futuro Olímpico (GLOBO, 2016b).

Na visão de alguns técnicos, se “[…] definissem (CBAt, ou organizações esportivas) um modelo nacional de como o professor, treinador de atletismo deve trabalhar […] interligando as idades […] (T3)” em que “[…] os técnicos tivessem certeza e clareza do seu papel dentro da sua instituição, seja na formação, ou no alto rendimento […]” (T6), seriam medidas fundamentais na melhor definição da função do treinador e, ao mesmo tempo, contribuiria para o atletismo nacional possuir mais atletas de qualidade.

As ações pedagógicas (*f*=29%) dos treinadores devem fazer parte do programa esportivo ao qual o treinador pertence, conforme mencionou T2:

> A iniciativa de uma formação mais atrativa no atletismo não basta vir somente do técnico que trabalha com a formação, ela deve estar inserida dentro do projeto institucional […] caso contrário podem pensar: esse técnico só faz brincadeirinha com os participantes e não trabalha a prova de modo formal, como ela de fato acontece.

Alguns sujeitos da pesquisa, relataram alguns métodos acerca da pedagogia de treino, utilizados no atletismo, como se transcreve abaixo:

> “[…] para os jovens atletas o interessante é partir do global para o específico, fica mais atrativo o treino, por exemplo, costumo fazer um circuito relacionado as provas com barreira, com muita intensidade e principalmente dinamismo […] aos poucos, coloco algumas especificações, como, só pode atacar a barreira primeiramente entrando com o joelho, ou, no apoio entre as barreiras, utilizar somente a parte anterior do pé […] procuro colocar diferentes espaços entre as barreiras e os atletas que conseguirem devem fazer sempre 3, ou 5 unidades rítmicas entre as barreiras […] isso a gente faz como circuito, como estafeta, uma mini competição com três equipes ao mesmo tempo […] seria uma alternativa para a formação esportiva: entendo que seria do global para o específico (T1).

A forma como o treino de atletismo acontece parece variar conforme as idades dos atletas, bem como a quantidade de atletas presentes no treino; “[…] primeira coisa: um técnico de alto rendimento geralmente não trabalha muitos atletas, uns 7, 8 atletas seria o ideal […] o técnico precisa estar junto dos atletas para correção dos movimentos, por isso, o ideal é trabalhar com poucos […]” (T2).

Então, isso requer uma metodologia de treino diferente daquele “[…] técnico da base que atua as vezes com 20 jovens atletas, chutando por baixo […]” (T6).

Nesse último caso, os treinadores apontaram que o ideal “[…] seria ter no mínimo dois professores […]” (T1), para atuar com os jovens atletas, assim, eles poderiam dividir, “[…] um técnico trabalha com os velocistas e o outro fica com o grupo dos lançamentos, isso poderia otimizar o treino e ser atrativo […] caso contrário todos os jovens terão que fazer os mesmos exercícios, e o processo de aprendizagem pode ficar mais lento […]”. No entanto, o técnico T3 afirmou que “[…] a maioria das equipes da base possuem somente um técnico […] como você vai deixar um grupo de 7, 8 jovens de 14 anos fazendo arremesso do peso sozinhos, isso pode dar problema em termos de segurança para os atletas”. Nesse sentido, os treinadores relataram ser fundamental haver no mínimo dois professores por equipe, para atuarem na base. Sobre essa questão, o técnico T6 acrescentou sobre essa questão: “[…] eu te pergunto, será que um gestor de uma equipe tem essa noção? o discurso deles é que é muito caro pagar dois, três professores para trabalhar na iniciação do atletismo […] para mim, quem fala isso, não entende nada de esporte individual”.

Ainda, para T2, “[…] é difícil afirmar que há um modelo único de treino para o atletismo […]”, e o modo como o treinamento vai acontecer “[…] depende muito do técnico, se ele se atualiza, ou não […]” (T6) e também, “[…] não dá para afirmar que existe um modelo correto, ou que determinado modelo de treino não presta”.

> Depois de 2008, das duas medalhas no salto em distância (campeão olímpico no feminino e masculino), me chamaram para um monte de coisa […] fui num congresso da IAAF, nos EUA, e queriam que eu falasse para os treinadores sobre o modelo brasileiro de saltos […] contei como eu trabalhava e no final da palestra quando eu falei que não tinha um modelo brasileiro, eles não acreditaram, perguntaram: mas como? (T1).

Cabe aqui destacar que os técnicos, quando questionados quanto a existência de um modelo para o atletismo brasileiro, citaram que o Brasil perdeu a chance de ser referência em algumas modalidades porque pouco se estudava sobre elas. De acordo com o que relatou o técnico T3, são pontuais os estudos sobre o atletismo no Brasil “[…] é difícil criar um modelo quando existem poucas informações documentadas, estudos sobre a modalidade no país […]”. Conforme T2, “[…] pouca coisa se sabe sobre o estilo, ou técnica brasileira do revezamento, prova em que o Brasil é reconhecido mundialmente […] no Brasil, não existe essa cultura

universitária, de parcerias do atletismo de rendimento com universidades", ainda, segundo T4 "[…] não me recordo de um estudo bom, brasileiro, sobre provas de resistência que realmente tenha aplicação prática e que contribua para o treinador […] utilizo os estudos internacionais, contribuem mais para o meu tipo de prova […]", e o técnico T1 resumiu essa questão:

> […] a gente escuta muito sobre a escola brasileira de salto triplo, como é essa escola? De onde os atletas saiam? O que os treinadores faziam de diferente? Como eram os treinos? cientificamente não temos quase nada sobre uma prova que tivemos bons resultados […] qual estudo que nós temos, por exemplo, sobre a biomecânica do salto em distância com atletas brasileiros? ou um estudo que trate da performance dos atletas brasileiros no salto em distância nos últimos anos […] recentemente fiz um artigo sobre o salto triplo, sobre a distância das três passadas, qual passada dessa técnica é maior para o atleta brasileiro […] penso que esse estudo poderia ajudar o técnico que atua nessa prova, mas aposto que meus pares não vão ler o texto, vou ter que transformá-lo e colocar na revista da CBAt (T4).

Assim, existe uma distância entre o conhecimento científico e a prática esportiva do atletismo. Ainda, ficou evidente nos depoimentos, que os técnicos de atletismo levam muito em consideração algumas características do atletismo (*f*=12%), como o fato da modalidade ser individual, por exemplo, ao mencionarem a dificuldade que um técnico de base tem, ao trabalhar com 20 alunos ao mesmo tempo. Principalmente, no que se refere ao alto rendimento, exige muito do técnico "[…] pensar em um planejamento geral, para todos os atletas […] se não for a mais, certamente é uma das tarefas mais difíceis de um técnico de atletismo […]" (T2), que também não pode esquecer de "[…] levar em conta a especificidade do seu atleta, o que ele precisa para melhorar […]" (T4), por exemplo, "[…] tenho uma atleta que teve uma lesão, então aquele plano geral, anual, já não serve para ela, vou ter adaptar seu treino para que ela consiga no melhor das hipóteses participar da próxima competição […]" (T2), ou então, "[…] aquele atleta que não melhora o seu rendimento, está dois anos treinando e não melhorou sua marca, para mim, essa é uma das piores frustrações como técnico […] (T1)". Portanto – o técnico seja de formação, ou de alto rendimento – "[…] está a todo momento pensando no treino do seu atleta, obviamente quanto mais atletas, mais trabalhoso é para o técnico" (T4).

Ainda sobre a estruturação e planejamento do treinamento que o técnico elaborar, vale destacar o depoimento de T1:

> Lembro que tinha uma época que eu e outros vários técnicos de atletismo usávamos como base na periodização, na elaboração dos treinos os livros russos de preparação física, por exemplo, do Matveiev[28] […] era muito treino, muito volume, o atleta ele tinha muita lesão, ai a gente pensava: poxa, é o treino de uma escola campeã no atletismo, o que estou fazendo de errado? mas hoje a gente entende e foi comprovado que os livros foram pensados nos atletas russos, que muitas vezes utilizavam outros meios para fazerem aqueles treinos, como o doping e hoje se comprovou o que eles já faziam a bastante tempo (T1).

No que tange à preparação para o alto rendimento, o técnico T1 enfatizou que seu treino "[…] é de acordo com as características da sua prova […]". Segundo T2, "[…] depois dos Jogos do Rio, os atletas descansam e já começamos a preparação para outras competições […] não faço mais a preparação geral, de base, como fazia antigamente, para um atleta experiente isso é perda de tempo […]". Portanto, foi unanimidade entre os técnicos que o treinamento do ano é baseado no que o atleta precisa para desempenhar sua prova, de acordo com a especificidade da prova, com o que a prova exige do atleta – tanto física, quanto tecnicamente.

Os treinadores apontaram outras particularidades do dia a dia de treinamento: "[…] estou abolindo de um treino de pista, por uma questão de desempenho atlético, o alongamento, aquele estático, […] na competição então, nunca uso, trabalho o alongamento num treino específico para alongamento" (T1), "[…] atualmente priorizo muito a intensidade de treino, seja jovem, ou do alto rendimento […] já fiz muito de ficar 3, 4 horas na pista, hoje vejo como uma tendência priorizar a intensidade no treinamento diário" (T4).

Sobre as formas de monitorar o atleta, os técnicos apontaram: resultados em competições, composição corporal, frequência cardíaca, avaliação médica, psicológica e testes motores (campo e laboratório). Paralelamente, o técnico necessita "[…] controlar a carga (volume, intensidade) de treino do atleta, diária, semanal, a duração do treino, como ele está se sentido no treino" (T6). Para isso, o técnico T3 afirmou que utiliza "[…] uma forma simples, a partir da Escala de Borg[29] […] pois não adianta forçar muito se o atleta não está bem". O técnico T1 acrescentou que usa "[…] um aplicativo no celular em que o atleta responde 7 perguntas sobre como ele está se sentindo no dia […] o próprio atleta pode

---

[28] Matveiev, L. Los Fundamentos del Entrenamiento Deportivo. Moscou: Editorial Raduga. 1983.
[29] Trata-se da Percepção Subjetiva do Esforço (PSE) (BORG, HASSMEN & LAGERSTROM, 1987). Escala que varia de 0: nenhum esforço; até 10: esforço máximo. Ver também o método proposto por Foster (1998) a partir da PSE.

controlar, serve para monitorar o controle diário do atleta". (T2). Para T4, muitas vezes "[…] o monitoramento preciso da carga interna de treinamento pode definir o sucesso de um atleta no treinamento ou na competição […]".

Além disso, o treinador precisa fazer "[…] com que o atleta sempre melhore seu desempenho e ao mesmo tempo não tenha uma lesão por excesso de treinamento […]" (T4). Para isso, o mesmo entrevistado, relatou que utiliza respostas da frequência cardíaca e, também, a percepção subjetiva do esforço (FOSTER, 1998) – como forma de monitorar o treinamento e quantificar a intensidade e a duração de uma sessão de treino.

Para T6, "[…] cabe ao técnico sempre buscar novas estratégias para otimizar o treinamento do seu atleta". No treino de pista, ou que visa a melhora da técnica, a filmagem é um recurso utilizado e citado pelos investigados na análise do movimento do atleta, conforme mencionado por T3, "[…] antigamente eu precisava deixar um final de semana a filmagem no laboratório de informática para conseguir um vídeo do atleta, hoje, você faz o vídeo do seu celular […]". Ainda, para T6 "[…] se o técnico (da formação, ou do alto rendimento) tem um bom olho clínico, ele já sabe pelo vídeo no que o atleta errou e no que atleta precisa melhorar para aumentar sua marca […]". Também, além dos equipamentos esportivos oficiais de cada prova, os depoimentos identificaram que os técnicos utilizam outros materiais como fotocélula, trenas, caixotes e cordas. Bem como, adaptam e desenvolvem alguns materiais, ou estruturas que visam diversificar e melhorar o treinamento.

Foi identificado, a partir dos discursos dos sujeitos, que geralmente os técnicos de atletismo fazem testes físicos no dia a dia de treino, na seleção de atletas e que não são nacionalmente padronizados. O técnico T4 ressaltou que a CBAt está tentando uma cooperação com as escolas localizadas próximas "[…] do Centro Nacional de Atletismo, no Rio de Janeiro e fazendo diversos testes nos alunos, com a intenção de identicar talentos e de que os jovens selecionados treinem nesse centro e, é uma forma de aproximação com a comunidade local […]". Tratam-se de testes para "[…] identificar e medir as habilidades e capacidades de possíveis talentos […] impulsão vertical, horizontal, força de membro superior, velocidade, resistência, composição corporal […] mas isso não é padrão e até o momento nada dos testes estão publicados […]" (T5).

Para T3, "[…] o problema de selecionar somente por meio desta variável (teste físico) é que você pode deixar alguém de fora da sua seleção […] o Thiago

Braz chegou a não ser selecionado para a equipe da Rede, porque na ocasião, não foi bem nos testes físicos […]".

O técnico T2 afirmou que, muitas vezes, utiliza os testes para "[…] ter uma noção em qual prova o atleta pode se destacar, ou ter uma facilidade para executar". Os técnicos relataram que não é uma tarefa fácil ser preciso na escolha e direcionamento da prova ideal para o atleta treinar e competir.

> […] já tive um atleta que entrou na equipe, só para completar, porque tínhamos uma vaga no 400 metros e 4 x 400 […] era um atleta esforçado e deixamos ele ficar na equipe, lembro que ele ficou indignado na época e não melhorava de maneira alguma, até que fomos baixando a prova dele, começou a treinar para a prova dos 200 metros, foi melhorando, no fim, passamos para o 100 metros, ai o rendimento dele melhorou mais ainda, tanto é que chegou em várias finais de brasileiro, sendo campeão do Troféu Brasil.

A relação atleta e treinador foi abordada pelos técnicos, no sentido de que além da formação do atleta, da parte técnica e da sequência de treino "[…] é importante a formação do cidadão (*f*=5%), porque nem todos viram atletas, na verdade, são poucos que chegam no alto rendimento […]" (T5), para tanto, o técnico tem "[…] que orientar o atleta com bons exemplos, mostrar o lado bom que o esporte pode proporcionar e contribuir para o dia a dia do atleta […]". Também, conforme relatou o técnico T4, é importante "[…] envolver a família no processo de treino do atleta […] ela pode apoiar o atleta, então isso ajuda o técnico e caso ele se destaque a família já sabe como funciona o esporte". (T3).

Muitas vezes acontece do atleta perder o vínculo com o técnico formador "[…] por que esse atleta precisou mudar de cidade ou de centro de treino para continuar no atletismo […], geralmente, tem atleta que faz questão de lembrar do técnico formador, ou do antigo técnico" (T2), "[…] recentemente fiz um almoço e convidei uns atletas […] vieram até os que não estão mais treinando comigo, é sempre muito bom revê-los […]." (T6).

O técnico T3 ressaltou que todo treinador "[…] sonha em ter um atleta nos Jogos Olímpicos, então aquele técnico que trabalha na formação e perde o atleta para outra cidade, ou clube, muitas vezes se sente desvalorizado (*f*=3%) […]", para o técnico T5 o técnico formador "[…] na maioria das vezes não leva o crédito quando um atleta que iniciou com ele, consegue destaque internacional". Similarmente, T4 complementou que "[…] as entidades que formam, as prefeituras, associações, que investem no atleta, e junto com o técnico fazem o trabalho de base, também não

levam o mérito, […] então, dependendo o caso, não recebem nada financeiramente por isso […]". Conforme também visto nos capítulos anteriores desta tese, essa questão, reforça a necessidade da elaboração de medidas que beneficiem os agentes formadores de atletas e os motivem a continuarem nesse processo. Por fim, vale ressaltar – com base na categoria "formação continuada e capacitação dos treinadores" – que muitos desses técnicos não são chamados pela CBAt, ou COB, para capacitações, pois, não têm atletas de alto nível. Assim, ficam sem a oportunidade de aprender, evoluir e quem sabe formar o atleta e continuar com ele na categoria Adulto.

Outro assunto, elencado a partir do discurso dos treinadores e que é considerado pelos mesmos como um aspecto negativo no processo de formação de atletas, foi o pouco incentivo que o atletismo possui nas escolas (*f*=5%) e principalmente enquanto disciplina curricular. Para o técnico T1, a Educação Física Escolar "[…] não contribui com o treinador que trabalha com os jovens atletas […]", conforme T5, "[…] se tivéssemos uma Educação Física de qualidade, nosso atleta, com 17 ou 18 anos poderia ter um repertório motor maior e entraria mais facilmente no alto rendimento […]". O depoimento de T3 resumiu essa problemática ao relatar que:

> No início de carreira cheguei a trabalhar num reconhecido colégio particular com treinamento de atletismo […] os alunos eram encaminhados para o treinamento pelos professores de educação física, […] chegavam para treinar, além das dificuldades motoras, não sabiam nada sobre o atletismo, não sabiam uma regra básica da modalidade, não sabiam o que era um bloco de partida […] infelizmente, a verdade é que a educação física escolar pouco contribui para o desenvolvimento da modalidade no Brasil, diferente de alguns países tradicionais na modalidade, por exemplo, a Suécia (T3).

O técnico T1 relatou o caso do atletismo do Japão: "[…] todos os escolares são obrigados a passar pelo atletismo e todas as escolas participam de competições […] os que se destacam por volta dos 15, 16 anos vão para escolas específicas de atletismo, com treinamento específico […]". Ainda, o mesmo entrevistado mencionou um motivo que ajuda a entender o porquê das escolas serem bem estruturadas, valorizarem e desenvolverem o esporte:

> […] quanto mais resultados esportivos as escolas e principalmente as universidades conseguem, mais verbas elas recebem do governo […] então, o atleta está na universidade para estudar, mas principalmente para treinar e competir, o atleta é cobrado por resultado […].

O treinador acrescentou que as universidades japonesas querem ganhar a tradicional competição nacional, chamada "[…] Ekiden, revezamento com várias distâncias. É o sonho de muitos jovens ganhar essa prova, isso ajudou o Japão a ser forte em provas de meio fundo e fundo, mas tem atleta que busca o esporte para ter um trabalho e nem querem ser atleta profissional". A importante contribuição da Educação Física Escolar e do esporte escolar para o esporte do Japão, pode ser visto no documentário transmitido no programa Esporte Espetacular (GLOBO, 2017d).

Um dos países de sucesso no esporte, e que utiliza a escola e a universidade como estruturas fundamentais para o desenvolvimento de vários esportes, são os Estados Unidos (COAKLEY, 2008). Sobre o funcionamento do atletismo americano, e relação com a escola, o T2 afirmou que o atletismo não está entre os esportes "[…] mais populares na escola, mas todos os alunos passam por ele, o campeonato nacional escolar possui inúmeras divisões, então se o aluno não der certo no basquete, o atletismo pode ser uma opção para entrada na faculdade […]". Essa opinião também foi compartilhada por T3 e T6 que acrescentaram, respectivamente, sobre essa questão: "[…] não é todo mundo que tem cerca de 300 mil dólares para bancar uma faculdade, mas elas oferecem bolsas para atletas, os melhores do país não pagam nada […] então é uma questão cultural, familiar, a criança faz vários esportes na escola, entre eles o atletismo […]". Ainda, conforme mencionado, não é fácil para o estudante ingressar, fazer parte dos esportes mais populares, como basquete, beisebol, futebol americano, mas no atletismo:

> […] o atleta sabe desde cedo que pode se enquadrar em alguma das inúmeras provas do atletismo e conseguir vaga numa equipe universitária […] por exemplo, o cara tenta beisebol e percebe que não vai dar certo, mas ele fez atletismo e sabe que foi bem no lançamento do dardo então participa do atletismo […] não estou dizendo que é fácil entrar no atletismo, pelo contrário, o nível universitário é muito forte, mas com o atletismo as chances aumentam de entrar na faculdade com bolsa e ficar com ela até o final do curso, porque se o atleta universitário se machucar a NCAA[30] paga a faculdade […].

Identificou-se nesta tese, no estudo sobre os gestores, que muitos atletas brasileiros abandonam o esporte com 18 ou 19 anos por uma questão social, já os

---

[30] NCAA, sigla inglesa para *Associação Atlética Universitária Nacional,* é a entidade máxima do esporte universitário dos Estados Unidos. Organiza e gerencia competições regionais e nacionais entre as universidades do país. Para ver as universidades participantes da divisão principal do campeonato nacional, ver em: http://www.ncaa.com/rankings/trackfield-outdoor-men/d1.

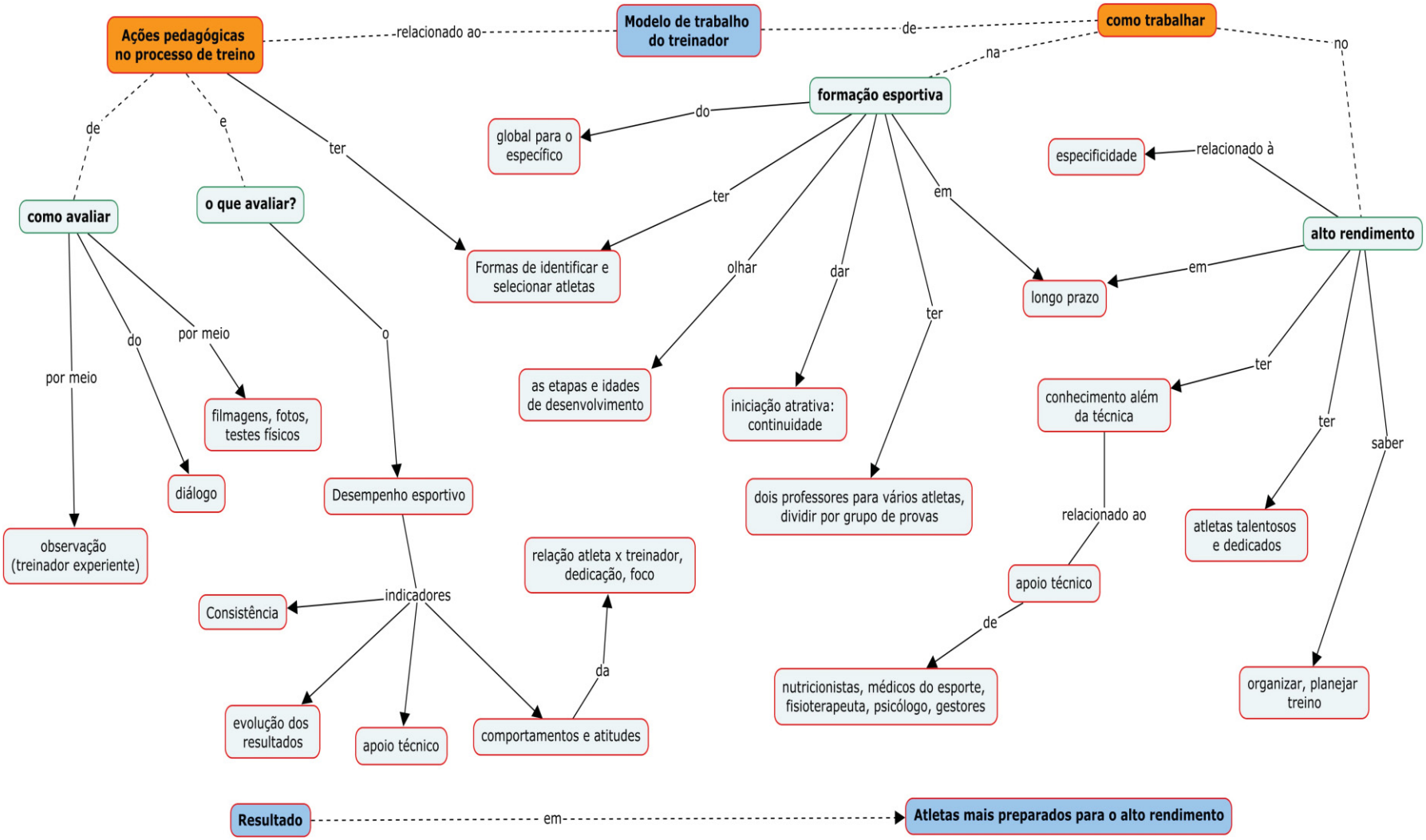
americanos nessa faixa etária continuam com o treinamento na universidade. A Jamaica é outro caso de sucesso no atletismo, conforme T6: a "[…] principal competição do atletismo de base na Jamaica é a escolar […] é uma questão cultural, todos querem ser atleta de atletismo, fazem o atletismo na escola […]". Além disso, T3 acrescentou que "[…] os principais ídolos do atletismo jamaicano, estão na Jamaica, acompanham as competições escolares […] os alunos conhecem os ídolos do esporte, isso aumenta a motivação dos alunos que estão começando no atletismo […]". Com relação à tais casos, o técnico T1 reforçou:

> […] sabemos de vários países que conseguem uma participação muito grande no atletismo […] é claro que esses eles têm os mesmos problemas que nós temos, sabemos que eles também fazem especialização precoce, pois os atletas são cobrados por resultados, eles precisam entrar em boas escolas ou nas universidades, eles também tem abandono de atletas por troca de treinadores […] mas isso parece que não interfere no processo esportivo deles, pois tem muita criança e jovem fazendo atletismo, podem se dar o luxo de fazer especialização precoce […].

Por outro lado, os sujeitos reforçaram que as equipes de base precisam se aproximar das escolas. Para T2, geralmente, um bom projeto de base no atletismo é aquele que consegue ter vínculo com alguma escola: "[…] veja os casos do Centro Olímpico (SP), de Lavras (MG) […] os técnicos desenvolvem iniciativas com as escolas públicas, nas aulas de Educação Física, em que alguns atletas são convidados a participarem dos projetos" (T3).

A Figura 9, por meio de um mapa conceitual, apresenta aspectos do trabalho do treinador.

FIGURA 9 – INDICADORES SOBRE UM MODELO DE TRABALHO PARA O TREINADOR DE ATLETISMO



FONTE: o autor (2017).

Incentivo financeiro

QUADRO 19 – ASPECTOS POSITIVOS ACERCA DO INCENTIVO FINANCEIRO DO ATLETISMO BRASILEIRO

Categoria	Unidade de Registro das Subcategorias
Incentivo financeiro	T1 […] melhorou para o alto nível, porque a mídia estava de olho. T2 […] mudou muito, hoje os atletas de seleção ganham para estar lá. T3 o atleta de alto rendimento que está entre os melhores possui tudo o que ele precisa para se manter […] dinheiro para equipamentos, competições, pagar o técnico […]. T5 ajuda o atleta, mas não é o fator determinante do resultado esportivo. T6 […] hoje o COB ajuda, o ministério do esporte, a CBAt tem patrocinadores, então ficou mais fácil para o atleta conseguir ajuda. T4 […] CBAt fornece incentivo ao técnico que possui resultado, mas é uma ajuda básica

FONTE: o autor (2017).

Uma das formas (*f*=28%) do atleta conseguir ajuda financeira é por meio do programa Bolsa-Atleta. De acordo com o que relatou o técnico T1, o incentivo financeiro "[…] é fundamental para os jovens atletas de 17, 18, 19 anos, eles precisam de ajuda, caso contrário, podem abandonar o esporte e começar a trabalhar para ajudar a família". Sobre essa questão, o técnico T6 complementou:

> […] os gestores, falo os da confederação (CBAt) não podem esquecer da categoria sub-23, ela também faz parte do quadro de categorias da CBAt, mas parece que tem sido esquecida no atletismo, pois a maioria dos atletas que participam desta categoria, são os da sub-20 […] sabemos que dependendo o caso o atleta com 20, 21 anos pode evoluir no esporte e também está abandonando por falta de incentivo, que não existe para a sub-23, o programa da CBAt contempla os jovens atletas, do Sub-18 e 20 e os Adultos que possuem resultados e nem sempre os da Sub-23 conseguem resultados no Adulto, por isso, é necessária atenção a esta categoria […].

Assim, o fator financeiro pode ser considerado como um possível motivo de abandono na modalidade de atletismo, sobretudo para os jovens que, muitas vezes, precisam abdicar do treino para ajudar a família financeiramente.

Importante destacar que, em alguns países africanos – destaques no atletismo – como Quênia e Etiópia, a questão social incentiva a pratica do atletismo. O técnico T2 complementou que:

> […] é difícil entender corretamente o caso de alguns países da África destaques, no caso, nas provas de meio fundo e fundo […] os principais atletas do mundo nessas provas são africanos […] o próprio EUA, tem bons atletas nessas provas, mas a maioria deles, são africanos naturalizados

> americanos […] sabemos que a estrutura na África é muito simples […] na minha opinião o principal deles é a formação de atletas, os jovens querem ser atletas, eles conhecem os grandes corredores africanos, querem subir de vida, ganhar dinheiro e ajudar a família por meio do atletismo, utilizam a corrida diariamente, desde crianças como deslocamento […].

Para os investigados, apesar de estar mudando, a maioria dos atletas brasileiros do atletismo ainda são originários de famílias pobres "[…] que passaram por várias dificuldades" (T2), então o incentivo para esses atletas é fundamental "[…] por uma questão social do país" (T6). Nessa perspectiva, o técnico T1, que faz parte de um reconhecido projeto estadual, complementou:

> […] nós ajudamos muitos atletas aqui ao longo desse projeto, fornecemos um apoio social, por exemplo, o caso do João (nome fictício do atleta) que competiu no Rio: precisamos tirá-lo de onde ele estava quando jovem, pois iria cair nas drogas e tráfico […] teve um período que ele ficou seis meses sustentando a família com o incentivo do clube e do Bolsa-Atleta, era a única renda da família, ele tinha 17 anos na época, então um jovem desses, precisa de um apoio social, de direcionamento […] mas isso, poucas pessoas sabem, poucas pessoas dão valor por um projeto esportivo desses (T1).

O técnico T5 ressaltou que a maioria dos atletas do seu clube […] são de origem muito humilde, mas que também possuem atletas oriundos de famílias com boa condição financeira […] estão aqui porque querem realmente ser atletas de alto nível […]". Igualmente, o técnico T3, mencionou o atleta "[…] João (nome fictício), o principal atleta do país no salto em altura na categoria dele e que tem muito para evoluir, a família dele, é dona de uma empresa de transporte aqui de São Paulo […]". Por outro lado, segundo T3, "[…] existem aqueles que vivenciaram situações sociais de risco e nesse caso, o técnico é fundamental para o acompanhamento e desenvolvimento desse atleta". Para este técnico: "o incentivo financeiro ajuda o atleta, mas sabemos que não é o principal fator para atingir resultados expressivos" (T3).

O técnico T1 também declarou, em harmonia com os discursos acima:

> Já falei em reunião dos técnicos na CBAT: vocês podem tirar o Bolsa Pódio da Ana (nome fictício), aí ficaram me olhando e me questionando: como assim? falei que, conhecendo o perfil da atleta, não vai mudar em nada sua preparação para os Jogos Olímpicos (Rio) […] pois ela é responsável, séria possui toda uma organização para os Jogos, ela não vai treinar mais e menos por causa do Bolsa Pódio.

Para o técnico T6, “[…] dezesseis mil reais para um atleta é muito dinheiro […] teve muita gente sim, que comprou carro com esse dinheiro. Cabe destacar aqui uma situação, relatada por um dos treinadores relacionada à Bolsa Pódio:

> […] tivemos uma briga um tempo com a CBAt, pois achamos um pouco injusto o que aconteceu, veja, meu atleta ficou em 21º lugar do *ranking* mundial de 2014, portanto não obteve a principal bolsa (Bolsa-Atleta) em 2015 […] mas nesse ano seguinte dois russos que estavam bem classificados, foram eliminados do *ranking* por causa do doping […] fomos questionar isso com a confederação, pois como os russos foram eliminados, merecíamos a bolsa, mas não teve alteração […] (T5).

Segundo o técnico T5 o incentivo “[…] não é o fator determinante do resultado (*f*=37%) […] é um item que hoje parece que está dentro do processo de treino, pois vejo que afeta por exemplo, o psicológico do atleta, a motivação […]”. Então, o incentivo é “[…] tão importante quanto, por exemplo, a estrutura física de treino, ou a fisioterapia semanal […]” (T2).

Assim, na opinião dos sujeitos, o incentivo financeiro auxilia o atleta em algumas ocasiões, por exemplo, na manutenção do esporte para os jovens atletas, na participação em competições, na aquisição de suplementos alimentares e de materiais esportivos. Ainda, sobre a importância do apoio ao jovem atleta, o treinador T6 complementou:

> Hoje, muitos atletas do adulto fazem de tudo para se tornarem vinculados às Forças Armadas […] realmente esse projeto de esportes deles é muito bom para o atleta, principalmente pelo dinheiro fornecido, um salário que nunca atrasa para o atleta, pois outras coisas, como estrutura física, plano de saúde, o atleta pode conseguir no seu clube […] mas o problema é que eles (Forças Armadas) focam somente no atleta que já possui um resultado expressivo e tem chance de conseguir medalha nos Jogos Militares […] eles deveriam olhar também para os jovens atletas, pois receber o atleta já formado é fácil […] deveriam ajudar os jovens potenciais da Sub-20, ou Sub-23 […].

O programa esportivo das Forças Armadas, elaborado pelo Ministério da Defesa, ainda será discutido no próximo capítulo, o qual aborda a opinião dos atletas, no caso, de alguns atletas pertencentes às Forças Armadas.

O técnico T1, reforçou a questão de que o incentivo financeiro é um dos fatores, porém não é único responsável pelos resultados finais do atletismo brasileiro:

> Na minha opinião tudo é importante, veja, um atleta de alto rendimento, que treina oito horas por dia, as vezes roda 40, 50 km diariamente, não pode ficar sem suplemento alimentar, tem atleta que gasta quase dois mil reais

> por mês com a nutrição, com suplementos, pois somente a alimentação não dá conta para o atleta treinar diariamente […] então eu digo que esse dinheiro, o apoio ao atleta seja público, ou privado, não pode faltar, se faltar, o atleta não vai render […] também, pode acontecer ao contrário, não basta o atleta ter todo o suporte financeiro, como estamos tendo nesse ciclo (para os Jogos do Rio) e faltar o lado psicológico, a motivação, ficar acomodado, perder o foco, por isso tudo é um complemento […] (T1).

O Brasil "[…] investiu muito dinheiro no atletismo neste período olímpico, e países de menor poder aquisitivo levam mais medalhas que a gente […]" (T3). O técnico T4 reforçou essa ideia ao afirmar que "[…] o problema da falta de resultados não está no fator dinheiro, talvez no momento em que foi aplicado, esse aumento de investimento deveria ter sido oito anos antes […]". Por fim, de acordo com T5, "[…] deveríamos ter olhado para os jovens atletas esses poderiam dar resultados no Rio […] no Rio, faremos a festa para os outros (entrevista em fevereiro de 2016)".

Conforme mencionado, os treinadores investigados – apesar de atuarem principalmente com atletas adultos – relataram que o incentivo financeiro é importante, principalmente para os jovens atletas (*f:* 28%), no sentido de facilitar a permanência destes no esporte. Para isso, os técnicos propuseram que os critérios para fornecer e obter incentivo financeiro nessa faixa etária precisam ser discutidos por técnicos e gestores.

> […] se você analisar a trajetória do Thiago Braz, do salto com vara, em algumas competições que ele participou fora do país - como na época com 18, 19 anos, com pouco apoio financeiro – ele precisou tirar dinheiro do bolso para inscrição, alimentação, hospedagem, para várias competições […] hoje alguns comentam que o atleta conseguiu chegar onde está, por muita insistência […] lembro que queria muito participar dessas competições, estar entre os melhores do mundo, por exemplo competir, aprender com o francês que ele derrotou nos Jogos do Rio […] ele ia nas competições e filmava o salto do francês e dos outros atletas […] claro, desde que passou a ser um dos melhores do mundo, não acontece mais de ter que custear, por exemplo, inscrição em competição […] o que quero dizer, é que quando ele tinha 18, 19 anos ele tinha apoio financeiro, mas dentro das suas colocações, e que as vezes não era o suficiente para algumas situações que ele almejava, como no caso citado, e tem vários jovens atletas que passaram por isso e começaram com 17,18 anos a repensar o esporte e não se dedicar como deveriam. (T1).

O depoimento acima é sobre um campeão olímpico, que teve dificuldades financeiras ao longo da sua trajetória esportiva. Ainda, o entrevistado (T1) relatou que o salto com vara é uma das modalidades mais midiáticas do atletismo, possuindo várias competições oficiais realizadas, principalmente, na Europa em diferentes ambientes, por exemplo, na rua ou em shoppings. A temporada de competições de 2017, para Thiago Braz, começou no final de janeiro. Entre janeiro e

o começo de fevereiro, o atleta já tinha participado de 3 competições desta modalidade na Europa (CBAt, 2017l, 2017m, 2017n).

Apesar disso, os técnicos mencionaram que aumentou o número de participações em competições (*f*=23%) internacionais dos atletas brasileiros de alto rendimento. Para o técnico T1, "[…] no passado, os atletas tinham dificuldade de competir fora e isso precisa ser levado em consideração […] as competições no Brasil precisam melhorar, em quantidade e nível técnico, caso contrário, a melhor coisa é competir fora do país" (T1). Segundo o técnico T3, "[…] graças ao apoio financeiro do poder público, das leis esportivas, da Caixa, do COB, Ministério do Esporte o atleta se estiver bem classificado no *ranking* mundial, consegue participar das principais competições internacionais, ganhando experiência […]".

Ainda, para ter esse processo facilitado e conseguir total apoio das entidades esportivas nacionais, o técnico T2 relatou que:

> "[…] basta ter resultado e entrar no radar do COB […] quando meu atleta entrou entre os melhores do *ranking* mundial me ligaram e falaram que agora ele era foco do COB, mandaram eu escolher onde queria fazer um *camping* com o atleta, tudo pago, isso é maravilhoso, ficamos treinando um mês fora do país […] o atleta fica realmente focado, não se preocupa com nada […] então é muito simples, precisamos ter resultados e entrar no radar do COB […]"

O técnico T3 alegou que a CBAt precisa "[…] criar mais competições nacionais de alto nível, melhorar premiação delas, caso contrário, precisaremos sair do país para competir […]", o técnico T6 complementou que o atleta "[…] se sente motivado competindo com os melhores do mundo, isso faz o rendimento aumentar, e os melhores do mundo competem fora do país […]". Porém, o técnico T4 mencionou que "[…] são poucos os atletas brasileiros que conseguem grana para ficar 3, 4 meses treinando e competindo fora […] eles procuram competir com boas condições o que favorece a obtenção de boas marcas, aumentando a média de seus resultados […]". Ainda, esse processo de intercâmbio de treinamento e competição é "[…] lento, tem o lado cultural, o atleta brasileiro demora para se adaptar e ficar 3 meses em outro país, não sabe a língua […] o lado psicológico, de encarar outra realidade […] mas essa ação deveria ser mais frequente, não isolada, em alguns clubes e atletas" (T5).

O técnico T3 relatou uma característica da sua especialidade: "[…] no Brasil, temos somente 4 competições de marcha atlética na categoria Adulto […] é muito

pouco e ainda com um nível baixo, então precisamos sair do Brasil para melhorar as marcas e aumentar o número e competições, em torno de 10 por ano […]". Para o técnico T2, "[…] o que falta é mudar os resultados nessas competições de alto rendimento, assim, o investimento pode não diminuir […] precisamos resgatar a imagem do atletismo nacional com bons resultados em competições importantes".

> Tem uma situação que é frequente na mídia, geralmente depois de uma competição importante, de um campeonato mundial, ou jogos olímpicos você encontra alguma notícia de um atleta brasileiro que não obteve bons resultados devido à falta de incentivo […] então o atleta fala que não teve incentivo, e as vezes não deixa claro, qual tipo de incentivo e a mídia entende, bate na tecla que faltou apoio financeiro e, isso ganha proporção […] parece que a mídia gosta de escutar isso e muitas vezes acha que o dinheiro é o fator determinante no resultado final […] veja, até pode ter faltado o apoio financeiro sim, pois é muito dinheiro para ficar as vezes um mês competindo fora […] tem clube que não paga um período muito grande, então eu sei de vários atletas que precisam fazer rifa para cobrir o período de competição deles no exterior […] isso é uns dos principais exemplos de amadorismo do atletismo no Brasil, um atelta da seleção ter que fazer rifa para cobrir seu treinamento no exterior, pois ele quer treinar e competir onde estejam os melhores […] mas temos que parar de pensar que somente o financeiro é o principal para o atletismo brasileiro estar entre os melhores do mundo (T3).

Para T6, é necessário que todos do meio do atletismo levem em consideração "[…] as condições da competição ao julgar o resultado do atleta […] se tem vento contra, se for na altitude as marcas do atleta podem melhorar, qual é o local do campeonato, se tem fuso horário, se o atleta está competindo em casa […]". Então, o treinador T1, também reforçou a importância do atletismo brasileiro criar condições para que os resultados apareçam: "[…] tem que rever o calendário das competições do Brasil, o Troféu Brasil acontece sempre no mesmo lugar, em São Bernardo (SP) e no mesmo período do ano, com clima ruim e já existe um desgaste da pista […] assim, os resultados não melhoram".

O treinador T2, complementou que no Brasil, "[…] além do nível reduzido de competições, o número de atletas também é menor a cada ano que passa e, devido ao calendário, dificilmente os melhores atletas estão competindo nas mesmas provas, isso reduz o nível, a competitividade […]". Por fim, segundo T6, o Brasil precisa aumentar o número de atletas de qualidade "[…] nos principais eventos internacionais […] os EUA levam 30 atletas com chances de medalhas e 15, as

vezes, ganham […] nós, temos 3 chances e pode acontecer, por vários fatores, do atleta não fazer o *season best*[31] na principal competição […]".

Outra questão foi levantada pelo técnico T2, especialista nas provas de meio fundo e fundo: "[…] hoje é normal um jovem atleta talentoso não querer atuar na pista e se dedicar as provas de rua […] é por uma questão financeira, as provas de rua têm premiação mais alta e se o atleta quiser ele participa de uma corrida a cada 15 dias". Diante disso, fica evidente que neste caso o atleta não visa qualidade de provas e marcas, ele busca recompensa financeira. Sobre isso, o mesmo treinador complementa: "[…] esse atleta treina sempre meia boca, não existe periodização de treino, pois ele participa com muita frequência, de qualquer corrida […] então hoje o atleta começa na pista, mas é descoberto, reconhecido na rua […]". Ainda, outras particularidades sobre as provas de meio fundo e fundo, apontadas por T2:

> […] o atleta de elite escolhe as suas provas, participa de poucas, das *top five*, como as Maratonas de Nova York, Berlim, Chicago […] se prepara especificamente para elas e se for bem somente em uma delas, conseguir um pódio, pode ganhar mais dinheiro do que aquele atleta meia boca que participa de todas as corridas que aparecem […] então, hoje está difícil achar um talento brasileiro para essas provas: qual atleta brasileiro hoje (2016) que corre uma maratona para duas e quinze (2h15 minutos)? no Quênia, tem 300 atletas que conseguem isso […].

Vale mencionar, aqui, que o técnico T2 adicionou outro fator de queda de rendimento do meio fundo e fundo de alguns países: "[…] muitos países perderam desempenho no meio fundo e fundo devido ao doping […] países que eram referências, hoje não são mais, porque sabemos que utilizavam o doping, mas hoje países como Itália, Espanha, o controle é muito maior, diminuindo os resultados". Apesar de, atualmente, este assunto ter bastante repercussão na modalidade, ele não foi muito enfatizado pelos treinadores, pois, conforme relatou T3: "[…] os técnicos brasileiros não sabem trabalhar com doping, não temos essa formação, não faz parte do dia a dia dos treinadores brasileiros […]".

Com relação ao apoio financeiro que é fornecido aos técnicos (*f*=12%), todos os sujeitos deste estudo relataram que recebem ajuda da CBAt, por meio do Programa Nacional Caixa de Apoio a Treinadores (CBAt, 2015), que contempla os treinadores que se enquadrem nos critérios abaixo:

---

[31] *Season Best* (SB) significa a melhor marca do atleta durante uma temporada de um ano. Pode acontecer do SB, nem sempre ocorrer na principal competição do ano, por exemplo, devido a fatores internos (psicológico), ou ambientais da competição (clima, local).

1) Categoria adulta:

Nível I - será beneficiado o treinador com atletas no TOP 10 da IAAF, em 31 de dezembro de cada ano, assim como o treinador de atletas colocados até o 12º lugar nos Jogos Olímpicos e Mundiais;

Nível II - será beneficiado o treinador com atletas no TOP 20 da IAAF, em 31 de dezembro de cada ano;

Nível III - será beneficiado o treinador com atletas no TOP 30 da IAAF, em 31 de dezembro de cada ano.

2) Categorias sub-20 e sub-18:

Nível I - será beneficiado o treinador com atletas no TOP 10 da IAAF, em 31 de dezembro de cada ano.

Nível II - será beneficiado o treinador com atletas no TOP 20 da IAAF, em 31 de dezembro de cada ano, assim como o treinador que possuir atletas colocados até 12º lugar nos Jogos Olímpicos da Juventude e nos Campeonato Mundiais.

3) Melhor do ano: Torna-se elegível ao prêmio "Treinador do Ano", o profissional que treine atletas entre os TOP 10.

O valor de incentivo, que cada treinador recebe, não foi especificado em tal programa. Ainda, o treinador também pode auferir incentivo financeiro por meio do Plano Brasil Medalhas, o qual possui uma categoria de subsídio designada Bolsa Técnico, destinada aos treinadores que possuem atletas entre os melhores do *ranking* mundial do atletismo e podem receber até R$ 10 mil/mês (BRASIL, 2015).

Segundo contou o treinador T2: “[…] como eu tive dois atletas bem classificados no *ranking* da IAAF, obtive ajuda do governo federal, da Bolsa técnico […]”, e o treinador T3 adicionou que “[…] aquele treinador, contemplado com o Bolsa técnico do governo federal, não recebe do Programa da Caixa/CBAt”. Para T1, o Programa fornece “[…] uma ajuda mensal que serve para cobrir algumas despesas de preparação e treinamento do atleta […]”. Já outra parte dos treinadores deste estudo, como representam clubes, relataram que recebem salários mensais destas entidades. Parte dos treinadores, não são filiados aos clubes, então, relataram que recebem ajuda mensal de alguns de seus atletas e parte de bonificação que os atletas recebem, por exemplo, em competições: “[…] o treinador tem a possibilidade de receber salário e bonificação do clube, por pódio, por medalha, isso na minha opinião seria o ideal para o treinador […] que deveria depender, principalmente, do clube e não tanto de outros apoios […]” (T4); além disso, “[…] se o atleta ganhar

uma competição importante do cenário mundial, ele vai receber um bom dinheiro e parte da bonificação do atleta pode ir para o treinador, isso é combinado entre treinador e atleta" (T6).

Por fim, vale destacar que com base nos depoimentos, notou-se que ainda existe uma desvalorização com relação ao trabalho do treinador de jovens, pois, na maioria dos casos não levam créditos por formarem os jovens atletas, tanto no aspecto financeiro, quanto no aspecto de crescimento profissional. Apesar disso, o Programa supracitado prevê que o treinador formador será beneficiado, no período de 2 anos após a transferência do seu atleta para outro profissional vinculado no Programa CAIXA/CBAt de Apoio a Treinadores. O benefício será dado ao treinador formador que comprovar que o atleta esteve federado por, no mínimo, 1 ano no seu clube de origem. Até o momento do término deste estudo, não foi possível identicar se algum treinador já obteve esse benefício (CBAt, 2015e).

Infraestrutura física e humana

QUADRO 20 – ASPECTOS DISCUTIDOS NESSE TÓPICO ACERCA DA INFRAESTRUTURA FÍSICA E HUMANA DO ATLETISMO

Categoria	Unidade de Registro das Subcategorias
Infraestrutura física e humana	T2 […] existem novas pistas […] pode ser um fator positivo no desenvolvimento da modalidade. T6 […] pistas novas, precisam de equipamentos novos, de praticantes […] T1 […] poucas equipes no país oferecem apoio completo ao técnico e atleta. T3 […] técnicos dos atletas geralmente não pertence ao clube do atleta. T5 […] centros regionais precisam ser efetivados […] facilitaria a continuidade do jovem atleta. T4 […] as organizações reconhecem o que o atleta precisa, as vezes acabam que deixam de lado a figura do treinador.

FONTE: o autor (2017).

No estudo sobre estrutura física, foi identificado que existe pista sintética de alto nível em todas as regiões do país. Nessa perspectiva, para o técnico T2 "[…] as novas instalações (*f*=36%) podem representar uma nova era da modalidade no país […]". Segundo o T6, o cenário de rendimento da modalidade pode ser beneficiado, pois "[…] hoje teremos dois centros nacionais, isso é bom, um no Rio, outro em São Paulo […]". Esse depoimento converge com o que foi encontrado em estudo

anterior, ainda, o mesmo entrevistado complementou que “[…] isso (os centros) descentraliza as ações um pouco do estado de São Paulo”.

O Centro Nacional de Treinamento de Atletismo do Rio de Janeiro (CNTA/Rio), localiza-se na Comissão de Desportos da Aeronáutica, no Campo dos Afonso, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma parceria entre Rede Nacional de Treinamento, CBAt, Aeronáutica e o Ministério do Esporte – o qual sustenta financeiramente o projeto (CBAt, 2017a).

Outra dimensão relacionada à estrutura física, são os centros regionais “[…] que precisam ser efetivados, (*f*=23%), com benefício enorme para o jovem atleta com rendimento que não precisará mudar da sua região, cultura e ficar distante dos familiares” (T1), o que, de fato parece ir ao encontro do que T2 mencionou a respeito do benefício para o jovem atleta: “[…] facilitaria na trajetória esportiva do atleta […], pois, “[…] não é fácil tirar o jovem de 16, 17 anos do seu contexto, da sua cidade e colocar aqui em São Paulo […] tira do seio da família, abandonam a região, alguns não tem maturidade para morar sozinhos” (T4).

De acordo com T5: “[…] sei que Lavras (MG) contará com um Centro (Regional), instalado nas dependências da Universidade Federal de Lavras […] mas não sei te dizer sobre como o atleta, ou o técnico serão inseridos neste centro”. No estudo desta tese, sobre o mapeamento das estruturas físicas do país, de fato, foi possível perceber que a equipe CRIA/Lavras é umas das principais do país nas categorias iniciais e intermediárias do atletismo nacional. Portanto, entende-se como viável que Lavras possua um Centro Regional. O site *cbat.com* publicou em janeiro de 2017, que tal centro foi efetivado no final de 2016, como Centro Regional de Treinamento de Atletismo (CRTA/Minas). No entanto, não foram identificadas informações precisas a respeito dos procedimentos de participação de atletas e técnicos (CBAt, 2017a, 2017b).

Ainda sobre essa problemática, para o técnico T6, “[…] falta um planejamento maior em todos os sentidos […] de um sistema, uma política que interligue as idades […] a CBAt não consegue traçar uma rota de desenvolvimento do jovem talento […]” e na visão de T1 a principal dificuldade “[…] para os jovens atletas é falta de um programa esportivo […] lá em São Paulo eu não sei para qual lugar mandar os jovens atletas com talento […] se existe algum programa nacional de talento, os treinadores não estão sabendo”; similarmente, segundo T3 “[…] tenho um atleta do

interior da Bahia […] eu te pergunto: quem se destaca no interior da Bahia, tenho que mandar para onde? eu não sei para onde […]".

Para o técnico T3, a qualidade da infraestrutura de treinamento disponível contribui para o desenvolvimento de um bom atleta. De fato, o treinador sabe que "[…] o atletismo de hoje possui muitas mudanças tecnológicas, então os atletas precisam treinar em estruturas modernas, com aparelhos modernos". Igualmente mencionado por T1:

> […] dependendo da especialidade do atletismo, a estrutura física tem que fornecer equipamentos auxiliares para objetivos distintos, por exemplo, como um colchão, caixotes […] tudo isso contribui na evolução técnica, física e psicológica do atleta, pois estará treinando numa excelente estrutura, em segurança.

Nesse período olímpico (Rio 2016), "[…] o Brasil melhorou muito suas estruturas para o atletismo, clubes se equiparam, com pistas e equipamentos oficiais e agora é dar sequência e usufruir melhor disso". Em relação aos equipamentos utilizados, "[…] o treinador deve ajudar a supervisionar numa adequada manutenção dos equipamentos e de todo o material que seu atleta venha a utilizar […] para não colocar em risco a integridade do atleta. (T6)."

Os técnicos ressaltam que somente a pista de atletismo propriamente dita não é o suficiente para o rendimento da modalidade. Conforme mencionou T5, "[…] fala-se bastante em centros de rendimento, mas sabemos que ainda a infraestrutura somente na condição de pista não condiz com nomenclatura rendimento". De acordo com T1, "[…] para o desenvolvimento da base, não necessariamente precisamos de pista sintética" […]. Portanto, agora que "[…] temos várias de qualidade no país é muito simples: basta fazer com que utilizem as pistas da melhor maneira, que responsáveis por elas criem equipes e assim definam os propósitos das pistas (T2)."

A respeito do modelo americano de esportes, nesse caso relacionado ao atletismo, os treinadores apresentam algumas vantagens relacionadas à infraestrutura física e humana, as quais fazem com que muitos atletas brasileiros façam seus treinamentos nos Estados Unidos. Conforme mencionou T1, "[…] uma grande vantagem de treinar nos Estados Unidos é proximidade das instalações […]" por exemplo, as universidades "[…] fornecem as estruturas para o treinamento, mas a pista, a academia, o refeitório da universidade, as moradias do atleta ficam

próximas umas das outras, o atleta pode ir andando da residência até o refeitório, ou pista em menos de 10 minutos, fica mais fácil de controlar o treino".

Além da estrutura física, a importância atribuída à infraestrutura humana pôde ser constatada no depoimento dos agentes, cuja composição é formada "[…] por uma equipe multidisciplinar, que seriam os médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, educação […]" (T6). Além disso, T5 acrescentou dizendo que os "[…] profissionais da gestão das equipes, que atuam na administração, comunicação e organização das equipes […]", profissionais que devem estar em conjunto com a comissão técnica. Também, "[…] caso o técnico tenha alguém na sua equipe que domine de tecnologia, orçamento, comunicação, ótimo […] caso contrário, o técnico precisa dominar essas tarefas, por exemplo, a tecnologia está aí para ajudar no treinamento" (T5).

Os treinadores apontaram alguns exemplos que resumem a amplitude de conhecimento que os técnicos precisam adquirir ao longa da trajetória de treinador, para que consigam ser efetivos em algumas situações do dia a dia de treino e competição:

> […] em 2008 foi a única vez na história do salto em distância que teve dois dias de intervalo da fase de classificação para final […] isso foi para privilegiar uma atleta, que fazia outras provas e também a final do distância e, assim, ela teria mais um dia de descanso […] eu sabia que o descanso iria prejudicar minha atleta, ela treinou muito forte nos dias que antecederam os jogos e a prova, mas veja, ela era acostumada a isso, uma dia antes ela levantou 100 kg no agachamento e saiu da sala de musculação com o psicológico lá em cima, se sentindo a mulher maravilha, tanto é que ganhou a competição no seu primeiro salto. (T1).
> O segredo é saber o momento do atleta […] tive uma atleta passou a treinar mais e não melhorou seu rendimento […] recentemente descobrimos que ela não se alimenta, não come, está com anemia (T2).
> O técnico precisa adivinhar algumas vezes o que o atleta está passando […] precisa ensinar como o atleta deve se comportar na mídia […] então, quando tem muita pressão, expectativa a respeito do desempenho de algum atleta de atletismo, geralmente as coisas não dão certo, veja o caso do revezamento feminino no mundial da Rússia de 2013, tinha muita expectativa em cima das meninas, era uma das poucas chances de medalha […] aquilo não foi falta de treino, a equipe que mais treina passagem de bastão é a brasileira, todos sabem disso […] e o problema, foi depois daquilo: como integrar novamente essas atletas do revezamento, sendo que uma jogava a culpa na outra […] como treinar num ambiente desse?

Os treinadores alegaram a dificuldade de conseguir um apoio técnico (*f*=41%), tanto na formação de atletas, como no alto rendimento – conforme pode-se observar no relato dado por T3: "[…] hoje tem muito amigo que me ajuda no

treinamento dos meus atletas, a psicóloga é minha amiga e mora em outra cidade […]". O técnico T1 mencionou que sobre a nutrição de seus atletas, que "[…] o clube não oferece refeitório, eu tive que verificar, conversar com os restaurantes aqui perto e indicar para os atletas". Vale destacar que este técnico possui duas medalhas olímpicas na sua carreira como treinador e comenta que, mesmo assim, possui dificuldades no dia a dia de treino, por exemplo: "[…] poucas vezes eu tive ajuda da biomecânica nos treinos e essas poucas vezes me ajudaram um monte na melhora do desempenho do atleta, na correção da postura dele, na técnica em geral" (T1).

Outro exemplo, que diz respeito à dificuldade de apoio ao técnico, pode ser visualizado no depoimento abaixo:

> Aqui quando alguém se machuca é complicado usar a fisioterapia que o clube oferece, o atleta precisa ir quase morrendo na fisioterapia e as vezes depende de sorte de encontrar um fisioterapeuta que quer trabalhar com atleta profissional […] acho que as universidades deveriam atuar mais no esporte de alto de rendimento, fornecer ajuda […] com certeza eles podem contribuir um monte com a gente, esses profissionais precisam de estágio e poderiam nos auxiliar aqui na pista, seja na fisioterapia, isso também poderia ser na nutrição, num trabalho psicológico. (T3).

Os treinadores destacaram que, no Brasil, somente algumas equipes possuem ampla estrutura para atender o que o técnico deseja e suprir as necessidades dos atletas. De acordo com T4, "[…] o ideal é que toda a estrutura humana estivesse centralizada no local de treino, assim o atleta não precisaria se deslocar […]". Também, conforme afirmou T2, ao dizer que:

> […] isso é coisa rara no país, somente em dois, ou três clubes acontece isso […] Pinheiros e BMF Bovespa (B3 Atletismo) sei que fornecem um apoio completo […] tem a Orcampi, que tem, por exemplo, o mesmo patrocinador da BMF, mas atualmente, vejo que está um pouco abaixo dessas duas equipes, mesmo assim, tem bons atletas lá na Orcampi […].

De fato, o treinador para atuar com consistência no alto rendimento precisa "[…] ser experiente, ter atletas talentosos, ter uma boa estrutura de treino, e isso tudo somado a um grupo de apoio de alto nível […]" (T5).

Para o técnico T3: "[…] uma coisa é certa: o treinador sempre precisa de ajuda e não pode hesitar em pedir […] eu já fiz muito sozinho, lavava o uniforme, levava água para competição, então o treinador precisa de apoio". Vale destacar que os treinadores relataram que, muitas vezes, os atletas são atraídos pelas principais equipes em virtude delas fornecerem um certo apoio. Também, em muitos casos,

tais equipes convidam determinados atletas para competirem por elas. Sobre isso um dos técnicos relatou que:

> […] no passado, já perdi muitos atletas para outras equipes […] hoje, como sou mais reconhecido, dificilmente o Pinheiros vai convidar o meu principal atleta […] não é porque eles não querem, é porque antes de falar com um atleta meu eles sabem que, por respeito, tem que falar comigo primeiro, então eles nunca convidaram […] (T4).

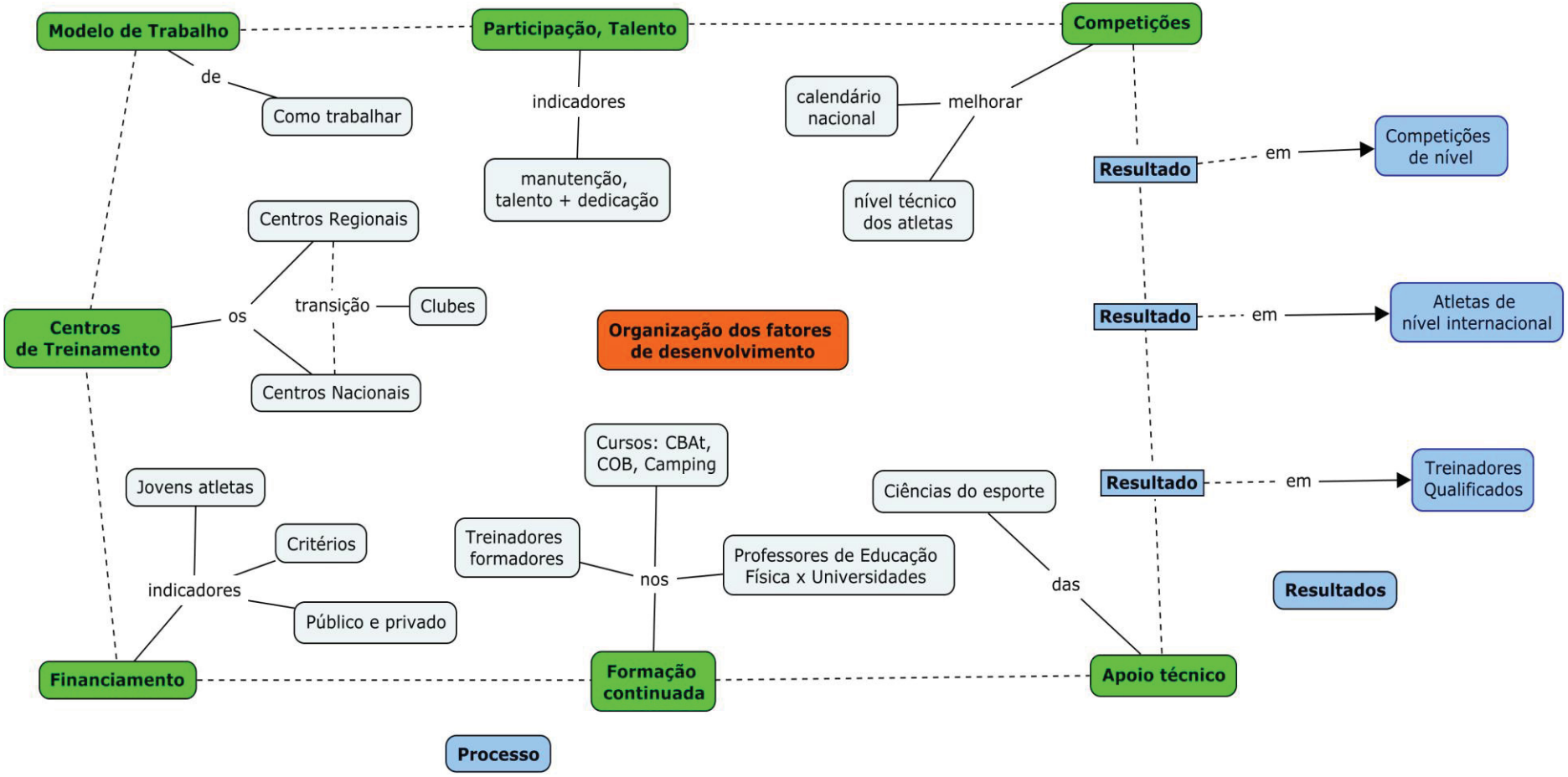
Outra situação nesse sentido e que merece reflexão – para os investigados –, é que a maioria das entidades nacionais de atletismo tem a consciência da importância de apoiar eficazmente os atletas, conforme representado na citação de T4: “Fui atleta […] eu tinha apoio de todos, da comissão, diretores […] todos sabiam que eu tinha que dormir cedo, cuidar da alimentação, treinar todos os dias, ter uma boa estrutura, todos me passavam confiança […]”. Portanto, os técnicos questionaram se essa preocupação também existe para o treinador:

> […] será que os treinadores não deveriam ser tratados no mesmo nível dos atletas? Será que o treinador também não precisa estar bem psicologicamente para ter uma boa relação com o atleta? […] o treinador também sofre pressão por resultados […] (T4).

Para os entrevistados, parece que as entidades brasileiras de atletismo não estão levando isso em consideração e precisam entender melhor o papel do treinador, “[…] que também é uma figura única, tão importante, quanto o atleta […]” (T2). Por fim, acredita-se que devem pensar em desenvolver estratégias para apoiar não somente o atleta, mas o treinador também.

Os principais resultados são apresentados na FIGURA 10 por meio de um mapa conceitual, que corresponde a um tipo de representação no formato de diagramas, indicando relações entre os conceitos. Os indicadores, posicionados nas extremidades, referem-se ao entendimento consensual dos técnicos acerca dos principais assuntos tratados nesta tese.

FIGURA 10 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS TREINADORES



FONTE: o autor (2017).

5.5 DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a perspectiva de treinadores brasileiros, do atletismo competitivo, sobre os processos facilitadores e as barreiras para o desenvolvimento deste esporte no Brasil – na formação e no alto rendimento.

É importante destacar que foram frequentes nos discursos, características que induzem a organizar um modelo de trabalho no atletismo. A necessidade de identificar e entender a prática pedagógica do treinador, assim como contribuir para a formação dos próprios treinadores (GRECO; BENDA, 1998; CÔTÉ, et al. 1999; JOHNSON *et al.,* 2008), têm sido o norte das pesquisas relacionadas à intervenção profissional do técnico esportivo (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; GILBERT; RANGEON, 2011). No Brasil, existem algumas pesquisas, as quais utilizam o atletismo como objeto de estudo e que podem auxiliar em diferentes aspectos do planejamento de trabalho de professores e/ou treinadores, tanto para aqueles inseridos na iniciação esportiva (NASCIMENTO, 2000; TRINDADE, 2007; GINCIENE; MATTHIESEN, 2012; CARVALHO, 2013; GUIMARÃES, 2013; SILVA, 2014; GINCIENE, 2016; SALGADO, 2016), quanto no alto rendimento (MELO, 1997; MOURA, 2006; D'ANGELO, 2008; CARMO, 2010; SILVA, 2016). Por fim, alguns autores afirmam que ainda prevalecem os estudos sobre a prática pedagógica de treinadores realizados, principalmente, em esportes coletivos (CÔTÉ; GILBERT, 2009; DOMINGUES; CAVICHIOLLI; GONÇALVES, 2014).

Para o caso desse estudo, o atletismo na iniciação esportiva seria praticado por meio de inúmeras situações motoras, de variadas atividades esportivas (VAEYENS *et al*., 2008; VANDORPE *et al*., 2011, 2012), sendo uma prática mais atrativa – o que, na opinião dos investigados, diminuiria os casos de abandono neste esporte e aumentaria a motivação intrínseca dos participantes. Essa lógica pode ser vista em estudos como os de Greco, Memmert e Morales (2010) e Côté e Hancock (2014), em que os autores desenvolvem a ideia da prática deliberada x jogo deliberado e, assim, eles acreditam que a iniciação esportiva seria mais interessante para os jovens. Ainda, ela vai ao encontro da literatura específica sobre o atletismo (KIRSCH, KOCH, ORO, 1988; VIEIRA, VIEIRA, 2001; MATTHIESEN, 2005;

MIRANDA, 2007; SILVA, 2007; MATTHIESEN; SILVA; SILVA, 2008, MARQUES; IORA, 2009; IAAF, 2011).

Apesar de haver uma literatura bem desenvolvida sobre o assunto, tanto para o atletismo, quanto para outros esportes, optou-se em dar sequência nessa temática a fim de identificar particularidades ainda não apontadas na bibliografia do atletismo. Não foi encontrado na literatura uma definição para a terminologia “provas múltiplas” citada pelos investigados. A partir dos discursos, “provas múltiplas” – no atletismo – pode ser definido como o fato do atleta fazer uma prova de velocidade e, também, outra de lançamento. Significa que o atleta – independente da prova que ele tem mais afinidade ou tem o melhor desempenho – vai realizar uma mescla de disciplinas de corridas, saltos e lançamentos.

Apesar da terminologia “provas múltiplas” não ser encontrada em escritos científicos, alguns autores sugerem que na etapa de desenvolvimento do atleta, os jovens atletas deveriam experimentar todas as provas em seu treinamento (KIRSCH; KOCH; ORO, 1988; MATTHIESEN, 2005). Inclusive, os discursos apontam que essa proposta deve ser colocada em prática também durante as competições. Ainda, vale ressaltar que as provas nessa fase, bem como, as regras e implementos, devem ser adaptados[32], por exemplo, a distância (50 metros para uma prova de velocidade), ao tamanho, peso e alturas de barreiras – conforme especificações da IAAF (MATTHIESEN, 2005; CBAT, 2016b).

Nesse processo pedagógico, os treinadores entendem que isso poderia melhorar a formação esportiva dos praticantes. Inclusive, levando em consideração a difusão de uma prática mais atrativa na iniciação esportiva. Na opinião dos treinadores (e também dos gestores), o atletismo poderia se fazer mais presente nas escolas, como acontece em outros países. Eles argumentaram que algumas equipes de base possuem vínculos, ou seja, projetos com escolas. O ideal é que, se isso fosse prioridade no esporte do Brasil, futuramente poderia auxiliar nos processos de formação, captação e seleção de atletas.

---

[32] Para verificar exemplos de materiais adaptados para o ensino, aprendizado e treinamento do atletismo, ver o *site* pista e campo. Disponível em: <http://www.pistaecampo.com.br/atletismo-equipamentos.html>. Também, o *site* do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA), da UNESP, de Rio Claro/SP, fornece diversos estudos que contemplam o ensino do atletismo. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/def2011/geppa/geppapresenta.htm>

Estudos específicos do atletismo, que possuem intervenção dessa modalidade dentro do contexto escolar, revelam que o atletismo, na Educação Física, ou no formato de treinamento, pode agregar diferentes benefícios para os alunos, tais como: melhora na saúde, no desenvolvimento social e motor (BRAGA, 1990; FERREIRA, 1993; 1996; BASTOS *et al.*, 2009; OPPA, 2013; FERREIRA, 2014; FREITAS *et al*., 2016; ROSA, 2016); na aprendizagem de provas específicas, como: salto com vara, provas de velocidade e salto em distância (FREITAS, 2009; GINCIENE, 2012; SILVA, 2014); e na aproximação ou aprendizagem de outras disciplinas do conhecimento, ou temáticas, como: física, história, matemática e tecnologia (CARVALHO, 2013; FRANCISCO, 2013; ROJAS, 2014; GEMENTE, 2015; SANTOS, 2016; SILVA, 2016) por meio do atletismo.

Para Goffman (2012), quando existem diferentes objetivos, interesses, perspectivas ou papéis desempenhados pelos agentes em um determinado contexto (no caso deste estudo, os processos de gestão do atletismo nacional), a visão dessas pessoas, sobre o mesmo contexto, é diferente, com motivações diferenciadas. Tal autor cita alguns exemplos de como isso pode ser refletido dentro do cenário esportivo. Cita o golfe, em que para o golfista pode ser um jogo, mas, para o seu *caddy* – sujeito que presta serviço aos jogadores – é um trabalho. Outro exemplo, pode acontecer em uma partida de futebol, pois, o que é agradável para um torcedor ou jogador que vence um jogo, pode ser o oposto para aquele que perde o jogo ou que não conseguiu atingir determinados objetivos durante essa partida.

Neste sentido, percebeu-se nos entrevistados, diferentes perspectivas com relação a determinados fatores que podem contribuir para o desenvolvimento do atletismo nacional. Por exemplo, ainda sobre o atletismo na escola, foi identificado na fala dos treinadores, que a CBAt ou as federações, poderiam atuar com mais efetividade na escola e contribuir na formação de novos atletas. Porém, alguns gestores compreendem que não é função dessas entidades, no caso brasileiro, de desenvolver o esporte na escola. Assim, os objetivos não estão alinhados e, atualmente, existem perspectivas diferentes sobre esse ponto (relação atletismo na escola x atletismo competitivo) no campo esportivo.

Sabe-se que o esporte na escola faz parte do sistema esportivo de alguns países, que são considerados potências no esporte mundial (HOULIHAN; GREEN, 2006; COAKLEY, 2008). A escola seria o espaço ideal para a prática do atletismo

(MATTHIESEN, 2005), principalmente porque envolve um grande número de pessoas, podendo influenciá-las sobremaneira durante a vida (HOULIHAN; GREEN, 2006; COAKLEY, 2008).

De acordo com os técnicos, depois das provas múltiplas, os praticantes podem ingressar numa outra etapa, designada de desenvolvimento do grupo de provas. Destaca-se que, ao menos no discurso dos treinadores, persiste uma ideia de progressão pedagógica para o ensino-aprendizagem e treinamento do atletismo. Do mesmo modo, para Matthiesen (2005), nessa nova etapa inicia-se a especialização de uma ou mais habilidades do atletismo. Além disso, a autora ressalta que os alunos/atletas necessitam de um maior tempo de dedicação para um aprendizado técnico das habilidades.

Os treinadores entrevistados atuam, sobretudo, no alto rendimento e relataram que os treinadores de base não devem se basear somente nos resultados esportivos do jovem atleta. Apesar disso, os treinadores apontam que isso vai ao contrário do que atualmente impera na formação esportiva, em que os resultados norteiam o trabalho dos jovens treinadores e a continuidade dos atletas no atletismo. Essa preocupação também converge com a opinião dos gestores, presente no estudo anterior. Bourdieu (1983), em “Como se pode ser desportista?”, destaca que, o esporte, é um espaço em que os problemas de teoria e prática são intensos. Por sinal, parte dos treinadores mencionaram que há no atletismo, um afastamento entre a academia e o cotidiano de treinamento e competição, mais especificamente, faltam estudos científicos para este esporte.

Existem, alguns estudos nacionais que podem contribuir para o trabalho do treinador de alto rendimento, sobretudo, na preperação física e técnica das provas de meio fundo e fundo (BARROS, 2004; D'ANGELO, 2008; LOURENÇO, 2009; CARMO, 2010; PACHECO, 2012; MACHADO *et al*., 2015; SANTOS, 2015; ALVES, 2016; CARNEIRO *et al.,* 2016) e das corridas de velocidade (RODRIGUES, 2014; ANDRADE, 2015; BORBA, 2016; LIMA, 2016; LOPES, 2016). De fato, quase inexistem estudos nacionais que tratem – tática, técnica ou fisicamente – de diversas provas do atletismo, como as de revezamentos ou os lançamentos.

Nesse sentido, a formação de atletas no atletismo, muitas vezes, pode reproduzir ou sofrer com as características da cultura vigente (RODRIGUES, 1994; SILVA, 2015) – na qual possui o objetivo principal voltado aos resultados e vitórias (MONTAGNER; SILVA, 2003; BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004; SANTANA;

FRANÇA REIS, 2007). Em outros estudos, por exemplo, no caso do futebol (MONTAGNER; SILVA, 2003) e da natação (COLANTONIO, 2007), os resultados esportivos e atributos físicos foram critérios principais de seleção de atletas. De acordo com Gould (2009), a adoção de modelos profissionais para o trabalho com jovens atletas constitui-se em um dos maiores problemas da iniciação esportiva contemporânea. A preocupação exacerbada com a vitória em competições tem influenciado ações de organizações esportivas (RUBIO, 2007; BUSSO, 2009) e tem estado acima de um comprometimento para com o estímulo de diferentes experiências motoras e vivências educacionais dos jovens atletas (GALLAHUE; OZMUN, 2003) que, na maioria das vezes, não conseguem seguir carreira no esporte.

Por outro lado, foi identificado que os treinadores também desenvolvem o esporte a partir de uma meta educativa, por meio dos valores (respeito, disciplina, humildade, cidadania, determinação, etc.), atitudes, inclusão da família (SCHMOLINSKY, 1982; TAVARES, 1999; RUBIO, 2007; ROSA, 2016; SANTOS, 2016) e, por fim, que essa relação treinador/atleta pode ser comparada à figura paterna. Vários autores (GALATTI; PAES, 2006; BRACHT, 2009; RUFINO; DARIDO, 2015) afirmam que a iniciação esportiva que visa rendimento, por si só, não se constitui em um problema. O que pode se tornar um problema são determinadas metodologias que tratam os jovens como adultos ou que são permeadas por excesso de cobranças em termos de resultados.

Desta forma, não se deve descartar a possibilidade de ensinar o jovem a competir. A disputa pode enriquecer o processo de desenvolvimento do mesmo e estimular a assimilação de valores supracitados. Saber conviver e participar em contextos competitivos é fundamental para a vida em sociedade, visto que a competição está presente nas mais variadas situações de vida, por exemplo, na disputa pelo mercado de trabalho (BALBINO *et al.*, 2013).

A partir dos relatos, tornou-se possível detalhar a questão dos resultados esportivos para o atletismo. Ficou claro que os treinadores, especialmente de jovens atletas, deveriam buscar mais conhecimento (capital cultural), por exemplo, entender melhor os aspectos emocionais, comportamentais e, principalmente, os relacionados à idade cronológica, biológica e de treino. Nos depoimentos, foi identificado que, muitas vezes, os treinadores acham que seus jovens atletas são talentos, mas, na verdade, estão maturados precocemente. Alguns estudos, envolvendo jovens atletas

praticantes de diferentes provas do atletismo, mencionam que o aumento no desempenho motor, juntamente com o avanço da maturação e do crescimento físico, podem ajudar a entender alguns desempenhos particulares dos atletas, durantes períodos de treinamentos (NASCIMENTO, 2000; LÁZARI, 2011; LEME, 2011; CAPOVILLA; OLIVEIRA; ARRUDA, 2013; FREITAS, 2015).

Para Thompson (1991), Weineck (1999) e Gallahue e Ozmun (2005), a idade cronológica ordena as pessoas de acordo com sua data de nascimento, representando em meses e anos o tempo de vida que um indivíduo tem. Enquanto a idade biológica individual é demonstrada pelo organismo, correspondendo à faixa etária que o organismo aparenta com base nas suas condições biológicas. Para Thompson (1991), pode haver diferença física, por exemplo, de até 4 anos no desenvolvimento de jovens.

Verificou-se, conforme Tabela 14, uma tendência do *ranking* esportivo das categorias de base (sub-16, 18 e 20) da CBAt ser formado por atletas nascidos nos meses iniciais do ano (janeiro-março: 33,6%; abril-junho: 29,5%; julho-setembro: 22,0%; outrubro-dezembro: 14,9%). Nesse sentido, outros estudos apontam que, dentre as inúmeras variáveis relacionadas aos resultados de um atleta em formação, a idade relativa (nesse caso apresentado pela divisão por quartis) pode ter influência nisso e então, precisa ser levada em consideração pelas pessoas que atuam no processo de formação esportiva (DELORNE; CHALABAEV; RASPAUD, 2010; RIBEIRO JÚNIOR *et al.*, 2013; ALBUQUERQUE *et al*., 2015).

Por outro lado, constatou-se neste *ranking* que o ano constituinte das categorias analisadas (16, 18 e 20 anos) não possui a maioria dos resultados do *ranking,* por exemplo, a categoria sub-18 contabiliza 630 atletas que fizeram resultados (16,1% do total entre todas as idades) na idade de 18 anos; e 910 resultados para a idade de 17 anos (23,3% do total). Esta idade possui o maior número de resultados entre todas as idades analisadas (13 a 20 anos), sendo uma hipótese para isso, o fato de um atleta de 17 anos participar tanto da categoria sub-18, quanto da sub-20 – o que, de certo modo, faz aumentar a competitividade entre os atletas e o período de nascimento influenciar na composição do *ranking*. Esse tipo de situação, em que um atleta pode participar de diferentes categorias, é permitido no atletismo brasileiro e, sendo assim, optou-se também em manter esse critério nessa análise.

Então, estes resultados apontam para uma maior representatividade de atletas de atletismo nascidos nos anos finais que compõem o *ranking* aqui analisado (1997: 19 anos; 1999: 17 anos; e 2001: 15 anos), do que de atletas nascidos nos primeiros anos (1996: 20 anos; 1998: 18 anos; e 2000: 16 anos). Isso contrária o que foi observado em outros estudos (WATTIE; COBLEY; BAKER, 2008; SCHORER; WATTIE; BAKER, 2013), os quais apontam que os jovens pertencentes as idades mais avançadas das categorias de base (por exemplo: 16 anos na categoria sub-16) tendem a concentrar a maioria dos resultados esportivos.

Suslov (2008) descreve em seu estudo, que existem zonas etárias de resultados esportivos para diferentes esportes. Nas provas de salto em altura e 100 metros rasos, os primeiros resultados apareceram nos homens na faixa entre 17 e 21 anos e mulheres entre 16 e 19 anos. Logo depois dessas idades – os autores afirmam que pode ocorrer possibilidades ótimas de melhora nos resultados esportivos – nas mulheres até 22 anos e nos homens até os 24 anos, para a prova de 100 metros rasos e 26 anos para o salto em altura. Assim, a questão da idade cronológica e biológica (THOMPSON, 1991; GALLAHUE 1995; WEINECK, 1999) é uma variável que também pode influenciar nos resultados e evolução dos atletas, conforme supracitado, uma vez que os técnicos relataram que muitos resultados expressivos – ou não – de jovens atletas podem ser explicados pela idade biológica avançada em relação à idade cronológica.

No estudo sobre “Como fazer campeões?” de Tucker e Colins (2012), os autores identificaram que uma combinação ideal para o sucesso esportivo, seria a importância de um projeto esportivo que vise resultados a longo prazo, mas, que esse projeto, trabalhe com diversos talentos esportivos. O estudo de Prudêncio (2006) sugere, especificamente no salto triplo, que o treinador precisa estar atento para identificar um talento para essa prova, pois, ele pode surgir quando menos se espera. Para os treinadores participantes desta tese, isso deve estar somado ao fato do atleta querer realmente se dedicar aos treinamentos diários, o que – para eles está cada vez mais difícil no caso brasileiro. O estudo de Johnson *et al.,* (2008), sobre a perspectiva de técnicos de alto nível na natação, sugere que o trabalho duro no treinamento diário pode diferenciar atletas de rendimento e de alto rendimento na natação.

Então, foi possível notar que os treinadores levam em consideração o talento, as características comportamentais do atleta, as características das provas e a

genética. Assim como um planejamento esportivo geral, também uma periodização bem elaborada, para que o atleta continue praticando o esporte e melhore seus resultados nas principais competições. A periodização é uma planificação geral e detalhada que ocorre em um determinado tempo, de acordo com os objetivos estabelecidos do atleta e que visa maiores ganhos funcionais, diminuição dos riscos de lesões e maximização de resultados esportivos nas principais competições, ou períodos específicos (DANTAS *et al.*, 2010; ESCO, 2017). Segundo os treinadores, alguns fatores podem interferir nesse processo, como a condição ambiental da competição (vento contra, altitude, fuso horário), a condição interna (fator psicológico), uma lesão do atleta; alteração, ou indefinição do calendário esportivo; ou, até mesmo, o fato do treinador se basear em literaturas atualmente consideradas duvidosas para elaboração de treinos – devido ao doping comprovado em alguns locais onde tais literaturas foram desenvolvidas.

Alguns estudos e reportagens tratam dos atletas da antiga Alemanha Oriental, descrevem a promoção do governo no uso de drogas pelos atletas alemães, revelando que a prática do doping não é recente no esporte (FRANKE; BERENDONK, 1997; ESTADÃO, 2016). O estudo de Lise et al., (1999) aponta que o doping é usado pelos atletas, principalmente, por fatores extrínsecos, como melhorar o currículo esportivo, ou para agradar às expectativas de pais, treinadores e amigos. O estudo de Franke e Berendonk (1997), apresenta dados do desempenho técnico e físico de atletas alemães, mas também, relacionado ao uso e controle de substâncias ilegais. Conforme relatado nos resultados deste estudo, o controle rigoroso que atualmente ocorre nos processos que envolvem o doping, contribuiu para a diminuição de marcas, como o desempenho de vários países neste esporte. Então, pode-se dizer que os modelos antigos de treinamento, precisam ser repensados, aplicados com cautela, pois atualmente, não permite-se o uso do doping.

A atleta fundista espanhola, Marta Domínguez, foi suspensa do esporte por irregularidades no doping pela Corte Arbitral do Esporte e perdeu a medalha de ouro do Mundial de Berlim (2009) na prova de 3000 metros com obstáculos (ESTADÃO, 2015b). Em 2015, a Itália, por meio do seu Comitê Antidoping, queria suspender 26 atletas do atletismo por suspeitas de irregularidades no doping – entre eles o campeão dos 50 km da marcha atlética de Pequim (2008), Andrew Howe (GAZETA ESPORTIVA, 2015). Esses são dois exemplos recentes dos escândalos envolvendo

doping nas federações de atletismo, sem deixar de citar o caso da Rússia, que está banida – ao menos até o momento desta pesquisa (janeiro de 2017) – das competições internacionais, por possuir um sistema nacional de doping, com inúmeros casos de doping nos últimos anos (IAAF, 2015b; ESPN, 2017b).

Com relação ao tópico incentivo financeiro, assim como observado no estudo anterior (gestores), a ajuda financeira – na opinião dos treinadores – é fundamental para todos os atletas se dedicarem no esporte. No entanto, eles adicionaram que o apoio financeiro tem um peso muito grande para os jovens atletas, isto é, o dinheiro não pode faltar para eles (inclusive a categoria sub-23), para que consigam se manter no esporte, treinando e competindo. O treinador possui ajuda financeira, principalmente, do clube ao qual ele representa. Ainda, alguns, têm a oportunidade de participarem de programas de incentivo financeiro, tais como, o Bolsa-Pódio do governo federal e o Programa Nacional da Caixa em parceria com a CBAt. Esta confederação (CBAt), divulga atualmente no seu sítio oficial, no tópico “Programas de Apoio”, a quantidade e nome completo dos treinadores contemplados com ajuda financeira entre os anos de 2013 a 2015, porém, não fornece valores. É possível identificar que, em 2015, 12 treinadores foram auxiliados pelo Programa Pódio do Governo Federal, já outros 41 técnicos, foram auxiliados pelo Programa Nacional da CBAt em parceria com a Caixa Econômica Federal (CBAt, 2015e).

Os estudos de Rocha e Santos (2010), Vieira (1999) e Vieira (1999), apontam o fator monetário como um motivo de abandono na modalidade de atletismo, sobretudo, para os jovens que estão na transição da categoria Sub-20 para a adulta, pois, essa transição é repleta de novas responsabilidades e desafios sociais. De acordo com Jarvier e Sikes (2012), para alguns países africanos, que possuem destaque no atletismo, como Quênia e Etiópia, a questão social é motivo de buscar e praticar atletismo – uma vez que os atletas buscam no esporte melhorar as condições de vida e serem reconhecidos nacionalmente.

No estudo de Onvwera *et al.*, (2006), os autores destacaram a importância dos fatores ambientais e sociais no sucesso dos corredores do Quênia. Por exemplo, uma questão comum para a maioria dos atletas de nível internacional investigados, é que eles percorriam – por meio da corrida – grandes distâncias diariamente para se locomoverem até suas escolas, o que vai ao encontro do que foi relatado por um dos treinadores investigados nesta tese. O documentário “Gun Runners” (NATIONAL FILM BOARD OF CANADA, 2015) revela a trajetória de dois

guerreiros do Quênia que, a partir de uma medida de desarmamento do governo queniano, decidem mudar o rumo de suas vidas ao trocar armas por anistia e tênis de corrida. Desta maneira, começam a se dedicar ao treinamento da corrida para se tornarem corredores de elite, obterem rendimentos financeiros a partir de boas colocações em competições importantes e ajudarem suas famílias. Portanto, a corrida é uma tradição na sociedade queniana, usada também como forma de mudança de vida. Para Bourdieu (1993), o esporte a ser praticado e o funcionamento da atividade esportiva, muitas vezes estão diretamente relacionados com a questão social, com a classe social.

Outra questão, apontada nos resultados deste estudo, foi a importância atribuída ao corpo técnico, com a presença de profissionais estrangeiros no país. Isso pôde ser constatado na opinião dos gestores e atletas entrevistados, que citaram o conhecimento (capital cultural) e a experiência internacional de treinadores estrangeiros como fundamentais para algumas especialidades terem bons resultados em competições internacionais. Na opinião de De Bosscher *et al.*, (2009), a presença de técnicos experientes e que estão inseridos no esporte de alto rendimento internacional, contribui para o sucesso esportivo de uma nação.

No entanto, a partir dos depoimentos, pode-se afirmar que a iniciativa da CBAt e do COB, de contratar técnicos estrangeiros e mandar alguns atletas treinarem no exterior, foi uma medida de curto prazo para dar resultado nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro – uma vez que não mantiveram os vários técnicos estrangeiros que por aqui passaram. Assim, tal iniciativa pode ter sido equivocada, uma vez que, depois deste evento os técnicos brasileiros serão responsáveis por continuar formando atletas. Assim sendo, faria sentido a CBAt ou outras entidades, manter o foco nos treinadores que formam, para que os jovens atletas aprendam de forma correta e, posteriormente, não queiram procurar treinadores estrangeiros.

O discurso dos sujeitos aponta que a trajetória do técnico, muitas vezes, depende da manifestação que ele atua. Se ele estiver trabalhando com jovens atletas, os relatos indicam que, atualmente, há uma grande probabilidade deste técnico permanecer ao longo da sua carreira atuando, principalmente, na formação de atletas. Green e Houlihan (2005, 2006) – num estudo em Canadá, Austrália e Reino Unido – apontam que, por mais que exista incentivo financeiro aos treinadores amadores de atletismo (de jovens atletas), eles não visualizam a ocupação como uma carreira em tempo integral. Assim, segundo os técnicos de alto nível

entrevistados, o caminho para um técnico da base atingir o alto rendimento pode ser difícil e lento. Então, faz total sentido investir na qualificação destes treinadores, uma vez que devem permanecer por bom tempo de suas carreiras, atuando com jovens atletas. Já os técnicos de alto rendimento, não necessariamente precisam ter atuado na formação de atletas. Então, acontece de muitos, por serem reconhecidos no meio (capital social), começarem a atuar no alto rendimento, em entidades e com atletas seletos do país.

O jornal britânico *The Times*, publicou recentemente uma matéria acerca do atletismo do Reino Unido e destacou que muitos atletas – ganhadores de medalhas nos Jogos do Rio (2016) – deste país, treinam em outros países com técnicos estrangeiros. Por exemplo, Mo Farah (Oregon, EUA), Greg Rutherford (Arizona, EUA), Adam Gemili, Tiffany Porter (Arnhem, Holanda) e Sophie Hitchon (Califórnia, EUA). O jornal relata que os bons resultados que o Reino Unido atingiu, nos Jogos Olímpicos de Londres e do Rio de Janeiro, podem não mais se repetir. Considerando que essa iniciativa (de não permanecer treinando no Reino Unido) desvalorizou os técnicos britânicos de atletismo, responsáveis por formar novos atletas de qualidade (THE TIMES, 2017).

Peres e Lovisolo (2006) destacam algumas dificuldades apontadas pelos atletas, mais precisamente no que se refere à falta de treinadores de excelência que não buscam atualização. Ainda, para os autores, a exigência do nível de excelência dos treinadores deve ser igual a dos atletas. Também, não foram identificadas neste estudo, informações precisas relacionadas à quantidade e formação de treinadores brasileiros que atuam em diferentes níveis do esporte. Stavropoulos *et al.* (2014), mencionam que na Grécia os técnicos de atletismo são usualmente professores de educação física com especialização em atletismo. Existem, aproximadamente, 1500 técnicos com certificação para atuarem na segunda divisão e 50 para exercer na primeira divisão, mas somente 350 deles são empregados em clubes de atletismo filiados a federação grega. Digel (2011a), aponta que na Ucrânia, existiam em 2011, cerca 1200 treinadores certificados na confederação nacional atuando em tempo integral, embora, o número de treinadores tem sido reduzido a cada ano.

Outra questão, no estudo dos gestores foi identificado que as corridas de rua deveriam, em alguns momentos, estar mais próximas das competições de pistas, contribuindo – por exemplo – na divulgação do atletismo. Na opinião dos treinadores aqui investigados, pode-se afirmar que a crescente das corridas de rua no Brasil, de

fato não contribui para o alto rendimento do atletismo brasileiro. Isso não foi um aliado para o treinador, pois em outras modalidades (exemplo: saltos, corridas, arremessos) do atletismo é normal esperar do atleta e do treinador que tenham como objetivo a participação em Jogos Olímpicos, o que não pôde ser visto a partir da análise feita sobre as corridas de rua. Pois, se os atletas se preparassem corretamente e não buscassem somente competir o maior número possível de provas de corridas de rua, com certeza as chances do Brasil de ter vários talentos no meio fundo e fundo, com bons rendimentos em competições internacionais, aumentariam.

Ainda, a situação da migração de atletas da pista para as corridas de rua, consequentemente, mudanças de objetivos, ocorrida no Brasil, foi apresentada nos resultados deste estudo. Esse processo também ocorreu em vários países que tiveram o crescimento das corridas de rua a partir da década de 90, como Espanha, Portugal e Itália. Sendo, inclusive, motivo da diminuição de importantes resultados em campeonatos mundiais e olímpicos no atletismo de pista (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2015; RUNING, 2015).

Com relação às estruturas físicas e os locais de desenvolvimento do atletismo, nota-se, a partir dos discursos apresentados pelos gestores (estudo anterior) e treinadores, que há uma atuação das entidades (clubes, município, estado, confederação) ainda de forma divergente, uma vez que cada uma possui suas próprias formas de trabalho e programas esportivos.

Na verdade, foi possível constatar que nem os gestores, nem os treinadores, têm entendimento de onde estão todos os centros de desenvolvimento do país, principalmente os locais e regionais, o que dificulta a formação de atletas. Assim, os treinadores demonstraram preocupação pela falta de um programa esportivo para o atletismo que interligue as idades. Muitas vezes, eles não sabem para onde mandar os jovens atletas que se destacam em determinados locais do país, assim como acontece de alguns jovens atletas que, para continuarem no esporte, precisam migrar para outras localidades e muitas vezes não se adaptam.

Com base na teoria de Bronfenbrenner (2011), fica evidente o papel do local no qual a pessoa está inserida na transformação das pessoas, ele pode alterar a capacidade dos indivíduos a partir das relações sociais realizadas em tal contexto. Em países como Austrália, Ucrânia, Japão e Alemanha, o esporte se organiza e se direciona para uma forma centralizada, pois os jovens se desenvolvem no esporte

em diversas escolas e clubes esportivos. Mas, caso consigam destaque – ainda que seja nas categorias iniciais –, são encaminhados para centros estratégicos, especializados em diferentes modalidades, os quais desenvolvem, portanto, uma preparação para o esporte de alto rendimento. Tais centros são controlados pelo Governo ou entidades nacionais do esporte (DIGEL, 2002; 2011a; HOULIHAN; GREEN, 2008).

No Brasil, ainda que exista o Ministério do Esporte, por meio da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, responsável por desenvolver o esporte de alto rendimento nacionalmente (MEZZADRI; MORAES E SILVA; CAVICHIOLLI, 2016). E, também, que a CBAt e as federações sejam as organizadoras do atletismo nacional e regional. Nota-se que não há uma ação conjunta preocupada em sistematizar os locais de desenvolvimento deste esporte.

Os gestores apontaram que, no Brasil, o suporte ao trabalho do treinador precisa ser melhorado. Neste estudo, treinadores destacaram que isso acontece, porque somente algumas equipes da categoria Adulta possuem ampla estrutura para atender o que o técnico deseja e, também, para suprir as necessidades dos atletas. O estudo de Miranda (2007) aponta que na maioria dos clubes de atletismo, devido às restrições financeiras, não há uma equipe multidisciplinar e, por isso, o treinador muitas vezes se torna o responsável pela preparação integral do atleta.

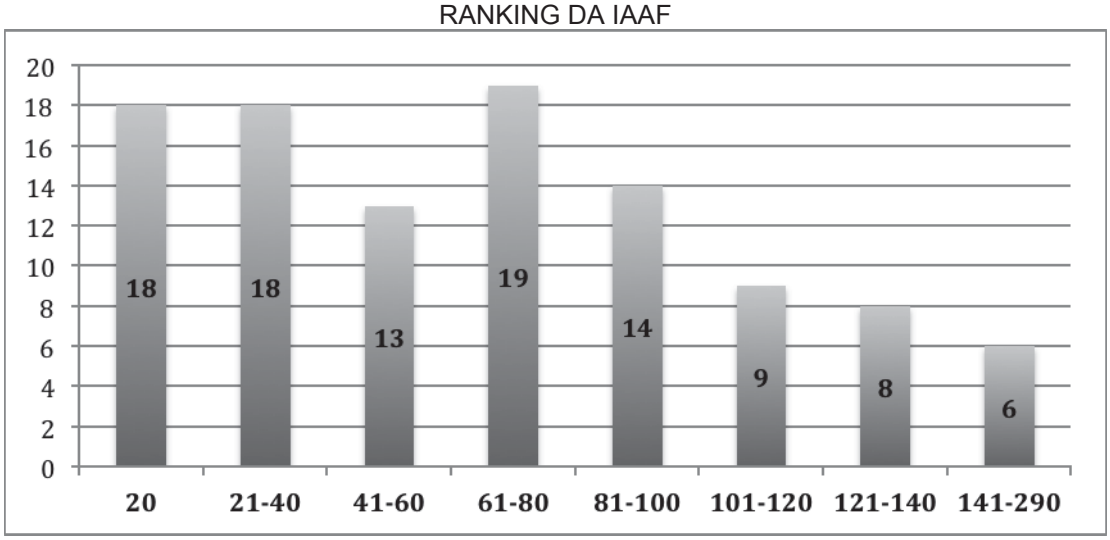
No entanto, os treinadores argumentaram que essa questão passa a ser melhorada, a partir do momento que o atleta atinge destaque no atletismo nacional de alto rendimento, isto é, quando consegue uma boa posição no *ranking* mundial da modalidade e, principalmente, uma medalha em competições importantes do cenário mundial. Essa mentalidade que ainda existe no atletismo nacional – de investir e auxiliar o atleta, sobretudo, somente quando ele atinge o topo, os patamares mais elevados do atletismo – pode ser encarada como um *habitus*, um comportamento que está incorpodado pelos agentes deste campo esportivo.

A partir da análise do *ranking* internacional do atletismo – IAAF (*International Association Athletics Federation*), em setembro de 2017 (após campeonato mundial de Londres) – com a intenção principal de verificar a colocação dos atletas brasileiros neste *ranking* – foram identificados, um total de 92 atletas brasileiros presentes nele, entre todas as provas “oficiais”, olímpicas desta modalidade. Destes, 17 atletas (19,56%), estavam no momento da pesquisa, entre os 20 primeiros do *ranking* mundial em suas respectivas provas (ver abaixo, Quadro 21) (IAAF, 2017a).

Vale lembrar que este *ranking* é composto pelos melhores resultados dos atletas na temporada de 2017, portanto – essa melhor marca – por determinados fatores (local e condições ambientais da competição; condições, física e psicológica do atleta no momento da competição), nem sempre acontece nas principais competições, como no caso, o Campeonato Mundial de Londres (2017). Ainda, um dos critérios exigidos pela CBAt para o atleta ter participado dessa competição, é que ele deveria estar entre os 40 primeiros do *ranking* mundial, ainda que a intenção aqui, não seja discutir se tais critérios estão certos ou errados. Então, nesta faixa encontram-se 34 brasileiros (26,08%). Com base nesse critério, a maioria dos atletas não encontra-se entre os melhores do mundo.

Conforme mencionado no estudo sobre estrutura física, os 92 atletas, contabilizaram 105 resultados. No GRÁFICO 16, é possível notar a distribuição destes resultados, por faixa de classificação[33].

GRÁFICO 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS DOS ATLETAS POR CLASSIFICAÇÃO NO RANKING DA IAAF



Assim, com base nos depoimentos, faz sentido uma atenção especial aos atletas que conseguiram os 18 resultados (17.14%), na faixa entre a 1º e 20º colocação, para que os mesmos se mantenham ou melhorem ainda mais suas performances. Também, a segunda faixa (21-40) de resultados, deve ser analisada: sugere-se identificar e verificar se tais atletas pertencentes a esta faixa, possuem condições (qual idade, tempo de treino, estrutura física e humana, desempenho em

---

[33] Foram estabelecidas as seguintes faixas: os 20 melhores atletas; do 21º até 40º colocado; do 41º até o 60º colocado; e assim por diante.

outras competições; marcas: quanto precisa evoluir) de atingirem marcas, que os levem aos 20 primeiros do *ranking* mundial e, consequentemente, tenham mais chances de medalhas em campeonatos internacionais.

Essa mesma análise deve ser feita ainda, para a faixa que possui a maior concentração de resultados dos atletas brasileiros (20,65% dos resultados na faixa entre 61-80 colocação), e analisar, se tais atletas, realmente, conseguem evoluir nas suas provas, para que os mesmos, fiquem próximos dos primeiros do *ranking*. Como exemplo, o Quadro 21 demonstra a marca dos 17 atletas identificados entre os 20 melhores do *ranking* da IAAF, em setembro de 2017.

QUADRO 21 – COMPARATIVO ENTRE AS MARCAS DOS ATLETAS BRASILEIROS CLASSIFICADOS ENTRE OS 20 MELHORES DO *RANKING* DA IAAF, COM AS MARCAS DOS TERCEIROS COLOCADOS NESTE MESMO *RANKING* (SETEMBRO DE 2017)

Atleta	IAAF	Prova atual	Marca*	Marca**	Id. At.
Nubia Soares	4	Triplo	14.56	14.77	21
Andressa Morais	8	Disco	64.68	69.19	27
Darlan Romani	9	Peso	21.82	22.44	26
Erica de Sena	9	Marcha 20 km	1:26:59	1:26:28	31
Caio Bonfim	9	Marcha 20 km	1:19:04	1:18:23	26
Rosangela Santos***	9	100 m	10.91	10.83	27
Nair da Rosa	12	Marcha 50 km	4:39:28	4:20:49	37
Talles Fr. Silva	13	Salt. Altura	2.30	2.35	26
Fernando Ferreira	13	Salt. Altura	2.30	2.35	23
Ana Claudia Silva	15	Rev. 4x100	42.63	41.86	28
Franciela Krasucki	15	Rev. 4x100	42.63	41.86	29
Vitoria Cris. Rosa	15	Rev. 4x100	42.63	41.86	21
Andressa Fidelis	15	Rev. 4x100	42.63	41.86	23
Wagner Domingos	16	Martelo	77.24	79.32	33
Thiago André	17	800 m	1:44:81	1:43:60	22
Aldemir Silva Jr.	18	200 m	20.15	19.85	25
Jefferson Santos	20	Decathon	8.155	8.601	22

FONTE: o autor (2017). *Marca do (a) atleta em uma competição internacional, em 2017. **Marca que representa a terceira colocação no *ranking* da IAAF. ***Atleta, faz parte do Revezamento 4x100, por isso, existem 18 resultados, na faixa dos 20 melhores atletas.

No Quadro 21, é possível notar que, alguns atletas precisam de uma melhora considerável nos seus resultados. Por exemplo: a atleta Nair da Rosa, precisa tirar uma diferença de quase 20 minutos na prova de marcha atlética e a atleta Andressa

Morais, precisa aumentar sua marca em aproximadamente cinco metros para estar entre as três primeiras, no arremesso do peso.

Já o atleta Thiago André precisa baixar seu tempo em pouco mais de um segundo para, assim, ficar entre os três melhores na prova de 800 metros. Ainda, a atleta Nubia Soares precisa melhorar 19 centímetros sua marca para atingir o terceiro lugar do *ranking,* o que não parece ser impossível considerando sua idade atual de 21 anos. Vale destacar que o atleta Caio Bonfim, apesar de estar – no momento da pesquisa – em nono lugar no *ranking* da IAAF, obteve no mundial de Londres 2017, um resultado histórico para o atletismo nacional: 3º lugar na prova de Marcha Atlética (20 Km).

Os resultados do *ranking* mundial são importantes, pois, geralmente, nas melhores posições dele, estão os principais atletas do mundo, os quais, na sua maioria, possuem as melhores condições de treinamento (infraestrutura física e humana). Mas isso (medidas oficiais), é somente um parâmetro, pois, conforme mencionado, é preciso levar em consideração outros fatores de difícil controle, determinantes de medalhas e melhores resultados, como as condições ambientais das competições e, assim, o *ranking* internacional precisa ser analisado e comparado – com cautela – uma vez que, nem sempre os melhores do *ranking,* podem estar no pódio das principais competições internacionais de atletismo (jogos olímpicos e campeonatos mundiais). Destaca-se, o caso do atleta Thiago Braz, o qual foi campeão olímpico em 2016 (salto com vara, com 6,01 m), mas no momento da pesquisa (setembro de 2017), encontrava-se neste *ranking*, em 43º lugar na sua prova (marca: 5,60) (IAAF, 2017a). Sobre as competições brasileiras de atletismo, os treinadores destacaram a necessidade de criação de um calendário esportivo que contribua na performance e de competições com a participação de atletas de nível internacional – o que poderia contribuir para os atletas brasileiros atingirem melhores resultados.

Deste modo, esta discussão, ainda precisa ser melhor detalhada e, sugere-se, que isso precisa, de fato, ser feito com todos os atletas brasileiros presentes no *ranking* internacional do atletismo. Ainda, esse procedimento deveria ser feito, por exemplo, no decorrer da carreira do atleta, o que ajudaria os agentes que pretendem investir nos atletas (apoio humano, técnico, financeiro), a terem uma melhor compreensão de qual atleta – realmente é consistente (no ano e no ciclo olímpico), ou caso venha a aumentar suas marcas – possa almejar uma medalha em

competições internacionais e, assim, por exemplo, os dirigentes possam melhorar os critérios de fomento ao esporte.

Sobre essa questão Hopkins (2005) revelou em seu estudo que, as marcas dos atletas medalhistas de uma importante competição internacional de atletismo variavam pouco e apresentavam uma média alta, o suficiente para sempre estarem classificados para a final das competições. Então, foram considerados pelo autor como atletas consistentes, com resultados estáveis e sempre competitivos, independente da competição. Ao contrário, o autor aponta atletas (nível intermediário) que tiveram rendimentos expressivos, em competições pontuais, mas que depois de um período, diminuíram consideravelmente suas performances, não sendo consistentes em seus resultados. Isso é mais um indicativo que sugere a preocupação que se deve ter quando as listas de resultados nacionais e mundiais são proponderantes para determinados fins (bolsas de incentivo financeiro, seleção de atletas).

Tal problema, também é uma preocupação recente da IAAF (*International Association Atlhetic Federacion*), que busca estabelecer critérios – a partir de 2019 e válidos para os Jogos Olímpicos de 2020 – mais corretos para a participação de atletas nos jogos olímpicos e campeonatos mundiais de atletismo. Em síntese, a entidade máxima do atletismo prevê que cada atleta deverá ter uma pontuação de acordo com a hierarquia da competição, conforme calendário global, e de seu desempenho nas principais competições. A intenção disso, é que o atleta e a comunidade do atletismo, tenham um caminho lógico a ser seguido na temporada, até o pico de desempenho nas duas principais competições deste esporte (IAAF, 2017b).

Há um *site* chamado *All-Athetics.com*[34] que demonstra as competições anuais de atletismo por prova e suas respectivas pontuações. O mesmo, é considerado o banco de dados mais completo do atletismo mundial – com informações estatísticas completas do mundo do atletismo – como: competições disputadas anualmente pelos principais atletas do mundo, suas marcas nestas competições e, também, fornece um gráfico de desempenho por atleta ao longo da temporada. Porém, para acessá-las, é necessário efetuar cadastro neste *site* e pagar uma taxa mensal de 15 Euros. A IAAF pretende, a partir de 2018, transformar seu *ranking* em algo similar ao

---

[34] Disponível em: <https://www.all-athletics.com/es>.

do referido *site*. Por sinal, quando compara-se os dois, é possível notar diferenças entre eles, isto é, o mesmo atleta que está topo do *ranking* da IAAF, nem sempre encontra-se entre os melhores no *ranking* do *site All- Atlhetics.*

O atleta no Quadro 21, Caio Bonfim – nono lugar no *ranking* internacional em 2017, chegou a estar em 2015 e parte de 2016, no mesmo *ranking* – na segunda faixa de resultados, aqui estabelecida (do 21º até 40º colocado). Portanto, somente a partir do momento que este atleta evoluiu e ganhou destaque internacional na sua prova, passou a ter atenção especial de diferentes agentes do campo esportivo. Esse processo deveria ter acontecido antes, pois, tal atleta, poderia ser considerado como um candidato a evoluir e conseguir uma medalha em uma competição expressiva. Além disso, até o momento da pesquisa (setembro de 2017), nenhum brasileiro encontrava-se entre os três primeiros de suas especialidades.

A partir do Quadro 21 e com base no *ranking* da IAAF (IAAF, 2017a), é possível afirmar que, os brasileiros não estão presentes em várias provas do atletismo, principalmente nas provas de meio fundo e fundo (3000, 5000 e 10000 metros, meia maratona, maratona). Na prova da maratona, os brasileiros aparecem, mas, no final deste *ranking,* acima da 200ª colocação. O Brasil possui atletas entre os 20 melhores nas seguintes provas do atletismo: 100, 200 e 800 metros; revezamento 4x100; saltos: triplo, altura e vara; marcha atlética; prova combinada (decatho); lançamentos: disco e martelo; e arremesso do peso.

Outro ponto de destaque identificado nesse estudo é que os treinadores brasileiros de atletismo, precisam encontrar estratégias para se manter em tal contexto – o qual é concorrido – e suprir a falta da infraestrutura do clube, por meio de sistemas de amizades e de relacionamentos, para conseguir para os seus atletas (que ainda não são consagrados), o acesso a nutricionistas, psicólogos, entre outros profissionais e serviços da ciência do esporte. Para Bourdieu (1996), disputas, lutas e concorrências são uma constante no interior desse “campo esportivo” e os “agentes” buscam criar determinadas práticas para se estabelecerem nesse espaço.

Estudos específicos do atletismo no Brasil – envolvendo atletas amadores e de alto rendimento – revelam a importância da biomecânica para os movimentos técnicos corretos, para algumas das fases das provas de corridas de velocidade e alguns detalhes técnicos da saída baixa (SCHMOLINSKY, 1982; PEDRALLI, 2001; FUJIYAMA; TEIXEIRA, 2014; RODRIGUES, 2014; ANDRADE, 2015; BORBA, 2016; LIMA, 2016; LOPES, 2016); das provas de meio fundo e fundo (SANTOS, 2012;

TARTARUGA, 2012); do salto triplo (MOURA; MOURA; BORIN, 2005; PRUDÊNCIO, 2015); e do salto em distância (LARA, 2011; ROCHA JUNIOR, 1993).

A contribuição da fisiologia do exercício para o trabalho do treinador pode ser vista nos estudos de Andrade (2011), Melo (2011), Paludo *et al*., 2012, Vist (2012), Ribeiro (2013) e Carvalho (2016), os quais utilizam diversos parâmetros da fisiologia (exemplo: limiar de lactato, consumo máximo de oxigênio, capacidade cardiorrespiratória) para discutir o desempenho de corredores – nacionais e do Chile (ORREGO, 2004); amadores e profissionais – das provas de meio fundo e fundo. O estudo de Silva (2013), envolve aspectos da psicologia do esporte, e analisou o estado mental e motivacional de corredores de velocidade e de meio fundo e fundo para cumprir as tarefas de treinamento e competição. O estudo concluiu, por exemplo, que existem particularidades motivacionais específicas de cada prova. O estudo de Castro (2014) e de Vieira *et al*., (2011) foram realizados com jovens atletas de atletismo federados. O primeiro, identificou o perfil psicológico do grupo de atletas analisado; o segundo, analisou o nível de ansiedade, o qual é maior para os atletas que possuem maiores expectativas de resultado. Por fim, alguns estudos sobre os aspectos nutricionais em jovens atletas de atletismo (FORTES, *et al.*, 2013; FORTES, *et al.*, 2016), revelam que os adolescentes, muitas vezes tendem a sofrer com problemas de restrição alimentar, devido às dietas e influencias ambientais, o que acaba prejudicando a saúde (VILARDI, 2004; PEREIRA, 2008; CARDOSO, *et al*., 2013) e afetando o desempenho dos jovens atletas.

No Brasil, não existe uma legislação específica para a profissão de técnicos esportivos. Porém, existe a Lei 9696 de 1998, a qual descreve sobre o profissional de Educação Física e normatiza quem trabalha nesta área, por exemplo, na exigência de diploma de ensino superior na área de Educação Física – reconhecido pelo Conselho Federal de Educação Física. Então, o treinador pode se enquadrar neste grupo profissional (BRASIL, 1998b). Stavropoulos *et al.*, (2014), apontam que os treinadores de atletismo precisam dominar diferentes áreas do conhecimento para atuarem na modalidade, como: a anatomia humana, a fisiologia, a medicina do esporte, a nutrição, a psicologia do esporte, a compreensão dos tipos de treinamento, a prevenção e a reabilitação de lesões. Essa questão converge com o discurso dos agentes (gestores, treinadores) investigados desta tese.

Por fim, segundo os treinadores, o ambiente de trabalho do treinador de atletismo e o modo como ele precisa se envolver nas inúmeras ações do dia a dia e,

ainda, geralmente exposto a variáveis climáticas naturais gera uma demanda e um desgaste físico muito particular à essa atividade. Notou-se falta de parâmetros específicos sobre como deve ser o exercício da profissão de treinador – no caso, de atletismo – e se faz necessário a existência de estruturas que possibilitem o desenvolvimento de carreira do treinador.

5.5.1 Exemplos mais específicos da sociologia do esporte em aspectos relacionados ao desenvolvimento do atletismo nacional

Optou-se, em elaborar este tópico, para apresentar e discutir – separadamente – alguns assuntos: planejamento de treino do atleta; formação de grupos de treinadores; o estabelecimento de algumas equipes no cenário esportivo. Estes, originados a partir dos dados dos estudos até aqui apresentados (entidades promotoras do esporte, gestores e treinadores). Ainda, explicados e embasados, por uma discussão e conceitos sociológicos.

Elias (2008), no livro “Introdução a Sociologia”, capítulo intitulado Modelos de Jogos, explica que as relações estabelecidas na sociedade “[...] baseiam-se em duas ou mais pessoas que medem suas forças [...]” (ELIAS, 2008 p.80). Neste capítulo, o autor aponta e descreve vários modelos de jogos para facilitar a compreensão das relações sociais – com base no potencial de poder entre – por exemplo, pessoas e entidades que estão se relacionando numa determinada esfera. No caso deste estudo, os agentes pesquisados (dirigentes, técnicos, atletas e entidades) que interagem no espaço do atletismo de alto rendimento e, de acordo com Elias (2008), as forças de poder entre esses agentes, devem buscar um equilíbrio nas relações que se estabelecem entre eles.

Constatou-se, com base nos dados obtidos nas entrevistas, que não há um equilíbrio – com relação ao fator planejamento do trabalho – visando o atleta. Identificou-se, na visão dos gestores, que a federação e a confederação possuem boas intenções (exemplo: recentes reuniões com treinadores), em contribuir com o desenvolvimento da performance do atleta. No entanto, nesse caso específico, do jogo de poder (ELIAS, 2008), há evidências para afirmar que a confederação tem seu poder reduzido quando o assunto envolve o planejamento de trabalho para o atleta de alto rendimento. Observou-se, a partir do depoimento dos treinadores, que

é o clube quem possui um maior potencial de poder nessa relação. É ele quem define as inúmeras competições que o atleta deve disputar – em detrimento de seu desenvolvimento a longo prazo (de preferência e conforme o aspecto financeiro, participar de eventos comerciais internacionais, pois os prêmios são melhores e o patrocinador é mais prestigiado); muitas vezes o vínculo maior do treinador se dá com o clube; o clube e o treinador são quem selecionam os atletas; e o clube e o atleta precisam de resultados imediatos. Assim, a balança de poder no que se refere ao planejamento do trabalho, em determinados momentos pende muito mais para as decisões do que acontece no clube (curto prazo), do que na confederação (pensamento mais a longo prazo: convocar atletas para Jogos Olímpicos, por exemplo).

FIGURA 11 – BALANÇA DE PODER SOBRE O PLANEJAMENTO DO TRABALHO DO ATLETA.

Fonte: o autor (2017).

Parte desses resultados (busca pela maior premiação, visão a curto prazo), também podem ser vistos em países como, Canadá, Austrália (GREEN; HOULIHAN, 2005) e Nova Zelândia (HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014). Porém, o papel da confederação nestes países de auxiliar no desenvolvimento do atleta de atletismo, não é tido com tanta inferioridade, como visto no caso brasileiro. Para Slack e Parent (2006), esses atletas não mais representam seus países ou eles mesmos, representam as empresas que fornecem o dinheiro para o esporte deles.

Cabe lembrar que os gestores investigados da CBAt, fazem parte da nova gestão, a qual iniciou em 2013. A iniciativa de tentar maior influência no controle do trabalho do atleta foi considerada, pelos investigados, como recente. Para Bourdieu & Wacquant (2005), todo recém chegado em um grupo pode, em determinadas

circunstâncias, como as mencionadas acima e nos resultados, ser “dominado” por aqueles que já participam do grupo – no caso os treinadores, patrocinadores, atletas e clubes. Em outras palavas, para Bourdieu (1983), existe o “agente novo” se inserindo em um espaço já dominado por diferentes agentes. Este processo se efetiva por meio do *habitus* que pode ser incorporado e exteriorizado em ações.

Constatou-se, entretanto, que entre gestores e treinadores, conforme o passar do tempo, a convivência entre eles durante as reuniões, treinamentos e competições – apesar de muitas vezes haver dominação –, têm melhorado e dependendo da forma de atuação, dos resultados obtidos (em treinos e competições) e dos novos atletas surgindo, a inserção destes gestores pode ser mais rápida e as iniciativas (ações) podem passar, futuramente, a serem bem aceitas pelos demais integrantes do campo do atletismo.

Com base nas entrevistas e no perfil dos treinadores, pode-se afirmar que os mesmos são reconhecidos nacionalmente no atletismo, uma vez que representam – por exemplo – atletas de alto nível deste esporte. Assim, possuem um capital esportivo (BOURDIEU, 1990; WACQUANT, 2002), o que também é reforçado pelo fato de – na sua maioria – os treinadores serem ex-atletas (alguns, de seleção brasileira). Isso os ajudou a ingressarem em diferentes esferas do atletismo nacional e mundial e, assim, conseguirem alguns feitos, como: atuarem em importantes entidades do atletismo nacional e participarem como técnicos pela seleção brasileira – de campeonatos mundiais e olímpicos. Isso, em determinadas circunstâncias, também ajuda os treinadores a terem mais influência do que os dirigentes, sobre os atletas – por exemplo – no que se refere ao planejamento de treino do atleta.

Nessa perspectiva, a trajetória do técnico de atletismo também pode ser influenciada e discutida – o que faz existir, por exemplo, a formação de dois grupos de treinadores: os da base e os do alto rendimento. Com base nos resultados, muitas vezes pode ser um processo difícil (mas não impossível), para que os primeiros – pela falta de algumas condições (incentivo financeiro, estrutura física, continuidade da equipe, tempo de carreira) – entrem no seleto espaço do alto rendimento.

Elias e Scotson (2000), no seu livro “Os Estabelecidos e os Outsiders”, através da observação de uma comunidade chamada Wiston Parva, tratam das relações de poder evidenciadas entre os indivíduos de diferentes grupos, onde há uma estigmatização definida pelos próprios grupos dessa comunidade. Tal

estigmatização afeta os sujeitos que fazem parte da própria comunidade. Sobre isso, o autor afirma que: “Eles não conseguem escapar individualmente da estigmatização grupal, assim como não conseguem escapar individualmente do *status* inferior de seu grupo” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 131).

Assim, pode-se dizer que existem treinadores de alto rendimento “estabelecidos” neste contexto – o qual pode ser formado por pessoas “adaptadas e outras que se adaptam mal ou não se adaptam à ordem estabelecida e a seus papéis pré-fixados” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.139). Num paralelo com o esporte em geral e, com base nos dados obtidos, existem os atletas aptos à determinadas modalidades, possuidores de talento, reconhecidos e treinadores qualificados que conseguem bons resultados. O que, de certa forma, contribui – na maioria das vezes – para serem bem aceitos no meio, no campo esportivo.

O modelo de potencial de poder determina o decurso das ações, sendo um processo aceitável de relação social e, em alguns casos, pode ser mútuo e, além disso, as relações de poder podem oscilar (ELIAS, 2008). Observou-se, neste estudo, que o treinador detém o poder de dirigir a equipe e seus atletas, da forma que entender ser a mais correta. Também, ele decide – junto com o clube – o que deve ser feito, por exemplo, a forma de treinar o atleta, o local de treino, a comunicação (ou não) com os agentes da confederação.

No entanto, a medida que o atleta consegue bons resultados e “aparece no radar” de outras entidades organizadoras do esporte nacional, o poder pode começar a ficar mútuo em determinados aspectos do treinamento do atleta – uma vez que, tais entidades, podem querer contribuir com o mesmo (por exemplo, auxiliar nos treinamentos, nas competições, aumentar o incentivo financeiro, fornecer *campings* internacionais, treinadores internacionais). Assim, a rede de interdependência não fica somente entre os agentes técnico, clube e atleta, mas, é ampliada com a socialização e outros agentes (CBAt, COB) podem entrar nela. Por fim, acaba que eles passam a se orientar a partir do que cada um pode oferecer, ou conforme as ações de uma parte e de outra (GOFFMAN, 2012) – ocorridas durante os treinamentos e competições.

Outro ponto de destaque na relação de poder (ELIAS, 2008), a partir dos dados até então levantados, se dá com as entidades que desenvolvem o atletismo nacional. Foi constatado que o Clube Pinheiros (atual bi-campeão do Troféu Brasil de Atletismo) é uma das principais entidades de atletismo do país – com atuação no

alto rendimento. Como tal clube obtém diferentes incentivos (exemplo: do Ministério do Esporte, da Confederação Brasileira de Clubes, de empresas privadas), consegue – também – grande visibilidade e excelentes resultados na modalidade.

Assim, na relação de poder com os demais clubes, há uma valorização maior deste se comparado com outras equipes do atletismo competitivo. Isso se explica pelo fato deste clube, por exemplo, ter a possibilidade de maiores incentivos do que as outras entidades (associações, prefeituras, institutos) do atletismo nacional. Logo, atraem os principais atletas do país, fornecendo – consequentemente – melhores condições de treinamento (treinadores, competições, estrutura física e humana) para os mesmos se manterem competindo e pretenderem o alto rendimento.

Sobre a questão das entidades (associações, ONGs, projetos sociais, etc.) de atletismo se desenvolverem no esporte é importante destacar a necessidade do relacionamento que precisa existir, em alguns casos, entre os diferentes campos (BOURDIEU, 1983). Como exemplo, o estudo de Martines (2009), o qual também utiliza conceitos sociológicos para interpretar seu objeto de estudo, aponta que muitas ONGs são desenvolvidas a partir de parcerias entre os campos político e esportivo, isto é, existem interesses específicos nessa relação.

No caso pesquisado, existem equipes que conseguem parcerias com diferentes esferas do governo, contam com auxílio financeiro para equipamentos esportivos, ou possuem convênios públicos. O governo, ao estabelecer parcerias com as entidades do atletismo nacional, tem a possibilidade de atender crianças e adolescentes, ou aproveitar a visibilidade que o esporte pode trazer. Nesse processo, as equipes de atletismo precisam fazer com que os investidores, parceiros e patrocinadores se interessem por seus produtos (oferta e procura).

5.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos discursos dos treinadores, foi identificada uma tendência da iniciação esportiva no atletismo se dar por meio de uma prática mais atrativa, facilitando a manutenção nesse esporte.

Não foi identificado um sistema nacional organizado para seleção e detecção de atletas, isso fica por conta de treinador – ou de cada entidade que desenvolve o atletismo. Os técnicos de alto rendimento destacaram que recebem os jovens atletas

com uma formação motora, um trabalho de base deficitário (pulam fases de desenvolvimento), o que atrasa ou impede a transição do atleta para o alto rendimento. Desta maneira, considera-se que as hipóteses deste estudo foram aceitas, uma vez que pode-se afirmar – com base nos depoimentos – que ainda não há um modelo de trabalho a ser seguido pelos técnicos formadores, o que pode ser um dos motivos que faz com que estes treinadores não formem atletas como deveriam e, assim, faz-se necessária uma atenção especial, das entidades organizadoras do atletismo nacional, na formação continuada e valorização desses agentes.

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma lacuna entre a maioria das equipes adultas que desenvolvem o alto rendimento e as de base. Em muitos casos, o atleta que deseja prosseguir com o atletismo e almejar o alto rendimento precisa migrar para uma equipe adulta, a qual pode localizar-se em outra cidade ou estado. Até o momento do estudo, não foi identificado que o atletismo nacional possui, estabelecido, um projeto que auxilie o atleta no início, meio e fim no esporte.

Para tanto – com auxílio dos depoimentos –, propõem-se uma saída para estabelecer o caminho do atleta e para que o país possa aproveitar melhor os talentos, por exemplo: os Centros Regionais de Atletismo receberiam jovens potenciais atletas e seriam os responsáveis por desenvolvê-los a partir de uma metodologia única (ainda não existe) de treinamento, aplicada por profissionais capacitados, que façam com que o atleta treine sério e de forma correta. Desse modo, o atleta destaque dos Centros Regionais chegaria nos Centros Federais melhor preparado para ingressar no alto rendimento. Destaca-se essa questão como um dos principais achados e uma das contribuições principais deste estudo.

O incentivo financeiro foi encarado pelos treinadores como um facilitador para o treinamento do atleta de alto rendimento na aquisição de materiais, equipamentos esportivos e participação em competições. No entanto, além de não ser o fator determinante para bons resultados, precisa ser melhor distribuído e repensado no que se refere ao jovem atleta. O incentivo é importante para o jovem atleta se manter focado e constante no processo de treinamento e de competição, assim, não abandonará o esporte por dificuldade financeira.

Acerca da capacidade dos técnicos, foi identificado que existem técnicos brasileiros reconhecidos mundialmente e opções para o técnico de atletismo se atualizar, sobretudo para aquele que atua no alto rendimento e reconhecido no

campo esportivo. Foi identificado que somente algumas equipes ou estruturas de atletismo do país oferecem apoio completo ao técnico e atleta, no que condiz ao alto rendimento. Então, muitas vezes o técnico precisa ter um conhecimento amplo do esporte, ter competência não somente na parte técnica e física que sua especialidade do atletismo exige, mas, dominar, entender de nutrição, psicologia, fisioterapia, tecnologia (filmagem, aparelhos de treinamento, etc.), entre outras demandas que emergem do processo de treinamento. Diante disso, pode-se dizer que os resultados deste estudo contribuem à respeito da intervenção profissional nesta modalidade.

Todos os agentes que cercam o atleta entendem as necessidades básicas que este precisa ter para atuar no alto rendimento. Essa visão consolidada ainda não se estabelece para a figura do técnico brasileiro de atletismo, o qual também precisa de um determinado suporte para trabalhar com consistência na formação de atletas ou no alto rendimento desta modalidade.

6 O ATLETISMO BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DE ATLETAS COMPETITIVOS: DA FORMAÇÃO AO ALTO RENDIMENTO

6.1 INTRODUÇÃO

Com base no estudo 1 desta tese, foram identificados que 4203 atletas que participaram do *ranking* nacional de atletismo, entre os anos de 2013 à 2016, isto é, são atletas filiados à Confederação Brasileira de Atletismo. Destes, 1123 (26.72%) estavam enquadrados – no momento da pesquisa – nas categorias Adulto e Sub-23; e, 3080 (73.28%), nas categorias formativas do atletismo (Sub-16, Sub-18 e Sub-20).

A formação de um atleta até o alto rendimento é um processo complexo, que depende da inter-relação de vários fatores internos e externos ao indivíduo. Vários são os estudos que buscam identificar e compreender os fatores que influenciam na busca do máximo rendimento esportivo do atleta (BLOOM, 1985; LANARO FILHO; BOHME, 2001; MARTIN; CARL; LEHNERTZ, 2001; BOMPA, 2002; WEINECK, 2002; MASSA, 2006; MEIRA; BASTOS, 2011; SANTOS, 2011; GONÇALVES; RAMA; FIGUEIREDO, 2012; REES *et al*., 2016). Tais estudos apontam que o sucesso de um atleta, no esporte de alto rendimento, não é determinado somente pelas suas capacidades individuais, mas, também, pela influência de fatores ambientais, oriundos do seu contexto social e cultural, além da inter-relação que ocorrem entre estes contextos.

Este tópico pretende apontar alguns fatores determinantes para o atleta iniciar e permanecer no esporte competitivo. Bloom (1985), Silva e Rubio (2003) e Vieira e Vieira (2001) apontam fatores psicológicos essenciais para os atletas competitivos ingressarem e continuarem no esporte. Por exemplo, a motivação, o pensamento positivo e a autoconfiança. Segundo os autores, esses atletas precisam ter uma preparação mental excepcional, pois, na sua jornada esportiva, os mesmos convivem – constantemente – com situações de derrotas e decepções.

As pesquisas que indicam o fator financeiro como fundamental no desenvolvimento do atleta, em diferentes ambientes, são diversas (HOULIHAN; GREEN, 2008; HASTIE *et al*., 2013; MEZZADRI; MORAES E SILVA; CAVICHIOLLI, 2016). No estudo realizado por Vieira, Vieira e Krebs (1999), com jovens talentos paranaenses de atletismo, os autores apontam que os jovens talentos do estado do

Paraná, devido ao apoio financeiro insuficiente, deslocam-se para outros estados do Brasil – visando dar continuidade às suas carreiras esportivas.

Os resultados, de diversas pesquisas, são unânimes em relação à necessidade de um planejamento para se atingir e melhorar o rendimento esportivo, a partir de um processo devidamente planejado e organizado por fases (iniciação esportiva ao alto rendimento) – em que os resultados concretos estão no topo dos objetivos (GRECO, 1998; CÔTÊ *et al*., 1999; MARTIN; CARL; LEHNERTZ, 2001; BOMPA, 2002; MATTHIESEN; SILVA; SILVA, 2008; SILVA *et al*., 2003).

Côté e Gilbert (2009), Gilbert e Trudel (2000), Meira e Bastos (2011), Domingues, Cavichiolli e Gonçalves (2014), afirmam que a obtenção do alto rendimento esportivo depende, também, de metodologias eficientes de treinamento que englobam a detecção, seleção e promoção dos atletas. Segundo Bohme (1995), a detecção refere-se ao processo no qual busca-se identificar em uma grande quantidade de crianças e adolescentes, aquelas dispostas e prontas para participar de um programa esportivo – essa é considerada a primeira etapa do treinamento a longo prazo. A seleção é entendida como o meio utilizado para determinar os indivíduos que estão aptos a passarem para níveis mais altos deste treinamento. E a promoção refere-se aos procedimentos e às medidas de treinamento que são utilizadas para o desenvolvimento do talento.

O termo talento é muito utilizado no meio esportivo, por técnicos e dirigentes do esporte. De acordo com Ziemainz e Gulbin (2002), este termo é empregado para caracterizar indivíduos que demonstram elevadas capacidades biológicas e psicológicas, que dependendo do meio social e das condições ambientais no qual estão inseridos, poderão apresentar rendimento esportivo. Santos (2011) e Colantonio (2007), afirmam que o Brasil ainda possui um sistema de detecção e seleção de talentos assistemático, sem critérios científicos. Sistema no qual os indivíduos que irão participar do esporte de rendimento, muitas vezes, aparecem por sorte ou ao acaso.

Santos (2011) destaca que, no caso do atletismo, os parâmetros tradicionalmente utilizados são dados antropométricos e de desempenho motor, além das características genéticas do indivíduo. A utilização de um prognóstico de desempenho de um atleta iniciante, que considere somente a questão física individual, aumenta a possibilidade de erro. Afinal, nem sempre aqueles que atingem um maior nível de desempenho esportivo nas categorias infantil e juvenil, serão

aqueles que conseguirão pertencer a uma seleção nacional adulto (BLOOM, 1985; HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014). No atletismo brasileiro isso tem sido uma constante, uma vez que o país possui – de certo modo – resultados expressivos em competições internacionais das categorias menores ou juvenis[35] e, atualmente, tem deixado a desejar em campeonatos mundiais da categoria Adulto (CBAt, 2016j). Destaca-se que, não foi encontrada via CBAt ou em outra entidade esportiva nacional, a quantidade de atletas de atletismo talentosos, ou seja, considerados promissores para a sequência da modalidade no Brasil.

Diante dos fatores apresentados, a problemática para o presente estudo é: como ocorre o desenvolvimento do atleta competitivo na modalidade de atletismo no Brasil, a partir da percepção de atletas de alto rendimento desta modalidade? Assim, julga-se que esse estudo pode oferecer subsídios para embasar, bem como, auxiliar os dirigentes esportivos e técnicos na definição de estratégias para os atletas nas diferentes categorias e etapas do desenvolvimento esportivo. Além disso, visa oferecer novas percepções, referentes ao desenvolvimento do atleta brasileiro de atletismo.

6.2 OBJETIVOS

6.2.1 Objetivo Geral

Investigar como ocorre o desenvolvimento de atletas competitivos do atletismo brasileiro, na formação e no alto rendimento, a partir do entendimento de atletas brasileiros desta modalidade.

6.2.2 Objetivos Específicos

a) Apresentar as trajetórias esportivas (desde a iniciação esportiva) dos atletas investigados e os detalhes para se atingir o alto rendimento;

---

[35] Cabe citar aqui, atletas como Thiago Carahyba (campeão mundial de menores em 2001, no salto em distância e 4º colocado no 110m /barreiras); Julio Cesar Miranda de Oliveira (campeão mundial de menores em 2003, no lançamento do dardo); Barbara da Silva Leôncio (campeã no mundial de menores em 2007, no 200 metros rasos); Vanda Gomes (vice-campeã mundial juvenil em 2006, no 200 metros rasos); Keila da Silva Costa (bronze no mundial juvenil em 2002, no salto em distância); Tamiriz de Liz (bronze no mundial juvenil em 2012, no 100 metros rasos), (CBAt, 2016j).

b) Identificar se os atletas investigados passaram por um processo de seleção de atletas;
c) Apontar as dificuldades para se atingir e permanecer no alto rendimento esportivo no atletismo;
d) Analisar os assuntos mais destacados pelos sujeitos, por exemplo, os resultados esportivos enquanto jovens, o incentivo financeiro;
e) Apresentar embasamentos à elaboração de estratégias efetivas de valorização do atletismo brasileiro.

6.2.3 Hipótese

O atletismo brasileiro atual não está oferecendo condições ideais para que o atleta se desenvolva no esporte e permaneça no alto rendimento.

6.3 METODOLOGIA

6.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas, tipo de entrevistas.

Utilizou-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas (GIL, 2008). Foi utilizada, como instrumento norteador para a coleta de dados, a técnica de entrevista – com um roteiro semiestruturado. O tipo de pesquisa e a técnica foram descritos no capítulo 4 (ver item: 4.3.1).

6.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral

A amostra deste estudo foi composta por 10 atletas brasileiros, da modalidade de atletismo do sexo masculino, categoria Adulto. Estes, foram selecionados de forma intencional para representar uma determinada população (RUDIO, 1978) e de modo a atenderem os seguintes critérios: possuir índice olímpico para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro – 2016; preencher diversas provas do atletismo, isto é, os participantes deste estudo, juntos, deveriam compor todos os grupos de provas do atletismo (corridas de velocidade, barreiras e revezamentos; meio fundo e fundo; marcha; saltos; lançamentos e arremesso; e provas combinadas); e, por fim, estar representando e treinando regularmente em instituições voltadas para o desenvolvimento da modalidade de atletismo. A delegação brasileira de atletismo nos Jogos Olímpicos do Rio foi composta por 67 atletas, sendo 36 no masculino.

Os 10 atletas foram selecionados conforme os critérios acima e pela

facilidade de acesso que os pesquisadores tiveram com os mesmos. Também, o número de entrevistados foi estabelecido conforme o critério de saturação, ou seja, momento no qual as principais informações relacionadas ao objetivo do estudo começaram a se tornar repetidas (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). É importante destacar que os participantes deste estudo representavam diferentes clubes e estavam, no momento do estudo, entre os três melhores do país no ano de 2015, nas suas respectivas provas. Tinham média de idade de 27,7 anos (mín. 22/ máx. 31).

A CBAt disponibiliza no seu *site* um *ranking* atualizado de, aproximadamente, 20 melhores atletas de todas as provas que compõem esta modalidade no âmbito nacional, sendo que isso pode totalizar cerca de 1.500 resultados – disponibilizados num único ano, envolvendo os sexos masculino e feminino (CBAt, 2016b). Com base na quantidade de resultados e participantes, considera-se relevante estar entre os três primeiros do referido *ranking*. Portanto, é possível dizer que os atletas investigados deste estudo tiveram destaque nas competições mais importantes nacionalmente.

Os sujeitos deste estudo estavam, até o momento da pesquisa (maio de 2016), com índice olímpico para disputar, nos Jogos Olímpicos do Rio, as seguintes provas do atletismo: 200 metros; 400 metros; 800 metros; 400 metros com barreira; salto em altura; salto em distância; lançamento do dardo; marcha atlética (20 km); maratona; e Decatlo. Dos dez entrevistados, somente um (maratona) atleta, apesar de possuir o índice olímpico exigido pela federação internacional (IAAF), não participou dos Jogos Olímpicos do Rio – isso porque cada país teve direito a mandar no máximo três atletas por prova do atletismo e, nesse caso, tal atleta não ficou entre os três melhores do país na sua modalidade (BRASIL 2016, 2016).

O atleta da prova de 200 metros foi escolhido pelos técnicos brasileiros para também integrar a equipe brasileira do revezamento 4x100 metros, que disputou os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Vale destacar, aqui, a dificuldade dos pesquisadores em conseguir entrevistar estes sujeitos, uma vez que os atletas representaram a seleção brasileira da modalidade e, no período da pesquisa, encontravam-se em preparação para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Nesse sentido, as entrevistas aconteceram no ano de 2015 e no primeiro semestre de 2016.

6.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados

Os dados coletados das entrevistas foram agrupados a partir dos preceitos do método “Análise do Conteúdo” (BARDIN, 2011). Os passos (diálogo com os entrevistados, questões éticas, questões sobre a elaboração do roteiro, realização e transcrição das entrevistas) para coleta de dados com utilização de entrevistas e as etapas da Análise de Conteúdo (pré-análise, exploração, codificação, tratamento, forma de apresentação nos resultados das categorias e subcategorias) foram descritas no capítulo 4 (ver item: 4.3.3), assim como, os detalhes sobre a busca documental utilizada neste estudo.

As entrevistas seguiram um roteiro, elaborado com base na revisão de literatura deste estudo e composto, basicamente, por 4 partes: 1) caracterização do participante (idade, formação acadêmica, entidade, treinador); 2) experiências enquanto atleta (conquistas pelo atletismo; participação em projetos; facilitadores e dificuldades na carreira; relação com as entidades de desenvolvimento; relação com os treinadores, família; experiência internacional); 3) formação esportiva ao alto rendimento (trajetória esportiva: formação e continuidade; locais de início e atual; os treinadores; política de desenvolvimento do caminho do atleta; política para o alto rendimento; participação em programas nacionais de treinamento); 4) organização do trabalho e da carreira (organização do treino, modelos de treinos; serviços de apoio ao treino; apoio individualizado; resultados esportivos e incentivo financeiro; patrocínios; principais competições; auxílio em competições; projetos do atletismo nacional; planejamento de carreira, programa de pós-carreira).

QUADRO 22 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS ATLETAS
(continua)

Categorias	Subcategorias
Trajetória (*f*=32.7%)	Idades de início, atual, primeiro apoio (*f*=15.6%), momento de especialização, (*f*=23.4%), continuidade, local de início, atual (*f*=30.1%), motivos de início e manutenção (*f*=30.9%),
Incentivo financeiro (*f*=35.1%)	Suficiente, insuficiente (*f*=16.7%), aproveitar o momento (*f*=9.3%), utilização do recurso (*f*=40%), formas de incentivos (*f*=34%).

Infraestrutura física e humana (*f*=19.8%)	Estruturas físicas adequadas para o treinamento (*f*=17.8%), treinadores (*f*=35.6%), serviços de ciência e medicina do esporte, suporte para vida (*f*=30.8%), apoio familiar (*f*=15.8%).
Organização e facilitadores da prática (*f*=12.4%)	Planejamento do programa esportivo (*f*=59.2%), especificidade da prova e do atleta (*f*=23.7%), atributos físicos e psicológicos (*f*=17.1%)

FONTE: o autor (2017).

Os itens das entrevistas foram agrupados nas categorias supracitadas. Foram construídas, em média, cinco perguntas para cada categoria. Cada entrevista teve a duração média de 51,5 minutos (mín. 41 min./máx. 61 min.). No decorrer do texto os relatos referentes aos atletas são apresentados pelas siglas: A1 até A10. Como são relatos que muitas vezes se complementam, optou-se em não separar um tópico específico para cada atleta. Por fim, vala destacar que o que os liga, são os assuntos de acordo com as categorias do Quadro 22.

6.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Trajetória esportiva

QUADRO 23 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS ATLETAS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Identificação	**Entidade e idade (anos) de início**	**Entidade que representa***	**Idade atual (anos)***	**Especialidade**
A1	Escola / 14	Associação	29	200 metros
A2	Escola / 12	Clube	24	400 metros
A3	Associação / 12	Associação	26	Marcha Atlética
A4	Prefeitura / 14	Clube	28	Salto em Altura
A5	Projeto Social / 15	Instituto	28	Salto em Distância
A6	Projeto Social / 19	Clube	29	Maratona
A7	Escola / 14	Associação	29	800 metros
A8	Prefeitura / 12	Clube	31	Dardo
A9	Associação / 16	Clube	22	400 m com barreira
A10	Prefeitura / 14	Associação	31	Decatlo

FONTE: O autor (2017). Legenda: *: no momento da entrevista.

A média de idade dos atletas investigados foi de 27,7 anos (mín. 22/máx. 31, ± 2,00). Quanto ao local de início (*f*=30.1%), identificou-se iniciarem em diferentes entidades. Três dos dez investigados começaram suas trajetórias vinculados às instituições escolares; três em prefeituras; dois em projetos sociais; dois em associações:

> […] foi em um projeto social perto de casa, era jovem, não tinha muitas opções, então passávamos a tarde nesse projeto de atletismo (A6).
> Comecei no projeto da escola […] o atletismo era o único esporte que a escola oferta como treinamento, então resolvi entrar, comecei a me dar bem no esporte, depois o projeto passou a ter vínculo com a prefeitura, começamos a disputar competições estaduais […] (A2).

A partir disso, foram identificados os motivos de iniciarem no atletismo (*f*=30.9%). Similarmente a A6, os atletas A10 e A5, respectivamente, entraram na modalidade para "[…] ocupar o tempo livre que tinha a tarde […] ia para escola pela manhã e à tarde ia para o projeto da prefeitura, lá conheci o atletismo, hoje vejo que foi uma atitude muito correta que tive na época, com 13, 14 anos […]" e por que "[…] um professor de educação física trabalhava em um projeto social com o atletismo […] morava em cidade pequena, então lembro que o projeto era a nossa diversão na cidade […]".

O contexto escolar foi um ambiente de início, conforme também mencionam os atletas: "[…] meu primeiro contato com o atletismo foi na escola, participei dos jogos escolares […] depois, já fui treinar na equipe da cidade […]" (A1), "[…] o meu professor de educação física quem me convidou, viu que eu tinha potencial e me chamou para equipe da escola […]" (A7).

O gosto pelo esporte e a motivação pessoal em ser atleta, foram motivos relatados por alguns atletas como importantes para ingressaram no atletismo: "[…] eu sempre gostei muito do esporte, gostava de correr quando jovem, então me adaptei facilmente no atletismo […] fazia provas de resistência, gostava disso e depois conheci a marcha atlética […]" (A3); "[…] queria ser atleta profissional, tentei o futebol primeiramente, mas acabei caindo no atletismo […] queria sempre melhorar minhas marcas, queria ser famoso, reconhecido através do esporte" (A9).

Além disso, os atletas conseguiam outros benefícios no início de carreira, estando no atletismo, o que para eles também eram motivos para se manterem neste esporte, conforme pode-se observar nos próximos depoimentos: "[…] o clube fornecia transporte, alimentação […]" (A9), o atleta A10 adicionou a "[…] vestimenta

[…] roupa de passeio, de treino, de competição […]". Para A2, "[…] toda a ajuda é valorizada pelo jovem atleta […] lembro que a primeira coisa que ganhei no atletismo foi o uniforme da equipe, uma sapatilha […] era muito humilde, então fiquei muito feliz […]". Ainda, alguns atletas mencionaram a importância de possuir uma ajuda financeira para continuidade no esporte, segundo A1, "[…] entrar na equipe da cidade era também uma oportunidade de receber uma ajuda de custo […] depois de seis meses já comecei a receber todo mês, com isso, minha família começou a gostar, ter interesse […]". Também, o atleta A2 e A5 adicionaram, respectivamente: "[…] logo no início de carreira já consegui moradia […] morava no alojamento do clube, isso foi um motivo que fez me interessar ainda mais pela modalidade, vivia diariamente o atletismo […]"; "[…] a faculdade foi uma das grandes oportunidades que o atletismo me proporcionou ainda no início de carreira […]".

QUADRO 24 – ALGUNS MOTIVOS DE INÍCIO E MANUTENÇÃO NO ATLETISMO A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS ATLETAS

Motivos	**Participantes**
Diversão	A1, A3, A10
Ocupar o tempo	A6, A10, A5.
Ser atleta profissional, reconhecimento	A3, A8, A9
Encaminhado pelo professor de Educação Física	A7
Motivação pessoal em buscar participar do esporte	A3, A8
Ganhar os estudos da faculdade	A5
Obter ajuda financeira	A1
Fornecia transporte, alimentação, material esportivo	A10, A9, A2

FONTE: o autor (2017)

Como os atletas investigados ingressaram no esporte ainda jovens, foi identificado que o início da carreira do atleta no atletismo é influenciado por uma pessoa que o incentiva a iniciar no esporte, por exemplo, o técnico ou o professor de Educação Física e, também, pelo o que a modalidade oferecia ao atleta.

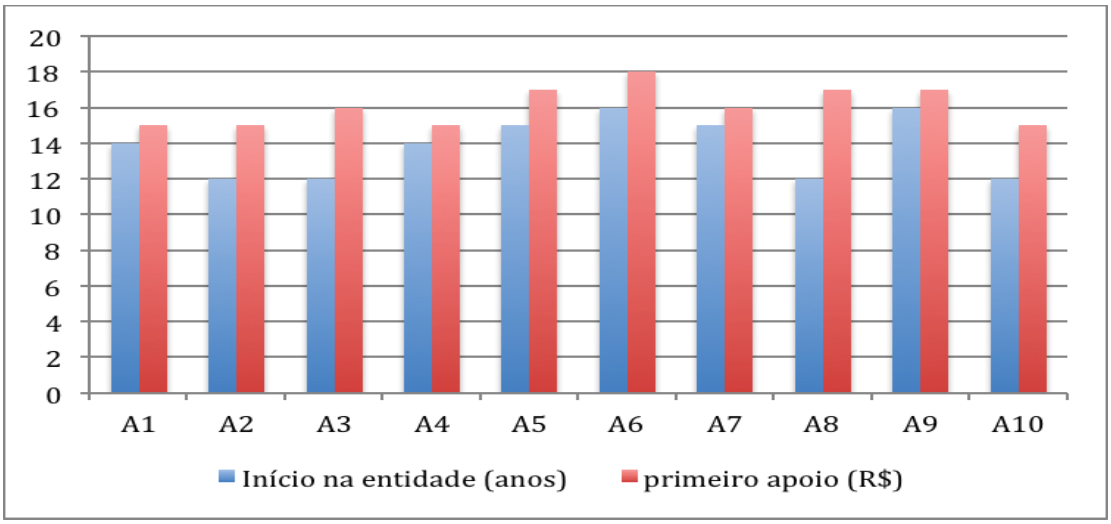
No decorrer das entrevistas, os atletas apontaram, a importância de estarem estudando, ou conseguirem uma formação acadêmica: "[…] ainda tenho mais 3 ou 4 anos como atleta […] então isso pode ajudar a abrir portas para quando for momento de pensar em parar com a vida de atleta […]" (A8) "[…] caso precise parar, o estudo pode fazer com que consiga outro trabalho, outro projeto […]" (A1). Apesar

disso, somente 4 dos entrevistados possuem formação em nível superior, sendo três com formação em Educação Física; e um em Administração.

No momento da pesquisa, os atletas não atuavam nas áreas relacionadas com suas formações acadêmicas, dedicavam-se somente à carreira de atleta: "[…] gostaria de trabalhar, começar a ensinar os jovens atletas […] mas no momento não tem como, a vida de atleta toma a maior parte do meu tempo" (A7). O atleta A1 salientou que: "[…] valorizo muito o fato de depender somente do atletismo, não é fácil conseguir isso, por isso consigo me dedicar em tempo integral no atletismo […]". O atleta A2 destacou que:

> […] a maioria dos atletas, recebem um apoio razoável, insuficiente, muitas vezes precisam dedicar parte do tempo em outros empregos […] isso acontece até com aqueles que são os melhores do país, pois já estive nessa situação, com as melhores marcas do país e com pouco incentivo […] por isso, hoje me considero como parte de uma minoria, pois até o momento, recebo recursos que fazem com que eu me dedique 100 por cento para o atletismo.

GRÁFICO 17 – IDADE DE INÍCIO NO ATLETISMO E DO PRIMEIRO APOIO



FONTE: o autor (2017).

Apesar deste estudo ser elaborado com uma amostra reduzida, optou-se por apresentar algumas informações, também por meio de gráficos.

Em relação à idade de início dos atletas (*f*=13.6%), fica claro que se deu na adolescência. Conforme mencionaram, respectivamente, A1, A7, A6 e A10: "[…] comecei a treinar mesmo com 14 anos no projeto da escola"; "[…] comecei com 14 anos, encaminhado pelo meu professor de Educação de Física"; "[…] com 16 anos de idade entrei num projeto social que ficava perto de casa e comecei a treinar e me destacar nas corridas e também passei a correr pela prefeitura […]".

> Lembro que um amigo me convidou a fazer parte do projeto de atletismo da prefeitura, logo em seguida ele parou de praticar […] eu tinha 12 anos, então lembro que iniciei mais para brincar, passear quando tinha competição e treinos fora da escola, fazia várias provas e era bom em todas e hoje, com 31 anos, estou entre os melhores de provas combinadas (Decatlo) do país.

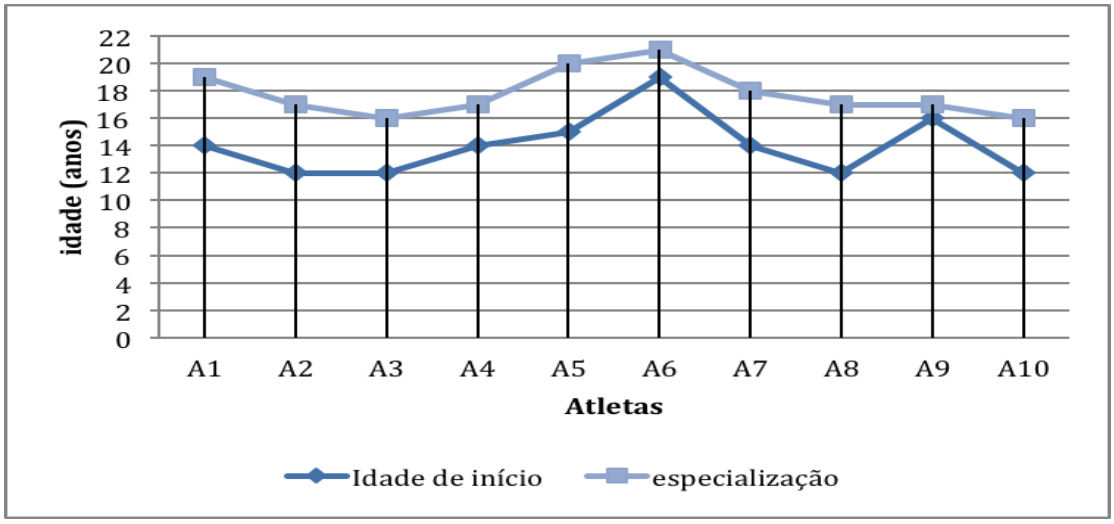
A média de idade de início no atletismo foi 13,8 anos (mín. 12/máx. 16, ± 1,68) para os investigados. A idade de início que mais se repetiu (para 4 atletas) foi 12 anos. A experiência de prática no atletismo, considerando a idade de início e a idade atual do momento da pesquisa (Quadro 23), foi de 12,9 anos (mín. 6/máx. 19 ± 3,75) para os atletas deste estudo.

A idade média de recebimento do primeiro apoio financeiro foi de 16,1 anos (min. 15/máx. 18 ± 1,04). É possível observar, no GRÁFICO 17 que alguns atletas (A1, A4, A7) depois de aproximadamente um ano de terem ingressado no atletismo, passaram a obter algum tipo de atenção especial, na forma de ajuda financeira. O tempo médio entre ingressar no atletismo e obter o primeiro apoio (*f*=13.6%) foi de 2,4 anos (min. 1/máx. 5 ± 1,28) para os sujeitos investigados. "[…] Já quando jovem, acho que tinha talento, depois de um ano já consegui apoio de um programa esportivo estadual […]" (A1); "[…] meu primeiro apoio financeiro foi da confederação, obtive bons resultados então a confederação me incluiu no seu programa de apoio, era para jovens talentos" (A2).

Similarmente, segundo A7: "[…] era considerado um atleta emergente, então de uma hora para outra minha equipe, federação e confederação começaram a me dar uma atenção especial, foi o momento que comecei a receber dinheiro". Já o atleta A8 menciona que demorou "[…] um pouco para ter apoio financeiro, isso tem mais de 10 anos, então na minha época era mais difícil ter apoio logo no início […] comecei a ter resultados e então o clube passou a me dar uma ajuda custo mensal" (A8).

GRÁFICO 18 – IDADE DE INÍCIO E DE ESPECIALIZAÇÃO EM UMA MODALIDADE DO ATLETISMO.

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

A idade de definição de provas é entendida, nesse estudo, como o momento que os atletas começaram a se dedicar com mais intensidade nas suas especialidades (*f*=23.4%) atuais do atletismo (ver também Quadro 18). A idade média em que ocorre a definição de provas foi de 17,8 anos (mín. 16/máx. 21, ± 1,6). "[…] já aos dezesseis anos eu entendi que teria potencial nas provas combinadas […] sempre gostei de treinar várias provas, então era a melhor opção sempre participar das combinadas e me dedicar a esse tipo de prova […]" (A10); "[…] a partir dos 20 anos, parei de fazer outras provas, como barreira, salto em distância, para me dedicar somente ao 100 e 200 metros". (A1).

Os atletas entendem como uma necessidade conseguirem ótimos resultados ainda quando jovens. Para A1, "[…] já com 19 anos esperava obter uma marca (resultado) expressiva nas minhas provas" […].

O depoimento dado pelo atleta A9 vai ao encontro dessa questão:

> Eu tive bons resultados aos 18 anos, precisava de bons resultados nessa época, porque depois é diferente, você tem que trabalhar, ajudar em casa […] então pensava se eu atingir meu ápice aos 18 anos, teria mais força de vontade para batalhar por mais resultados […] hoje vejo no atletismo um outro problema: somente o atleta que ganha medalha é valorizado com mais intensidade, a mídia e a população em geral não entende que vale muito chegar entre os oito, é muito difícil, então dependendo a prova, a final envolve oito pessoas […] sem contar que se for numa prova de campo, somente 32 atletas começam a prova, ou 12 no salto em altura, ou vara […] então, a busca por medalha, ou um pódio é objetivo de todos, infelizmente, isso é o que é valorizado […].

Foi evidente a preocupação dos atletas com relação à continuidade no atletismo, "[…] gostaria na época de continuar treinando na minha cidade, não

queria sair de perto dos amigos, da família […] mas todos comentavam que se tiver destaque iria precisar mudar de equipe para depender somente do atletismo". (A2). Conforme A5: "[…] queria continuar na cidade onde iniciei, mas não tinha muito incentivo depois dos 18 anos […] a equipe é somente até essa idade". Similarmente, A8 e A4 adicionaram, respectivamente:

> É que depois dos 18 anos treinar lá (entidade de início) iria ser muito difícil, a equipe do munícipio não continuava depois dessa idade, sabia que iria precisar arrumar outra equipe.
> Já com 17 anos comecei a procurar outra equipe […] fui morar no Centro Olímpico de São Paulo.

Os atletas, quando jovens, entendiam que a possibilidade de continuidade (*f*=30.1%) na modalidade nas suas equipes de início era incerta. Isso foi uma constante nos depoimentos da maioria dos atletas investigados. Então, com a finalidade de obterem continuidade neste esporte e levando em consideração os bons resultados que os atletas tiveram enquanto jovens, entende-se que os após completarem 18 ou 19 anos, precisaram mudar de equipe, cuja localização geralmente era em cidade ou estado diferentes da entidade de início. O atleta A2 esclareceu que sua "[…] equipe atual (estado de São Paulo) foca somente na categoria Adulto, contrata o atleta pronto, pode ser de qualquer lugar do país" e A5 salienta que "[…] a maioria das equipes top (do alto rendimento) do Brasil não se preocupam em trabalhar com o jovem atleta". Ainda, A8 ressaltou que a mudança de local de treino "[…] nem sempre é bom para o jovem atleta, pois muitos deles não se adaptam com o novo local de treino […].

Optou-se no Quadro 25, em ilustrar parte das diferentes trajetórias dos atletas. Seis dos dez atletas participantes deste estudo tiveram que trocar de cidade quando jovens, sendo que quatro destes tiveram que migrar de estado, para locais do Brasil que possuíam equipes de destaque com condições adequadas para se desenvolverem no atletismo e, atualmente, representam equipes do estado de São Paulo.

Conforme o atleta A2: "[…] iniciei no Paraná, e tive que mudar com 19 anos para São Paulo, onde estão as melhores equipes, competições, técnicos […]". O atleta A1 comentou que precisou mudar de equipe no início de carreira para evoluir no esporte: "[…] precisei sair de Alagoas para Presidente Prudente, com 18 anos, era uma das principais equipes do país na época […]". Do mesmo modo, o atleta A8

afirmou que: “[…] minha família é de Paranavaí […] fui para São Paulo, depois com 19, 20 anos já estava em São Paulo […]”.

Essa questão envolvendo a transição dos atletas para buscarem o alto rendimento pode ser constatada nos depoimentos a seguir: “[…] a mudança para um local de melhor desenvolvimento, ou de continuidade ficava por conta do atleta e do técnico […] lembro que eu tive que ir atrás, buscar contato com uma melhor equipe […]” (A10), “[…] a federação me indicou para uma equipe adulta […] mas foi somente isso, a mudança de equipe dependeu de mim e da ajuda do meu técnico que me ajudou bastante a buscar um espaço melhor para treinar (A4)”.

Nessa perspectiva de mudança, o atleta A4 reforçou que “[…] sempre quando muda-se de equipe, ou de técnico, é necessário um tempo de adaptação […] em alguns casos, esse processo não é fácil para o atleta […] o brasileiro é muito cabeça fechada para o novo […]”. Por outro lado, A7 salienta que para ele “[…] a mudança, o algo novo, seja do técnico, do local, ou uma formação diferente na minha carreira é sempre bem-vindo […]”.

A partir dos discursos dos atletas, foi possível elaborar o Quadro 25:

QUADRO 25 – CIDADES DE INÍCIO E DESENVOLVIMENTO NO ATLETISMO E DO CLUBE ATUAL DOS PARTICIPANTES DESTE ESTUDO

Sujeitos	Cidade/estado de início e desenvolvimento.	Cidade do clube atual
A1	Maceió/AL	Teresina/PI
A2	Ponta Grossa/PR	São Paulo/PR
A3	Blumenau	Blumenau/SC
A4	Maringá/PR	São Paulo/SP
A5	Barueri/SP	Barueri/SP
A6	Curitiba/PR	Curitiba/PR
A7	Conchal/SP	São Paulo/SP
A8	Paranavaí/PR	São Caetano do Sul/SP
A9	Rio de Janeiro/RJ	São Caetano do Sul/SP
A10	Artur Nogueira/SP	São Caetano do Sul/SP

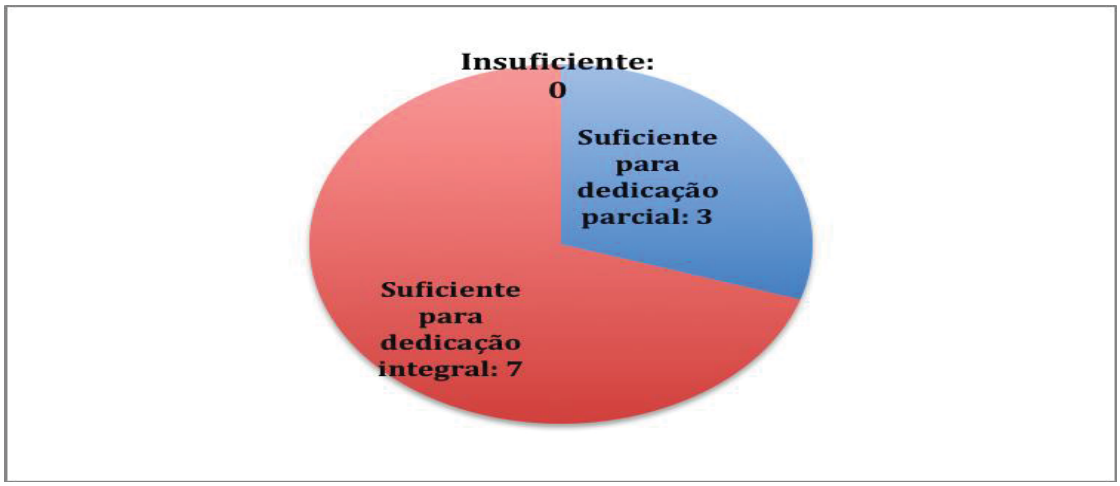
FONTE: o autor (2017).

Somente o atleta A3 nunca representou uma equipe do estado de São Paulo, permanecendo sempre na equipe de seu estado de origem, Santa Catarina. Os demais atletas deste estudo treinam, competem ou já competiram por equipes de atletismo do estado de São Paulo ao longo de suas carreiras. Conforme complementou A5: “[…] as melhores equipes estão nesse estado, então elas

querem os melhores atletas, é normal estarmos direto treinando e vivendo pelo estado de São Paulo […]". Os atletas A1 e A6, embora no momento da pesquisa não estivessem filiados à equipes paulistas, relataram que já tiveram vínculo com equipes do estado de São Paulo.

Incentivo financeiro

GRÁFICO 19 – AVALIAÇÃO DOS ATLETAS SOBRE O APOIO FINANCEIRO SER SUFICIENTE PARA O ALTO RENDIMENTO



FONTE: o autor (2017).

Sete dos 10 atletas, afirmaram que recebem apoio financeiro suficiente (*f*=16.7%) para se dedicarem em tempo integral ao esporte de alto rendimento. Na sequência, relatos dos atletas sobre quais são os esses apoios. De acordo com A1: "[…] tenho um salário da minha equipe, da confederação, do patrocinador". Outros três atletas, relataram que o incentivo era suficiente para uma dedicação parcial ao esporte, conforme mencionou A7: "[…] convivo com alguns atrasos no pagamento, do clube, da Bolsa-Atleta e quando isso acontece, afeta meu treinamento, mentalmente […] preciso complementar a renda familiar de outras formas, meu pensamento fica na conta que preciso pagar no final do mês". Similarmente, A8 relatou que: "[…] isso acontece porque o atletismo para algumas pessoas não é encarado com o profissionalismo que deveria merecer […]", então para A9, "[…] o atleta de atletismo precisa administrar bem seu orçamento, o ideal é contar somente com o que é 100 por cento garantido, não esperar por premiação, ou o que vai conseguir mais com patrocínio […]".

Identificou-se que uma das formas (*f*=34%) de remuneração era proveniente das entidades esportivas e que todos os atletas entrevistados recebem incentivos por meio de políticas esportivas existentes nos órgãos municipal, estadual, ou federal. Esses incentivos financeiros dependem, exclusivamente, de resultados e do ranqueamento dos atletas, principalmente aos níveis nacional e internacional. Seis atletas entrevistados recebem incentivo do governo municipal (Lei de Incentivo ao Esporte para pessoa física) e quatro deles (A1, A2, A4 e A5), também recebem do governo estadual.

Todos os dez atletas entrevistados, no momento da pesquisa, ganhavam incentivos do governo federal por meio do Programa Bolsa-Atleta. Sete destes, receberam incentivo na categoria Internacional – isso no ano de 2015 – e três na categoria Nacional. A Tabela 16, apresenta todas as categorias e seus respectivos valores.

TABELA 16 – NÍVEIS DE BOLSA OFERECIDAS PELO PROGRAMA BOLSA-ATLETA DO GOVERNO FEDERAL

Categorias	**Valor por Mês (R$)**	**Valor por Ano (R$)**
Pódio	15.000,00*	180.000,00
Olímpica	3.100,00	37.200,00
Internacional	1.850,00	22.200,00
Nacional	925,00	11.100,00
Base	370,00	4.440,00
Estudantil	370,00	4.440,00

FONTE: Ministério do Esporte 2015. Legenda: *: entre R$ 5 mil e R$ 15 mil.

Com relação ao Programa Bolsa-Atleta, conforme mencionado no primeiro estudo desta tese (capítulo 3), o Ministério de Esportes forneceu ao projeto Inteligência Esportiva as listagens dos atletas contemplados por este programa entre os anos de 2005 e 2016, o qual distribuiu o total de 40.208 bolsas de diversas modalidades olímpicas e não olímpicas, sendo o atletismo a modalidade que mais recebeu esse tipo incentivo. Dessa maneira, foi possível especificar essa questão na modalidade de atletismo, demonstrando na Tabela 17, o número de bolsas disponibilizadas e a quantidade de atletas contemplados nesta modalidade, durante o período mencionado.

TABELA 17 – DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS DO PROGRAMA BOLSA-ATLETA DO GOVERNO FEDERAL POR CATEGORIA, CEDIDAS AOS ATLETAS ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2016

Categoria	Total de Atletas	Total de Bolsas	Total (R$)
Base	297	326	1.443.000,00
Estudantil	554	652	2.645.530,00
Internacional	373	570	12.354.690,00
Nacional	1004	1714	18.534.315,00
Olímpica	58	153	5.521.500,00
Pódio*	33	63	7.392.000,00
	2319	3478	

FONTE: Ministério do Esporte. Legenda: *: entrou em vigor em 2011[36] (Plano Brasil Medalhas).

De acordo com a Tabela 17, é possível observar que o número de bolsas concedidas é sempre maior do que o número de atletas contemplados por categoria. Isso acontece pelo fato de que um mesmo atleta pode ter recebido bolsa por vários anos.

Foi possível notar que a categoria Nacional foi a que distribuiu o maior número de bolsas, com 49,28% bolsas. Em segundo lugar, a categoria Estudantil, com 18,74% da amostra total de bolsas concedidas. Na sequência, com 13,38% dos benefícios, aparece a categoria Internacional, seguida pelas bolsas das categorias Base (9,37%), Olímpica (4,39%) e Pódio (1,81%). Destaca-se que tal programa, durante o período analisado, deu ênfase aos atletas que possuem resultados ao nível nacional, uma vez que a base (formação) e o alto rendimento obtiveram um menor número de bolsas concedidas.

Com os dados fornecidos principalmente pelo Ministério do Esporte, também foi possível identificar os atletas que mais receberam do programa Bolsa-Atleta do Governo Federal, conforme revela a Tabela 18. Ressalta-se que o Diário Oficial da União divulga o nome daqueles atletas que passam a receber deste programa.

[36] O Programa Bolsa Atleta – categoria – Pódio foi instituído pela lei nº 12.395 em 16 de março de 2011. O atleta pode concorrer ao edital público anualmente, desde que esteja entre os 20 melhores do *ranking* mundial e esteja entre os indicados por sua confederação esportiva. O valor do benefício é com base nos resultados dos atletas em competições internacionais e está subdividido em quatro grupos que incluem valores de R$ 15.000,00; R$ 11.000,00; R$ 8.000,00 e R$ 5.000,00.

TABELA 18 – 20 ATLETAS DE ATLETISMO QUE MAIS RECEBERAM DO PROGRAMA BOLSA-ATLETA ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2016

Atleta	*Estado*	*Quant.*	*Investimento*
Fabiana de Almeida Murer	Sudeste (SP)	6	R$ 603.600,00
Mauro Vinícius Hilário Lonrenço da Silva*	Sudeste (SP)	4	R$ 445.200,00
Franciela das Graças Krasucki Davide	Sudeste (SP)	6	R$ 437.400,00
Rosangela Cristina Oliveira dos Santos	Sudeste (SP)	5	R$ 434.400,00
Thiago Braz da Silva	Sudeste (SP)	6	R$ 426.600,00
Anderson Freitas Henrique*	Sul (RS)	6	R$ 415.500,00
Augusto Dutra da Silva de Oliveira	Sudeste (SP)	6	R$ 415.500,00
Pedro Luz Burmann de Oliveira	Centro-Oeste (MT)	5	R$ 404.400,00
Bruno Linz Tenório de Barros	Nordeste (AL)	5	R$ 398.400,00
Wagner Francisco Cardoso*	Sudeste (RJ)	6	R$ 393.300,00
Hugo Balduino de Sousa	Sudeste (MG)	3	R$ 360.000,00
Ana Claudia Lemos Silva	Nordeste (CE)	5	R$ 339.600,00
Jonathan Henrique Ferreira da Silva*	Sudeste (SP)	9	R$ 334.800,00
Evelyn Carolina de Oliveira dos Santos*	Sudeste (RJ)	4	R$ 312.300,00
Fabio Gomes da Silva*	Sudeste (SP)	5	R$ 303.600,00
Aldemir Gomes da Silva Junior	Sudeste (RJ)	4	R$ 287.400,00
Jorge Henrique da Costa Vides	Sudeste (RJ)	4	R$ 272.400,00
Mahau Camargo Suguimati	Centro-Oeste (GO)	8	R$ 267.000,00
Geisa Aparecido Muniz Coutinho	Sudeste (RJ)	5	R$ 265.800,00
Joelma das Neves Sousa	Nordeste (MA)	6	R$ 261.900,00

FONTE: o autor (2016). Dados fornecidos pelo projeto Inteligência Esportiva.
Legenda: * atletas que não estiveram nos Jogos Olímpicos do Rio.

Na análise dos 20 atletas que mais receberam do programa Bolsa-Atleta, entre 2005 e 2016, foi identificado que 6 não disputaram os Jogos Olímpicos do Rio (2016), sendo que 3 destes estão entre os 10 atletas com mais incentivo. Entre eles, há destaque para o atleta Mauro Vinícius (Duda), que apesar de ser bicampeão mundial *indoor* (2012, 2014) de salto em distância, não obteve índice exigido pela IAAF para participar dos Jogos dos Rio nesta prova. Isso foi o motivo principal para tais atletas não competirem no Rio.

Outra questão é a relação entre o número de bolsas concedidas e o valor investido por atleta. Foram observados atletas contemplados com 8, ou 9 bolsas até o ano de 2016. Nesse caso, notou-se que a quantidade de bolsa oferecida não necessariamente representa um maior investimento, uma vez que existem atletas contemplados com 3 ou 4 bolsas e estão em melhores posições na Tabela 17 do que os atletas que receberam 8 ou 9.

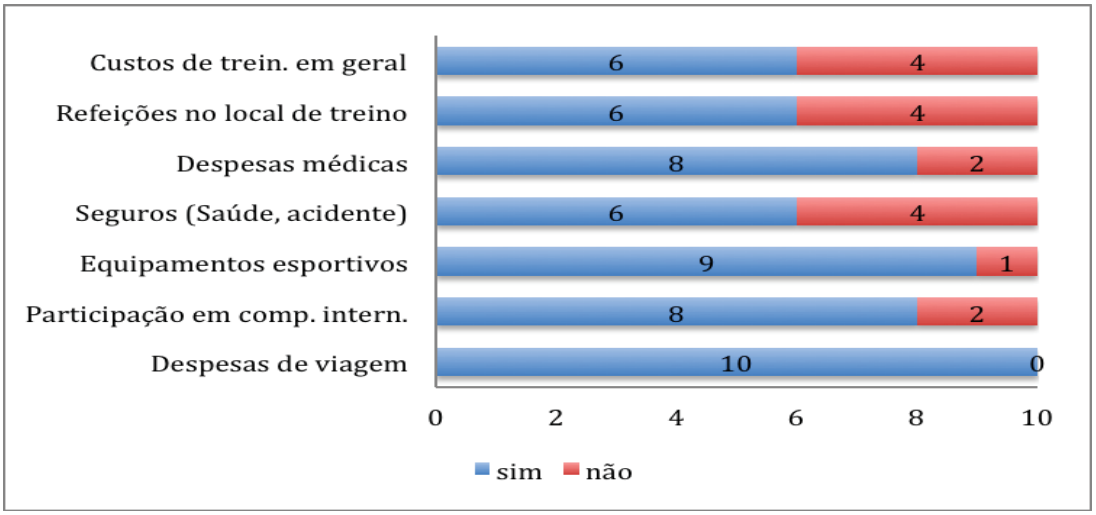
No momento desta pesquisa, alguns dos atletas entrevistados relataram que esses incentivos (Bolsa-Atleta) estavam atrasados. Segundo A2 “[…] muitos colegas pensam: vou ganhar cem mil reais por ano do Bolsa-Atleta, então compram um carro deste valor, mas esquecem que esse tipo de ajuda atrasa, é difícil recebermos no prazo estabelecido”. O atleta A3 complementou, dizendo que “[…] não dá para depender somente da Bolsa-Atleta, se fosse assim, não iria conseguir me manter treinando atualmente” e, ainda, para A6 “[…] hoje tenho a consciência que meu planejamento esportivo não pode depender disso […] se tiver que depender somente da bolsa, terei dificuldades em ser profissional do esporte, em treinar, competir”.

Vale ressaltar que, quatro dos dez atletas alegaram, no momento da entrevista, que também recebiam incentivos dos programas esportivos dos seus respectivos estados de origem; e três (A8, A9, A10) também ganhavam ajuda mensal do Programa Caixa de Apoio da CBAt (CBAt, 2015e). Tal programa foi especificado no estudo a respeito da opinião dos gestores e, também, prevê benefícios (exemplo: dinheiro, material esportivo) aos atletas das categorias Sub-16 até a Adulta. No *site* da CBAt é possível encontrar os atletas participantes deste programa, os quais são enquadrados conforme suas classificações nos *rankings* nacional (CBAt) e internacional (IAAF). No entanto, o programa não fornece o valor destes benefícios concedidos aos atletas (CBAt, 2015e).

Os relatos também mostraram que três dos investigados foram atletas militares e outros três ainda permaneciam enquadrados nas Forças Armadas do Brasil e, assim, recebiam incentivo do Ministério da Defesa por serem atletas militares e terem representado o Brasil em Jogos Militares – conforme afirmou A5: “[…] sou atleta das Forças Armadas até o final desse ano (2016), estou como Soldado e utilizo outros benefícios, como plano de saúde para mim e minha mãe”; e, também, A2 ao dizer que se encontra “[…] na condição 3º Sargento, por um período de 8 anos”.

Constatou-se que os recursos financeiros vindos – por exemplo – do clube ou do incentivo governamental por meio da Bolsa-Atleta, são utilizados da seguinte forma pelos atletas:

GRÁFICO 20 – SERVIÇOS DE APOIO AO TREINAMENTO, ORIGINADOS A PARTIR DO SUBSÍDIO FINANCEIRO – OPINIÃO DOS ATLETAS.



FONTE: o autor (2017).

Os tópicos, elencados no GRÁFICO 20, podem ser observados nos depoimentos a seguir. Para A10, o apoio financeiro ajuda (*f*=40%) "[…] na compra de material esportivo, a gastar em viagem, para pagar a alimentação, hotel […]", além de "[…] ajudar principalmente quem está iniciando no atletismo, que muitas vezes não tem dinheiro para viajar, ou para se deslocar até uma competição mais expressiva" (A4). Similarmente, A10 mencionou que recebeu "[…] incentivo para ser atleta de atletismo, desde a adolescência, isso ajudou principalmente no início da minha carreira […]". O entrevistado (A10) possui, até o momento da pesquisa, 19 anos como atleta de atletismo e adicionou que, "[…] atualmente, o incentivo é maior, existem mais opções e talvez na minha época de iniciante não precisaria ter saído do interior de São Paulo aos 15 anos". Outra questão, é que "[…] alguns clubes não fornecem um seguro ao atleta, um plano de saúde […] teve um ano que o clube mudou o plano de saúde […] precisei pagar alguns exames e procedimentos com dinheiro do meu salário." (A7).

É importante destacar, também, que o clube de atletismo também pode, ainda, fornecer ajuda ao atleta (*f*=34%). Para A3, o clube a qual pertence "[…] fornece o básico para que o atleta se mantenha treinando no dia a dia, como alimentação, moradia […] e adiciona que "[…] o salário do clube é o suficiente, não dá para reclamar".

> O apoio do clube é fundamental. Eu conto realmente com este salário, que é um dos melhores do país no atletismo e com o salário por ser atleta militar […] sei que estará lá no final do mês (recebe no prazo estabelecido pelo

> clube) […] então, eu conto com o que realmente é garantido no final do mês, que me proporciona ser atleta de rendimento. (A2)

Parte dos atletas possui consciência dos incentivos que são garantidos no final do mês. A Bolsa-Atleta – apesar de existir a possibilidade de atrasar – foi considerada como fundamental na manutenção dos investigados no esporte, sendo que ela é complementada com o salário mensal que os atletas recebem das entidades as quais representam nas competições oficiais. Isso pode ser representado nas citações da fala feita por A1 e A6, respectivamente:

> […] a Bolsa-Atleta vem direto para minha conta, então, consigo distribuir esse dinheiro para a necessidade que preciso no momento […].
> O clube oferece toda a infraestrutura para treinamento […] temos o suficiente, além disso temos um salário e carteira assinada que a empresa parceira do clube oferece […] isso nos ajuda a ter dedicação somente para o atletismo […] a bolsa é fundamental, um complemento.

A ajuda financeira que os atletas recebem, atualmente, é entendida como aceitável (*f*=16.7%) para a maioria dos atletas. Por outro lado, em um dos casos, o atleta A5 se manteve no esporte de alto rendimento com auxílio de recursos próprios.

> […] esse ano (2015) estive com dificuldade para receber do meu clube […] não sabemos o motivo que fez com o clube recebesse pouco incentivo neste ano para os atletas da categoria Adulto […] eu continuei no clube, pois preciso dele para competir, mas ano que vem (2016) vou precisar mudar de clube, caso continue sem incentivo […] veja, o clube tem dificuldade para pagar, a bolsa (categoria Internacional) sempre atrasa, não recebo desde setembro (entrevista em dezembro de 2015), mas ao longo desses anos eu abri uma empresa […] tenho uma outra renda, que me permite treinar para manter o índice olímpico, caso contrário não estaria treinando hoje.

Cabe destacar que o incentivo Bolsa-Atleta vai diretamente para a conta do atleta contemplado, ou seja, não passa por confederação ou clube. Assim, espera-se que o atleta saiba administrar essa verba da melhor forma possível para que, de fato, contribua para o treinamento diário e competições.

Elaborou-se a Tabela 19, a qual revela as possibilidades de incentivo (*f*=34%) que um atleta brasileiro de alto rendimento pode obter a partir do atletismo. Significa que um atleta de atletismo pode possuir boa parte dos incentivos apresentados ou receber somente um deles.

TABELA 19 – POSSIBILIDADES, A PARTIR DAS ENTREVISTAS, DE INCENTIVOS E VALORES ESTIMADOS, A PARTIR DAS ENTREVISTAS, QUE UM ATLETA BRASILEIRO DE ATLETISMO PODE RECEBER

Incentivos	***Valores / mês (R$)***
Governo federal (Bolsa-Atleta)	1.850,00*
Governo estadual	4.000,00
Governo municipal	300,00
Entidade do atleta	10.000,00
Ministério da Defesa	4.800,00**
Confederação Brasileira de Atletismo	1.000,00
Valor total estimado	21.950,00

FONTE: o autor (2017). Legenda: * Valor na categoria Internacional. **Valores para Serviço Técnico Temporário, sem especificar outros benefícios (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2015).

Os valores apresentados na Tabela 19 foram estimados. O valor do incentivo do governo federal – já mencionado nesta tese – refere-se a um atleta que faz parte do Programa Bolsa-Atleta, mas, na categoria Internacional de tal Programa. Então, o rendimento total mensal pode ser alterado, em função, por exemplo, de qual categoria o atleta se enquadra e qual entidade ele representa ou, ainda, se recebe patrocínio privado – o que não foi possível detalhar neste estudo, com relação ao volume recebido por patrocínio individual do atleta.

O atleta A2 mencionou que conseguiu, em 2015, um "[…] contrato com uma empresa de material esportivo, mas poderia ser melhor, esperava que mais empresas nos ajudassem nesse período olímpico, mas o atletismo é difícil ter mídia, somente se conseguir alguma medalha, ou um feito interessante […]". O atleta A3 relatou que também "[…] possuo ajuda de uma empresa de material esportivo, recebo uma ajuda financeira anual desta marca, e 50 pares de tênis por ano, o que me ajuda bastante nos treinamentos, como contrapartida principal, preciso divulgar essa empresa". Para A6 "[…] o ideal seria ter o patrocício público e o privado, o atletismo brasileiro precisa resgatar o privado, mas isso não depende só do atleta […] é difícil treinar, competir e ainda ir atrás de patrocínio […]". Parte dos atletas investigados declararam que possuíam parcerias e patrocínios individuais, oriundos, por exemplo, de determinadas empresas privadas, de marcas esportivas, porém, não especificaram os valores que recebem, o que impossibilitou estimar valores.

Os atletas investigados almejavam, no momento da pesquisa, ter uma boa participação nos Jogos do Rio 2016. Cabe aqui destacar que a maioria destes atletas relataram uma preocupação com a questão financeira nos próximos anos da

carreira esportiva (*f*=9.3%). Segundo A3, "[…] existem várias dúvidas sobre como o esporte vai funcionar depois dos Jogos Olímpicos do Rio. Se chegar uma hora que eu não consiga me sustentar aqui, eu vou procurar outro clube". Igualmente, os relatos abaixo, elucidam essa questão:

> Eu preciso aproveitar esse momento de Jogos Olímpicos, preciso garantir o futuro da família […] hoje não tenho gasto algum, tudo o que preciso o clube me oferece, ou a confederação, mas depois dos Jogos, muita coisa pode mudar, então, procuro aproveitar as formas de ganhar dinheiro decorrentes das olimpíadas (Olimpíada do Rio de Janeiro) […] (A2).
> […] a gente escuta muita coisa sobre depois das Olimpíadas do Rio (Jogos Olímpicos do Rio), que o dinheiro vai acabar e somente os medalhistas vão conseguir ficar bem financeiramente depois dos Jogos […] Acho vai ser difícil mesmo essa questão, é esperar para ver. (A4).

É importante destacar que o período de coleta das entrevistas não abrange o ano de 2017, período posterior a realização dos Jogos Olímpicos do Rio. Portanto, não é um dos objetivos deste estudo, focar nesse período. Pelos depoimentos, não foi possível identificar se os investigados, participantes dos Jogos Olímpicos do Rio, fazem parte de um planejamento nacional via confederação – o qual englobe o período pós olimpíada.

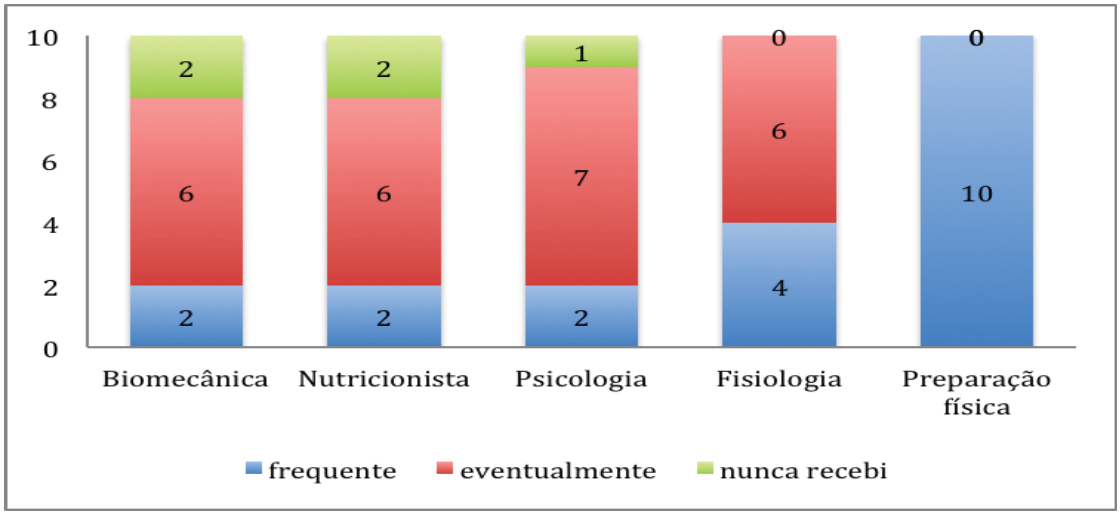
Ainda sobre "incentivo financeiro", os atletas indicaram este fator como o único motivo que os levariam a deixar a sua entidade atual ou a prática do atletismo. Segundo salientaram A3, "[…] Eu deixaria o clube por motivo financeiro", e A7, "[…] mudaria somente para um clube que pague mais, isso é normal, a mudança de clube pode ser com base no lado financeiro".

Infraestrutura física e humana

Além do salário, as entidades fornecem outras formas de apoio à seus atletas de alto rendimento. Optou-se por apresentar essa questão por meio de gráficos, com a finalidade de destacar algumas informações. Notou-se no GRÁFICO 21 que, dos 10 participantes, 2 relataram que nunca foram submetidos a nenhum trabalho de biomecânica e nem foram auxiliados por nutricionistas; e, por fim, 1 atleta relatou nunca ter recebido ajuda de nenhum psicólogo.

GRÁFICO 21 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

(continua)

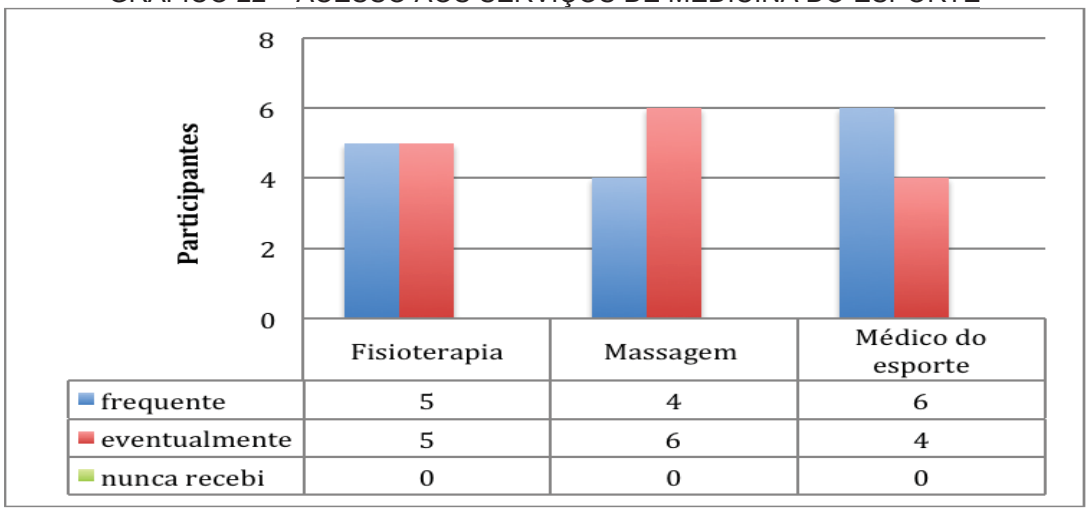


FONTE: o autor (2017).

Os dez atletas participantes deste estudo afirmaram que, frequentemente (uma vez por semana), tinham trabalhos de preparação física, conforme se transcreve no relato feito por A3 “[…] meu treino era organizado, por exemplo, pela manhã fazia trabalhos de preparação física e a tarde a parte técnica na pista”.

A grande maioria dos atletas relatou que, eventualmente, recebiam suporte da biomecânica (análise do movimento), psicologia (treinamento mental), fisiologia, e nutrição (*f*=30.8%).

GRÁFICO 22 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE MEDICINA DO ESPORTE



FONTE: o autor (2017).

Em relação aos serviços de medicina do esporte, cabe destacar a fisioterapia como um serviço – eventualmente – utilizado pela metade dos atletas e – frequentemente – utilizado pela outra metade. A maior parte dos investigados

afirmou que eventualmente dispunham de serviços de massagem, relaxamento muscular e frequentemente tinham apoio de um médico especializado no esporte.

Os depoimentos a seguir reforçam essa questão sobre o apoio ao atleta (*f*=30.8%). Conforme A1, o grande diferencial do clube ao qual representava no momento da pesquisa, é "[…] todo o suporte técnico existente nesse local […] conta com uma pista oficial, com academia quando necessário, fisioterapeuta […]" e então, "[…] isso ajuda o atleta, o técnico consegue focar somente no nosso treinamento de pista" (A8). Além disso, A2 adicionou que: "[…] meu técnico possui um auxiliar que filma o treinamento, temos uma fisioterapeuta somente para o atletismo e isso contribui na questão física e técnica". Conforme A8 "[…] os melhores clubes do país na categoria adulto, concentram, centralizam os melhores atletas, treinadores, consequentemente fornecem serviços de qualidade para seus atletas, como os que envolvem a ciência do esporte". Para complementar, A3 e A9 citaram o exemplo americano, respectivamente:

> […] esse apoio tem melhorado demais nosso rendimento. Em março (2016), nós vamos para os EUA treinar (*camping training:* período de treinamento fornecido pela CBAt e COB), nosso treino de um mês será na academia do Michel Jonhson (atleta de atletismo americano, campeão olímpico), lá nossa recuperação é muito mais rápida, porque logo após que saímos da pista, utilizamos uma banheira com gelo […] nosso rendimento vai melhorar com esse detalhe, os atletas de lá, são bons, isso ajuda também, as competições são várias, muitas com o nível melhor, bem melhor do que o Brasil, vejo que o Brasil precisa se preocupar com o que pode ajudar o atleta a desenvolver ainda mais a sua performance.
>
> […] o atleta tem tudo na universidade, a pista, pessoas que cuidam da pista, dos equipamentos, o técnico, o alojamento, o refeitório, a academia […] existem alguns casos, alguns clubes que se aproximam disso no Brasil, mas é difícil comparar […] o meu clube tem o suficiente no que se refere à estrutura física, mas precisa melhorar nos detalhes e suporte aos atletas, por exemplo: eu preciso de alguém que coloque a tábua do salto em distância na pista, ou para mexer a areia da caixa de salto […] então, são os detalhes que ainda precisam melhorar nas pistas de atletismo do país.

Os treinadores também apontaram a necessidade de melhorar as competições no Brasil. Foi identificado que o apoio ao atleta pode interferir no rendimento esportivo deste. O atleta A5, mencionou que, "[…] a partir do momento que ganhamos no clube a ajuda de diversos profissionais do esporte, nosso treinamento evoluiu […] não tenho tido mais lesão com tanta frequência […]" e ainda, para A10, "[…] o atleta de atletismo vai poder treinar, competir por mais tempo […] vejo que o aumento no apoio ao atleta vai ajudar sua carreira, mas ainda precisa aumentar, principalmente para os jovens […] isso vai deixar o esporte mais

profissional […]". Por fim, para A3, apoiar o jovem atleta "[…] é muito importante para que ele não desista do esporte, por dificuldade financeira, ou de suporte para treinamento e competição […]".

Nessa perspectiva de apoio ao atleta, o participante A7 adicionou:

> […] recentemente, a CBAt tem pensado, divulgado que existirão algumas estruturas permanentes da CBAt espalhadas pelo país, com toda a infraestrutura de treinamento necessária […] sabemos que após os jogos olímpicos (2016) haverá uma no Rio de Janeiro, em parceria com o exército […] penso que isso será muito importante para o desenvolvimento do atleta.

Outro fator, apontado por todos os atletas como facilitador para chegar ao alto rendimento no atletismo, foi a capacidade técnica dos treinadores (*f*=35.6%), pois sabem o que estão fazendo […] antes eu treinava demais e tive várias lesões decorrentes do sistema de treino." (A3). Para tanto, segundo relatou A10, os treinadores "corrigem os detalhes técnicos necessários e assim tenho evoluído bastante na minha prova […]", além de "[…] fornecerem um retorno, um feedback após o treinamento […] mostram o que realmente eu preciso fazer e aprender, isso passa uma segurança para os atletas" (A1), não basta "[…] somente passar o treino do dia e falar: vão lá e façam, o treino é esse, o treinador precisa acompanhar o atleta de perto e verificar seu desempenho, isso é o principal". (A2).

> Depois que chegou mais um técnico para trabalhar com a equipe, o treino começou a ficar mais puxado, porque os técnicos passaram a dar mais atenção para gente […] isso pareceu ruim no começo, foi difícil a adaptação física, mas hoje percebo que evolui, principalmente na parte técnica e agora sou um dos melhores do país na marcha atlética. (A3).

Quando perguntado aos atletas como era o relacionamento com os treinadores, A2 comentou: "[…] sou atleta graças ao meu técnico, que insistiu na minha participação, me ensinou um esporte que nunca tinha visto e hoje vejo um futuro nele", também constatou-se a comparação do técnico com "[…] um segundo pai, pois estou há mais de dez anos direto com ele […]" (A9), e ainda é necessário uma relação de "[…] muita confiança no dia a dia, o técnico precisa saber como o atleta está se sentindo para assim, o treino render […], tem dias que ele parece um psicólogo, e isso passa uma tranquilidade para gente no momento do treino" (A7), similarmente mencionado por A3 e A2:

> Aqui são vários atletas e treinadores, eles procuram se preocupar com você, não só no que você vai fazer na pista; eles se preocupam com o seu dia a dia […] eles pensam em você como pessoa, e não só como um atleta.
> Hoje se pedissem para fazer um treino na escola onde eu comecei, em que fazíamos os treinos na rua, eu iria com certeza […] estou treinando aqui hoje (em uma pista que não pertence a entidade atual do atleta) devido a boa relação com os meus ex-técnicos.

Também, constatou-se relatos que nem sempre ocorre boa relação entre técnicos e atletas, conforme mencionaram, respectivamente, A4 e A8:

> Quando avisei meu ex-técnico que iria mudar de clube ele falou: você não vai mais evoluir, o atletismo vai ficar difícil para você […] o meu técnico atual perguntou se ele tinha bola de cristal […] o problema é que sempre encontro o técnico antigo nas competições […] mas precisava mudar, não estava me adaptando com o treinamento […].
> Precisei mudar de clube, esse é mais perto da minha família […] ele mudou o comportamento comigo, não ficou uma relação boa até entre os técnicos e até hoje não entendo isso, espero que melhore.

O apoio familiar (*f*=15.8%) foi outro fator que apareceu nos depoimentos como fundamental, sobretudo para o início da carreira esportiva. Para tanto, segundo A1 "[…] minha mãe sempre me deu tudo que precisei no começo […] tênis, sapatilha, garrafinha de água […]", para A3, foi a família quem o "[…] levou para o clube de atletismo da minha cidade, sempre com apoio da família".

> […] no começo quando morava em Osasco e não tinha incentivo para nada, pensei em trabalhar e arrumar um emprego, mas minha família me apoiou e logo em seguida fui morar em São Paulo, no Centro Olímpico do Ibirapuera e valeu todo o esforço da família. (A5).
> Quando mudei para São Paulo foi difícil ficar longe da família, tinha 19 anos […] meu rendimento no começo não foi bom, acho que por causa disso […] minha família entendeu que era isso que eu queria para minha vida, falaram para eu não voltar para casa e sempre me ajudaram quando precisei mudar de clube […]. (A10).

Com relação à "estrutura física" os atletas – em geral – entendem como adequadas (*f*=17.8%) as condições físicas oferecidas, pelas suas equipes, para aprimorarem suas performances no atletismo.

> Meu clube fica em Campinas (interior do estado de São Paulo), mas treino no Centro Olímpico, que fica em São Paulo (capital do estado de São Paulo) […] não preciso ir até Campinas, meu técnico trabalha no Centro Olímpico também, aí fica fácil para utilizar a pista e outras estruturas. (A5).
> Meu clube, tem pista oficial de atletismo, e também faz parceria com uma universidade pública de São Paulo, porém essa pista fica muito longe […] moro em Santos junto com o meu técnico […] então nós não vamos até a pista do meu clube, pois é muito longe para nós e treino diariamente no

> Centro Olímpico que fica muito mais perto […] não vejo problemas nisso, aproveito mais meu treino dessa forma, pois tenho mais tempo […] e também o atleta precisa ter consciência, saber que as vezes vai ter que treinar sozinho, em outro local (A7).

É importante enfatizar uma característica da modalidade: os atletas não precisam, necessariamente, treinar nas dependências das entidades as quais eles representam.

Organização e facilitadores da prática

Outra questão norteadora deste estudo relaciona-se com planejamento de um programa esportivo (*f*=59.2%), envolvendo a formação de atletas e a preparação para o alto rendimento. Foi identificado em estudo anterior – sobre o mapeamento das principais equipes de atletismo de diferentes categorias –, que no Brasil existem instituições de atletismo que desenvolvem o caminho completo do atleta. Ou seja, possuem equipes de jovens atletas e de alto rendimento, no entanto, as melhores equipes não priorizam as categorias de base.

Sobre o papel destas entidades, o atleta A10 relatou que, "[…] atualmente, a formação de atletas não está sendo encarada com seriedade pelas equipes brasileiras […] os diretores pensam que a formação não dá respaldo para o clube, não dá mídia […]". Então, segundo A6 "[…] os principais clubes do país, fazem o que eles entendem como mais fácil: contratam o atleta já formado, ou aquele que já possui destaque e pode render uma atratividade para o clube […]". Além disso, segundo o atleta A9:

> […] os diretores das equipes, dos clubes, muitas vezes pouco entendem do funcionamento do atletismo, acreditam que não é possível formar atleta de atletismo e conseguir destaque com o atleta formado, muitos não têm noção do que é necessário para ter uma equipe de base, tanto em termos financeiros, quanto em estrutura de treino […] sabemos que a estrutura pode ser tudo muito simples […] muitos clubes possuem espaços que poderiam ser utilizados por uma equipe de jovens atletas de atletismo, mas isso não ocorre pois não é do interesse dos dirigentes […] então, na minha opinião enquanto atleta, a mentalidade sobre a formação de atletas deve ser mudada em conjunto, deve existir um pensamento similar, pois muitas vezes não depende somente do técnico ter boa vontade com a iniciação esportiva, caso contrário, vai permanecer como está.

Ficou evidente, nos depoimentos, a preocupação dos atletas a respeito da organização e do planejamento do trabalho "[…] envolvendo a formação do atleta" (A5), acerca disso este atleta ressaltou que, "[…] depois de já ter participado de

Jogos Olímpicos (2008 – China), vejo que os clubes brasileiros precisam focar nos jovens, precisam de um trabalho correto, com muita coordenação motora […]". De acordo com A3, ele iniciou no atletismo nas "[…] provas de resistências e lá pelos 15, 16 anos meu técnico me ensinou a marcha atlética, fui melhorando a parte técnica, de coordenação e me destacando nacionalmente". Nessa questão, o atleta A8 mencionou que:

> […] sei que tenho pouco tempo de atleta, atleta de alto nível, quando parar penso em contribuir na organização do atletismo […] ano que vem penso em me candidatar a ser representante dos atletas na CBAt […] os atletas precisam ter voz na CBAt, precisam se impor, falar como anda a formação esportiva no atletismo no Brasil e poder contribuir sobre ela […] a gente sabe que a maioria sempre vence a votação, então o voto do atleta é importante, mas não basta só ir na reunião para votar nas decisões, tem que buscar influência lá dentro (CBAt) para melhorar essa parte.

O Estatudo da CBAt cita que os atletas filiados à alguma federação de atletismo do país podem se candidatar à "Representantes dos Atletas" e, caso sejam eleitos pelos diretores da CBAt, podem integrar a Assembleia Geral da CBAt – com direito a voto (pessoas físicas, como atletas e árbitros, têm peso 1; e jurídicas, como clubes e federações, têm peso 2, nas votações) sobre as ações discutidas na Assembleia (CBAt, 2017f).

Em relação à aspectos como o planejamento e organização do trabalho esportivo, A2 e A1 complementaram, respectivamente:

> […] já treinei e fiz várias provas do atletismo […] já na categoria sub-21 fazia somente 400 metros e 400 com barreiras […] até o momento, sou o único brasileiro com índice para disputá-las nos Jogos do Rio.
> Muitos atletas que são os melhores do país hoje começaram em período que não existia planejamento e agora parece que existe um esforço, muita cobrança para isso, sendo que vários atletas e técnicos que competem hoje são de um período que pouco se planejava e investia […].

Com base nos depoimentos, de modo geral, pode-se afirmar que a iniciação esportiva foi condizente com a faixa etária dos investigados. Essa lógica parece ir ao encontro do que A10 mencionou:

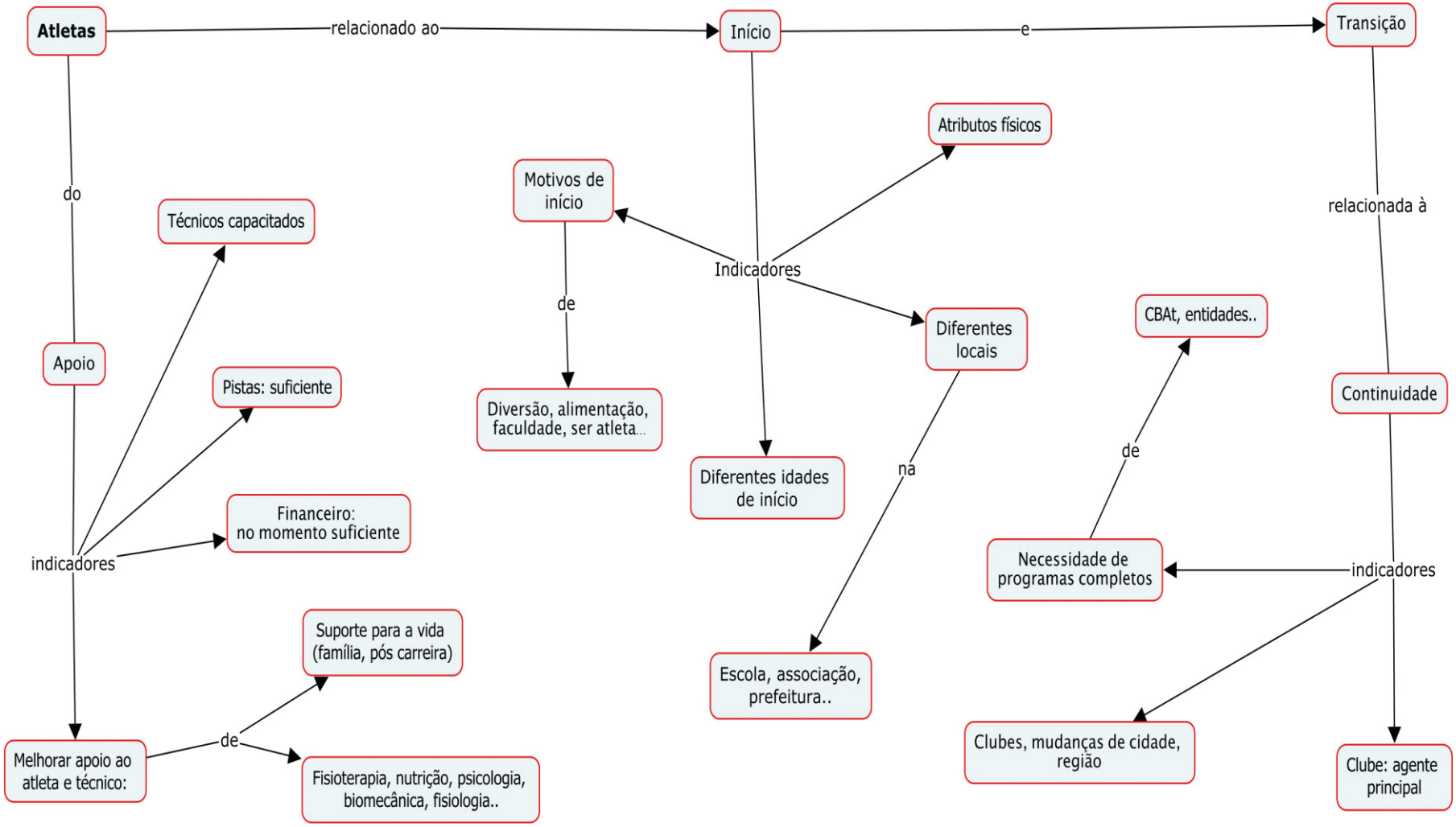
> Eu nunca fui o melhor na grande maioria das provas que fiz, sempre gostava de fazer várias provas, tive que ter muita paciência e acreditar nos técnicos […] vários dos meus amigos que eram melhores do que eu nas categorias de base, acabaram que não evoluíram, não tiveram o rendimento esportivo esperado na categoria Adulto […] Somente depois de cinco anos de treinamento que eu comecei a definir a prova que iria seguir e pegar os primeiros pódios em competição estadual.

Nesse relato é possível perceber que o resultado esportivo não foi o principal para o desenvolvimento do atleta e, depois um certo tempo de treino, começou a evoluir conforme sua especialidade no atletismo (*f*=23.7%). Além disso, também foi possível verificar a importância da "capacidade biológica", conforme A4, "[…] a altura que possuo ajuda bastante no rendimento da minha prova", "[…] minha prova é de resistência, meu corpo é o ideal para esse tipo de prova." (A6). A capacidade biológica esteve aliada a "[…] persistência nos treinamentos na conquista de bons resultados no atletismo" (A2), "[…] é necessário ser forte para aguentar a prova, ou o dia a dia de treino" (A9), ou seja, além do biotipo, o atleta precisa "[…] estar focado para treinar, concentrado, aprender a tirar vantagem de suas características físicas". (A1).

> O que me ajudou a ser atleta de atletismo primeiramente foi minha qualidade física […] depois comecei a perceber que precisava me dedicar mais aos treinos, então, eu sempre venho treinar com objetivo […] é difícil, principalmente depois de péssimos resultados. Mas você não pode desistir, principalmente agora no período de preparação para a Olimpíada do Rio. (A5).

Os atletas, quando perguntados sobre os fatores que os auxiliaram a tornaram-se atletas profissionais, enfatizaram os seus atributos físicos e psicológicos (*f*=17.1%) como centrais na busca para serem atletas de alto rendimento. Os principais resultados são apresentados na FIGURA 12, por meio de um mapa conceitual que corresponde a um tipo de representação no formato de diagramas, indicando relações entre os conceitos. Os indicadores, posicionados nas extremidades, referem-se ao entendimento consensual dos técnicos acerca dos principais assuntos tratados nesta tese.

FIGURA 12 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS ATLETAS



FONTE: o autor (2017).

6.5 DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral investigar como ocorre o desenvolvimento de atletas competitivos do atletismo brasileiro – tanto na formação, quanto no alto rendimento – a partir do entendimento de atletas brasileiros desta modalidade.

É importante destacar que parte dos atletas entrevistados já competiam antes mesmo da CBAt possuir uma nova gestão, em 2013. Não foi identificado, nos depoimentos, que a confederação – em diferentes administrações – ou as federações, possuem um plano organizado, que ajude os jovens atletas na continuidade e na transição para o esporte de alto rendimento. Notou-se que isso fica muito a cargo dos clubes e dos técnicos que atuam ou que estejam interessados nos atletas.

Nesse sentido, constatou-se em estudo anterior que algumas entidades do atletismo brasileiro possuem atletas com excelentes resultados nas principais competições nacionais das categorias iniciais (sub-16; sub-18) desta modalidade. No entanto, verifica-se a existência de equipes que não conseguem manter ou melhorar esse desempenho. Já em alguns outros casos, algumas equipes não conseguem continuar com a prática da modalidade nas categorias posteriores (sub-21; sub-23; Adulto) (CBAt, 2016b; CAREGNATO *et al.*, 2016). Vários países com excelentes desempenhos esportivos possuem, nacionalmente, um programa de desenvolvimento para jovens atletas e para atletas que alcançam o alto rendimento, de forma descentralizada e/ou centralizada (CÔTÉ *et al*., 2006; FISHER; WRISBERG, 2007; REES *et al*., 2016). Assim, identificou-se – nesta tese – que no caso do atletismo brasileiro isso ainda não acontece de forma documentada e organizada.

Com relação ao incentivo financeiro, identificou-se que – no Brasil – os atletas de alto rendimento de atletismo possuem diversas formas de incentivo, seja de diferentes entes federativos (municipal, estadual, federal) ou do próprio clube do atleta. Estudos demonstram que o poder público brasileiro desempenha um papel significativo no financiamento do esporte (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2010; MEZZADRI *et al*., 2014; BRITO, 2015; MORAES E SILVA *et al*., 2015). Por exemplo, a política própria de incentivo aos atletas existente no estado do Paraná: o Talento

Olímpico do Paraná (PARANÁ, 2017); no estado de São Paulo: o Talento Esportivo (SÃO PAULO, 2016); ou as leis municipais de incentivo ao esporte das cidades de Curitiba (SENTONE, 2016) e São Paulo (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2017). Uma condição essencial, na busca por melhores rendimentos e desenvolvimento da carreira esportiva, é o subsídio financeiro oferecido ao atleta (HOULIHAN; GREEN, 2008; HASTIE *et al*., 2013).

Essa relação de causa e efeito, isto é, de que um maior incentivo financeiro significa melhores resultados, nem sempre é verdadeira neste estudo. Foi possível constatar que o fato do atleta de atletismo estar entre os que mais recebem incentivo de um determinado programa, não garante a participação dele nas principais competições, nesse caso, os Jogos Olímpicos do Rio – tampouco garante resultados expressivos.

Nesse sentido, identificou-se que o atleta Caio Oliveira de Sena Bonfim não aparece na Tabela 18 (20 atletas de atletismo do Brasil que mais receberam do programa Bolsa-Atleta até 2016), pois em 2016 encontrava-se na 31º posição deste *ranking* (tendo recebido R$ 200.100,00 do Bolsa-Atleta). No entanto, ele obteve uma das melhores performances do país no atletismo nos Jogos do Rio 2016, um 4º lugar na marcha atlética (20 km), sendo o melhor resultado de um atleta brasileiro nesta prova entre todas as edições de jogos olímpicos. Em 2017, esse mesmo atleta melhorou a sua *performance*, visto que conseguiu a única medalha do Brasil no Mundial de Atletismo de Londres: 3º lugar na marcha atlética (20 km) (GLOBO, 2017e). Por outro lado, o atleta Thiago Braz da Silva – campeão olímpico na prova de salto com vara – aparece como um dos atletas que mais recebeu do programa Bolsa-Atleta (quinto lugar na Tabela 18).

Conforme evidenciado nos depoimentos, verificou-se que alguns incentivos, como o Bolsa-Atleta, não foram repassados aos atletas no prazo estabelecido pelos programas esportivos. No período que envolve a elaboração desta tese (2013-2017), foi possível constatar diversas notícias referentes ao atraso no Bolsa-Atleta – o que ajuda a comprovar os depoimentos (UOL, 2013b; ESTADÃO, 2014; 2015; GLOBO, 2016c; ESPN, 2017c). Apesar disso, parte dos atletas de alto rendimento, aqui entrevistados, relataram que esse tipo de subsídio – Bolsa-Atleta – possibilita ao atleta ter um suporte durante os treinamentos, inclusive sendo importante para os jovens atletas no que se refere à continuidade no esporte. A importância do incentivo

para o jovem atleta também foi encontrada nos depoimentos dos gestortes e treinadores.

O estudo de GOULD *et al.*, (1982), com 50 nadadores americanos, revela que após os 12 anos um terço dos jovens tinha tendência em abandonar a prática esportiva e esta taxa aumenta em, aproximadamente, 80% – por volta dos 18 anos de idade. Os autores identificaram que a dificuldade financeira em se manter no esporte e a falta de apoio ao treinamento foram uma das principais causas do abandono. Essas causas de abandono no esporte envolvendo jovens atletas, também foram constatadas nos estudos de Matos e Cruz (1997) e Hallal *et al.,* (2004). No atletismo, o estudo de Godoy (1994), com atletas brasileiros competitivos desta modalidade, também revela a insatisfação deles diante das condições – na ocasião – de patrocínio, pois, muitos atletas tinham que se manter no esporte por conta própria, até conseguirem os resultados esportivos.

Como um dos principais resultados deste estudo, constatou-se que o incentivo somente via governo federal não é o suficiente para o atleta se manter no esporte de alto rendimento. Eles precisam sempre de uma segunda opção, seja da ajuda das entidades como prefeituras e clubes ou de outras esferas (nesse caso: governo estadual, Ministério da Defesa) ou, até mesmo, por meios próprios para manutenção no esporte. Miranda (2007), no seu estudo sobre o atletismo, também cita as dificuldades financeiras que os atletas enfrentam para que consigam viver desta modalidade. Em muitos casos, eles precisam buscar outros meios – como patrocínios individuais e leis de incentivo, pois o seu salário é tratado segundo o autor como uma “ajuda de custo”.

Essa lógica também pode ser vista nos estudos de Green e Houlihan (2005, 2006), os quais apontam que países como Canadá, Austrália e Reino Unido também oferecem suporte financeiro direto aos atletas de atletismo. No entanto, em nenhum desses países o subsídio foi o suficiente para os atletas serem financeiramente independentes. Como resultado, muitos deles tiveram que procurar trabalho a tempo parcial ou um patrocínio, bem como, competir no exterior em eventos mais rentáveis financeiramente.

Nesta tese, verificou-se que os recursos financeiros provenientes dos programas de Bolsa-Atleta, são algumas saídas atuais que contribuem para minimizar as dificuldades supracitadas e, além disso, constatou-se que os atletas valorizam o apoio financeiro que seja sólido. Nesse sentido, vale mencionar que o

Ministério da Defesa – por meio de um projeto criado em 2008 e intitulado "Programa Atletas de Alto Rendimento (PAAR)" – tem por objetivo fortalecer a equipe militar brasileira, sendo que os esportistas do PAAR têm, a disposição, todos os benefícios da carreira militar, a saber: salário; 13º salário; estrutura física militar; plano de saúde; férias; e assistência médica – incluindo nutricionistas e fisioterapeutas.

Em 2016, 670 militares constituíam o PAAR, sendo 76 militares de carreira e outros 594 temporários. Também, é importante destacar que dos 465 atletas participantes dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, 145 atletas (31.18%) estavam vinculados a este programa e conquistaram 13 medalhas (68% dos pódios) das 19 obtidas pelo Time Brasil (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016a, 2016b).

Com base no artigo 142 da Constituição Federal, as Forças Armadas – constituídas pela Marinha, Exército e Aeronáutica – são instituições nacionais permanentes e regulares, e têm como missão principal à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem (BRASIL, 1988). Assim, as Forças Armadas não têm a obrigatoriedade de desenvolver programas para o esporte nacional, seja de base ou alto rendimento.

Apesar disso, o Ministério da Defesa possui um departamento específico de esporte, chamado de Departamento do Desporto Militar, o qual é responsável – por exemplo – por coordenar o PAAR e, também, um programa voltado à integração social e desenvolvimento humano (Programa Segundo Tempo – Forças no Esporte[37]), o qual já beneficiou mais de 20 mil alunos em todo o país (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016a, 2016b).

O governo federal manteve o mesmo volume financeiro de 2016 no Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR) do Ministério da Defesa para 2017, com isso, cerca de R$ 18 milhões (US$ 5.446.293,87) foram investidos nos atletas militares neste ano (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2016b). Não foram encontradas informações sobre os valores destinados especificamente para os atletas de atletismo.

No *site* da CBAt, a partir de uma homenagem ao dia do Soldado, foi possível identificar 22 atletas militares de atletismo: os 3º Sargentos Anderson Henriques, Adriana Aparecida da Silva, Aldemir Gomes Junior, Bruno Lins, Franciela Krasucki,

---

[37] O Programa tem parceria com o Ministério do Esporte. Maiores detalhes, disponível em: <http://www.defesa.gov.br/programas-sociais/programa-forcas-no-esporte>.

Franck Caldeira, Geisa Cardoso dos Santos, Hugo Balduíno de Sousa, Jonatha do Nascimento do Paraizo Mendes, Jucilene Sales de Lima, Liliane Barbosa Fernandes, Pedro Luiz Burmann, Ricardo Mario de Souza, Rodrigo Pereira do Nascimento, Rosangela Santos, Solonei Rocha da Silva, Tatiele Roberta de Carvalho, Vicente Lenilson de Lima e Vitor Hugo dos Santos, além dos soldados Wilson da Silva Araújo, Daniel Chaves da Silva e Fernando Alex Fernandes (CBAt, 2017p). Com relação ao programa Bolsa-Atleta, segundo o Ministério do Esporte, este é o maior programa individual de incentivo ao atleta, o qual patrocinou – em 2016 –um total de 6.152 atletas de todo o país, num investimento da ordem de R$ 80 milhões no ano (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016b), um número bem superior ao investimento supracitado do PAAR, vinculado ao Ministério da Defesa. Outros países, como Russia, Alemanhã e Itália financiam seus atletas indiretamente por meio de suas forças armadas (GREEN; HOULIHAN, 2005).

Ainda relacionado à questão financeira, encontrou-se indícios de que o período pós realização dos Jogos Olímpicos pode ser complicado nesse aspecto. Os depoimentos apontam que somente um grupo seleto de atletas (aqueles que conseguirem resultados expressivos nos Jogos do Rio) será auxiliado por CBAt, ou COB, após o término dos Jogos Olímpicos do Rio. Tais relatos podem fazer sentido. Por exemplo, o *site* da CBAt – no início de 2017 – possuía inúmeras informações sobre o atleta Thiago Braz.

Obviamente isso faz sentido, pois, trata-se de um atleta que foi campeão nos Jogos Olímpicos do Rio, no salto com vara. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que esse atleta é o principal foco da CBAt, uma vez que as informações sobre o mesmo vão desde a divulgação pela conquista da medalha olímpica, treinamentos no exterior e reunião na confederação para definir planejamento de trabalho, até informações sobre as competições internacionais – disputadas no início de 2017 com total apoio da confederação (CBAt, 2017l, 2017m). Nessa perspectiva, reportagens também revelam as dificuldades (financeira, falta de clube, etc.) de vários atletas após o período dos Jogos Olímpicos do Rio, como a exibida no Programa Esporte Espetacular da TV Globo em março de 2017 (GLOBO, 2017c, 2017f).

Matos e Correia (2002), num estudo envolvendo atletas da Seleção Portuguesa de Atletismo, apontam que o recurso financeiro (prêmios, bolsas, patrocínios) concedido aos atletas que conseguem grandes resultados é

considerado recompesador. Porém, somente o valor de bolsas não é suficiente, considerando o esforço que alta a competição exige.

Conforme já mencionado nesta tese, a CBAt possui um Programa de Apoio (CBAt, 2015e) em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Caixa Econômica Federal, com o objetivo de apoiar a preparação de atletas brasileiros de atletismo (jovens atletas e atletas de alto rendimento), cobrindo despesas de treinamento (nacional e no exterior), alimentação, equipamentos, transporte e moradia. No entanto, foi possível perceber que em 2017 (novo contrato), a CAIXA reduziu a verba para a CBAt – até 2020 – para R$ 60 milhões, R$ 4 milhões a menos do que o aporte para o último ciclo olímpico (2013 – 2016) (ESTADÃO, 2017a) e, por fim, tal medida sugere que o investimento aconteça realmente em atletas pontuais nesse novo período olímpico.

Sobre outra questão – no tópico deste estudo – relacionado ao apoio ao atleta, foi possível identificar que alguns atletas não tiveram acesso ou, eventualmente, recebiam suporte de alguns serviços de ciências do esporte – como biomecânica, nutrição e psicologia. É importante destacar que, apesar da amostragem deste estudo ser reduzida, mas, também levando em consideração que ela é composta por atletas de nível olímpico, tais resultados podem ser sugestivos para uma realidade maior. Sendo assim, seria possível supor que a proporção de atletas de atletismo sem esse tipo de apoio pode aumentar se englobarmos os atletas não olímpicos desta modalidade. Os estudos de Pereira (2008) e Salgado (2016), com amadores e atletas semi-profissionais das provas de fundo, revelaram a dificuldade dos atletas terem acesso à nutrição esportiva, sendo que a suplementação alimentar, quando bem utilizada, pode contribuir para a melhora do desempenho esportivo.

Os atletas de alto rendimento – aqui investigados – salientaram que treinam em pistas oficiais, sintéticas, ou seja, locais adequados. Apesar disso, entendem que esse aspecto pode ainda ser melhorado no país. Na opinião dos atletas, pode-se afirmar que não é suficiente somente a pista oficial de atletismo, ela precisa estar aliada a outros detalhes que irão auxiliar no sucesso esportivo. Os locais de treinos – dos atletas de alto rendimento – possuem alojamento, academia, fisioterapeuta, nutricionista e disponibilizam alimentação na própria instituição ou em restaurantes conveniados, próximos das entidades de atletismo.

Diversos estudos citam que a localização do equipamento esportivo ou onde determinado esporte é realizado, podem influenciar no desenvolvimento esportivo do atleta – jovem ou adulto – a partir de questões como o deslocamento para o local de treino (WEINGBERG; GOULD, 2001; COELHO E SILVA *et al*., 2006); apoio de amigos (WILSON *et al.,* 2011); e o tamanho das cidades (MUELLER *et al.* 2011; REES *et al*., 2017).

Nesse caso, destaca-se o seguinte resultado encontrado, característico do atletismo: o treino de atletismo não necessariamente precisa ser realizado no clube ao qual o atleta pertence; sendo possível acontecer em uma estrutura física, muitas vezes, próxima ao local de residência dos atletas. Essa questão também foi mencionada pelos gestores. Os atletas investigados complementaram, ao mesmo tempo que a estrutura precisa ser de fácil acesso, ela deve oferecer o "apoio" (treinador, academia, fisioterapia, alimentação, entre outros suportes), para que o treinamento aconteça e o atleta consiga melhorar sua performance. Estudos apontam que o atleta precisa de condições ideais de treinamento para aumentar suas chances de sucesso esportivo e de melhorar seus resultados (MEIRA; BASTOS, 2011; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; MAZZEI *et al*., 2012).

Para isso ser aprimorado no Brasil, os atletas reforçaram que o ideal seria o país ter centros de treinamento – em locais e regiões específicas e que contenham a infraestrutura humana. Foi possível identificar em estudos anteriores que existe uma iniciativa da CBAt para que isso ocorra. No começo de 2017, a CBAt realizou o primeiro *camping* no Centro Nacional de Treinamento de Atletismo da Comissão de Desportos da Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. A atleta participante desse período de treinamento, teve a sua disposição todo o apoio supracitado (CBAt, 2017a, 2017b). No *site* da Confederação Brasileira de Atletismo é possível encontrar os critérios para os atletas poderem treinar durante um período nestas estruturas, chamadas de Centros Nacionais de Treinamento (CNTs). Os Centros devem atingir atletas de diversas categorias e, para ingressar neles, o atleta deve estar entre os 5 primeiros do *ranking* brasileiro da sua especialidade, além de passar por avaliação técnica. Também, para permanência nos CNTs, o atleta deve apresentar melhora nos seus resultados individuais, com avaliação semestral (CBAt, 2013c, 2013d).

Foi possível identificar, neste estudo, que os atletas buscam maior participação nas ações destinadas ao desenvolvimento do atletismo nacional e, na

opinião deles, eles precisam ser ouvidos pelos organizadores deste esporte e, assim, realmente fazer parte do processo. Vale destacar, conforme previsto na Lei Pelé (Lei 9615/98) que – neste caso – as confederações são obrigadas a ter a participação de atletas nos colegiados de direção e na eleição para os cargos da entidade. Ainda, devem garantir a representação da categoria de atletas no âmbito dos órgãos e de conselhos técnicos, incumbidos da aprovação de regulamentos das competições (Incluído pela Lei nº 12.868, de 2013).

Sobre as idades de início no esporte, verificou-se que os atletas participantes deste estudo iniciaram nas idades apropriadas – de acordo com a literatura especializada (KOVALSKI, 1995; BOMPA, 2002; BRITO; FONSECA; ROLIM, 2004). Com os relatos, pode-se entender que os atletas passaram por um processo de treinamento gradual, composto de várias etapas definidas, considerando as características da iniciação, formação, especialização e alto rendimento (GRECO; BENDA, 1998; MARTIN; CARL; LEHNERTZ, 2001; GONÇALVES; RAMA; FIGUEIREDO, 2012) – em um processo de desenvolvimento a longo prazo (GRECO; BENDA, 1998; BOMPA, 2002).

Nestas etapas, procura-se, de forma progressiva e de acordo com o desenvolvimento biológico do praticante, estabelecer as medidas que este percurso deverá possuir (PERES; LOVISOLO, 2006). Assim, foi possível identificar nos resultados deste estudo, que os atletas entendem como fundamental um treinamento adequado para que desenvolvam suas habilidades técnicas específicas (BOMPA, 2002; COLANTONIO, 2007).

O fato do jovem atleta passar por várias provas da modalidade, num trabalho multilateral (WEINECK, 2002; VAEYENS *et al*., 2008; VANDORPE *et al*., 2011, 2012), pode ajudá-lo futuramente no sentido de melhor definir a sua prova, bem como, possuir um amplo repertório motor – uma vez que o jovem desenvolveu os diferentes grupos de provas do atletismo, por exemplo, saltos, corridas, lançamentos. Côtê *et al.,* (1999), Brito, Fonseca e Rolim (2004), Vandorpe *et al*., (2011) e Gonçalves, Rama e Figueiredo (2012) ressaltam que quanto mais variada e eficiente for a formação esportiva, mais consistente poderá ser a etapa de especialização. Essa questão também está presente no estudo anterior, sob a visão dos treinadores, os quais apontam que as provas múltiplas devem fazer parte do ensino aprendizagem e treinamento do atletismo.

Na etapa que visa o alto rendimento, o objetivo é a preparação do atleta para atingir resultados expressivos e participar de competições de alto nível. Todo o processo de formação esportiva anterior, gradativo, visa preparar o praticante para atingir esta etapa e nela obter o máximo rendimento possível durante as competições (BLOOM, 1985; MARTIN; CARL; LEHNERTZ, 2001). Bompa (2002) aponta os dezenove anos como a idade para alcançar o máximo desempenho, mas, para o atletismo, o autor indica idades a partir dos 22 anos até os 25 anos.

No entanto, nos resultados desse estudo, foi possível verificar que parte dos atletas mostraram-se preocupados e entendem como uma necessidade conseguirem ótimos desempenhos ainda quando jovens – nas idades por volta dos 18 e 19 anos. Essa preocupação pode ser justificada pelo fato da entidade de alguns dos atletas investigados ter como objetivo o trabalho somente até os 19 anos, além do fato dessa idade ser caracterizada pelo aumento das responsabilidades sociais e financeiras do jovem (COELHO E SILVA *et al*., 2006; HASTIE *et al*., 2013; STAVROPOULOS *et al*., 2014). Identificou-se, os atletas considerarem que esse capital simbólico (BOURDIEU, 1983), adquirido enquanto jovens atletas – em virtude das vitórias, dos títulos e resultados expressivos no atletismo – foi muito importante no futuro esportivo deles, facilitando a entrada no atletismo de alto rendimento.

Por outro lado, foi possível observar que nem sempre o resultado esportivo norteou o desenvolvimento de alguns atletas investigados, sendo isso, um importante achado deste estudo. Esse resultado diverge da opinião dos gestores e treinadores (com base nos estudos anteriores dessa tese), e de várias literaturas – as quais apontam que o resultado esportivo no Brasil é monitorado por meio de uma visão imediatista (MASSA, 2006; VIEIRA; VIEIRA, 2001). Sendo que muitos jovens atletas são treinados para campeonatos mirins e infantis como se dependessem destas vitórias para o sucesso futuro (PERES; LOVISOLO, 2006).

O estudo de Carvalheiro, Fonseca e Tavares (2001) determina que o desempenho esportivo é o motivo pelo qual os jovens atletas procuram determinados cenários esportivos. No entanto, Trudel (2006), Côté e Gilbert (2009) e Gould (2009), apontam que isso deve ser visto com cautela pelos técnicos de jovens atletas. Alguns estudos internacionais sugerem que os atletas de atletismo que são especialistas tardios, ou conseguem seus melhores resultados somente quando atingem a categoria Adulto, têm maiores chances de obterem sucesso internacional e se manterem no alto rendimento (HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014; HUXLEI,

O'CONNOR E BENNEI, 2017). A literatura especializada tem indicado que as ações pedagógicas da iniciação esportiva devem corresponder aspectos fundamentais dentro do planejamento e da organização do trabalho como um todo de uma entidade esportiva (GRECO, 1998; VAEYENS *et al*., 2008; WEINECK, 2002; COELHO E SILVA *et al*., 2006; COLANTONIO, 2007; MATTHIESEN; SILVA; SILVA, 2008). Pode-se dizer que isso é uma necessidade urgente para o esporte moderno.

Na visão dos atletas deste estudo, o biotipo para uma modalidade específica do atletismo auxilia na busca por melhores rendimentos. Isso converge com os estudos específicos envolvendo atletas de atletismo de diferentes provas e idades (ARAÚJO, 1989; BRANDT, 2002; FIGUEIREDO, 2012) e, também, estudos com outras modalidades, como, Lanaro Filho e Böhme (2001), Gonçalves, Rama e Figueiredo (2012), os quais consideram as capacidades biológicas fundamentais no processo de aperfeiçoamento esportivo.

Ainda, segundo os atletas, como convivem constantemente com dificuldades, com situações de derrotas, frustrações e decepções, eles precisam ter uma preparação mental excepcional para permanecerem firmes durante os treinos e competições. Vieira e Vieira (2001), Silva e Rubio (2003), Santos (2004), Hastie *et al*., (2013), Castro (2014), Stavropoulos *et al*., (2014) destacaram a determinação, a força de vontade e a persistência como fatores psicológicos essenciais para a manutenção e o desenvolvimento da prática esportiva.

A exemplo dos técnicos entrevistados, os atletas também admitem que há sacrifícios para se manterem no alto rendimento. Elias e Scotson (2000) salientam que para fazer parte de um grupo reconhecido e de destaque, torna-se necessário aceitar a conduta estabelecida e alguns desafios a serem enfrentados, logo, "paga-se um preço". Constatou-se que as dificuldades oriundas do esporte, são superados pelo desejo de atingir objetivos, como, ser campeão, estar entre os melhores do país, ou participar de jogos olímpicos. Parte da rotina de treino, de um competidor de atletismo, também pode ser acompanhada no documentário da SporTV chamado "Sonhadores" (2016), o qual mostrou as conquistas e frustrações de atletas que estiveram nos Jogos do Rio 2016, de diversas modalidades (SPORTV, 2016).

Então, com base nos relatos dos gestores, técnicos e atletas – pode-se assegurar neste estudo, que o atletismo acontece, não somente pelo talento do atleta no esporte. Wacquant (2002), no livro Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe, desenvolve um estudo com boxeadores do gueto norte

americano (Chicago) e apresenta características e relações entre os frequentadores de uma academia de boxe. O autor destaca que, além de talento, os boxeadores precisavam ter muita coragem e persistência para enfrentar o dia a dia do treino e as dificuldades do esporte. Assim, tais características, também estão presentes neste estudo.

Os altetas pesquisados tiveram diferentes trajetórias no esporte (VIEIRA; VIERA, 2001) e maneiras de ingressar e de se desenvolver nele. Com relação aos motivos de início, o gosto pelo esporte e a diversão, foram motivos pelos quais os atletas investigados buscaram o atletismo. Estes são motivos de participação esportiva identificados em vários estudos, com diferentes modalidades coletivas e individuais (MATOS; CRUZ, 1997; CANADIAN SPORT FOR LIFE, 2012; FREIRE, 2012). Além disso, foi possível notar que parte dos atletas buscaram o esporte por objetivarem competir e se tornarem atletas profissionais de atletismo. Gill, Gross e Huddleston (1983), num estudo nos EUA – envolvendo jovens atletas de várias modalidades, entre elas o atletismo –, dentificaram que os participantes buscam o esporte com a intenção de serem famosos ou de seguirem carreira na área esportiva.

Outros atletas deste estudo, apontaram outros motivos que proporcionaram o interesse pela modalidade, tais como: possibilidade de moradia, alimentação, faculdade, auxílio financeiro e – consequente – apoio familiar. Parte desses resultados convergem com o estudo de Weiss (1993), no qual o ator encontrou questões sociais, reforço de pais e parentes como fundamentais na adesão do esporte para jovens. Os estudos de Fin (2012), Jarvier e Sikes (2012) e Wilson, Luijk, Boit, (2015), especificamente sobre o atletismo, também destacam que a participação neste esporte se deve à busca por uma recompensa financeira.

Todos os atletas entrevistados afirmaram que o apoio da família foi de extrema importância no desenvolvimento da carreira esportiva deles. De acordo com Bloom (1985), Vieira, Vieira e Krebs (1999), Hastie *et al*., (2013), Hollings, Mallett e Hume (2014), o apoio familiar é uma das importantes condições sociais que fazem parte, principalmente, da iniciação esportiva do atleta. Muitas vezes os familiares são os principais responsáveis pelos incentivos e orientações no início da carreira esportiva, tanto em termos psicológicos, como financeiros (PERES; LOVISOLO, 2006; SILVA; FLEITH, 2010). A expectativa dos pais com relação ao futuro dos filhos

em diferentes esportes, foi encontrada nos estudos de Weingberg e Gould (2001), Coelho e Silva *et al.,* (2006) e Caregnato *et al*., (2016).

Outro facilitador na carreira esportiva, segundo os entrevistados, foi a presença de treinadores qualificados. Eles apontaram que a presença deles foi primordial na busca do sucesso esportivo. Isso também pode ser identificado nos estudos de Peres e Lovisolo (2006), De Bosscher *et al.*, (2009), Stavropoulos *et al.*, (2014) e Domingues, Cavichiolli e Gonçalves (2014). De fato, foi possível perceber a satisfação em falar dessa relação – é evidente o respeito, admiração e carinho que os atletas têm pelos treinadores.

Os estudos de Fin (2012); Jarvier e Sikes (2012) e Wilson, Luijk e Boit (2015) identificaram que o atletismo, conforme supracitado, pode se tornar uma maneira de obter uma carreira e, também, auxilia na obtenção do sucesso pessoal, mas, o "ambiente de treinamento", é um facilitador importante para que isso aconteça. De modo geral, os relatos revelam que os atletas preferem treinadores que além do conhecimento técnico do esporte, estejam preocupados com a sua formação humana.

6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que os atletas iniciam em diferentes entidades, tais como: escolas, clubes, associação, projetos sociais e prefeituras. Familiares, técnicos e professores de Educação Física são os agentes responsáveis por fornecerem o primeiro contato destes atletas com o atletismo.

Os atletas investigados relataram que recebem incentivos financeiros por meio de bolsas de programas de incentivo ao esporte municipal, estadual ou federal. Também, foram identificadas outras possibilidades de apoio aos atletas, como as oferecidas pelo Ministério da Defesa; CBAt e COB. Com base nas entrevistas, constatou-se que os recursos financeiros são utilizados da seguinte forma pelos atletas: despesas com materiais esportivos para treinamento; alimentação; transporte; hospedagem nas viagens das competições; transporte aos locais de treinamentos e durante as competições.

Para os atletas, a questão financeira é o que traz maiores preocupações com relação à continuidade no atletismo, isto também é muito importante para os jovens

atletas, sendo o principal fator que levaria os atletas a deixar o clube ou abdicar o atletismo. Os atletas de alto rendimento enfatizam que não podem depender financeiramente somente de incentivos governamentais, sobretudo, em função do atraso no repasse do Bolsa-Atleta.

A hipótese para este estudo foi elaborada em cima da perspectiva de que atletismo brasileiro não está oferecendo condições ideais para que o atleta se desenvolva no esporte – condições estas relacionadas, por exemplo, ao caminho completo do atleta. Verificou-se que em parte ela foi aceita. Foi possível constatar, no depoimento dos atletas, dificuldades no momento em que tem de ocorrer a transição dos mesmos para o alto rendimento. As principais entidades de atletismo do Brasil, não proporcionam condições para os atletas se desenvolverem no atletismo nas fases de iniciação, formação e especialização esportiva. Em um processo de longo prazo, pelo contrário, muitas priorizam somente o atletismo de alto rendimento.

Parte dos atletas investigados relataram que, quando jovens, o fato de obterem bons resultados e estarem entre os melhores – em nível nacional – de suas categorias e provas do atletismo, foram fatores fundamentais no sentido de continuarem, seguir carreira e atingir o alto rendimento neste esporte. Para isso, afirmaram que muitas vezes é preciso migrar para outros locais, equipes do país que possibilitem o atleta – no mínimo – se manter no alto rendimento do atletismo.

A hipótese em virtude desse processo, com relação à formação de atletas, reforçado pelos depoimentos é que as principais instituições do país captam os atletas com excelentes resultados (com base no *ranking* dos melhores colocados, seja da CBAt, da IAAF, ou do *ranking* de federações estaduais) das equipes de base. Isto é, aquelas somente formadoras de atletas – mas que não possuem continuidade – e, assim, há instituições do atletismo brasileiro atuando somente na categoria Adulto, conforme também sugerem os resultados apresentados no estudo do capítulo 3 (sobre estrutura física e entidades de atletismo do Brasil). Constatou-se que os atletas deste estudo não passaram por um programa nacional sistematizado que direcionasse suas carreiras, mais especificamente, na entrada para o alto rendimento.

É explícita a necessidade do envolvimento maior de outros órgãos (Governos estadual, federal) e de entidades regulamentadoras (federações, confederação) do esporte, para possibilitar o maior desenvolvimento e maior valorização do atletismo

de formação, oferecendo – aos atletas – condições adequadas em todas as etapas da sua carreira esportiva (formação ao alto rendimento). Torna-se, então, primordial investir em uma pirâmide de desenvolvimento de talentos mais ampla, a qual contemple mais atletas em potencial para o alto rendimento.

O presente estudo identificou que os sujeitos entrevistados entendem como adequadas as estruturas físicas oferecidas pelas suas entidades (clubes, universidades, prefeituras) de atletismo do país. No entanto, os entrevistados, sobretudo os enquadrados no alto rendimento esportivo, salientaram que a estrutura física – pista oficial de atletismo – deve estar vinculada com outros detalhes fundamentais na manutenção da prática e do sucesso esportivo, a saber: academia, fisioterapeuta, nutricionistas e apoio técnico (técnico, auxiliar, profissionais de manutenção da pista) e, de acordo com tais atletas, isso ainda é incipiente no Brasil, são pequenos casos, de alguns clubes que oferecem as melhores condições de treinamento ao atleta.

Verificou-se que essa equipe multidisciplinar pode ser disponibilizada pela entidade do atleta e, também, pelas entidades responsáveis pela modalidade no país (CBAt, Federação, COB) – as quais oportunizam aos atletas (como alguns dos entrevistados) a treinarem por um determinado período em uma estrutura física fora do Brasil, fornecendo assim, todo um suporte importante para melhorar a *performance* esportiva dos mesmos. Também – apesar de existirem relatos inerentes da relação entre treinador e atleta – os treinadores são apontados pelos atletas pesquisados como fundamentais pelos seus bons resultados nacionais e internacionais. Além da capacidade técnica dos técnicos, os atletas destacaram a relação de carinho e de confiança que existe entre eles. Portanto, pode-se afirmar que – no caso brasileiro – a ligação conhecimento técnico da modalidade com a formação humana, é fundamental para o sucesso esportivo.

Os resultados apresentados, relacionados – por exemplo – ao suporte financeiro e à formação de atletas, são inovadores acerca da modalidade investigada e, por isso, são descobertas importantes. Torna-se necessário refletir sobre o processo de (des)organização do atletismo brasileiro, pois, tendo por base os resultados deste estudo, pode-se afirmar que o processo de desenvolvimento do atleta de atletismo no Brasil precisa ser repensado, sobretudo, no momento em que ocorre a transição para o alto rendimento.

7 TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA PARA O PÓS-CARREIRA: ESTUDO COM EX-ATLETAS BRASILEIROS DE ALTO RENDIMENTO COM PARTICIPAÇÕES EM JOGOS OLÍMPICOS NA MODALIDADE DE ATLETISMO.

7.1 INTRODUÇÃO

O termo transição de carreira refere-se às alterações de estágios, ocorridas ao longo da carreira de um atleta (ALFERMANN; STAMBULOVA; ZEMAITYTE, 2004; RUBIO, 2008; HOLLINGS; MALLETT; HUME, 2014). Algumas pesquisas envolvem a preocupação com a descontinuidade da carreira esportiva, com as fases de transições – por exemplo – de atleta para ex-atleta. Entretanto, nem todos os estudos abordam a perspectiva do pós-carreira, ou seja, daqueles sujeitos que encerraram a carreira esportiva (WYLLEMAN; ZUPANCIC, 2004; GREEN, 2005; CECIC ERPIC; ZELEZNY, 2010). Entende-se por carreira esportiva a variedade de atividades esportivas de uma pessoa com a finalidade de aprimoramento e obtenção de prestígio no esporte (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; MEIRA; BASTOS; BOHME, 2012).

Cada modalidade esportiva tem seu papel na vida do atleta (FISHER; WRISBERG, 2007; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010). Para Côté, Baker e Abernethy (2007), em esportes como ginástica artística, os praticantes se especializam mais cedo em comparação à modalidades de resistência, como maratonas – onde a especialização só acontece em idades mais avançadas (D'ANGELO, 2008; LOURENÇO, 2009). Para diversos autores, cada modalidade possui uma especificidade (GRECO; BENDA, 1998; TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012) e isso, portanto, pode resultar em aposentadorias em idades distintas. Vale destacar que, no mapeamento de estudos brasileiros sobre o atletismo, realizado nesta tese, não foi identificado nenhum artigo científico, dissertação ou tese, os quais investigassem – especificamente – o pós-carreira de ex-atletas do atletismo brasileiro.

Apesar disso, alguns estudos sugerem que, por volta dos 28 anos de idade, há o começo da fase de transição da carreira esportiva para a vida pós-atleta. Após os trinta anos, a família, bem como, o técnico, ainda são as principais influências na vida esportiva do atleta e são fundamentais para identificar o momento correto dele

se aposentar (ALFERMANN; STAMBULOVA; ZEMAITYTE, 2004; HENRIKSEN, STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

É preciso considerar as capacidades físicas dos atletas que, nessas idades (28 – 30 anos), estão relacionadas ao processo natural de envelhecimento e isso representa uma das principais causas para o término da carreira esportiva (FISHER; WRISBERG, 2007; AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008). Contudo, outros fatores interferem no ambiente esportivo, dentre eles o local de treinamento (ZELEZNY, 2010), as possíveis lesões (NETTO JUNIOR, 2000; LAURINO, 2005; PASTRE, 2005), a vontade do atleta, o apoio de amigos e os grupos sociais em que o atleta está inserido (HUXLEI; O'CONNOR; BENNIE, 2017). Portanto, o meio em que a pessoa vive pode influenciar a construção da carreira (ELIAS, 1994), nesse caso, de um atleta.

Cada fator pode afetar a maneira do atleta lidar com a vida após o encerramento da sua trajetória no esporte. Isso evidencia que o atleta precisa desenvolver relacionamentos, tanto no mundo esportivo como fora dele, e que a existência de relações satisfatórias contribui para o desenvolvimento social do atleta. Para Green (2005) e Hollings, Mallett e Hume, (2014), as transições ocorridas na vida do atleta podem culminar em uma mudança de percepção sobre si mesmo e sobre o mundo; e – geralmente – ocorrem mudanças nos relacionamentos, um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia-a-dia. Ainda, a carreira do atleta tem um início e um fim que muitas vezes podem ser definidos, mas, ao longo da vida, as pessoas podem passar por diversas transições em uma mesma carreira (MACIEL, 2015).

Estudos sobre essa temática apontam que a aposentadoria pode estar associada a ex-atletas com problemas de saúde mental, uso de drogas, álcool (SCHLOSSBERG, 1981; STAMBULOVA, 2000), problemas financeiros, de moradia (GREEN, 2005; GONZÁLES; BORGES; SFALCIN, 2015), entre outros problemas advindos de uma carreira esportiva mal planejada. Para Rubio (2008, p. 123), o final de carreira representa uma mudança de identidade, a necessidade de mudança de um papel social que, muitas vezes, foi construído desde a infância.

Então, pode-se afirmar que a transição e a vida após o término da carreira esportiva são momentos únicos na vida do atleta. Busca-se, como foco norteador deste estudo abordar tais momentos na vida de ex-atletas profissionais. Assim, levanta-se o seguinte problema para este estudo: como ex-atletas brasileiros de alto

rendimento do atletismo – já aposentados das pistas e das competições –, participantes do maior evento esportivo do mundo que é os jogos olímpicos de verão, entendem seus momentos de transição de carreira e a vida pós-atleta?

7.2 OBJETIVOS

7.2.1 Objetivo Geral

Investigar determinados aspectos da carreira esportiva, presentes e fundamentais na transição de carreira para o pós-carreira de ex-atletas brasileiros de atletismo de nível olímpico.

7.2.2 Objetivos Específicos

a) Analisar se os atletas receberam ou recebem suporte pós-carreira e foram preparados adequadamente para a vida pós-carreira esportiva;
b) Apontar aspectos positivos e negativos relacionados à trajetória esportiva dos ex-atletas participantes deste estudo, do início da carreira esportiva, transição, aos dias atuais de aposentadoria no esporte;
c) Analisar o papel das entidades, as quais os ex-atletas estavam relacionados, para o pós-carreira;
d) Apontar possíveis medidas que poderiam melhorar a transição de carreira e pós-carreira de atletas de atletismo no país.

7.2.3 Hipóteses

Nenhum dos participantes desta pesquisa teve, enquanto atleta, um programa elaborado de pós-carreira – com o objetivo de prepará-los adequadamente para o pós-carreira esportiva.

7.3 METODOLOGIA

7.3.1 Tipos de pesquisa, entrevistas, tipo de entrevistas

Utiliza-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas (GIL, 2008). Foi utilizado, como instrumento norteador para a coleta de dados, a técnica de entrevista – com um roteiro semiestruturado. O tipo de pesquisa e a técnica foram descritos no capítulo 4 (ver item: 4.3.1).

7.3.2 Amostra e critérios para seleção amostral

A amostra deste estudo foi composta por 8 ex-atletas – brasileiros – de alto rendimento do atletismo, que, no momento desta pesquisa (anos de 2016 e 2017), estavam engajados em uma nova carreira – sendo esta relacionada, ou não, com o esporte. Estes, foram selecionados de forma intencional para representar uma determinada população (RUDIO, 1978) e de forma que desejassem contribuir com o estudo.

Os critérios de inclusão/exclusão foram definidos a partir do tempo de prática dos ex-atletas, tomando-se como referência – no mínimo – dez anos de dedicação ao esporte, bem como, terem sido atletas profissionais de alto rendimento com participações pela seleção brasileira em alguma edição dos jogos olímpicos de verão. Nesse sentido, os entrevistados obtiveram resultados expressivos dentro do atletismo nacional e internacional, em suas respectivas provas. Vale destacar que, 3 dos 8 entrevistados, foram medalhistas olímpicos. Também, dos 8 entrevistados, seis são homens e duas mulheres.

O fato de muitos ex-atletas contatados estarem envolvidos em diferentes carreiras (por exemplo: empresários, gestores do esporte, técnicos no Brasil e no exterior, comentaristas esportivos) não permitiu, por questões de tempo, localização e – até mesmo – de interesse pessoal, a sua participação neste estudo, resultando, em dificuldade para expandir o número de participantes. No entanto, isso não prejudicou os resultados desta tese, considerando-se o critério de saturação (descrito no capítulo 6 - ver item 6.3.2) dos principais assuntos abordados neste estudo a partir das entrevistas.

7.3.3 Coleta, interpretação e tratamento dos dados

Os dados coletados foram agrupados a partir dos preceitos do método “Análise do Conteúdo” (BARDIN, 2011). Os passos (diálogo com os entrevistados, questões éticas, questões sobre a elaboração do roteiro, realização e transcrição das entrevistas) para coleta de dados, com utilização de entrevistas e as etapas da Análise de Conteúdo (pré-análise, exploração, codificação, tratamento, forma de apresentação nos resultados das categorias e subcategorias), foram descritas no capítulo 4 (ver item: 4.3.3), assim como os detalhes sobre a busca documental utilizada neste estudo.

As entrevistas seguiram um roteiro elaborado com base na revisão de literatura deste estudo e composto basicamente por 3 partes: 1) carreira do atleta (idade de início, de aposentadoria, tempo de carreira, locais de início e término; o atletismo como carreira, como profissão; relação com as entidades); 2) transição na carreira (acompanhamento, suporte ao atleta durante a carreira, programa de apoio; dedicação ao esporte); e 3) nova fase: pós-carreira (reconhecimento; suporte financeiro; dificuldades; função atual; experiências marcantes).

QUADRO 26 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS ORIUNDAS DO DISCURSOS DOS EX-ATLETAS

Categorias	Subcategorias
Trajetória esportiva (*f*=17.7%)	Motivos de início (*f*=34.1%), idades de início e aposentadoria (*f*=34.2%), mudanças de equipes (31.7%).
Suporte ao atleta durante a carreira (*f*=8.2%)	Serviços de ciência do esporte (*f*=21.5%), de medicina do esporte (*f*=20%), suporte para vida (*f*=32,4%), lesão desgaste físico (*f*=26,1%).
Dedicação ao esporte ao longo da carreira e a relação com familiares e treinadores (*f*=20%)	Apoio familiar (*f*=24.4%), apoio financeiro suficiente, insuficiente, dedicação integral, parcial (*f*=45.3%), relação entre atletas e treinadores, amizades (*f*=30.3%),
Programa de apoio, parceria para o pós-carreira esportiva enquanto atleta (*f*=27.1%)	Acesso aos programas de transição (*f*=38.2%), Transição de atleta para ex-atleta (*f*=27.2%), formação acadêmica (*f*=22.9%), papel das entidades (*f*=11.7%).
Fase pós-atleta (*f*=27%)	Nova fase (*f*=39.4%), nova profissão, possibilidade de atuação (*f*=34.1%), reconhecimento social (*f*=26.5%).

FONTE: o autor (2017).

Os itens das entrevistas foram agrupados nas categorias supracitadas. Foram construídas, em média, cinco perguntas para cada categoria. Cada entrevista teve a duração média de 49,5 minutos (mín. 41 min./máx. 58 min.). Os dados foram

coletados pessoalmente pelo pesquisador – após a obtenção de consentimento dos sujeitos.

No decorrer do texto, os relatos referentes aos ex-atletas são apresentados pelas siglas: EA1 (significa que é o primeiro ex-atleta entrevistado) até EA8, conforme revela abaixo, o Quadro 27. Como são relatos que, muitas vezes se complementam, optou-se em não separar um tópico específico para cada participante, sendo o que os liga, os assuntos de acordo com as categorias do Quadro 26.

7.4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Trajetória esportiva

QUADRO 27 – DADOS RELACIONADOS À TRAJETÓRIA DOS EX-ATLETAS

Identificação	Entidade de início	Última entidade que representou	Idade atual*	Função atual
EA1	Projeto Social	Clube	43	Gestor esportivo, palestrante.
EA2	Clube	Associação	48	Gestor esportivo, palestrante.
EA3	Clube	Associação	50	Treinador, palestrante.
EA4	Prefeitura	Clube	51	Administrador
EA5	Escola	Instituto	43	Publicitário, palestrante.
EA6	Projeto Social	Prefeitura	44	Treinador
EA7	Escola	Clube	49	Professor Ed. Física, treinadora.
EA8	Prefeitura	Prefeitura	41	Professor Ed. Física, treinadora.

FONTE: o autor (2017). Legenda: Ed: Educação. *: idade atual no momento da entrevista.

A média de idade dos ex-atletas investigados foi de 46 anos (mín. 40/máx. 51, ± 3,74). Dois dos investigados começaram suas trajetórias vinculados aos projetos sociais municipais; dois em prefeituras; dois em escolas; e dois em clubes sociais (*f*=12%):

> […] comecei num projeto social, porque era a melhor opção no momento, era jovem […] o projeto fornecia almoço, primeiramente eu fui pelo fato de ganhar almoço de graça, então estava lá todas as tardes e também acabei me identificando muito com o esporte […] fui descoberto pelo técnico para ingressar nesse projeto (EA1).

A partir disso, foram identificados os motivos de iniciarem no atletismo (*f*=34.1%). Similarmente a EA1, os ex-atletas EA6 e EA3, respectivamente, entraram na modalidade para "[…] fugir de um ambiente complicado que era meu bairro no Rio de Janeiro, fui junto com os amigos num projeto de atletismo […] passávamos o

dia no projeto, se eu ficasse nesse bairro, sinceramente não sei o que seria de mim […]", e por que "[…] teria direito a frequentar o clube, como sócio atleta […] então eu não estava muito interessado se eu era bom […] logo depois, me ofereceram alojamento no clube, veja eu era estudante, passava dificuldade, em casa a comida não era para todos, tinha irmãos pequenos na época […]".

O contexto escolar foi ambiente de início, conforme mencionaram os ex-atletas: "[…] eu estudava numa escola militar e como eu era bom na educação física e gostava de esporte, o professor de educação física me chamou para a equipe de atletismo do colégio […]" (EA5), "[…] quem me encaminhou e me apresentou o atletismo foi meu professor de educação física, diz ele que eu tinha talento […] então meu local de início mesmo, foi na escola, foi um local importante para mim em vários sentidos […]" (EA7).

Outros três ex-atletas relataram que ingressaram no atletismo por uma grande motivação pessoal, gostavam muito do esporte e entendiam que tinham potencial esportivo. Além de poderem ter outros benefícios estando neste esporte, por exemplo: "[…] além de praticar o que gostava, o clube poderia me pagar uma faculdade […]" (EA2), ainda "[…] a equipe da prefeitura da cidade fornecia uma ajuda financeira básica, era mensal, assim já conseguia me manter sozinho, ganhava alojamento […]" (EA4). Por fim, também "[…] não precisava depender totalmente da família financeiramente, pois o município ajudava com transporte, alimentação, roupas esportivas, sapatilhas […]" (EA8).

QUADRO 28 – PRINCIPAIS MOTIVOS DE INÍCIO NO ATLETISMO A PARTIR DOS DEPOIMENTOS DOS EX-ATLETAS PARTICIPANTES

(Continua)

Principal motivo	Participantes
Fugir da violência social	EA1, EA3, EA6
Alimentação	EA1, EA3, EA6
Ganhar moradia	EA3, EA4
Encaminhado pelo professor de educação física para competir pela escola	EA5, EA7
Motivação pessoal pelo esporte e em buscar participar do projeto	EA2, EA4, EA8
Ganhar faculdade	EA2
Obter ajuda financeira	EA4, EA8
Fornecia transporte, alimentação, material esportivo	EA8

FONTE: o autor (2017).

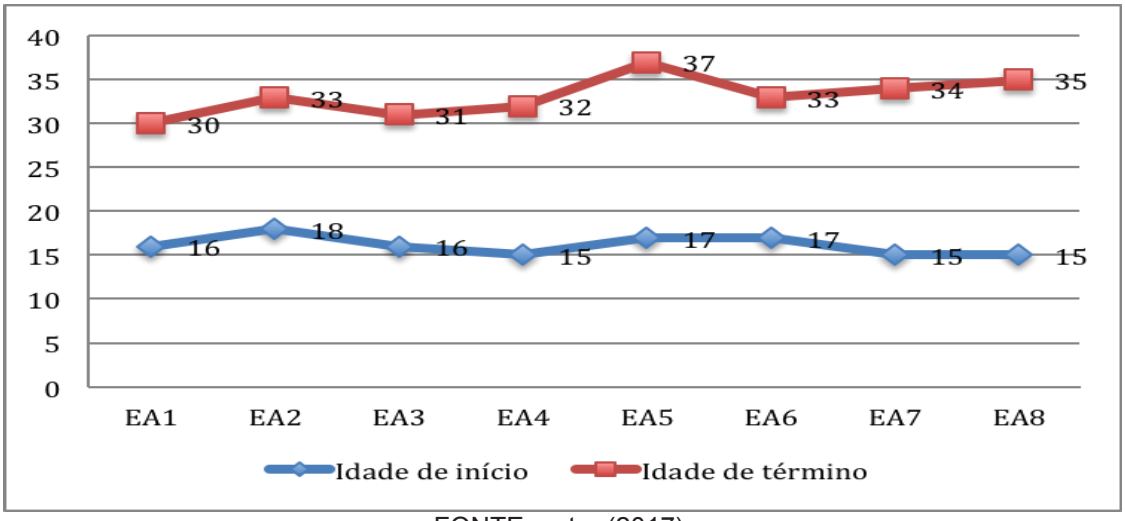
Do mesmo modo como foi identificado no estudo dos atletas, os ingressantes iniciaram no esporte ainda jovens e que o início da carreira do ex-atleta no atletismo também, foi por pessoas que incentivaram os ex-atletas a iniciarem no esporte – por exemplo, o técnico ou o professor de Educação Física.

Todos os entrevistados possuem formação em nível superior, sendo: quatro com formação em Educação Física; dois em Fducação Física e Administração; um em Publicidade e Propaganda; e um em Administração. Seis, dos oitos investigados, se formaram em Educação Física por questões de afinidade com o esporte, o que influenciou na escolha por este curso. Quatro ainda possuem cursos de especialização e um possui mestrado, todos na área da Educação Física.

Dois sujeitos, até o momento da pesquisa, atuavam como gestores esportivos (federação estadual de atletismo e gestor esportivo de um clube de atletismo), quatro como educadores físicos (treinadores, professores de educação física, preparadores físicos), um como publicitário e um como administrador de empresa. Algumas destas formações e funções serão mencionadas novamente no decorrer deste estudo, pois, estão relacionadas com a transição de atleta para ex-atleta.

Conforme citado no estudo dos atletas, algumas informações relatadas pelos entrevistados foram aqui apresentadas por meio de gráficos.

GRÁFICO 23 – IDADE DE INÍCIO NO ATLETISMO E DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA



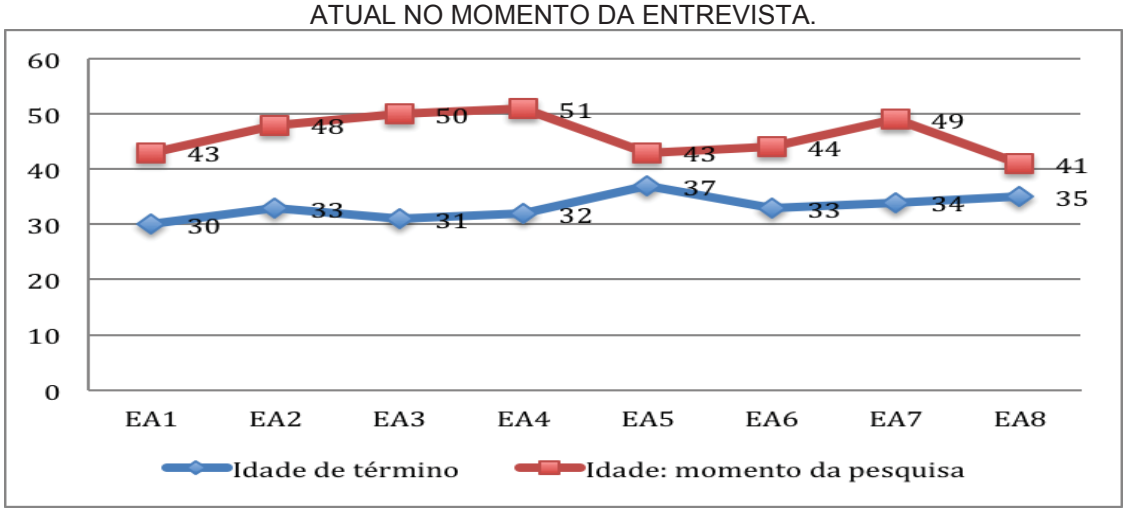
FONTE: autor (2017).

Fica claro que o início da carreira esportiva dos ex-atletas dessa tese se deu na adolescência. Comparando os atletas (estudo anterior) com o ex-atletas, houve uma diferença significativa na idade de início. A média de idade de início (*f*=34.2%)

no atletismo foi 16,1 anos (mín. 15/máx. 18, ± 1,05) para os ex-atletas. Enquanto no estudo com os atletas investigados do estudo anterior, constatou-se que iniciaram antes, com uma média de início de 13,5 anos. Conforme EA1: "[…] comecei a treinar mesmo com 16 anos quando soube de um projeto no Ibirapuera" (EA3).

A idade média de aposentadoria foi de 33.1 anos (min. 30/máx. 37 ± 2,08); e o tempo médio de carreira no atletismo foi de 19,4 anos (mín. 14/máx. 20, ± 2,23). Para EA4: "[…] comecei na adolescência […] quando vi, já treinava até 6 horas por dia […] fiz isso até os 32 anos".

GRÁFICO 24 – IDADE DE TÉRMINO DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA E IDADE ATUAL NO MOMENTO DA ENTREVISTA.

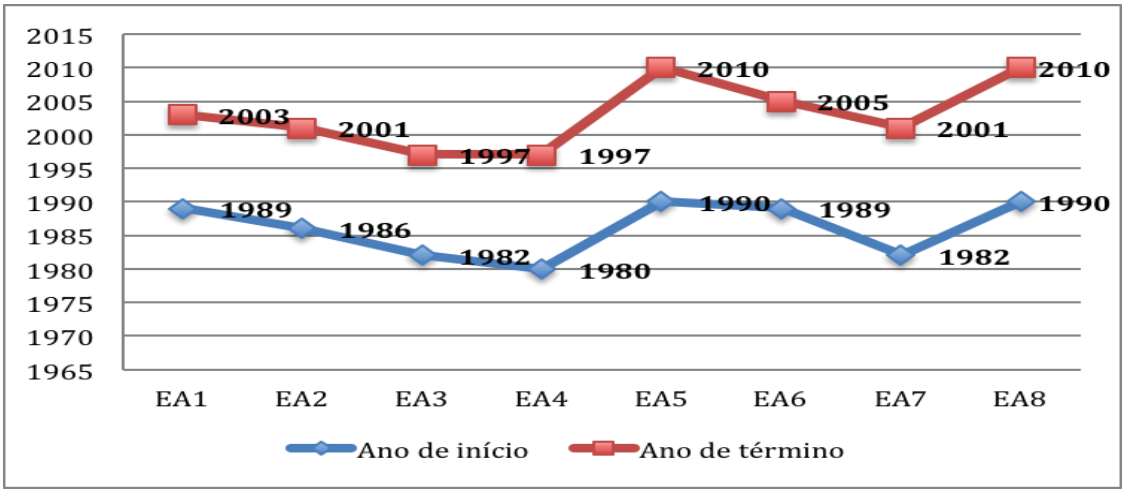


FONTE: o autor (2017).

O tempo médio da aposentadoria de atleta (momento de término da carreira de atleta até o momento da pesquisa) foi 12,7 anos (mín. 6/máx. 19, ± 4,9) para os investigados. Então, será possível identificar, neste estudo, relatos de sujeitos de diferentes gerações – com aposentadorias recentes (EA5 e EA8: 6 anos) – e ex-atletas que há quase vinte anos já não atuam profissionalmente (EA3, EA4: 19 anos).

GRÁFICO 25 – ANO DE INÍCIO NO ATLETISMO E DE APOSENTADORIA DA CARREIRA ESPORTIVA.

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

É importante demonstrar o período temporal que os sujeitos deste estudo competiram. É possível observar que os ex-atletas iniciaram suas carreiras esportivas entre os anos 1980 e começo dos anos 1990. Algumas vezes, essa questão se fez presente nos depoimentos dos ex-atletas, os quais serão apresentados na sequência deste capítulo.

Outro fator, relacionado com a transição de carreira, refere-se às frequentes mudanças de equipes que os atletas estavam submetidos no decorrer de suas carreiras (*f*=31.7%).

Para EA1, para ser atleta profissional "[…] é preciso saber que vai ter que abdicar de muitas coisas para atingir um objetivo pessoal […] evoluir no esporte". O mesmo entrevistado comentou que precisou mudar de equipe no início de carreira para evoluir no esporte: "[…] precisei sair de Osasco para São Paulo com 19 anos, deixei amigos, namorada, família, tudo, por um sonho que era crescer enquanto atleta, melhorar meus resultados […]". Do mesmo modo, a ex-atleta EA8 afirmou que: "[…] precisei sair do interior do Paraná onde comecei, para competir por equipes adultas […] competi por várias equipes ao longo da carreira, principalmente no estado de São Paulo […]". Para EA6: "[…] minha família é do interior do Paraná […] fui para Marília, depois com 19, 20 anos já estava em São Paulo morando no Ibirapuera […]", já o EA2, destacou que: "[…] saí da baixada fluminense muito jovem […] já representei equipes de São Paulo, mas competi também vários anos no Rio Grande do Sul pela Sogipa, mas posso dizer que a maior parte do tempo da minha carreira foi no Rio de Janeiro […]". Ainda, segundo EA5 "[…] as equipes de atletismo no Brasil são duvidosas, o atleta fica sempre com um pé atrás, elas não

permanecem, já vi várias equipes fecharem no país, isso prejudica os atletas, treinadores […] os atletas terão que mudar de equipe […]" e, conforme declarou EA8: "[…] o atletismo hoje já falta visibilidade, não interessa para o privado, então você imagine na minha época que o esporte era muito mais amador […] lembro que fiquei 8 meses numa equipe de Santa Catarina, ela simplesmente resolver terminar com o projeto […]".

Uma coisa em comum para os sujeitos deste estudo é que todos treinaram e defenderam equipes de atletismo do estado de São Paulo ao longo de suas carreiras. No estudo com os 10 atletas atuais, foi possível verificar que somente um não esteve vinculado, até o momento da pesquisa, à uma equipe deste estado.

Então, a necessidade de mudanças – conforme algumas situações acima – foi uma característica do desenvolvimento da carreira de todos os sujeitos desta pesquisa. A partir dos discursos dos ex-atletas, foi possível elaborar o Quadro 29:

QUADRO 29 – CIDADES DE INÍCIO E TÉRMINO DE CARREIRA ESPORTIVA DOS PARTICIPANTES DESTE ESTUDO

Sujeitos	**Cidade de início, estado.**	**Cidade de término no alto rendimento, estado**	**Cidade atual**
EA1	Osasco/SP	São Paulo/SP	São Paulo/SP
EA2	Rio de Janeiro/RJ	Porto Alegre/RS	Rio de Janeiro/RJ
EA3	Rio de Janeiro/RJ	São Paulo/SP	Rio de Janeiro/RJ
EA4	Sobradinho/DF	São Paulo/SP	Sobradinho/DF
EA5	São Paulo/SP	São Paulo/SP	São Paulo/SP
EA6	Jandaia do Sul/PR	São Paulo/SP	São Paulo/SP
EA7	Belém/PA	São Paulo/SP	São Paulo
EA8	Palotina/PR	São Caetano do Sul/SP	São José dos Pinhais/PR

FONTE: o autor (2017).

Dedicação ao esporte ao longo da carreira e a relação com familiares e treinadores.

Em relação ao apoio familiar (*f*=24.4%), no início e desenvolvimento da carreira, parte dos investigados relataram que a família não os impedia da prática do atletismo, mas questionavam o motivo da escolha deste esporte como futura profissão, conforme mencionou EA4: "[…] eles (familiares) diziam que aquilo não era profissão, não assumiam a responsabilidade de eu estar fazendo esporte em vez trabalhando". Para EA1, os familiares não o apoiaram "[…] no começo da carreira […]" até porque o ex-atleta "[…] não conseguia ajudar a família financeiramente […] eles não impediram, mas também não incentivavam a prática […]" (EA1). Do mesmo

modo, EA6 relatou que cansou de “[…] escutar em casa que o esporte não levava a nada […] não foi fácil convencer o pessoal da família que precisava largar o emprego para treinar atletismo, mas tinha certeza que o esporte poderia me ajudar lá na frente (EA6)”. A fala abaixo, da ex-atleta EA8, resume essa questão:

> […] hoje eu entendo melhor isso, na nossa época, esporte para os familiares era jogar futebol, isso que dava sucesso, isso que era carreira, então era algo de você como atleta lutar contra a sociedade (risos) […] nossos familiares não apoiavam o atletismo, as pessoas que não eram do nosso meio, não entendiam nosso esporte como profissional […].

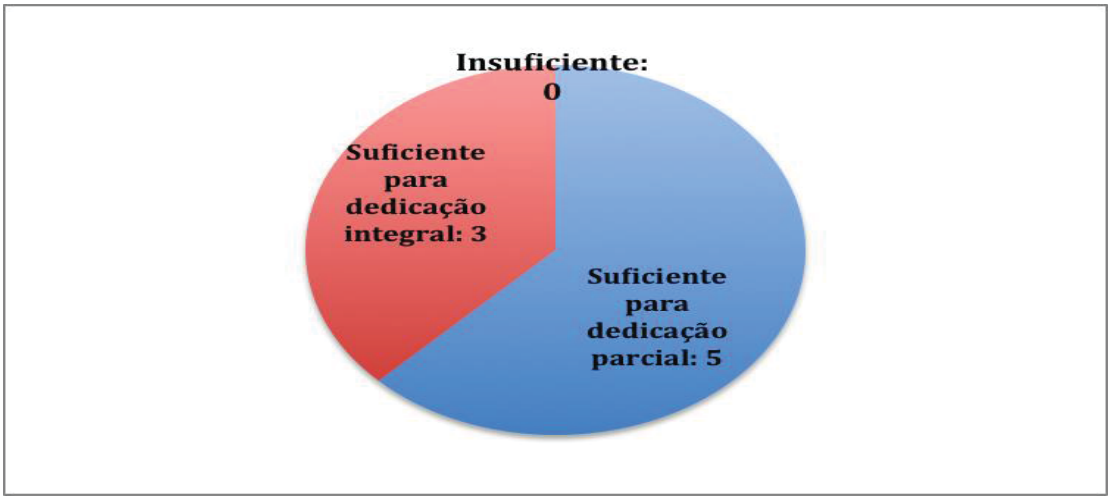
Por outro lado, ficou evidente, em alguns relatos, que o apoio familiar esteve presente no início de carreira. Conforme EA5: “[…] minha família sempre me apoiou no esporte, desde dinheiro para ônibus, água […]”, também, para EA7: “[…] minha mãe teve que autorizar meu início no projeto esportivo da escola […] ela sempre me acompanhou e já quando saí de casa para treinar e competir ela sempre falava que qualquer coisa eu poderia voltar para casa dela”.

A partir do momento que os atletas começaram a permanecer no atletismo, ou seja, obter ajuda financeira, competir, obter destaque – logo, se manter por meio do esporte –, pode-se dizer que se inicia um período de transição na vida deste atleta. Período no qual algumas mudanças ficaram evidentes nos depoimentos, como na própria questão familiar, em que, segundo EA3: “[…] no início da carreira não tinha apoio familiar […] mas depois as coisas mudaram, comecei a ganhar dinheiro e ter destaque, sair no jornal, isso já foi o suficiente para meu pai começar a entender o esporte […]”, ainda, para EA2: “[…] depois de uns três, quatro anos que iniciei, consegui comprar uma casa para minha família […] a relação mudou demais, foi uma das coisas mais gratificantes que o esporte me proporcionou foi essa, de poder ajudar minha família”.

Os ex-atletas veementemente comentaram sobre o apoio financeiro conexo com o esporte de alto rendimento (*f*=45.3%).

GRÁFICO 26 – AVALIAÇÃO DOS EX-ATLETAS SOBRE O APOIO FINANCEIRO SER SUFICIENTE PARA O ALTO RENDIMENTO

(Continua)



FONTE: o autor (2017).

Três dos oito ex-atletas, quando estavam no auge de suas carreiras, afirmaram que receberam apoio financeiro suficiente para se dedicarem em tempo integral ao esporte de alto rendimento. De acordo com o relato feito por EA2: “[…] no melhor momento da minha carreira, não dá para reclamar […] tive apoio financeiro da minha equipe, da confederação, do patrocinador”. Vale destacar que esses sujeitos obtiveram medalhas em Jogos Olímpicos.

Os outros cinco ex-atletas, relataram que o incentivo era suficiente para uma dedicação parcial ao esporte – conforme mencionou EA7: “[…] antes de viajar para a China (Jogos Olímpicos de 2008), lembro que meu clube ficou uns meses sem pagar salário, […] meu negócio próprio que ajudava a me manter financeiramente e continuar com os treinos”. O ex-atleta EA6, mencionou que sempre dependeu financeiramente, principalmente “[…] do clube e em alguns momentos de ajuda municipal […], mesmo assim, não foi suficiente em alguns momentos da carreira”. Similarmente, o ex-atleta EA8 relatou que: “[…] teve um ano que não obtive bolsa-atleta (nível olímpica), pois não consegui índice para 2012, ai ficou mais complicado me dedicar totalmente aos treinos, pois já estava difícil com a bolsa […]”.

Ainda, EA4 e EA5, respectivamente, contaram que: “[…] sou de um tempo que era mais complicado ter recurso […] nunca tive a bolsa-atleta, pois isso não tinha na minha época […]”, então o atleta “[…] muitas vezes, tinha que se virar para treinar, as vezes tirar do bolso para almoçar e esperar ser compensado no final do mês […]”.

Nessa perspectiva, foi frequente – nos discursos dos sujeitos – a questão da profissionalização do esporte e isso foi identificado, principalmente, nos assuntos

relacionados à remuneração, sendo este, um fator que, durante a carreira profissional dos ex-atletas, foi muito importante na transição do esporte com caráter amador, para uma tentativa de aproximação de esporte profissional.

A remuneração era proveniente de entidades esportivas, subsídios do governo, patrocínios e contratos. O ex-atleta EA2, relatou que:

> […] fui um dos primeiros do atletismo que fiz contrato para treinar e competir […] começo da década de 80 isso não era comum, de ter um contrato formal, de ter patrocínio fixo, mas depois, quase no final dos anos 90, isso passou a ser mais comum, lógico, principalmente com os atletas de seleção.

Alguns dos ex-atletas deste estudo relataram que, várias vezes, competiram por determinadas entidades e nem contrato de emprego firmaram com as mesmas, conforme mencionou EA6: "[…] tínhamos remuneração do clube […] mas já defendi alguns clubes que não faziam um contrato formal de trabalho, com carteira assinada […]" e, nesses casos "[…] passávamos um ano competindo pelo clube e não recebíamos os benefícios trabalhistas […] (EA5)". Por fim, para EA7 "[…] antigamente, no nosso tempo de atleta (por exemplo: década de 80), parecia que o esporte não era trabalho, existia uma mentalidade na sociedade que não dava para viver do esporte […]". O mesmo entrevistado complementou essa ideia, ao mencionar a realidade do atletismo de alto rendimento de outros países:

> […] queria ter ficado nos Estados Unidos, fui para lá treinar, competir e percebi que eles já tinham uma visão diferente do esporte […] os atletas de alto nível viviam do esporte, tinham contrato, patrocinadores […] isso também já acontecia em alguns países da Europa.

Diante disso, na visão de EA2: "[…] sempre falei que o Brasil precisava valorizar melhor seus atletas, igual os estrangeiros […] procurava no Brasil sempre o melhor clube, onde tinha mais recurso financeiro, fui criticado por isso […]".

Fica claro que o atletismo, no período em que participantes deste estudo competiam (por exemplo, anos de 1980 e 1990), não era ainda não tão profissional, ou seja, não era visto como uma profissão. Os entrevistados não tiveram em todo o momento de suas carreiras todos os benefícios, mesmo assim, eles consideravam que tinham uma carreira.

Apesar de boa parte dos investigados reclamarem do aspecto financeiro, associado à falta de profissionalização da modalidade, mesmo assim "[…] a dedicação e o comprometimento com o esporte não poderiam deixar de existir […]

(EA3). De acordo com EA4, o retorno financeiro “[…] sempre foi abaixo do merecido, se olhar pelo o esforço que fazíamos para treinar, nem sempre com as melhores condições, merecíamos um melhor retorno […]”, e do mesmo modo, para EA5 “[…] as vezes o dinheiro era contado, tudo calculado […] mas não dava para deixar de treinar, pois poderia ficar pior ainda”.

Sobre a relação entre atletas e treinadores (*f*=30.3%), foi possível identificar a figura do técnico como fundamental em todas as fases da carreira do atleta. De acordo com a ex-atleta EA8, o atletismo é um esporte que tem como característica “[…] a forte relação entre atleta e treinador […] o atleta se identifica demais com o seu treinador […]”. No entanto, para EA2, “[…] as vezes isso pode ser prejudicial, experiência própria […] o atleta pode não se adaptar com o novo treinador e com o novo processo de treinamento […]”.

Segundo EA1, a relação entre treinador e atleta é importante no ensino aprendizagem da modalidade, conforme relatou EA3: “[…] tudo o que o atleta sabe sobre a modalidade, regras, técnica é o treinador quem ensina […] o treinador de alto rendimento está sempre passando novas técnicas, treinos para seu atleta […] é um sujeito muito importante, e sempre presente na vida do atleta”. O ex-atleta EA1, exemplificou, ao mencionar que “[…] toda a vez que eu usava o bloco de partida, isso no Adulto, eu lembrava do meu primeiro treinador, que me ensinou a usar o bloco, lembrava de como ele falava para usar […]”. Similarmente, para EA5, “[…] na nossa época aqui no Brasil, o treinador era o grande responsável pelos resultados do atleta, ter um treinador bom, já era uma grande vantagem para o atleta […]”. Além disso, o ex-atleta EA7 acrescentou outra situação:

> […] o atletismo é um esporte em que muitas vezes treina-se somente o atleta, o treinador e mais ninguém […] então, a proximidade do dia a dia é muito grande e acaba que o treinador não é importante só para parte técnica, física do treino, ele passa a opinar em outras situações da vida do atleta, por isso tem vários casos, do treinador casar com sua atleta, […].

Em geral, os entrevistados foram enfáticos ao afirmarem que os treinadores influenciavam nos desempenhos e nos resultados obtidos ao longo da carreira de atleta. Também, foi identificado que o treinador teve influência nos diversos momentos da carreira do atleta, inclusive, no pós-carreira – conforme o depoimento dado pelo ex-atleta EA6: “[…] tudo o que sou hoje tem o dedo dos meus treinadores, desde aquele que me arrumou um lugar para morar no início da carreira, até o meu

último treinador, que me obrigou a fazer uma faculdade e assim hoje consegui uma nova profissão".

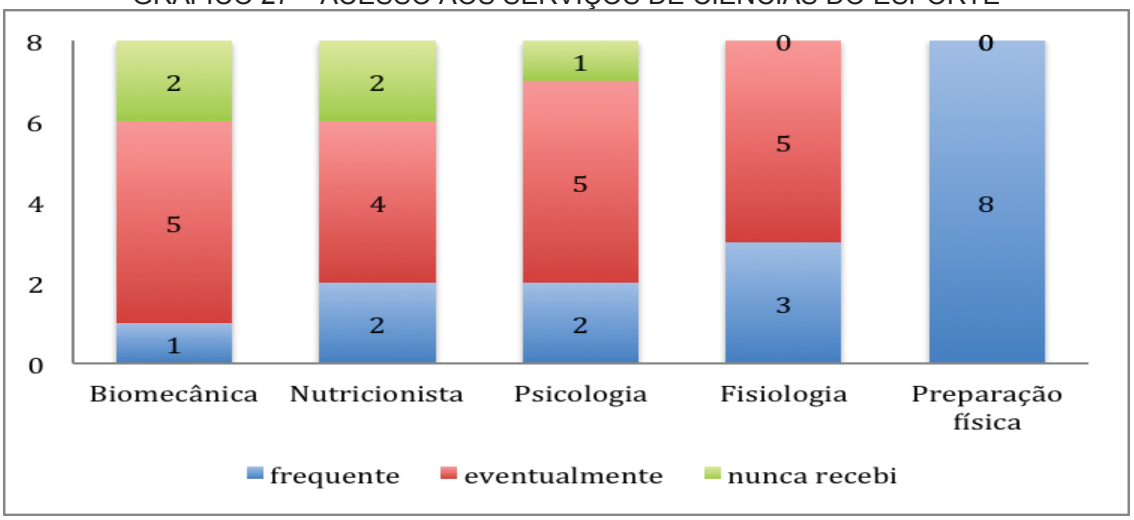
Outra questão destacada para os investigados como um dos benefícios que o esporte pode proporcionar, trata-se das amizades que são formadas ao longo da trajetória esportiva, sendo que muitas delas permanecem até o pós-carreira. Para EA3: "[…] mantenho contato com vários amigos formados nas pistas e sempre que posso participo de eventos com eles […]". Segundo EA4, a amizade formada entre os atletas "[…] era o mais legal, sem dúvida, um dos motivos de continuar com a prática e participar de competições, porque você sabia que iria rever os amigos […]". O ex-atleta EA1 complementou, ao dizer que: "[…] lembro que tinha meus rivais na pista, mas que depois um tempo convivendo juntos, nas mesmas competições, até na seleção é impossível não formar amigos para vida".

Com base em notícia do *site* da CBAt, foi possível notar que antigos atletas se reúnem, geralmente, durante o Troféu Brasil de Atletismo. Segundo Antonio Fernandes, presidente da CBAt, em depoimento no site *cbat.com* afirmou que "é muito importante que os antigos atletas se reúnam e conversem sobre atletismo" (FERNANDES, 2013).

Suporte ao atleta durante a carreira.

A exemplo de estudos anteriores, optou-se por apresentar algumas informações por meio de gráficos e assim, melhor destacá-las.

GRÁFICO 27 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE



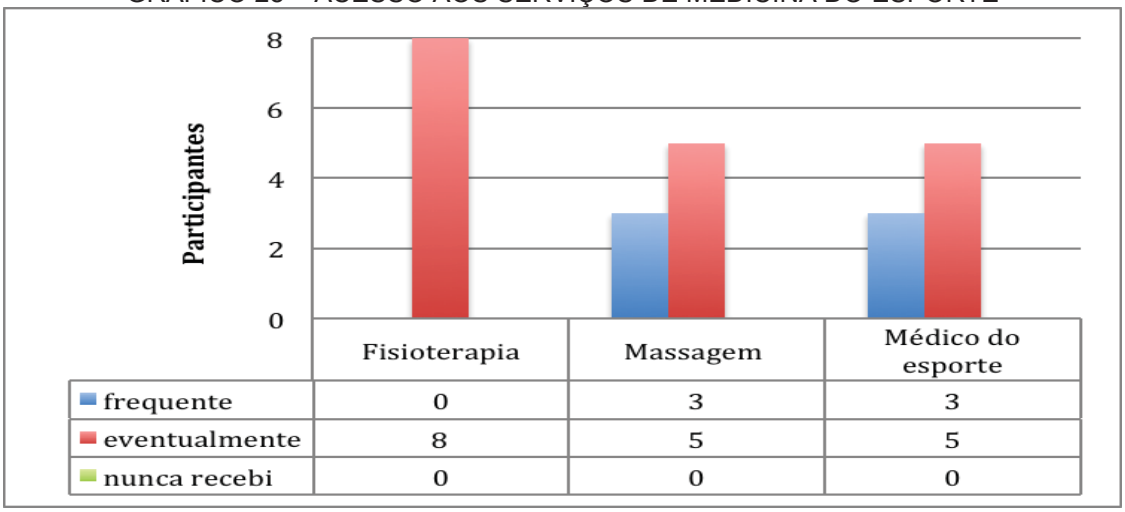
FONTE: o autor (2017).

Os oito ex-atletas participantes deste estudo, afirmaram que – frequentemente (uma vez por semana) – tinham trabalhos de preparação física, conforme se transcreve no relato feito por EA3 “[…] meu treino era organizado, por exemplo, pela manhã fazia trabalhos de preparação física e a tarde a parte técnica na pista”.

A grande maioria dos ex-atletas relatou que, eventualmente, recebiam suporte da biomecânica (análise do movimento), psicologia (treinamento mental), fisiologia, com relação a nutrição, metade dos participantes tiveram, ocasionalmente, esse tipo de suporte (*f*=21.5%). Dos 8 participantes, 2 relataram que nunca foram submetidos a nenhum trabalho de biomecânica. Destaca-se que um deles foi medalhista olímpico, assim, essa questão foi uma dificuldade enfrentada pelos investigados, independente do nível do atleta. Ainda, 2 dos investigados, não foram auxiliados por nutricionistas; e 1 ex-atleta relatou nunca ter recebido ajuda de nenhum psicólogo.

Comparando essa questão com os resultados do estudo anterior – o qual trata dos atletas que ainda estão atuando no alto rendimento – foi possível perceber que o acesso aos serviços de ciência do esporte é mais frequente para os atletas atuais, sendo que todos os investigados já tiveram – em algum momento de suas carreiras – apoio no que se refere aos serviços de nutrição. No entanto, apesar dos sujeitos competirem em períodos diferentes, notou-se algumas dificuldades permanecerem, pois, foi possível identificar que alguns dos atletas atuais (estudo anterior), assim como os ex-atletas, nunca tiveram suporte de serviços como biomecânica e psicologia do esporte.

GRÁFICO 28 – ACESSO AOS SERVIÇOS DE MEDICINA DO ESPORTE



	Fisioterapia	Massagem	Médico do esporte
frequente	0	3	3
eventualmente	8	5	5
nunca recebi	0	0	0

FONTE: o autor (2017).

Em relação aos serviços de medicina do esporte, cabe destacar a fisioterapia como um serviço eventualmente utilizado pelos ex-atletas. Além disso, a maior parte dos investigados (5) afirmou que, eventualmente, dispunham de serviços de massagem, relaxamento muscular e apoio de um médico especializado no esporte (*f=20*%). No que se refere à lesão esportiva (*f*=26,1%), foi identificado que ela pode ser considerada uma transição na vida do atleta, pois muitas vezes pode interferir no rendimento esportivo, interromper temporariamente ou até definitivamente a carreira do atleta. Sobre essa questão, o ex-atleta EA5, mencionou que várias vezes treinou e competiu "[…] machucado, com lesão que atrapalhava o treinamento […] a fisioterapia deveria ser mais frequente na nossa época, acho que iria melhorar nosso desempenho, ou prolongar nossa carreira […] é normal, hoje as formas de prevenção e recuperação são outras, evoluíram demais no esporte".

Nessa perspectiva, o ex-atleta EA2 afirmou que: "[…] muitos treinos que fazíamos na minha época, hoje não existem mais […] muitos colegas deixaram de render por falta de cuidado com o corpo, de orientação de um médico especialista, de como se cuidar, se preparar antes e depois de uma competição". O fato de ter tido uma séria lesão foi um motivo, segundo EA6, foi o que acelerou sua aposentadoria: "[…] no final de carreira tive uma lesão no tendão de Aquiles […] acho que se tivesse os cuidados e preparação de hoje poderia ter evitado, fiquei um bom tempo sem treinar e quando voltei aos treinos já não conseguia dar sequência nos treinos […]". Por fim, a respeito do desgaste físico (*f*=26,1%) no final de carreira o ex-atleta EA2, complementou dizendo que: "[…] quando chega o fim é difícil entender que o atletismo parou, porque a cabeça muitas vezes quer continuar, até hoje eu sonho que estou treinando, competindo, mas o corpo fala que chega, é difícil brigar contra tempo".

Com relação aos serviços de suporte durante a vida esportiva (*f=23.75*%), somente 4 ex-atletas afirmaram que, eventualmente, recebiam apoio de um assessor de carreira, para aconselhamento e gestão da carreira e estilo de vida. O ex-atleta EA1 relatou que: "[…] quando estava no auge da carreira, competia por um bom clube […] que tinha o diretor esportivo da equipe, era uma pessoa que ajudava os atletas do clube, orientava em questões do dia a dia, que aconteciam fora da pista".

Os demais ex-atletas (4) nunca receberam, de nenhuma entidade esportiva, esse tipo de apoio de uma pessoa específica para isso. Sobre o auxílio de um assessor de imprensa, 6 ex-atletas afirmaram que, eventualmente, tinham esse apoio, sendo que 2 tinham frequentemente – sobretudo em períodos de eventos esportivos importantes (competições, entrevistas, cerimônias).

Programa de apoio, ou parceria para o pós-carreira esportiva enquanto atleta.

Apesar dos sujeitos, enquanto atletas, afirmarem conhecerem a existência de algum serviço de apoio ao pós-carreira, 6 dos 8 entrevistados alegaram que não participaram durante suas carreiras esportivas de um programa de apoio (*f*=38.2%) voltado ao pós-carreira.

Portanto, 2 ex-atletas, sendo um deles, medalhista olímpico, puderam contar com algum programa de encerramento de carreira esportiva. Por exemplo, o Programa de Carreira do Atleta (PCA) – realizado desde 2012 – do COB[38], foi para o ex-atleta EA5, uma "[…] uma oportunidade incrível num momento final de carreira de atleta […] precisava de orientação para ingressar no mercado de trabalho e nesse programa escutei ex-atletas que já tinham passado o que eu estava passando". O mesmo entrevistado complementou que, após o término da sua carreira esportiva, ingressou "[…] numa função administrativa da CBAt e o curso (PCA) contribuiu nessa função e nos novos desafios da carreira". O ex-atleta EA1 resumiu essa questão:

> […] foram várias transições na minha vida até eu decidir realmente parar […] os atletas estão acostumados a atuar dentro das pistas, e quando param precisam atuar nas suas vidas […] então, o PCA foi algo novo para mim, aprendi bastante, uma oportunidade para abrir a mente e ter novas ideias para quando terminasse de vez a minha carreira de atleta.

O PCA, antigo Programa de Apoio ao Atleta (PAA), seleciona e atende atletas que ainda estão em atividade, mas que já começam a pensar nos próximos passos profissionais. Em três edições do programa, o COB já formou 33 atletas, que hoje

---

[38] O COB por meio do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) promove formação profissional por meio de programas de capacitação e desenvolvimento. Principais programas do IOB: Fundamentos da Administração Esportiva (FAE); Curso de Administração Esportiva (CAE); Curso Avançado de Gestão Esportiva (CAGE); Curso de Introdução ao Sistema Olímpico (CISO); Programa de Aperfeiçoamento de Gestores Esportivos (PAGE); Academia Brasileira de Treinadores (ABT); Programa de Apoio ao Atleta (PAA) (COB, 2014).

atuam como gestores esportivos, comentaristas, treinadores ou empresários, entre outras funções (COB, 2015b).

Os ex-atletas relataram que nunca receberam, de municípios ou estados, serviços específicos durante a carreira esportiva dos atletas, serviços com objetivo de prepará-los para o pós-carreira esportiva ou um programa de apoio pós-carreira para ajudá-los. O ex-atleta EA4, relatou que a maior parte da sua carreira "[…] foi no estado de São Paulo, o principal estado do atletismo […] já recebi ajuda do estado, do município, no lado financeiro, mas nunca, nada, relacionado a transição de carreira […]".

O benefício remunerado para ex-atletas deste estudo, os quais ganharam medalhas em jogos olímpicos, também pôde ser visto a partir do programa Heróis Olímpicos, conforme narrativas a seguir. O sujeito EA1 salientou que faz "[…] parte do programa Heróis Olímpicos, especificamente para atletas que receberam medalhas em jogos olímpicos […] então recebo uma ajuda mensal da CBAt e por isso tenho que participar de vários eventos da confederação". O EA2, outro participante deste programa, comentou que "[…] a ajuda mensal é básica, logicamente não dá para viver disso […] gosto de participar das maratoninhas da CAIXA […] tem muita criança, então gosto de falar com elas e contar minha trajetória para elas", similarmente, EA3 relatou que:

> […] é gratificante participar das palestras […] comecei com as palestras à pedido da CBAt […] hoje estou melhor, consigo transmitir melhor minha carreira de sucesso para o público, então dou palestras, pelos Heróis Olímpicos, para empresas, escolas, universidades […] as pessoas gostam de escutar casos de sucesso e os esportistas têm vários […] falo para os jovens atletas que suas carreiras serão curtas, que nada será fácil, falo para estudarem, se organizarem para o futuro, para o depois do fim da carreira.

Sobre o programa "Heróis Olímpicos", a CBAt em parceria com a CAIXA Econômica Federal e desenvolve tal programa de apoio à ex-atletas olímpicos, com a ideia de mostrar a importância do atletismo brasileiro nos Jogos Olímpicos, levar os valores olímpicos para o atletismo e aliar o passado vitorioso com os atletas do presente (CBAT, 2016h). A CBAt não especifica quais atletas atualmente são contemplados pelo programa, mas, frequentemente publica notícias de alguns ex-atletas vinculados a este programa e que desenvolvem atividades com a CBAt. Por exemplo: Joaquim Cruz, Vanderlei Cordeiro de Lima, André Domingos, Arnaldo de Oliveira, Claudinei Quirino, Claudio Roberto de Sousa, Edson Luciano e Vicente

Lenilson – que mantêm projetos sociais usando o atletismo como ferramenta – fizeram palestras na UFPI para alunos de diversos cursos e comunidade.

Os oito ex-atletas fazem parte do Programa Caixa Heróis Olímpicos, da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt, 2016h). O ex-atleta Vicente Lenilson, ao deixar as pistas em 2011, afirmou no site *cbat.com* que, com o término da carreira de atleta, "continuarei dando palestras, explicando que todos podem se superar e mudar de vida. Foi assim comigo e com muitos companheiros de atletismo" (LENILSON, 2011).

Os entrevistados relataram a função deles no programa Heróis Olímpicos: "[…] acompanho as competições e eventos oficiais da CBAt "[…] sei que vou passar alguns dias com a delegação olímpica no Rio de Janeiro" (EA2), "[…] já fiz várias palestras motivacionais para os atletas, antes de uma competição importante" (EA1), "[…] existe uma capacitação para aprendermos a palestrar, a focar num objetivo, os detalhes da palestra e sempre falam que o programa é para resgatar a história desses heróis […]" (EA3). Na visão de EA6:

> […] posso dizer que são heróis mesmo, o nome justifica a causa, porque são atletas que fizeram muito pelo atletismo, são respeitadíssimos dentro da comunidade do atletismo, pois venceram num período de pouco recurso, não dá nem para comparar com o que existe hoje, então os medalhistas merecem todo o apoio e reconhecimento.

Por fim, o EA7 relatou que deveria existir "[…] algo parecido para os atletas, ou ex-atletas destaques em mundiais, com feitos expressivos […] tem atleta que foi reserva do revezamento e é Herói Olímpico; tem atleta que foi campeão mundial, com um feito importante para o atletismo, e não recebe nada […]".

Foi possível constatar, principalmente a partir do depoimento dos ex-atletas, que não obtiveram medalhas em Jogos Olímpicos, que o resultado esportivo – nesta competição – pode influenciar em como a carreira do atleta vai seguir. Segundo EA8: "[…] a decepção por um resultado esportivo abaixo do esperado pode prevalecer sobre o fato de estar nos Jogos Olímpicos entre as melhores da sua prova, de estar por exemplo, numa final olímpica, mas ficar em sétimo", para EA6: "[…] se tivesse obtido uma medalha olímpica poderia conseguir outros benefícios indiretos, até ter melhorado momentaneamente a parte de apoio financeiro[39] […]

---

[39] Em janeiro de 2017, a equipe brasileira de revezamento 4x100 metros passou a ter o direito da conquista do bronze dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008, após o Comitê Olímpico Internacional

mas iria continuar no mesmo clube, com a mesma estrutura […]". Para EA4 "[…] vejo que hoje a ajuda está melhor, já tive entre os melhores do mundo na minha prova, se fosse hoje poderia ter várias fontes de recurso, na minha época era basicamente o clube era a ajuda financeira e hoje, esses atletas só reclamam […]". Por fim, o ex-atleta EA7 salientou que: "[…] lógico que existe uma grande diferença entre ser atleta olímpico e medalhista olímpico […] com certeza ser medalhista olímpico, digamos que o atleta consegue se vender melhor e quem sabe, outras oportunidades iriam aparecer […]".

Para o grupo dos entrevistados, paralelamente à carreira esportiva foram desenvolvidas atividades acadêmicas e profissionais, tanto por iniciativa dos próprios atletas, quanto por parte dos técnicos ou das entidades organizacionais da modalidade.

Três, dos oito investigados, conseguiram terminar suas formações acadêmicas (*f*=22.9%) ainda enquanto atletas e foram fundamentais para conseguirem suas atuais profissões. Cinco, dos oito investigados, terminaram a graduação que tinham iniciado ainda enquanto atletas profissionais – somente após o fim da carreira esportiva. Ainda, dois destes, ingressaram e concluíram novos cursos (administração) na fase de pós-carreira. Então, a construção e concretização da carreira atual pode acontecer posteriormente à de atleta.

Conforme o ex-atleta EA1: "[…] tranquei a faculdade várias vezes, seis meses antes dos jogos olímpicos eu não estudava, não tinha tempo, a faculdade não tinha um programa educacional específico para o atleta […] fui terminar minha formação depois de aposentado", similarmente, segundo EA8: "[…] depois que parei de competir, voltei aos estudos e pude terminar meu curso […] enquanto atleta, foi difícil, minha faculdade não queria saber se eu era atleta, acho que no Brasil, a maioria delas não tem esse apoio para combinar treino e estudo […]". Essa questão também emerge no discurso feito por EA4:

> […] graças a Deus consegui terminar minha carreira no auge, em alto nível, isso era difícil na nossa época, pois precisa de planejamento do atleta num período complicado da vida […] então depois de parar eu me dediquei firmemente no que ia fazer […] tentei treinador, mas não era o meu melhor perfil, então optei pela minha segunda formação […] me formei em

(COI) confiscar o ouro da Jamaica por doping de um de seus atletas. Um dos atletas brasileiros que fez parte do revezamento em 2008 destacou o prejuízo financeiro incalculável pela medalha olímpica retroativa, o atleta afirmou que poderia ter recebido na época, cerca um milhão de reais de seu clube que pagava por quem conquistasse medalha olímpica (ESTADÃO, 2017b).

> administração […] já atuei em direções esportivas, mas hoje me dedico principalmente à minha empresa […].

Por o esporte de alto rendimento exigir uma dedicação de tempo muito grande, as graduações para esses sujeitos foram concluídas após o término da carreira de atleta. Mas, de fato, a relação esporte e estudo foi fundamental para os investigados no desenvolvimento da carreira e no pós-carreira, conforme pode ser observado na citação a seguir: "[…] eu tive um incentivo para fazer faculdade de administração dentro do esporte, não da família […]" (EA4). Para EA5, foi o clube quem "[…] começou a pagar minha faculdade, era uma forma de manter na equipe, pois outras equipes também já faziam esse procedimento […]", portanto, "[…] a faculdade era uma boa oportunidade para termos uma outra função […] enquanto atleta, logicamente era mais difícil, mas depois da vida de atleta sabíamos que poderíamos aproveitar a formação que o esporte proporcionou […]" (EA2). Por fim, EA7 complementou: "[…] eu vim de família humilde […] acho que não conseguiria essa faculdade (educação física) se não tivesse no esporte e já no final da minha carreira já ajudava o clube na formação de atletas, na escolinha […] isso era remunerado".

Os ex-atletas destacaram que as experiências adquiridas ao longo da carreira esportiva foram fundamentais na transição (*f*=27.2%) de carreira, no desenvolvimento e na adaptação da nova profissão. De acordo com EA5, a competitividade exigida para ser atleta de alto rendimento, o "[…] ajudou a rapidamente se encaixar na profissão de publicitário […] porque também é um mercado competitivo com algumas características semelhantes a do esporte competitivo […]", ainda, segundo EA7 "[…] quem fez esporte competitivo, leva isso para o seu trabalho, seja ele qual for e se souber usar pode se dar bem profissionalmente". O depoimento dado por EA2, compara as funções pós-carreira com os desafios de ser atleta profissional:

> […] com relação ao meu trabalho atual, é moleza […] o esporte que pratiquei tinha muito mais dificuldade do que todos os trabalhos e desafios que fiz depois de atleta […] não estou falando que esses desafios foram fáceis, mas eu sempre pensava isso quando eu tinha algum desafio relacionado ao trabalho: difícil era treinar cinco horas por dia, as vezes no sol de 30 graus, fazer dieta, ficar sempre angustiado por resultados, receber pouco, isso eu vejo hoje que era muito difícil para mim quando comparado com outras profissões […] os desafios que tive depois de atleta nem se compara com o que tive no esporte e meu trabalho atual aqui na direção do clube é muito tranquilo perto disso.

Foi um aspecto comum, para os entrevistados, o fato do esporte de alto rendimento ter auxiliado os ex-atletas para os desafios que vieram a enfrentar no pós-carreira. Isso, levando em consideração as demandas diárias exigidas pelo esporte de alto rendimento, como concentração, foco, disciplina, preparação física, psicológica, controle de stress, motivação, entre outras habilidades que o atleta adquire e que podem ser usadas no trabalho profissional. Complementando essa questão, EA8 relatou que "[…] para mim, ainda é tudo muito recente a vida de atleta, está tudo muito fresco, mas o que passei no esporte está me ajudando agora, na minha nova profissão de treinadora". Do mesmo modo, o ex-atleta EA1 salientou que tem contribuído bastante com o esporte atual, conforme se transcreve:

> […] como gestor esportivo, procuro passar para os técnicos e atletas que tenho contato por meio da federação estadual, que as dificuldades deles, foram muito maiores na minha época, mostrar como nós fazíamos para superá-las, que os atletas precisam ter disciplina […].

Outra questão é que foi identificado que os ex-atletas chegavam a receber, de uma maneira informal, algumas orientações de carreira: "[…] algumas pessoas do meu clube conversavam com a gente sobre o que pretendíamos fazer depois de parar, mas não era nada formal, mais um bate papo mesmo […]" (EA6), "[…] alguns colegas que pararam quase junto comigo […] foram convidados e recrutados pelo clube para ajudarem no processo de treino do clube, mas nem carteira assinada eles tinham" (EA2).

A partir dos depoimentos, ficou evidente o papel das entidades esportivas (*f*=11.7%) no desenvolvimento da carreira do atleta. Segundo EA3 "[…] o atleta dependia das organizações do atletismo […] para ir à seleção brasileira ele precisava estar num clube […]", e para EA1, o clube "[…] deveria cumprir o contrato, cumprir os benefícios combinados com os atletas […]", além disso, ''[…] bancar as viagens, treinamentos, competições nacionais e internacionais […]". Sobre a confederação, o EA4 relatou que: "[…] na época (final dos anos 80) começou a assumir esse papel de se responsabilizar pelo alto rendimento com mais profissionalismo, pois ela já conseguia patrocínios e repassava ajuda mensal para alguns atletas da seleção […]". É importante destacar que, em algumas situações, parece que as responsabilidades da confederação e dos clubes eram entendidas pelos ex-atletas como um benefício que tais entidades forneciam para eles e, na

verdade, deveria ser uma obrigação, pois os atletas estavam representando o país e seus devidos clubes.

Fase pós-atleta.

Com relação à expectativa para a nova fase (*f*=39.4%), do momento de abandonar a carreira de atleta, pode ser visto como um momento complexo na vida dos participantes deste estudo. Na visão de EA1: "[…] não foi uma decisão simples, mas precisava ficar mais com a família, então resolvi parar aos poucos, refazer meus objetivos de vida […] depois de um tempo, passei a me dedicar aos estudos e pensar num trabalho que conseguisse ficar perto da família". O fim de carreira para EA5 foi:

> […] cansativo […] meu corpo já estava cansado, demorava muito para me recuperar fisicamente, é complicado, pois a cabeça está acostumada a treinar sempre no limite […] lembro que minha autoestima baixou demais, já estava inseguro para competir […] então resolvi que era melhor parar com o atletismo e passei a me dedicar mais a minha formação e terminei publicidade […].

Igualmente mencionado por EA6, ao dizer que "[…] estava com problemas físicos, tive uma lesão muito séria, não conseguia mais treinar como deveria, precisei antecipar o fim da carreira e passei a me dedicar a ser técnico […]" e por EA3: "[…] o atleta sabe quando o fim está próximo […] comecei a rejeitar o treinamento, minha cabeça não queria mais treinar, fazia o mesmo esforço, mas o resultado era muito abaixo […]"

Parte dos ex-atletas demonstraram que demoraram na adaptação da nova fase, conforme afirmou EA7, ao dizer que:

> […] no dia seguinte que encerrei a carreira de atleta bateu aquele susto e demorei um pouco para entender e preparar a cabeça para dar um novo rumo na vida, era tudo novo na minha vida […] eu me aposentei mas o atleta ainda estava impregnado em mim, sentia falta de treinar, de competir […] acho que ele demorou uns três, quatro anos para sair totalmente de mim e entender que não podia mais agir como se ainda fosse um atleta […]

De fato, isso parece ir ao encontro do que afirmaram, respectivamente, EA2, EA8 e EA1: "[…] era um momento de angústia que vivia, pois tinha horário para tudo quando atleta e de uma hora para outra precisei alterar meu dia a dia, foi o momento mais difícil da minha vida […]", "[…] acho que todo o atleta, logo quando para de treinar sente falta do esporte, sem dúvida, essa parte de largar o ofício de atleta foi a

mais complicada, com certeza tinha uma questão psicológica, afinal, são vários anos fazendo a mesma coisa […]", "[…] quando terminei minha carreira voltei para casa dos meus pais […] lembro que fiquei um bom tempo sem saber o que fazer, como ocupar o dia […] precisava de um tempo para decidir o que fazer".

Com base nos depoimentos de parte dos ex-atletas, a partir do momento que eles paravam suas carreiras esportivas, começavam a pensar em novas metas, objetivos para vida pessoal e entendiam que deveriam se preparar para encontrar o novo. Pode-se afirmar que foi um aspecto comum para todos os sujeitos o fato de terem dificuldades com relação ao caminho que iriam traçar após o término de suas carreiras. As narrativas a seguir, reforçam essa questão: "[…] por mais que você acha que está preparado, você não está" (EA3); "[…] lembro que era muito individualista, isso era em virtude do esporte e quando parei precisei melhorar essa parte, precisei ser mais coletivo, mais humano […]" (EA2); "[…] tinha dúvidas no que fazer, no caminho que iria seguir […] hoje eu oriento que o importante é o ex-atleta estar feliz […] fiz várias experiências, foram vários trabalhos até decidir o melhor para mim" (EA5), e para facilitar esse processo, o ex-atleta deve "[…] tirar de dentro dele aquilo que ele tem de capacidade e aos poucos ir colocando em prática […] isso pode facilitar no que ele realmente pretende atuar depois de encerrar a carreira […]" (EA4).

Cabe destacar aqui que o ex-atleta EA5 afirmou atuar, hoje em dia, como palestrante. Mas, para que isso fosse um processo mais tranquilo de se concretizar, deveria – enquanto atleta – ter se preparado melhor, por exemplo:

> […] aprender a me expressar melhor em público […] mas veja, nunca ninguém me orientou que a palestra poderia ser uma possibilidade de arrumar dinheiro depois de aposentado, ou sobre como atuar numa palestra […] então fui aprendendo na prática e hoje estou aproveitando melhor essa questão de palestras, principalmente financeiramente.

O ex-atleta EA2 relatou que, primeiramente, pensou "[…] que seria treinador após terminar a carreira […] ainda quando atleta já trabalhava com os jovens do clube […], mas não me adaptei nessa função […]", ainda, conforme EA5: "[…] se você perguntar para a maioria dos atletas que estão parando de competir: o que irão fazer depois de parar? eles vão dizer que irão ser técnicos, mas muitas vezes eles não têm o perfil para ser treinador […]", da mesma forma, EA3 afirmou que "[…] uma coisa é ser atleta, outra coisa totalmente diferente, é ser treinador […]".

Como já mencionado em tópico anterior, a maioria dos investigados passaram pela faculdade de Educação Física, pois, pretendiam ser técnicos esportivos, sendo que alguns deles já atuaram como treinadores antes do término de carreira: “[…] teve um período que era técnico e atleta, não oriento isso para os meus atletas, ou faz uma coisa, ou outra […]” (EA6). Para EA3 ser técnico “[…] foi um objetivo que começou ainda como atleta e hoje posso dizer que é a minha nova carreira […] atuo como técnico de atletismo, preparação física de atletas de diferentes esportes”.

Em geral, foi possível perceber a necessidade da nova profissão (*f*=34.1%) após a vida de atleta. Associado a isso, cabe reforçar que todos os investigados argumentaram que a carreira esportiva também era prejudicada porque a maioria dos atletas, além de terminarem suas carreiras em idades que não é permitido se aposentar no Brasil, não tiveram – por alguns anos durante a carreira de atleta – contrato formal com o clube o qual representavam. Ou seja, a carreira de atleta não garantia de fato, uma aposentadoria formal, que é aquela associada ao tempo de contribuição e idade para solicitar o benefício da aposentadoria (INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL, 2016).

Também, é importante destacar que dois dos oito investigados mencionaram que resolveram encerrar a carreira, mas, depois um certo tempo, retornaram com os treinamentos: O ex-atleta EA4 afirmou que, na primeira vez, decidiu parar sua carreira de atleta “[…] em virtude da idade e também porque estava cansado da rotina de atleta”. No entanto, depois de seis meses longe das pistas resolveu retornar aos treinos diários para competir nos jogos universitários:

> […] estava fazendo minha segunda formação (administração) […] me ofereceram bolsa de estudos para representar a universidade e voltei a treinar com o grupo, na época o universitário era competitivo […] fui duas vezes campeão brasileiro universitário, ganhava bolsa de estudos, participei até de mundial universitário.

No caso do ex-atleta EA2, o retorno às pistas foi por convite “[…] do técnico, ele conseguiu um outro patrocínio, pediu para eu completar a equipe, na verdade quis me ajudar financeiramente e então voltei […] terminei com mais uma medalha no revezamento do Troféu Brasil”. Os dois atletas acrescentaram que esse retorno fez bem para que eles pudessem consolidar o término da carreira, além disso, enalteceram o fato de terminarem suas carreiras no pódio, com medalhas. Ainda, EA2 ressaltou a gratidão do técnico nessa ocasião, pois, tal atleta já tinha decidido

encerrar a carreira “[…] pois era mais vantajoso financeira pensar em outra profissão […]”. Depois de quase um ano, este ex-atleta foi chamado pelo seu antigo técnico para retornar aos treinos, uma vez que conseguiu melhores condições de treinamento, conforme explicou EA2:

> […] meu técnico não pensou duas vezes em me ajudar […] sabe que eu tinha passado por dificuldades antes de resolver parar de treinar, então me chamou para treinar novamente e fazer parte da equipe da Rede Atletismo, que na época estava começando a investir pesado no atletismo e pude fazer parte dela um ano […] isso me fez bem, pude voltar a sentir a emoção de competir novamente.

Os participantes deste estudo (EA3, EA7, EA8) resolveram abdicar com o atletismo, principalmente, por entenderem que já tinham cumprido seus objetivos no esporte de alto rendimento – como participar de grandes competições, obter bons resultados – e entenderem também que caso continuassem treinando e competindo, dificilmente conseguiriam obter melhores rendimentos, ou mais sucesso na carreira de atleta. Portanto, decidiram que a melhor decisão seria encerrar a carreira e buscar novos desafios.

Outra questão, os investigados relataram que a maioria das premiações, após a conquista da medalha olímpica, não foram em forma de dinheiro: “[…] é engraçado, porque as pessoas falam: que legal, você vai receber um prêmio, algumas me perguntam quanto eu vou ganhar, mas o prêmio é uma placa, um certificado […]” (EA8), “[…] você recebe muitas homenagens ao longo da carreira e depois dela […] do município, do estado, da federação, confederação, chega a ser cansativo e repetitivo […]” (EA4). Segundo EA6: “[…] recentemente, depois de mais de 10 anos que me aposentei de atleta, fui um dos homenageados do Bosque da Fama da Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo”.

O Bosque da Fama, na cidade de São Paulo/SP, tem o objetivo de exaltar grandes campeões do esporte brasileiro e preservar a memória esportiva, com homenagens (póstumas ou não) à pessoas que tenham alcançado grandes feitos. Já foram homenageados vários ex-atletas do atletismo: Adhemar Ferreira da Silva, Fabiana Murer, Ícaro de Castro Mello, João Carlos de Oliveira, Maurren Higa Maggi e Nelson Prudêncio (CBAt, 2015f).

Ainda sobre essa questão, o ex-atleta EA7 relatou que é muito importante “[…] ser lembrado pelas conquistas no esporte […] depois de muitos anos que venci em Berlim, fui convidado para voltar, pois iria receber uma homenagem […] estava

muito ansioso, foi uma grande experiência ser homenageado onde fui campeão". Do mesmo modo, o ex-atleta EA5, mencionou que esse tipo de reconhecimento "[…] é tudo o que atleta deseja […] veja o que o caso do Vanderlei […] as pessoas não sabem que você participou de jogos olímpicos, não sou famoso, então sempre é bom ser lembrado […]". O ex-atleta citado por EA5 é o Vanderlei Cordeiro de Lima – medalha de bronze na maratona, em Atenas, 2004 – que, além ter recebido inúmeras homenagens pela conquista em Atenas, foi o atleta responsável por acender a pira olímpica dos Jogos do Rio 2016. Também, o ex-atleta de atletismo Joaquim Cruz (campeão olímpico dos 800 metros em Los Angeles, 1984), teve participação na abertura dos Jogos do Rio ao levar a bandeira olímpica para ser hasteada (CBAt, 2014a; ESPN, 2016).

Todos os entrevistados relataram que os momentos de reconhecimento social (*f*=26.5%) que tiveram, enquanto atletas, por suas conquistas no esporte, eram momentos motivadores para eles acreditarem no que estavam fazendo e continuarem com a dedicação no esporte. Já os momentos de reconhecimento que ocorreram depois da carreira de atleta, foram fundamentais para tornar a carreira deles reconhecida como uma carreira propriamente dita e consequentemente, ajudar outros atletas que estavam surgindo, fortalecendo ainda mais esse processo de reconhecimento dos atletas de atletismo.

Foram identificadas outras formas de premiação em virtude da conquista da medalha olímpica. Para o ex-atleta EA2: "[…] quem ganha medalha olímpica recebe uma premiação em dinheiro do patrocinador da CBAt e dependendo o clube, ele também premia o atleta, isso pode ser em dinheiro também […]", mas, segundo EA1, a gratificação "[…] na nossa época, era bem fraquinha, ainda mais pela façanha que fizemos […]", além disso, EA3 afirmou que é possível o atleta medalhista ter "[…] uma bonificação do patrocinador desse atleta, que pode ser uma empresa qualquer, uma marca esportiva […]" (EA3). Também, segundo o mesmo entrevistado: "[…] logo depois dos jogos, fiz até comercial, deu para ganhar um dinheiro com isso […] então as empresas queriam associar a nossa imagem, passar uma imagem de superação, garra […]".

Os ex-atletas relataram que não receberam gratificação (em dinheiro) de nenhum estado ou município – específica por terem conquistado uma medalha olímpica. Também, reclamaram sobre o retorno financeiro pós-carreira. De acordo com EA7: "[…] hoje não posso ficar sem trabalhar, tenho dois empregos que ajuda a

manter a família […] sou professor de educação física e tenho um projeto com o atletismo na prefeitura da cidade". O ex-atleta EA5 relatou que dedicou "[…] tempo demais ao esporte […] deveria ter parado antes dos 37 anos […], pois hoje preciso me dedicar em outra profissão para manter financeiramente […]", ainda, os ex atletas EA2, EA1 e EA4 respectivamente, foram mais enfáticos sobre essa questão, ao mencionarem que:

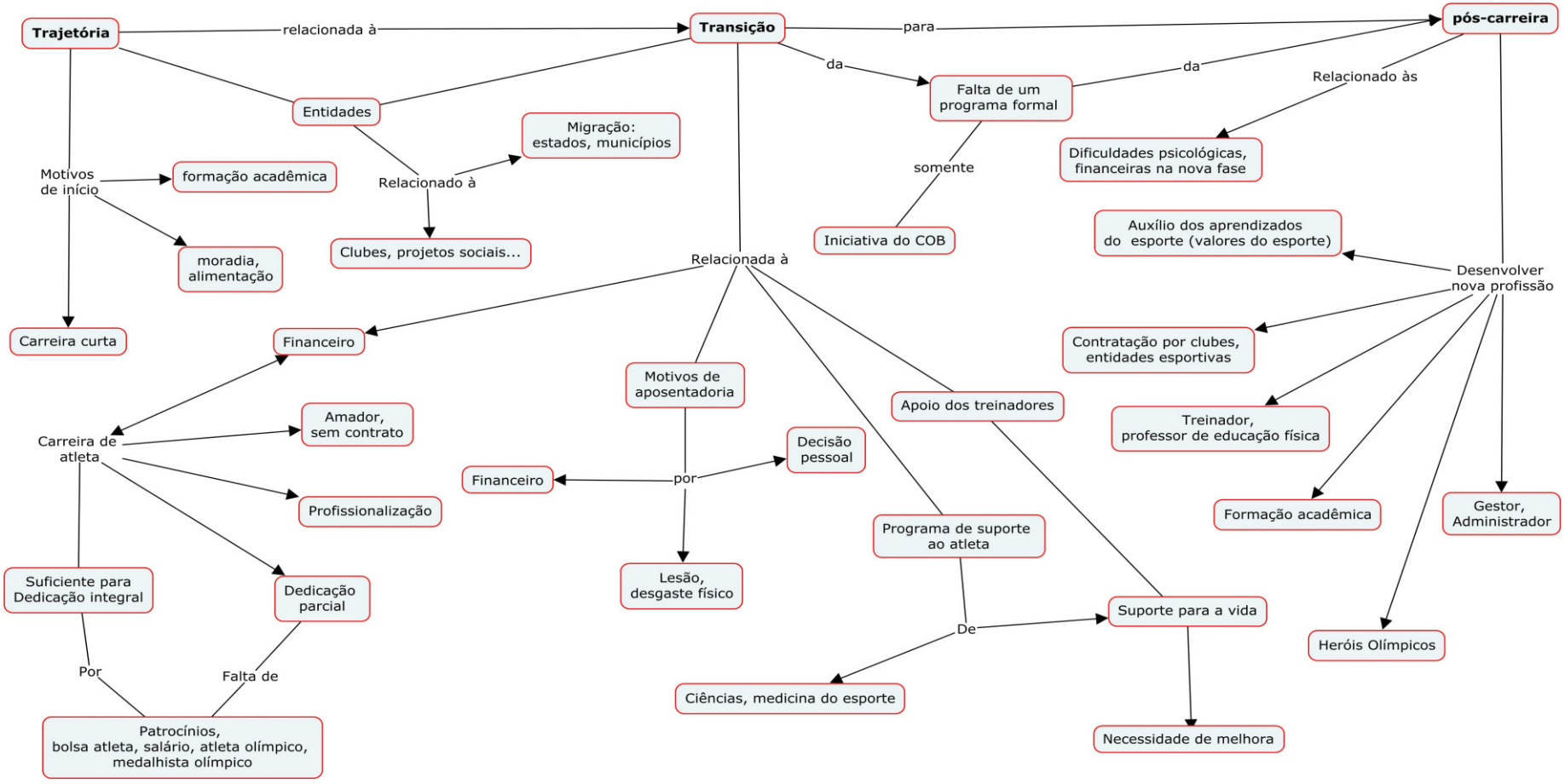
> […] o fato de ser ex-atleta olímpico, ou ter recebido medalha olímpica, não garante o futuro, a aposentadoria […] tem relação com a parte cultural do país, na nossa época, década de 1980 a modalidade não tinha muito apelo no país […] o que ganhávamos no período de atleta, dificilmente garantiu o futuro financeiro da maioria dos atletas desse período, então um atleta de atletismo de seleção nacional, precisa trabalhar depois de parar.
> Como já te falei a gente recebia na época, quando estava no topo, não posso reclamar que não conseguia treinar por falta de dinheiro, tudo o que tenho hoje veio do atletismo, mas isso é uma coisa, outra coisa é que o dinheiro na época não era o suficiente para fazer uma reserva financeira e se dar ao luxo de parar de ser atleta e não fazer mais nada na vida […].
> […] geralmente acontecia isso: eu e meus colegas abandonávamos o atletismo, mas logo em seguida ingressávamos em outra função para nos mantermos ocupados e principalmente financeiramente […] não tinha essa facilidade que tem hoje […] queira ou não queira a CBAt ajuda muito mais os atletas hoje do que na minha época […] aposto que um atleta de hoje, com o mesmo nível que eu tinha na época […] ser de seleção, campeão mundial, participar de jogos olímpicos […] esse atleta de hoje sim, consegue fazer reserva financeira, porque as cifras mudaram, tem muito mais incentivo, algumas competições pagam, por exemplo a Diamond League[40] pode pagar até 50.000 dólares para o atleta vencedor […].

Assim como em outros capítulos desta tese – com a intenção de facilitar a ligação das questões apresentadas neste estudo – os principais resultados são apresentados na FIGURA 13, por meio de um mapa conceitual, indicando possíveis relações entre as questões até aqui levantadas, a partir do entendimento consensual dos ex-atletas.

---

[40] Competição de âmbito mundial, organizada pela entidade máxima do atletismo mundial (IAAF) e que faz premiações em dinheiro aos atletas vencedores da etapa final (IAAF, 2017c).

FIGURA 13 – INDICADORES DO ENTENDIMENTO CONSENSUAL DOS EX-ATLETAS



FONTE: o autor (2017).

7.5 DISCUSSÃO

Sobre as idades de início na carreira esportiva, pode-se dizer que os ex-atletas deste estudo iniciaram seus treinamentos nas idades ideais (média de 16,1 anos; mín. 15 anos/máx. 18 anos) para tal (BOHME, 1995; BOMPA, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Além disso, tiveram um tempo médio de carreira no atletismo de 19,4 anos (mín. 14/máx. 20, ± 2,23), pode-se considerar que tais números são significativos, se levar em conta – por exemplo – os embasamentos relacionados à prática deliberada (ERICSSON, 2003; REES, *et al.*, 2017) de uma determinada modalidade esportiva – a qual propõe que para se tornar atleta profissional e atingir o alto rendimento, deve-se ter 10 anos de prática.

Foi possível identificar que foram vários os motivos pelos quais os ex-atletas ingressaram no atletismo, como fugir da violência social e conseguir alimentação. Estes foram uns dos motivos mais citados pelos investigados, consequentemente, a intenção disso é que ex-atletas buscavam, a partir do esporte, melhores condições de vida (FIN, 2012; JARVIER; SIKES, 2012). Outros motivos, como conseguir ajuda financeira, moradia, alimentação, formação acadêmica e motivação pessoal em ser atleta, também foram elencados como importantes nessa relação de início no atletismo (KOVALSKI, 1996; MIRANDA, 2007; JANUÁRIO *et al.*, 2012; COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013). Por sinal, motivos similares ao encontrado no estudo anterior (atletas atuais).

Foi possível identificar que os ex-atletas representaram várias equipes ao longo de suas carreiras – as vezes, em virtude das equipes terminarem seus projetos de atletismo. Nesse sentido, a maior parte dos investigados tiveram que deixar suas cidades de origem para se desenvolverem no atletismo de alto rendimento e, em alguns casos, deixaram até o estado de origem. Existiram dificuldades com tais mudanças, mas, elas também foram encaradas pelos ex-atletas como positivas, como oportunidades de aprendizado, pois, eles precisavam buscar melhores estruturas e condições de treinamento. Apesar de iniciarem jovens no esporte, esses sujeitos – a maioria com poder aquisitivo baixo – tiveram consciência da importância de fazer mudanças significativas em suas vidas. Para Hall (2002), a necessidade de mudança é uma característica do desenvolvimento de

carreiras e sinal de transição nas mesmas.

Várias são as trajetórias esportivas dos atletas brasileiros, conforme revela o livro Atletas Olímpicos Brasileiros (RUBIO, 2015), em que a autora faz um resumo da trajetória esportiva (anos de início e término; alguns locais de treinamento e treinadores; e principais competições) de atletas brasileiros com participações olímpicas. Os ex-atletas decidiram encerrar suas carreiras esportivas por diferentes motivos, tais como: necessidade de estar próximo da família, questão financeira, desgaste físico, psicológico, atingiram objetivos pessoais no esporte e necessidade de buscar novos desafios; estes foram motivos fundamentais para a tomada de decisão de encerrarem a carreira. Alguns destes motivos também estão presentes em outros estudos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008; RUBIO, 2008; OPPA, 2013; GONZÁLES; BORGES; SFALCIN, 2015; MACIEL, 2015) sobre mesma a temática.

Parte dos investigados planejaram suas despedidas da pista, um deles relatou que parou em alto nível, outros foram diminuindo o ritmo de treinos e competições, consequentemente, tiveram uma diminuição da motivação intrínseca ou aparentavam sinais de cansaço. Outros tiveram que encerrar de uma forma mais forçada, não muito planejada, por exemplo, por questão de lesão – o que ocasionava perda de potencial físico muito grande.

Estudos específicos sobre diferentes lesões esportivas no atletismo – com atletas amadores e de alto rendimento – destacam que elas estão associadas, por exemplo, ao tipo de prova praticada pelos atletas (FEITOZA; MARTINS JÚNIOR, 2000; NETTO JÚNIOR, 2000; PASTRE, 2003; 2005; LAURINO, 2005; SIMONI, 2008; SALGADO, 2016). Pastre *et al*., (2004) e Pastre *et al*., (2005), concluíram em suas pesquisas, com atletas da seleção brasileira de atletismo, que existe uma forte associação entre lesões musculares e as provas de velocidade, causadas pela elavada intensidade das atividades. Lesões osteoarticulares ocorrem devido o excesso de repetições dos exercícios (PASTRE, 2005), portanto, autores como Netto Junior (2000) e Pastre (2005) salientam que os treinadores precisam ter atenção especial no planejamento de trabalho para, assim, não prejudicarem o desempenho de seus atletas, especialmente, aqueles que estão no alto rendimento. Ainda, o estudo de Oppa (2013), com ex-atletas de atletismo medalhistas dos Jogos Abertos de Santa de Catarina, verificou a percepção de qualidade de vida destes atletas e encontrou, como um de seus resultados, que a prevenção das lesões

esportivas – originadas enquanto atletas – é fundamental para favorecer níveis elevados na qualidade de vida dos ex-atletas.

Também, o momento de encerrar a carreira foi encarado, por alguns dos investigados, como um sentimento de desafio, pois, depois de encerrada a carreira esportiva, eles sentiam falta da rotina diária de treinos (AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008) e da emoção de competir. Alguns autores, afirmam que, a satisfação pessoal encontrada no esporte é o que faz uma pessoa não querer sair dele, e isso, também pode determinar os impulsos e atitudes de uma pessoa (ELIAS, 1996; ELIAS; SCOTSON, 2000) .

O livro de Rubio (2008) revela diversos depoimentos sobre a carreira do ex-atleta brasileiro, campeão olímpico de atletismo, Joaquim Cruz. É possível perceber no livro que o atleta teve condições físicas e psicológicas para planejar seu fim de carreira, terminou no auge após obter duas medalhas olímpicas e entrar para a história do atletismo nacional (RUBIO, 2008).

Ao contrário do que algumas pesquisas revelam (ROCHA; SANTOS, 2010; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012; MACIEL, 2015) neste estudo, a família não apoiou efetivamente parte dos investigados a iniciarem no atletismo. Esse apoio aconteceu, em alguns casos, a partir do momento que o esporte passou a oferecer algum benefício (moradia, salário, vestimenta, reconhecimento) aos atletas. Pode-se afirmar que a relação entre atletas e treinadores é uma relação bem diferente do que ocorre em outras carreiras/profissões. Os treinadores podem ser considerados, neste estudo, como gestores (PIRES, 2003) das carreiras de seus atletas.

Nesse sentido, observou-se, novamente (ver tópico 5.5.1: discussão sociológica, sobre o planejamento de treino do atleta), a autoridade (ELIAS, 2008) que o treinador teve em todas as fases da carreira dos ex-atletas (início no esporte, busca por estudo, auxílio no trabalho pós-atleta). Uma influência do treinador, muitas vezes, foi mais importante, do que da própria família dos investigados. Em outras demandas – como, incentivo financeiro, infraestrutura física e humana – o clube foi o principal agente facilitador, uma vez que os recursos, por exemplo, da CBAt eram escassos se comparado com o período atual – que, também segundo os atletas, surgiram no campo esportivo outras possibilidades de incentivo para o atleta (Bolsa-atleta, COB, *camping*) e para o próprio clube (Lei de Incentivo ao Esporte, convênios). O Programa de Apoio da CBAt em parceria com a Caixa Econômica Federal teve a primeira adesão em 2002, e os atletas de alto rendimento, recebiam

R$ 400,00 (CBAt, 2002). Apesar disso, pode-se dizer que os resultados esportivos do atletismo brasileiro nas edições de Jogos Olímpicos, no período em que os investigados deste estudo competiam – por exemplo: bronze no salto triplo (1980); ouro no 800 metros (1984); prata (2000) e bronze (1996) no revezamento 4x100m; bronze no 200 metros (1988) e maratona (2004) –, são superiores aos resultados obtidos nas edições mais recentes dos Jogos Olímpicos (CBAt, 2016j).

Outro assunto é que a escola, foi um dos ambientes identificados como um lugar de início na modalidade para o começo da carreira profissional, um local de detecção e de seleção de atletas. Conforme evidenciado, a escola esteve presente nos discuros de todos os entrevistados desta tese. Para alguns autores, o contexto escolar é muito importante na formação de atletas, mas, com relação ao atletismo, atualmente essa perspectiva tem deixado a desejar, pois, tal modalidade tem sido pouco desenvolvida em aulas de Educação Física escolar ou no formato de contraturno (SILVA; SEDORKO, 2011; BRAGADA, 2000; VIEIRA; VIEIRA, 2001; MATTHIESEN, 2005; SILVA; DARIDO, 2011).

Parte das narrativas apresentadas ilustram a necessidade da carreira esportiva de atleta de atletismo ser – de fato – considerada uma carreira. Para alguns autores, a carreira esportiva é assim considerada quando envolve a prática contínua e organizada (HENRIKSEN, STAMBULOVA, ROESSLER, 2010; CASTEL, 2013), a fim de alcançar, no caso, resultados esportivos, com a possibilidade de provimento ao atleta (FIN, 2012; MACIEL, 2015).

Foi frequente nos resultados a relação entre profissão e remuneração no decorrer do desenvolvimento da carreira. A partir do entendimento de alguns autores, o fato de alguém receber salário já entende-se que se trata de uma forma de trabalho, de uma noção de emprego e pode ser aceita como uma profissão pela sociedade, pois, a remuneração é uma das características inerentes da profissão e da profissionalização (COUTINHO, 2009; RUBIO, 2002, CASTEL, 2013). Porém, no contexto temporal que os investigados competiam, por mais que os ex-atletas recebessem um salário, para eles, parece que a carreira não era valorizada como tal.

Identificou-se que a carreira de atleta é curta (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005; MARQUES, SAMULSKI; 2009), sendo que a idade de término de carreira dos investigados não é considerada idade de aposentadoria no Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL, 2016; INSTITUTO BRASILEIRO DE

GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013). Nesse sentido, os ex-atletas precisaram desenvolver o pós-carreira, arrumar outras funções para se manterem financeiramente – algo que pode ser considerado peculiar da carreira dos atletas de atletismo pesquisados – pois, em alguns momentos, não existia uma formalidade da carreira em que o contrato de trabalho, a carteira assinada e os benefícios trabalhistas (COSTA; SOARES, 2009) fossem uma consequência lógica na carreira dos ex-atletas, diferente do que acontecia em outras profissões.

Então, para os atletas da década de 1980 e 1990 e, principalmente, para a sociedade, a carreira de atleta de atletismo dava um caráter de esporte amador (GODOY, 1993; RUBIO, 2002; MACIEL, 2015; MARQUES; SAMULSKI, 2009), apesar dos atletas receberem salários e outros benefícios. O estudo de Godoy (1993), investigou 28 atletas competitivos do atletismo nacional e revela que, apenas 3 deles, na ocasião da pesquisa, tinham carteira de trabalho registrada – embora registrados como funcionários da entidade patrocinadora de seus clubes e, tinham assim, direitos e benefícios trabalhistas. Para Guttman (1978), o esporte profissional, quando sem o reconhecimento social, pode ser entendido como um trabalho disfarçado e desmoralizante.

Até mesmo recentemente, pode-se encontrar casos de atletas renomados de modalidades tradicionais com problemas contratuais. Uma reportagem exibida em 2017 no programa Esporte Espetacular da TV Globo, revela depoimentos de várias atletas e ex-atletas profissionais sobre a falta de garantias e descumprimentos de contratos. Por exemplo, duas jogadoras da seleção brasileira de vôlei não tiveram seus contratos renovados com seus respectivos clubes por – na ocasião – estarem grávidas e assim, resolveram buscar legalmente seus direitos. Segundo a reportagem, foram os primeiros casos de processo de atletas contra empregadores envolvendo essa questão (GLOBO, 2017g). Vale destacar que a constituição brasileira garante a estabilidade nesse caso, prevê a licença maternidade sem prejuízo do emprego e salário, não podendo mandar embora desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto. Os tribunais entendem que esse direito também vale para quem tem contrato temporário de trabalho, como é de vários atletas profissionais.

O frequente discurso dos investigados com relação à precarização da profissão de atleta no Brasil, pode ser reflexo de seu surgimento recente enquanto profissão. A intenção desta tese não é aprofundar a discussão sobre essa

precarização, principalmente nos anos de 1980. No entanto, a partir dos diversos aspectos – até aqui destacados, com base nas entrevistas – e em diversos autores (KILIMNIK, 2000; RUBIO, 2002; COUTINHO, 2009), o objetivo é revelar que o esporte no início da década de 80 não era encarado como uma profissão, portanto, pode-se dizer não existia uma carreira esportiva formalizada.

Para reforçar essa questão em síntese, pode-se dizer que com o desenvolvimento do capitalismo em meados da década de 80, o esporte passa a chamar a atenção do Estado e das pessoas de maneira geral, sobretudo, por se tratar de algo lucrativo (KILIMNIK, 2000; RUBIO, 2002; COUTINHO, 2009). A partir de então, o esporte mudou de perspectiva e a carreira esportiva foi se consolidando. Dessa forma, os ex-atletas desta pesquisa fizeram parte, alguns do momento esportivo amador, outros passando pela transição, e alguns também do esporte com caráter mais profissional. Também, com base nos relatos, esse momento profissional do esporte pôde ser visto por alguns dos entrevistados, os quais tiveram a oportunidade, com ajuda da confederação e clubes, de treinar e competir em países como os Estados Unidos e países da Europa, nos quais o esporte já era tratado como profissão desde meados do século XX (RUBIO, 2007, 2008).

Foi identificado, até o momento da pesquisa, que os ex-atletas desenvolveram diversas atividades profissionais após a vida de atleta, tais como: gestão esportiva de clube; de federação; ramo empresarial; publicitário; treinamento de atletismo; preparação física de atletismo e outros esportes; professor de Educação Física; e ministrante de palestras. Na sequência, a partir de uma busca no *site* da CBAt, foi possível identificar outros ex-atletas – não participantes desta pesquisa – e suas atividades exercidas fora das pistas. A ex-atleta, Fabiana Murer, que deixou as pistas em 2016, inicialmente não pretende atuar nas pistas como treinadora, foi dirigente esportiva – a partir de 2017 – do clube B3 Atletismo, o qual defendeu por vários anos (CBAt, 2016k). No entanto, tal equipe encerrou as atividades da equipe profissional, no começo de 2018 (UOL, 2018).

O triplista Jadel Gregório[41], não trabalha como treinador, em 2016 foi secretário-adjunto do secretário de Estado de Esporte Lazer e Juventude, Paulo

---

[41] Jadel Gregório é um dos 10 melhores atletas da história do salto triplo e tem como recorde pessoal a marca de 17,90 m, marca feita no GP Brasil Caixa de 2007, em Belém do Pará. Ele foi finalista olímpico na prova em Atenas 2004 e Pequim 2008. Ganhou a medalha de prata no Mundial de Osaka 2007. No Mundial Indoor foi duas vezes o ganhador da prata: em Budapeste 2004 e Moscou 2006.

Gustavo Maiurino (CBAt, 2016l), inclusive, na posse do ex-atleta esteve presente o presidente da CBAt, José Antonio Martins Fernandes. No final de 2017, o ex-atleta relatou uma denúncia sobre problemas financeiros (distribuição irregular de verba para transporte e arbitragem) envolvendo a Secretaria de Esportes de São Paulo, a Federação Paulista de Atletismo e a ONG Memorial do Salto Triplo (UOL, 2017b). Os ex-atletas Ronaldo da Costa e Hudson Santos de Souza, donos de muitas medalhas e títulos internacionais importantes em provas de meio fundo e fundo, trabalham no Instituto Joaquim Cruz, em Taguatinga (DF) em um programa de detecção de talentos de atletismo e, então, pretendem atuar como treinadores da modalidade (CBAt, 2016m).

Outra questão presente nos resultados é que para parte dos investigados (principalmente os medalhistas olímpicos), quando atingiram o ápice, o auge esportivo, os recordes pessoais (GUTTMAN, 1978; ERICSSON, 2003), obtiveram condições básicas para o desenvolvimento integral no esporte. Segundo os ex-atletas, o fato de obterem reconhecimento social por seus feitos foi um importante motivador para continuidade no esporte. Segundo alguns autores, o trabalho proporciona auto realização e satisfação (ELIAS; DUNNING, 1992), o que foi evidenciado pelos entrevistados. Ainda, foi identificado que o simbolismo da conquista de uma medalha olímpica, a imagem e a mídia que isso pode representar nacionalmente, podem se transformar durante e no pós-carreira – em diferentes capitais (econômico, esportivo, político) para os atletas (BOURDIEU, 1997).

Os sujeitos deste estudo relataram que nenhuma associação de atletas e treinadores de atletismo, nenhum governo (federal, estadual, municipal), ofereceram apoio durante e após a carreira esportiva. Sendo que apenas 2 ex-atletas, logo no final de suas carreiras, puderam contar com programas pontuais para este fim por meio do COB. Somente os ex-atletas que conquistaram medalhas olímpicas (ouro, prata, bronze) possuem uma ajuda financeira do programa Heróis Olímpicos (parceria entre CBAt e CAIXA). Não foi identificado o valor que os medalhistas recebem. Então, o fato do atletismo brasileiro ter conseguido medalha em uma edição dos Jogos Olímpicos não significa que existia um projeto político-esportivo no país para esta modalidade, uma vez que os ex-atletas aqui investigados, apontaram várias demandas da carreira esportiva que não atendidas pelas entidades esportivas.

Na verdade, os ex-atletas não tiveram um plano organizado – o qual englobasse vários aspectos da carreira esportiva – proveniente de seus clubes, estados, municípios, ou demais entidades esportivas. Sendo assim, pode-se afirmar que somente alguns sujeitos tiveram pequenas iniciativas sobre isso, considerando as diferentes etapas da vida de um atleta. Portanto, um plano de carreira para os atletas de atletismo é uma lacuna dentro do processo de desenvolvimento do atleta desta modalidade. Portanto, a hipótese inicial deste estudo foi confirmada.

Estudos apontam que as entidades esportivas nacionais deveriam elaborar programas relacionados à pós-carreira esportiva, sendo esta temática quase que inexistente em diversos países (DE BOSSCHER *et al*., 2009). Assim, essa preocupação, envolvendo esportes em geral, pode ser constatada internacionalmente. Sabe-se que algumas organizações passaram a oferecer programas especializados de apoio ao atleta como as Confederações Esportivas Nacionais nos Estados Unidos, Comitês Olímpicos da Alemanha e Canadá ou, ainda, as Instituições Esportivas Governamentais da Austrália e Reino Unido (MARQUES, 2009; ZELEZNY, 2014). O Comitê Olímpico Internacional lançou o programa de carreira do atleta, que tem como pilares básicos a educação, as habilidades de vida e a empregabilidade. O programa desenvolvido em parceria com a Adecco foi lançado em 2005 e, atualmente, é desenvolvido em 30 países em cooperação com as Organizações Olímpicas Nacionais. Até o final de 2012, o programa já havia atendido 11.000 atletas em todo o mundo (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2014, 2017).

No Brasil, foi possível identificar – a partir dos depoimentos e documentalmente, que apenas o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) – por meio do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), oferece suporte ao atleta na transição da carreira esportiva para o pós-carreira esportiva. No entanto, a partir dos depoimentos essa transição ocorre de maneira informal em clubes ou entidades de práticas esportivas, onde o ex-atleta – algumas vezes tendo relação com a área de Educação Física e Esporte – é contratado. Sabe-se que vários ex-atletas de renome atuam em determinadas instituições esportivas.

A aposentadoria não pode ser um evento isolado na vida do atleta, precisa ser planejada para ser concebida de modo muito menos problemático e recomenda-se que ao final da carreira o indivíduo seja realocado em outra função relacionada ao esporte (ALFERMANN; STAMBULOVA; ZEMAITYTE, 2004). Neste estudo, a

maioria dos sujeitos, está inserida no meio esportivo, porém, dois estão em outros contextos, vinculados ao ramo empresarial. Vale destacar que não foram encontrados relatos dos sujeitos estarem desmotivados ou infelizes na nova profissão. Alguns autores (PAHL, 1997; GREEN; 2005; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010) defendem que a nova função precisa estar relacionada com alguns fatores que facilitam essa transição, como satisfação pessoal, a prontidão afetiva, prontidão comportamental e a boa motivação para a nova etapa da vida.

Cabe destacar que a preocupação com a formação acadêmica foi um achado importante para este estudo, como já citado, foi um motivo de início no esporte, mas, também, uma preocupação constante ao longo da carreira do atleta. O esporte atrelado à formação de ensino superior foi uma importante conquista ao longo da carreira dos atletas. Porém, não foi fácil conciliar esporte e formação acadêmica (O'NEILL; ALLEN; CALDER, 2013; MACIEL, 2015), isso em virtude das demandas do treinamento em geral – tanto é que, para alguns investigados, a conclusão da graduação se deu somente após o término de suas carreiras e, consequentemente, no início de novas funções.

A teoria do Modelo Holístico da Carreira do Atleta (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010) propõe que o atleta seja observado como um todo a partir de diferentes fases e níveis interligados, por exemplo: o atlético, psicológico, social, acadêmico e vocacional. Essa concepção não pode ser identificada com propriedade na vida dos ex-atletas participantes deste estudo, pois vários destes níveis não puderam ser observados por completo nas transições das carreiras deles. Por exemplo, a questão acadêmica e vocacional, quando identificadas, estavam ligadas – principalmente – aos esforços de atletas e técnicos. Portanto, não foi possível observar uma interação entre atletas, técnicos, clube, entidades organizacionais do esporte. Por fim, outras várias ações relacionadas às transições podem ser vistas como isoladas dentro do processo de desenvolvimento de atletas e ex-atletas.

7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado até aqui, a construção da carreira esportiva foi carregada de influências externas, de familiares, técnicos e entidades esportivas. Os técnicos foram sujeitos fundamentais em todas as fases da carreira esportiva, direcionando os ex-atletas – desde o início no oferecimento de moradia, até o término, por exemplo, no sentido de orientação para obterem uma formação acadêmica enquanto atletas.

Os ex-atletas não contaram com uma estrutura avançada no Brasil que os preparasse na transição para o pós-carreira. Mesmo depois de estarem entre os melhores do mundo e de competirem nos Jogos Olímpicos, parte dos investigados relataram que tiveram dificuldades em suas vidas pessoais durante o pós-carreira. No entanto, foi possível perceber que o fato dos participantes deste estudo terem vivido diversas experiências que o esporte de alto rendimento proporciona, fez com que os ajudassem a enfrentar possíveis dificuldades da nova fase, por exemplo, nas suas novas profissões. Nesse sentido, parece que isso também ajudou a amenizar, a suprir o fato de não terem recebido um programa específico para o pós-carreira.

Identificou-se que os sujeitos deste estudo dedicaram muitos anos à carreira esportiva, sendo que muitas vezes isso ocorreu de forma exclusiva ao treinamento do atletismo, o que por vezes impediu o desenvolvimento de alguns destes sujeitos em outras áreas, ou atrapalhou na dedicação à formação acadêmica – que os habilitaria a exercerem uma atividade profissional com o término da carreira esportiva. Nesse sentido, foi possível notar que os participantes construíram uma formação paralelamente à carreira esportiva, sendo que, em alguns casos, essa formação se concretizou após o término da carreira.

O fato dos ex-atletas competirem em um período que atletismo não era tão profissional (1980 e 1990), se comparado com os dias de hoje, foi um dos principais questionamentos que os ex-atletas fizeram – no que diz respeito a direitos trabalhistas, aposentadoria e condições de treino e de trabalho oferecidas aos profissionais envolvidos nesse contexto.

Apesar dos investigados atuarem por uma média de 19 anos no atletismo, precisaram desenvolver outras profissões após a vida de atleta, principalmente por encerrarem a carreira esportiva em uma idade (média de 33.1 anos) que não é considerada de aposentadoria no Brasil e suas carreiras estarem aliadas à uma

baixa recompensa financeira. O que faz da nova profissão desenvolvida após atleta uma necessidade, principalmente no sentido dos atletas se manterem financeiramente.

Sugere-se a elaboração de programas esportivos voltados às transições da carreira esportiva, com profissionais que forneçam um suporte para que o atleta possa se desenvolver – de modo a atingir o alto rendimento esportivo e se preparar para o término da sua carreira esportiva, dando sequência da forma mais natural possível à sua vida pós-atleta.

8 CONCLUSÕES FINAIS

O presente estudo teve, como objetivo geral, **investigar como ocorre o desenvolvimento do esporte competitivo organizado, da modalidade de atletismo no Brasil – a partir da visão de gestores, treinadores, atletas e ex-atletas**.

O Quadro 30 revela algumas questões originadas dos estudos apresentados nesta tese, percebidas como determinantes para compreender e facilitar o desenvolvimento do atletismo nacional. Na sequência, tais questões serão sintetizadas e, a partir delas, surge o foco principal das conclusões finais: apresentar possíveis questionamentos, demandas e sugestões que possam auxiliar a melhorar determinados fatores de desenvolvimento para este esporte.

QUADRO 30 – ALGUNS DOS ASSUNTOS CONSIDERADOS FUNDAMENTAIS PELOS PESQUISADORES PARA AUXILIAREM NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO BRASILEIRO, A PARTIR DOS DADOS LEVANTADOS

Assuntos	Gestores	Técnicos	Atletas	Ex-atletas
Comunicação ineficaz entre as entidades	X	X		X
Definir o caminho do atleta (Centros)	X	X	X	X
Definir objetivos das novas pistas	X	X		
Melhorar a formação do atleta		X	X	
O atletismo e a escola	X	X	X	X
Elaborar formas de seleção de atletas	X	X		
Falta de suporte/apoio ao técnico/atleta		X	X	X
Incentivar e democratizar a capacitação	X	X		
Melhor distribuir os incentivos (ex: sub-23)	X	X	X	X
Planejar as competições nacionais		X	X	
Falta de um programa pós-carreira			X	X

FONTE: o autor (2017).

Foi possível identificar, sobretudo a partir da opinião dos gestores, que não há uma comunicação entre os entes federativos (três esferas de governo: municipal, estadual e federal) junto com outros setores do esporte (CBAt, Ministério do Esporte). Então, o município – uma das entidades que fomenta o atletismo nacional – pode acontecer que, desenvolva o atletismo até os 19 anos e depois dessa faixa etária, entende que não é dever dele dar continuidade. Por isso, os atletas ficam – muitas vezes – sem saber qual o melhor caminho para continuar nesse processo,

pois, em alguns casos, não é uma questão de competência e desempenho, mas sim, de como dar continuidade nesse esporte.

Isso, é um exemplo de resultado, o qual converge – e vale retomar aqui – com a hipótese, lançada inicialmente neste estudo, de que: "**não há um agente centralizador no Brasil que consegue, de fato, organizar e sistematizar um desenvolvimento da formação ao alto rendimento – para o atletismo nacional**". Pode-se dizer que, em alguns casos, as entidades, ou os treinadores não sabem nem para onde mandar os atletas que se destacam neste esporte. Isso ocorre, justamente, pela falta de organização dos gestores responsáveis pelo atletismo nacional, pois, até o momento, não foi identificado um sistema nacional que interligue os níveis inicial, intermediário e avançado deste esporte.

Nessa perspectiva, percebe-se – até o momento da pesquisa (2017) – um esforço nacional de diversas entidades (por exemplo: ME, CBAt, clubes), por meio da Rede Nacional de Treinamento (RNT), em criar um programa nacional para o atletismo – que vise definir o caminho do atleta, desde sua iniciação até o alto rendimento. Foram constatadas algumas iniciativas atuais nesse sentido, portanto, e respondendo a problemática deste estudo – o "processo de desenvolvimento do atletismo nacional", ainda é lento e está em estruturação. Por exemplo, em 2017, foi efetivado o Centro Regional em Lavras/MG, onde alguns jovens atletas e seus treinadores com destaque esportivo – não necessariamente da região de Minas Gerais –, possam obter um período de estágio de treinamento e usufruir de toda a estrutura física e humana disponibilizada em tal centro.

Pretende-se, então, iniciar um processo de acompanhamento do jovem atleta utilizador deste centro, bem como, oferecer conhecimento técnico para os técnicos formadores. Assim, esse atleta poderá ter maiores possibilidades de evoluir no atletismo. A ideia geral é que o atleta destaque, poderá usufruir dos Centros Nacionais, como o já existente na cidade do Rio de Janeiro, este, já a partir da metade de 2016, em parceria com as Forças Armadas.

No entanto, verificou-se – recentemente – a existência de várias estruturas físicas (pistas de atletismo sintéticas, com certificação internacional) construídas em diferentes regiões brasileiras. Mas, em muitas delas, até o momento deste estudo, não há conectividade no que se refere à Rede Nacional de Treinamento de Atletismo. Pode-se dizer isso, uma vez que não foi possível constatar projetos, tanto de utilização para estas estruturas – seja de iniciação esportiva ou para o alto nível –

quanto, projetos de manutenção. Muitas delas nem receberam equipamentos esportivos necessários para o desenvolvimento das provas da modalidade, além disso, muitas estruturas foram construídas em locais que não há equipes de atletismo (no *ranking* da CBAt). Logo, torna-se inevitável o questionamento com relação ao planejamento de construção destas estruturas, o que ajuda – novamente – a enfatizar que o processo de desenvolvimento da modalidade no país, ainda, carece de organização.

O que dizer de alguns casos (para não mencionar outros), como o de Cascavel (CT de Atletismo): complexo específico para a modalidade, iniciado em 2014, mas, ainda não concluído até o término deste estudo (outubro 2017). Além disso, com objetivos indefinidos e questionáveis no que se refere a quem deve utilizá-lo: atletas da base ou do alto rendimento. É importante ressaltar, com base nos depoimentos apresentados, que alguns complexos – que envolvem diferentes esferas do governo – não são planejados adequadamente e efetivados no prazo prometido devido a política das pessoas. Isto é, tais estruturas esportivas, muitas vezes, vão sendo construídas e planejadas com base nos interesses das pessoas que pertencem a essas esferas e que estão a frente desses projetos. Por isso, acontecem situações em que, muitas obras não possuem objetivos claros para com o esporte e algumas delas ficam estagnadas, a mercê dos interesses dos governantes.

Ainda, quem, posteriormente, vai pagar para manter estas obras gigantescas? Não há indicativos de um projeto de manutenção ou de qual esfera do poder público irá custear a manutenção. Nessa perspectiva, destaca-se o caso do atual Centro Nacional de Atletismo de Bragança Paulista/SP, implantado rapidamente no final de 2016 e começo de 2017, em parceria entre Rede Nacional de Treinamento (RNT) e CBAt. Nesse caso não foi necessária construção de pista para fazer um Centro Nacional – o qual utilizou uma estrutura praticamente pronta, deixada por uma ex equipe de alto rendimento desta cidade –, bastou então a agilidade em parcerias e a definição de objetivos para que tal estrutura, de modo repentino, se tornasse um Centro Nacional de Atletismo.

De fato, pode-se afirmar que, a curto prazo, o legado da RNT ainda não foi efetivado. Para isso, existe a necessidade da definição dos objetivos das estruturas construídas, as quais possam – realmente – contribuir com a RNT de Atletismo e, consequentemente, auxiliar no caminho do atleta. Assim como, também, pode

auxiliar no aumento de praticantes desta modalidade e nos processos de seleção de atletas.

Diante disso, uma vez que várias pistas, implantadas em 2015 e 2016, ainda não definiram seus objetivos, sugere-se que o Ministério do Esporte (principal financiador da RNT) exija – urgentemente – uma contrapartida das entidades que receberam tais estruturas, tais como: obrigatoriedade de desenvolver a curto prazo projetos de fomento para o atletismo; obrigatoriedade de promover festivais e eventos para divulgação da modalidade; cursos de capacitação (ressalta-se que muitas das pistas estão em universidades públicas); e aquisição de equipamentos esportivos.

Ainda, sobre a necessidade de um programa nacional, confirmou-se a partir da opinião dos ex-atletas que não existe – nacionalmente – um programa completo, voltado para todas as etapas de desenvolvimento do atleta. Nesse processo, o que é mais deficitário e renegado, é um programa que auxilie na fase pós-carreira daquele atleta que competiu nacional e internacionalmente, as vezes por 15 ou 20 anos, e precisa encerrar a carreira de atleta.

Ficou claro que hoje o esporte está mais profissional, (ou seja, com maiores chances do atleta possuir contrato de trabalho e carteira assinada) para a maioria dos atletas olímpicos. Isso, se comparado com o período – por exemplo – década de 80, no qual alguns dos ex-atletas investigados competiram. Mesmo assim, sugere-se um esforço das entidades esportivas no sentido de obrigar e regulamentar a carteira de trabalho assinada para os atletas em geral (por exemplo, os que possuem bons resultados também ao nível nacional), o que os ajudaria em uma possibilidade futura de aposentadoria.

Com relação ao treinador de atletismo, destaca-se que, apesar dos investigados serem importantes treinadores do país e serem reconhecidos na área, foi identificado que os mesmos precisam ter uma característica, denominada por nós como “multitarefas”, para atuarem como treinadores. Pode-se afirmar, ainda, que não há uma cultura – no atletismo – das equipes disponibilizarem diversos serviços de medicina e de ciência do esporte aos atletas. Sendo assim, os treinadores precisam entender, por exemplo, de nutrição, psicologia e fisioterapia.

Em alguns casos, foi identificado que o treinador precisa recorrer aos amigos e profissionais específicos de diversos áreas, para que seus atletas consigam tais serviços de forma mais precisa e que, assim, contribuam nas suas performances.

Portanto, nesse processo de desenvolvimento do atletismo nacional, treinadores e atletas precisam de apoios incondicionais e devem ser mais igualitários, pois, notou-se que é dada uma atenção maior ao atleta e, muitas vezes, esquecem do treinador – este ficando relegado ao segundo plano.

A partir da opinião de técnicos e gestores do atletismo nacional, foi identificado que – a exemplo do que ocorre em vários países – existe uma dificuldade na formação e na capacitação de treinadores de atletismo, principalmente daqueles que atuam com jovens atletas. Com relação à essa capacitação, notou-se que existem cursos disponíveis, por exemplo, aqueles oferecidos pela CBAt, pelo COB, e até os chamados *campings* de imersão. No entanto, estes dois últimos são de difícil entrada, quase que exclusivos para aqueles treinadores que já estão estabelecidos no alto rendimento.

Desse modo, o conhecimento fica sempre entre os mesmos, isto é, não é para a maioria. O que, também, interfere de modo negativo no desenvolvimento do atletismo nacional. Foi identificado que os cursos da CBAt (Níveis I e II) são de livre acesso, regularizados pela IAAF, utilizando de materiais e de metodologia desta organização. Além disso, com base nos depoimentos, os materiais são básicos, desatualizados, com terminologias antigas, pois, foram elaborados na década de 1990 pela IAAF, mas, não deixam de servir como orientação para aqueles que querem iniciar no atletismo.

Assim sendo, fica claro que o atletismo brasileiro precisa capacitar os treinadores que ainda não são consagrados e estão iniciando, ou estão no meio do caminho – ou seja, entre a iniciação e o alto rendimento. Eles precisam se sentir parte do processo de desenvolvimento do atletismo nacional. Diante disso, torna-se possível apontar propostas e sugestões como a elaboração de um curso próprio da CBAt, o qual contemple o contexto brasileiro com uma metodologia própria e atual. Para isso, os treinadores do país, (aqueles que possuem mais auxílios da CBAt – com atletas olímpicos) devem deixar de lado o trabalho individualista e se reunirem para conversarem, pensando em como resolver essa problemática.

Entende-se que esta iniciativa precisa partir, também, dos treinadores. Eles precisam discutir novos métodos e novas formas de trabalho para os diferentes níveis de atuação. Afinal, é do interesse deles receberem os jovens talentos melhores capacitados para atuarem no alto rendimento, uma vez que foi um aspecto comum (*habitus*), nesse estudo, o fato dos treinadores de alto rendimento

reclamarem que recebem atletas mal preparados para ingressarem no alto rendimento.

Ainda é possível questionar: porque os cursos da CBAt não possuem custos, critérios bem definidos de entrada e saída? Ou então: porque não há uma parceria com nenhuma universidade, visto que foi verificado que alguns treinadores e gestores, da CBAt, possuem pós-graduações, mestrados, doutorados na área? Ou, por fim, qual universidade nacional fornece uma pós-graduação específica para o atletismo em geral? Isso poderia ajudar na capacitação dos professores de Educação Fïsica, dos jovens treinadores ou, até mesmo, auxiliar aqueles que já estão inseridos no alto rendimento, pois, muitas vezes sem saber atuam de forma equivocada. Uma explicação para isso pode ser dada a partir da constatação obtida, de que não existe um modelo de como atuar e nem ocorrem momentos para trocarem experiências sobre o dia a dia de treinamento. Com relação às universidades, elas precisam repensar seus currículos para os cursos de Educação Física, pois, foi identificado que o aluno da Educação Física Escolar pouco conhece sobre o atletismo no que se refere ao entendimento técnico e tático das diferentes provas do atletismo.

Propõe-se que essas propostas e questões sejam levadas em consideração para melhorar a formação dos professores de Educação Física e treinadores e, quem sabe, futuramente, o atletismo possa ter uma escola nacional de treinadores – como já acontece em outras modalidades. Para que, com isso, os organizadores do esporte nacional possam reduzir a contratação de treinadores estrangeiros para nossos atletas (ressalta-se: treinadores estrangeiros atuaram com vários atletas brasileiros de atletismo, no entanto, não constatou-se a divulgação de seus conhecimentos para os treinadores nacionais).

Nessa perspectiva, não foi identificado – até o momento deste estudo – um modelo nacional relacionado à hierarquia do treinador com seu atleta. Ou seja, dificilmente o treinador começa com um atleta e permanece com ele até o alto rendimento. Na verdade, a partir dos depoimentos, o que acontece é que os técnicos de alto rendimento acabam ficando com os melhores atletas que surgem na base, gerando – em alguns casos – desconforto para o técnico formador que não aceita ceder seu atleta. Ainda, conforme supramencionado, acontece – muitas vezes – do treinador de alto rendimento reclamar da formação esportiva inicial de tal atleta e,

eventualmente, não consegue fazer com que o mesmo evolua no processo de treinamento.

Também, não foi identificado, até o momento deste estudo, a existência de um banco de dados com informações esportivas fundamentais dos jovens atletas, ou dos principais atletas do país (locais de nascimento, de treino, de moradia, testes físicos, marcas, evolução no esporte, competições, títulos, idades de treino, de início no treinamento), ou seja, informações que vão além do tradicional e básico *ranking* por categoria da CBAt. As entidades do atletismo nacional não fornecem um sistema de monitoramento dos atletas em que, por exemplo, gestores e técnicos de alto rendimento, poderiam ter acesso à tais dados e, assim, possuir critérios para selecionar e nortear a continuidade do trabalho dos jovens atletas.

Caso existissem tais informações, isso também poderia auxiliar o atetismo nacional a ter um agente responsável por centralizar a modalidade no país e, assim, contribuir com mais efetividade em diferentes setores (formação de atletas, treinadores qualificados, investimento financeiro, estrutura física, centros nacionais) do desenvolvimento do esporte. Ademais, esse tipo de ação poderia ajudar a entender alguns casos de especialização precoce, além de auxiliar no trabalho e na função do treinador. Por exemplo, poderia ser levada em consideração a possibilidade de existência, no atletismo, de uma sobreposição de trabalho. Tais dados ajudariam os treinadores dos jovens atletas a terem um parâmetro de ação e, assim, não desenvolverem o mesmo trabalho dos treinadores do alto rendimento.

Cabe destacar que os treinadores de jovens também querem ganhar e vencer seus campeonatos. Sabe-se da existência de atletas brasileiros que obtiveram grandes resultados em campeonatos menores e, posteriormente, não evoluíram com suas marcas. Por outro lado, existem atletas brasileiros que nunca participaram de um campeonato mundial de menores, porém, obtiveram bons resultados enquanto adultos. Do mesmo modo, existem atletas que ingressaram tardiamente no atletismo – acima de 17 anos – e que tiveram sucesso na modalidade. Nesse contexto, a questão é: vale a pena a CBAt desenvolver campeonatos nacionais até 16 anos? Não foram constatadas, na fala dos investigados, preocupações com relação à organização e elaboração dos campeonatos para os jovens atletas. Então, sugere-se que tal assunto deve ter atenção por parte dos organizadores do atletismo nacional, inclusive, os clubes deveriam criar competições próprias que beneficiassem a modalidade e seus atletas.

Sobre as competições nacionais, foi possível verificar reclamações por parte dos treinadores, por exemplo, com relação à falta de divulgação e, também, no sentido de que elas – muitas vezes – interferem no planejamento anual do atleta, uma vez que eventualmente são alteradas ou confirmadas em um curto prazo. Assim sendo, sugere-se que os organizadores das competições nacionais definam um calendário único para as principais competições, beneficiando o atletismo como um todo. Por exemplo, os atletas poderão preparar-se adequadamente, para as principais competições nacionais – o que aumentaria a possibilidade dos mesmos de obterem melhores resultados.

Também, pode-se afirmar que, atualmente, o atletismo nacional carece de competições mais midiáticas e atrativas, que ajudem no desenvolvimento da modalidade, na melhoria dos resultados e auxiliem a chamar atenção do público, dos empresários, dos jornalistas e da televisão; e por fim, que busquem novos participantes. Foi identificado, a partir do crescimento das corridas de ruas, que o atletismo de pista perdeu muitos atletas para este segmento do atletismo, isso por uma questão financeira.

Então, uma iniciativa para melhorar o atletismo de pista, principalmente com relação as provas de meio fundo e fundo, seria trazer os participantes das corridas de rua para a pista e, também, unir o atleta amador com os atletas de rendimento. Pois, muitos praticantes de corrida de rua, nunca tiveram a oportunidade de correr na pista, de contar voltas, de elaborar estratégias específicas da pista – além de ser uma forma de descobrir novos atletas para as provas de pista e atrair um público diferente para o atletismo.

O aumento da participação no atletismo e, principalmente, a criação de formas de seleção de atletas, foram uma das principais problemáticas debatidas nesta tese e que – atualmente – dificultam o processo de desenvolvimento do atletismo nacional. Para todos os investigados, são variáveis fundamentais que – se fomentadas – aumentariam o percentual de atletas, atuando no alto rendimento em todas as provas do atletismo, com resultados expressivos.

Nesse sentido, a ideia do Mini Atletismo foi apontada, pelos treinadores e gestores, como uma forma de estimular a participação esportiva. Além disso, os mesmos relataram que a maioria dos medalhistas das provas de atletismo dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) são jovens atletas participantes de atletismo federado e competitivo. Portanto, sugere-se, com a intenção de descobrir e

selecionar novos talentos, que a CBAt intervenha junto ao COB (organizador dos JEBs) e discuta o fato dos alunos participantes do atletismo federado, também participarem deste evento escolar e, assim, ocorra uma tentativa de minimizar ou limitar essa participação. Entende-se que essa ação poderia descobrir e, consequentemente, selecionar novos atletas para o atletismo. Visto que, aqueles que já estão no esporte federado e competitivo, já são “velhos conhecidos” dos treinadores.

Outro exemplo, ou sugestão para contribuir com este assunto (participação – seleção de atletas) – que pode ser feita a partir dos dados apresentados – trata-se de um maior vínculo que poderia existir entre a CBAt e as Forças Armadas. Foi identificado neste estudo que muitos atletas do atletismo nacional pertencem as Forças Armadas, onde existem estruturas físicas do atletismo vinculadas às unidades militares (Centro Nacional de Atletismo – Rio de Janeiro). Também, foi possível constatar que, muitos atletas, são descobertos para o atletismo competitivo por volta dos 17 e 18 anos.

Levando em consideração tais fatores, a questão é: porque não se faz um teste piloto, onde todos jovens alistados no exército passem por programas (testes físicos e prática das modalidades) de atletismo? Seria uma outra forma de aumentar o número de praticantes, de descobrir e de selecionar atletas que ainda estão em idades de treinamento – com possibilidade de atingir o alto rendimento. Foi identificado que muitos atletas aderem às Forças Armadas quando já estão participando do esporte adulto – com bons resultados. Deste modo, sugere-se que as Forças Armadas (apesar de sua função não ser o esporte, mas sim, à defesa da Pátria) também desenvolvam meios para criar programas esportivos para jovens atletas. Programas esses que visem, de fato, a formação esportiva de atletas e, não somente, programas para o alto rendimento.

Neste estudo, não foi identificado que existe um consenso sobre a questão do talento esportivo. Diferente de outros países, o Brasil ainda não possui um modelo de seleção, de detecção e de promoção de talento. A partir, principalmente, da opinião de técnicos, atletas e ex-atletas, foram identificados casos pontuais (até o momento, não existe uma entidade no campo do atletismo que centralize essa questão) de projetos que contemplam todas as categorias do atletismo. Mesmo assim, não ficaram claros – nestes projetos – os critérios definidos e relacionados com a seleção de atletas. Verificou-se, por exemplo, que fatores como alimentação

e transporte foram fundamentais para a detecção e a promoção de alunos no atletismo, isto é, alimentação e transporte são motivos pelos quais vários alunos participam de projetos esportivos de atletismo.

Diante disso, fica a questão: conforme mencionado neste tópico, as reuniões entre os principais treinadores, gestores e cursos de capacitação, também poderiam servir para estes agentes buscarem – em conjunto – o melhor modelo possível para o atletismo nacional. Por exemplo: será que esse modelo brasileiro deve ter seleção de atletas? Com base nos depoimentos deste estudo, a resposta para esta pergunta seria não. Pois, vale aqui a ressalva: a seleção de atletas por meio de testes físicos, nem sempre pode ser a melhor forma para esse recrutamento, isso considerando a probabilidade de exclusão de atletas (o que, atualmente, o atletismo brasileiro não pode se dar ao luxo de fazer), como o caso do atleta Thiago Braz – campeão olímpico dos Jogos do Rio em 2016.

Ainda, dentro desse possível modelo: como os atletas poderiam ser captados e como aumentar a oferta de atletas talentosos? Sugere-se, para isso, estimular as entidades para: desenvolverem, também, o atletismo desde a iniciação até o alto rendimento, por exemplo, no caso daquelas que desenvolvem somente o esporte adulto e captam atletas com base em resultados. Sugere-se a criação de uma certificação de qualidade e auxílio financeiro para os clubes formadores que revelarem atletas para o atletismo nacional.

Além disso, pode-se estimular a melhoria do processo de seleção dos milhares de jovens participantes do programa do governo federal Atleta na Escola – fazendo com que eles continuem seus treinamentos em programa esportivo de atletismo; fomentar projetos nas escolas, como naquelas localizadas próximo aos Centros Nacionais, Regionais e Locais; olhar para os destaques dos Jogos Escolares, desde que esse evento não contemple um número excessivo de atletas que já competem no esporte federado; e, por fim, estruturas públicas construídas recentemente no país devem possuir projetos de iniciação esportiva no atletismo. Por sinal, constatou-se nesta tese, instituições escolares como simples partícipes no esporte federativo, deste modo, a necessidade de fomentar o atletismo enquanto conteúdo da Educação Física escolar e criar parcerias para a elaboração de equipes que também sejam formadas por escolas.

Com relação ao aspecto financeiro, os investigados, afirmaram que, por uma questão social do país, a ajuda financeira é muito importante para os atletas de

todos os níveis. Mas, esta ajuda é ainda mais importante em especial para os jovens, para que estes não tenham que deixar de treinar por precisarem arrumar um emprego e ajudar a família financeiramente. Propõem-se maior atenção neste aspecto, sobretudo, não deve-se esquecer da categoria sub-23, levando em consideração que tais atletas ainda podem evoluir neste esporte.

Ficou evidente, principalmente nos relatos dos técnicos, que o dinheiro não é o principal fator determinante para resultados esportivos. Também, foi questionada, a forma com que o incentivo governamental chega ao atleta atualmente, pois, muitas vezes, isso tem atrapalhado o rendimento esportivo. A partir desses resultados, sugere-se – por questão de necessidade – um maior controle, por exemplo, no sentido de que o atleta, contemplado com incentivo governamental, tenha que comprovar dedicação ao treinamento e participar de competições importantes (a maioria, estão no exterior), as quais realmente contribuam para o desenvolvimento deste atleta. Ainda, quando o atleta for para o exterior, treinar e competir, realmente esteja competindo com os melhores do mundo e mostre resultados efetivos – não em competições inexpressivas.

Além disso, que sejam convocados para os principais eventos internacionais e contemplados com bolsas (como a Bolsa Pódio), realmente, aqueles atletas que tenham a maior probabilidade de evolução e de estar num pódio. Para isso, deveria ser levado em consideração a lógica apresentada neste estudo, do atleta ser mais constante em sua performance anual e, verificar, se o atleta brasileiro que está na ponta do *ranking* mundial, não conseguiu isso, tendo uma única marca expressiva anual – obtida em determinada competição. Marca esta, que dificilmente poderá se repetir, uma vez que o atleta pode não ter uma performance consistente na temporada. Assim, essa lógica, ajudaria um programa de incentivo ser mais justo e realista com os objetivos dos técnicos e atletas, bem como, selecionar para as principais competições os atletas com maiores chances de sucesso.

Com relação ao atleta que recebe financiamento público, sugere-se que o mesmo, obrigatoriamente, ajude a desenvolver e a divulgar este esporte. Umas das maneiras de se fazer isso é por, eventualmente, acompanhar treinos e competições de jovens atletas. As entidades, fornecedoras de tais incentivos, deveriam garantir que isso fosse concretizado.

Atualmente, os ex-atletas são quem mais tem feito o papel de divulgar a modalidade, o que, deve ser função, também, dos atletas atuais do atletismo

nacional. Isso seria uma iniciativa fundamental para que os destaques deste esporte – candidatos a ídolos – estejam mais presentes no país, em contato com as crianças e com a nova geração de atletas. Isso poderia, por sinal, ajudar crianças e jovens a se motivarem com o atletismo, pois, os ídolos estando presentes, passariam a ser as referências dos jovens participantes.

Ainda ligado ao aspecto financeiro, os patrocinadores (exemplo: Caixa Econômica Federal) que investem no atletismo nacional, deveriam estar mais atentos aos resultados desta modalidade. Pois, levando em consideração os últimos resultados do atletismo nacional, o investimento (principalmente no ciclo dos Jogos Olímpicos – 2016) está um pouco desconexo do ponto de vista técnico. A partir das questões discutidas neste tópico, foi possível elaborar o Quadro 31, o qual sintetiza algumas medidas que podem contribuir em determinados fatores do atletismo nacional.

QUADRO 31 – ALGUMAS MEDIDAS PARA AUXILIAR NO DESENVOLVIMENTO DO ATLETISMO NACIONAL, COM BASE NOS DADOS LEVANTADOS

Fatores	**Possíveis medidas**
Captação, seleção de atletas	Estabelecer o caminho do atleta (Centros); banco de dados; projetos de base; esporte na escola (equipes) e fortalecimento da Educação Física escolar; equipes adultas devem desenvolver a base.
Formação dos atletas	Capacitar e valorizar os treinadores dos jovens atletas; formação mais atrativa; atletas talentosos e dedicados; longo prazo; continuidade no esporte.
Treinador	Precisa de apoio/suporte, assim como o atleta; precisam de uma metodologia de trabalho em comum que contribua na formação dos atletas, para que aumente as chances do treinador dos jovens prosseguir com seus atletas;
Investimento	Melhorar os critérios de distribuição, jovens atletas (inclusive os da categoria sub-23); investir em apoio e suporte para atletas e técnicos; cobrar contrapartida.
Estrutura física	Elaborar projetos, definir objetivos e critérios para estar num Centro Nacional, onde é melhor ter Centro Local, Regional e Nacional; isso ajudaria nos tópicos acima, como nos processos de captação e formação de atletas.
Competições	Mudar o formato (repensar as competições de menores); estabelecer um calendário único para qualificar (melhorar o nível técnico) as competições nacionais; relação entre competições escolares x atletas federados;
Gestão	Melhorar a comunicação entre as entidades; centralizar e auxiliar no desenvolvimento dos tópicos acima; equipes adultas obrigatoriamente devem fomentar a base; efetivar a “Rede de Treinamento de Atletismo”; melhorar as estratégias de divulgação.

FONTE: o autor (2017).

Sugere-se que, as tarefas sintetizadas no Quadro 31, devam ser consideradas emergências e não podem ficar somente no documento, mas sim, precisam ser efetivadas pelos agentes do atletismo nacional. Com os resultados aqui apresentados e debatidos, torna-se possível entender o que precisa ser ajustado, melhorado e realizado, visando o melhor desenvolvimento do atletismo brasileiro. Estudos posteriores devem incidir em aprofundar o funcionamento esportivo de outros países, com foco na mesma modalidade aqui abordada. Por fim, o presente estudo abre caminhos para novas pesquisas, já que surge a necessidade de analisar outros itens, ou fatores não levantados neste trabalho. E, até mesmo, possibilita investigações dessas temáticas em outros microssistemas ou esportes.

9 REFERÊNCIAS

AGRESTA, M. C; BRANDÃO, M. R. F.; T. L. BARROS NETO. Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte.** v.14, n.6 Niterói Nov./Dec. 2008.

AIRES, A. **Pour l'Information et la R. sur les É. S. et de loisirs.** "*Notre vocation*." 2010. Disponível em <http://www.aire-asso.fr/lettre_information_journees.php>.

ALBUQUERQUE, M. R., *et al*. The Relative Age Effect in Combat Sports: An Analysis of Olympic Judo Athletes, 1964-2012. **Percept Motor skills**; v.121, n.1, p.300- 308. 2015.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. **Career transitions and career termination**. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Ed.). Handbook of sport psychology. 3. ed. New York: John Wiley e Sons, p. 712-733, 2007.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N.; ZEMAITYTE, A. Reactions to sport career termination: a cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 61-75, 2004.

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. O financiamento dos programas Federais de esporte e lazer no Brasil (2004 a 2008). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 73-92, 2010.

ALVES, D. L. **Estratégia de ritmo e advertências técnicas na copa Brasil de marcha atlética.** (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. 2016.

ANDRADE, R. M. **Corridas de alta velocidade e curta duração - uma abordagem biomecânica para o entendimento dos fatores determinantes de desempenho**. (Tese). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo USP, São Paulo. 2015.

ANDRADE, V. C. **Métodos de velocidade crítica, lactato mínimo e rast na determinação de parâmetros aeróbios e anaeróbios em corredores: análises transversais e longitudinais**. (Dissertação). Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, São Paulo. Programa de Pós-graduação em Educação Física. 2011.

ANUNCIAÇÃO, F. N.; MORAES E SILVA, M.; BONIN-MAOSKI, A. P. C.; ROJO, J. R.; TAGLIARI, C. C.; MEZZADRI, F. M. O panorama do atletismo no programa bolsa-atleta: uma análise entre os anos de 2011 a 2013. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 15, n. 2, p. 2017.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA UNIVERSITÁRIA NACIONAL. NCAA. 2017. ***Rankings*** – USTFCCCA. Disponível em: <http://www.ncaa.com/sports/trackfield-outdoor-men/d1> Acesso 17 fev. 2017.

AMARAL, C. M. S. **Instalações Esportivas no Brasil – conceito e tipologia.** In Júnior, A. R; Amaral, C. M. S; Bastos, F. C; Mazzei, L. C. (Org.). Ensaios sobre

Gestão do Esporte: reflexões e contribuições do GEPAE/EEFE-USP. Sarapuí, SP. 2015.

AMARAL, C. M. S; BASTOS F.C. Perfil do Gestor de Instalações Esportivas no município de São Paulo. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**. São Paulo - v. 1, n. 1, p. 50-63, maio/2016.

ARAÚJO, L.R.P. **Diferenças e similaridades de somatotipo em atletas do sexo masculino participantes do Troféu Brasil de Atletismo-1988 em relação a prova atlética e ao nível de desempenho**. (Dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 1989.

BALBINO, H. F, *et al*. **Pedagogia do Esporte: significações da iniciação esportiva e da competição.** In: Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC. Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. São Paulo: Phorte, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARREIRA, C., CARVALHO, A. P. A realidade portuguesa do conforto em instalações de fitness. O que mudar? **Motricidade**, v. 3, n. 2, p. 69-80. doi: http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.3(2).677, 2007.

BARROS, R. V. **Variáveis preditoras de performance em corrida de longa duração.** (Dissertação). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo USP, São Paulo. 2004.

BARROS FILHO, M. A; PEDROSO, C. A. M. Q.; FATTA, G. L. G. L.; LIMA, W. H. G. A.; SILVA, T. C. A.; ROCHA, V. L. S. Perfil do gestor esportivo brasileiro: uma revisão de literatura. **Revista Intercontinental de Gestão Esportiva**, v. 3, p. 44-52, 2013.

BARROSO A. L. R, DARIDO S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM**. v.20:281-289. 2009.

BASTOS F. N, *et al.* Correlação entre Padrão postural em jovens praticantes de atletismo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** – v. 15, n. 6, p.432-435, Nov/Dez, 2009.

BAYLE, E.; ROBINSON L. A framework for understanding the performance of National Governing Bodies of Sport. **Euro Sport Manag Q,** v. 7, n. 3, p. 249-268, 2007.

BIVAINIS, J., TAMOSIUNAS, A. Enterprise restructuring programmes: evaluation and implementation. **Management of Organizations: Systematic Research**, v. 27, 17-34, 2003.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine books, 1985.

BOHME M. S. T. Talento esportivo II: determinação de talentos esportivos. **Revista Paulista de Educação Física**. v. 9, p. 138-46, 1995.

BOMPA, T. O. **Periodização: Teoria e metodologia do Treinamento**. 1º Ed. Brasileira. São Paulo: Phorte , 2002.

BORG, G.; HASSMEN, P.; LAGERSTROM, M. Perceived exertion related to heart rate and blood lactate during arm and leg exercise. **European Journal Applied Physiology and Occupational Physiology**, Berlin, v. 56, n. 6, p. 679-85, 1987.

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990

_____. **Deporte y Classes Sociales**. in: González, J. I. B. materiales de sociologia del deporte. Madrid: las ediciones de la piqueta, 1993.

_____. **A Produção da Crença, contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2ª ed., 2004.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, P. WACQUANT, L. **Una invitación a la sociologia reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, Argentina, 2005.

BRACHT, V. **Esporte de rendimento na escola.** In: Stigger MP, Lovisolo H. (Org.). Esporte de rendimento e esporte na escola. Campinas: Autores Associados; 2009.

BRAGA, R. L. **O atletismo escolar no desenvolvimento integral**. Dissertação. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, São Paulo. Programa de Pós-graduação em Educação Física. 1990.

BRAGADA, J. O Atletismo na Escola. Proposta programática para abordagem dos lançamentos leves. **Horizonte**. **Revista de Educação Física e Desporto**, v. 17, n. 99, Jun-Jul, 2000.

BRANDT, L. A. **Perfil do atletismo do Rio Grande do Sul: características somáticas e motoras das categorias pré-mirim, mirim e menor**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre. 2002.

BRASIL. **Brasil Medalhas 2016**. Setembro 2012. Power Point apresentado no Palácio do Planalto em 13 de setembro de 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Capítulo II Das Forças Armadas. 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.672 de 06 de junho de 1993**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. 1993.

BRASIL. **Lei nº 9.615 de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. 1998a.

BRASIL. **Lei nº 9.696 de 1 de setembro de 1998**. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. 1998b.

BRASIL. **Lei nº 10.264, de 16 de julho de 2001**. Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei no 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. 2001.

BRASIL. **Lei nº 10.451 de 10 de maio 2002**. Altera a legislação tributária federal e dá outras providências. 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004**. Institui o Bolsa-Atleta. 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. 2006. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11438.htm>.

BRASIL. **Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011.** Rede Nacional de Treinamento. 2011a. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02_09_2016_lei_12_395_maro_2011.pdf> Acesso em 15 maio 2016. 2011a.

BRASIL. **Lei nº 12.395 de 16 de março de 2011.** Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei no 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. 2011. 2011b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art1> Acesso em jan. 2016.

BRASIL. Tribunal de Contas da União (TCU). **Relatório de Auditoria Operacional. Esporte de Alto Rendimento.** Brasília: TCU. 2011c. Disponível em: <http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/esportes/Relatório_Esporte%20Alto%20Rendimento_Miolo.pdf>. Acesso 12 janeiro 2014.

BRASIL. **Ata de homologação das propostas selecionadas para formalização de convênios encaminhados de acordo com a chamada pública nº 01/2012 da SNEAR.** Brasília. DF. 2012.

BRASIL. **Lei nº 12.868, de 15 de outubro de 2013**. Altera várias leis, entre elas, a Lei nº 9.615/98. 2013.

BRASIL. ESPORTE. **Brasil fecha participação nos Jogos Olímpicos da Juventude com 15 pódios**. 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/08/brasil-fecha-participacao-nos-jogos-

olimpicos-da-juventude-com-15-podios> Acesso 10 out. 2015.

BRASIL. ESPORTE. **Lei Agnelo/Piva distribuirá R$ 117,7 milhões em recursos em 2015**. 2014b. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/12/lei-agnelo-piva-distribuira-r-117-7-milhoes-em-recursos-em-2015> Acesso em out. 2015.

BRASIL. **Ministério do Esporte**. 2015. Disponível em <http://www.esporte.gov.br>.

BRASIL 2016. **Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 espalham o legado esportivo por todo o país**. 2014a. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/jogos-olimpicos-e-paraolimpicos-rio-2016-espalham-o-legado-esportivo-por-todo-o-pais> Acesso 05 maio 2014.

BRASIL 2016. **Começam obras de preparação do Complexo Esportivo de Deodoro para o Rio 2016.** 2014b. Disponível em <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/comecam-obras-de-preparacao-do-complexo-esportivo-de-deodoro-para-o-rio-2016> Acesso em fev. 2016.

BRASIL 2016. **Convênios**. 2014c. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/convenios> Acesso 10 novembro 2014.

BRASIL 2016. **CBC libera recursos para formar atletas olímpicos e paraolímpicos.** 2015. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/para-formar-atletas-olimpicos-e-paraolimpicos-cbc-em-parceria-com-o-ministerio-repassa> Acesso março 2015.

BRASIL 2016. **Atletismo almeja delegação recorde nos Jogos Olímpicos do Rio**. 2016. Disponível em <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/atletismo-almeja-delegacao-recorde-nas-olimpiadas> Acesso em dez 2016.

BRASIL 2016. **Região Barra**. 2017a. Disponível em 24 novembro de 2017 de http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/instalacoes/barra Acesso em maio 2017.

BROUWERS, J.; SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. (2015). Sport-specific policies and factors that influence international success: The case of tennis. **Sport Management Review**, v.18, n.3, p.343–358. 2015.

BRITO, F. D. **Governança no esporte: a efetividade de iniciativas de combate à corrupção pela ótica de atletas e técnicos de atletismo**. (Dissertação) Mestrado Profissional em Adm: Gestão do Esporte - Universidade Nove de Julho. 2015.

BRITO, N.; FONSECA, A. M.; ROLIM, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos *rankings* femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 4, n. 1, p. 17–28, 2004.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando**

os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BUSSO G. L. **O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização** (Dissertação). Campinas (SP): Faculdade de Educação Física, UNICAMP; 2009.

CAMARGO P. R. **O desenvolvimento do handebol brasileiro a partir das políticas públicas do Governo Federal: da iniciação ao alto rendimento**. (Dissertação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba (PR). 2016.

CANADIAN SPORT FOR LIFE. **Long-term athlete development.** Disponível em: <http://www.ltad.ca> Acesso em: 21/06/2012.

CAPOVILLA, R.; OLIVEIRA, J. F.; ARRUDA, M. Indicadores de crescimento físico em crianças e jovens iniciantes no atletismo**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.7, n.39, p.215-224. Maio/Jun. 2013.

CARDOSO A. P, MOREIRA A. L, PAULA C. F, OLIVEIRA L. H. S, BAGANHA R. J, DIAS R. Modulação nos níveis de hidratação após a prática do atletismo e performance de corrida. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo. v. 7. n. 38. p.138-143. Mar/Abr. 2013.

CAREGNATO, A. F. *et al*. Analysis of the Athletic Performance Process in Brazil from the Ranking of the Best Athletes and Their Respective Clubs. **Journal of Exercise Physiology**online. October, v.19, n. 5. 2016.

CAREGNATO, A. F. *et al*. Abordagem sociológica no esporte: um caso na iniciação ao futsal/futebol de um clube brasileiro. **Educación Fisica y Deporte.** Colômbia. V. 35, n. 1. p. 2016.

CARMO, C. L. **Alterações no desempenho físico de corredores de elite do atletismo brasileiro após quatro semanas de destreinamento**. Dissertação. Mestrado em Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2010.

CARNEIRO M. V. O. *et al*. Efeito do destreino nos parâmetros de desempenho aeróbio e anaeróbio em atletas de atletismo**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. v.10. n.59. p.370-376. Maio/Jun. 2016.

CARVALHEIRO, G.; FONSECA, A.; TAVARES, F. **A perspectiva dos atletas e de seus treinadores acerca dos motivos que levam os jovens a praticar basquetebol.** A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre motivação. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, p. 40-44, 2001.

CARVALHO, J. **Tecnologia educacional para o ensino do atletismo: o jogo de mesa como um recurso didático-pedagógico**. (Dissertação). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2013.

CARVALHO, J. L. C. S. **Efeito do pré-condicionamento isquêmico sobre mecanismos determinantes do desempenho aeróbio em corredores de alto nível**. (Dissertação). Mestrado em medicina translacional - Universidade Federal de São Paulo (SP). 2016.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CASTRO, P. H. C. **Perfil morfológico, físico/motor, psicológico e maturacional de atletas mirins de atletismo**. (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. 2014.

CECIC ERPIC, S.; WYLLEMAN, P.; ZUPANCIC, M. The effect of athletic and nonathletic factors on the sports career termination process. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, n. 1, p. 45-59, 2004.

COAKLEY, J. **Sports in Society: Issues and Controversies**. 9 ed. New York: McGraw-Hill, 2008.

COELHO E SILVA, M., BARROS, F.; RIBEIRO, F.; LOUREIRO, R.; GONCALVES, C. E. **Atrito dos jovens com o formato organizado e competitivo de participação desportiva**. *In* _____; GONÇALVES, C. E.; FIGUEIREDO, A. (coord). Desporto de Jovens ou Jovens no Desporto? Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra, Instituto do Desporto de Portugal, p.147-182, 2006.

COLANTONIO, E. Detecção, Seleção e Promoção de Talento Esportivo: Considerações sobre a Natação. **Revista Brasileira Ciências e Movimento**, v. 15, n. 1, p. 127-135, 2007.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. (COB). **COB envia material para treinamento do atletismo.** 2013. Disponível em: <http://www.cob.org.br/noticias-cob/cob-envia-material-para-treinamento-do-atletismo-034949>. Acesso abril 2015

_____. **Primeiros atletas chegam aos Jogos Escolares da Juventude Fortaleza 2015**. 2015a. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/Noticia/primeiros-atletas-chegam-aos-jogos-escolares-da-juventude-fortaleza-2015> Acesso em jan. 2016.

_____. **COB lança 4ª edição do programa de carreira do atleta com participação de seis campeões olímpicos**. 2015b. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/noticia/cob-lanca-4-edico-do-programa-de-carreira-do-atleta-com-participaco-de-seis-campees-olimpicos> Acesso jan. 2017.

_____. **COB promove capacitação para treinadores brasileiros com ícones do atletismo mundial**. 2016a. Disponível em<https://www.cob.org.br/pt/noticia/iob-promove-capacitaco-para-treinadores-brasileiros-com-icones-do-atletismo-mundial> Acesso em dez 2016.

_____. **Critérios de participação**. 2016b. Disponível em: <https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=2223>. Acesso em dez 2016.

_____. **Edital do processo de seleção ABT 2015.** 2016c. Disponível em: <https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=2223>.

_____. **O time Brasil no rio 2016 - a melhor participação da história.** 2017a. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/noticia/o-time-brasil-no-rio-2016-a-melhor-participaco-da-historia>. Acesso abril 2017.

_____. **Curiosidades**. 2017b. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/curiosidadesolimpicasdo-brasil> Acesso jan. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. (CBAt). **Programas nacionais da CAIXA tem primeira adesão.** 2002. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=34&back=S> Acesso em fev. 2015.

_____. **Uberlândia Inaugura Centro de Atletismo de Alto Nível**. 2009. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=3732>. Acesso em jan. 2016.

_____. **Brasil defende hegemonia no campeonato Sul Americano.** 2013a. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=6426>. Acesso 10 outubro 2014.

_____. **Esportes Olímpicos prestam contas à opinião pública**. 2013b. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=362&back=S>.

_____. **Atletismo rumo ao futuro: nova gestão, novos desafios**. 2013b. São Paulo: [s.n.].

_____. **Fórum de alto rendimento tem mais de uma centena de treinadores confirmados**. 2013c. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=6736&back=S>. Acesso jan. 2015.

_____. **CBAt comemora resultados do Fórum Técnico.** 2013d. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=6764&back=S>. Acesso jan. 2016.

_____. **Nossos Atletas Olímpicos**. Joaquim Cruz. Glória de Campeão. 2014a. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/competicoes/rio2016/atletas_olimpicos_joaquim.asp> Acesso agosto 2014.

_____. **Relatório CBAt 2014**. 2014b. São Paulo: [s.n.].

_____. **"Atleta na Escola" leva esporte a mais de 4 milhões de alunos**. 2014c. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7629&back=S>. Acesso em dez. 2015.

_____**. Heróis Olímpicos participam de ações em Belém**. 2014d. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7366&back=S> Acesso fev. 2016.

_____. **Jogos Olímpicos**. 2015a. Disponível em <http://www.cbat.org.br/estatisticas/medalhas/olimpicos.asp> Acesso maio 2015.

_____. **CBAt e ME tratam dos Centros Nacionais de Treinamento de Atletismo.** 2015b. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7987&back=S> Acesso em mai. 2015.

_____. **Sogipa terá novos equipamentos.** 2015c. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7657&back=S>. Acesso em: 10 janeiro 2015.

_____. **CBAt representada em reuniões com autoridades em Brasília**. 2015d. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7476&back=S> Acesso em dez. 2015.

_____. **Programas de apoio.** 2015e Disponível em: <http://www.cbat.org.br/programas_apoio/P_Apoio_Treinadores_2015.pdf> Acesso maio 2016.

_____. **Mais dois representantes do Atletismo estão no Bosque da Fama.** 2015f. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8313&back=S> Acesso jan. 2016.

_____. **Atletismo do Brasil supera metas nos Jogos do Rio 2016.** 2016a. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8846> Acesso set. 2016.

_____. ***Rankings.*** 2016b. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/estatisticas/ranking_outros_anos.asp>. Acesso janeiro 2016.

_____. **Termina curso de atualização de velocidade prolongada, meio-fundo e fundo em Manaus.** 2016c. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9023&back=S> Acesso em agosto 2016.

_____. **UFLA está pronta para ser um centro regional da RNT.** 2016d. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9032&back=S> Acesso jan. 2017.

_____. **Federações.** 2016e. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/federacoes/default.asp> Acesso jan. 2017.

_____. **Assembleia da CBAt elege chapa Tonhinho/Warlindo.** 2016f. Disponível em:<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8875&back=S> Acesso out 2016.

_____. **Representantes de CBAt e Globo se reúnem em São Paulo.** 2016g. Disponível em: http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8955&back=S Acesso dez. 2016.

_____. 2016h. **Heróis Olímpicos participam do 6º Encontro Caixa de Atletismo Social**. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8999&back=S> Acesso novembro 2016.

_____. **CBAt vai ostentar selo de "Boa Governança".** 2016i. Disponível em:<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9013&back=S> Acesso em dez. 2016.

_____. **Medalhas do Brasil**. 2016j. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/estatisticas/medalhas/Medalhas_Mundiais.pdf>. Acesso janeiro 2016.

_____. **Marilson dos Santos e Fabiana Murer deixam as pistas.** 2016k Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8850&back=S> Acesso out. 2016.

_____. **Presidente da CBAt prestigia posse de Jadel Gregório.** 2016l. Disponível em: http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8657&back=S Acesso nov. 2016.

_____. **Atletas campeões participam de Curso da CBAt em Anápolis**. 2016m. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8890&back=S> Acesso out. 2016.

_____. **CBAt realiza primeiro camping na Rede Nacional de Treinamento.** 2017a. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9037> Acesso junho 2017.

_____. **Centro Nacional de Treinamento. Relatório.** 2017b. Disponível em <http://www.cbat.org.br/centro_treinamento/relatorio_CNTA_RJ_mar_17.pdf> Acesso em jun. 2017.

_____. **Resultados.** 2017c. Disponível em <http://www.cbat.org.br/resultados/default.asp> Acesso maio 2015.

_____. **Contratos e Convênios**. 2017d. Disponível em <http://www.cbat.org.br/governanca/contratos_convenios.asp> Acesso março 2017.

_____. **Governança. Demonstrativos Financeiros.** 2017e. São Paulo: Disponível em: <http://www.cbat.org.br/governanca/demonstrativos_financeiros.asp> Acesso em nov. 2017.

_____. **Estatuto**. 2017f. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/acbat/estatuto.pdf> Acesso março 2017.

_____. **Governança.** 2017g. São Paulo: Disponível em: <http://www.cbat.org.br/governanca/default.asp>. Acesso em out. 2017.

_____. **Publicações CBAt - Podium - Revista do Atletismo Brasileiro.** 2017h. São Paulo: Disponível em: <http://www.cbat.org.br/publicacoes/publicacoes_podium.asp> Acesso maio 2017.

_____. **Governança. Mapa Estratégico.** 2017i São Paulo: Disponível em: <http://www.cbat.org.br/governanca/MAPA_ESTRATEGICO_CBAt_2017_2024.pdf>. Acesso em out. 2017.

_____. **Campo Mourão recebe camping de treinamento.** 2017j. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9619&back=S> Acesso dez. 2017.

_____. **Estatísticas. Medalhas.** 2017k. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/estatisticas/medalhas.asp> Acesso em abril 2017.

_____. **Campeão olímpico Thiago Braz estreia sábado na temporada.** 2017l. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9046&back=S> Acesso fev. 2017.

_____. **Campeão olímpico vence torneio indoor de Rouen**. 2017m. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9050&back=S> Acesso fev. 2017.

_____. **Campeão olímpico Thiago Braz e Vitaly Petrov em reunião na CBAt.** 2017n. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9101&back=S> Acesso abril 2017.

_____. **CBAt e CAIXA anunciam renovação do contrato de patrocínio.** 2017o. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9244> Acesso em jun. 2017.

_____. **Exército homenageia atletas militares.** 2017p. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9465&back=S> Acesso em set 2017.

COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista Psicologia, Organização e Trabalho**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 97-108, jul./dez. 2009.

CÔTÉ, J.; YARDLEY, J.; HAY, J.; SEDGWICK, W.; BAKER, J. An exploratory examination of the Coaching Behavior Scale for Sport. **Avante Research Note**, v.5, n.2, p.82-92, 1999.

CÔTÉ, J.; MACDONALD, D. J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. When "where"; is more important than "when": Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 10, p. 1065-73, 2006.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. **Practice and play in the development of sport expertise**. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Ed.). Handbook of sport psychology. 3. ed. New York: John Wiley & Sons, p. 184-202. 2007.

CÔTÉ, J.; GILBERT W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching,** v. 4, n. 3, 2009.

CÔTÉ, J.; D. J. HANCOCK. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sportes Policy and Politics**. v.8, n.1, p.51-65. 2014.

COSTA, I. T.; CARDOSO, F. S. L.; GARGANTA, J. O índice de desenvolvimento humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de Futebol ao alto nível de rendimento? **Motriz**, v. 19, n. 1, p. 34-45, 2013.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias indenitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 189-202, dez. 2009.

CUNHA, L. M. **Os espaços do desporto: uma gestão para o desenvolvimento humano**. Coimbra: Almedina, 2007.

D'ANGELO, R. A. Predição da intensidade de corrida em máxima fase estável de lactato a partir da velocidade crítica em atletas fundistas de alto rendimento. Relações com performances. (Dissertação). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Ciências da Motricidade. 2008.

DA COSTA, L. P. Instalações esportivas por estado. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: CONFEF. 2006.

DALLARI, M. M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. São Paulo: USP, 2009. 130p. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

DAMO, A.S. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França** (Tese). Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005.

DANTAS, E.; GARCÍA-MANSO, J. M.; GODOY, E. S.; SPOSITO-ARAUJO, C. A.; GOMES, A. C. Aplicabilidad de los modelos de periodización del entrenamiento

deportivo. Una revisión sistemática. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**. v. 20, n. 6, p. 231-241, 2010.

DARIDO, S.; RANGEL, I. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBRUG, M; DE KNOP, P.; TRUYENS, J. Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: a mixed research methods approach. **Journal of Sport Management**, Champaign, v.24, n.5, p.567-600, 2010.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBRUG, S.; BINGHAM, J. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, v. 12, p.113-36, 2009.

DE KNOP, P.; VAN HOECKE, J.; DE BOSSCHER, V. Quality management in sports clubs. **Sport Management Review**, v. 7, n1. P. 57-77. 2004.

DELORME N, CHALABAEV A, RASPAUD M. Relative age is associated with sport dropout: evidence from youth categories of French basketball. **Scand J Med Sci Sports**; v21, n1, p.120-128. 2011.

DE ROSE, D.J.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. Situações causadoras de "stress" no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.2, p.217-29, 1999.

DIAS, Y. R., MORAES, M., FIGUERÔA, K. M., NUNES, R. J. S., ROJO, J. R.; MEZZADRI, F. M. (2016). O Judô no programa governamental Bolsa-Atleta: a distribuição espacial dos bolsistas (2011-2013). **Pensar a Prática**, 19(1).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 2015. **Razões para a crise do meio-fundo e do fundo portugueses.** Disponível em <http://www.dn.pt/desporto/outras-modalidades/interior/razoes-para-a-crise-do-meiofundo-e-do-fundo-portugueses-4775449.html> Acesso em janeiro 2016.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. (DOU). **Convênio nº 777881/2012**. 2012. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/69287723/dou-secao-3-23-04-2014-pg-103> Acesso em jan. 2016.

DIGEL, H. The context f talent identification and promotion: a comparison of nations. **New Studies in Athletics**, v. 17, n. 3,4, p. 13-26, 2002.

_____. Development Spotlight – Ukraine, A Model of Success. **New Studies in Athletics,** v. 26, n. 3,4 p. 119-125, 2011a. Disponível em <https://www.iaaf.org/nsa/article/filter?&authorId=5461fcc21111ff42acac6aae>.

_____. Development Spotlight – Brazil. **New Studies in Athletics,** v. 26, n. 2,3, p. 131-134, 2011b. Disponível em <https://www.iaaf.org/nsa/article/filter?&authorId=5461fcc21111ff42acac6aae>.

_____. Comparison of Sucessful Sport Systems. **New Studies in Athletics**, v. 20, n. 2, p. 7-18, 2005.

DI MARIO, **A. Atletismo: uma abordagem pedagógica. Universidade Metodista de Piracicaba.** Faculdade de Ciências da Saúde. 1995.

DOMINGUES, M. ; CAVICHIOLLI, F. R. ; GONCALVES, C. Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 249-261, 2014.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 204 p.

_____. **Introdução à Sociologia.** Lisboa, Edições 70, 2008.

_____. **O Processo Civilizador**. Volume 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Os Seres Humanos e suas Emoções:** um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. Londres, 1991. Tradução: BISOTTO, Maria Luiza; FONTANELLA, Francisco Cock. Não publicado. 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.. **Os Estabelecidos e os Outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ttda, 2000.

ENJOLRAS, B.; WALDAHL, R. H. Policy-Making in Sport The Norwegian Case. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 42, n. 2, p. 201-216, June, 2007.

ERICSSON, K. A. **Development of elite performance and deliberate practice: An update from the perspective of the elite expert performance approach**. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. Expert performance in sports. Champaign: Human Kinetics, p. 49-83, 2003.

ESCO, MR. Comparison of Periodized and Non-Periodized Resistance Training on Maximal Strength : A Meta-Analysis. **Sports Medicine**. v. 47, n. 10, p. 2083-2100, 2017.

ESPN. **Nova pista de atletismo do Ibirapuera proporciona recordes pessoais**. 2011. Disponível em <http://espn.uol.com.br/post/193348_nova-pista-de-atletismo-do-ibirapuera-proporciona-recordes-pessoais> Acesso em março 2015.

ESPN. **Com música, Vanderlei Cordeiro e Gisele, Rio encanta na abertura e passa no 1º grande teste.** 2016. Disponível em <http://espn.uol.com.br/noticia/619545_com-musica-vanderlei-cordeiro-e-gisele-rio-encanta-na-abertura-e-passa-no-1-grande-teste> Acesso em dez 2016.

ESPN. **TCU compara salários de cartolas do Atletismo aos dos ministros do Supremo Tribunal Federal**. 2017a. Disponível em <http://espn.uol.com.br/noticia/664361_tcu-compara-salarios-de-cartolas-do-atletismo-aos-dos-ministros-do-supremo-tribunal-federal> Acesso em março 2017.

ESPN. **Suspensão da Rússia é mantida e atletas podem ficar fora do Mundial**. 2017b. Disponível em <http://espn.uol.com.br/noticia/668931_suspensao-da-russia-e-mantida-e-atletas-podem-ficar-fora-do-mundial> Acesso em maio 2017.

ESPN. **Confederação atrasou bolsas-atletas em mais de um ano e tem suspeita de superfaturamento em hospedagem.** 2017c. Disponível em <http://espn.uol.com.br/noticia/662840_confederacao-atrasou-bolsas-atletas-em-mais-de-um-ano-e-tem-suspeita-de-superfaturamento-em-hospedagens> Acesso em ago 2017.

ESTADÃO. ESPORTES. **Fabiana Murer inaugura Centro de Treinamento em São Cartano do Sul.** 2012. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,fabiana-murer-inaugura-centro-de-treinamento-em-sao-caetano-do-sul,868786> Acesso em jan. 2016.

_____. **Governo paga oito parcelas e quita bolsa-atleta de 2014.** 2014. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,governo-paga-oito-parcelas-e-quita-bolsa-atleta-de-2014,1127928> Acesso em dez 2016.

_____. **Em crise, atletismo vê risco de fracasso na Olimpíada do Rio.** 2015a. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,em-crise-atletismo-ve-risco-de-fracasso-na-olimpiada-do-rio,1736428> Acesso em março 2015.

_____. **Espanha retira status de atleta de Marta Domínguez por doping.** 2015b. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,espanha-retira-status-de-atleta-de-marta-dominguez-por-doping,10000015468> Acesso em dez. 2016.

_____. **Após troca de comando no esporte governo atrasa concessão do bolsa-atleta.** 2015. Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,apos-troca-de-comando-no-esporte--governo-atrasa-concessao-do-bolsa-atleta,1737968> Acesso em dez 2016.

_____. 2016. **Records obscuros e insuperáveis no atletismo e na natação.** <http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,recordes-obscuros-e-insuperaveis,10000018018>. Acesso em fev. 2016.

_____. **Caixa corta R$ 4 milhões de verba para Confederação de Atletismo até 2020.** 2017a**.** Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,caixa-corta-r-4-milhoes-de-verba-para-confederacao-de-atletismo-ate-2020,70001819148> Acesso em jun. 2017.

_____. **Vicente Lenilson destaca prejuízo financeiro incalculável por medalha olímpica retroativa**. 2017b. Disponível em

<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,vicente-lenilson-destaca-prejuizo-financeiro-incalculavel-por-medalha-olimpica-retroativa,70001641590>. Acesso em junho 2017.

FAGANELLO, F. R. **Análise dos Livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no Campo Escolar.** (Dissertação). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. 2008.

FEDERAÇÃO DE ATLETISMO DO PARANÁ. **Prestação de contas de 2015**. 2015. Disponível em <https://media.wix.com/ugd/104d25_a5d6479f0ab346dfa6c0fa644aff3855.pdf> Acesso em abril 2016.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO. (2014). **Pistas**. Disponível em: <http://www.atletismofpa.org.br/Pistas-de-Atletismo>. Acesso em setembro 2014.

FEITOZA, J. E.; MARTINS JÚNIOR, J. Lesões desportivas decorrentes da prática do Atletismo. **Revista da Educação Física/UEM, Maringá**, v. 11, n. 1, p. 139-147, 2000.

FERNANDES, A. **Antigos atletas se reúnem durante o Troféu Brasil/Caixa no Ibirapuera.** 2013. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=6370&back=S> Acesso em setembro 2015.

_____. **Atletismo do Brasil supera metas nos Jogos do Rio 2016.** 2016. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=8846> Acesso set. 2016.

FERREIRA, M. S. Atletismo e produção da saúde nos livros-textos brasileiros. **Movimento**, Ano III, p. 26-36, N. 4, 1996.

FERREIRA, A. L. P. **O estado da arte da sociologia do esporte no Brasil**: um mapeamento da produção bibliográfica de 1997 a 2007. (Dissertação) Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

FERREIRA, A. M. **Influência de um programa de esporte educacional com base no atletismo sobre o desenvolvimento motor e social de crianças de 8 a 11 anos**. (Dissertação). Programa de Mestrado em Educação Física UEM/UEL - Universidade Estadual de Maringá (PR). 2014.

FERREIRA, R. **Estudo Comparativo de alguns Sistemas Esportivos nacionais visando um Contributo para o Brasil**. Políticas para o Esporte de Alto Rendimento. São Paulo, 2007.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática**: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação. 1994.

FERKINS, L; SHILBURY D; MCDONALD G. Board involvement in strategy: advancing the governance of sport organizations. **Journal of Sport Management**, v. 23, n.3, p. 245-277, 2009.

FERKINS, L.; SHILBURY, D. Good boards are strategic: what does that mean for sport governance? **Journal of Sport Management**, v. 26, n.1, p. 67-80, 2012.

FIGUEIREDO, J. S. **Características físicas, somatotipo e desempenho de corredores de 100 e 400 metros no rio grande do norte**. (Dissertação) Programa de Pós Graduação Em Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2012.

FIN, A. **Running with the kenyans:** Discovering the Secrets of the Fastest People on Earth. London: Faber and Faber, 2012.

FISHER, L.; WRISBERG, C. How to handle athletes transitioning out of sport. **Athletic Therapy Today**, v. 12, n. 7, p. 49-50, 2007.

FOLHA ON LINE. **Equipe brasileira feminina deixa bastão cair no revezamento 4x100**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/08/1328307equipe-brasileira-feminina-deixa-bastao-cair-no-revezamento-4-x-100-m.shtml>. Acesso fevereiro 2015. 2013.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 17-27, jan. 2008.

FORTES, L. S. Relação entre imagem corporal e internalização geral e atlética em jovens atletas de atletismo do sexo feminino**. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v.17, n.4, p.428-437. 2015.

FORTES, L. S. *et al*. Comportamentos de risco para os transtornos alimentares e traços perfeccionistas em atletas de atletismo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** v.30, n.3, p.815-822, 2016.

FOSTER, C. Monitoring training in athletes with reference to overtraining syndrome. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Madison, v.30, n.7, p. 1164-1168, 1998.

FRANCISCO, S. **Modelagem matemática no arremesso de peso**. Programa de pós-graduação em mestrado profissional em matemática em rede nacional (PROFMAT) - UFABC. Alagoas. 2013.

FRANKE W. W; BERENDONK B, Hormonal doping and androgenization of athletes: a secret program of the German Democratic Republic government. **Clinical Chemistry** [Clin Chem], ISSN: 0009-9147, Jul; v. 43, n. 7, p. 1262-79; Publisher: American Association For Clinical Chemistry; PMID: 9216474, 1997.

FREITAS, F. P. R. **O salto com vara na escola: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica**. Dissertação. Instituto de Biociências do

Campus de Rio. Claro (SP). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2009.

FREITAS, F. V.; CASTRO P. H. C.; REZENDE E. C.; WERNECK F. Z.; LIMA J. R. P. Relação entre o excesso de peso e a coordenação motora de jovens atletas de atletismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. p.1-7. 2016.

FREITAS, J. V. **Caracterização morfológica, físico/motora e maturacional de jovens atletas mirins feminino de atletismo**. (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG). 2015.

FREIRE, J. B. **Ensinar esporte, ensinando a viver.** Porto Alegre, RS: Editora Mediação. 2012.

FRIED, G. **Managing sport facilities** (1st ed., p. 368). University of New Haven: Human Kinetics Publishers, 2005.

FUJIYAMA, P. Y.; TEIXEIRA, E. L. Medidas cinemáticas entre a saída de atletismo e o agarre na performance de nadadores. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.8, n.45, p.265-270. Maio/Jun. 2014.

GALATTI L. R, PAES R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Movimento e Percepção**. v.6, 2006.

GALLAHUE D. L; OZMUN J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor em bebes, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 3º edição, 2005.

GALLARDO, L. **Censo Nacional de Instalações Desportivas de España 2005.** Madrid. 2007.

GAZETA ESPORTIVA. 2017. **Itália quer banir 26 atletas que fraudaram sistema antidoping**. Disponível em <http://www.gazetaesportiva.com/atletismo/agencia-antidoping-da-italia-quer-banir-26-atletas-por-suspeita-de-fraude/> Acesso em maio 2017.

GAYA, A. **Projeto esporte Brasil**: manual de aplicação de medidas e testes: normas e critérios de avaliação – 2009. Porto Alegre: PROESP – RS, 2009. Mimeografado. Disponível em <sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materias/Arquivos_1/7972.Pdf>. Acesso em abr. 2013.

GEMENTE, F. R. M. **Atletismo na educação física escolar: a elaboração colaborativa do software Atletic.** (Tese). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2015.

GESTÃO ESPORTE. A gestão de instalação esportiva e o estádio Célio de Barros**.** 2015. **Disponível em** <http://gestaoesporte.com.br/novidade/a-gestao-de-instalacoes-esportivas-e-o-estadio-celio-de-barros> acesso em dez. 2015.

GIGLIO, S.S, RUBIO K. Futebol Profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. 2013;27:387-400.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas S.A, 6º Edição. 2008.

GIL, D.; GROSS, J., HUDDLESTON, S. "Participation Motivation in Youth Sports". **International Journal of Sports Psycology**, v. 14, p 1-14, 1983.

GILBERT, W.; TRUDEL, P. Validation of the Coaching Model (CM) in a team sport context. **International Sports Journal**, Leeds, v. 4, n. 2, p. 120-128, 2000.

GILBERT, W.; RANGEON, S. Current directions in coaching research. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, Las Palmas de Gran Canaria, v. 6, n. 2, p. 217-236, 2011.

GIDDENS, A. **Sociologia.** Tradução: Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

GINCIENE G. **A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos**. (Dissertação). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2012.

_____. **A História do Esporte, os valores e as Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino do atletismo**. (Tese). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2016.

GINCIENE G.; MATTHIESEN S. Q. O sistema de partida em corridas de velocidade do atletismo. **Motriz: Revista de Educação Física.** v.18 n.1, Rio Claro. Jan./Mar. 2012.

GONÇALVES, C. E. B; RAMA, L. M. L; FIGUEIREDO, A. B. Talent Identification and Specialization in Sport: An Overview of Some Unanswered Questions. **International Journal of Sports Physiology and Performance,** 7, 390-393. 2012.

GUIMARÃES, A. S. A bolsa-atleta eleva o desempenho de seus beneficiários?: análise do período 2005-2008. **Senado Federal, Centro de Estudos da Consultoria do Senado.** 2009.

GUIMARÃES, V. **Evidências tecnológicas no universo do atletismo: uma análise dos materiais e equipamentos esportivos**. (Dissertação) UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2013.

GUINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais, Morfologia e História**. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLOBO. **Pista de atletismo do Zerão já tem datas para ser entregue e**

inaugurada. 2015. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2015/05/pista-de-atletismo-do-zerao-ja-tem-datas-para-ser-entregue-e-inaugurada.html> Acesso em dez. 2016.

GLOBO. **Pista de atletismo será construída em Universidade Federal do Amapá.** 2016a. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2016/02/pista-de-atletismo-sera-construida-em-universidade-federal-do-amapa.html>. Acesso em dez. 2016.

GLOBO. **Na vida de um velocista: um Futuro Olímpico**. 2016b. Disponível em <http://g1.globo.com/como-sera/videos/t/edicoes/v/na-vida-da-velocista-um-futuro-olimpico/4926677/> Acesso em dez. 2016.

GLOBO. **Secretário garante normalização do bolsa-atleta e descarta novo atraso.** 2016c. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/01/secretario-garante-normalizacao-do-bolsa-atleta-e-descarta-novo-atraso.html> Acesso em dez. 2016.

GLOBO. **Centro Nacional de Atletismo de Cascavel será transformado em colégio militar**. 2017a. Disponível em <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/centro-nacional-de-atletismo-de-cascavel-sera-transformado-em-colegio-militar/6231510/> Acesso em outubro de 2017.

GLOBO. **Santos notifica PSG, e Neymar intervém para ex-clube receber R$ 33 milhões.** 2017b. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/santos-notifica-psg-e-neymar-intervem-para-ex-clube-receber-r-33-milhoes.ghtml>. Acesso em: 23/09/2017.

GLOBO. **Seis meses após a Rio 2016 medalhistas perdem apoio e esbarram na crise do país**. 2017c. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/seis-meses-apos-a-rio-2016-medalhistas-perdem-apoio-e-esbarram-na-crise-do-pais.ghtml> Acesso em maio 2017.

GLOBO. **Com estimativas para 2020 Tóquio quer formar estimular ainda mais os esportes nas escolas**. 2017d. Disponível em <http://globoplay.globo.com/v/5610901/> Acesso em jun. 2017.

GLOBO. **Caio Bonfim faz prova incrível e leva 1ª medalha da história da marcha brasileira.** 2017e. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/atletismo/noticia/caio-bonfim-larga-atras-faz-incrivel-prova-de-recuperacao-e-e-bronze-na-marcha.ghtml> Acesso em agosto 2017.

GLOBO. **E agora? Como fica o esporte olímpico brasileiro após a Rio 2016?** 2017f. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/e-agora-como-fica-o-esporte-olimpico-brasileiro-apos-a-rio-2016.ghtml> Acesso em jun. 2017.

GLOBO. **Dani Lins anuncia gravidez e desabafa: "sofri preconceito".** 2017g. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/dani-lins-

anuncia-gravidez-e-desabafa-sofri-preconceito.ghtml>. Acesso em agosto 2017.

GLOBO, 2017. **Prefeitura paga manutenção, mas Parque Olímpico está abandonado**. Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/prefeitura-paga-manutencao-mas-parque-olimpico-esta-abandonado-20873288> Acesso em maio 2017.

GODOY, L. **Sentidos e significados do patrocínio no atletismo brasileiro**. Dissertação. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação Física. 1994.

_____. **O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: Revelações e possíveis delineamentos.** (Tese). Universidade Federal do Paraná. Educação Física. Curitiba. 2013.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

GOMES, A. C. 2013. **CBAt comemora resultados do Fórum Técnico**. Disponível em <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=6764&back=S> Acesso em maio 2016.

GONÇALVES, G. H. T. **Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de porto alegre**. Monografia (Bacharel em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

GONZÁLEZ, F, J.; BORGES, R. M.; SFALCIN, A. O sonho acabou! abandono da carreira esportiva de atletas profissionais de futebol. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 19, n.01, p. 01-10, jan/abr 2015.

GOULD, D. **The Professionalization of Youth Sports:** It's Time to Act! Clinical Journal Sports Medicine. v. 19, n. 2, p. 81-82; 2009.

GOULD, D.; FELTZ, D.; WEISS, M., HORN, T. Participation motives in competitive youth swimmers. In T. Orlick; J. T. Partington; J. H. Salmela (Editores). **Mental training for coaches and athletes**. Ottawa: Coaching Association of Canada. 1982.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2015. **Espaços esportivos do Governo do Amazonas receberão recursos de mais de R$ 24 mil.** Disponível em <http://www.fvo.am.gov.br/espacos-esportivos-do-governo-do-amazonas-receberao-recursos-de-mais-de-r-24-mi/> Acesso em jan 2016.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. 2016. **Programa bolsa talento esportivo patrocina nova geração de atletas**. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/programa-bolsa-talento-esportivo-patrocina-nova-geracao-de-atletas/> Acesso em março de 2017.

GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal - Metodologia da Iniciação esportiva na escola e no clube.** Volume II. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Volume 1**. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, P. J.; MEMMERT, D.; MORALES, J. C. P. The effect of deliberate play on tactical performance in Basketball. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v.110, n.3, p.849-856, 2010.

GREEN, C. Building sport programs to optimize athlete recruitment, retention, and transition: toward a normative theory of sport development. **Journal of Sport Management,** Champaign, v. 19, p. 233-253, 2005.

GREEN, M. Changing policy priorities for sport in England: the emergence of elite sport development as a key policy concern. **Leisure Studies**, v. 23, n. 4, p. 365-85, 2004.

GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite Sport Development system and playng to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisurie Studies**. v.20, n.4, p. 247-2267, 2001.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. **Elite Sport Development: Policy Learning and Political Priorities,** London: Routledge. 2005.

_____. Governmentality, modernization, and the 'disciplining' of national sports organizations: Athletics in Australia and the United Kingdom, **Sociology of Sport Journal**, v. 23, n. 1, p. 47–71. 2006.

_____. Advocacy Coalitions and Elite Sport Policy Change in Canada and the United Kingdom. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 39, n. 4, p. 387-403, 2004.

GUIMARÃES, A.S. **A Bolsa-Atleta eleva o desempenho de seus beneficiários? Análise do período 2005-2008.** Texto para Discussão 50. Brasília. Senado Federal, 2009.

GUTTMAN, A. Fron ritual to record: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978.

HALL, D. T. **Careers in and out of organizations.** London: Sage, 2002. 368 p.

HALLAL, P. C.; NASCIMENTO, R. R.; HACKBART, L., ROMBALDI, A. J. Fatores Intervenientes Associados ao Abandono do Futsal em Adolescentes. **R. bras. Ci. e Mov**. Brasília v. 12, n. 3, p. 27-32 setembro 2004.

HANSTAD, D. V.; SKILLE, E. A.. Does elite sport develop mass sport? A Norwegian Case Study. **Scandinavian Sport Studies Forum**, v. 1, p. 51-68, 2010.

HASTIE, A. H.; CALDERON, A.; ROLIM, J.R.; GUARINO, A. J. The Development of Skill and Knowledge During a Sport Education Season of Track and Field Athletics. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 84, n.1, p. 336–344, 2013.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K.. Holistic approach to athletic talent development environments: a successful sailing milieu. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 11, n. 3, p. 212-222, 2010.

HOLLINGS, S. C.; MALLETT, C. J.; HUME, P. A. The Transition from Elite Junior Track and Field Athlete to Successful Senior Athlete: Why Some Do, Why Others Don't. **International Journal of Sports Science & Coaching** v. 9, n. 3, p.457-471. 2014.

HONG, F.; WU, P.; XIONG, H. Beijing Ambitions: An Analysis of the Chinese Sports System and its Olympic Strategy for the 2008 Olympic Games. **The International Journal of the History,** v. 22, n. 4, p. 510-529, 2005.

HOPKINS, W. G. Competitive Performance of Elite Track and Field Athletes. Variability and Smallest Worthwhile Enhancements. **Sportscience**, *9*, 17–20, 2005.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. The changing status of school sport and physical education: explaining policy change. **Sport, Education and Society.** v. 11, n. 1, 2006.

_____. Comparative elite sports development. **Systens Sctrutures and public policy**. London: Elsevier; 2008.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

HUXLEI, D. J.; O'CONNOR, D.; BENNIE, A. Olympic and World Championship track and field athletes' experiences during the specialising and investment stages of development: a qualitative study with Australian male and female representatives. **Qualitative Research in Sport, Execise and Health**. v. 10, n. 2, p.256-272. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de dados agregados.** Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge. gov.br>. Acesso em dez. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE SEGURIDADE SOCIAL. **Boletim Estatístico da Previdência Social.** 2016. Disponível em: <http://www.previdenciasocial. gov.br>. Acesso em jan. 2016.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. (IAAF). **Mondotrack ws: the new Mondo track previewed at the IAAF World Championships Beijing 2015.** 2015a. Disponível em <https://www.iaaf.org/news/press-release/mondotrack-ws> Acesso em março 2017.

_____. **IAAF provisionally suspends Russian member federation araf**. 2015b. Disponível em: <https://www.iaaf.org/news/press-release/iaaf-araf-suspended> Acesso em fev 2017.

_____. **Records & Lists.** 2017a. Disponível em <https://www.iaaf.org/records/toplists/sprints/100-metres/outdoor/men/senior/2017>.

Acesso em setembro de 2017.

_____. **Official IAAF World Rankings first step in fundamental changes in Athletics**. 2017b. Disponível em <https://www.iaaf.org/news/press-release/iaaf-official-world-rankings> Acesso em novembro de 2017.

_____. **$3.2 million prize money for finals of 2017 iaaf diamond league**. 2017c. Disponível em: <https://www.iaaf.org/competitions/iaaf-diamond-league/news/32-million-prize-money-2017-iaaf-diamond-leag>. Acesso em jun. 2017.

_____. **Certification System.** 2017d. Disponível em: <file:///Users/andrefelipecaregnato/Downloads/IAAF%20CERTIFICATES%20-%20Certified%20Athletics%20Facilities%20(1).pdf> Acesso em jun. 2017.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **The Athlete's Kit**. 2014. Disponível em: <http://www.olympic.org/athleteskit> Acesso em janeiro de 2015.

_____. **3rd IOC International Athletes Forum – Final Programme**. 2017. Dubai, October, 2007. Disponível em http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_1248.pdf Acesso em dez. de 2017.

JANUÁRIO, N., COLAÇO, C., ROSADO, A., FERREIRA, V., GIL, R. Motivação para a Prática Desportiva nos Alunos do Ensino Básico e Secundário: Influência do gênero, idade e nível de escolaridade. **Motricidade**, 8(4), 38-51, 2012.

JARVIER, F.; SIKES, M. Running as a resource of hope? Voices from Eldoret. **Review of African Political Economy** 39(134): 629-644, 2012.

JOAQUIM, B., BATISTA, P., CARVALHO, M. Revisão sistemática sobre o perfil de competências do gestor desportivo. **Movimento** (ESEF/UFRGS), 17(1), 255–279, 2011.

JOHNSON, M. B.; CASTILLO, Y.; SACKS, D. N.; CAVAZOS JR., J.; EDMONDS, W. A.; TENENBAUM, G. "Hard Work Beats Talent Until Talent Decides to Work Hard": Coaches' Perspectives Regarding Differentiating Elite and Non-Elite Swimmers. **International Journal of Sports Science & Coaching**, 3(3):417-430: 57 September 2008.

KILIMNIK, Z. M. **Trajetórias e transições de carreiras profissionais em recursos humanos**. 2000. 327 p. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

KIM, H. **Sport management competencies for sport centers in the Republic of Korea** [CD-ROM]. Abstract from: ProQuest File: Dissertation Abstracts Item: 9729727. 1997.

KIRSCH, A.; KOCH, K.; ORO, U. **Antologia do Atletismo: metodologia para iniciação em escolas e clubes.** Tradução de Gabriela Silveira. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1988.

KOSKI, R. H. *et al*. A caracterização do esforço físico no futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 1, n. 2. 2009.

KOSTOPOULOS, N. Requiring competencies of basketball coaches. **Biology of Exercise**. v. 7, n. 1, p. 41-47, 2011.

KOUSTELIOS, A. Identifying important management competencies in fitness centres in Greece. **Managing Leisure**. v. 8, p. 145-153, 2003a.

_____. A study on the managerial competencies of sports club managers in Greece. **International Journal Physical Education**. v. 4, n. 1, p. 130-40, 2003b.

KOVALSKI, M. **Especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte por jovens campeões de atletismo**. (Dissertação). Universidade de Campinas. UNICAMP. Campinas.1995.

LANARO FILHO, P.; BOHME, M. T. S. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão**. Revista Paulista de Educação Física**,v.15, n.2, p.154-68, 2001.

LARA, J. P. R. **Análise cinemática tridimensional do salto em distância de atletas de alto nível em competição.** Dissertação. Faculdade de Educação Física,. Universidade Estadual de Campinas. 2011.

LAURINO, C.F.S. **Lesões ortopédicas no atletismo. Estudo clínico com seguimento de dois anos**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. 2005.

LÁZARI, E. C. **Acompanhamento de Indicadores de Crescimento Físico, Maturação Biológica, Qualidade Óssea e Desempenho Motor em Jovens Praticantes de Atletismo. (**Dissertação). Faculdade de Educação Física,. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2011.

LEME, M. L. A. **Efeitos do treinamento periodizado no desempenho motor de atletas de 11 a 16 anos de idade, praticantes de atletismo**. (Dissertação). Universidade Metodista de Piracicaba. Faculdade de Ciências da Saúde. 2011.

LENILSON, V. **Vicente Lenilson anuncia que deixa as pistas neste Troféu Brasil Caixa 2011**. 2011. Disponível em: <http://esportealternativo.com.br/londres2012-atletismo/6276-vicente-lenilson-anuncia-que-deixa-as-pistas-neste-trofeu-brasil-caixa-2011> Acesso em jun. 2016.

LIMA, M. A. B. **Método de análise biomecânica da saída tipo atletismo na natação competitiva.** Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. (MG). 2016.

LISE. M. L. Z. *et al.* O abuso de esteróides anabólico-androgênicos em atletismo. **Revista da Associação Médica Brasileira**. v.45, n.4, São Paulo Sept./Dec. 1999.

LOPES, B. F. **Caracterização da corrida de 75 metros de atletas da categoria sub-16 do atletismo.** (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG). 2016.

LOURENÇO, T. F. **Correlação entre o ponto de compensação respiratória e desempenho em corredores de rua**. (Dissertação). Mestrado – Faculdade de Educação Física,. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP). 2009.

MACIEL, R. H. L. **Construções e transições de carreiras no esporte profissional: um estudo com ex-atletas de alto rendimento**. (Tese). Doutorado. Universidade Federal de Lavras. Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade Lavras. MG, 2015.

MACHADO, F. A., *et al.* Reprodutibilidade do desempenho em provas de corrida de 5 e 10 km em pista de atletismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.37, n.3, p.207-213, 2015.

MADELLA A, BAYLE E, TOME J. The organisational performance of national swimmg federations in Mediterranean countries: A comparative approach. **Eur J Sport Sci**; v. 5, n. 4, p. 207-220, 2005.

MALINA, R. **Biological maturity status of yong atlhetes.** In. RM Malina (editor). Yong atlhetes: biological, psychological and education pesperctives. Champaingn. Illions. Humans Kinetics, p. 121-140. 1998.

MARCHI JUNIOR, W. **"Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** (Tese) Doutorado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009.

MARQUES C. L. S.; IORA J. A. Atletismo Escolar: Possibilidades, estratégias de objetivos, conteúdo de métodos em classes de Educação física**. Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 103 - 118, abr. / jun. 2009.

MARTIN D., CARL K., LEHNERTZ K. **Manual de metodología del entrenamiento deportivo.** Translated by, Klaus Carl, Klaus Lehnertz. Edition, illustrated, reprint. Publisher, Editorial Paidotribo, 2001.

MARTINES, I. D. **As relações entre as organizações não governamentais e o governo do estado do Paraná no campo esportivo**. (Dissertação) – Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MASSA, M. **Desenvolvimento de judocas brasileiros talentosos** (Dissertação) – Educação Física. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

MATOS M. F.; CRUZ J. F. Desporto Escolar: motivações para a prática e razões para o abandono. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática.** Centro de Estudos de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. v. 2, n. 3, p.459 – 490, 1997.

MATOS, A; CORREIA, A. O atletismo de alta competição em Portugal: estudo da qualidade em agentes desportivos. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 13, n. 2, p. 7-17, 2. sem. 2002.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí – SP: Fontoura, 2005.

_____. **Atletismo. Teoria e Prática**. São Paulo – SP: Guanabara Koogan, 2007.

MATTHIESEN, S. Q.; SILVA, M. F. G.; SILVA, A. C. L. Atletismo na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 1, p. 96-104, 2008.

MATVEIEV, L. **Los Fundamentos del Entrenamiento Deportivo**. Moscou: Editorial Raduga. 1983.

MAZZEI, L. C,; ROCCO JUNIOR, A. J. Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: Um momento para a sua afirmação no Brasil. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte.** São Paulo - v. 2, n. 1, p. 96-109. 2017

MAZZEI, L. C; BASTOS, F. C; FERREIRA, R. L.; BÖHME, M. T. S. Centros de treinamento esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, Edição Especial, n. 1, p 1575-1584, 2012.

MAZZEI, L. C. **Judô de alto rendimento: fatores organizacionais que influenciam o sucesso esportivo internacional**. (Tese) – Educação Física. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

MC PHERSON, B.; CURTIS, J.; LOY, J. The Social Significance of Sport: An Introduction to the Sociology of Sport. **Human Kinetics Books**, 1989.

MEGID NETO, J. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental**. Campinas (SP): Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, v. 238, 1999.

MELO, S. G. H. **Alterações na velocidade aeróbia máxima, no índice de resistência aeróbia e no rendimento de corredores de 10.000 metros em diferentes condições de temperatura e umidade relativa do ar**. Dissertação. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação Física.1997.

MEMMERT, D.; BAKER, J.; BERTSCHC, C. Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. **High Ability Studies,** v. 21, N. 1, June, p. 3–18, 2010.

MEYLAN, C.; MALATESTA, D. Effects of inseason plyometric training within soccer practice on explosive actions of young players. **Journal of Strength and Conditioning Re- search**, Champaign, v. 23, n. 9, p. 2605-2613, 2009.

MEIRA, T. B., BASTOS, F. C. **Estrutura organizacional esportiva**. In. Böhme, M. T. S. (Ed.). Esporte infanto-juvenil: treinamento a longo prazo - talento esportivo. São Paulo: Phorte, 2011.

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BOHME, M. S. T. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.29 n.4 Oct./Dec, 2012.

_____. Análise da estrutura e organização esportiva da natação no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.251-62, 2015.

MELO, E. S. **Utilização do consumo máximo de oxigênio e do limiar de lactato como preditores do desempenho de corredores amadores em corridas de 5Km e meia maratona.** Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado em Educação Física. Belo Horizonte. 2011.

MEZZADRI, F. M.; MORAES E SILVA, M.; FIGUERÔA, K. M. Desenvolvimento de um método para as pesquisas em políticas públicas de esporte no Brasil: uma abordagem de pesquisa mista. **Motrivivência**, 27(44), 49-63. 2015.

MEZZADRI, F. M.; MORAES E SILVA, M.; CAVICHIOLLI, F. R. Brazil. In: Kristiansen E, Parent MM, Houlihan B. **Elite youth sports policy and management: a comparative analysis.** Abingdon: Routledge; 2016.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Ministério do Esporte da primeiro passo para a a construção do centro de altitude no Brasil.** 2008. Disponível em <http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/39749-ministerio-do-esporte-da-primeiro-passo-para-a-construcao-do-centro-de-altitude-no-brasil> Acesso em jan 2015.

_____. **Centro de Iniciação ao Esporte CIE**. 2014a. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/cie>. Acesso em dez. 2014.

_____. **Centro de Formação Olímpica do Nordeste**. 2014b. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/CFO%20-%20release%20maio%202014.pdf> Acesso em março 2015.

_____. **Ministério do Esporte investe mais de R$ 70 milhões em 15 novas**

pistas de atletismo. 2015a**.** Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/50262-ministerio-do-esporte-investe-mais-de-r-70-milhoes-em-15-novas-pistas-de-atletismo-pelo-pais> Acesso em dez 2015.

_____. **Rede Nacional de Treinamento.** 2015b. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/Marco_2015_Atletismo_-_REDE_NACIONAL_DE_TREINAMENTO_-_investimentos_-_atualizado_23_3_2015.pdf>. Acesso em fev. 2016.

_____. **São Luís/MA terá pista de atletismo com certificação olímpica.** 2015c. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/multimidia/118-lista-radio-esporte/49662-sao-luis-tera-pista-de-atletismo-com-certificacao-olimpica> Acesso em nov. 2015.

_____. **Programa Atleta na Escola**. 2015d. <http://atletanaescola.mec.gov.br/> Acesso em dez 2015.

_____. **Primeiro do país, CIE de Franco da Rocha (SP) recebe visita de representantes do Ministério do Esporte**. 2016a. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57336-primeiro-do-pais-cie-de-franco-da-rocha-sp-recebe-visita-de-representantes-do-ministerio-do-esporte> Acesso em jun. 2017.

_____. **Bolsa Atleta patrocina 6.152 mil atletas em 2016.** 2016b. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/56383-bolsa-atleta-patrocina-6-152-mil-atletas-em-2016> Acesso em dez 2016.

_____. **Rede Nacional de Treinamento.** 2017a. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/rede-nacional-de-treinamento>. Acesso em set. 2017

_____. **Centro de iniciação ao esporte é inaugurado em Arapongas no Paraná.** 2017b. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57813-centro-de-iniciacao-ao-esporte-e-inaugurado-em-arapongas-no-parana> Acesso em out 2017.

_____. **Lei do Incentivo ao Esporte.** 2017c. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/lei-de-incentivo-ao-esporte>. Acesso em jan. 2017.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Esporte.** 2016a. Disponível em <http://www.defesa.gov.br/index.php/esporte/projeto-atleta-de-alto-rendimento> Acesso em jan. 2016.

_____. **Rio 2016: Ministro Jungmann diz que governo manterá investimentos nos atletas militares.** 2016b. Disponível em

<http://www.defesa.gov.br/noticias/23275-rio-2016-ministro-jungmann-diz-que-governo-mantera-investimentos-nos-atletas-militares> Acesso em dez. 2016.

MIRANDA, C. F. **Como se vive de atletismo: Um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas.** (Dissertação) Pôs Graduação em Educação Física e Esporte – Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MONTAGNER, P. C.; SILVA, C. O. Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de peneiras no futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 2, p. 187-200, jan. 2003.

MORAES E SILVA, M.; SANTOS, N.; CORRÊA, A. J. **A configuração do financiamento do governo brasileiro ao esporte de rendimento: apontamentos iniciais.** In: MEZZADRI, F. M. (Org.). Políticas Públicas para o Esporte. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2014. p.93-114.

MORAES E SILVA, M. Comportamentos urbanos e Esportes: contribuições para a esportivização do Turfe e da Pelota Basca em Curitiba (1899-1905). **Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 18, p. 86-115, 2015.

MORAES E SILVA, M.; MEZZADRI F. M.; SANTOS N., CAMARGO P. R.; FIGUERÔA K. M. La configuración de la ordenación legal relacionada a la financiación del gobierno brasileño hacia el deporte de elite: un análisis a partir de la Teoría de los Juegos de Norbert Elias. **Lúdica Pedagógica**; 21(1):77-89, 2015.

MORAES E SILVA, M. *et al*. O financiamento público do rugby brasileiro: a relação governo federal e Confederação Brasileira de Rugby. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 2, 2015.

MOURA, N. A.; MOURA, T. F. P.; BORIN, J. P. Buscando relações entre velocidade de abordagem e desempenho em saltos horizontais: estudo a partir de atletas de elite do troféu Brasil de atletismo 2003. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v.13, n.2, p.7-15. 2005.

MOURA, N. A. et al., 2016. Relação entre as distâncias parciais no salto triplo e o desempenho competitivo em atletas brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v.24, n.3, p.35-44. 2016.

MOURA, N. A. **Relação entre as distâncias parciais no salto triplo e o desempenho em competição.** (Dissertação). Universidade Metodista de Piracicaba. Faculdade de Ciências da Saúde. 2006.

MUELLER, M. K, *et al*. Youth development program participation and intentional self-regulation skills: Contextual and individual bases of pathways to positive youth development. **J Adolescence**. v.34, p.1115-1125. 2011.

NASCIMENTO, A. C. L. **Pedagogia esportiva: um estudo acerca da especialização precoce com aplicação na modalidade atletismo**. Dissertação. Local não encontrado. 2000.

NATIONAL FILM BOARD OF CANADA**. GUN RUNNERS**. Documentário, 2015.

NETO JUNIOR, J. **Lesão Muscular: estudo em atletas da equipe brasileira de atletismo que participaram dos jogos olímpicos de Atlanta 1996**. Dissertação. Universidade de Campinas. UNICAMP. 2000.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro. v.18, n.2, p.378-392, 2012.

OLIVEIRA, S. N. **Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

O'NEILL, M.; ALLEN, B.; CALDER, A. M. Pressures to perform: an interview study of Australian high performance school-age athletes' perceptions of balancing their school and sporting lives. **Performance Enhancement & Health**, v. 2, n. 3, p. 87-93, 2013.

ONVWERA VO, SCOTT RA, BOIT MK, PITSILADIS YP. (2006), Demographic characteristics of elite Kenyan endurance runners. **J Sports Sci**. Apr;24(4):415-22, 2006.

OPPA, D. F. **Atividade física no lazer e qualidade de vida relacionada à saúde em ex-atletas de atletismo de Santa Catarina**. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis. 2013.

ORREGO, P. A. C. **Perfil do Atleta Fundista da Seleção Chilena com Relação às Variáveis VO2 Máximo e Limiar Lático**. (Dissertação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas (SP). 2004.

PACHECO, M. S. **Análise da estratégia de corrida e suas relações com variáveis de desempenho de atletas**. (Dissertação). Escola de. Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. USP. 2012.

PAHL, R. **Depois do sucesso: ansiedade e identidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. 252 p.

PALUDO A. C., *et al.* Aptidão cardiorrespiratória em adolescentes estimadas pelo teste de corrida e\ou caminhada de 9 minutos. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano** v.14 n.4, p.401-408. 2012.

PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Esportes e Turismo. **Talento Olímpico do Paraná**. 2017. Disponível em <http://www.esporte.pr.gov.br>. Acesso em jan 2017.

PASTRE C. M. **Lesões desportivas no atletismo: comparação entre informações obtidas em prontuários e inquéritos de morbidade referida**.

(Dissertação). São José do Rio Preto (SP). Mestrado em Ciências da Saúde. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. 2003.

_____. **Associações entre lesões desportivas e fatores causais na elite mundial do atletismo**. (Tese). São José do Rio Preto (SP). Mestrado em Ciências da Saúde. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. 2005.

PASTRE C. M; GUARACY C. F; MONTEIRO H. L; JÚNIOR J. N; PADOVANI C. R. Lesões desportivas no atletismo: comparação entre informações obtidas em prontuários e inquéritos de morbidade referida. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** v.10, n.1 Niterói jan./fev. 2004.

PASTRE C. M; GUARACY C. F; MONTEIRO H. L; JÚNIOR J. N; PADOVANI C. R. Lesões desportivas na elite do atletismo brasileiro: estudo a partir de morbidade referida. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** v.11, n.1 Niterói jan./fev. 2005.

PASTRE C. M; GUARACY C. F; MONTEIRO H. L; JÚNIOR J. N; PADOVANI C. R; GARCÍA A. B. Exploração de fatores de risco para lesões no atletismo de alta *performance.* **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** v.13, n.3 Niterói maio/jun. 2007.

PEDRALLI, M. L. **Análise biomecânica da saída e agarre e atletismo da natação.** (Dissertação). Mestrado em Mestrado em Ciências do Movimento Humano - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2001.

PEREIRA, E. V. P. **Avaliação do consumo de carboidratos complexos em atletas fundistas participantes das corridas de rua de Paranavaí-PR.** Dissertação. Dissertação. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo (SP). 2008.

PEREIRA, A., *et al*. A retrospective study of the results of the best Portuguese female gymnasts in a period of 40 years. **International Journal of Sports Science**, v.3, n.6, p.204-210. 2013.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá. v. 17, n. 2, p. 211-218, 2006.

PESSI, S.; FAYH, A. P. T. Avaliação do conhecimento nutricional de atletas profissionais de atletismo e triathlon. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** v.17, n.4 São Paulo jul./ago. 2011

PILATTI, L. A. **Os donos das pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro**. (Tese). Universidade Estadual de Campinas. Unicamp. Faculdade de Educação Física. Campinas (SP). 2000.

PIRES, G. **Gestão do desporto: desenvolvimento organizacional**. Editora APOGESD. Porto; 2003.

PIRES, G. M. V. DA S.; SARMENTO, J. P. S. de R. L. Conceito de Gestão do Desporto. Novos desafios, diferentes soluções. **Revista Portuguesa de Ciências**

do Desporto, 1(1), 88-103. 2001.

PODIUM. **Revista do Atletismo Brasileiro**. Ano 2, n. 7, 2016. Disponível em <http://www.cbat.org.br/publicacoes/revista_podium_ed_11.pdf>. Acesso em abril 2017.

PODIUM. **Revista do Atletismo Brasileiro**. Ano 3, n. 11, 2017. Disponível em <http://www.cbat.org.br/publicacoes/revista_podium_ed_11.pdf> Acesso junho 2017.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. **Convênios**. 2011. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios/DetalhaConvenio.asp?CodConvenio=731258&TipoConsulta=1&UF=mg&CodMunicipio=&CodOrgao=51000&Pagina=218&Periodo=> Acesso em janeiro 2015.

_____. **Convênios**. 2015a. Disponível em: < http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios/conveniosLista.asp?uf=rs&tipoconsulta=1&codorgao=51000&orgao=&codmunicipio=8801&municipio=&periodo=>. Acesso em janeiro 2015.

_____. **Preparação de Atletas.** 2015b. **Atletismo**. Disponível em: <http://www.portaldatransparencia.gov.br/rio2016/formacaodeatletas/centro-atletismo.asp>. Acesso em janeiro 2015.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 120-127, abr./jun. 2007.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Incentivo ao esporte municipal.** 2017. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/biblioteca/legislacao/index.php?p=9236>. Acesso em março 2017.

PRONI, M. W. **Economia no Esporte: um campo de estudo em expansão.** In: 1o ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil 30, 31/10 e 01/11/2008.

PRUDÊNCIO, M. V. **Análise das Variáveis Cinemáticas do Salto Triplo de Atletas de Elite em Ambiente de Competição**. (Mestrado). Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (SP). 2015.

PRUDÊNCIO, N. **Salto Triplo: O Sistema de Preparação do Desportista: da Detecção à Promoção do Talento.** (Tese) Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (SP). 2006.

REES T, HARDY L, GULLICH A, ABERNETHY B, CÔTÉ J, WOODMAN T, MONTGOMERY H, LAING S, WARR C. The Great British Medalists Project: A Review of Current Knowledge on the Development of the World’s Best Sporting Talent. **Sports Med**;46:1041–1058, 2016.

RIBEIRO C, LOVISOTO H, GOMES A, SANT'ANNA A. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física do Esporte** v.27 n.3 São Paulo July/Sept. 2013.

RIBEIRO, L. F. **Máximo déficit acumulado de oxigênio em corridas livre e resistida em pista.** (Tese). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro (SP). 2013.

RIBEIRO JÚNIOR, E. J. F., *et al.* O fenômeno da idade relativa em atletas de tênis infanto-juvenil e profissional: nível de associação com o ranking da Federação Sul-Americana e mundial. **Revista da Educação Física/UEM**. v24, n3, p.371-379, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social. Métodos e Técnicas.** São Paulo: Editora Atlas, 2010.

RIO 2016. **O Atletismo ontem e hoje na visão dos brasileiros**. 2014. Disponível em <http://www.rio2016.com/noticias/noticias/o-atletismo-ontem-e-hoje-na-visao-dos-brasileiros>. Acesso em: 14 agosto 2014.

ROCHA, P. G. M.; SANTOS, E. S. O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: Estudo com talentos do atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n.1, p 69-77, 2010.

ROCHA JUNIOR, I. C. R. **Análise cinemática do salto em distância: fase final da corrida e impulsão.** Dissertação. Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul. Mestrado em Ciência do Movimento Humano. 1993.

RODRIGUES, N. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das letras; 1994.

RODRIGUES, F. X. F. **A Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)** (Dissertação). Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2003.

RODRIGUES, N. A. **Análise cinemática 3d da corrida de 100m por videogrametria**. (Dissertação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Campinas (SP). 2014.

RODRIGUES, W. M. **Indicadores biométricos e performance dos velocistas no atletismo.** (Dissertação). Piracicaba (SP). Universidade Metodista de Piracicaba. Faculdade de Ciências da Saúde. 2003.

ROJAS, K. A. F**. Ensino de Física para os anos iniciais do ensino fundamental utilizando aulas de atletismo**. (Dissertação) Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais- Universidade Federal de Mato Grosso. 2014.

ROJO, J. R; ROCHA, F. F; NAZARIO, P. F. Caracteristicas dos corredores de rua: um mapeamento dos participantes da 41ª Prova Rústica Tiradentes. **Educación Física y Ciencia**, v. 18, n. 1, e008, junio 2016.

ROSA, R. S. **Atletismo e desenvolvimento humano: possibilidades pedagógicas em ambiente escolar.** Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.

RUBIO, K**. Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Sesi-SP, Editora, 2015.

_____. **Educação Olímpica e Responsabilidade Social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. K. **Joaquim Cruz. Estratégias de Preparação Psicológica: da Prática à Teoria**. São Paulo: Casa do Psicológo, 1º Ed. 2008.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. O ensino das lutas nas aulas de educação física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. **Revista da Educação Física/UEM**. v26, n4, p.505-518. 2015.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RUNING, 2015. **Luis Landa: "Em Espanha são os atletas nacionalizados que salvam o meio fundo e o fundo.** Disponível em <http://www.runningmag.pt/luis-landa-em-espanha-sao-os-atletas-nacionalizados-que-salvam-o-meio-fundo-e-o-fundo/> Acesso em jan. 2017.

SANTANA W. C, FRANÇA V. S, REIS H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz**. n.13, p.181-187. 2007.

SANTOS, A. S. **Desenvolvimento humano e educação esportiva: um diálogo sobre a trajetória de atletas da modalidade de atletismo da cidade de Paranavaí – PR**. (Dissertação). Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação. Curitiba (PR). 2016.

SANTOS, A. P. **Imaginário radical: trajetória esportiva de corredores de longa distância.** (Tese). Doutorado Em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008.

SANTOS, J. F. T. S. **100 metros rasos: objeto de aprendizagem para o ensino de física como aplicação do conectivismo e do edutretenimento**. (Dissertação). Mestrado Profissional em Mídia e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2016.

SANTOS, J. P. **Caracterização da estratégia de ritmo da prova de 1000 metros de atletas mirins do atletismo.** (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG). 2015.

SANTOS, J. L. **Cinemática das corridas de atletismo.** (Dissertação). Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de. Janeiro – UFRJ. 2012.

SANTOS, V. O. **Talento esportivo no atletismo feminino: uma análise com atletas de meio fundo e fundo potenciais representantes do Brasil nas olimpíadas de 2016**. VII Jornada de Iniciação Científica, Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2011.

SALGADO, K. **Os exergames como ferramenta metodológica no ensino do atletismo na educação física escolar**. (Dissertação). Campinas (SP): Faculdade de Educação Física, UNICAMP; 2016.

SALGADO, J. V. V. **Análise do perfil de corredores de rua**. (Tese) Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (SP). 2016.

SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKAHIL, M.P.T. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Revista Conexões**, Campinas, v.4, n.1, p. 100-109, 2006.

SCHEERDER, J.; BREEDVELD K. **Running Across Europe The Rise and Size of One of the Largest Sports Markets**. London: Palgrave MacMillan. 2015.

SCHIAVON, L. M. *et al.,*. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Jul-Set.; v.27, n.3, p.423-36, 2013.

SCHLOSSBERG, N. K. A model for analyzing human adaptation to transition. **The Counseling Psychologist**, Newbury, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1981.

SCHMOLINSKY, G. **Atletismo.** Estampa, Lisboa. 1982.

SCHORER J, WATTIE N, BAKER J. R. A new dimension to relative age effects: constant year effects in German youth handball. **PLoS One**; 8(4). 2013.

SENTONE, R. **Esporte de alto rendimento no Município de Curitiba : políticas públicas, subsídeos e gestão**. (Dissertação). Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2016.

SILVA. I. **Desempenho do atletismo brasileiro no período de 1920-2001.** (Dissertação). Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis. 2002.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol. 3, nº 3 [69–76], 2003.

SILVA, S. B**. Iniciação ao Atletismo e a Habilidade Motora de Arremessar por cima do Ombro**. (Dissertação). Mestrado em Educação Física – Faculdade de Ciências da Saúde/Universidade Metodista de Piracicaba. 2007.

SILVA, E. R. **Motivação de atletas idosos na associação de veteranos de atletismo do estado do Rio de Janeiro**. (Dissertação). Mestrado em Ciências da Atividade Física – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói (RJ). 2009.

SILVA, C. L.; MARCHI J. R., W. **Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo.** In: Deporte Cultura Y Comunicación, n. 69, ano 14, julio- septiembre, 2009.

SILVA, E. V. M.; DARIDO S. C. O Atletismo no curso de graduação em educação física. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.3, p.525-532, jul./set. 2011.

SILVA, P. V. C,; FLEITH D. S.. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo. v. 3, n, 4. 2010.

SILVA, A. I.; SEDORKO, C. M. Atletismo como conteúdo das aulas de educação física em escolas estaduais do município de Ponta Grossa. **Teoria e Prática da Educação**. v. 14, n. 3, 2011.

SILVA, M. V. **Estado mental flow e motivação no atletismo: dos velocistas aos ultramaratonistas.** (Dissertação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora (MG). 2013.

SILVA, T. F. **Tecnologias da informação e comunicação e o salto em distância: possibilidades de utilização de um dvd didático para o ensino do atletismo escolar**. (Dissertação). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2014.

SILVA, C. L. **Para além da notícia: a gênese e a estrutura da informação jornalística esportiva em uma rede de comunicação do estado do Paraná.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós Graduação em Educação Física. Curitiba. PR. 2015.

SILVA, E. V. M. **Ensino da história e cultura afro-brasileira por meio do atletismo: contribuições de um curso de extensão a distância para professores de Educação Física.** (Tese). UNESP. Instituto de Biociências, Rio Claro. São Paulo. Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. 2016.

SILVA, C. L.; COSTA, I. P.; MORAES E SILVA, M.; CAREGNATO, A. F.; CAVICHIOLLI, F. R. A configuração do tênis de campo infanto juvenil brasileiro**:** primeiras descrições. **Pensar em Movimiento**. v. 15. 2017.

SILVA FILHO, F. J. **Estrutura organizacional e qualidade da detecção, seleção e promoção de talentos do judô de alto rendimento no Estado de São Paulo**. (Dissertação). Mestrado - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo,. São Paulo. 2014.

SILVA FILHO, F. J. *et al.* Talentos esportivos no judô e na natação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v.30 n.3. São Paulo jul./set. 2016.

SILVEIRA, F. P. **Efeito da corrida de rua sobre os níveis periféricos do fator neurotrófico derivado do encéfalo (bdnf) e de acetilação da histona h4 em adultos saudáveis.** (Dissertação). Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, São Paulo. Programa de Pós-graduação em Educação Física. 2015.

SIMONI, C. R. **Lesões desportivas em atletas jovens federados na modalidade de atletismo no estado de Santa Catarina**. Dissertação. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.

SLACK, T.; PARENT, M. M. **Understanding sport organizations: The application of organization theory**. Champaign: Human Kinetics. 2006.

SOARES, M. B. **Alfabetização no Brasil:** o estado do conhecimento. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Reduc, 1989.

SOTIRIADOU, P., GOWTHORP, L., DE BOSSCHER, V. Elite sport culture and policy interrelationships: The case of Sprint Canoe in Australia. **Leisure Studies**. v. 33, n. 6, p. 598-617. 2014.

SOUZA, S. L. A importância da estratégia organizacional para a Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, 1 (1), 116-125, 2007.

SPORTV. **Sonhadores.** 2016. Disponível em <http://globotv.globo.com/sportv/sportvnews/v/juliana-veloso-e-uma-das-personagens-da-serie-sonhadores-que-vai-estrear-no-sportv/5137969/> Acesso em dez 2016.

STAMBULOVA, N. Athletes' crises: a developmental perspective. International **Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 31, n. 4, p. 584-601, 2000.

STAVROPOULOS, I., TRIPOLITSIOTI, A., GIAKOUMATOS, S., STERGIOULAS, A. Competencies of the first and second division track and field coaches. **International Journal of Sport Studies**. 4, 5, 584-590, 2014.

STAVROPOULOS, I., KIPREOS, G., TRIPOLITSIOTI, A., STRIGAS, A. Competencies of track and field coaches. An exploratory study. Choregia: **Sport Management International Journal**. 8, 1, 119-130, 2012.

SUSLOV, F. Current Problems in the Development of Young Athletes, **New Studies in Athletics**. 23(3). p.19-25, 2008.

TARTARUGA, M. P. **Relação da economia de corrida e da eficiência mecânica no desempenho de corredores de rendimento utilizando modelos alométricos**. (Tese). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS). 2013.

TAVARES, O. **Fair Play, que Fair Play?! Doutrina, ou exercício da moral?** (Dissertação). Rio de Janeiro (RJ): Universidade Gama Filho, 1999.

THE TIMES. 2017. '**British athletics' strength in depth is just shocking. It needs a revamp'.** Disponível em: <http://www.thetimes.co.uk/article/british-athletics-strength-in-depth-is-just-shocking-it-needs-a-revamp-5kqlvj0zs>. Acesso em janeiro 2017.

THOMPSON, P. **Introdução à teoria do treino**. The International Amateur Athletic Federation. Monaco: Marshallrts, 1991.

TOMAÉL, M. I. *et. al*. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação & Sociedade: Estudos.** João Pessoa: v. 11, n. 2, p. 01-14. 2001.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. (TCU). 2011. **Relatório de Auditoria Operacional. Esporte de Alto Rendimento**. Disponível em: <http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/esportes/Relatório_Esporte%20Alto%20Rendimento_Miolo.pdf> Acesso em jan. 2014.

TRINDADE, E. C. **Modelagem de Sistema para Filmagem de Competições de Atletismo.** Dissertação. (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia. 2007.

TRIPOLITSIOTI, A.; MOUNTAKIS, C.; STRIGAS, E. Sport science as determina- tive factor in management of indoor facilities in Municipal Sport Organizations. **Journal Applied Sciences.** v. 9, 2649-2652, 2009.

TRIPOLITSIOTI, A.; MOUDAKIS, K.; KONSTANTINAKOS, P.; THEODORIKAKOS, P. Identifying management competencies of the directors of fitness centers and indoor facilities of youth and sport municipalities. A pilot study. **Biology of Exercise**. v. 3, 48-59, 2007.

TRIPOLITSIOTI, A. (2005). The profile of the directors of health and fitness clubs for municipal youth and sport organizations (MYSO): Preliminary results. **Choregia.** 1(1): 59-64, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEL, P. What the Coaching Science Literature has to Say about the Roles of Coaches in the Development of Elite Athletes. **International Journal of Sports Science & Coaching**; June, v. 1, n. 2, p.127, 2006.

TRUYENS, J. DE BOSSCHER V. HEYNDELS B, WESTERBEEK, H. A resource-based perspective on countries' competitive advantage in elite athletics. **International Journal of Sport Policy and Politics.** v.6, p.459-489, 2014.

TSUKAMOTO, M. H. C.; NUNOMURA, M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.

TUBINO, M. J. G. et al. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

TUCKER, R.; COLLINS, M. What makes champions? A review of the relative contribution of genes and training to sporting success. **Br J Sports Med.**;46(8):555–

61. 2012.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Pista de Atletismo da CEPEUSP será reaberta em junho.** 2013. Disponível em: <http://www5.usp.br/27566/pista-de-atletismo-do-cepeusp-sera-reaberta-em-junho/>. Acesso em fevereiro 2014.

UOL. ESPORTES. **CBAt pune revezamento por erro no bastão e atletas perdem até R$ 560 mil.** 2013a. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/atletismo/ultimas-noticias/2013/08/26/cbat-pune-revezamento-por-erro-no-bastao-e-atletas-perdem-ate-r-560-mil.htm>. Acesso em maio 2014.

_____. **Governo deve bolsa-atleta há três meses.** 2013b. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/12/1385827-governo-deve-bolsa-atleta-ha-tres-meses.shtml> Acesso em dez 2016.

_____. **Arenas sem uso, população sem lazer: legado da Rio-2016 é colocado em xeque**. 2017a. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2017/02/08/arenas-sem-uso-populacao-sem-lazer-legado-da-rio-2016-e-colocado-em-xeque.htm> Acesso em junho 2017.

_____. **Jadel: fui demitido de secretaria por tentar levar denuncia a Alckim.** 2017b. <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/12/19/jadel-fui-demitido-de-secretaria-por-tentar-levar-denuncia-a-alckmin/> Acesso em dez. 2017.

_____. **Thiago Braz inicia ano sem clube e com duelo na França sem temer vaias**. 2017. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/atletismo/ultimas-noticias/2017/01/27/thiago-braz-inicia-ano-sem-clube-e-com-duelo-na-franca-sem-temer-vaias.htm> Acesso em abril 2017.

_____. **Maior clube de atletismo do país, B3 encerra as atividades após 16 anos**. 2018. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/01/1950672-maior-clube-de-atletismo-do-pais-b3-encerra-as-atividades-apos-30-anos.shtml Acesso em fev. 2018.

VAEYENS, R., *et al.* Talent identification and development programmes in Talent Identification and Specialization sport: current models and future directions. **Sports Med**. v.38. p.703–714. 2008.

VANDORPE, B, *et al.* The körperkoordinationstest für kinder: references values and suitability for 6-12 year old children in Flanders. **Scand J Med Sci Sports.** 21,378-388. 2011.

VANDORPE, B. *et al.* Relationship between sports participation and the level of motor coordination in childhood: a longitudinal approach. **Journal of Science and Medicine in Sports**. v.15, n.3, p.220-5. 2012.

VASCONCELOS-RAPOSO, J., LÁZARO, J., MOTA, M., FERNANDES, H. Caracterização dos níveis de ansiedade em praticantes de atletismo. **Motricidade,** 3(1), 298-314, 2007.

VEJA. (2011). **Suspenso por doping em escândalo da Rede Atletismo estão liberados**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/suspensos-por-doping-em-escandalo-da-rede-atletismo-estao-liberados/>. Acesso em maio 2015.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. 162f. (Tese) Doutorado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria (RS), 1999.

VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo no estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos Sistemas Ecológicos**. (Tese) Doutorado em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria (RS), 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: um estudo de caso. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n.21, 47-55, 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. A relação entre *timing* vital e social de talentos esportivos: um estudo com atletas paranaenses do atletismo**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá**, v. 11, n. 1, p. 119-128, 2000.

_____. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá. v. 12, n. 1, p. 7-17, 2001.

VIEIRA L. F, *et al*. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano** v.13 n.3, Florianópolis, May/June 2011.

VIST, D. **Comparação da composição corporal, capacidade cardiorrespiratória, danos musculares e estresse oxidativo em maratonistas e sedentários do município de Caxias do Sul**. (Dissertação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS). 2012.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relumé Dumara, 2002.

WATTIE N, COBLEY S, BAKER J. Towards a unified understanding of relative age effects. **J Sports Sci.** v.26, n.13, p.1403-1409. 2008.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil**. 1. Ed. brasileira, São Paulo: Manole, 1999.

WEISS, M. R. **Psychological effects of intensive sport participation on children and youth:** Self-esteem and motivation. In: B. CAHILLE; A.J. Pearl (Eds.), Intensive

participation in children's sports. p. 39-69. Champaign, IL: Human Kinetics Publishers. 1993.

WILSON, B., VAN LUIJK, N., BOIT, M. K. When Celebrity Athletes Are 'Social Movement Entrepreneurs': A Study of the Role of Elite Runners in Run-for-Peace Events in Post-Conflict Kenya in 2008. **International Review for the Sociology of Sport**, 50, 929-957, 2015.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. **A developmental perspective on transitions faced by athletes.** In: WEISS, M. R. (Ed.). Developmental sport and exercise psychology: a lifespan perspective. Morgantown: Fitness Information Technology. p. 507-527. 2004.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A. A lifespan perspective on the career of talented and elite athletes: Perspectives on high-intensity sports. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Oxford, v. 20, n. 2, p. 88-94, 2010.

ZELEZNY, J. **Succeeding outside the field of play: how can I ensure a good balance between sport and life?** International Olympic Committee Athlete's Handbook. 2010. Disponível em: <http://assets.olympic.org/athletes_handbook/en/>.

ZIEMAINZ, H.; GULBIN, J. Talentselection, identification, development exemplified in the Australian. Talent Search Programme. **New Studies in Athletics**, v. 17, n.3/4, p.27-32, 2002.

APÊNDICE 1 – INSTRUMENTO DE PESQUISA

Roteiro de Entrevista: Informações Gerais

Instituição:

Nome completo:

Função (dirigente/treinador):

Período que exerce tal função (dirigente/treinador):

Idade:_____ Formação:_____

Instituição:_____ Ano de formatura: _____

Possui curso de atualização? ( ) sim ( ) não Ano do último curso?_____

Possui curso de pós-graduação? ( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado ( ) não possuo. Pós Graduação em:

Roteiro para os Gestores

Qual a função do seu cargo? Vocês possuem cursos de atualização?

Quais são as fontes de recurso para esse esporte, o que a CBAt recebe (público ou privado)? Quais os patrocinadores do atletismo brasileiro?

Isso está documentado via site, por exemplo, a quantia, os valores recebidos?

Existe uma auditoria sobre o balanço da CBAt? O balanço anual é documentado?

A CBAt gasta mais do que recebe?

Qual o motivo da localização da Confederação ser neste local do país?

Existe um plano político de desenvolvimento da modalidade (curto, médio e longo prazos)? As ações têm sido efetivas? Qual a perspectiva dessas ações?

Existe alguma influência que impede novas propostas, novos recursos?

Existe um planejamento estratégico? Isso está documentado?

Existe um projeto de construção, manutenção e renovação das estruturas físicas?

Como se encontra a estrutura física do atletismo com relação a Centros de Treinamentos para jovens até o alto rendimento?

Onde se localizam tais centros? Quais e quantos são?

O senhor considera essa estrutura atual suficiente para o esporte?

Existem ações voltadas para mídia e divulgação do esporte? Quais seriam?

A CBAt ajuda financeiramente as entidades filiadas (clubes, associações)? Ela ajuda os clubes a conseguirem recursos? Faz contratos/parcerias?

Como uma federação estadual se mantem atualmente?

Como funciona o repasse da CBAt para as federações filiadas?
Isso está documentado, por exemplo, os critérios? Quem controla?
Hoje a federação possui uma boa mão de obra para desenvolver o trabalho?
Como funciona o atendimento, a comunicação com as federações estaduais de atletismo? Quais as principais federações do país?
E a comunicação com os atletas, com os clubes nacionais e internacionais?
A CBAt interfere no trabalho do treinador e do atleta com rendimento?
Existe uma metologia de trabalho a ser seguida?
Quais são os incentivos fornecidos pela CBAt aos atletas: da formação ao alto rendimento? Como funciona, quem avalia?
Isso está tudo documentado, no site da CBAt, por exemplo, os valores recebidos?
Quais as contrapartidas aos atletas contemplados?
Quais seriam as possibilidades de incentivo ao atleta (público ou privadas)?
Qual a opinião do Sr. (a) sobre os atletas que recebem de várias entidades (município, estado e governo, clube, militar)?
Como é a avaliação das políticas, das ações, para esse esporte?
Quem possui direito a voto na Assembleia da CBAt? Os atletas tem direito a voto?
A CBAt possui Códigos de Ética e de Conduta?
Existe um organograma da CBAt? É de fácil comunicação? Está faltando algo nesse organograma (exemplo: apoio jurídico, de mídia, de marketing)?
Os funcionários atuais são contratados? Todos os dirigentes da CBAt são remunerados? Recebem salários? Como são contratados? Isso consta no estatuto?
O número de funcionários é suficiente? No que eles mais atuam (alto rendimento, ou formação)? Qual a principal função (funcionário) dentro da CBAt para o esporte de formação, e para o de alto rendimento?

Técnicos

Fale da sua trajetória enquanto treinador? Foi ex-atleta?
Quais as principais conquistas?
Como o técnico consegue atingir ao alto nível?
Existe um modelo de desenvolvimento de jovens talentos no atletismo?
Como deve ser a forma de trabalho com os jovens atletas? Qual o principal problema do treinador de jovem atleta?
O atletismo não é tão atrativo hoje, o que tem sido feito para melhorar isso?

Existe algum programa para identificação, seleção ou detecção de jovens talentos via CBAt? Existe acompanhamento do jovem talentoso?

A escola participa desse processo de seleção, detecção e formação de atletas?

Você acompanha as competições escolares?

Se existir, esse modelo é construído junto as federações, clubes, escolas…?

Como deve ser a forma de trabalho no alto rendimento? Existe um padrão nacional?

Existem ações de desenvolvimento de talentos por categoria ou provas?

Existem testes para identificar e medir habilidades e capacidades de possíveis talentos? Como isso é feito? Quem é responsável pelos treinadores do país?

Existe alguma lei especÍfica sobre o trabalho dos técnicos?

Existem treinadores contratados da CBAt para atuarem na formação, ou alto rendimento? Quais os critérios para selecionar os treinadores nacionais?

Existe algum programa para capacitação do quadro técnico? Com que frequência vocês se atualizam? Existem níveis para qualificar os treinadores? Quem tem acesso aos cursos? Há um nível de qualificação especial para os treinadores de iniciação, ou de alto rendimento? Isso é pré-requisito para atuar? Qual a literatura abordada nos cursos? Quais as tendências teóricas?

O número de treinadores é suficiente?

Quais os documentos na CBAt que abordam sobre os treinadores?

Quais os incentivos oferecidos aos técnicos? São suficientes? São maiores que o dos atletas? Quantos recebem suporte financeiro?

Qual o apoio técnico oferecido? Qual o suporte com relação as ciências do esporte?

Qual o motivo da contratação de técnicos estrangeiros? Qual a contrapartida deles?

A forma de atuar do treinador brasileiro é diferente da forma do treinador internacional? Você possui quantos atletas?

Por que o atleta de alto nível treina muito fora do país? O que o senhor pensa disso?

Existe algum programa para capacitação do quadro técnico? Comente sobre isso?

Comente sobre os campings? Qual o objetivo?

Qual a comunicação entre a CBAt e os treinadores?

Vocês organizam reuniões de treinadores? Existe um trabalho em conjunto?

Existe algum programa, ou preocupação com o pós carreira do Técnico (em sua instituição, ou confederação, ou país)?

Como é a relação com o ex-atletas que pretendem se tornar treinadores?

Qual a principal dificuldade para atuar na formação esportiva? E no alto rendimento?

Perguntas, em comum, para Técnicos e Gestores

O Brasil está tentando formar uma Rede Nacional de Treinamento (RNT). Existe uma RNT, tanto para a iniciação, quanto para o alto nível?

Existem centros nacionais via CBAt? Ou locais? regionais? Qual a quantidade? Como funciona? Onde se localizam os principais do país para diferentes níveis?

Quais os objetivos? Quais os critérios para criação?

Existe financiamento (público, ou privado) para manutenção e compra de equipamentos para o centro de alto rendimento?

Existe auxílio na implantação de estruturas ou material esportivo em clubes? Existe alguma legislação sobre isso?

Qual o nível das pistas atualmente, ou dos complexos de atletismo?

É possível o Brasil sediar competições internacionais?

Quais as principais competições? Qual o nível? E o calendário esportivo? Ele interfere no planejamento de treino?

Atletas

Qual seu local de início? Precisou migrar de cidade/estado para se desenvolver?

Qual seu local de treinamento? Qual a sua especialidade? Já praticou outras provas? Quando começou a definir a sua especialidade?

Participou de competições escolares?

Existe certificação de qualidade aos clubes que desenvolvem trabalhos com jovens atletas? Existe o incentivo a inserção de jovens atletas nos clubes?

Você sabe se existe um banco de dados sobre os talentos esportivos? onde se encontram os principais atletas (base e alto rendimento) do país atualmente?

Qual a quantidade de atletas no esporte de base estão filiados à CBAt?

Na sua opinião, a iniciação ao atletismo está ligada com o esporte escolar?

Como é o acompanhamento dos atletas, da formação ao alto nível?

Qual a perspectiva de participação em competições internacionais de jovens atletas/adultos? Existem competições nacionais para atletas de alto rendimento realizadas e/ou apoiadas pela Confederação? São suficientes?

Qual o nível técnico? E as competições internacionais?

Existe algum programa, ou preocupação com o pós carreira do atleta?

Onde se encontram (qual região do país) as principais equipes do país.

Qual equipe possui os melhores atletas?

Na sua opinião, por que o atletismo não é está tão atraente ao jovem?
Falta algo para o atleta do pais? Em qual setor (formação, alto nível), que falta?
Os atletas estão presentes em reuniões da CBAt?
Recebe incentivo governamental? Do município? Do estado? É atleta das Forças Armadas? Recebe patrocínio privado? Algum outro incentivo?
Qual a sua principal renda?
Qual a sua relação com o treinador? Existe um planejamento de treino para as principais competições? Esse planejamento acontece em conjunto?
Os treinadores brasileiros são qualificados? O treino brasileiro é diferente do treino internacional? Existe um modelo brasileiro de treino, ou altera conforme o treinador?

Pós-carreira

Qual seu local de início? Precisou migrar de cidade/estado para se desenvolver?
Qual seu local de treinamento? Qual a sua especialidade? Já praticou outras provas? Quando começou a definir a sua especialidade?
Qual a principal diferença que você observa entre a sua época de treino e agora?
E a principal dificuldade de antes e agora? Isso mudou?
Ao longo de sua carreira, você sempre teve contrato de trabalho? Explique.
Você possui formação universitária? Começou enquanto atleta?
Qual sua função atual? Sua profissão atual começou ainda na função de atleta?
Existe capacitação para atletas que estão em fase final de carreira?
Existem cursos de qualificação para ex-atletas para que exerçam a atividade como treinadores? Quem tem direito?

Existe o acompanhamento e suporte ao pós-carreira do atleta de alto rendimento?

Qual o programa da Confederação que beneficie ex-atletas?

Existe(m) programa(s) para utilização dos atletas pós-carreira como "embaixadores" da modalidade? Se sim, como é feito?

Existe(m) programa(s) para utilização de ex-atletas na estrutura organizativa da Confederação?

Existe um programa de apoio ao treinador de alto rendimento para o pós-carreira?

Como é desenvolvido este programa? Qual o apoio na fase de transição: atleta para ex-atletas.

ANEXO 1 – FOTOS: CENTROS NACIONAIS DE ATLETISMO. FONTE: SICONV – CONVÊNIO (2011-2015).

Equipe de Atletismo – SESI Uberlândia.

UNIFA – Rio de Janeiro

CEFAN – Rio de Janeiro

UNIFOR – Fortaleza

CENTRO OLÍMPICO – São Paulo

ANEXO 2 – EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS 1.

Relação de Bens Adquiridos - Esporte Clube Pinheiros Convênio 777881/2012	Unid.	Qtd.
Barreira de aço/alumínio com contrapeso IAAF	unid.	50
Carrinho para transporte/armazenagem de barreiras	unid.	2
Cobertura a prova d'água para colchões de salto com vara 8,5 x 6m com velcros e fixação.	unid.	1
Cobertura a prova d'água para colchões de salto em altura 6 x 4m com velcros e fixação.	unid.	1
Conjunto de Colchões do salto em altura - modelo W-647 - dimensão 6x4x0,7m	conj.	1
Conjunto de colcões de Salto com vara - modelo T-8568 - dimensão 8,5 x 6 x 0,8m.	conj.	1
Dardo de duralumínio/aço - Space Master IAAF	unid.	10
Cobertura em Vinil para caixas de salto.	unid.	2
Martelo de aço inoxidável - 110mm IAAF	unid.	5
Medidor para salto com vara telescópico de aluminio. Digital até 8m	unid.	1
Medidor para salto em altura telescópico de aluminio. Digital até 3m.	unid.	1
Par de postes telescópicos para salto com vara de aluminio com base de aço competition	Par	1
Par de postes telescópicos para salto em altura de aluminio/aço competition - altura 2m 65cm	Par	1
Plataforma para colchões de salto com vara 8,5 x 6m, acompanhado de carrinho de transporte.	conj.	1
Plataforma para colchões de salto em altura 6x 4m acompanhado de carrinho de transporte.	conj.	1
Sarrafo de fibra de vidro para salto em altura comprimento 4,0m (certificado IAAF)	unid.	2
Sarrafo de fibra de vidro para salto em com vara, comprimento 4,5m (certificado IAAF)	unid.	2
Tábua de Impulsão para Competição IAAF	unid.	3
Disco de bronze/carbono - Avançado IAAF - (1,0 Kg)	unid.	2
Disco de bronze/carbono - Avançado IAAF - (2,0 Kg)	unid.	2
Disco de bronze/carbono - Avançado IAAF - (2,5 Kg)	unid.	2
Disco de bronze/carbono - Avançado IAAF - (3,0 Kg)	unid.	2
Disco de bronze/carbono - Avançado IAAF - (1,25 Kg)	unid.	2
Peso em Aço Inoxidável 110mm - (4,0 Kg Feminino)	unid.	3
Peso em Aço Inoxidável 110mm - (7,26 Kg Masculino)	unid.	2
Sistema de cronometragem automática para treinamento Freelap	unid.	1
Tenda Modelo Indoor 6x3 - Tenda sanfonada	unid.	1
Tabelas Hidráulicas	par	2
Storage de armazenamento de imagens Dell PowerVault MD1200	unid.	1
Speed Test 6.0 Standard com 10 fotocélulas	unid.	1
SPI PRO X RT - GPS (GPS/Acelerómetro/Giroscopio/Magnetómetro/FC): Sistema de Tracking automático a 15 Hz	unid.	10
Reflotron roche-analisador de marcadores bioquimicos	unid.	1
Isocinético HUMAC NORM PLUS - Sistema de Dinamometria e Cinesioterapia Computadorizada NORM HUMAC PLUS	unid.	1
AQUANEX+VIDEO (Swimming Technology Research)	unid.	2
Bike Spinning	unid.	6
Eliptical cross trainer - Transport	unid.	2
Suporte de Dumbbell - 3 Alturas	unid.	2
Suporte de Dumbbell Vertical	unid.	1
Dumbbell - 4kg	unid.	2
Dumbbell - 6kg	unid.	2
Dumbbell - 8kg	unid.	2
Dumbbell - 10kg	unid.	2
Dumbbell - 12kg	unid.	2

Fonte: SICONV

ANEXO 2 – EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS 2.

PING PONG EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS LTDA.
RIO DE JANEIRO
Insc. CNPJ: 33.329.509/0001-31
ppesportes@uol.com.br
Insc. Estadual: 81.180.067

Para CBAT

Orçamento

nº	Descrição	Quant.	Unitário	Total
1	Peso Oficial Feminino Menor de 3.0kg em aço, diâmetro de 85 a 110mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	180,00	2.160,00
2	Peso Oficial Feminino de 4.0kg em aço, diâmetro de 95 a 110mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	212,00	2.544,00
3	Peso Oficial Masculino Menores de 5.0kg em aço, diâmetro de 100 a 120mm, CERTIFICADO IAAF	*12*	232,00	2.784,00
4	Peso Oficial Masculino Juvenil de 6.0kg em aço, diâmetro de 105 a 125mm, CERTIFICADO IAAF	*12*	245,00	2.940,00
5	Peso Oficial Masculino de 7.260kg em aço, diâmetro de 110 a 130mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	301,00	3.612,00
6	Anteparo para o setor da prova de arremesso do Peso, feito em madeira, com comprimento total do arco tendo 1.14m a 1.16m, largura total na parte mais estreita do arco de 11.2cm, e largura total nas extremidades de + ou - 30cm, e altura entre 9.8 a 10.2cm, segundo regras da IAAF.	*12*	450,00	5.400,00
7	Martelo para lançamento, Oficial Feminino Menor de 3.0kg em aço, diâmetro da cabeça de 85 a 100mm,com comprimento máximo a partir da parte interna da empunhadura de 1.195mm, e empunhadura reta ou curva com comprimento de 115mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	256,00	3.072,00
8	Martelo para lançamento, Oficial Feminino de 4.0kg em aço, diâmetro da cabeça de 95 a 110mm,com comprimento a partir da parte interna da empunhadura de 1.160 a 1.195mm, e empunhadura reta ou curva com comprimento de 115mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	267,00	3.204,00
9	Martelo para lançamento, Oficial Masculino de 5.0kg em aço, diâmetro da cabeça de 100 a 120mm,com comprimento a partir da parte interna da empunhadura de 1.165 a 1.200mm, e empunhadura reta ou curva com comprimento de 115mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	289,00	3.468,00
10	Martelo para lançamento, Oficial Masculino de 6.0kg em aço, diâmetro da cabeça de 105 a 125mm,com comprimento a partir da parte interna da empunhadura de 1.175 a 1.215mm, e empunhadura reta ou curva com comprimento de 115mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	310,00	3.720,00
11	Martelo para lançamento, Oficial Masculino de 7.260 kg em aço, diâmetro da cabeça de 110 a 130mm, com comprimento a partir da parte interna da empunhadura de 1.175 a 1.215mm, e empunhadura reta ou ccurva com comprimento de 115mm, CERTIFICADO IAAF.	*12*	401,00	4.812,00
12	Cabo oficial para Martelo, em aço.	*60*	52,00	3.120,00

Av. Marechal Floriano, 67 Loja e 1º andar - CEP 20080-004 - Rio - RJ - Tels: 2233-4766 / 2253-7283 - FAX: 2253-1247

Fonte: SICONV

ANEXO 3 – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O esporte brasileiro frente ao projeto Rio 2016: expectativas e realidades (2014-2018)

Pesquisador: Fernando Marinho Mezzadri
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 47607114.8.0000.0102
Instituição Proponente: Departamento de Educação Física
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.283.908

Apresentação do Projeto:
Trata-se de um estudo pesquisa qualitativa de cunho exploratório ., , intitulado “O esporte brasileiro frente ao projeto Rio 2016: expectativas e realidades (2014-2018)”, de autoria do pesquisador Fernando Marinho Mezzadri, do Departamento de Educação Física da UFPR, com a participação dos seguintes integrantes: Ana Paula Cabral Bonin, André Felipe Caregnato, Katia Bortolotti Marchi, Katiuscia Mello Figuerôa; Leila Salvini , Taiza Daniela Seron Kiouranis.
O estudo pretende explorar, por meio de documentos oficiais, referências bibliográficas, entrevistas semiestruturadas, questionários, análise de material midiático e dados estatísticos [IBGE, IPEA, e pesquisas realizadas por centros especializados], o panorama das "ações de instituições do Sistema Nacional de Esporte e dos intelectuais, bem como da veiculação das informações midiáticas relacionados à realização e aos legados" dos Jogos Olímpicos e Para-Olímpicos de 2016.

Objetivo da Pesquisa:
Segundo o pesquisador, são os objetivos:

Geral

Endereço: Rua Padre Camargo, 280
Bairro: 2ª andar **CEP:** 80.060-240
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-7259 **E-mail:** cometica.saude@ufpr.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Fernando Marinho Mezzadri, Katiuscia Mello Figuerôa, Katia Bortolotti Marchi, Leila Salvini, Taiza Daniela Seron Kiouranis, Ana Paula Cabral Bonin e André Felipe Caregnato, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando o (a) Senhor (a) a participar de um estudo intitulado "O esporte brasileiro frente ao projeto Rio 2016: expectativas e realidades (2014-2018)". Tendo em vista que é a partir das pesquisas científicas que ocorrem os avanços importantes em todas as áreas, a sua participação é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, que poderá trazer grandes benefícios para um melhor entendimento e desenvolvimento do esporte brasileiro a partir da realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 e os legados que serão deixados por estes.

a) Esta pesquisa tem como objetivo fazer um mapeamento das instituições e entidades relacionadas ao esporte com o intuito de desenvolver um panorama a partir das ações de instituições do Sistema Nacional de Esporte, bem como da veiculação das informações midiáticas relacionadas à realização e aos legados dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

b) Caso o (a) senhor (a) participe desta pesquisa será necessário responder a um questionário de aproximadamente 10 minutos de duração. O questionário será composto por questões que nos auxiliarão no desenvolvimento no nosso objeto de pesquisa, e sua opinião nos auxiliará em tal tarefa. As questões que compõem a entrevista e o questionário têm relação com as propostas contidas no projeto "Jogos Olímpicos e Paraolímpicos – Rio 2016" e com o planejamento, ações e financiamento da área durante todo o processo de construção dos legados esportivos produzidos a partir de tal projeto.

c) Para tanto, marcaremos por telefone ou pessoalmente a data e o local e a forma de entrega/envio do questionário que serão realizados pessoalmente no local onde se desenvolve o projeto do qual você participa.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR.
Parecer CEP/SD-PB.nº 1283908
na data de 16/10/2015

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal_____

Pesquisador Responsável_____

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da FUFPR

Rua Pe. Camargo, 285 – térreo – Alto da Glória – Curitiba-PR –CEP:80060-240

Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br

h) As informações relacionadas ao estudo poderão conhecidas por pessoas autorizadas, como o orientador e os colaboradores da pesquisa. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade. Tão logo a pesquisa seja encerrada os questionários serão destruídos.

i) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.

j) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Eu,_____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde/UFPR. Parecer CEP/SD-PB.nº 1283.908 na data de 16/10/2015.

_____

(Assinatura do participante de pesquisa)

Local:_____, ____/____/_____.

_____
Fernando Marinho Mezzadri

_____
André Felipe Caregnato

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da FUFPR

Rua Pe. Camargo, 285 – térreo – Alto da Glória – Curitiba-PR –CEP:80060-240

Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br

ANEXO 4 – CONTRATO DE LOCAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ATLETISMO DE BRAGANÇA PAULISTA.

INSTRUMENTO PARTICULAR DE CONTRATO DE LOCAÇÃO DE IMÓVEIS PARA FINS NÃO RESIDENCIAIS E OUTRAS AVENÇAS

Pelo presente instrumento particular e na melhor forma de direito, as Partes a seguir qualificadas:

De um lado, como **LOCADOR** e assim doravante denominado, **EDEMIR PINTO**, brasileiro, casado, economista, portador da Cédula de Identidade RG nº. 6.572.298.X-SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob o nº. 614.304.988-20, residente e domiciliado na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, à Av. Araçá, 485 – Condomínio Residencial Alphaville;

De outro lado, como **LOCATÁRIA** e assim doravante denominada, **CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – CBAt**, no CNPJ/MF sob o nº. 29.983.798/0001-10, associação com sede no Município de São Paulo, Estado de São Paulo, na Rua Jorge Chammas, 310, Vila Mariana, São Paulo – SP, CEP: 04016-070, neste ato representada na forma de seu Estatuto Social; e

têm entre si justo e contratado o seguinte, que mutuamente aceitam e outorgam, a saber:

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES:

a) O **LOCADOR** é proprietário e legítimo possuidor dos imóveis situados no Município de Bragança Paulista, Estado de São Paulo, na Rodovia Alkindar Monteiro Junqueira, km 50,5, Bairro do Campo Novo, Zona Rural, a seguir identificados: (i) imóvel com área de 83.049,50m2, objeto da Matrícula nº. 63.389, do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Bragança Paulista, Estado de São Paulo; (ii) imóvel com área de 40.600,00m2, objeto da Matrícula nº. 36.481, do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Bragança Paulista, Estado de São Paulo; e (iii) imóvel com área de 136.580,00m2, objeto da Matrícula nº. 68.594, do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Bragança Paulista, Estado de São Paulo; perfazendo a área total de 260.229,50m2 ("Imóveis").

b) a **LOCATÁRIA** tem interesse em ocupar parte dos Imóveis, especificamente a área constante em anexo ("Anexo I – Descrição da Área Locada"), doravante denominada simplesmente "Área Locada", para nela exercer as atividades previstas no artigo 10º de seu estatuto social, notadamente administrar, dirigir, controlar, difundir e incentivar, no país, a prática do atletismo, em todos os níveis. O **LOCADOR**, por sua vez, também tem interesse nessa locação;

Face ao exposto, resolvem as Partes celebrar o presente Instrumento Particular de Contrato de Locação de Imóveis para Fins Não Residenciais ("**Contrato**"), que se regerá pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

CAPÍTULO I – DO OBJETO

Cláusula Primeira: O presente Contrato tem por objeto a locação, pelo **LOCADOR** à **LOCATÁRIA**, da Área Locada, devidamente descrita e caracterizada no Anexo I – Descrição da Área Locada.

Parágrafo Único: Fica estabelecido que, caso ambas as Partes estejam de acordo, será possível expandir a dimensão da Área Locada, o que será objeto de aditamento a ser oportunamente firmado, com a consequente adequação dos Anexos I e II.

CAPÍTULO II – DO PRAZO DA LOCAÇÃO

Cláusula Segunda: O prazo de locação é de 20 (vinte) anos, iniciando-se em 01 de novembro de 2016 e cessando de pleno direito em 01 de novembro de 2036, independente de notificação, aviso ou interpelação judicial ou extrajudicial, obrigando-se a **LOCATÁRIA** a proceder à desocupação da Área Locada na referida data, entregando-a livre de bens e pessoas nas mesmas condições em que se encontra atualmente.

CAPÍTULO III – DO PREÇO DA LOCAÇÃO

Cláusula Terceira: O aluguel mensal inicial é de R$ 10.000,00 (dez mil reais), observando-se o disposto abaixo.

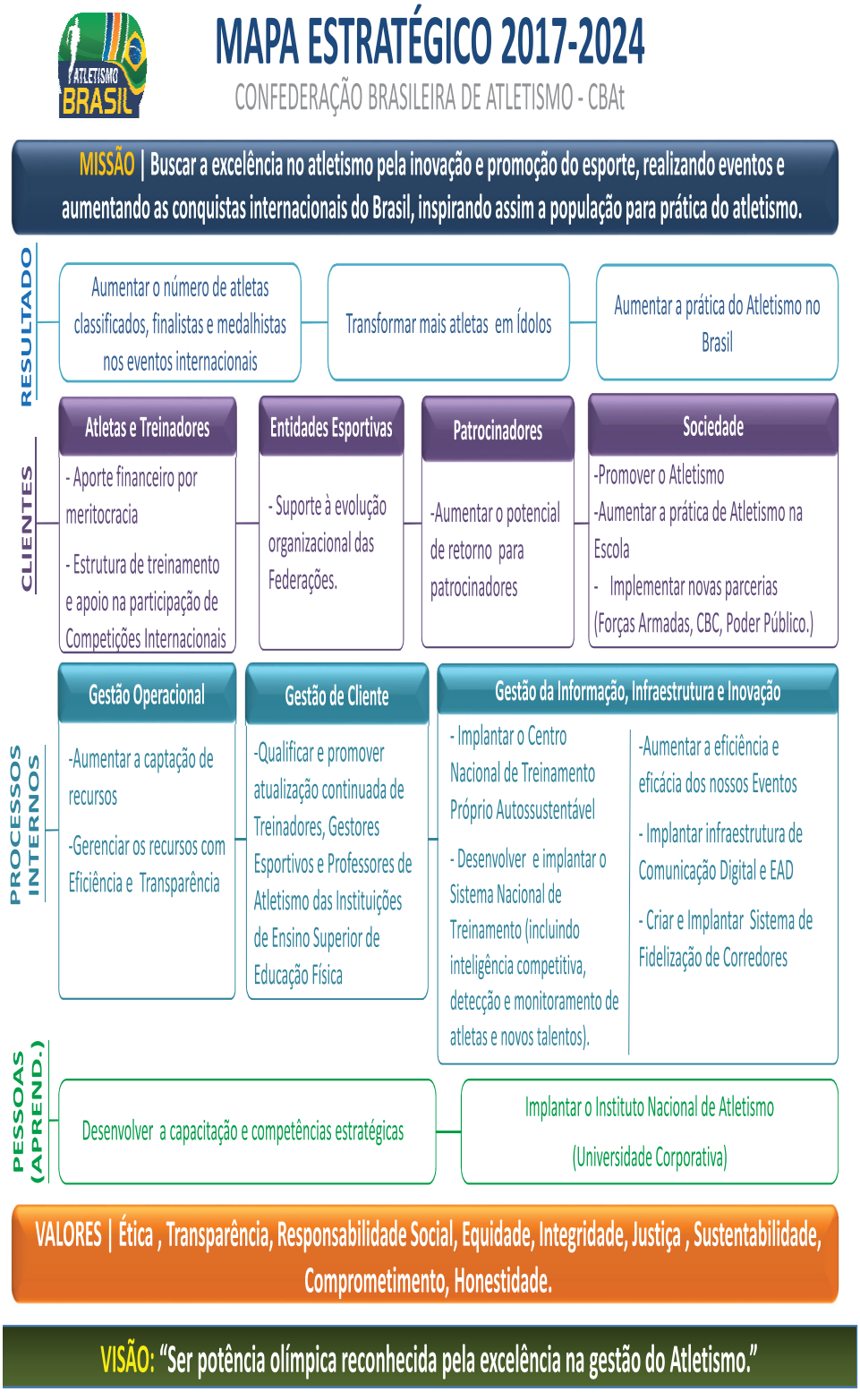
Parágrafo Primeiro: O aluguel mensal deverá ser pago pela **LOCATÁRIA** todo dia 5º. (quinto) dia útil do mês seguinte ao vencido, ficando desde já convencionado que, em caso de coincidir o dia de pagamento com feriados ou finais de semana, o valor da locação deverá ser quitado no dia útil imediatamente posterior.

Parágrafo Segundo: O Pagamento do aluguel deverá ser efetuado mediante Transferência Eletrônica Disponível – TED, para a conta corrente nº. 013.723-5, da agência nº. 3245, do Banco Bradesco, de titularidade do **LOCADOR**.

Parágrafo Terceiro: O aluguel mensal estabelecido no caput desta cláusula será reajustado anualmente ou na menor periodicidade permitida na legislação em vigor,

Fonte: SICONV

ANEXO 5 – MAPA ESTRATÉGICO 2017-2024 – FONTE: CBAT 2017.



ANEXO 6 – RECIBO DE PAGAMENTO DE SALÁRIO PARA TREINADOR

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO — **Recibo de Pagamento de Salário**

Rua Jorge Chamm 310 Vila Mariana

29.983.798/0001-10

Período : Agosto /2017

Código	Nome do Funcionário	CBO	Divisão	
00135	SANDERLEI CLARO PARRELA	224125	116	REDE

Cod.	Descrição	Ref.	Vencimentos	Descontos
00S1	Salário Base		7.075,00	
02CA	Contribuição Assistencial 1%			70,75
09D1	INSS	11		608,44
09D2	Imposto de Renda	27,5		856,81

TREINADOR

Total de Vencimentos 7.075,00 — Total de Descontos 1.536,00

Valor Líquido → 5.539,00

Salário Base	Base INSS	Base Calc. FGTS	FGTS do Mês	Base Calc. IRRF	Faixa IRRF
7.075,00	5.531,31	7.075,00	566,00	6.276,97	27,5

DECLARO TER RECEBIDO A IMPORTÂNCIA LÍQUIDA DISCRIMINADA NESTE RECIBO

04/09/2017
DATA

ASSINATURA

Fonte: SICONV

ANEXO 7 – DEMONSTRATIVO FINANCEIRO DA CBAT.

Confederação Brasileira de Atletismo

12. Receitas da Atividade Operacional

Descrição	2015	2014
Caixa Econômica Federal	20.778.646	22.500.000
Nike do Brasil Comércio e Participações	565.373	50.000
Subtotal - Receitas de patrocinadores	**21.344.019**	**22.550.000**
Governo Federal e Ministério do Esporte (Reapresentado)	6.125.142	4.602.366
Governos Estaduais e Municipais	209.244	7.283.553
Comitê Olímpico Brasileiro (COB)	4.256.964	4.279.329
Transmissão de eventos esportivos	2.450.064	2.307.450
SESI	-	398.718
Corridas de Rua	156.767	139.500
Registros e Transferências	38.198	21.917
Exames Antidopings	316.550	323.143
Participação em Competições Esportivas	-	303.522
Outras Receitas Ordinárias	50.199	119.482
Subtotal - Receitas Ordinárias e Convênios	**13.603.128**	**19.778.980**
Total - Resultado Operacional Bruto	**34.947.147**	**42.328.980**

13. Custos das atividades operacionais

Descrição	2015	2014
Despesas com atletas e treinadores	(8.721.515)	(6.845.792)
Despesas com auxílio a federações e clubes	(3.569.858)	(3.072.273)
Participações em competições internacionais	(2.311.795)	(3.833.912)
Organização de eventos nacionais e internacionais	(1.993.284)	(9.711.373)
Cursos e eventos sobre atletismo	(242.785)	(415.462)
Centros de treinamentos nacionais	(6.166.768)	(5.105.255)
Campings de Atletismo	(557.511)	(821.108)
Órgãos colegiados	(12.051)	(12.540)
	(23.575.567)	**(29.817.715)**

14. Despesas Orçamentárias das Atividades Administrativas

	2015	2014
14.1. Recursos Humanos		
Salários e Ordenados	(3.205.282)	(2.660.976)
Férias	(209.504)	(279.610)
Décimo Terceiro Salário	(268.370)	(237.452)
Adicionais Legais	(86.480)	(36.926)
Benefícios e Assistências	(20.835)	(19.105)
Indenizações Trabalhistas	(3.526)	(57.351)
	(3.793.997)	**(3.291.420)**

14.2. Encargos Sociais	2015	2014
INSS	(2.221.423)	(2.693.677)
FGTS	(270.759)	(292.888)
PIS sobre Folha de Pagamento	(33.383)	(29.648)
Contribuição Sindical	(4.561)	(4.512)
	(2.530.126)	**(3.020.725)**